

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



## José de Alencar Teatro

As Asas de um Anjo - Mãe  
O Crédito - O Demônio Familiar  
O que é o Casamento? - Verso e Reverso



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# José de Alencar

## *Teatro*

Volume II:

As Asas de um Anjo - Mãe – O Crédito

O que é o Casamento?

O Demônio Familiar - Verso e Reverso

---

Publicado originalmente: em 1858 – “As Asas de um Anjo”; em 1860 – “Mãe”; em 1857 – “O Crédito”; em 1857 – “O Demônio Familiar”; em 1861 – “O que é o Casamento?”; em 1857 – “Verso e Reverso”.

**José Martiniano de Alencar**  
**(1829 – 1877)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 15**



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro José de Alencar: “*Teatro Completo*”.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

José de Alencar (J. Martiniano de A.), advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo, nasceu em Messejana, CE, em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de dezembro de 1877. É o patrono da Cadeira n. 23, por escolha de Machado de Assis.

Era filho do padre, depois senador, José Martiniano de Alencar e de sua prima Ana Josefina de Alencar, com quem formara uma união socialmente bem aceita, desligando-se bem cedo de qualquer atividade sacerdotal. E neto, pelo lado paterno, do comerciante português José Gonçalves dos Santos e de D. Bárbara de Alencar, matrona pernambucana que se consagraria heroína da revolução de 1817. Ela e o filho José Martiniano, então seminarista no Crato, passaram quatro anos presos na Bahia, pela adesão ao movimento revolucionário irrompido em Pernambuco.

As mais distantes reminiscências da infância do pequeno José mostram-no lendo velhos romances para a mãe e as tias, em contato com as cenas da vida sertaneja e da natureza brasileira e sob a influência do sentimento nativista que lhe passava o pai revolucionário. Entre 1837-38, em companhia dos pais, viajou do Ceará à Bahia, pelo interior, e as impressões dessa viagem refletir-se-iam mais tarde em sua obra de ficção. Transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro, onde o pai desenvolveria carreira política e onde frequentou o Colégio de Instrução Elementar. Em 1844 vai para São Paulo, onde permanece até 1850, terminando os preparatórios e cursando Direito, salvo o ano de 1847, em que faz o 3º ano na Faculdade de Olinda. Formado, começa a advogar no Rio e passa a colaborar no Correio Mercantil, convidado por Francisco Otaviano de Almeida Rosa, seu colega de Faculdade, e a escrever para o Jornal do Commercio os folhetins que, em 1874, reuniu sob o título de *Ao correr da pena*. Redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro* em 1855. Filiado ao Partido Conservador, foi eleito várias vezes deputado geral pelo Ceará; de 1868 a 1870, foi ministro da Justiça. Não conseguiu realizar a ambição de ser senador, devendo contentar-se com o título do Conselho. Desgostoso com a política, passou a dedicar-se exclusivamente à literatura.

A sua notoriedade começou com as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, publicadas em 1856, com o pseudônimo de Ig, no *Diário do Rio de Janeiro*, nas quais critica veementemente o poema épico de Domingos Gonçalves de Magalhães, favorito do Imperador e considerado então o chefe da literatura brasileira. Estabeleceu-se, entre ele e os amigos do poeta, apaixonada polêmica de que participou, sob pseudônimo, o próprio Pedro II. A crítica por ele feita ao poema denota o grau de seus estudos de teoria literária e suas concepções do que devia caracterizar a literatura brasileira, para a qual, a seu ver, era

inadequado o gênero épico, incompatível à expressão dos sentimentos e anseios da gente americana e à forma de uma literatura nascente. Optou, ele próprio, pela ficção, por ser um gênero moderno e livre.

Ainda em 1856, publicou o seu primeiro romance conhecido: Cinco minutos. Em 1857, revelou-se um escritor mais maduro com a publicação, em folhetins, de O Guarani, que lhe granjeou grande popularidade. Daí para frente escreveu romances indianistas, urbanos, regionais, históricos, romances-poemas de natureza lendária, obras teatrais, poesias, crônicas, ensaios e polêmicas literárias, escritos políticos e estudos filológicos. A parte de ficção histórica, testemunho da sua busca de tema nacional para o romance, concretizou-se em duas direções: os romances de temas propriamente históricos e os de lendas indígenas. Por estes últimos, José de Alencar incorporou-se no movimento do indianismo na literatura brasileira do século XIX, em que a fórmula nacionalista consistia na apropriação da tradição indígena na ficção, a exemplo do que fez Gonçalves Dias na poesia. Em 1866, Machado de Assis, em artigo no Diário do Rio de Janeiro, elogiou calorosamente o romance Iracema, publicado no ano anterior. José de Alencar confessou a alegria que lhe proporcionou essa crítica em Como e porque sou romancista, onde apresentou também a sua doutrina estética e poética, dando um testemunho de quão consciente era a sua atitude em face do fenômeno literário. Machado de Assis sempre teve José de Alencar na mais alta conta e, ao fundar-se a Academia Brasileira de Letras, em 1897, escolheu-o como patrono de sua Cadeira.

Sua obra é da mais alta significação nas letras brasileiras, não só pela seriedade, ciência e consciência técnica e artesanal com que a escreveu, mas também pelas sugestões e soluções que ofereceu, facilitando a tarefa da nacionalização da literatura no Brasil e da consolidação do romance brasileiro, do qual foi o verdadeiro criador. Sendo a primeira figura das nossas letras, foi chamado “o patriarca da literatura brasileira”. Sua imensa obra causa admiração não só pela qualidade, como pelo volume, se considerarmos o pouco tempo que José de Alencar pôde dedicar-lhe numa vida curta. Faleceu no Rio de Janeiro, de tuberculose, aos 48 anos de idade.

*Academia Brasileira de Letras*

# ÍNDICE

<b>AS ASAS DE UM ANJO .....</b>	<b>1</b>
<b>MÃE .....</b>	<b>120</b>
<b>O CRÉDITO .....</b>	<b>208</b>
<b>O DEMÔNIO FAMILIAR .....</b>	<b>320</b>
<b>O QUE É O CASAMENTO? .....</b>	<b>402</b>
<b>VERSO E REVERSO .....</b>	<b>495</b>

# AS ASAS DE UM ANJO

## COMÉDIA EM UM PRÓLOGO, QUATRO ATOS E UM EPÍLOGO

### PERSONAGENS

LUÍS VIANA  
RIBEIRO  
ARAÚJO  
PINHEIRO  
MENESES  
ANTÔNIO  
JOSÉ  
CAROLINA  
MARGARIDA  
HELENA  
VIEIRINHA  
Uma Menina

A cena é no Rio de Janeiro e contemporânea.

### PRÓLOGO

Em casa de ANTÔNIO. Sala pobre.

### CENA PRIMEIRA

CAROLINA, MARGARIDA e ANTÔNIO

*(CAROLINA defronte de um espelho, deitando nos cabelos dois grandes laços de fita azul. MARGARIDA cosendo junto à janela. ANTÔNIO sentado num mocho, pensativo)*

CAROLINA - É quase noite!...

MARGARIDA - Que fazes aí, Carolina? Já acabaste a tua obra?... Prometeste dá-la pronta hoje.

CAROLINA - Já vou, mãezinha; falta apenas tirar o alinhavo. Olhe! Não fico bonita com os meus laços de fita azul?

MARGARIDA - Tu és sempre bonita; mas realmente essas fitas nos cabelos dão-te uma graça!... Pareces um daqueles anjinhos de Nossa Senhora da Conceição.

CAROLINA - É o que disse LUÍS, quando as trouxe da loja. Tínhamos ido na véspera à missa e ele viu lá um anjinho que tinha as asas tão azuis, cor do céu! Então lembrou-se de dar-me estes laços... Assentam-me tão bem; não é verdade?

MARGARIDA - Sim; mas não sei para que te foste vestir e pentear a esta hora: já está escuro para chegares à janela.

CAROLINA - Foi para experimentar o meu vestido novo, mãezinha... Quis ver como hei de ficar quando formos domingo ao Passeio Público...

MARGARIDA - Ora, ainda hoje é terça-feira.

CAROLINA - Que mal faz!

MARGARIDA - Está bom, vai aprontar a obra; a moça não deve tardar.

CAROLINA - É verdade!

## **CENA II**

MARGARIDA e ANTÔNIO

MARGARIDA - Não sei o que tem esta nossa filha! Às vezes anda tão distraída...

ANTÔNIO - Quantos são hoje do mês, Margarida? MARGARIDA - Pois não sabes? Vinte e seis.

ANTÔNIO (*contando pelos dedos*) - Diabo! Ainda faltam quatro dias para acabar! Precisava receber uns cobres que tenho na mão do mestre e só no fim da semana... Que maçada!

MARGARIDA - Não te agonies, homem! O dinheiro que deste ainda não se acabou; e hoje mesmo aquela moça deve vir buscar os vestidos que mandou fazer por Carolina.

ANTÔNIO - Quanto tem ela de dar?

MARGARIDA - Três vestidos a cinco mil-réis... Faz a conta.



ANTÔNIO - Quinze mil-réis, não é?

MARGARIDA - Quinze justos. Já vêes que não nos faltará dinheiro; podes dormir descansado que amanhã terás o teu vinho ao almoço.

ANTÔNIO - Ora Deus! Quem te fala agora em vinho? Não é para ti, nem para mim, que preciso de dinheiro. (*MARGARIDA acende a vela com fósforos*)

MARGARIDA - Para quem é então, homem?

ANTÔNIO - Para Carolina.

MARGARIDA - Ah! Queres fazer-lhe um presente?

ANTÔNIO - Tens idéias! Não!... Sim... (*Rindo*) É um presente que ela há de estimar.

MARGARIDA - Não; sim... Explica-te, se queres que te entenda.

ANTÔNIO - Lá vai. Há muitos dias que ando para te falar nisto; mas gosto de negócio dito e feito. Estive a esperar o fim do mês pela razão que sabes, do dinheiro; e o fim do mês sem chegar. Enfim hoje, já que tocamos no ponto, vou contar-te tudo. (*Chega-se à porta da esquerda*)

MARGARIDA - Carolina está lá dentro; podes falar.

ANTÔNIO - Não reparaste ainda numa coisa?

MARGARIDA - Em quê?

ANTÔNIO - Nos modos de LUÍS para a pequena. Como ele a trata.

MARGARIDA - Quer dizer que LUÍS é um rapaz sisudo e trabalhador.

ANTÔNIO - Só?... Mais nada!

MARGARIDA - Não sei que mais se possa ver em uma coisa tão natural.

ANTÔNIO - Escuta, Margarida, tu te lembras quando eu era aprendiz de marceneiro, e que te via em casa de teu pai, que Deus tenha em sua glória. Tu te lembras?... Também te tratava sério.

MARGARIDA - Então pensas que LUÍS tem o mesmo motivo?...

ANTÔNIO - Penso; e eu cá sei por que penso.

MARGARIDA - Descobriste alguma coisa?

ANTÔNIO - Oh! se descobri! um companheiro lá da tipografia muito seu amigo me contou que ele tinha uma paixão forte por uma moça que se chama Carolina.

MARGARIDA - Ah! Anda espalhando!...

ANTÔNIO - Não estejas já a acusar o pobre rapaz; ele não disse a ninguém. Um dia no trabalho... Mas tu sabes como é o trabalho dele?

MARGARIDA - Não; nunca vi.

ANTÔNIO - Nem eu; porém disseram que é fazer com umas letras de chumbo o mesmo que escreve o homem do jornal. Pois nesse dia, LUÍS que estava com o juízo cá na pequena, que havia de fazer?...

MARGARIDA - O quê?

ANTÔNIO - Em vez do que estava escrito deitou Carolina, Carolina, Carolina... Uma folha cheia de Carolina, mulher! No dia seguinte a nossa filha andava com o jornal por essas ruas!

MARGARIDA - Santa Maria! Que desgraça, Antônio! ANTÔNIO - Espera, Margarida; ouve até o fim. Tem lá um homem, o contramestre da tipografia, que se chama revisor; assim que ele viu a nossa filha, quero dizer o nome, pôs as mãos na cabeça; houve grande barulho; mas como o rapaz é bom trabalhador acomodou-se tudo. É daí que o companheiro soube e me disse.

MARGARIDA - Psiu!... Ai vem ela.

ANTÔNIO - Melhor! Acaba-se com isto de uma vez.

MARGARIDA - Não lhe fales assim de repente.

ANTÔNIO - Por quê? Gosto de negócio dito e feito.

MARGARIDA - Mas Antônio...

ANTÔNIO - Não quero ouvir razões. *(Entra CAROLINA com uma pequena bandeja cheia de vestidos)*

### CENA III

Os mesmos e CAROLINA

CAROLINA - Ainda cose, mãezinha? Isto cansa-lhe a vista.

MARGARIDA - Estou acabando; pouco falta.

ANTÔNIO - Vem cá. Tenho que te dizer uma coisa.

CAROLINA - Ah! Quer ralar comigo, não é?

ANTÔNIO - E muito, muito; porque ainda hoje não te vieste sentar perto de mim como é teu costume para me contares uma dessas histórias bonitas que lês no jornal de LUÍS.

CAROLINA - Estive trabalhando; mas agora... Aqui estou. Quer saber as novidades?

ANTÔNIO - Não; hoje sou eu que te vou contar uma novidade; mas uma novidade...

CAROLINA - Qual é? Quero saber.

ANTÔNIO - Já estás curiosa! Quanto mais se adivinhasses...

CAROLINA - Ora diga!

ANTÔNIO - Esta mãozinha pequenina que escreve e borda tão bem, precisa de outra mão forte que trabalhe e aperte ela assim.

CAROLINA - Que quer dizer, meu pai?

ANTÔNIO - Não te assustes. As moças hoje já não se assustam quando se lhes fala em casamento.

CAROLINA - Casamento!... Eu, meu pai?... Nunca!...

ANTÔNIO - Então há de ficar sempre solteira?

CAROLINA - Mas eu não desejo casar-me agora. Mãezinha, eu lhe peço!...

MARGARIDA - Ninguém te obriga; ouve o que diz teu pai; se não quiseres, está acabado. Não é assim, Antônio?

ANTÔNIO - Decerto. (À CAROLINA) Tu bem sabes que eu não faço nada que não seja do teu gosto.

CAROLINA - Pois não me fale mais de casamento: fico logo triste.

MARGARIDA - Por que, Carolina? É com a idéia de nos deixares?

CAROLINA - Sim, mãezinha: vivo tão bem aqui.

ANTÔNIO - Pois continuarás a viver: Luís mora conosco.

CAROLINA - Como, meu pai!... É ele... É Luís que...

ANTÔNIO - É ele que eu quero dar-te por marido. Gosta muito de ti e além disto é teu parente.

CAROLINA - Meu Deus!

MARGARIDA - Tu não podes achar um moço mais bem comportado e trabalhador.

ANTÔNIO - E que há de ser alguma coisa, porque tem vontade, e quando se mete em qualquer negócio vai adiante. Pobre como é, estuda mais do que muito doutor.

CAROLINA - Eu sei, meu pai. Tenho-lhe amizade, mas amor... não!

ANTÔNIO - Pois é o que basta. Quando me casei com tua mãe ela não sabia que história era essa de amor; e nem por isso deixou de gostar de mim, e ser uma boa mulher.

MARGARIDA - Entretanto, Antônio, não há pressa; Carolina há de fazer dezoito anos pela Páscoa.

CAROLINA - É verdade, mãezinha; sou muito moça; posso esperar...

ANTÔNIO - Esperar!... Não entendo disto; quero as coisas ditas e feitas. Tu tens amizade a teu primo; ele te paga na mesma moeda; portanto só falta ir à igreja. Domingo...

CAROLINA - Meu pai!... Por quem é!...

MARGARIDA - Ouve, Antônio; é preciso também não fazer as coisas com precipitação. (LUÍS aparece)

ANTÔNIO - Não quero ouvir nada. Domingo... está decidido.

CAROLINA - Ah! mãezinha, defenda sua filha!

MARGARIDA - Que posso eu fazer, Carolina? Tu não conheces o gênio de teu pai! Quando teima...

ANTÔNIO - Não é teima, mulher. Luís há de ser um bom marido para ela. Se não fosse isto não me importava. Quero-lhe tanto bem como tu!

CAROLINA (*chorando*) - Se me quisesse bem não me obrigava...

ANTÔNIO - É escusado começares com choradeiras; não adiantam; o casamento sempre se há de fazer.

#### **CENA IV**

Os mesmos e LUÍS

LUÍS - Não, Antônio.

CAROLINA - Meu primo!

ANTÔNIO - Oh! estavas aí, rapaz? Chegaste a propósito, mas que queres tu dizer?

MARGARIDA - Ele não aceita.

ANTÔNIO - Espera, Margarida! Fala, Luís.

LUÍS - Tratava-se aqui de fazer Carolina minha mulher; mas faltava para isso uma condição indispensável.

ANTÔNIO - Qual?

LUÍS - O meu consentimento. Não pedi a mão de minha prima, nem dei a entender que a desejava.

MARGARIDA - Mas tu lhe queres bem, Luís?

LUÍS - Eu, Margarida?

ANTÔNIO - Sim; tens uma paixão forte por ela; eu sei.

CAROLINA - É verdade?

LUÍS - Parece-me que desde que moro nesta casa não dei motivos para me fazerem esta exprobração. Trato Carolina como uma irmã, ela pode dizer se nunca uma palavra minha a fez corar.

CAROLINA - Não me queixo, Luís.

LUÍS - Creio, minha prima; e se falo nisto é para mostrar que seu pai se ilude: nunca tive a idéia de que um dia viesse a ser seu marido.

ANTÔNIO - Mas então explica-me essa história dos tipos.

LUÍS - Dos tipos?... Não sei que quer dizer.

MARGARIDA - Uma noite na tipografia estavas distraído e em lugar de copiar o papel, escreveste não sei quantas vezes o nome de Carolina.

CAROLINA - O meu nome?... Como, mãezinha!

ANTÔNIO (a LUÍS) - Ainda pretendes negar?

LUÍS - Mas era o nome de outra moça...

CAROLINA - Chama-se Carolina, como eu?

LUÍS - Sim, minha prima.

ANTÔNIO - Pensas muito nessa moça, para distraíres por ela a esse ponto.

MARGARIDA - Com efeito quem traz assim a lembrança de um nome sempre na idéia...

LUÍS - Que fazer, Margarida? Por mais vontade e prudência que se tenha, ninguém pode arrancar o coração; e nos dias em que a dor o comprime, o nome que dorme dentro dele vem aos lábios e nos trai. Tive naquele dia esse momento de fraqueza; felizmente não perturbou o sossego daquela que podia acusar-me. Agora mesmo ela ignora que era o seu nome.

ANTÔNIO - À vista disso decididamente não queres casar com tua prima?

LUÍS - Não, Antônio; agradeço mas recuso.

ANTÔNIO - Por que razão?

LUÍS - Porque ela... Porque...

MARGARIDA - Já não disse! Não lhe tem amor; gosta de outra.

CAROLINA - E vai casar-se com ela!

ANTÔNIO - Olha lá; se é este o motivo, está direito; mas se não tens outra em vista, diz uma palavra, e o negócio fica decidido.

CAROLINA - Meu pai!...

ANTÔNIO - Vamos. Sim, ou não?

LUÍS - Não, amo a outra...

CAROLINA - Ah!...

ANTÔNIO - Está acabado! Não falemos mais nisto.

CAROLINA - Obrigada; Luís, sei que não mereço o seu amor.

LUÍS - Tem razão, Carolina: deve agradecer-me.

## **CENA V**

ANTÔNIO, MARGARIDA e CAROLINA

ANTÔNIO - Margarida, tu conheces alguma outra moça na vizinhança que se chame Carolina?

MARGARIDA - Não: mas isto não quer dizer nada: pode ser que aquela de quem Luís falou more em outra rua.

ANTÔNIO - Não acredito.

CAROLINA - Meu pai deseja por força que Luís seja meu marido. Ainda cuida que ele gosta de mim.

ANTÔNIO - Disto ninguém me tira.

MARGARIDA - Mas, homem, não o ouviste afirmar o contrário?

ANTÔNIO - Muitas vezes a boca diz o que o coração não sente.

CAROLINA - Ora, meu pai, por que motivo ele encobriria?

ANTÔNIO - O motivo? Tu és quem pode dizer. (*Vai a sair*)

CAROLINA - Eu?...

MARGARIDA - Sabes que mais? Antônio, vieste hoje da loja todo cheio de visões. Que te aconteceu por lá?

ANTÔNIO - Eu te digo, mulher. Contaram-me há dias, e hoje tornaram a repetir-me, que um desses bonequinhos da moda anda rondando a nossa rua por causa de alguma menina da vizinhança.

CAROLINA - Ah!

MARGARIDA - Então foi por isso que assentaste de casar Carolina?

ANTÔNIO - Uma menina solteira é um perigo neste tempo. (*Saindo*) Esses sujeitinhos têm umas lábias!

MARGARIDA - Para aquelas que querem acreditar neles. (*Pausa; batem na porta*)

CAROLINA - Estão batendo.

MARGARIDA - Há de ser a moça dos vestidos.

## **CENA VI**

HELENA, MARGARIDA e CAROLINA

HELENA - Adeus, menina. Boa noite, Sra. Margarida.

MARGARIDA - Boa noite.

CAROLINA - Venha sentar-se.



MARGARIDA - Aqui está uma cadeira.

CAROLINA (*baixo, a HELENA*) - E ele?...

HELENA - Espere! (*Alto*) Então aprontou?

CAROLINA - Sim, senhora; todos.

HELENA - E estão bem cosidos, já se sabe! Feitos por estas mãozinhas mimosas que não nasceram para a agulha, e sim para andarem dentro de luvas perfumadas.

CAROLINA - Luvas?... Nunca tive senão um par, e de retrós.

MARGARIDA - Quem te perguntou por isto agora?

HELENA - Não faz mal; porém deixe ver os vestidos.

CAROLINA - Vou mostrar-lhe.

MARGARIDA - É obra acabada às pressas; não pode estar como ela desejava.

HELENA - Bem cosidos estão eles; assim me assentem.

MARGARIDA - Hão de assentar. Carolina cortou-os pelo molde da Francesa.

CAROLINA - Apenas fiz um pouco mais decotados como a senhora gosta.

HELENA - É a moda.

MARGARIDA - Mas descubrem tanto!

HELENA - E por que razão as mulheres hão de esconder o que têm de mais bonito?

CAROLINA - É verdade!...

HELENA (*a MARGARIDA*) - Me dê uma cadeira. (*MARGARIDA vai buscar uma cadeira; ela diz baixo à CAROLINA*) Preciso falar-lhe.

CAROLINA - Sim!

MARGARIDA (*dando a cadeira*) - Aqui está.

HELENA - Obrigada. (*Senta-se*) Realmente esta menina tem muita habilidade.

CAROLINA - Mãezinha, Vm. vai lá dentro buscar a minha tesoura? Esqueceu-me abrir uma casa.

MARGARIDA - Não queres a minha?

CAROLINA - Não; está muito cega.

MARGARIDA - Onde guardaste a tua?

CAROLINA - No cestinho da costura.

(*MARGARIDA sai à esquerda. CAROLINA tira do bolso a tesoura e mostra sorrindo a HELENA*).

## **CENA VII**

HELENA e CAROLINA

HELENA - Eu percebi!

CAROLINA - Mas... Por que ele não veio?

HELENA - É sobre isto mesmo que lhe quero falar. O Ribeiro mandou dizer-lhe...

CAROLINA - O quê?...

HELENA - Que deseja vê-la a sós.

CAROLINA - Como?

HELENA - Escute. Às nove horas ela passará por aqui e lhe falará por entre a rótula.

CAROLINA - Para quê?

HELENA - Está apaixonado loucamente por você; quer falar-lhe; e não há senão este meio.

CAROLINA - Podia ter vindo hoje com a senhora, como costuma. Era melhor.

HELENA - O amor não se contenta com estes olhares a furto, e esses apertos de mão às escondidas.

CAROLINA - Mas eu tenho medo. Meu pai pode descobrir; se ele soubesse!...

HELENA - Qual! É um instante! O Ribeiro bate três bancadas na rótula; é o sinal.

CAROLINA - Não! não! Diga a ele...

HELENA - Não digo nada; não me acredita, e vem. Se não falar-lhe, nunca mais voltará.

CAROLINA - Então deixará de amar-me!...

HELENA - E de quem será a culpa?

CAROLINA - Mas exige uma coisa impossível.

HELENA - Não há impossíveis para o amor. Pense bem; lembre-se que ele tem uma paixão...

CAROLINA - Aí vem mãezinha!

## **CENA VIII**

As mesmas, MARGARIDA e ARAÚJO

MARGARIDA - Não achei, Carolina; procurei tudo.

HELENA - Está bom; já não é preciso. Mando fazer isto em casa pela minha preta.

ARAÚJO - (*entrando pelo fundo com um colarinho postiço na mão*) - A senhora me apronta este colarinho?

MARGARIDA - A esta hora, Sr. ARAÚJO?

ARAÚJO - Que quer que lhe faça? Um caixeiro só tem de seu as noites. Agora mesmo chego do armarinho, e ainda foi preciso que o amo desse licença.

MARGARIDA - Pois deixe ficar, que amanhã cedo está pronto.

ARAÚJO - Amanhã?... E com que hei de ir hoje ao baile da Vestal?

CAROLINA - Ah!... o senhor vai ao baile?

ARAÚJO - Então pensa que por ser caixeiro não frequento a alta sociedade? Cá está o convite... Mas o colarinho? Ande, Sra. Margarida.

MARGARIDA - Lavar e engomar hoje mesmo!

ARAÚJO - Para as oito horas. Não quero perder nem uma quadrilha. As valsas pouco me importam...

MARGARIDA - O senhor dá-me sempre cada maçada!... ARAÚJO - Deixe estar que um dia destes trago-lhe uma caixinha de agulhas.

MARGARIDA - Veremos.

## **CENA IX**

ARAÚJO, HELENA e CAROLINA

(*CAROLINA na janela*).

HELENA - Como está Sr. ARAÚJO?

ARAÚJO - A senhora por aqui!... É novidade.

HELENA - Também o senhor.

ARAÚJO - Eu sou vizinho; e a Sra. Margarida é minha engomadeira.

HELENA - Pois eu moro muito longe; porém mandei fazer uns vestidos por esta menina.

ARAÚJO - Então já não gosta das modistas francesas?

HELENA - Cosem muito mal.

ARAÚJO - E dão cada tesourada! Como os alfaiates da Rua do Ouvidor... Mas assim mesmo, a senhora largar-se do Catete à Rua Formosa, em busca de uma costureira!

HELENA - Que tem isso?

ARAÚJO - Veio de carro? Está um na porta.

HELENA - É o meu.

ARAÚJO - Ahnn... Trata-se agora.

HELENA - Sempre fui assim.

ARAÚJO - E quando o amo lhe penhorou os trastes por causa daquela continha?

HELENA - Não me lembro.

ARAÚJO - Ah!... Não se lembra!... Pois olhe! Estou agora me lembrando de uma coisa.

HELENA - De quê?

ARAÚJO - Lá no armarinho quando as fazendas ficam mofadas, sabe o que se faz?

HELENA - Ora, que me importa isto?

ARAÚJO - Separam-se das outras, para que não passe o mofo.

HELENA - Que quer o senhor dizer?

ARAÚJO - Quero dizer que as mulheres às vezes são como as fazendas; e que tudo neste mundo é negócio, como diz o amo.

HELENA - Está engraçado!

## **CENA X**

Os mesmos e MARGARIDA

ARAÚJO - Acha isso?

HELENA - Deixe-me! Adeus, menina!

CAROLINA - Já vai?

ARAÚJO - O maldito colarinho está pronto?

MARGARIDA - Está quase.

HELENA - Mande deitar estes vestidos no carro.

MARGARIDA - Sim, senhora.

HELENA (*a CAROLINA*) - Adeus. (*Baixo*) Veja lá! Oito horas já deram.

CAROLINA - Sim!

HELENA - Adeus!... (*A ARAÚJO*) Boa noite!

ARAÚJO - Viva!

HELENA - Não fique mal comigo.

ARAÚJO - Há muito tempo que conhece esta mulher, D. Carolina?

CAROLINA - Há um mês.

ARAÚJO - Quem a trouxe cá?...

CAROLINA - Ninguém; ela precisa de uma costureira.

ARAÚJO (*a MARGARIDA*) - Olhe que são mais de oito horas.

MARGARIDA - Arre!... Que pressa!...

ARAÚJO - Não se demore! Eu volto já: vou fazer a barba.

## **CENA XI**

LUÍS, ARAÚJO e CAROLINA

LUÍS - Não saias; quero te dar uma palavra.

ARAÚJO - Depressa, que tenho hoje um baile.

LUÍS - Espera um momento. (*Olhando para CAROLINA*) Sempre na janela.

ARAÚJO - Desconfias de alguma coisa?

LUÍS - Carolina!

CAROLINA - Ah!... Luís.

LUÍS - Assustei-a, minha prima?

CAROLINA - Não! Estava distraída.

LUÍS - Desculpe, procurei este momento para falar-lhe porque desejava pedir-lhe perdão.

CAROLINA - Perdão? De quê?

LUÍS - Não recusei a sua mão que seu pai me queria dar? Não a ofendi com essa recusa? Uma mulher deve ter sempre o direito de desprezar; o seu orgulho não admite que ninguém a prive desse direito.

CAROLINA - Não me ofendi com a sua franqueza, Luís. (*Com ironia*) Reconheci apenas que não era digna de pertencer-lhe; outra merece o seu amor!

LUÍS - Esse amor que eu confessei era uma mentira.

CAROLINA - Por que confessou então? Quem o obrigou?

LUÍS - Ninguém. Menti por sua causa; para poupar-lhe um desgosto.

CAROLINA - Não o entendo.

LUÍS - Conhece o caráter de seu pai e sabe que quando ele quer as coisas não há vontade que lhe resista. Para tornar de uma vez impossível esse casamento, para que o meu nome não lhe causasse mais tristeza, ouvindo-o associado ao título de seu marido, declarei que amava outra mulher; menti.

CAROLINA - E que mal havia nisso? Todos não temos um coração?

LUÍS - É verdade: porém o meu creio que não foi feito para o amor, e sim para a amizade. As minhas únicas afeições estão concentradas nesta casa; fora dela trabalho; aqui sinto-me viver. Um amor estranho seria como a usurpação dos sentimentos que pertencem aos meus parentes. É por isso que só a sua felicidade me obrigaria a confessar-me ingrato.

CAROLINA - Não sei em que isso podia influir sobre a minha felicidade.

LUÍS - Quando se ama...

CAROLINA - Mas eu não amo.

LUÍS - Seja franca!

CAROLINA - Juro...

LUÍS - Não jure!

CAROLINA - Onde vai?

LUÍS - Ouvi bater na janela.

CAROLINA - Não!... Foi engano.

LUÍS - Vou ver.

CAROLINA - Meu primo!...

ARAÚJO (*baixo a LUÍS*) - Um sujeito está espiando pela rótula.

CAROLINA (*na rótula, baixo e para fora*) - Espere!

ARAÚJO (*a LUÍS*) - Sabes quem é?

## **CENA XII**

Os mesmos e MARGARIDA

LUÍS - Sei, ela o ama.

ARAÚJO - E tu consentes?

LUÍS - Que posso fazer? Se o ofendesse ela me odiaria. Antes indiferença.

CAROLINA - Não era ninguém... O vento.

LUÍS (*a ARAÚJO*) - Mente!

MARGARIDA - Aqui tem; foi enxuto a ferro.

ARAÚJO - A senhora é a pérola das engomadeiras. Vou-me vestir; anda, Luís.

MARGARIDA (*a LUÍS*) - Estás hoje de folga?



LUÍS - Não; volto à tipografia.

MARGARIDA - Então quando saíres cerra a porta.

LUÍS - Sim. Até amanhã minha prima.

CAROLINA - Adeus.

MARGARIDA - Tu não vens, Carolina?

CAROLINA - Já vou, mãezinha; deixe-me tirar meus grampos.

### **CENA XIII**

CAROLINA e RIBEIRO

*(LUÍS saindo, fecha a porta do fundo. CAROLINA, ficando só, apaga a vela. RIBEIRO salta na sala).*

CAROLINA - Meu Deus!...

RIBEIRO - Carolina... Onde estás?... Não me queres falar?

CAROLINA - Cale-se; podem ouvir.

RIBEIRO - Por isso mesmo; não desperdicemos estes curtos momentos que estamos sós.

CAROLINA - Tenho medo.

RIBEIRO - De quê? De mim? CAROLINA - Não sei!

RIBEIRO - Tu não me amas, Carolina! Senão havias de ter confiança em mim; havias de sentir-te feliz como eu.

CAROLINA - E o meu silêncio aqui não diz tudo? Não engano meu pai para falar-lhe?

RIBEIRO - Tu não sabes! O coração duvida sempre da ventura. Dize que me amas. Dize, sim?

CAROLINA - Para quê?

RIBEIRO - Eu te suplico!

CAROLINA - Já não lhe confessei tantas vezes que lhe...

RIBEIRO -- Assim não quero. Há de ser: eu te...

CAROLINA - Eu te amo. Está contente?

RIBEIRO - Obrigado.

CAROLINA - Agora adeus. Até amanhã.

RIBEIRO - Separarmo-nos! Depois de estar uma vez perto de ti, de saber que tu me amas? Não, Carolina.

CAROLINA - Mas é preciso.

RIBEIRO - Tu és minha. Vamos viver juntos.

CAROLINA - Sempre?

RIBEIRO - Sempre! sempre juntos!

CAROLINA - Como?

RIBEIRO - Vem comigo; o meu carro nos espera.

CAROLINA - Fugir!

RIBEIRO - Fugir? não; acompanhar aquele que te adora.

CAROLINA - É impossível!

RIBEIRO - Vem, Carolina.

CAROLINA - Não! Não! Deixe-me!

RIBEIRO - Ah! É esta a prova do amor que me tem! Adeus! Esqueça-se de mim. Nunca mais nos tornaremos a ver.

CAROLINA - Mas abandonar minha mãe! Não posso!

RIBEIRO - Eu acharei outras que me amem bastante para me fazerem esse pequeno sacrifício.

CAROLINA - Outras que não terão sua família.

RIBEIRO - Mas que terão um coração.

CAROLINA - E eu não tenho?

RIBEIRO - Não parece.

CAROLINA - Antes não o tivesse.

RIBEIRO - Adeus.

CAROLINA - Até amanhã. Sim?

RIBEIRO - Para sempre.

CAROLINA - Amanhã... Talvez.

RIBEIRO - Deve ser hoje ou nunca.

CAROLINA - E minha mãe?

RIBEIRO - É uma separação de alguns dias.

CAROLINA - Mas ela me perdoará?

RIBEIRO - Vendo sua filha feliz...

CAROLINA - Que dirão minhas amigas?

RIBEIRO - Terão inveja de ti.

CAROLINA - Por quê?

RIBEIRO - Porque serás a mais bela moça do Rio de Janeiro.

CAROLINA - Eu?

RIBEIRO - Sim! Tu não nasceste para viver escondida nesta casa, espiando pelas frestas da rótula, e cosendo para a Cruz. Estas mãos não foram feitas para o trabalho, mas para serem beijadas como as mãos de uma rainha. (*Beija-lhe as*

*mãos*) Estes cabelos não devem ser presos por laços de fitas, mas por flores de diamantes. (*Tira os laços de fita e joga-os fora*) Só a cambraia e a seda podem roçar sem ofender-te essa pele acetinada.

CAROLINA - Mas eu sou pobre!

RIBEIRO - Tu és bonita, e Deus criou as mulheres belas para brilharem como as estrelas. Terás tudo isso, diamantes, jóias, sedas, rendas, luxo e riqueza. Eu te prometo! Quando apareceres no teatro, deslumbrante e fascinadora, verás todos os homens se curvarem a teus pés; um murmúrio de admiração te acompanhará; e tu, altiva e orgulhosa, me dirás em um olhar: Sou tua.

CAROLINA - Tua noiva?

RIBEIRO - Tudo, minha noiva, minha amante. Depois iremos esconder a nossa felicidade e o nosso amor num retiro delicioso. Oh! se soubesses como a vida é doce no meio do luxo, em companhia de alguns amigos, junto daqueles que se ama, e à roda de uma mesa carregada de luzes e de flores!... O vinho espuma nos copos e o sangue ferve nas veias; e os olhares queimam como fogo; os lábios que se tocam, esgotam ávidos o cálice de *champagne* como se fossem beijos em gotas que caíssem de outros lábios... Tudo fascina; tudo embriaga; esquece-se o mundo e suas misérias. Por fim as luzes empalidecem, as cabeças se reclinam; e a alma, a vida, tudo se resume em um sonho.

CAROLINA - Mas o sonho passa...

RIBEIRO - Para voltar no dia seguinte, no outro e sempre.

CAROLINA - Eu também tenho meus sonhos; mas não acredito neles.

RIBEIRO - E que sonhas tu, minha Carolina?

CAROLINA - Vais zombar de mim!

RIBEIRO - Não; conta-me.

CAROLINA - Sonho com o mundo que não conheço! Com esses prazeres que nunca senti. Como deve ser bonito um baile! Como há de ser feliz a mulher que todos olham, que todos admiram! Mas isto não é para mim.

RIBEIRO - Tu verás!... Vem! A felicidade nos chama.

CAROLINA - Espera.

RIBEIRO - Que queres fazer?

CAROLINA - Rezar! Pedir perdão a Deus.

RIBEIRO - Pedir perdão de quê? O amor não é um crime.

CAROLINA Meu Deus!... E minha mãe?

RIBEIRO - Vem, Carolina.

#### **CENA XIV**

Os mesmos e LUÍS

CAROLINA - Ah!

RIBEIRO - Quem é este homem?

CAROLINA - Meu primo.

LUÍS - Não pense que é um rival que vem disputar-lhe sua amante. Não, senhor! Há pouco recusei a mão de minha prima que seu pai me oferecia; não a amo. Mas sou parente e devo ampará-la no momento em que vai perder-se para sempre.

RIBEIRO - Não tenho medo de palavras; se quer um escândalo...

LUÍS - Está enganado! Se quisesse um escândalo e também uma vingança bastava-me uma palavra; bastava chamar seu pai. Mas eu sei que não é a força que dobra o coração; eu temo que minha prima odeie algum dia em mim o homem que ela julgará autor de sua desgraça.

RIBEIRO - O que deseja então?

LUÍS - Desejo tentar uma última prova. O senhor acaba de falar a esta menina a linguagem do amor e da sedução; eu vou falar-lhe a linguagem da amizade e da razão. Depois de ouvir-me, ela é livre; e eu juro que não me oporei à sua vontade.

RIBEIRO - Ela ama-me! Era por sua vontade que me seguia.

LUÍS - Ela ama-o, sim; mas ignora que este amor é a perdição; que ela vai sacrificar a um prazer efêmero a inocência e a felicidade. Não sabe que um dia a sua própria consciência será a primeira a desprezá-la, e a envergonhar-se dela.

CAROLINA - Luís!

RIBEIRO - Não acredites.

LUÍS - Acredite-me, Carolina. Falo-lhe como um irmão. Esses brilhantes, esse luxo, que há pouco o senhor lhe prometia, se agora brilham a seus olhos, mais tarde lhe queimarão o seio, quando conhecer que são o preço dá honra vendida!

CAROLINA - Por piedade! Cale-se, meu primo!

LUÍS - Depois a beleza passará, porque a beleza passa depressa no meio das vigílias; então ficará só, sem amigos, sem amor, sem ilusões, sem esperanças: não terá para acompanhá-la senão o remorso do passado.

RIBEIRO - Tu sabes que eu te amo, Carolina.

LUÍS - Eu também... a estimo, minha prima.

RIBEIRO - Vem! Seremos felizes!

CAROLINA - Não!... Não posso!

RIBEIRO - Por quê?... Há pouco não dizias que eras minha?

CAROLINA - Sim...

RIBEIRO - A uma palavra deste homem, esqueces tudo?

CAROLINA - Não esqueço, mas...

RIBEIRO - Sei a causa. Se ele não chegasse, eu era o preferido; mas entre os dois, escolhe aquele que talvez já tem direito sobre sua pessoa.

CAROLINA - Direito sobre mim?

LUÍS - Já lhe disse que não amava esta moça.

RIBEIRO - Negar em tais casos é um dever. Adeus, seja feliz com ele.

CAROLINA - Com ele!... Mas eu não o amo!

RIBEIRO - Já lhe pertence.

CAROLINA - Luís? Eu lhe suplico! Diga que é uma falsidade!

LUÍS - Eu juro!

RIBEIRO - Não creio em juramentos!

CAROLINA - Oh! não!

MARGARIDA (*de dentro*) - Carolina!

CAROLINA - Minha mãe!

LUÍS - Margarida!

CAROLINA - Ah! Estou perdida! (*Desfalece nos braços de RIBEIRO*)

LUÍS - Silêncio! (*Vai fechar a porta. RIBEIRO aproveita-se deste momento e sai, levando CAROLINA nos braços*)

## **CENA XV**

LUÍS e MARGARIDA

LUÍS - Ah!... (*Corre à janela; ouve-se partir um carro; volta com desespero; vê os laços de fita, apanha-os e beija*)

MARGARIDA - Carolina!... Que é isto, Luís?

LUÍS (*mostrando as fitas*) - São as asas de um anjo, Margarida; ele perdeu-as, perdendo a inocência.

MARGARIDA - Minha filha!

## **ATO PRIMEIRO**

Salão de um hotel. Pequenas mesas à direita e à esquerda. No centro uma preparada para quatro pessoas.

## CENA PRIMEIRA

PINHEIRO, HELENA e JOSÉ

HELENA - Ainda não chegaram.

PINHEIRO - Não há tempo. JOSÉ, prevenirás o Ribeiro, logo que ele chegue, de que estamos aqui.

JOSÉ - Sim, senhor.

HELENA - O *champagne* já está gelado?

JOSÉ - Já deve estar. Que outros vinhos há de querer, Sr. Pinheiro?

PINHEIRO - Os melhores.

HELENA - Eu cá não bebo senão *champagne*.

PINHEIRO - Por espírito de imitação. Ouviu dizer que era o vinho predileto das grandes *lorettes* de Paris.

HELENA - Não gosto de franceses.

PINHEIRO - Pois eu gosto bem das francesas.

HELENA - Faz bem! Nós é que temos a culpa! Se fôssemos como algumas que a ninguém têm amor!...

PINHEIRO - Qual! Santo de casa não faz milagres.

JOSÉ - Já viu uma dançarina que chegou pelo paquete?

PINHEIRO - A que está no Hotel da Europa?

JOSÉ - Não; está aqui, no número 8.

HELENA - Alguém lhe pediu notícias dela?

JOSÉ (*rindo*) - O Sr. Pinheiro gosta de andar ao fato dessas coisas.

## CENA II



PINHEIRO e HELENA

HELENA - Como esteve maçante o teatro hoje!

PINHEIRO - Como sempre.

HELENA - Não sei que graça acham esses sujeitinhos na Stoltz! Não tem nada de bonita!

PINHEIRO - É prima-dona!

HELENA - Sabes quem deitou muito o óculo para mim? O ARAÚJO.

PINHEIRO - Ah! Estará apaixonado por ti?

HELENA - E por que não? Outros melhores têm-se apaixonado!

PINHEIRO - Isso é verdade!

HELENA - Ah! já confessa!... Mas dizem que o ARAÚJO agora está bem?

PINHEIRO - É guarda-livros de uma casa inglesa.

HELENA - Foi feliz; eu conheci-o caixeiro de armarinho.

PINHEIRO - Escuta, Helena; tenho uma coisa a dizer-te.

HELENA - O quê?... Temos arrufos?...

PINHEIRO - Estou apaixonado pela Carolina.

HELENA - Já me disseste.

PINHEIRO - Julgaste que era uma brincadeira! Mas é muito sério. Estou disposto a tudo para conseguir que ela me ame.

HELENA - Por isso é que já não fazes caso de mim?

PINHEIRO - Ao contrário: é de ti que eu mais espero.

HELENA - De mim?

PINHEIRO - Não me recusarás isto!

HELENA - Ah! Julgas que a minha paciência chega a este ponto?

PINHEIRO - Foste tu que protegeste o Ribeiro.

HELENA - Sim; mas o Ribeiro não era meu amante, como o senhor!

PINHEIRO - Ora, deixa-te disso! Queres fazer de ciumenta! Que lembrança!...

HELENA - Não julgue os outros por si.

PINHEIRO - Olha! A Carolina gosta de mim, e...

HELENA - E mais cedo ou mais tarde devo ceder-lhe o meu lugar?

PINHEIRO - Desde que nada perdes...

HELENA - É o que te parece.

PINHEIRO - Eu continuarei a ser o mesmo para ti.

HELENA - Cuidas que não tenho coração?

PINHEIRO - Se eu não soubesse como tu és boa e condescendente, não te pedia este favor.

HELENA - Está feito! Tu sempre me havias de deixar!... Antes assim!

PINHEIRO - Obrigado, Helena.

HELENA - Que queres que eu faça?

PINHEIRO - Eu te digo. Dei esta ceia ao Ribeiro unicamente para ver se consigo falar à Carolina.

HELENA - Ah! nunca lhe falaste?

PINHEIRO - Nunca: o Ribeiro não a deixa!

HELENA - É verdade: há dois anos que a tirou de casa e ainda gosta dela como no primeiro dia.

PINHEIRO - Posso contar contigo?

HELENA - Já te prometi. Mas vê esta pulseira? Foi o presente que me fez o Ribeiro. É de brilhantes!.

PINHEIRO - Eu te darei um adereço completo.

HELENA - Não paga o sacrifício que eu te faço!... Esses homens pensam! Se eles dizem que a gente é de mármore!

PINHEIRO - Falarás hoje mesmo a ela.

HELENA - Falo... Falo...

PINHEIRO - Vê se consegues que deixe o Ribeiro.

HELENA - Fica descansado. Eu sei o que hei de fazer. Agora vai contar isto aos teus amigos para que eles zombem de mim.

### **CENA III**

Os mesmos, JOSÉ, RIBEIRO e CAROLINA

JOSÉ - Aí está o Sr. Ribeiro com uma senhora: Posso servir?

PINHEIRO - Podes.

HELENA - Ainda não. Espere um momento.

PINHEIRO - Para quê?

HELENA - Já te esqueceste?... Deve ser antes.

PINHEIRO - Ah! Sim!

RIBEIRO - Chegaram muito cedo.

HELENA - Saímos antes de acabar o espetáculo.

RIBEIRO - Não reparei. Quanto mais depressa acabarmos, melhor.

PINHEIRO - A Favorita fêz4e fome?

RIBEIRO - Alguma: mas além disso preciso recolher-me cedo.

CAROLINA - Pois eu previno-te que enquanto houver uma luz sobre a mesa e uma gota de vinho nos copos, não saio daqui. Tenho tantas vezes sonhado uma noite como esta, tenho esperado tanto por estas horas de prazer, que pretendo gozá-las até o último momento. Quero ver se a realidade corresponde à imaginação.

RIBEIRO - Está bem, Carolina: podes ficar o tempo que quiseres. Não te zangues por isso.

CAROLINA - Oh! Não me zango! Já estou habituada à vida triste a que me condenaste. Mas hoje...

HELENA - Então não vives satisfeita?

CAROLINA - Não vivo, não, Helena: sabes que me prometeram unia existência brilhante, e me fizeram entrever a felicidade que eu sonhava no meio do luxo, das festas e da riqueza! A ilusão se desvaneceu bem depressa.

RIBEIRO - Tu me ofendes com isto, Carolina.

CAROLINA Cuidas que foi para me esconderes dentro de uma casa, para olhar de longe o mundo sem poder gozá-lo, que abandonei meus pais? Que sou eu hoje? Não tenho nem as minhas esperanças de moça, que já murcharam, nem a liberdade que sonhei.

RIBEIRO - Mas, Carolina, tu bem sabes que eu, se te guardo para mim somente, se tenho ciúme do mundo, é porque te amo: sou avaro, confesso; sou avaro de um tesouro.

CAROLINA - Não entendo esses amores ocultos que têm vergonha de se mostrarem; isto é bom para os velhos e para os hipócritas. Amar é gozar da existência a dois, partilhar seus prazeres e sua felicidade. Que prazeres temos nós que vivemos aborrecidos um do outro? Que felicidade sentimos para darmos-nos mutuamente?

RIBEIRO - Está hoje de mau humor.

CAROLINA - Ao contrário, estou contente! A vista destas luzes, destas flores, desta mesa, destes preparativos de ceia, me alegrou. É assim que eu compreendo o amor e a vida. Na companhia de alguns amigos, vendo o vinho espumar nos copos e sentindo o sangue ferver nas veias. Os olhares queimam como fogo; os selos palpitam, a alma bebe o prazer por todos os poros; pelos olhos, pelos sorrisos, nos perfumes, e nas palavras que se trocam!

HELENA - Bravo! Como estás romântica!

CAROLINA - Oh! Tu não fazes idéia! Meu espírito tem revoado tantas vezes em torno dessa esperança, que vendo-a prestes a realizar-se, quase enlouqueço. Outrora dei por ela a minha inocência: hoje daria a minha vida inteira!

*(RIBEIRO e PINHEIRO conversam à parte).*

HELENA - Pois olha! Tens o que desejas bem perto de ti.

CAROLINA - Não entendo.

HELENA - Deixa-te ficar e verás.

CAROLINA - Mas escuta!

HELENA - Depois; não percas tempo.

CAROLINA - Já perdi dois anos!

RIBEIRO - Foste injusta comigo, Carolina. Não acreditas que te amo, ou já não me amas talvez! Confessa!

CAROLINA - Não sei.

RIBEIRO - Dize francamente.

CAROLINA - Como está quente a noite! Abre aquela janela. *(RIBEIRO vai abrir a janela do fundo; HELENA que falava baixo a PINHEIRO, dirige-se a ele, e ambos conversam recostados à grade e voltados para a rua).*

#### **CENA IV**

CAROLINA e PINHEIRO

PINHEIRO - Eu lhe agradeço, Carolina.

CAROLINA - O que, Sr. Pinheiro?

PINHEIRO - A satisfação que me causaram suas palavras. Não pensava, dando esta ceia, que ia realizar um desejo seu.

CAROLINA - Ah! é verdade! Mas sou eu então que lhe devo agradecer.

PINHEIRO - Faça antes outra coisa.

CAROLINA - O quê?

PINHEIRO - Faça que o acaso se torne uma realidade; que esta noite de esperança se transforme em anos de felicidade. Aceite o meu amor.

CAROLINA - Para fazer o que dele?

PINHEIRO - O que quiser; contanto que me ame um pouco, sim?

CAROLINA - Não.

PINHEIRO - Por quê?

CAROLINA - Amor por amor, já tenho um; e este, ao menos é primeiro.

PINHEIRO - O meu será o segundo e eu procurarei torná-lo tão belo, tão ardente que não tenha inveja do primeiro.

CAROLINA - Já me iludiram uma vez essas promessas, quando eu ainda via o mundo com os olhos de menina, hoje não creio mais nelas.

PINHEIRO - Não tem razão.

CAROLINA - Oh! se tenho! O senhor diz agora que me ama, por mim, para fazer-me feliz, para satisfazer os meus desejos, os meus caprichos, as minhas fantasias. Se eu acreditasse nessas belas palavras, sabe o que aconteceria?

PINHEIRO - Me daria a ventura!

CAROLINA - Sim, mas ficaria o que sou. No momento em que lhe pertencesse, tornar-me-ia um traste, um objeto de luxo; em vez de viver para mim, seria eu que viveria para obedecer às suas vontades. Não; no dia em que a escrava deixar o seu primeiro senhor, será para reaver a liberdade perdida.

PINHEIRO - Não é livre então? Não pode amar aquele que preferir?

CAROLINA - Para uma mulher ser livre é necessário que ela despreze bastante a sociedade para não se importar com as suas leis; ou que a sociedade a despreze tanto que não faça caso de suas ações. Eu não posso ainda repelir essa sociedade em cujo seio vive minha família; há alguns corações que sofreriam com a vergonha da minha existência e com a triste celebridade do meu nome. É

preciso sofrer até o dia em que me sinta com bastante coragem para quebrar esses últimos laços que me prendem. Nesse dia, se houver um homem que me ame e que me ofereça a sua vida, eu a aceitarei; porém como senhora.

PINHEIRO - E por que este dia não será hoje? Diga uma palavra! uma só...

CAROLINA - Hoje?... Não!... Talvez amanhã.

PINHEIRO - Promete?...

CAROLINA - Não prometo nada. Vamos cear. Anda, Helena! Ribeiro!... Deixem-se de conversar agora.

PINHEIRO - José, serve-nos.

## **CENA V**

Os mesmos, RIBEIRO, HELENA e MENESES

RIBEIRO - É mais de meia-noite.

HELENA - Um dia não são dias, Sr. Ribeiro; amanhã dorme-se até às duas horas da tarde.

CAROLINA - Justamente as horas que eu passo mais aborrecida.

HELENA - Tu me pareces outra. Achaste o que procuravas?

CAROLINA - Ainda não.

HELENA - És difícil de contentar.

PINHEIRO - Adeus, Meneses; queres cear conosco?

MENESES - Muito obrigado.

PINHEIRO - Não faça cerimônia.

MENESES - Tu é que estás usando de etiquetas. Onde viste usar um quinto parceiro para jogar uma partida de voltarete?

RIBEIRO - Ah! É por isso que não aceitas?

MENESES - Decerto! Nesta espécie de ceias, a regra é nem menos de dois, nem mais de quatro; um quinto transtorna a conta, a menos que não seja um zero. Ora eu não gosto de ser nem importuno, nem... Vieirinha!...

PINHEIRO - Deixa-te disso; vem cear.

MENESES - É escusado insistires.

RIBEIRO - Pois não sabes o que perdes.

MENESES - Não; mas sei quanto ganho.

PINHEIRO - Podemos ir-nos sentado.

## **CENA VI**

Os mesmos, LUÍS, ARAÚJO e JOSÉ

ARAÚJO - Tu não és capaz de adivinhar quem eu vi esta noite no teatro.

LUÍS - Alguma tua apaixonada.

ARAÚJO - Não tenho... Uma pessoa que te fez bastante mal.

LUÍS - Quem?

ARAÚJO - Lembras-te daquela mulher que mandava fazer costuras... (*Vendo CAROLINA apertar o braço de LUÍS*) Oh!

LUÍS - Ela!...

ARAÚJO - Não faças estaladas. Finge que não a vês; é o melhor.

LUÍS - Adeus. Não posso ficar aqui.

ARAÚJO - Deixa-te disso, Luís. Nada de fraquezas!

LUÍS - Mas a sua presença é uma tortura.

ARAÚJO - Come alguma coisa: é o melhor calmante para as dores morais. Tenho estudado a fundo a fisiologia das paixões e estou certo que o coração está no estômago, quando não está na algibeira.



MENESES - Araújo!

ARAÚJO - Oh! Não te tinha visto.

MENESES - Estiveste no teatro?

ARAÚJO - Estive.

MENESES - Que tal correu a Favorita?

ARAÚJO - Bem; por que não foste?

MENESES - Tinha uma partida a que não podia faltar.

PINHEIRO - Anda mais depressa, José!

JOSÉ - Pronto! Uma *mayonnaise* soberba!

HELENA - De quê?

JOSÉ - De salmão.

*(Durante este último diálogo, CAROLINA tira as luvas e o mantelete, que vai deitar no sofá à direita; LUÍS ergue-se. O trecho seguinte da cena é dito à meia voz).*

CAROLINA - Luís.

LUÍS - Silêncio!

CAROLINA - Não me quer falar, meu primo?

LUÍS - Com que direito os lábios vendidos profanam o nome do homem honesto que deve a posição que tem ao seu trabalho? Com que direito a moça perdida quer lançar a sua vergonha sobre aqueles que ela abandonou?

CAROLINA - Não me despreze, Luís!

LUÍS - Não a conheço.

CAROLINA - Tem razão. Esqueci-me que estou só neste mundo; que não me resta mais nem pai, nem mãe, nem parentes, nem família. O senhor veio lembrar-me! Obrigada.

LUÍS - Minha prima!

CAROLINA - Sua prima morreu! (*Volta-lhe as costas*)

HELENA - Vem, Carolina!

RIBEIRO - Quem é este moço com quem conversavas?

CAROLINA - Não sei.

RIBEIRO - Não o conheces?

CAROLINA - Nunca o vi.

RIBEIRO - Mas falavas com ele!

CAROLINA - Pedia-me notícias de uma amiga minha que já é morta.

RIBEIRO - Não estejas com estas idéias tristes. Anda; estão nos esperando.

ARAÚJO - José, traz-nos alguma coisa.

JOSÉ - O que há de ser?

ARAÚJO - O que vier mais depressa.

MENESES - E a mim, quanto tempo queres fazer esperar?

JOSÉ - O que deseja, Sr. Meneses?

MENESES - Desejo o que tu não tens; dize-me antes o que há.

JOSÉ - Quer uma costeleta de carneiro?

MENESES - Vá feito.

ARAÚJO (*a LUÍS*) - Sabes do que estou lembrando? daquelas noites em que ceávamos juntos na Águia de Prata, há dois anos, quando tu me falavas do teu amor. Naquele tempo não tínhamos dinheiro, nem freqüentávamos os hotéis. Eras compositor e eu caixeiro de armarinho na Rua do Hospício.

LUÍS - E hoje somos mais felizes? Adquirimos uma posição bonita, que muitos invejam, mas perdemos tantas esperanças que naquele tempo nos sorriam!

ARAÚJO - Vais cair nos sentimentalismos. A esta hora é perigoso.

LUÍS - Dizes bem! Há certas ocasiões em que é preciso rir para não chorar. (A José) Uma garrafa de cerveja.

JOSÉ - Preta ou branca?

ARAÚJO - Amarela!

## **CENA VII**

Os mesmos e VIEIRINHA

VIEIRINHA - Oh! Só o Meneses não estaria por aqui!

MENESES - Sigo o teu exemplo.

VIEIRINHA - Não quiseste ir hoje ao Lírico?

MENESES - Tive que fazer.

VIEIRINHA - Pois esteve bom; havia muita moça. A Elisa lá estava.

MENESES - Então já se sabe... Tiveste serviço?

VIEIRINHA - Não lhe dei corda! ocupei-me com outra pessoa... Mas esta tu não conheces.

MENESES - É nova?

VIEIRINHA - Negócio de quinze dias; porém já está adiantado.

MENESES - Ainda não te escreveu?

VIEIRINHA - És curioso!

PINHEIRO - Vieirinha!

VIEIRINHA - Adeus, Pinheiro!... Mas como está isto florido!

PINHEIRO - Vem cear conosco.

VIEIRINHA - Aceito. Como estás, Ribeiro?

RIBEIRO - À tua saúde!

PINHEIRO - E dos teus amores.

VIEIRINHA - Quais?

MENESES - São tantos, que não se lembra!

ARAÚJO - Quem é este conquistador?

MENESES - Nunca o viste?

ARAÚJO - Não.

MENESES - Admira! É um desses sujeitos que vivem na firme convicção de que todas as mulheres o adoram; isto o consola do pouco caso que dele fazem os homens.

ARAÚJO - Então é um fátuo?

MENESES - Pois não! É um homem feliz; vai a um teatro e a um baile; acha bonita uma mulher, solteira, viúva, ou casada; persuade-se que ela o ama; e no dia seguinte com a maior boa fé revela esse segredo a alguns amigos bastante discretos para só contarem aos seus conhecidos.

ARAÚJO - E é nisso que se ocupam?

MENESES - Achas que é pouco!

VIEIRINHA - Uma saúde! Mas há de ser de virar.

HELENA - A quem?

VIEIRINHA - À mulher que compreende o amor.

CAROLINA - Pois eu bebo à mulher que compreende o prazer.

PINHEIRO - Bravo! Muito bem!

HELENA - Não bebe, Sr. Ribeiro?

RIBEIRO - Eu bebo à primeira saúde.

HELENA - E eu à segunda.

VIEIRINHA - E eu a ambas.

PINHEIRO - JOSÉ, pede permissão a estes senhores para oferecer-lhes um copo de *champagne*. Espero que me façam o obséquio de acompanhar a nossa saúde. Vamos, Meneses!

MENESES - Qual é a saúde?

CAROLINA - À mulher que ama o prazer.

MENESES - Vá lá!

PINHEIRO - Os senhores não bebem?

ARAÚJO - Eu agradeço.

PINHEIRO - E o Sr. Viana?

LUÍS - Eu proponho outra saúde: Ao prazer e àqueles que para gozá-lo sacrificam tudo!

PINHEIRO - É a melhor!

LUÍS - E a mais verdadeira. Se os senhores me permitem, eu lhes contarei uma pequena história que os há de divertir.

VIEIRINHA - Com muito gosto.

MENESES - Venha a história.

LUÍS - O senhor pode aproveitá-la para um dos seus folhetins, quando lhe falte matéria.

MENESES - Fica ao meu cuidado.

VIEIRINHA - Mas não a apliques a ti, conforme o teu costume

MENESES - Se for uma história de amor, está visto que hás de ser tu o meu herói.

LUÍS - É uma história de amor. Passou-se há dois anos.

PINHEIRO - Aqui na corte?

LUÍS - Na Cidade Nova. Vivia então no seio de sua família uma moça pobre, mas honrada. Tinha dezoito anos; era linda... como... uma senhora que está a seu lado, Sr. Ribeiro.

RIBEIRO - Em que rua morava?

LUÍS - Não me lembro. Seu pai e sua mãe a adoravam; tinha um primo, pobre artista, que a amava loucamente.

CAROLINA - A amava?...

LUÍS - Sim, senhora. Era ela quem lhe dava a ambição; era esse amor que o animava no seu trabalho, e que o fazia adquirir uma instrução que depois o elevou muito acima do seu humilde nascimento. Mas sua prima o desprezou, para amar um moço rico e elegante.

ARAÚJO (*baixo*) - Vais trair-te.

LUÍS - Não importa.

PINHEIRO - Continue, Sr. Viana.

HELENA - Eu acho melhor que se faça uma saúde cantada.

VIEIRINHA Com hipes e hurras.

CAROLINA - Por quê?... A história do senhor é tão bonita.

VIEIRINHA - Lá isso não se pode negar! É um perfeito romance.

LUÍS - Uma noite, no momento em que esse moço entrava, sua prima seduzida por seu amante, ia deixar a casa de seus pais.

MENESES - Oh! Temos um lance dramático.

LUÍS - Não, senhor; passou-se tudo muito simplesmente. Ele disse algumas palavras severas à sua prima; esta desprezou suas palavras como tinha desprezado o seu amor, e... partiu.

VIEIRINHA - Como! O sujeito deixou-a partir?

LUÍS - É verdade.

CAROLINA - E a amava!...

MENESES - Era um homem prudente.

LUÍS - Era um homem que compreendia o prazer.

PINHEIRO - Não entendo.

LUÍS - Ele amava essa moça, mas não era amado; nunca obteria dela o menor favor, e respeitava-a muito para pedi-lo. Lembrou-se que, deixando-a fugir, chegaria o dia em que com algumas notas de banco compraria a afeição que não pôde alcançar em troca da sua vida.

ARAÚJO - Como podes mentir assim!

RIBEIRO - Não bebas tanto *champagne*, Carolina. Faz-te mal!

LUÍS - Esse homem compreendia o mundo, não é verdade?

VIEIRINHA - Era um grande político.

MENESES - Da tua escola.

LUÍS - Desde então ele tratou de ganhar dinheiro; precisava não só para satisfazer o seu capricho, como para aliviar a miséria da família daquela moça, que com a sua loucura, tinha lançado sua mãe em uma cama, e arrastado seu pai ao vício da embriaguez.

CAROLINA Ah!...

RIBEIRO - Que tens?

CAROLINA - Uma dor que costumo sofrer! Dá-me vinho.

LUÍS - É justamente o que esse pai fazia. Sentia a dor da perda de sua filha e queria afogá-la com o vinho.

VIEIRINHA - Mau! A história começa a enternecer-me!

MENESES - É bem interessante!

CAROLINA - Mas falta-lhe o fim.

MENESES - Ah! tem um fim.

RIBEIRO - Carolina!

CAROLINA - Essa moça... Os senhores desejam conhecê-la?

VIEIRINHA - Decerto.

CAROLINA - Sou eu!

PINHEIRO - A senhora!

LUÍS (*a ARAÚJO*) - Está perdida.

CAROLINA - Sou eu: e espero que chegue o dia em que possa pagar o sacrifício desse amor tão generoso, que desprezei.

PINHEIRO - Mas seu primo?...

CAROLINA - Já o não é.

MENESES - Como se chama?

CAROLINA - Não sei.

ARAÚJO - José, dá-me a conta.

MENESES - Espera, vamos juntos.

ARAÚJO - Ainda te demoras!

MENESES - Não.

## **CENA VIII**

Os mesmos, JOSÉ e ANTÔNIO

JOSÉ (*na porta*) - Ponha-se na rua! Não achou outro lugar para cozinhar a bebedeira?

ANTÔNIO (*da parte de fora*) - Quero beber... Vinho... compro com o meu dinheiro. Eh! Meia garrafa, senhor moço!



JOSÉ - Vá-se embora, já lhe disse.

MENESES - Que barulho é este, José?

JOSÉ - É um bêbado. Achou a porta aberta e entrou. Agora quer por força que lhe venda meia garrafa de vinho.

ARAÚJO - Pois mata-lhe a sede.

JOSÉ - Se ele já está caindo.

ANTÔNIO (*cantando*)

Mandei fazer um balaio

Da casquinha de um camarão!...

JOSÉ - Nada! Ponha-se no andar da rua.

CAROLINA - Deixe-o entrar; talvez nos divirta um pouco. Estou triste.

JOSÉ - Mas é capaz de quebrar-me a louça.

PINHEIRO - Que tem isso? Eu pago O que ele quebrar.

CAROLINA - É uma fineza que lhe devo.

RIBEIRO - Mas que não é necessária; tu podes satisfazer os teus caprichos sem recorrer a ninguém.

ANTÔNIO - Oh! temos bródio por cá também? Viva a alegria! Toca música! Ta-ra, lá-lá, ta-ri, to-ri (*dança*)

MENESES - O homem é diletante como o Vieirinha.

VIEIRINHA - E engraçado como um artigo teu.

ANTÔNIO - Estão rindo?... Cuidado que estou meio lá meio cá.

MENESES - Não; faz tanto barulho que vê-se logo que está todo cá.

ANTÔNIO - Pois olhe, apenas bebi seis garrafas.

VIEIRINHA - Não é muito!

ANTÔNIO - Não é, não. Mas faltavam os cobres, senão... Oh! Tanto hei de beber que por fim hei de achar.

MENESES - Achar o quê?

ANTÔNIO - Não sabe? Upa!... Pois não sabe?... Eu não bebo porque goste de vinho... Já me enjoa.

MENESES - Por que bebe então?

ANTÔNIO - Porque procurôô... eh! lô... Procuo no fundo da garrafa uma coisa que os velhos chamavam virtude, e que não se acha mais neste mundo.

PINHEIRO - Eis um Diógenes!...

HELENA - Como te chamas?

ANTÔNIO - Que te importa o meu nome? Não tenho dinheiro!

ARAÚJO (*a LUÍS, baixo*) - Luís! Luís! Olha!

LUÍS - O quê?

ARAÚJO - Este homem.

LUÍS - Antônio!...

ARAÚJO - Cala-te!

MENESES - Mas então ainda não achou o que procuravas?

ANTÔNIO - Hein?...

MENESES - A virtude...

ANTÔNIO - Não existe. No fundo da garrafa só acho o sono. Mas é bom o sono. A gente não se lembra...

VIEIRINHA - Das maroteiras que fez.

ANTÔNIO - A gente vive no outro mundo que não é ruim como este. Oh! é bom o vinho!

VIEIRINHA - Pois tome lá este copo de *champagne*.

ANTÔNIO - Venha! (*Provando*) Puah!... Não presta! É doce como as falas de certa gente; embrulha-me o estômago! Antes a aguardente que queima!

MENESES - Chegue aqui; diga-me o que você procura esquecer. Sofreu alguma desgraça?

VIEIRINHA - Queres outra história!

ANTÔNIO - Qual história! Não sofri nada! Diverti os outros.

MENESES - Mas conte isso mesmo.

ANTÔNIO - Não tem que contar... O trabalhador não deve criar sua filha para os moços da moda?

MENESES - Então sua filha...

ANTÔNIO - Roubaram e nem ao menos me deram o que ela valia! Velhacos. . . Os sujeitinhos hoje estão espertos!

MENESES - Pobre homem!

ANTÔNIO - Pobre, não! (*Bate no bolso*) Veja como tine. (*Rindo*) A mulher está doente, não trabalha; eu durmo todo o dia, não vou mais à loja; porém Margarida tinha uma cruz de ouro com que rezava. Fui eu, e furtei de noite a cruz, como o outro furtou minha filha, e passei-a nos cobres. Cá está o dinheiro; chega para beber dois dias. Estou rico! Viva a alegria! Olá! senhor moço! Ande com isso! .. Meia garrafa!...

HELENA (*a CAROLINA*) - Vamos para outra sala; não podes ficar aqui. (*Erguem-se*)

RIBEIRO (*a JOSÉ*) - Faz já sair este bêbado!

ARAÚJO (*a LUÍS*) - Tenho medo do que vai se passar.

ANTÔNIO (*para CAROLINA*) - Olé! Que peixão! Dê cá este abraço... menina!...

CAROLINA - Meu pai!... (*Esconde o rosto*)

ANTÔNIO - Pai!... Há muito tempo que não ouço esta palavra. Mas quem és tu? Deixa-me ver o teu rosto. Tu pareces bonita. Serás como Carolina? Mas... não me engano... Sim... Sim... Tu és!

CAROLINA - Não!

ANTÔNIO - Tu és minha filha!

CAROLINA - É falso!

ANTÔNIO - Não foste tu que me falaste há pouco?... aqui... Não me chamaste teu pai?... Carolina!

CAROLINA - Deixe-me!

ANTÔNIO - Vem! Tua mãe me pediu que te levasse!

CAROLINA - Minha mãe!...

ANTÔNIO - Sim, tua mãe... Margarida. Se soubesses... como ela tem chorado... Minha pobre Margarida!

CAROLINA - Não sei quem é.

ANTÔNIO - Não sabes?

CAROLINA - Não!

ANTÔNIO - Tu não sabes?

CAROLINA - Meu Deus!...

ANTÔNIO - Esqueceste até o nome de tua mãe?

CAROLINA - Esqueci tudo.

ANTÔNIO - Oh! tens razão! Tu não és minha filha. Nunca foste... *(Precipita-se sobre ela e a obriga a ajoelhar-se. RIBEIRO e PINHEIRO protegem CAROLINA, enquanto LUÍS segura ANTÔNIO pelo braço)*

LUÍS - Antônio!

ANTÔNIO - Solta-me, Luís.

MENESES - Não a ofenda! É sua filha!

ANTÔNIO - Não; já não é!

MENESES - Mas é ainda uma mulher. Deseja puni-la? Respeite a vida que a levará de lição em lição até o último e terrível desengano. É preciso que um dia a sua própria consciência a acuse perante Deus, sem que possa achar defesa, nem mesmo na cólera severa, mas justa de um pai.

ARAÚJO - Vamos; vamos, Luís.

ANTÔNIO - E ela... fica.

ARAÚJO - Nem lhe responde!

ANTÔNIO - Pois sim, fica; se algum dia me encontrares no teu caminho, se o teu carro atirar-me lama à cara, se os teus cavalos me pisarem, não me olhes, não me reconheças. Vê o que tu és, que um miserável bêbado, que anda caindo, pelas ruas, tem vergonha de passar por teu pai!

LUÍS - Espera, Antônio! Talvez ainda não esteja tudo perdido. Um último esforço! Abre os braços à tua filha!... Olha! Olha!. Não vês que ela chora?

CAROLINA - Foram as últimas lágrimas... já secaram!... Se tivessem caído neste copo, eu beberia com elas à memória do meu passado!

## **ATO SEGUNDO**

Sala em casa de HELENA

### **CENA PRIMEIRA**

LUÍS, ARAÚJO e MENESES

MENESES - Podemos entrar. Nada de cerimônias.

ARAÚJO - Talvez sejamos importunos.

MENESES - Não tenhas receio. Sente-se, Sr. Viana.

ARAÚJO - E o tal Vieirinha?

MENESES - Que tem? (*Na porta*) Helena!

HELENA (*dentro*) - Já vou, Sr. Meneses.

MENESES - Está no *toilette* naturalmente. Esperemos um instante.

ARAÚJO - Não cuidei que se tratasse com tanto luxo! É uma bela casa.

MENESES - Como muitas famílias não a têm; mas assim deve ser quando os maridos roubam a suas mulheres, e os pais a seus filhos para alimentarem essas parasitas da sociedade.

LUÍS - Dizes bem; a culpa não é delas.

MENESES - Mas, Araújo, sinceramente te confesso que ainda não compreendi o teu empenho!

ARAÚJO - Empenho de quê?

MENESES - De conhecer a Helena. Achas bonita?

ARAÚJO - Bonita!... Uma mulher que tem os dentes e os cabelos na Rua do Ouvidor!

MENESES - Entretanto entraste hoje de madrugada, quero dizer, às dez horas por minha casa; interrompeste o meu sono de domingo, o único tranqüilo que tem um jornalista; me fizeste sair sem almoço; pagaste um carro; e tudo isto para que te viesse apresentar a essa velha sem dentes e sem cabelos!

ARAÚJO - Isto se explica por um capricho. Sou um tanto original nas minhas paixões.

MENESES - Então estás apaixonado pela Helena?

ARAÚJO - Infelizmente.

LUÍS - Por que não confessas a verdadeira causa? O Sr. Meneses é teu amigo, e embora só há pouco tempo tivesse o prazer de conhecê-lo, confio bastante no seu caráter para falar-lhe com franqueza.

ARAÚJO - É o melhor; assim me poupas o descrédito de inventar uma paixão bem extravagante.

MENESES - Qual é então a verdadeira causa desta apresentação?

LUÍS - Eu lhe digo. Trata-se de salvar uma moça por quem muito me interesso; quero falar-lhe ainda uma vez, tentar os últimos esforços; mas na sua casa é impossível; o Ribeiro guarda-o com um cuidado e uma vigilância excessiva.

MENESES - É a Carolina?

LUÍS - Ela mesma. Lembra-se daquela cena que presenciamos no hotel há cerca de um mês?

MENESES - Lembro-me perfeitamente; e parece-me, pelo que vi, que os seus esforços serão inúteis.

ARAÚJO - É também a minha opinião. Tenho-lhe dito muitas vezes que a honra de um homem é uma coisa muito preciosa para estar sujeita ao capricho de qualquer mulher, só porque o acaso a fez sua parente.

LUÍS - Não é por mim, Araújo, é por ela que procuro salvá-la. Reconheço que é bem difícil; mas resta-me ainda uma esperança: talvez a mãe obtenha pelo amor, aquilo que nem a voz da razão nem o grito do dever puderam conseguir.

MENESES - Pensa bem, Sr. Viana.

LUÍS - Para isso, porém, é preciso encontrá-la um só instante; soube que costuma vir à casa desta mulher que a perdeu e de quem é amiga. Araújo disse-me que o senhor a conhecia; e fomos imediatamente procurá-lo. Eis o verdadeiro motivo do incômodo que lhe demos; o Sr. Meneses é homem para o compreender e apreciar.

MENESES - Não se enganou, Sr. Viana; farei o que me for possível.

LUÍS - Muito obrigado.

MENESES - Não tem de que; é dever de todo homem honesto proteger e defender a virtude que vacila e vai sucumbir ou mesmo ajudá-la a reabilitar-se. Mas devo corresponder à sua franqueza com igual franqueza. Creio que o senhor, e tu mesmo, Araújo, não conhecem bem o terreno em que pisam atualmente.

LUÍS - Não, decerto.

ARAÚJO - Quanto a mim estou em país estrangeiro. MENESES - Pois é preciso estudar o movimento e a órbita desses planetas errantes para acompanhá-los na sua rotação. Aqui não se conhece nem um desses objetos como a honra, o amor, a religião, que fazem tanto barulho lá fora. Neste mundo à parte, só há

um poder, uma lei, um sentimento, uma religião: é o dinheiro. Tudo se compra e tudo se vende; tudo tem um preço.

LUÍS - Que miséria, meu Deus!

MENESES - Quem vê de longe este mundo, não compreende o que se passa nele, e não sabe até onde chega a degeneração da raça humana. O oriente desses astros opacos é o luxo; o ocaso é a miséria. Começam vendendo a virtude; vendem depois a sua beleza, a sua mocidade, a sua alma; quando o vício lhes traz a velhice prematura, não tendo já que vender, vendem o mesmo vício e fazem-se instrumentos de corrupção. Quantas não acabam vendendo suas filhas para se alimentarem na desgraça!

ARAÚJO - Tu exageras!... Ninguém se avilta a esse ponto.

MENESES - Não exagero. Muitas são boas e capazes de um sacrifício; têm coração. Mas de que lhes serve esse traste no mundo em que vivem!

ARAÚJO - Para amar o homem a quem devem tudo.

MENESES - Ele seria o primeiro a escarnecer dela.

## **CENA II**

Os mesmos, VIEIRINHA e HELENA

VIEIRINHA (*cantarolando*)

*Je suis le sire de Framboisy!*

Meus senhores!... Não se incomodem; estejam a gosto.

MENESES - Adeus. Como vais?

VIEIRINHA - Bem, obrigado.

MENESES - Que se faz de bom?

VIEIRINHA - Nada; enche-se o tempo.

HELENA - Bons dias, Sr. Meneses.

MENESES - Enfim apareceu!



HELENA - Desculpe; se me tivesse prevenido da sua visita... Mas chega de repente e no momento em que estava me penteando.

MENESES - Tem razão!... Aqui lhe trouxe o Sr. Viana e o Sr. Araújo que muito desejam conhecê-la. São meus amigos; isto diz tudo.

HELENA - A minha casa está às suas ordens. Estimo muito...

MENESES - Se não me engano, o Sr. Viana deseja conversar com a senhora; portanto não o faça esperar.

HELENA - Fazer esperar é o nosso direito, Sr. Meneses.

MENESES - Quando se trata de amor; mas não quando se trata de um negócio.

HELENA - Ah! É um negócio.

LUÍS - Sim, senhora.

HELENA - Pois quando quiser...

VIEIRINHA - Já almoçaste, Helena?

HELENA - Há pouco; mas o almoço ainda está na mesa.

VIEIRINHA - Com licença, meus senhores.

*(LUÍS e HELENA conversam no sofá; MENESES e ARAÚJO recostados à janela).*

### **CENA III**

MENESES, ARAÚJO, LUÍS e HELENA

ARAÚJO - Não me dirás que figura faz este Vieirinha no meio de tudo isto?

MENESES - A figura de um desses sagüis com que os moços se divertem. Neste mundo de mulheres, Araújo, existem duas espécies de homens, que eu classifico como animais de penas. Uns são os moços ricos e os velhos viciosos que se arruinam e estragam a sua fortuna para merecerem as graças dessas deusas pagãs: esses se depenam. Os outros são os que vivem das migalhas desse luxo, que comem e vestem à custa daquela prodigalidade; esses se empenam.

ARAÚJO - O Vieirinha pertence a esta última classe.

MENESES - É o tipo mais perfeito. Em todas estas casas encontra-se uma variedade do gênero Vieirinha.

ARAÚJO - Mas por que razão suportam elas esse animal? Será amor?

MENESES - Às vezes é; outras é simples orgulho e vaidade. Esta gente que profana tudo, que faz de tudo, dos sentimentos mais puros uma mercadoria, depois de tanto vender, quer também ter o gosto de comprar. Umas compram logo um marido; outras contentam-se em comprar um amante. É mais cômodo: deixa-se quando aborrece.

ARAÚJO - É o que Helena fez com o Vieirinha?

MENESES - Justamente.

ARAÚJO - E sai-lhe caro esse capricho?

MENESES - Sem dúvida; mas o dinheiro como vem, assim vai. Depois ela dá por bem empregado qualquer sacrifício. Não quer parecer velha.

ARAÚJO - Mas quando ceamos juntos, aquela noite ao sair do teatro, me pareceu que o Pinheiro...

MENESES - Deixou-a; está apaixonado pela Carolina; e a Helena, segundo me disseram, o protege.

ARAÚJO - Ah! De amante passou a confidente?

MENESES - É verdade. Tu ficas?

ARAÚJO - Espero por Luís.

MENESES - Então, adeus.

ARAÚJO Por que não te demoras? Sairemos juntos.

MENESES - Não posso; tenho que fazer. Vou almoçar e depois escrever um artigo. Até à noite.

ARAÚJO - Aonde?

MENESES - No Teatro Lírico. Não vais?

ARAÚJO - É natural.

MENESES - Sr. Viana! Helena...

LUÍS - Já vai? Nós o acompanhamos.

MENESES - Depressa terminou a sua conversa!

LUÍS - É verdade; a senhora foi tão simples!

MENESES - Fico bastante satisfeito; é sinal de que a minha apresentação valeu um pouco.

HELENA - O senhor sabe que ela vale sempre muito. ARAÚJO (*a LUÍS*) - Consegui?

LUÍS - Consegui tudo. O Meneses tem razão: o dinheiro venceu todas as dificuldades. Ao meio-dia Carolina está aqui.

ARAÚJO - Ao meio-dia?... São mais de onze...

LUÍS - Toma o carro. Ela está doente, mas com a esperança de ver sua filha.

ARAÚJO - E tu onde me esperas?

LUÍS - Eu vou dar uma volta, e dentro de meia hora voltarei.

ARAÚJO - Até já, Meneses! (*A HELENA*) Viva!

LUÍS - Vamos, Sr. Meneses.

HELENA - Então ao meio-dia?

LUÍS - Aqui estarei.

#### **CENA IV**

HELENA e VIEIRINHA

VIEIRINHA - Almocei bem! O Meneses já foi?

HELENA - Saiu agora mesmo.

VIEIRINHA - E os outros?

HELENA - Também.

VIEIRINHA - Que fazes tu hoje?

HELENA - Nada.

VIEIRINHA - Então não precisas de mim?

HELENA - Que pergunta!

VIEIRINHA - Dá-me um charuto.

HELENA - Não tenho.

VIEIRINHA - Estás hoje muito aborrecida.

HELENA - E tu muito maçante.

VIEIRINHA - Não duvido; passei mal a noite. (*Estende-se no sofá*) Se quiseres conversar, acorda-me.

HELENA - Não se deite, não senhor.

VIEIRINHA - Por quê?

HELENA - Não são horas de dormir.

VIEIRINHA Ora, quando se tem sono...

HELENA - Espero Carolina. Preciso estar só com ela.

VIEIRINHA - Está feito. Vou trocar as pernas por ai.

HELENA - Não voltas?

VIEIRINHA - É boa! Deitas-me pela porta fora e achas que devo voltar?

HELENA - Estás zangado?... Deixa-te disso. Volta às quatro horas.

VIEIRINHA - Para fazer o quê?

HELENA - Iremos jantar ao Hotel de Botafogo.

VIEIRINHA - É muito longe.

HELENA - Não faltes.

VIEIRINHA - Se puder.

HELENA - Conto contigo.

VIEIRINHA - Vai só.

HELENA - Não tem graça!

VIEIRINHA - Pois eu não posso ir.

HELENA - Por que razão?

VIEIRINHA - Por quê...

HELENA - Estás inventando a mentira?

VIEIRINHA - Tenho acanhamento em confessar-te.

HELENA - Começas tarde com os teus acanhamentos!

VIEIRINHA (*rindo*) - Deveras!... Pois não vou ao Hotel de Botafogo porque não quero encontrar-me com certo sujeito.

HELENA - Ou sujeita?...

VIEIRINHA - Já está com ciúmes! É um rapaz que me ganhou outro dia cinqüenta mil-réis no jogo, e a quem ainda não paguei.

HELENA - Não será o primeiro.

VIEIRINHA - Nem o último. Mas esse tem uma irmã feia e rica que pode ser um excelente casamento. Se não lhe pago, fico desacreditado na família.

HELENA - Bem feito! Só assim deixarás o maldito vício do jogo.

VIEIRINHA - Ah! Deu-te para aí! Queres pregar-me um sermão? Basta os que ouço do velho! (*Vai sair*)

HELENA - Então, até quatro horas?

VIEIRINHA - Não, decididamente não vou; já te disse o motivo.

HELENA - Olha! Se tu me prometesses...

VIEIRINHA - O quê?

HELENA - Não jogar mais.

VIEIRINHA - Que farias?

HELENA - Faria um sacrifício...

VIEIRINHA - Sacrifício... *(faz o gesto vulgar com que se exprime dinheiro)*

HELENA - Sim!

VIEIRINHA - Prometo o que tu quiseres! Juro!

HELENA *(dando-lhe uma nota)* - Pois toma; vai pagar a tua dívida e volta.

VIEIRINHA - Está dito!... Tu és uma flor, Helena. HELENA - Sim! Vêm a tempo os teus cumprimentos; nem fazes caso de mim.

VIEIRINHA - Não digas isto. Os únicos momentos de felicidade que tenho são os que passo junto de ti. Até à tarde!

## **CENA V**

HELENA e CAROLINA

CAROLINA - Cheguei muito cedo!

HELENA - Não faz mal.

CAROLINA - Sentia uma impaciência!... Apenas Ribeiro saiu, meti-me num carro... Antes que me arrependesse!

HELENA - Assim estás resolvida?

CAROLINA - Inteiramente.

HELENA - Já duas vezes disseste o mesmo, e quando chegou o momento...

CAROLINA - Hesitei antes de dar este passo; não sei que pressentimento me apertava o coração, e me dizia que eu procedia mal. Foi o primeiro homem a quem amei neste mundo; é o pai de minha filhinha. Parecia-me que devia acompanhá-lo sempre!

HELENA - Se ele não te abandonasse mais dia, menos dia.

CAROLINA - Não há de ter este trabalho; hoje resolvi-me; esta existência pesa-me. A que horas vem o Pinheiro?

HELENA - Não pode tardar.

CAROLINA - É muito longe daqui a Laranjeiras?

HELENA - Não; é um instante! Em cinco minutos podes lá estar.

CAROLINA - Já viste a casa?

HELENA - Ainda ontem. Está arranjada com um luxo!... O Pinheiro vai te tratar como uma princesa.

CAROLINA - Com tanto que me deixe livre.

HELENA - Ele te adora; há de fazer todas as tuas vontades. Queres ver que lindo presente te mandou?

CAROLINA - Por ti?

HELENA - Sim; está aqui. (*Tira do bolso caixas de jóias*)

CAROLINA - Um colar... pulseiras... um adereço completo!

HELENA - Não é de muito gosto?

CAROLINA - São brilhantes?...

HELENA - Verdadeiros... Mas, Carolina, tenho uma notícia a dar-te.

CAROLINA - Que notícia?

HELENA - Teu primo deseja ver-te.

CAROLINA - Luís!... Esteve aqui!... Que me quer ele? Ainda não está satisfeito com me ter mostrado tanto desprezo?

HELENA - Que te importa?

CAROLINA - Sempre que o vejo fico triste. Sofro por muitos dias.

HELENA - Foi a princípio.

CAROLINA - Ainda hoje não posso esquecer as palavras que ele me disse há dois anos. E são tão amargas as suas palavras:

HELENA - Entretanto ele te ama.

CAROLINA - A mim?... Tu pensas...

HELENA - Não nos disse outro dia no hotel?

CAROLINA - Disse que amava outra Carolina, que não sou hoje.

HELENA - Cuidas que por uma mulher preferir outro homem, aquele que ela desprezou deixa de amá-la? Como te enganas!

CAROLINA - Então acreditas?...

HELENA - Agora mesmo ele aqui esteve: e me falou de ti com um modo...

CAROLINA - Que te disse?

HELENA - Confessou que estava arrependido do que fez; que deseja ver-te para mostrar que sempre te estimou e ainda te estima.

CAROLINA - Não é possível, Helena. Se Luís me estimasse não me falava com tanto desprezo.

HELENA - Ora, Carolina, se tu amasses um homem que se casasse com outra mulher, O que farias?

CAROLINA - Tens razão.

HELENA - Espera.

CAROLINA - Mas ele te disse que me queria ver? Voltará?



HELENA - Creio que sim!

CAROLINA - Meu Deus!

HELENA - Que mal faz que tu lhe fales? Se ele te ofender, entra para dentro; se quiser amar-te, faz o que entenderes; mas não esqueças o Pinheiro.

CAROLINA - Sei o que devo fazer.

HELENA - Se precisares de mim, chama-me.

CAROLINA - Me deixas só?

HELENA - Ao contrário, vê quem está aí.

## **CENA VI**

LUÍS e CAROLINA

CAROLINA - Luís!

LUÍS - Não me recusou falar, Carolina. Eu lhe agradeço.

CAROLINA - Por que recusaria?

LUÍS - Depois do que se tem passado, não era natural que desejasse fugir à presença de um importuno?

CAROLINA - Qual de nós, a primeira vez que nos encontramos depois de uma longa ausência repeliu o outro?

LUÍS - A repreensão é justa, eu a mereço. Mas não creio que venho ainda lembrar-lhe um passado que todos devemos esquecer, e acusá-la de uma falta de que outros talvez sejam mais culpados. Venho falar-lhe como irmão; quer-me ouvir?

CAROLINA - Fale; não tenho receio.

LUÍS - Todos nós, Carolina, homens ou mulheres, velhos ou moços, todos, sem exceção, temos faltas em nossa vida; todos estamos sujeitos a cometer um erro e a praticar uma ação má. Uns, porém, cegam-se ao ponto de não verem o caminho que seguem: outros se arrependem a tempo. Para estes o mal não é

senão um exemplo e uma lição: ensina a apreciar a virtude que se desprezou em um momento de desvario. Estes merecem, não só o perdão, porém muitas vezes a admiração que excita a sua coragem.

CAROLINA - Não, Luís; há faltas que a sociedade não perdoa e que O mundo não esquece nunca. A minha é uma destas.

LUÍS - Está enganada, Carolina. Se uma moça que, levada pelo seu primeiro amor, ignorando o mal, esqueceu um instante os seus deveres, volta arrependida à casa paterna; se encontra no coração de sua mãe, na amizade de seu pai, nas afeições dos seus, a mesma ternura; se ela continua a sua existência doce e tranqüila no seio da família; por que a sociedade não lhe perdoará, quando Deus lhe perdoa, dando-lhe a felicidade?

CAROLINA - Nunca ela poderá ser feliz! A sua vida será uma triste expiação.

LUÍS - Ao contrário, será uma regeneração. Em vez da paixão criminosa que a rouba a seus pais, ela pode achar no seio de sua família o amor calmo que purifique o passado e lhe faça esquecer a sua falta.

CAROLINA - É verdade então, Luís?... Helena não me enganou!

LUÍS - O quê?... Não sei...

CAROLINA - Ainda me ama!

LUÍS - Eu?...

CAROLINA - Não era de si que me falava?

LUÍS - Não, Carolina; falava do Ribeiro.

CAROLINA - Ah! Era dele!...

LUÍS - É o único que tem direito de amá-la.

CAROLINA - Pois eu não o amo.

LUÍS - Não creio.

CAROLINA - Juro-lhe.

LUÍS - É impossível.

CAROLINA - Amanhã não duvidará.

LUÍS - Amanhã?... Que vai fazer?

CAROLINA - Há de saber.

LUÍS - Carolina, eu lhe peço, não dê semelhante passo; ele é ainda mais grave do que o primeiro. Compreendo que uma menina inexperiente sacrifique-se à afeição de um homem; mas nada justifica a mulher que renegar aquele a quem deu a sua vida.

CAROLINA - Então não posso deixá-lo!

LUÍS - Não! Uma mulher deve sempre conservar a virgindade do coração e guardar pura sua primeira afeição. Respeita-se o consórcio moral de duas criaturas que se unem apesar do mundo e dos prejuízos que as separam; respeite-se a virtude ainda quando ela não reveste as fórmulas de convenção. Mas despreza-se a mulher que aceita qualquer amor que lhe oferecem.

CAROLINA - E quem lhe diz que amarei a outro?

LUÍS - O primeiro amor é às vezes o último; o segundo nunca O será.

CAROLINA - Podia ser, Luís, se o não desprezassem.

LUÍS - Não compreendo.

CAROLINA - Também eu não compreendo este sentimento; mas o coração é assim feito; deseja o que não pode obter, e que muitas vezes desdenhou quando lhe ofereciam. Admiro-me do que se passa em mim, e não sei explicá-lo. Parece-me, às vezes, que ainda haveria um meio de ligar o fio de minha vida às recordações dos meus dezoito anos, e continuar no futuro a existência tranqüila de outrora. Mas esse meio... é uma loucura.

LUÍS - Diga, Carolina! Eu farei tudo...

CAROLINA - Tudo!...

LUÍS - Duvida?

CAROLINA - Ame-me então!

LUÍS - Escarnece de mim!

CAROLINA - Luís!

LUÍS - Creia-me, Carolina. Se eu estivesse convencido da realidade desse amor, ainda assim, sacrificaria a minha felicidade à sua.

CAROLINA - Está bem! Não falemos mais nisso. Foi um gracejo; não faça caso... Adeus...

LUÍS - Já me despede.

CAROLINA - Pode ficar se quiser. *(Chega-se ao espelho, e enxuga furtivamente uma lágrima. Deita fora as jóias que HELENA lhe dera)*

LUÍS *(vendo no relógio)* - Meio-dia.

CAROLINA - Cuidei que fosse mais tarde!... Bonitas pedras! Não são? Foi um presente!...

LUÍS - Ah! foi um presente?

CAROLINA - Não é de bom gosto?

LUÍS - Muito lindo!

CAROLINA - Quanto valerá?

LUÍS - Nada para mim; para outros talvez seja o preço de uma infâmia.

CAROLINA - Faltava o insulto!...

## **CENA VII**

Os mesmos e HELENA

HELENA - Sabes quem está aí?

CAROLINA - Não.

HELENA - O Ribeiro.

CAROLINA Ah!

HELENA - Que virá fazer?

CAROLINA - Não sei. Naturalmente recebeu a minha carta mais cedo do que devia.

HELENA - Tu lhe escreveste?... Para quê?...

LUÍS (*a CAROLINA*) - Seu amante!

CAROLINA - Eu o espero.

### **CENA VIII**

Os mesmos e RIBEIRO

RIBEIRO (*a CAROLINA*) - Esta carta?

CAROLINA - É minha.

RIBEIRO - Que quer dizer isto?

CAROLINA - Não leu? Preveni-o da minha resolução.

RIBEIRO - Não acredito!... Tu não podes deixar-me!

CAROLINA - Não posso... Por quê?

RIBEIRO - Tu és minha, Carolina! Tu me pertences!

CAROLINA - Engana-se; o que lhe pertence ficou em sua casa; deixando-o, deixei tudo o que me havia dado.

RIBEIRO - Que me importa isso? É a ti que eu não quero e não devo perder.

CAROLINA - Sei que incomoda a falta de um objeto com o qual estamos habituados! Mas paciência... Nem sempre a moça tímida havia de sujeitar-se ao jugo que lhe impuseram.

RIBEIRO - É a segunda vez que me fazes esta exprobração. Não me compreendes! Se eu não te amasse, teria realizado os teus sonhos; gozaria um momento contigo dessa vida louca e extravagante que te fascina e depois te abandonaria ao acaso. Mas Deus puniu-me com a minha própria falta: quis seduzir-te e amei-te. Não sabes o que tenho sofrido... em que luta vivo com minha família!

CAROLINA - Neste ponto me parece que se algum de nós deve ao outro, não é decerto aquela que sacrificou a sua existência. Mas não cuide que me queixo; aceito o meu destino! Fui eu que assim o quis...

RIBEIRO - Tu me lembras que tenho uma dívida de honra a pagar-te.

CAROLINA - Obrigada! Basta-me a liberdade e o sossego!

RIBEIRO - Então decididamente me deixas?

CAROLINA - Já o deixei; já não estou em sua casa. A minha é nas Laranjeiras.

RIBEIRO - A dele, queres dizer? A do Pinheiro!

CAROLINA - É o mesmo.

LUÍS - E era esta mulher que há pouco falava de amor.

CAROLINA - Não era esta, não senhor; era a outra a quem insultaram. (*Vai sair*)

RIBEIRO - Uma palavra, Carolina!...

CAROLINA - Que quer ainda, senhor?

RIBEIRO - Eu te seduzi, fiz-te desgraçada, não é verdade?... Pois bem! Arrostro a oposição de minha família! Arrostro tudo! Quero reparar a minha falta! És a mãe de minha filha; sê minha mulher!

CAROLINA - Tua mulher!

RIBEIRO - Sim, Carolina! É um sacrifício que te devo.

CAROLINA - Não lho pedi.

RIBEIRO - Mas sou eu que te suplico.

LUÍS - É a honra, é a virtude, é a felicidade que ele lhe restitui! (*Aparece PINHEIRO*)

## **CENA IX**

Os mesmos e PINHEIRO

CAROLINA - Não! É tarde!...

LUÍS - Carolina!..

CAROLINA - Já que o amor não é possível para mim, prefiro a liberdade! Quero ver a meus pés, um por um, todos esses homens orgulhosos que tanto blasonam de probos e honestos!... Aí curvando a fronte ao vício, o marido trairá sua esposa, o filho abandonará sua família, o pai esquecerá os seus deveres para mendigar um sorriso. Porque no fim de contas, virtude, honra, glória, tudo se abate com um olhar, e roja diante de um vestido. (A PINHEIRO) Meu carro?...

PINHEIRO - Está na porta.

HELENA - Vem ver como é rico!

RIBEIRO - Lembra-te ao menos de tua filha!...

CAROLINA - Deixo-a a seu pai como um remorso vivo.

LUÍS - Reflita, Carolina; aceite a reparação que o senhor lhe oferece; faça de um homem arrependido, de uma moça desgraçada e de uma menina órfã, uma família; dê a felicidade a seu marido, e um nome à sua filha!

CAROLINA - E quem me dará a mim o que eu perco?

LUÍS - A sua consciência.

CAROLINA - Não a conheço! Adeus! (*Vai sair*)

RIBEIRO - Não! Tu não sairás com este homem!

CAROLINA - Quem impedirá?

RIBEIRO - Eu!

HELENA - Sr. Ribeiro, seja prudente

PINHEIRO - É o que faltava ver! Que o senhor queira levar o ridículo a este ponto! Tem algum direito sobre ela?

RIBEIRO - Tenho o direito de vingar-me de um amigo desleal que me traiu.

PINHEIRO - Eu traí; e o senhor?... Roubou! Roubou a filha a seus país.

LUÍS (*a CAROLINA*) - Veja os homens a quem ama!

CAROLINA - Não amo a ninguém. Sou livre! (*Caminhando para a porta vê MARGARIDA que entra pelo braço de ARAÚJO, recua com espanto*)

## CENA X

Os mesmos, MARGARIDA e ARAÚJO

CAROLINA - Ah! Esqueci que ainda tinha mãe!

MARGARIDA - Carolina!

LUÍS - Tardaste muito!

ARAÚJO - Apesar de toda a sua coragem, faltavam-lhe as forças! Que te disse ela?

LUÍS - Cala-te.

MARGARIDA - Carolina!... Não falas à tua mãe? Não me queres conhecer?... Depois de tanto tempo!... Tens medo de mim?... Não penses que vim repreender-te... acusar-te! Já não tenho forças!... Vim pedir-te que me restituas a filha que perdi! Queria ver-te antes de morrer... Eu te perdôo tudo... Não tenho que perdoar... Mas fala-me... Olha-me ao menos!... Mais perto! Quase não te vejo!... As lágrimas cegam... e tenho chorado tanto!

CAROLINA - Minha mãe!...

MARGARIDA - Ah!...

CAROLINA - Oh! não!

MARGARIDA - Que tens?

CAROLINA - Tenho vergonha!

MARGARIDA - Abraça-me! Deus ouviu as minhas orações! Achei enfim minha filha!... minha Carolina!

CAROLINA - Não está mais zangada comigo?



MARGARIDA - Nunca estive! Tinha saudades! Porém agora não nos separaremos mais nunca. Vem!...

CAROLINA - Para onde?

MARGARIDA - Para a nossa casa; hás de achá-la bem mudada. Mas tudo voltará ao que era. Estando tu lá, a alegria entrará de novo; seremos muito felizes, eu te prometo.

CAROLINA - Está tão fraca!...

MARGARIDA - Contigo sinto-me forte! Já não estou doente: vê! (*Dá um passo e vacila*)

CAROLINA - Nem pode andar!... Mas tenho aí o meu carro.

MARGARIDA - Teu carro!...

CAROLINA - Sim! Ainda não viu? É muito bonito! MARGARIDA - Todas estas riquezas que compraste tão caro e que tantos sofrimentos custaram à tua mãe, já não te pertencem, Carolina, atira para longe de ti estes brilhantes!... Não te assentam!

CAROLINA - Minhas jóias!...

MARGARIDA - Oh! Não lamentes a sua perda! Beijos de mãe brilham mais em tuas faces do que esses diamantes. Tu eras mais bonita quando íamos à missa aos domingos.

CAROLINA - Pois sim! (*Afasta-se*)

LUÍS (*a MARGARIDA*) - Era a minha última esperança!

MARGARIDA - Não falhou, o coração me dizia...

CAROLINA (*no espelho*) - Não! Não tenho coragem!

MARGARIDA - Que dizes?

CAROLINA - Perdão! minha mãe! É impossível!

MARGARIDA - Lembra-te, minha filha, que é a tua desonra que tu mostras a todos!

CAROLINA - Que importa?... Minhas jóias!... Tão lindas!... Sem elas o que serei eu? Uma pobre moça que excitará um sorriso de piedade!... Não! Nasci com este destino! É escusado.

LUÍS (*a MARGARIDA*) - Foi irritá-la!...

MARGARIDA (*a CAROLINA*) - Escuta! Não exijo nada! Não quero saber de coisa alguma! Faze o que quiseres; mas deixa-me acompanhar-te; deixa-me viver contigo: eu partilharei até mesmo a tua vergonha.

CAROLINA - Nunca! minha mãe! Seria profanar o único objeto que eu ainda respeito neste mundo. Adeus...

MARGARIDA - Carolina...

CAROLINA - Adeus... e para sempre!

MARGARIDA - Ah!... (*Desmaia*)

LUÍS - Assim, depois de ter desconhecido o pai, e abandonado a filha, repele a mãe!

CAROLINA - Como há pouco me repeliram.

### **ATO TERCEIRO**

Em casa de CAROLINA. Sala rica e elegante.

### **CENA PRIMEIRA**

CAROLINA, HELENA, MENES e ARAÚJO

CAROLINA - Diga alguma coisa, Sr. Araújo.

ARAÚJO - Prefiro ouvir.

CAROLINA - Como está seu amigo?

ARAÚJO - Bem, obrigado.

CAROLINA - Por que ele não veio?

ARAÚJO - Deve saber a razão.

CAROLINA - Ele foge de mim; não é verdade?

ARAÚJO - Creio que foi a senhora que fugiu dele.

MENESES - Que é feito do Pinheiro?

CAROLINA - Não sei.

HELENA - Anda por aí. Depois que deitou fora a fortuna do pai vive tão murcho!

MENESES - Está pobre!

HELENA - Não tem vintém.

CAROLINA - Era um desperdiçado!

ARAÚJO - Ninguém pode melhor dizê-lo do que a senhora.

CAROLINA - Explique-se.

ARAÚJO - Este luxo explicará melhor. Quem lho deu?

CAROLINA (*subindo*) - Não me recordo.

HELENA (*na janela, a CAROLINA*) - Não passeias hoje? A tarde está tão linda!

CAROLINA - Talvez.

ARAÚJO - Vou-me embora.

MENESES - Tão depressa?... Para isso não valia a pena incomodar-nos.

ARAÚJO - É verdade! Mas convidei-te para esta visita, só por um motivo.

MENESES - Qual?

ARAÚJO - Luís pediu-me que soubesse notícias dela. Vim buscá-las eu mesmo, para dá-las exatas.

MENESES - Pois então demora-te: talvez ainda tenhas que ver.

HELENA - Olha! Lá vai aquela sujeita!

CAROLINA - Quem?

HELENA - A mulher do Fernando, a quem pregaste aquela peça!

CAROLINA - Lembro-me.

HELENA - Que bem feita coisa!

MENESES - O quê?

HELENA - É uma história muito engraçada. O senhor não sabe?

MENESES - Não. Conta, Carolina

CAROLINA - Não estou para isso. Se queres conta tu, Helena.

ARAÚJO - É melhor.

HELENA - Foi no último dia de grande gala que houve...

ARAÚJO - O dia 7 de setembro.

HELENA - Isso mesmo. O Fernando por pedido da mulher veio à cidade de propósito para comprar um bilhete de camarote do Teatro Lírico. Os cambistas lhe fizeram dar cem mil-réis por um da segunda ordem... Numero?...

CAROLINA - Não me lembro.

HELENA - Como era tarde, jantou na cidade e escreveu à mulher dizendo que se aprontasse porque tinham o camarote. Na ida passou por aqui e entrou. Começamos a conversar, falou-se de teatro; Carolina estava morrendo por ir... Enfim, para encurtar razões, deu-lhe o bilhete.

ARAÚJO - Que tratante.

HELENA - Ao contrário, um homem delicado!... Mas o melhor, é que saindo daqui, não sabendo que desculpa havia de dar à mulher, não foi à casa, nem lembrou-se da carta que tinha escrito. Ora, a sujeita vendo que ele não ia, meteu-se no carro e largou-se para o teatro.

ARAÚJO - Adivinho pouco mais ou menos o resto.

HELENA - Não adivinha, não! Quando o bilheteiro ia abrindo a porta, chegou Carolina que ia comigo, e disse: - Este camarote é meu. A mulher do Fernando respondeu: - Não é possível; meu marido o comprou hoje para mim. O que havia ela de replicar? - Foi seu marido mesmo quem mo deu; aqui está o bilhete, que por sinal custou-lhe cem mil-réis.

ARAÚJO - Ela disse isto?...

HELENA - Palavra de honra.

ARAÚJO - E que fez a mulher?

HELENA - Que havia de fazer? Retirou-se corrida.

MENESES - Retirou-se, sim; e sem dizer uma palavra: porque uma senhora não dá à amante de seu marido nem mesmo a honra de indignar-se contra ela. Quanto ao homem que praticou este ato infame, perdeu para sempre a estima de sua esposa e a dos homens de bem. Queira Deus que ele não veja um dia os seus cabelos brancos manchados por esse mesmo vício que alimentou.

CAROLINA - Está o Meneses como quer: deram-lhe tema para fazer discursos.

ARAÚJO - Mas diga-me uma coisa. A senhora pensa que a sociedade pode tolerar por muito tempo uma mulher que não respeita coisa alguma?

CAROLINA (*rindo*) - Aí vem o outro com a sociedade!

HELENA - É bem lembrada!

ARAÚJO - Olhem que eu não estou disposto a rir-me.

MENESES - Ri; é o melhor; não tomes isto a sério.

CAROLINA - Como quiserem; para mim é indiferente! Essa sociedade de que o senhor me fala, eu a desprezo.

ARAÚJO - Porque a repele!

CAROLINA - Porque vale menos do que aquelas que ela repele do seu seio. Nós, ao menos, não trazemos uma máscara; se amamos um homem, lhe pertencemos; se não amamos ninguém, e corremos atrás do prazer, não temos vergonha de o confessar. Entretanto as que se dizem honestas cobrem com o nome de seu marido e com o respeito do mundo os escândalos de sua vida. Muitas casam por dinheiro com o homem a quem não amam: e dão sua mão a

um, tendo dado a outro sua alma! E é isto o que chamam virtude? É essa sociedade que se julga com direito de desprezar aquelas que não iludem a ninguém, e não fingem sentimentos hipócritas?...

ARAÚJO - Têm o mérito da impudência!

CAROLINA - Temos o mérito da franqueza. Que importa que esses senhores que passam por sisudos e graves nos condenem e nos chamem perdidas?... O que são eles?... Uns profanam a sua inteligência, vendem a sua probidade, e fazem um mercado mais vil e mais infame do que o nosso, porque não tem nem o amor nem a necessidade por desculpa; porque calculam friamente. Outros são nossos cúmplices, e vão, com os lábios ainda úmidos dos nossos beijos, manchar a fronte casta de sua filha, e as carícias de sua esposa. Oh! Não falemos em sociedade, nem em virtude!... Todos valem o mesmo! Todos somos feitos de lama e amassados com o mesmo sangue e as mesmas lágrimas!

MENESES - Não te iludas, Carolina! Esse turbilhão que se agita nas grandes cidades; que enche o baile, o teatro, os espetáculos; só trata do seu prazer, ou do seu interesse; não é a sociedade. É o povo, é a praça pública. A verdadeira sociedade, da qual devemos aspirar à estima, é a união das famílias honestas. Aí se respeita a virtude e não se profana o sentimento; aí não se conhecem outros títulos que não sejam a amizade e a simpatia. Corteja-se na rua um indivíduo de honra duvidosa; tolera-se numa sala; mas fecha-se-lhe o interior da casa.

CAROLINA - Quanta palavra inútil!...

MENESES - Não são para ti, bem sei; mas saem-me sem querer e, felizmente, aqui está um amigo que me escuta com prazer.

ARAÚJO - Realmente precisava ouvir-te para não duvidar de mim, e de todos esses objetos que estou habituado a respeitar.

HELENA - Falemos de coisas mais alegres.

MENESES - Não lhe agrada a conversa neste tom? (*Batem palmas*)

HELENA - Não entendo disso; é bom para a Carolina que vive a ler.

MENESES - Ah! Lê romances naturalmente?

CAROLINA - Que lhe importa!

## CENA II

Os mesmos e PINHEIRO

HELENA (*na porta*) - Não lhe pode falar! Não teime!

CAROLINA - Quem é?

HELENA - O Pinheiro.

CAROLINA - Que vem ele fazer cá? Dize-lhe que não estou em casa.

ARAÚJO - Bate-lhe na cara com esta mesma porta que ele fechava outrora com a sua chave de ouro.

MENESES (*a ARAÚJO*) - Não te disse que ainda tinhas que ver?

PINHEIRO (*a HELENA*) - Deixa-me! Hei de falar a Carolina (*Entra*)

HELENA - Onde viu o senhor entrar assim na casa dos outros?

PINHEIRO - São os maus hábitos que ficam a quem já foi dono. Meus senhores!...

MENESES - Sr. Pinheiro! (*Estendendo-lhe a mão*)

PINHEIRO (*recusando, confuso*) - Tem passado... bem...

MENESES - Pode apertá-la; nunca a estendi aos favores do homem rico; ofereço-a ao homem pobre que sabe suportar dignamente a sua desgraça.

PINHEIRO (*apertando a mão*) - Se todos tivessem esta língua.....

ARAÚJO - Ela não teria merecimento, Sr. Pinheiro. PINHEIRO - Os senhores permitem que eu diga algumas palavras em particular à Carolina?

MENESES - Sem dúvida! Esperamos naquela saleta. Anda, Helena; vem divertir-nos contando os teus arrufos com o Vieirinha.

HELENA (*a CAROLINA*) - Não sofras maçada.

CAROLINA - Deixa.

### CENA III

PINHEIRO e CAROLINA

PINHEIRO - Vejo que a minha presença lhe aborrece, Carolina. Só um motivo forte me obrigaria a importuná-la.

CAROLINA - Previno-lhe que vou sair; portanto não se demore.

PINHEIRO - Houve tempo em que nesta mesma sala, neste mesmo lugar, a mesma voz se queixava quando eu não podia me demorar.

CAROLINA - Deixemos o passado em paz.

PINHEIRO - Não se recorda.

CAROLINA - As mulheres só começam a recordar depois dos quarenta anos; antes gozam.

PINHEIRO - Pois bem! Que esqueça o amor, compreendo; mas há certas coisas que lembram sempre.

CAROLINA - Não sei quais sejam.

PINHEIRO - Os benefícios.

CAROLINA - Deixam de ser quando se lançam. em rosto.

PINHEIRO - Não foi essa minha intenção, Carolina; desculpe. O meu espírito se azeda com estas reminiscências. Antes que a ofenda de novo, vou dizer o que lhe quero pedir.

CAROLINA - Ah! Vem pedir?

PINHEIRO - Admira-se!

CAROLINA - Como nunca pedi, estranho sempre que me pedem.

PINHEIRO - Talvez algum dia seja obrigada...

CAROLINA - Deixamos o passado para tratar do futuro? Pois olhe, se um pertence às mulheres velhas, o outro é o consolo das pobres meninas de dezoito anos, que vivem a sonhar.

PINHEIRO Deste modo não me deixa dizer...



CAROLINA - Quem lhe impede?

PINHEIRO - Suas palavras de sarcasmo.

CAROLINA - Estou hoje contrariada.

PINHEIRO - Por que motivo?

CAROLINA - Não sei.

PINHEIRO - É a minha presença?... Tem razão; estou lhe roubando o seu tempo; outrora podia comprá-lo; hoje estou pobre; gastei toda a minha fortuna. Não me queixo, nem a acuso. Sofreria resignado essa perda se ela fosse apenas uma perda de dinheiro, e não acarretasse a desgraça de outra pessoa.

CAROLINA - Que tenho eu com isto?

PINHEIRO - Deixe-me acabar. Vou confessar-lhe uma vergonha minha; mas é preciso: seja este o primeiro castigo. Escuso lembrar-lhe, Carolina, que ou por amor ou vaidade, procurei sempre adivinhar, para satisfazê-los, os seus menores desejos.

CAROLINA - Loucura! Não há nada que encha esse vácuo imenso que se chama o coração de uma mulher.

PINHEIRO - É exato, toda a minha fortuna se sumiu no abismo: restavam-me apenas cinco contos de réis, que não me pertenciam. Eram um legado que meu pai deixara como dote a uma menina órfã, sua afilhada. Esse dinheiro devia ser sagrado para mim por muitos motivos; devia respeitar nele a última vontade de meu pai e a propriedade alheia; entretanto, foi com ele que comprei aquela pulseira que lhe dei no último dia em que estive nesta casa.

CAROLINA - Ah! Aquela pedra só custou cinco contos?

PINHEIRO - Custou um roubo! A órfã me pede o seu dote para casar-se; e eu não o tenho para restituir-lhe.

CAROLINA - Então é impossível; não pense mais nisso.

PINHEIRO - Não é impossível se quiser, Carolina; faça um sacrifício, empreste-me essa jóia, e juro-lhe que com o meu trabalho lhe pagarei o valor dela.

CAROLINA (*rindo*) - Ah! Ah! Ah!... É interessante!... Sr. Meneses! Helena! Sr. ARAÚJO!... Ouçam esta! É original.

#### **CENA IV**

Os mesmos, MENESES, ARAÚJO e HELENA

HELENA - O que é?

MENESES - Alguma outra anedota?

CAROLINA - Uma lembrança muito engraçada.

ARAÚJO - Faço idéia!

CAROLINA - O senhor entendeu que devo agora fazer-me mascate de jóias.

MENESES - Não é má profissão.

CAROLINA - Adivinhem o que ele veio propor-me!

HELENA - Por que não explicas logo?

CAROLINA - Querem saber?

PINHEIRO - Eu poupo-lhe o trabalho; não tenho vergonha de confessar. ~ meus senhores, que tendo consumido com uma mulher a sua fortuna, perdeu a razão ao ponto de comprar-lhe o último presente com um depósito sagrado que lhe foi confiado. Ameaçado do opróbrio de uma condenação, esse homem veio pedir àquela a quem tinha sacrificado tudo, que o salvasse, emprestando-lhe essa jóia cujo valor ele jurava restituir-lhe com o seu trabalho. A resposta que teve foi a gargalhada que ouviram.

CAROLINA - Não tinha outra.

MENESES - Certamente.

ARAÚJO - Como, Meneses?

CAROLINA - Vê!

PINHEIRO - O senhor aprova?

MENESES - Não, senhor.

ARAÚJO - Mas, então?...

MENESES - Desgraçados dos homens de bem, Araújo, se o mundo não fosse assim; se o vício não tivesse em si esse principio de destruição que é o seu próprio corretivo. Estimo o Sr. Pinheiro desde que soube a maneira digna com que aceitou o seu infortúnio; mas esse infortúnio proveio de sua paixão louca por Carolina; ele não podia, não devia achar nela um sentimento de gratidão. É preciso que o despreze para o punir; é preciso que lhe negue para uma boa ação o dinheiro com que ele acabou de perdê-la. A avareza (*designa CAROLINA*) corrige a prodigalidade (*designa PINHEIRO*)

CAROLINA - Avareza! Não admito.

ARAÚJO - E que nome tem isto?

CAROLINA - Chame-lhe ingratidão, chame-lhe o que quiser, mas avareza, não! Faço tanto caso do dinheiro como da moral que trazem certos sujeitos na algibeira, e da qual só usam quando lhes convém, como de um charuto, de um lenço, ou de uma caixa de rapé. E a prova é que essa jóia, dá-la-ia de esmola a qualquer miserável, se não estivesse convencida que ele amanhã nem me tiraria o chapéu!

PINHEIRO - Quando eu passo à noite pela Travessa de São Francisco de Paula, ouço vozes humildes que suplicam, e que já falaram mais alto do que a sua, Carolina.

CAROLINA - Que tem isto? Se algum dia ouvir a minha, não a escute, como eu hoje não quero escutar a sua.

PINHEIRO - Nem todos possuem o seu coração.

CAROLINA - Isso é verdade!

ARAÚJO - E o seu amor...

## **CENA V**

CAROLINA, MENESES, HELENA e ARAÚJO

CAROLINA - Amor?...

ARAÚJO - Amor ao dinheiro.

CAROLINA - Mas seriamente, os senhores não me compreendem. Nem sabem que para uma mulher não há ouro que valha o prazer de humilhar um homem.

MENESES - Tanto ódio nos tens?

CAROLINA - Muito!...

ARAÚJO - Contudo não posso crer que aquelas que durante toda a sua existência correm atrás do dinheiro, façam dele tão pouco caso.

CAROLINA - Pois creia; todas essas minhas jóias, todo esse luxo e riqueza, que me fascinaram, e que hoje possuo, não os estimo senão por uma razão.

ARAÚJO - Qual?

CAROLINA - Talvez possam realizar um sonho da minha vida.

ARAÚJO - E que sonho é esse?

CAROLINA - Não digo.

ARAÚJO - Por quê?

CAROLINA - Vai zombar de mim.

ARAÚJO - Não tenha receio.

MENESES - Para zombar começaríamos tarde!

CAROLINA - E que zombem, não faz mal. Toda a criatura boa tem o seu fraco; assim toda a mulher, por mais desgraçada que seja, conserva sempre um cantinho puro onde se esconde a sua alma.

MENESES - Estás bem certa que tens uma alma, Carolina?

CAROLINA - Talvez me engane; é possível. Mas eu guardo-a com tanto cuidado!

ARAÚJO - Aonde, em alguma caixinha?

CAROLINA - Justamente! Numa caixinha de charão... Vai ver, Helena; está no meu guarda-vestidos. *(Dá-lhe as chaves)*

MENESES - E debaixo de chave!... És prudente! CAROLINA - No meio de todas as minhas extravagâncias, de todos os meus prazeres, eu sentia uma pequena parte de mim mesma que nunca ficava satisfeita; chamei a isto minha alma, tive pena dela, fechei-a dentro dessa caixa, e disse-lhe que esperasse até um dia em que seria feliz (*HELENA volta com a caixa*);

ARAÚJO - Ah! É esta?

MENESES - E de que maneira pretendes dar-lhe a felicidade?

CAROLINA - Não sei: mas como o dinheiro é tudo, fiz uma coisa; dividi o que eu tinha e o que viesse a ter com a minha alma. Voltava de uma ceia onde tinha me divertido muito; metia dentro desta caixa todo o dinheiro que possuía, para que o espírito tivesse um igual divertimento. As minhas jóias, depois de usadas uma vez, se escondiam aqui dentro; enfim a cada prazer que eu gozava, correspondia uma esperança que guardava.

MENESES (*apontando para a caixa*) - E quanto valerá hoje a tua alma?

CAROLINA - Não sei; o que entra aqui dentro é sagrado, não lhe toco, nem lhe olho; tenho medo da tentação. Só abro esta caixa à noite, quando me deito.

MENESES - Pois deixa dar-te um conselho; põe a tua alma a juro no banco, e esquece-te dela. Há de servir-te na velhice. Ou então diverte-te!...

CAROLINA - Não; vou dá-la.

ARAÚJO - A quem?

CAROLINA - A um homem que não me ama; e por causa do qual jurei que havia de ver todos os homens a meus pés, para vingar-me neles do desprezo de um. E sabem se cumpri meu juramento!...

MENESES - E talvez isto, Carolina, que faz de tua vida um fenómeno, que eu estudo com toda a curiosidade. Tu és um desses flagelos, não faças caso da palavra... um desses flagelos que a Providência às vezes lança sobre a humanidade para puni-la dos seus erros. Começaste punindo teus pais que te instruíram e te prendaram, mas não se lembraram da tua educação moral; leste muito romance mas nunca leste o teu coração. Puniste depois o Ribeiro que te seduziu, e o Pinheiro que te acabou de perder; ao primeiro que te roubou à tua família, deixaste uma filha sem mãe; ao segundo, que te enriqueceu, empobreceste. Só me resta ver como te castigarás a ti mesma; se não me engano, tu acabas de revelar-me. Espero pelo tempo. Vamos, Araújo.

CAROLINA - O senhor veio fazer-me ficar triste.

ARAÚJO - Virá depois de nós quem a alegre.

CAROLINA - Escute!... Não!...

ARAÚJO - Arrependeu-se?

CAROLINA - Como está Luís?

ARAÚJO - Não sei.

CAROLINA - Não o tem visto?

ARAÚJO - Ainda ontem.

CAROLINA - Ele lhe fala às vezes em mim?

ARAÚJO - Nunca.

## **CENA VI**

CAROLINA e HELENA

CAROLINA - Nunca!...

HELENA - Estás falando só?

CAROLINA - Estava pensando em uma coisa... Ele não vira, Helena!

HELENA - Por que razão?

CAROLINA - Ainda perguntas?

HELENA - Não creias. Estou quase apostando que não tarda aí.

CAROLINA - Tu não conheces Luís.

HELENA - Ora é boa!! Conheço os homens, Carolina; para eles uma mulher é sempre urna mulher, sobretudo quando é bonita.

CAROLINA - Terá recebido a carta?

HELENA - O Vieirinha entregou-a em mão própria.

CAROLINA - O Vieirinha?... Não tinhas outra pessoa por quem mandar?...

HELENA - Que tem que fosse ele?..

CAROLINA - Nada: é que me aborrece esse homem. Desejo nem vê-lo...

HELENA - Tu bem sabes...

CAROLINA - Sei, mas não estou para suportá-lo. Entra na minha casa como se fosse dono dela; ontem fui achá-lo naquela sala a remexer na minha cômoda.

HELENA - E faltou-te alguma coisa?...

CAROLINA - Não; mas para que isso não torne a acontecer, previno-te que, se queres continuar a morar comigo, deves descartar-te dele.

HELENA - Não me animo a dizer-lhe...

CAROLINA - É um homem sem caráter!

HELENA - Gosto dele, Carolina!

CAROLINA - Tens um gosto bem extravagante!

HELENA - Confesso! Se tu soubesses o que tenho sofrido!...

CAROLINA - Porque queres.

HELENA - É verdade; mas não sei que poder tem sobre mim, que não posso resistir-lhe! Conheço que é um homem capaz de tudo; e, entretanto, Carolina, se ele vier pedir-me, como já tem feito muitas vezes, que venda um traste meu para desempenhar o seu relógio... Tu vais te rir?... Pois eu não lhe negarei!

CAROLINA - Não me rio, não, Helena; ao contrário, tive uma idéia bem triste.

HELENA - Que idéia?

CAROLINA - Será esse o fim da nossa vida? A mulher que perverte seu coração estará condenada a amar um dia algum homem ainda mais baixo do que ela?

HELENA - E quem nos pode amar senão esses, Carolina?

CAROLINA - Mas isso não é amor! *(Luís aparece na porta do fundo)*

## **CENA VII**

As mesmas e LUÍS

HELENA - Sr. Viana!

CAROLINA - Ah!...

LUÍS - Creio que entra-se aqui pagando!... *(Tira da carteira uma cédula que deita sobre o aparador)*

CAROLINA - Luís!...

LUÍS - Por este nome só me tratam os meus amigos e as pessoas que estimo.

CAROLINA - Não é preciso recorrer a estes meios para mostrar-me o seu desprezo; eu o sinto mesmo de longe e agora vejo-o mais no seu olhar do que nas suas palavras.

LUÍS - Que quer de mim?...

CAROLINA - Queria fazer-lhe um pedido; mas já não tenho coragem.

LUÍS - Então é inútil a minha presença aqui.

CAROLINA - Não! Espere! Farei um esforço; porém prometa-me ao menos uma coisa.

LUÍS - Não é preciso.

CAROLINA - É muito; prometa-me que por mais estranho que lhe pareça o que vou dizer-lhe, deixe-me falar; depois acuse-me e escarneça de mim: é o seu direito; não me queixarei.

LUÍS - A recomendação é escusada; três vezes procurei com as minhas palavras reparar um erro; mas afinal convenci-me que quando tino o ouro, não se ouve a voz da consciência. Pode falar.

CAROLINA - Sente-se. Fecha aquela porta, Helena, e deixa-nos.



## CENA VIII

LUÍS e CAROLINA

CAROLINA - Consinta que ao menos agora que ninguém nos ouve eu o chame Luís, como antigamente.

LUÍS - Para quê?

CAROLINA - Este nome me lembra uma intimidade, e me faz esquecer o ano que passou.

LUÍS - Para que esquecê-lo? É o mais feliz da sua vida!...

CAROLINA - Podia ter sido se alguém me tivesse amado; mas ele não quis, ou não julgou que uma moça perdida valesse a pena de uma afeição.

LUÍS - E valia?.

CAROLINA - Talvez, Luís... Sem o despeito dessa repulsa, talvez a filha não fosse surda ao grito de sua mãe e a mulher resistisse à fascinação que a atraía.

LUÍS - Ora!...

CAROLINA - Oh! Não me defendo. A culpa é minha: o mal estava aqui (*leva a mão à frente*). Tinha sede de prazer e precisava saciar-me; entretanto, creio que também havia alguma coisa aqui (*leva a mão ao coração*), porque depois das minhas loucuras sentia um remorso do que tinha feito; e me parecia que me afastava cada vez mais daquele de quem desejava aproximar-me. E, coisa singular! Era justamente este remorso que me irritava mais, que me lançava em algum novo escândalo, e me fazia olhar com um soberano desprezo para essa sociedade que me repeliu, e para todas essas mulheres virtuosas que ele podia amar.

LUÍS - Foi então para dizer-me isto... que...

CAROLINA - Foi para dizer-lhe que este amor louco me tem sempre acompanhado, que resistiu a tudo, e que hoje se ajoelha a seus pés!...

LUÍS - Carolina!

CAROLINA - Luís, não te peço que me ames, não; sou indigna, eu o sei! Mas eu te suplico, me deixa amar-te!...

LUÍS - Cale-se!

CAROLINA - Que lhe custa isso? Um homem não se mancha com a afeição de uma mulher, por mais desprezível que ela seja; e é sempre doce sentir que se está dando um pouco de felicidade a uma pobre criatura que o mundo condena.

LUÍS - Não sou rico!

CAROLINA - A mulher que ama não vende o seu coração: suplica que o aceitem!...

LUÍS - E o partilhem com os outros!...

CAROLINA - Não me compreende, Luís. Vê esta caixa? Aqui tenho as economias da minha dissipação; guardei-as para um dia poder gozar um momento dessa existência doce e tranqüila, que eu não conheço. Não sei em quanto importam; mas devem chegar para viver um ou dois anos na Tijuca ou em Petrópolis. Venha comigo! Consinta que o ame. Logo que o aborrecer, deixe-me. Assim ao menos quando começar para mim o desengano, quando de meus anos gastos na perdição só restar a velhice prematura, eu terei as recordações desses poucos dias de felicidade para encher o vácuo do passado.

LUÍS - Adeus, Carolina.

CAROLINA - Não me recuse!...

LUÍS - Eu lhe perdôo, porque ignora que isto que propõe é uma infâmia! Nunca amou, Carolina, senão compreenderia que ninguém se avilta a ponto de aceitar esses sobejos de amor, esses restos de um luxo pago por tantos outros. Seus primeiros amantes, a quem arruinou, diriam que eu vivia da sua miséria.

CAROLINA - Oh! não...

LUÍS - É inútil!

CAROLINA - Pois bem!... Antes de partir... porque sei que é a última vez que nos vemos... Luís... *(apresenta-lhe a frente timidamente)*

LUÍS - O quê?...

CAROLINA - A sua lembrança!...

LUÍS - Outros lábios a apagariam!

CAROLINA - Ah!...

### **CENA IX**

CAROLINA e HELENA

HELENA - Que foi?

CAROLINA - Nada!... Meneses tem razão!

HELENA - Em quê?...

CAROLINA - O melhor destino que eu posso dar à minha alma (*aponta para a caixa*) é gastá-la em uma ceia e beber à nossa saúde.

HELENA - Que dizes?

CAROLINA - Quero divertir-me...

HELENA - Fazes bem!

CAROLINA - Acende velas. (*VIEIRINHA entra e descobre a nota que LUÍS deixara*)

### **CENA X**

As mesmas e VIEIRINHA

VIEIRINHA - Oh! Como anda o dinheiro por aqui! É teu, Helena?

CAROLINA - Não, senhor, é meu. Faz favor.

VIEIRINHA - Emprста-me até amanhã.

CAROLINA - Nunca empresto, costume dar.

VIEIRINHA - Então melhor...

CAROLINA - Mas este não posso. Dar-lhe-ei outro.

VIEIRINHA - Olhe lá...

CAROLINA - Dou-lhe este mesmo. (*Toma o dinheiro e acende com ele o charuto*)

HELENA - Que vais fazer?

VIEIRINHA - Não consinto...

CAROLINA (*atirando a cinza do bilhete a VIEIRINHA*) - Aí tem: aprenda a fumar.

VIEIRINHA - Uma fumaça de cinqüenta mil-réis.

CAROLINA - Tome; veja que gosto tem!

VIEIRINHA - Apanha, Helena.

HELENA - Estão batendo.

VIEIRINHA - Pode entrar.

CAROLINA - Vai ver quem é, Helena.

VIEIRINHA - Se procurarem por mim, dize que não estou em casa.

CAROLINA - Não podem procurar pelo senhor aqui; e aproveito a ocasião para dizer-lhe que me faz um grande obséquio não aparecendo mais em minha casa.

VIEIRINHA - Por hoje fico ciente.

CAROLINA - Já disse o mesmo à Helena.

VIEIRINHA - Depois arranjaremos isto. Podes entrar, Ribeiro, senta-te.

## **CENA XI**

Os mesmos e RIBEIRO

RIBEIRO - Adeus, Carolina, como está?

CAROLINA - Boa, obrigada... E... ela?

RIBEIRO - Sua filha... Está muito linda... em seu nome que venho...

CAROLINA - Fazer o quê?

RIBEIRO - Não se assuste: é uma coisa muito simples. Lembra-se, Carolina, que há um ano, depois que nos separamos, apesar de não querer conservar nada do que lhe tinha dado, aceitou como lembrança de sua filha uma cruzinha de pérolas.

CAROLINA - Lembro-me. Por quê?

RIBEIRO - Ontem, por acaso, comprando algumas jóias, reconheci entre elas essa cruz. Pensei que talvez uma necessidade urgente a obrigasse a vendê-la; comprei-a e de novo lhe peço que a guarde em lembrança de sua filha.

CAROLINA - Parece-se; mas não é a mesma. (*Sai VIEIRINHA*)

RIBEIRO - Veja na chapa o seu nome.

CAROLINA - É verdade!... (*Assustada*) Mas como é possível!...

RIBEIRO - Nunca se desfez dela?

CAROLINA - Estava nesta caixa com todas as minhas jóias! Para tirá-la... (*Abre a caixinha rapidamente; tira de dentro as caixas vazias*) Tudo. Tiraram-me tudo! Meu dinheiro! Minhas jóias!...

HELENA - Foi ele (*Apontando para a porta*) Oh!... tenho toda a certeza.

RIBEIRO - O Vieirinha?...

HELENA - Sim; já me fez o mesmo, e ontem, Carolina achou-o remexendo na cômoda.

CAROLINA - Esqueceu uma!... Leva a esse miserável, teu amante, para que aproveite os restos do seu crime.

RIBEIRO - Era tudo quanto possuía, Carolina?

CAROLINA - Tudo!... E roubaram-me...

RIBEIRO - Então está pobre?...

CAROLINA - Pobre!... Oh!... Não!... Sou moça!...

## CENA II

Os mesmos, LUÍS e ARAÚJO

## **ATO QUARTO**

Em casa de CAROLINA; Sala pobre e miserável. É noite.

### **CENA PRIMEIRA**

HELENA e MENESES

HELENA - Quem é?

MENESES - Abre, Helena.

HELENA - Ah! Sr. Meneses!

MENESES - Que significa isto?

HELENA - Uma desgraça!

MENESES - Conta-me!... Recebi a tua carta: mas tu não aproveitas muito as lições do teu mestre de gramática; pouco entendi.

HELENA - O senhor nada sabia?

MENESES - Nada absolutamente. Voltando à tua casa disseram-me que se haviam mudado. Perguntei notícias ao Ribeiro, a quem encontrei há dias. Não me soube dizer.

HELENA - É que foi uma coisa tão repentina! Naquele mesmo dia em que o senhor lá esteve com o Araújo, fazem dois meses pouco mais ou menos, que Carolina descobriu que estava roubada.

MENESES - Ah! Aquela caixinha de charão...

HELENA - O Vieirinha com uma chave falsa abria e tirava as jóias que Carolina guardava, deixando as caixas vazias, para que ela não desconfiasse.

MENESES - Que miserável!

HELENA - Ela coitadinha, a princípio fingiu não se importar; mas depois veio-lhe uma febre... Esteve à morte. Com a moléstia gastamos o que tínhamos; vendemos tudo, e alugamos este cochicholo onde mal cabemos.

MENESES - Com efeito não parece habitação de gente.

HELENA - Que remédio?... Mas o pior é que não temos nem o que comer! Se ao menos ela já estivesse boa... Neste desespero lembrei-me de escrever àqueles que tínhamos conhecido em outros tempos, ao senhor, ao Araújo, ao Ribeiro, ao Viana... Escrevi até ao próprio Vieirinha!

MENESES - Depois do que ele fez?

HELENA - Talvez esteja arrependido, e restitua uma parte do que roubou.

MENESES - Duvido muito; mas fica descansada. Falarei aos outros. Entretanto deve ter necessidade de algum dinheiro... (*batem*)

HELENA - Há de ser algum deles!

MENESES - É natural.

LUÍS - Onde está Carolina?

HELENA - Dorme; não a acorde. E o único momento de alívio que tem.

LUÍS - Está muito doente?

HELENA - Agora vai um pouco melhor; mas ainda sofre bastante.

ARAÚJO (*a MENESES*) - Foi depois daquele dia que estivemos juntos em casa dela.

MENESES - É verdade.

ARAÚJO - Soubeste hoje.

MENESES - Porque Helena me escreveu!

LUÍS - Eu já sabia há dias; porém não me foi possível descobrir a casa.

HELENA - Uma rua tão esquisita!... Quando pensaria eu morar no Saco do Alferes!...

MENESES - Não se acaba por onde se começa, Helena.

LUÍS - Que é feito do homem que praticou esse roubo infame?

MENESES - Anda por aí muito satisfeito; vai casar-se.

HELENA - Que feliz mulher!...

ARAÚJO - E deixa-se que um indivíduo desses goze tranqüilamente do fruto do seu crime? Não havia meio de levá-lo à polícia?

HELENA - Com o vexame da doença de Carolina, nem me lembrei de semelhante coisa. Demais, que lucrávamos nós com isso? Faltavam as provas; e quem se prestaria a ir jurar a nosso favor contra um homem conhecido?...

ARAÚJO - Conhecido como um tratante!

HELENA - Mas sempre tem amigos; ninguém acreditaria. ARAÚJO - Não estou por isso.

MENESES - Helena tem razão, Araújo; ninguém lhe daria crédito, ninguém juraria a seu favor; e eu estimo bem que ela tenha consciência do quanto desceu, que a sociedade nem ouve as suas queixas.

HELENA - Não falemos nestas coisas agora, Sr. Meneses; já não têm volta.

ARAÚJO - O arrependimento nunca vem tarde.

HELENA - Por isso eu vou passando muito bem sem ele.

ARAÚJO - Que mulherzinha!...

MENESES - Quantas não existem assim.

### **CENA III**

Os mesmos e RIBEIRO

MENESES - Oh!... Ribeiro...

RIBEIRO - Também vieste?...

MENESES - O mesmo motivo nos trouxe a todos.



RIBEIRO - Ah! Mas não se incomodem; eu me encarrego do que for preciso.

LUÍS - Perdão, Sr. Ribeiro; aprecio a sua delicadeza; mas ela não me dispensa de cumprir o meu dever.

RIBEIRO - Creio que é a mim que pertence como pai de sua filha...

LUÍS - Não senhor: a obrigação de ampará-la é minha e ninguém me pode contestar. Sou seu parente: e represento aqui sua família.

MENESES - Não há dúvida, Sr. Viana; mas permita-me que lhe diga também que quando se trata de uma boa ação não reconheço em ninguém o direito de excluir-me dela. Sou pobre...

RIBEIRO - Não se trata de fortuna, Sr. Meneses: nem um de nós é rico.

ARAÚJO - Pois então façamos uma coisa: associemo-nos, e partilhemos todos o prazer de fazer o bem.

LUÍS - Não é necessário.

RIBEIRO - É ser egoísta, Sr. Viana.

LUÍS - Desculpe: se estivesse no meu lugar faria o mesmo.

RIBEIRO - Estão batendo.

HELENA - Vou ver.

MENESES - Pois advirto-lhe que não me sujeito.

LUÍS - Se o senhor tivesse prometido a uma mãe quase moribunda restituir-lhe sua filha, consentiria que outros o ajudassem a cumprir essa promessa?

MENESES - Por que não? Seria orgulho...

LUÍS - Talvez, Sr. Meneses; mas um orgulho legítimo. O que sofri por ela dá-me esse direito.

MENESES - Compreendo e respeito essa dor.

#### **CENA IV**

Os mesmos e VIEIRINHA

RIBEIRO - Que vem fazer aqui?

VIEIRINHA - O meu negócio não é com o senhor.

HELENA - É comigo.

VIEIRINHA - Justamente. Saiba que fez muito mal em escrever-me.

MENESES - Já eu o tinha dito.

VIEIRINHA - Ah! Está por aqui, Meneses?

MENESES - Peço-lhe que se esqueça do meu nome.

VIEIRINHA - Que quer isto dizer?

ARAÚJO - Quer dizer que há certos conhecimentos que desonram um homem honesto.

VIEIRINHA - Não entendo.

LUÍS - Eu lhe explico. Tenha a bondade de retirar-se.

VIEIRINHA - Depois de dizer algumas palavras a esta mulher.

HELENA - Já não sabe como me chamo!

RIBEIRO - De que te admiras? Já não tens dinheiro para dar-lhe.

HELENA - Que quer de mim? Vem restituir o que roubou?... Quanto ao que lhe dei não é necessário.

VIEIRINHA - Não quero que me escreva. Suas cartas podem comprometer-me; estou em vésperas de casar-me.

HELENA - Que tem isso?...

VIEIRINHA - Podem suspeitar que tenho relações com gente de tal qualidade.

HELENA - E o senhor envergonha-se?...

VIEIRINHA - Se lhe parece que é uma honra...

HELENA - Não se envergonha, porém, do que praticou; não se lembra que, por mais de um ano, foi sustentado por uma mulher da minha qualidade.

VIEIRINHA - Não dou peso ao que diz.

HELENA - E não deve dar mesmo: porque a mulher que chegou a amar um homem como o senhor é bem desprezível!... (*VIEIRINHA quer sair*)

## **CENA V**

Os mesmos e CAROLINA

HELENA - Pois não! Agora há de ouvir-me!

ARAÚJO (*a CAROLINA*) - Sente-se melhor?

CAROLINA - Pouco... Mas os senhores aqui... Luís... Sr. Ribeiro...

RIBEIRO - Incomoda-lhe a minha presença?

CAROLINA - Não!... Mas por que não a trouxe?

RIBEIRO - Nossa... Sua filha?...

CAROLINA - Tinha tanta vontade de vê-la!...

RIBEIRO - Espere!... Voltarei antes de uma hora com ela.

HELENA - Por que te levantaste, Carolina? Estás tão fraca!...

CAROLINA - Falavas tão alto!...

HELENA - E este sujeitinho... Tu o conheces bem!... Fez-me exasperar! Diz que se envergonha de conhecer-me... porque vai casar-se.

CAROLINA - Casar-se!... Ele!... Com quem, meu Deus?

MENESES - Com a filha de um homem de bem.

ARAÚJO - Que não o conhece certamente.

## CENA VI

CAROLINA, LUÍS, MENESES, ARAÚJO, HELENA e VIEIRINHA

HELENA - Hei de contar-lhe uma história. Ah! As minhas cartas o comprometem!... Veremos as suas.

VIEIRINHA - As minhas?...

HELENA - Os bilhetinhos que me escrevia pedindo-me que lhe valesse, que fosse desempenhar o seu relógio.

ARAÚJO - Serão um bom presente para o futuro sogro do senhor.

HELENA - Está dito; vou mandá-las amanhã! Tenho-as aqui.

VIEIRINHA - Helena!...

MENESES (*a ARAÚJO*) - Como lhe avivou a memória. Já sabe o nome.

VIEIRINHA Escuta!

HELENA - Não se comprometa, meu senhor!

CAROLINA - Vem cá, Helena.

HELENA - O que queres?

CAROLINA - Nunca te pedi nada. Dá-me estas cartas.

HELENA - Para quê?

CAROLINA - Dá-me!...

LUÍS - Que vai fazer?

CAROLINA - Vingar-me!... Aí tem!... Rasgue essas provas que o podem denunciar; case-se com a filha desse homem de bem; entre no seio de uma família honrada; adquira amigos!... É a minha vingança contra essa gente orgulhosa que se julga superior às fraquezas humanas.

LUÍS - Não fale assim, Carolina; a sociedade perdoa muitas vezes.

CAROLINA - Perdoa a um homem como este; recebe-o sem indagar do seu passado, sem perguntar-lhe o que foi; contanto que tenha dinheiro, ninguém se importa que a origem dessa riqueza seja um crime ou uma infâmia. Mas, para a pobre moça que cometeu uma falta, para o ente fraco que se deixou iludir, a sociedade é inexorável! Por que razão? Pois a mulher que se perde é mais culpada do que o homem que furta e rouba?

MENESES - Não, decerto!

CAROLINA - Entretanto, ele tem um lugar nessa sociedade, pode possuir família! E a nós, negam-nos até o direito de amar! A nossa afeição é uma injúria! Se alguma se arrependesse, se procurasse reabilitar-se, seria repelida; ninguém a animaria com uma palavra; ninguém lhe estenderia a mão... (*VIEIRINHA sai, deixando aberta a rótula*)

## CENA VII

CAROLINA, LUÍS, MENESES, ARAÚJO e HELENA

MENESES - Talvez seja uma injustiça, Carolina; mas não sabes a causa?... É o grande respeito, a espécie de culto, que o homem civilizado consagra à mulher. Entre os povos bárbaros ela é apenas escrava ou amante; o seu valor esta na sua beleza. Para nós, é a tríplice imagem da maternidade, do amor e da inocência. Estamos habituados a venerar nela a virtude na sua forma a mais perfeita. Por isso na mulher à menor falta mancha também o corpo, enquanto que no homem mancha apenas a alma. A alma purifica-se por que é espírito, o corpo não!... Eis por que o arrependimento apaga a nódoa do homem, e nunca a da mulher; eis por que a sociedade recebe o homem que se regenera, e repele sempre aquela que traz em sua pessoa os traços indeléveis do seu erro.

CAROLINA - É um triste privilégio!...

MENESES - Compensado pelo orgulho de haver inspirado ao homem as coisas mais sublimes que ele tem criado.

LUÍS - Penso diversamente, Sr. Meneses. Por mais injusto que seja o mundo, há sempre nele perdão e esquecimento para aqueles que se arrependem sinceramente: onde não o há é na consciência. Mas não se preocupe com isto agora, Carolina; vê que não lhe faltam amigos, e essa mão que deseja, aqui a tem!

CAROLINA - Deixa-me beijá-la?

LUÍS - Não se beija a mão de um irmão; aperta-se!

### **CENA VIII**

Os mesmos e PINHEIRO

HELENA - Quem é o senhor?

PINHEIRO - Um moço que veio no meu tálburi entrou aqui... Não posso esperar mais tempo; são nove horas.

HELENA - Como se chama?

PINHEIRO - Vieirinha.

HELENA - Ah! Já saiu! Pregou um calote!

ARAÚJO - Para não perder o costume.

MENESES - Helena não lhe deu os dez tostões!

PINHEIRO - Helena!... Os senhores! Aqui!... E ela! Carolina!...

CAROLINA - Quem me chama?

PINHEIRO - Ah!

HELENA - Sr. Pinheiro!...

PINHEIRO - Como está magra e pálida!... Oh!... Deus é justo!

LUÍS - Cale-se, senhor; se não respeita a fraqueza de uma mulher respeite ao menos o leito de uma enferma!

PINHEIRO - Não é minha intenção ofende-la; ao contrário... O acaso fez que o homem pobre, mas honrado, encontrasse diante das mesmas testemunhas, reduzida à miséria, a mulher que o arruinou, e que lhe respondeu com uma gargalhada quando ele pedia-lhe que o salvasse da vergonha. Esqueço tudo; e lembro-me que sou cristão. Dou a minha esmola!

CAROLINA - Toda a esmola não pedida é um insulto; e um homem nunca tem o direito de insultar uma mulher!

PINHEIRO - Recebeu-as quando eram de brilhantes!...

CAROLINA - Nunca recebi esmolas; recebia o salário da minha vergonha! Mas fique certo que não há dinheiro no mundo que a pague. Todos os senhores que estendem a uma mulher a mão cheia de ouro; que depois de lhe matarem a alma cobrem o seu corpo de jóias e de sedas para reanimar um cadáver, julgam-se muito generosos!... Não sabem que um dia essa mulher daria a sua vida para resgatar o bem perdido; e não o conseguiria!... Portanto não nos acusemos; o senhor perdeu a sua fortuna, eu perdi a minha felicidade; estamos quites. Se, hoje, sou uma mulher infame, não é o senhor, que concorreu para essa infâmia, que foi cúmplice dela, quem me pode condenar.

MENESES - Aproveite a lição, Sr. Pinheiro; e guarde a sua esmola. Quando tiver passado este primeiro momento de irritação há de reconhecer o que já lhe disse uma vez. Há criaturas neste mundo que se tornam instrumentos da vontade superior que governa o mundo. Não foi Carolina que o arruinou, que do moço rico fez um cocheiro de tálburi; foi, sim, a vaidade, a imprudência, e o desregramento das paixões, sob a forma de uma moça. Incline-se pois diante da Providência; e respeite na mulher desgraçada a vítima do mesmo erro, e o agente de uma punição justa.

PINHEIRO - Sempre respeitei a desgraça, Sr. Meneses; e ainda agora mesmo, se ela precisar de mim... Já não sou rico, mas economias de pobre ainda chegam para aliviar um sofrimento.

CAROLINA - Aceitei enquanto tinha que dar! Hoje, não vê?... Sou uma sombra! Só peço aquilo a que os mortos têm direito... Que respeitem as suas cinzas!

PINHEIRO - Eu me retiro, Carolina; desculpe se a ofendi.

CAROLINA - Não conservo o menor ressentimento contra aqueles que encontrei no meu caminho. Corríamos todos atrás do prazer; o acaso nos reuniu; o acaso separou-nos. Hoje que somos uns para os outros recordações vivas e bem tristes, devemos esquecer-nos mutuamente. Entre nós a estima, e mesmo a piedade seria uma irrisão.

PINHEIRO - Quer assim?... Pois seja! Adeus. (*Sai*)

## **CENA IX**

CAROLINA, LUÍS, MENESES, ARAÚJO e HELENA

MENESES - Eis um exemplo de coragem bem raro no Rio de Janeiro.

LUÍS - Qual?

MENESES - O desse moço. Outros em seu lugar, tendo perdido a sua fortuna, andariam por aí a incomodarem os amigos de seu pai, e os seus antigos conhecidos, para lhe arranjam emprego, que "não estivesse abaixo de sua posição".

ARAÚJO - Como eu conheço muitos. Não têm vintém, e entendem que se desonram em ser caixeiros.

LUÍS - É um prejuízo que já vai desaparecendo.

CAROLINA - Mas, Sr. Meneses...

MENESES - O que é, Carolina?

CAROLINA - Por que os senhores apareceram todos de repente?... Nem de propósito!...

MENESES - É verdade!...

CAROLINA - Como souberam a casa?

HELENA - Escrevi-lhes.

CAROLINA - Pedi-te tanto, Helena!

LUÍS - Não queria que viéssemos?

CAROLINA - Para que afligi-los!...

MENESES - Mais nos afligiríamos se soubéssemos que tinha sofrido privações por falta de amigos.

CAROLINA - Por isso não! Não preciso de nada.

ARAÚJO - Como!... Não pode ficar nesta casa. É tão úmida...

CAROLINA - Quem não tem melhor!

ARAÚJO - Para que estamos nós aqui?

CAROLINA - Não, Sr. Araújo!... Não aceito coisa alguma.



MENESES - Deixa-te de caprichos.

CAROLINA - Já não os posso ter! (*LUÍS e ARAÚJO conversam baixo*)

MENESES - Helena, há pouco, me revelou as tuas circunstâncias!... Ontem não teve com que comprar um frango para dar-te um caldo.

CAROLINA - Oh! Neste ponto é escusado, Sr. Meneses!... Não cedo.

MENESES - Nem eu!...

## **CENA X**

CAROLINA, HELENA, MENESES e LUÍS

LUÍS - Não a contrarie!!... Nada obteremos. Deixe-me com ela! Eu conseguirei persuadi-la.

MENESES - Com uma condição, porém.

LUÍS - Qual?

MENESES - Que me tratará nisso como um amigo.

LUÍS - Era minha intenção, e a prova... ARAÚJO foi buscar Margarida.

MENESES - A mãe de Carolina?

LUÍS - Sim; precisava de alguém que fosse à minha casa, e a fizesse preparar para recebê-la hoje mesmo; porque o essencial é tirá-la daqui. Contei com o senhor...

MENESES - E fez muito bem. Vou esperá-lo.

CAROLINA - Helena!

MENESES - Até logo, Carolina!

HELENA - Tu me chamaste?

CAROLINA (*à meia voz*) - Toma esta cruz!... É uma lembrança de minha filha! Sinto separar-me dela!... Mas é por pouco tempo.

HELENA - Não penses nisto!...

CAROLINA - Vê se dão alguma coisa por ela... e compra-me água de flor! Tenho uma sede!...

LUÍS - Vai sair?.

HELENA - Vou à botica; volto já!

## **CENA XI**

LUÍS e CAROLINA

LUÍS - Está sofrendo muito, Carolina?

CAROLINA - Muito!... Mas enquanto sinto a dor não penso... Não me lembro!...

LUÍS - Incomodam-lhe as recordações do passado?

CAROLINA - Envergonho-me do que sou, Luís! Creio que não há martírio como este a que me condenei. Agora é que entendo as palavras que me disse naquela noite.

LUÍS - Procure esquecer, Carolina.

CAROLINA - Não é possível. Seria preciso arrancar a alma deste corpo, e ainda assim ela se lembraria.

LUÍS - O tempo há de acalmar essa excitação.

CAROLINA - Duvido!... Se soubesse, Luís, que mistérios profundos encobre esta vida! Quem vê uma dessas mulheres, sempre alegre e risonha, vestida ricamente, zombando de todos e de tudo, não adivinha o que se passa dentro daquele coração, não sabe que miséria se esconde sob essa aparência dourada!... É o desprezo do mundo, começando pelo desprezo de si mesma! O vício a torna incapaz de qualquer afeição, até mesmo do egoísmo!...

LUÍS - Compreendo!...

CAROLINA - Mas o que não compreende, nem pode compreender, é a tortura que sofre essa mulher por causa de seu próprio erro. Para ela a beleza é tudo! É o luxo, é a estima, é a vaidade, é o sustento, é a existência enfim! Com que

susto lança ela os olhos para o espelho a todo o momento para interrogá-lo?... E com que ansiedade espera a resposta muda desse juiz implacável que pode dizer-lhe: "Tu já não és bonita!" A menor sombra, a palidez, o cansaço de uma noite de vigília, lhe parecem a velhice prematura que vem destruir as suas esperanças, e condená-la à miséria.

LUÍS - Com efeito deve ser cruel!

CAROLINA - E quando chega o dia em que a moléstia lhe rouba as cores, a formosura, a mocidade, e da moça bonita que todos admiravam faz uma múmia; quando vem a pobreza, e é preciso, para não morrer de fome... vender-se!... Oh!... É horrível!... Preferia, Luís, vender o meu sangue gota a gota!..

LUÍS - Sossegue, Carolina! esse horror que lhe causam as faltas que cometeu, é já o sinal do arrependimento; ele lhe dará a força para repelir essa existência.

CAROLINA - Se fosse possível!...

LUÍS - Como! Que diz?

CAROLINA - Por mais forte que seja a vontade, Luís, há ocasiões em que a necessidade a subjuga! Quem sofre privações não reflete, não pensa...

LUÍS - Então é isso que a aflige?.

CAROLINA - Como deve ser amargo o sustento ganho com tanta vergonha e tanta humilhação!...

LUÍS - Mas, Carolina... A minha presença devia tranqüilizá-la.

CAROLINA - Obrigada, Luís. Não posso... É um orgulho ridículo, bem o sei. Porém nunca aceitarei..

LUÍS - Nem de mim, Carolina?

CAROLINA - De meu primo, menos do que dos outros!...

LUÍS - Por que razão?

CAROLINA - Não se lembra?

LUÍS - De quê?... Não... Não me lembro!...

CAROLINA - Não lhe disse uma vez!... No meio dessa existência louca não perdi de todo a minha alma. Uma afeição a salvou. Supliquei-lhe um dia que a aceitasse. Depois que a suportasse apenas!... Recusou e eu lhe agradeço! Conservei puro e virgem este amor!... Não me obrigue a fazer dele um dever.

LUÍS - Pois bem, Carolina, não quer aceitar de mim, aceite de sua mãe.

CAROLINA - De minha mãe?

LUÍS - Não deseja vê-la?

CAROLINA - Queria pedir-lhe, mas não me animava.

LUÍS - Adivinhei o seu desejo.

CAROLINA - E me perdoará ela, Luís?

LUÍS - Já perdoou.

CAROLINA - Ah!... (*Recosta-se extenuada*)

## **CENA XII**

Os mesmos e HELENA

HELENA - Demorei-me, porque a botica é longe.

CAROLINA - Dá-ma; tenho uma sede!

HELENA - Estás com febre! Não tomes em água fria. Vou fazer-te um chá. Sim?

CAROLINA - Como quiseres... A cabeça arde-me!...

LUÍS - Veja se consegue dormir um pouco.

CAROLINA - Antes acordada! Se durmo tenho sonhos horríveis! Vejo meu pai como naquela noite! Minha mãe que chora... Dê-me a sua mão, Luís... Deite-a sobre minha cabeça... assim... Talvez me tire este fogo... (*Pausa*) A vela apagou-se?

LUÍS - Incomoda-lhe a falta de luz?...

CAROLINA - Tenho medo!... No escuro é que me aparecem as visões.

LUÍS - Espere um momento.

CAROLINA - Onde vai? Não me deixe!

LUÍS - Volto já; vou ver luz. Não quer?

CAROLINA - Sim!... Sim!...

LUÍS - Helena!

HELENA - Chamou-me?

LUÍS - Levou a vela?

HELENA - Para fazer o remédio.

LUÍS - Não tem outra?

HELENA - Esqueci-me comprar. Mas a venda é aqui junto; vou num momento.

LUÍS - Deixe estar; irei eu mesmo. Faça o que ela lhe pediu.

HELENA (*a CAROLINA*) - Não te agonies; já está quase pronto.

### **CENA XIII**

CAROLINA e ANTÔNIO

ANTÔNIO - Ó de casa! Menina!... Deixaste a porta aberta? Ah! Ah! Ah!

CAROLINA - Quem anda aí?

ANTÔNIO - Sou eu; onde estás?

CAROLINA - Mas quem é?

ANTÔNIO - Tu não me conheces, mas é o mesmo! Por que estás no escuro?

CAROLINA - Apagou-se a luz. Que me quer?

ANTÔNIO - Nada, menina. Vamos conversar!

CAROLINA - Deixe-me!... Helena!...

ANTÔNIO - Tens as mãos tão frias!...

CAROLINA - Estou doente!... Sinto arrepios!...

ANTÔNIO - Por que não tomas um golezinho? A aguardente aquece.

CAROLINA - A aguardente?...

ANTÔNIO - Sim; é o melhor remédio.

CAROLINA - Dizem que faz esquecer... É verdade?

ANTÔNIO - Se é!... Queres?

CAROLINA - Oh! Se houvesse alguma coisa que me matasse esta sede!...

#### **CENA XIV**

Os mesmos, LUÍS, MARGARIDA, ARAÚJO, HELENA, RIBEIRO e uma menina

ANTÔNIO - Há de matar!... Mas por que não te curas?

CAROLINA - Não vale a pena curar-me!

ANTÔNIO - Por que, menina?

CAROLINA - Já sou um cadáver! Pouco me resta de vida!...

ANTÔNIO - São cantigas!...

CAROLINA - Luís... Luís...

LUÍS - É tua filha! Antônio!

CAROLINA - Meu pai!...

MARGARIDA - Antônio!...

ANTÔNIO - Quem és tu?

MARGARIDA - Não conheces tua mulher?

ANTÔNIO - Ah!... Minha mulher e minha filha...

LUÍS - Cala-te!...

ANTÔNIO - Não me toques!... (A *RIBEIRO*) Também veio ver? Ria-se... ria-se... Não me roubou minha filha?... Eu queria roubar sua amante! Ah!... Ah!... Ah!...

## **EPILOGO**

Em casa de LUÍS. Sala simples, mas elegante.

## **CENA PRIMEIRA**

CAROLINA e MARGARIDA

CAROLINA - Luís ainda não voltou, minha mãe?

MARGARIDA - Não! Creio que anda muito ocupado.

CAROLINA - O que será?

MARGARIDA - Não sei. Não lhe perguntei.

CAROLINA - E todos os dias enquanto ele trabalha, não vou senti que eu lá entrasse um instante.

MARGARIDA - Para não interrompê-lo nos seus estudos. CAROLINA - E todos os dias enquanto ele trabalha, não vou arranjar-lhe os livros, endireitar-lhe os papéis e mudar as flores dos vasos?... Nem por isso o perturbo. Às vezes ele mesmo me chama, e conversamos tanto tempo!... Outras, apenas levanta a cabeça, me vê, sorri e continua a trabalhar.

MARGARIDA - Talvez hoje precisasse estar só... Porém mudaste o teu vestido escuro?... Fizeste bem! Assim ficas mais alegre.

CAROLINA - Nunca mais poderei ter alegria, minha mãe!. Por meu gosto não mudaria! Mas Luís pediu-me que me vestisse de branco.

MARGARIDA - Ah! foi ele...

CAROLINA - De manhã quando nos vimos chegou-se a mim muito sério e disse-me que desejava pedir-me um favor. Cuidei que era outra coisa... Não tive ânimo de recusar-lhe.

MARGARIDA - Já o habituaste a fazer-lhe todas as vontades!... E assim deve ser porque ele te estima como um verdadeiro irmão.

CAROLINA - Infelizmente não mereço essa estima.

MARGARIDA - Não digas isto, Carolina!

CAROLINA - De que serve negá-lo? Não é a verdade?

MARGARIDA - Não te importes com o que pensa o mundo; não é para ele que vives, e sim para a tua mãe, para aqueles que te amam. O teu mundo, o nosso, é esta casa.

CAROLINA - E nesta mesma casa não falta alguém?... O amor de minha mãe não me lembra que eu tenho um pai que não me quer ver, que foge de sua filha como de um objeto repulsivo?...

MARGARIDA - Isto te faz sofrer e a mim também! Mas consola-te. Luís me prometeu que havia de trazê-lo.

CAROLINA - E poderá ele cumprir essa promessa? MARGARIDA - Tenho esperança.

CAROLINA - Há mais de um ano que esperamos!... MARGARIDA - Por isso mesmo! O único motivo que ainda te separa de Antônio é a vergonha que ele tem...

CAROLINA - Vergonha?... De que, minha mãe?

MARGARIDA - Do que fez!... Bebia... tanto... Como tu viste.

CAROLINA - Então é só este motivo?...

MARGARIDA - Só. Podes acreditar. Não conserva a menor queixa de ti.

CAROLINA. - Perdoou tudo então!

MARGARIDA - Tudo!

CAROLINA - Oh! mas Deus não perdoou, porque a todo momento vejo...



MARGARIDA - O quê?

CAROLINA - Nada, minha mãe, nada!

MARGARIDA - Não chores!... Falemos de outra coisa... Luís já deve ter voltado. São cinco horas.

CAROLINA (*enxugando os olhos*) - Chorar não me entristece, minha mãe, ao contrário me consola.

## **CENA II**

As mesmas, LUÍS e MENESES

MARGARIDA (*a LUÍS*) - Chegaste enfim.

CAROLINA - Ah! LUÍS!

MARGARIDA - Sr. Meneses...

MENESES - Adeus, Margarida. (*A CAROLINA*) Hoje estás mais coradazinha!... Só falta o sorriso nos lábios.

CAROLINA - As lágrimas assentam-me melhor.

LUÍS - Por que choravas, Carolina?

MARGARIDA - Começou a lembrar-se...

LUÍS - Não te é possível então esquecer?

CAROLINA - E que servia que eu esquecesse? Os outros se lembram.

LUÍS - Como estás iludida, Carolina! O mundo é inconstante no seu ódio, como na sua simpatia. Não tem memória e esquece depressa aquilo que um momento o impressionou.

CAROLINA - Com os homens sucede assim! Com a mulher não: aquela que uma vez errou nunca mais se reabilita. Embora ela se arrependa; embora pague cada um dos seus momentos de desvario por anos de expiação e de martírio: embora, iluminada pelo sofrimento, ela compreenda toda a sublimidade da virtude, e aceite como gozo aquilo que para tantas é apenas um dever, um

sacrifício ou um costume!... Nada disto lhe vale! Se ela aparecer o mundo arrancará o véu que cobre o seu passado.

LUÍS - Quando o arrependimento não é sincero, porque então a sociedade é severa.

CAROLINA - Não tem direito de ser! Deve lembrar-se que é a verdadeira causa de alucinação de tantas moças pobres... Porque ao passo que atira a lama ao ente fraco que se deixou iludir, guarda um elogio e um cumprimento para o sedutor.

MENESES - É assim deve ser, Carolina.

### **CENA III**

CAROLINA, LUÍS e MENESES

CAROLINA - O senhor defende esta injustiça?

MENESES - Defendo a lei social, que, na minha opinião, deve ser respeitada até mesmo nos seus prejuízos. Como filósofo, posso condenar algumas aberrações da sociedade; como cidadão, curvo-me a elas e não discuto.

CAROLINA - Mas por que razão toda a falta recai unicamente sobre a parte mais fraca?

MENESES - Porque a virtude de uma senhora é um bem tão precioso, que quando ela o dá a um homem eleva-o, rebaixando-se.

CAROLINA - E a sociedade aproveita-se desse erro, aplaude o vencedor e encoraja-o para novas conquistas?

MENESES - Toda a virtude que não luta, não é virtude; é um hábito. Se não houvesse sedutores, a honestidade seria uma coisa sem merecimento! Crie-me, Carolina, o mundo é feito assim; deixemos falar os moralistas: eles podem dizer muita palavra bonita, mas não mudarão nem uma pedra desse edifício social que as maiores revoluções não têm podido abater.

CAROLINA - Ouves, Luís; tudo se defende, menos a falta de uma pobre mulher.

MENESES - Não há dúvida! Fiz uma das minhas. Este maldito Costume de escrever folhetins!... Mas desculpe; não me lembrei que a afligia.

CAROLINA - Já estou resignada! Não pertenço mais a este mundo!...

LUÍS - Hás de Voltar a ele. Eu te prometo!...

CAROLINA - Como, meu Deus!...

LUÍS - Não me acreditas?

CAROLINA - Desejava, mas não posso.

LUÍS - Espera!...

CAROLINA - Por que não me explicas?

LUÍS - Vai ter com Margarida; preciso conversar com Meneses.

CAROLINA - E depois?

LUÍS - Depois eu te chamarei.

CAROLINA (*a MENESES*) - Até logo?

LUÍS - Ele demora-se.

MENESES - Mas, de agora em diante, pode acusar a quem quiser!...

CAROLINA - Eu só acuso a mim mesma, Sr. Meneses.

#### **CENA IV**

LUÍS e MENESES

MENESES - Pobre moça!... Quem diria que depois daquele delírio do prazer viria uma tão nobre e tão santa resignação!

LUÍS - Isto prova, Meneses, que nem sempre o mundo tem razão; que estas faltas que ele condena encerram, às vezes, uma grande lição. As mais belas almas são as que saem do erro purificadas pela dor e fortalecidas pela luta.

MENESES - Concordo; para Deus assim é, para os homens não.

LUÍS - Para os homens também. Eu hoje respeito e admiro a virtude de Carolina!

MENESES - Não duvido; há virtudes que se respeitam e admiram, mas que não se podem amar.

LUÍS - Por que razão?

MENESES - Porque o amor é um exclusivista terrível; foi ele que inventou o monopólio e o privilégio. Já vês que este senhor não pode admitir a concorrência nem mesmo do passado.

LUÍS - Julgas então impossível amar-se uma mulher como Carolina?

MENESES - Concedo que ela excite um desejo ou um capricho, mas um verdadeiro amor, não.

LUÍS - O que dizes é verdade se o amor aspira à posse; mas se ele é apenas um gozo do espírito?

MENESES - Não creio na existência de semelhante sentimento.

LUÍS - Entretanto é assim que amo Carolina.

MENESES - Ainda?

LUÍS - Mais do que nunca.

MENESES - E que futuro tem semelhante amor?

LUÍS - É justamente sobre isso que desejo conversar contigo. Araújo não deve tardar; mandei-o chamar!

MENESES - Se não me engano ouço a sua voz.

LUÍS - É ele.

## **CENA V**

Os mesmos e ARAÚJO

ARAÚJO - Por que razão teu criado não me quis deixar entrar pelo teu gabinete?

LUÍS - Foi ordem que lhe dei.

ARAÚJO - Pois deves revogá-la... É maçada!...

LUÍS - É por hoje unicamente.

ARAÚJO (*a MENESES*) - Como vais?

MENESES - Já me está com uns ares de capitalista.

ARAÚJO - Infelizmente são ares apenas.

MENESES - A realidade não tarda: o mais difícil já conseguiste, estás estabelecido.

ARAÚJO - Por falar nisto, adivinha quem me apareceu hoje querendo que o tomasse para caixeiro do balcão.

MENESES - Quem?

ARAÚJO - O Vieirinha.

MENESES - Ah!...

LUÍS - Fala mais baixo; Carolina pode ouvir-te.

ARAÚJO - O engraçado, porem, é que depois do não redondo que lhe preguei na bochecha, a dois passos da porta foi recrutado.

MENESES - Não merecia essa honra. A missão de defender o seu país é muito nobre para ser confiada ao primeiro tratante que se agarra na rua.

ARAÚJO - Que te importa isso? O país não ganhará um soldado, porém ao menos ensinará um velhaco.

LUÍS - Não percamos tempo. Senta-te!

ARAÚJO É verdade! Para que me mandaste chamar?

LUÍS - Para comunicar-te, e a Meneses, uma resolução minha.

ARAÚJO - Que solenidade!

LUÍS - O objeto exige.

ARAÚJO - Pois então fala de uma vez.

LUÍS - Tu que me tens acompanhado desde o princípio da minha vida, sabes qual foi o meu primeiro amor. O que porém não sabes, é que apesar de tudo, apesar da vergonha e do escândalo, nunca deixei de amar Carolina. Combati essa paixão louca e extravagante; não pude extingui-la; consegui apenas dominá-la.

ARAÚJO - Mas hoje é ela que te domina.

LUÍS - Não, Araújo; Carolina nem suspeita! Habituei-me por tanto tempo a reprimir os meus sentimentos, que eles me obedecem facilmente. Não é pois o coração, é a razão que ditou a resolução que tomei.

ARAÚJO - Que resolução, Luís?

LUÍS - Vou casar-me com Carolina.

ARAÚJO - Como teu amigo, não consentirei que dês semelhante passo.

LUÍS - Por quê? Dois anos de expiação e de lágrimas remiram essa alma que se extraviou. À força de coragem e de sofrimento ela conquistou a virtude em troca da inocência perdida. O mundo já não tem o direito de a repelir: mas exigente como é, quer que o nome de um homem honesto cubra o passado.

ARAÚJO - E tu fazes o sacrifício?

LUÍS - Sem a menor hesitação. Tenho morto o coração; todo o amor que havia em minha alma dei-o a Carolina; a fatalidade quis que ele se consumisse em desengano: era o meu destino. Que posso eu fazer agora de uma vida gasta e sem esperança? Não é melhor aproveitá-la para dar a felicidade a uma criatura desgraçada, do que condená-la à esterilidade? Que dizes, Meneses?

MENESES - Digo que terás de sustentar contra o mundo um combate em que muitas vezes sentirás a tua razão vacilar. A sociedade abrirá as portas à tua mulher: mas quando se erguer a ponta do véu, hás de ver o sorriso de escárnio e o gesto de desprezo, que a acompanharão sempre. Toda a virtude de Carolina, toda a honestidade de tua vida, não farão calar a injúria e a maledicência. Tens bastante força e bastante coragem para aceitar esse duelo terrível de um homem só contra uma sociedade inteira?

LUÍS - Tenho!

MENESES - Então, faz o que te inspira o amor; é um nobre mas inútil sacrifício.

ARAÚJO - Carolina já sabe da tua resolução?

LUÍS - Não; e só deve saber no momento. Conheço-a e temo uma recusa! Por isso dispus tudo em segredo; ali está preparado um altar...

ARAÚJO - Para hoje?

LUÍS - Sim; é preciso não deixar um instante à reflexão.

MENESES - Pensas bem!

ARAÚJO - Contudo essa precipitação...

LUÍS - A vida não é tão longa que valha a pena gastá-la em calcular o que se deve fazer.

ARAÚJO - Na minha opinião nunca é tarde para fazer uma loucura.

MENESES - Vamos conversar com Carolina. O Sr. Ribeiro e Luís naturalmente desejam ficar sós.

## **CENA VI**

LUÍS, RIBEIRO e uma menina

RIBEIRO -- Custou-me a cumprir minha promessa.

LUÍS - É sempre triste separar-se um pai de sua filha.

RIBEIRO - Oh! Não faz idéia... Mas virei abraçá-la todos os dias.

LUÍS - Perdão, Sr. Ribeiro! De hoje em diante esta menina deixa de ser sua filha!

RIBEIRO - Que diz, senhor!... Podia eu consentir em semelhante coisa?

LUÍS - Falta à sua palavra?

RIBEIRO - Entendi mal. Julguei que me pedia deixasse minha filha em companhia de sua mãe, podendo vê-la quando quisesse.

LUÍS - O senhor ignora que amanhã Carolina terá um marido. A sociedade exige que esse marido seja reputado o pai de sua filha.

RIBEIRO - Um marido!... Quem?...

LUÍS - Eu, senhor!

RIBEIRO - Ah!

LUÍS - É com este título que reclamo o cumprimento da promessa que ontem me fez.

RIBEIRO - Um pai não pode deixar que sua filha passe como filha de um estranho.

LUÍS - Então esse pai deve legitimar o seu direito.

RIBEIRO - Que quer dizer?

LUÍS - Quero dizer que em vez do meu, Carolina pode ter o seu nome.

RIBEIRO - Nunca!

LUÍS - Neste caso é uma crueldade recusar a filha à mãe a quem se roubou a honra. Lembre-se, Sr. Ribeiro, que essa moça, de cuja desgraça o senhor foi a primeira causa, só pode ter uma felicidade neste mundo: a maternidade; enquanto que o senhor daqui a alguns dias amará uma mulher, terá uma família e gozará das afeições puras que Carolina perdeu para sempre.

RIBEIRO - Ela fará o mesmo. Não vai casar-se?

LUÍS - O senhor não me compreendeu bem. Dou à Carolina o meu nome; não exijo dela um amor impossível.

RIBEIRO - Sou pai, senhor!

LUÍS - E ela é mãe. Entre os dois, quem terá mais direito a esta menina? O senhor, para quem ela representa uma afeição que pode ser substituída; ou Carolina, para quem ela é a existência inteira?

RIBEIRO - Não exija uma coisa contra a natureza.

LUÍS - Exijo uma reparação que um homem honesto não pode recusar.

RIBEIRO - Essa reparação ofereci-a outrora.

LUÍS - Isto não o desobriga; todas as faltas que ela cometeu eram conseqüências necessárias da primeira.



(CAROLINA entra precipitadamente e abraça a menina)

## CENA VII

Os mesmos, CAROLINA e MARGARIDA

CAROLINA - Minha filha!... Como está bonita!... Tu conheces tua mãe?... Abraça-me!

LUÍS - Tem ânimo de separá-las?

RIBEIRO - Custa-me!... É verdade!

LUÍS - Não lhe digo nada mais, Sr. Ribeiro. Ali está uma mulher que o senhor fez desgraçada; hoje que ela vai reabilitar-se, consulte a sua consciência, e proceda como entender. Se julga que depois de a ter seduzido deve ser um obstáculo à sua regeneração, arranque-lhe a filha dos braços e complete a sua obra.

RIBEIRO - Se soubesse como amo esta menina!

LUÍS - Não mostra!

RIBEIRO - Que diz, senhor!

LUÍS - Se a amasse verdadeiramente não hesitaria em fazer-lhe esse sacrifício. Que responderá o senhor um dia à sua filha quando ela lhe perguntar por sua mãe?...

RIBEIRO - Basta, senhor!

CAROLINA (*assustada*) - Quer levá-la outra vez?

RIBEIRO - Quero dizer-lhe adeus.

CAROLINA - Ah!...

MARGARIDA (*baixo a LUÍS*) - Antônio está aí.

LUÍS - Mande que espere um momento. (*Sai MARGARIDA com a menina*)

## CENA VIII

LUÍS e CAROLINA

LUÍS - Estás satisfeita, Carolina?

CAROLINA - Tanto quanto me é possível!

LUÍS - Ainda te falta alguma coisa, não é verdade?

CAROLINA - Falta-me o que nunca mais poderei obter!

LUÍS - Por quê? Não te prometi há pouco?

CAROLINA - Sim: mas essa promessa não se realizará.

LUÍS - Depende de uma palavra tua.

CAROLINA - Como?...

LUÍS - Consentes em ser minha mulher?

CAROLINA - Luís!...

LUÍS - Responde!

CAROLINA - Não!

LUÍS - Recusas, Carolina?.

CAROLINA - Eu te amo, Luís! Deus sabe que poder tem este amor em minha alma; Deus sabe que para partilhá-lo contigo, para ser amada por ti, eu daria, talvez não creias, eu daria o amor de minha filha! Porém nada neste mundo me faria sacrificar a tua felicidade!

LUÍS - Como te enganas! Não é um sacrifício.

CAROLINA - Queres dar-me à custa de tua honra, um título de que eu me tornei indigna. Não devo aceitá-lo.

LUÍS - Mas eu também te amo!...

CAROLINA - Tu?... Tu me amas... Luís?... Não acredito!...

LUÍS - Deves acreditar.

CAROLINA - Não! Não é possível! Depois do meu crime, Deus não podia dar-me tanta ventura! Que reservaria Ele para a virtude?

LUÍS - Deus já te perdoou, Carolina. Vê!

CAROLINA - Um altar?

LUÍS - Que nos espera.

CAROLINA - Luís, pelo que há de mais sagrado, responde-me: este casamento é necessário para a tua felicidade?

LUÍS - Eu te juro!...

CAROLINA - Então... Cumpra-se a tua vontade!

## **CENA IX**

ANTÔNIO

*(Cena muda. Toca a música durante o tempo em que celebra o casamento. Pouco depois de esvaziar-se a cena, ANTÔNIO, quebrado pelos anos e encanecido, entra; olha com uma admiração profunda o que se passa na sala imediata. Ajoelha e reza)*

## **CENA X**

ANTÔNIO, LUÍS e CAROLINA

ANTÔNIO - Ah!...

LUÍS - Antônio, eu te restituo a filha que perdeste.

CAROLINA - Meu pai!...

ANTÔNIO - Carolina!...

LUÍS - Bênção tua filha!

ANTÔNIO - Depois que ela me perdoar!

CAROLINA - Sou eu que preciso de perdão!... Meu pai!... (*Abraçam-se*)

LUÍS - Agora, Antônio, entra naquela sala; deixa-me dizer duas palavras à minha mulher.

## CENA XI

LUÍS e CAROLINA

CAROLINA - Tua mulher!... Ainda não creio, Luís! Perdoada por meu pai, estimada por ti!... Gozar ainda esse prazer supremo de ocupar a tua alma, de viver para a tua felicidade!... Nunca pedi tanto a Deus!... Dize!... Dize, dize que me amas, para que não me arrependa de ter aceitado este sacrifício!...

LUÍS - Amo-te, Carolina.

CAROLINA - Mas se não puderes esquecer... Se a lembrança do passado surgir como um espectro... Não me acuses, Luís!... Foste tu que o exigiste!

LUÍS - Não tenhas esse receio, Carolina. Tu és minha mulher perante o mundo. Perante Deus...

CAROLINA - O que sou?

LUÍS - És minha irmã.

CAROLINA - Tens razão! O nosso amor é impossível.

LUÍS - É puro e santo!.. Há de ser feliz!

CAROLINA - Já não existe felicidade para mim!...

LUÍS - Existe, Carolina. Existe ao pé de um berço. Sê mãe!..

CAROLINA - Minha filha!... Sim... Viverei para ela... (*A cena enche-se*)

LUÍS - E agora... Conheces estas fitas?.

CAROLINA - Ainda as conservas!...

LUÍS - São o emblema de tua vida e a história da minha. São as asas de um anjo que as perdeu outrora, e a quem Deus as restitui neste momento.

CAROLINA - Ah!...

**FIM**

# MÃE

## Drama em Quatro Atos

À MINHA MÃE  
E MINHA SENHORA  
D. ANA J. DE ALENCAR

Mãe,

*Em todos os meus livros há uma página que me foi inspirada por ti. É aquela em que fala esse amor sublime que se reparte sem dividir-se e remoça quando todas as afeições caducam.*

*Desta vez não foi uma página, mas o livro todo.*

*Escrevi-o com o pensamento em ti, cheio de tua imagem, bebendo em tua alma perfumes que nos vêm do céu pelos lábios maternos. Se, pois, encontrares aí uma dessas palavras que dizendo nada exprimem tanto, deves sorrir-te; porque foste tu, sem o querer e sem o saber quem me ensinou a compreender essa linguagem.*

*Acharás neste livro uma história simples; simples quanto pode ser.*

*É um coração de mãe como o teu. A diferença está em que a Providência o colocou o mais baixo que era possível na escala social, para que o amor estreme e a abnegação sublime o elevassem tão alto, que ante ele se curvassem a virtude e a inteligência; isto é, quanto se apura de melhor na lia humana.*

*A outra que não a ti causaria reparo que eu fosse procurar a maternidade entre a ignorância e a rudeza do cativo, podendo encontrá-la nas salas trajando sedas. Mas sentes que se há diamante inalterável é o coração materno, que mais brilha quanto mais espessa é a treva. Rainha ou escrava, a mãe é sempre mãe.*

*Tu me deste a vida e a imaginação ardente que faz que eu me veja tantas vezes viver em ti, como vives em mim; embora mil circunstâncias tenham modificado a obra primitiva. Me deste o coração que o mundo não gastou, não; mas cerrou-o tanto e tão forte, que só, como agora, no silêncio da vigília, na solidão da noite, posso abri-lo e vazá-lo nestas páginas que te envio.*

*Recebe, pois, Mãe, do filho a quem deste tanto, esta pequena parcela da alma que bafejaste.*

J. DE ALENCAR

Rio de Janeiro, 1859

### **PERSONAGENS**

DR. LIMA

JORGE

GOMES

PEIXOTO

VICENTE

ELISA

JOANA

A cena é no Rio de Janeiro

A época 1855.

### **ATO PRIMEIRO**

Em casa de GOMES. Sala de visitas.

### **CENA PRIMEIRA**

ELISA e GOMES

GOMES - Já estás cosendo, minha filha?

ELISA - Acordei tão cedo... Não tinha que fazer.

GOMES - Por que me ocultas o teu generoso sacrifício? Cuidas que não adivinhei?

ELISA - O que, meu pai?... Que fiz eu?...

GOMES - São as tuas costuras que têm suprido esta semana as nossas despesas. Conheceste que eu não tinha dinheiro para os gastos da casa e não me pediste... trabalhaste!

ELISA - Não era a minha obrigação, meu pai?

GOMES - Oh! E preciso que isto tenha um termo!

ELISA - Também hoje é 3 do mês... Vm. receberá o seu ordenado.

GOMES - Meu ordenado?... Já o recebi.

ELISA - Ah! Precisou dele para pagar a casa?

GOMES - Depois que morreu tua mãe, Elisa, tenho sofrido muito. Além dessa perda irreparável, as despesas da moléstia me atrasaram de modo, que não sei quando poderei pagar as dívidas que pesam sobre mim.

ELISA - E são muitas?

GOMES - Nem eu sei... Já perdi a cabeça! Mas isto vai acabar... Não é possível viver assim.

ELISA - Que diz, meu pai!

GOMES - Perdoa, Elisa. Foi um grito de desespero... Às vezes, confesso-te, tenho medo de enlouquecer! Até logo.

## **CENA II**

ELISA e JOANA

JOANA - Bom dia, iaiá.

ELISA - Adeus, Joana.

JOANA - Iaiá está boa?

ELISA - Boa, obrigada.

JOANA - Sr. Gomes já foi para a repartição...

ELISA - Saiu agora mesmo.

JOANA - Encontrei ele na escada. Hoje não é dia de lição de nhonhô Jorge?

ELISA - Segunda-feira.... É, e ainda nem tive tempo de passar os olhos por ela.

JOANA - Então como há de ser?



ELISA - Estou acabando esta costura. Já vou estudar.

JOANA - Pois enquanto iaiá cose, eu vou arrumando a sala: pode vir gente.

ELISA - Mas, Joana... Teu senhor não há de gostar disto!

JOANA - De que, iaiá?

ELISA - Tu nos serves, como se fosses nossa escrava. Todas as manhãs vens arranjar-nos a casa. Varres tudo, espanas os trastes, lavas a louça e até cozinhas o nosso jantar.

JOANA - Ora, iaiá! que me custa a fazer isso?... Nhonhô sai muito cedinho, logo às 7 horas; eu endireito tudo lá por cima, num momento, porque também tem pouco que fazer; e depois venho ajudar a iaiá que se mata com tanto trabalho.

ELISA - E o Sr. Jorge sabe disto?

JOANA - Que tem que saiba?... Não é nada de mal!

ELISA - Muitos senhores não gostam que seus escravos sirvam a pessoas estranhas.

JOANA - Iaiá não é nenhuma pessoa estranha... Depois, Vm. não conhece meu nhonhô? Não sabe como ele é bom?...

ELISA - Oh! sei!... Há um ano que é nosso vizinho, e nesse pouco tempo quanto lhe devemos!

JOANA - Mas iaiá é uma moça bonita!... E eu que sou sua mulata velha... desde que nhonhô Jorge nasceu que o sirvo, e nunca brigou comigo! Se ele não sabe ralhar... Olhe, iaiá! Todas as festas me dá um vestido bonito... E não dá mais porque é pobre!

ELISA - Foste tu que o criaste?

JOANA - Foi, iaiá. Nunca mamou outro leite senão o meu...

ELISA - E por que ele não te chama - mamãe Joana?

JOANA - Mamãe!... Não diga isto, iaiá!

ELISA - De que te espantas? Uma coisa tão natural!

JOANA - Nhonhô não deve me chamar assim!... Eu sou escrava, e ele é meu senhor.

ELISA - Mas é teu filho de leite.

JOANA - Meu filho morreu!

ELISA - Ah! Agora compreendo!... Esse nome de mãe te lembra a perda que sofreste!... Perdoa, Joana.

JOANA - Não tem de que, iaiá. Mas Joana lhe pede... Se não quer ver ela triste, não fale mais nisto.

ELISA - Eu te prometo.

JOANA - Obrigada, iaiá. (*Pausa*)

ELISA - Devem ser perto de nove horas... O Sr. Jorge não tarda.

JOANA - É mesmo!... Ele que vem sempre à hora certa.

ELISA - Nem tenho vontade de estudar.

JOANA - Estão batendo.

### **CENA III**

ELISA, JOANA e PEIXOTO

PEIXOTO - Viva, minha senhora! O Sr. Gomes?

ELISA - Há pouco saiu.

PEIXOTO - Já saiu! Tão cedo!... Ainda não são nove horas.

JOANA - Meu senhor, ele teve que fazer.

PEIXOTO - Nem de propósito! Sempre que o procuro, o Sr. Gomes não está em casa.

ELISA - O senhor não quer sentar-se?

PEIXOTO - Obrigado; tenho pressa.

ELISA - Por que não o procura na repartição?

PEIXOTO - Não estou para isso. Queria dizer-lhe que o Peixoto aqui veio e voltará dentro de meia hora.

ELISA - Sim, senhor.

PEIXOTO - Sem mais!

#### **CENA IV**

JOANA e ELISA

JOANA - Cruzes!... Que homem grosseiro, minha Virgem Santíssima!... Um senhor assim era um purgatório.

ELISA - Coitado! A culpa não é dele!

JOANA - De quem é então?

ELISA - Dos pais, que não lhe souberam dar educação.

JOANA - Que bom coração tem iaiá!... Desculpa tudo.

ELISA - Para que me desculpem também os meus defeitos, Joana.

JOANA - É o que iaiá não tem. Oh! Joana sabe conhecer gente! E então iaiá que está mesmo mostrando o que é, nesse rostinho de prata!

ELISA - Deixa-te disso, Joana.

JOANA - Ah! se iaiá soubesse como eu lhe quero bem!...

ELISA - Assim te pudesse eu agradecer como desejava!

JOANA - Inda mais, iaiá?

ELISA - Estás brincando!... Nunca te dei nada.

JOANA - Então iaiá!... Cuida que é pouco ver meu nhonhô feliz?

ELISA - Joana!...

JOANA - Não se zangue, não, iaiá, com sua mulata velha.

ELISA - Para que falas dessas coisas? Não gosto.

JOANA - Está bom! Eu calo a boca. Então ele não merece?

ELISA - Merece muito mais; porém...

JOANA - Ora, iaiá!... Não disfarce!...

ELISA - Outra vez?

JOANA - Eu só peço uma coisa. Nosso Senhor não me mate sem que eu veja isso. Há de ser uma festa!..

ELISA - Queres que eu me agaste deveras, hein?

JOANA - Não, iaiá, não! Mas que noivo bonito, e a noiva, hi!... Feitinhos um para o outro!

ELISA - Eu te peço, Joana...

JOANA - Nesse dia... Olhe, iaiá! Hei de pôr meu cabeção novo, como as mulatinhas da Bahia... Que pensa! Não faça pouco na sua escrava, iaiá! Joana também já foi moça... sabia riçar o pixaim e bater com o tacão da chinelinha na calçada; só - taco, taco, tataco! Oh! hei de me lembrar do meu tempo... Se eu já estou chorando de contente!... E meu nhonhô como não há de ficar alegre!

ELISA - Não gosto destas graças, já te disse.

JOANA - Que mal faz? É uma coisa que há de acontecer.

ELISA - Estás bem livre!

JOANA - Se iaiá não pagasse a meu nhonhô todo o bem que lhe quer...

ELISA - Que farias?

JOANA - Eu, iaiá?... Nada! Que pode fazer uma escrava?... Mas iaiá era ingrata!

ELISA Pois serei.

JOANA - Iaiá jura?... Não é capaz!... Nem que esse coração não estivesse aí saltando!

ELISA - Se continuas... Vou-me embora! (*Batem*)

JOANA - Querem ver que é nhonhô!

ELISA - Bico!... Ouviste?

JOANA - Joana sabe guardar um segredo, iaiá.

## **CENA V**

As mesmas e JORGE

JORGE - Como passou, D. Elisa?... Ah! Joana está lhe fazendo companhia!

ELISA - Veio conversar comigo.

JORGE - Quando precise de mandar por ela fazer alguma coisa, não tenha acanhamento, D. Elisa.

ELISA - Já lhe sou tão obrigada, Sr. Jorge!

JOANA - Eu não lhe disse, iaiá?

JORGE - O quê?

JOANA - Não vê, nhonhô, que estes dias, desde que o escravo do Sr. Gomes foi doente para a Misericórdia, eu venho fazer algum serviço, pouco...

JORGE - Tu és sempre boa, Joana!

JOANA - Não digas isso, nhonhô!

JORGE - Digo, sim! - D. Elisa, creio que minha mãe, a quem não conheci, não me teria mais amor do que esta segunda mãe, que me criou.

JOANA - Hô gente, nhonhô! Isso são modos de tratar sua escrava.

ELISA - O Sr. tem razão, Sr. Jorge.

JOANA - Não tem! Não tem!

ELISA - Basta ouvi-la falar do senhor.

JORGE - Ah! Ela falou-lhe de mim?... Que disse?...

JOANA - Nada, nhonhô.

ELISA - Em outras palavras, o que o senhor acaba de repetir.

JOANA - Iaiá... Eu disse que queria bem a meu senhor, como uma escrava pode querer... só!

JORGE - Como uma escrava!... Sentes ser cativa, não é? JOANA - Eu!... Não, nhonhô! Joana é mais feliz em servir seu senhor, do que se estivesse forra.

JORGE - Bem sabes! Hoje é o dia de meus anos. Tenho um presente para ti.

JOANA - Nhonhô já me deu um este mês.

JORGE - Não faz mal. Pudesse eu dar-te quantos desejo. - Vamos à nossa lição, D. Elisa?

ELISA - Quando o senhor quiser.

JOANA - E eu vou cuidar da minha cozinha.

## **CENA VI**

JORGE e ELISA

JORGE - Acho-a triste hoje.

ELISA - É engano seu. Nunca fui alegre.

JORGE - Perdão! Quando a conheci, a senhora tinha mais vivacidade do que tem hoje. Também não se diverte, não passeia.

ELISA - Sou pouco amiga de passear.

JORGE - Mas é necessário ter uma distração.

ELISA - Tinha uma de que muito gostava.

JORGE - Qual?

ELISA - A música, mas...

JORGE - Mas também enfastia. Não é?

ELISA - A mim, nunca.

JORGE - Pois está em suas mãos cultivá-la.

ELISA - Se estivesse!...

JORGE - Não a compreendo.

ELISA - Escute, Sr. Jorge. Há dias que tenciono dizer-lhe... porém falta-me o ânimo.

JORGE - O quê?... Diga, D. Elisa.

ELISA - Não posso continuar com as lições.

JORGE - Ah!... Tem outro mestre?

ELISA - Não seja injusto! Que melhor mestre podia achar do que O senhor? Eu é que não quero mais estudar.

JORGE - Por que, minha senhora?

ELISA - Não lhe posso dizer.

JORGE - Desculpe, se cometi uma indiscrição.

ELISA - Nenhuma... E demais, é preciso que o senhor saiba... Meu pai não pode... pagar-lhe...

JORGE - A senhora me ofende, D. Elisa!... Exigi alguma coisa?

ELISA - Oh! não!... E é por isso que lho disse... Já lhe devemos seis meses.

JORGE - Não fale nisto! Nunca foi minha intenção receber paga de tão pequeno serviço. Ao contrário, tinha-me por feliz em poder prestá-lo.

ELISA - Mas eu é que não devo.

JORGE - Por que me recusaria isto? Assim, fique tranqüila. Continuaremos com as nossas lições.

ELISA - Como?... Não tenho piano.

JORGE - E este?

ELISA - Meu pai quer vendê-lo... Precisa...

JORGE - É só esse o motivo?... Eu lhe emprestarei o meu. Nunca toco.

ELISA - Ainda quando aceitasse, o que não devia, o seu delicado oferecimento, Sr. Jorge, era impossível continuar.

JORGE - Entendo D. Elisa. A senhora procura um pretexto para despedir-me; e eu estou torturando-a com a minha insistência.

ELISA - Sr. Jorge!...

JORGE - Desculpe. Se tivesse percebido, há muito que me teria retirado.

ELISA - Meu Deus! Não me obrigue a confessar-lhe tudo!

JORGE - Adeus, minha senhora!

ELISA - Mas, Sr. Jorge...

JORGE - Tenho a consciência de que nunca lhe faltei ao respeito que devia...

ELISA - Pois bem... O senhor quer. Eu preciso trabalhar!... Preciso ganhar para viver!

JORGE - A senhora, D. Elisa?

ELISA - Bem vê que não tenho nem tempo, nem vontade para estudar!

JORGE - Perdoe-me! Estava tão longe de suspeitar!

ELISA - Ainda supõe que seja um pretexto?

JORGE - Esqueça o que lhe disse.

ELISA - Só me lembro do que lhe devemos. (*Pausa*)



JORGE - Ouça-me, D. Elisa, e sirvam-me as suas lágrimas de testemunhas perante Deus. Há muito tempo que trabalho para conseguir um posição digna de lhe ser oferecida. Quer dar-me o direito de partilhar a sua sorte?... Responda-me! Eu lhe suplico!

ELISA - Não!... Não posso responder-lhe!... Nem aceitar. JORGE - Porque é pobre?... Também eu o sou! Seremos dois a lutar.

ELISA - Meu pai... lhe dirá... Eu não!

JORGE - Era minha intenção falar-lhe; mas antes quero o seu consentimento. Recusa-me?

ELISA - Não sei!

JORGE - Elisa!...

ELISA - Fale!...

JORGE - Obrigado, minha mulher!...

ELISA - Não me chame assim!

JORGE - Esse título me impõe o dever de fazer a sua felicidade, e me dá o direito de velar sobre a sua existência.

ELISA - Se meu pai não se opuser.

JORGE - Ainda quando ele se oponha, Elisa. Não contrariaremos a sua vontade, não esqueceremos os nossos deveres; mas a aliança pura de duas almas que se compreendem tem a sua religião.

ELISA - É meu pai!

JORGE - Vem a propósito.

ELISA - Mas não lhe fale agora, não.

## **CENA VII**

Os mesmos e GOMES

JORGE - Bom dia, Sr. Gomes!...

GOMES - Ah!... Como passou, Sr. Jorge?... Desculpe!... Não tinha visto. (*Senta-se distante*)

JORGE - Permite que continuemos?

GOMES - Pois não!

JORGE - (*a ELISA*) - Não quer dar a sua lição?

ELISA - (*a meia voz*) - Não posso cantar agora!... Não vê como estou toda trêmula!

JORGE - Pois toque um pouco.

GOMES (*sentindo a falta do relógio*) - Ah!... Que horas são?... Deixei o meu relógio a consertar.

JORGE - Nove e vinte.

GOMES - Já?... Não chega!... Que martírio!...

ELISA - Que tem, meu pai?

GOMES - Nada! Deixa-me! Estou aflito!... Espero uma resposta.

ELISA - Vm. está tão descorado!

GOMES - É o calor... O cansaço, talvez! Não te inquietes.

JORGE (*a Elisa*) - Seu pai está incomodado. Naturalmente deseja ficar só. Até logo.

ELISA - Sim! Até logo.

JORGE - Não se esqueça que me deu o direito de viver para a sua felicidade.

ELISA É coisa que se esqueça nunca?

JORGE - Se houver alguma novidade, mande-me chamar.

ELISA - Imediatamente.

JORGE - Sr. Gomes!...

GOMES - Já vai?

JORGE - Quando poderei falar-lhe hoje, que menos o incomode?

GOMES - À tarde... ou à noite.

JORGE - Eu passarei à noite. (*Volta*) Uma carta que acabam de entregar.

GOMES - Ah!...

### **CENA VIII**

GOMES e ELISA

GOMES (*lendo*) - "Sinto muito... porém... as minhas circunstâncias..." É o que todos respondem!... Infames! Não se lembram que se hoje lhes peço as migalhas, já lhes dei a abastança.

ELISA - Que diz essa carta que o agonia tanto, meu pai? GOMES - O que há de ser, minha filha?!... Mais um ingrato a quem estendo a mão e que me repele com o pé.

ELISA - Não lhes peça nada!... Olhe: o nosso trabalho bastará para vivermos! Guarde o seu ordenado para pagar casa e vestirmos. Eu não preciso de nada. Das minhas costuras tirarei o necessário para os gastos diários.

GOMES - Não te iludas, Elisa! Podes te matar, mas não farás impossíveis.

ELISA - Há de ver.

### **CENA IX**

Os mesmos e VICENTE

VICENTE - O Sr. Gomes, empregado público...

GOMES - Que deseja?

VICENTE - É V. Sa.?

GOMES - Um seu criado.

VICENTE - Então permita... Cito-o pela petição supra e seu despacho, do teor seguinte: - "Ilmo. Sr. Dr. Juiz Municipal da 3a Vara. Diz..."

GOMES - Peço-lhe que me dispense dessa formalidade.

VICENTE - Prescinde da leitura, neste caso?

GOMES - Sei de que se trata. É do meu senhorio?

VICENTE - Justamente! Mandado de despejo, dentro de 24 horas, por não pagamento de aluguéis.

ELISA - Meu Deus!

GOMES - Estou ciente, senhor.

ELISA - Mas então, meu pai?

GOMES - Tudo nos persegue, minha filha.

VICENTE - V. Sa. tem à mão papel e tinta para passar a contra-fé... senão dou um pulo à venda defronte.

ELISA - Aqui tem, senhor.

VICENTE - Qualquer pena serve.

ELISA - O senhor não poderá fazer alguma coisa a favor de meu pai?

VICENTE - Sou suspeito, Sra. Dona... Oficial do juízo!

ELISÁ - Então amanhã vêm deitar-nos fora de casa?

VICENTE - Qual!... O senhor seu pai não tem advogado? É pedir vista... embargos... agravo... Lá o doutor sabe bem disso! Tem chicana para um ano!

ELISA - Ouve, meu pai? - Ainda há remédio.

GOMES - Se eu tivesse dinheiro para pagar a advogados... Mas nesse caso pagaria antes ao meu credor, cuja dívida é justa.

VICENTE - É V. Sa. o primeiro réu que o confessa!

## CENA X

Os mesmos e PEIXOTO

PEIXOTO - Com licença!

GOMES - Quem é?

ELISA - Ah! É o senhor que há pouco o procurou, meu pai.

PEIXOTO - Finalmente achei-o em casa.

GOMES - Sr. Peixoto, não me nego a pessoa alguma.

PEIXOTO - Não digo o contrário mas é difícil de o encontrar.

VICENTE - V. Sa. paga a contra-fé?

ELISA - Quanto é?

GOMES - Não tenho com que pagar, senhor.

VICENTE - Bem. É só para declarar.

PEIXOTO - Hum!... Já lhe anda esta gente por casa... Mau sinal!

VICENTE - Viva, Sr. Peixoto! (A GOMES) Aqui tem!

GOMES - Não preciso deste papel.

VICENTE - Em todo o caso aí fica. As ordens! Queira desculpar!

PEIXOTO (*a meia voz*) - Que foi isso?

VICENTE (*idem*) - Despejo!

PEIXOTO - Mau!

GOMES - Elisa, vai para dentro. Deixa-me conversar com o senhor.

## CENA XI

GOMES e PEIXOTO

PEIXOTO - Sabe o que me traz aqui?

GOMES - Sim, senhor. Não lhe posso pagar.

PEIXOTO - Essa é boa! Por quê?

GOMES - Porque não tenho dinheiro.

PEIXOTO - Veremos.

GOMES - Enquanto conservei uma esperança, pedi-lhe que tivesse paciência. Hoje nada espero; nada peço.

PEIXOTO - Que fez do ordenado?

GOMES - Descontei-o seis meses adiantados para viver.

PEIXOTO - A sua mobília?

GOMES - Já não é minha. A pessoa que a comprou deixou-me alugada; e como não lhe tenho pago os aluguéis, vem buscá-la amanhã.

PEIXOTO - E os escravos que possuía?

GOMES - O último saiu desta casa sob o pretexto de ir para a Misericórdia, a fim de que minha filha ignorasse... Foi penhorado!

PEIXOTO - Mas há pouco, vi aqui uma mulata.

GOMES - Era talvez a escrava do meu vizinho do segundo andar.

PEIXOTO - Ah! É verdade. Conheço-a! Do Sr. Jorge?

GOMES - Sim, senhor.

PEIXOTO - Assim, nada lhe resta?

GOMES - Nada absolutamente! Estou na miséria!

PEIXOTO Pois não sei como há de ser. Não estou disposto a perder o meu dinheiro.

GOMES - Se eu pudesse vender-me para pagar-lhe, creia que não hesitaria. Não posso. Que hei de fazer?

PEIXOTO - O senhor não sabe?

GOMES - Sei!...

PEIXOTO - É arranjar dinheiro, se não quer ir parar à cadeia.

GOMES - O senhor insulta-me!

PEIXOTO - Se acha que isto é um insulto, nesse caso é a lei, não sou eu quem o insulta.

GOMES - Cometi algum crime?... É culpa minha se não tenho com que pagar-lhe?

PEIXOTO - Se fosse só isso!

GOMES - Explique-se!

PEIXOTO - É muito simples. O senhor negociou comigo uma letra de quinhentos mil-réis. Tinha o seu aceite; mas estava sacada e endossada pelo Sr. Francisco de Faria, negociante desta praça.

GOMES - O senhor deu-me por ela quatrocentos mil-réis, dos quais ainda tive de pagar cinqüenta ao Sr. Faria.

PEIXOTO - Esta não é a questão. O saque e o endosso são falsos.

GOMES - Falsos!...

PEIXOTO - Faria nunca sacou letras.

GOMES - Mas então quem era a pessoa com quem tratei?

PEIXOTO - É coisa que não me interessa. O senhor responderá à polícia.

GOMES - A policia?... Eu!

PEIXOTO - Está bem visto!... A letra foi negociada com o senhor. Tenho testemunhas. Que me importa essa pessoa?

GOMES - Mas, senhor, não é possível!... Não se condena assim um homem que não tem notas na sua vida.

PEIXOTO - Sr. Gomes, acabemos com isto!... Não lhe quero fazer mal; porém, se às cinco horas da tarde o senhor não tiver o dinheiro para pagar-me, às seis apresento a letra na polícia.

GOMES - Dê-me tempo ao menos para procurar o homem com quem tratei.

PEIXOTO - E o senhor tratou com alguém?

GOMES - Infame!... Duvida de minha palavra!

PEIXOTO - Ah! Quer brigar? Não estou disposto. Até às cinco horas.

GOMES - Meu Deus! Condenado como um falsário!... Não! Já resisti por muito tempo!

## **CENA XII**

GOMES e ELISA

ELISA - Meu pai!...

GOMES - Tu ouviste, minha filha?

ELISA - Ouvi tudo.

GOMES - Pois então ouve o resto.

ELISA - Sossegue primeiro.

GOMES - Não há sossego nestes transes. Acabas de saber que estamos na miséria; nada temos, nada devemos esperar. Mas isto não era bastante; aí vem a desonra coroar a miséria.

ELISA -- Mas o que disse aquele homem é uma mentira, não é?

GOMES - Tu duvidaste um momento da probidade de teu pai?



ELISA - Oh! Não, não!

GOMES - Se eu quisesse, já não digo roubar, mas transigir com a minha consciência, os que agora nos desprezam, aí estariam ainda nos importunando com a sua amizade fingida e hipócrita.

ELISA - Não se defenda, meu pai. Eu creio na sua honra, como creio em Deus. Se lho perguntei é porque desejava ouvir de sua boca o desmentido de semelhante calúnia. (*Pausa*)

GOMES - Elisa, minha filha!.. Este último golpe é mais forte que minha razão. Muitas vezes já a minha coragem vacilou encarando a miséria: um projeto louco me passou pelo espírito, e estive bem prestes a realizar-se. Resisti, lembrando-me de ti. À vergonha, à infâmia, minha filha, não posso... não sei resistir!

ELISA - Não pense nisto, meu pai.

GOMES - Quando não se pode viver honrado, morre-se.

ELISA - Quer-se matar!

GOMES - Isto é vida?

ELISA - Meu Deus!... Por piedade!

GOMES - É necessário!

ELISA - E eu, e sua filha? Deixa-a ao desamparo?

GOMES - Preferes que a arraste à vergonha?... Não sentes que vais perder teu pai?... Escolhe! Vê-lo infame nas galés, ou chorá-lo morto, porém honrado.

ELISA - Mas ainda pode salvar-se!... Não há de ser condenado, não!

GOMES - Refleti, Elisa. Que defesa tenho eu?... A minha palavra. E isto basta? Sem dinheiro, sem amigos?... Só me resta uma esperança; e é que esse homem não cumpra o que disse. Mas essa... não acredito nela.

ELISA - Por quê?... Esse homem deve ter um coração! Eu lhe suplicarei de joelhos.

GOMES - Tu sabes se te quero, Elisa, e com que extremos te amo. A única dor que levo desta vida é deixar-te!... Uma menina de 18 anos, sem pai, sem mãe,

ao desamparo, é um anjo perdido neste mundo torpe. Toda a sua virtude não basta às vezes para defendê-la. Sucumbe à necessidade implacável..

ELISA - E quer me abandonar!

GOMES - Sou eu que te abandono, Elisa, ou é a fatalidade que me arranca de teus braços?

ELISA - Deus se há de condoer de nós!

GOMES - Se te sentes com força de lutar, minha filha, talvez a felicidade te depare um homem que te ame, e proteja a tua orfandade.

ELISA - E por que não nos protegerá a ambos?

GOMES - Eu já não preciso senão do perdão do Senhor e do teu. - Se, porém, te sentes fraca... Não te aconselho... Não digo que o faças... Segue o impulso de tua alma...

ELISA - Acabe, meu pai!

GOMES - O que ficar deste vidro...

ELISA - Ah!

GOMES - É a única herança de teu pai, Elisa.

ELISA - Oh! Sim! Morremos juntos!

GOMES - Não! Foi uma loucura!... Esquece o que te disse! Tu ainda podes ser feliz, minha filha!...

## **ATO SEGUNDO**

Em casa de JORGE. Sala simples, mas elegante.

CENA PRIMEIRA

JOANA e VICENTE

VICENTE - Como vai isto por cá?

JOANA - Oh! Bilro!... Vamos indo, como Deus é servido!

VICENTE - Há saúde e patacos, é o que se quer.

JOANA - Saúde não falta, não, Bilro! No mais vai-se vivendo, como se pode.

VICENTE - Olhe, Sra. Joana... Há muito que estou para lhe pedir uma coisa.

JOANA - Sra. Joana!... Estás doido, Bilro?

VICENTE - Não, mas é que... Sim... Bem vê que tenho hoje uma posição... E este modo de chamar a gente de Bilro...

JOANA (*rindo*) - Ah! ah! ah!... Então porque és pedestre, ou meirinho... Não sei o quê!

VICENTE - Menos isso!... Oficial de justiça!

JOANA - Pois que seja... Oficial da justiça, ou da injustiça... Porque és isto, julgas que ficas desonrado se eu te chamar de Bilro?... Ora, não vejam só este meu senhor! Que figurão!... V. Sa. faz obséquio... ou V. Exa.?... Queira ter a bondade... Por quem é... Sr. Vicente...

VICENTE - Romão... Romão...

JOANA - Sr. Vicente Romão. Queira desculpar!... sem mais aquela.

VICENTE - Está zombando.

JOANA - Não é assim que deve tratá-lo?

VICENTE - Toma o recado na escada... Eu por mim não me importava; mas falam.

JOANA - Pois olha! Cá comigo está se ninando!... Eu te conheci assim tamaninho, já era rapariga, mucama de minha senhora moça, que Deus tem, e foi sempre Bilro para lá, tia Joana para cá. Se quiseres há de ser o mesmo... senão, passar bem. Ninguém há de morrer por isso.

VICENTE - Mas, Joana...

JOANA - Tia Joana!

VICENTE - Está bom, para fazer-lhe a vontade... Tia Joana! Não era melhor que a gente se tratasse como os outros?...

JOANA - Não sei se é melhor, se não... Quando te vir hei de chingar-te com o Bilro na venta.

VICENTE - Não tem graça nenhuma.

JOANA - Se te parecer, não responde: é o mesmo.

VICENTE - Em teima ninguém lhe ganha!... Não vê que é preciso a gente dar-se a respeito.

JOANA - Dá-te a respeito lá com as outras. Comigo estás bem aviado.

VICENTE - Pois é isto que eu quero! Não me entendeu... Diante dos outros a senhora... a tia Joana que lhe custa me chamar de Vicente?

JOANA - Diante dos outros?... Pois sim! Mas olha que é Vicente só!

VICENTE - Vicente Romão... É mais cheio.

JOANA - Uma figa!... Nem Romão, nem senhor! Vicente.

VICENTE - Enfim! Era melhor o nome todo... Não quer! Que se lhe há de fazer!

JOANA - Então não perguntas por nhonhô Jorge?

VICENTE - Ia perguntar; mas Vm....

JOANA - Vm.... Hein... Bilro...

VICENTE - Você me atrapalhou, tia Joana. Como está ele, o Sr. Jorge? Está bom?

JOANA - Bom e crescido que faz gosto... Se tu o vires!

VICENTE - Não há quinze dias que estive com ele.

JOANA - Pois faz sua diferença!. .. Todos os dias parece que fica mais alto e mais sério... Eu acho ele tão bonito, meu Deus!

VICENTE - Pudera não! Você o criou!

JOANA - E tu não achas?

VICENTE- Eu não! E é preciso que diga.

JOANA - Já lhe saiu todo o buço.

VICENTE - Também ele já anda rastejando pelos vinte e um.

JOANA - Completou hoje, Bilro.

VICENTE - É verdade. - Ora tia Joana! Já estamos ficando velhos. Inda me parece. que foi outro dia que você dava de mamar a ele.

JOANA - Como me lembra!... Eu tinha dezessete anos, e tu eras um pirralho de oito. Vinhas bulir com ele no meu colo; e como eras muito travesso, nós te começamos a chamar de Bilro. Nunca estavas quieto!

VICENTE - E aquela vez que um sujeito fez-me por força levar-lhe um recado... Quando a gente é criança faz cada uma!

JOANA - Doeu-te o puxão de orelha que te dei?

VICENTE - Oh! se doeu!... Também nunca mais!

JOANA - E perdias teu tempo!

VICENTE - Lá isso eu sempre disse... Nunca houve mulatinha que se desse mais a respeito do que tia Joana. Pois em casa punham a boca em todos; mas dela não tinham que mexericar.

JOANA - Não fala mais nisso, Bilro. A gente tem vontade de chorar.

VICENTE - É mesmo, tia Joana. Bom tempo! Sr. doutor só fazia ralhar. Tirante disso, era bom amo.

JOANA - Tens tido notícias dele?

VICENTE - Depois que foi viajar, nunca mais soube por onde anda.

JOANA - E a comadre Rosa que ele vendeu a um homem da Rua da Alfândega?

VICENTE - Essa morreu... O André está cocheiro na praça.

JOANA - Cada um para sua banda.

VICENTE - Vou indo também para a minha. Adeus, tia Joana.

JOANA - Agora até quando?

VICENTE - Não sei! Hoje como tive que fazer por aqui, então disse cá com os meus botões: - Deixa-me ver a tia Joana. - Já vi... Estão batendo.

JOANA - Vê quem é.

VICENTE - Pode entrar.

## **CENA II**

Os mesmos e DR. LIMA

DR. LIMA - Ainda se lembram aqui do amigo velho?

JOANA - Ah! Meu senhor Dr. Lima. Há que anos!...

VICENTE - Sr. doutor!...

DR. LIMA - Esqueceste que parti para Europa.

JOANA - Não esqueci, não... meu senhor. Ainda há pouco estava falando nisso.

DR. LIMA - Cheguei hoje pelo paquete. Acabo de desembarcar. Que de Jorge?

JOANA - Saiu. Que alegria ele vai ter!... Mas como meu senhor acertou com a casa?

DR. LIMA - Custou-me!... Já andei por ai à matroca. Na Rua do Conde é que me ensinaram.

VICENTE - O vizinho de defronte?

DR. LIMA - Justamente! Mas eu estou reconhecendo esta figura...

JOANA - O ciganinho, pajem de meu senhor...

DR. LIMA - Ah! O grande Bilro!

VICENTE - Vicente Romão, Sr. doutor.

DR. LIMA - Como vais?... Que fazes?... Estás mais bem comportado?

JOANA - É oficial de justiça.

DR. LIMA - Escolheste um bom emprego, Bilro.

VICENTE - Vicente Romão, Sr. doutor. Mas então V. Sa. acha?

DR. LIMA - O que, homem?...

VICENTE - Bom o meu emprego?

DR. LIMA - Decerto! Precisavas viver bem com a justiça.

VICENTE - Peço vista para embargos, Sr. doutor; não tenho culpas no cartório.

DR. LIMA - Bem mostras que és do ofício!

VICENTE, (*à Joana*) - É preciso perder esse mau costume de chamar a gente de ciganinho. Ouvia?!

JOANA - Ai!... Começas outra vez com as tuas empáfias.

VICENTE - Que emburrância!...

DR. LIMA - Que é isso lá? Assim é que festejam a minha chegada?

JOANA - É Bilro que...

VICENTE - Não é nada, Sr. doutor; V. Sa. me dê as suas ordens.

DR. LIMA - Vai me ver. Estou no Hotel da Europa.

VICENTE - Obrigado, Sr. doutor. Até mais ver, tia Joana.

### **CENA III**

DR. LIMA e JOANA

JOANA - Meu senhor não quer descansar?...

DR. LIMA - Recosto-me aqui mesmo, neste sofá.

JOANA - Já almoçou, meu senhor? Aí tem café e leite.

DR. LIMA - Ainda conservo os meus antigos hábitos. Às oito horas já estava almoçado.

JOANA - Quem sabe se meu senhor não quer tomar o seu banho?

DR. LIMA - Não! Vem cá. Senta-te aí.

JOANA - Eu converso mesmo de pé com meu senhor.

DR. LIMA - Como vai teu filho?... Já está um homem?

JOANA - Meu senhor!... Eu lhe peço de joelhos... Não diga este nome!

DR. LIMA - Pelo que vejo o mistério dura ainda!

JOANA - E há de durar sempre! Meu senhor me prometeu.

DR. LIMA - Prometi.

JOANA - Meu senhor jurou!

DR. LIMA - É verdade! Mas julgava que na minha ausência tudo se havia de se revelar.

JOANA - Ele não sabe nada, e eu peço todos os dias a Deus que não lhe deixe nem suspeitar.

DR. LIMA - Assim tu ainda passas por sua escrava?

JOANA - Não passo, não! Sou escrava dele.

DR. LIMA - Mas Joana! Isto não é possível!

JOANA - Meu senhor... Eu já lhe disse!... E não cuide que por ter esta cor não hei de cumprir... No dia em que ele souber que eu sou... que eu sou... Nesse dia Joana vai rezar ao céu por seu nhonhô.

DR. LIMA - E por que razão há de fazer uma tal loucura?

JOANA - Por quê?... Desde que nasceu ainda está para ser a primeira vez que se zangue comigo. E Vm. quer que se envergonhe... Que me aborreça talvez!... Meu Deus! Matai-me antes que eu veja essa desgraça!

DR. LIMA - És tu a culpada?



JOANA - Não sei, meu senhor, não sei. Às vezes penso... Quando fazem vinte e um anos eu senti o primeiro movimento dele... de meu...

DR. LIMA - De teu filho. Fala! Que receio é esse?... Estamos sós.

JOANA - Vm. não sabe que medo tenho de dizer este nome!... Até à noite quando rezo por ele baixinho... não me atrevo... Ele pode ouvir... Eu posso me acostumar...

DR. LIMA - Mas dizias?

JOANA - Ah! Quando senti o primeiro movimento que ele fez no meu seio, tive uma alegria grande, como nunca pensei que uma escrava pudesse ter. Depois uma dor que só tornarei a ter se ele souber. Pois meu filho havia de ser escravo como eu? Eu havia de lhe dar a vida para que um dia quisesse mal à sua mãe? Deu-me vontade de morrer para que ele não nascesse... Mas isso era possível?... Não, Joana devia viver!

DR. LIMA - Foi então que Soares te comprou...

JOANA - Ele me queria tanto bem! Deu por mim tudo quanto tinha... Dois contos de réis! Eu fui para sua casa. Aí meu nhonhô nasceu, e foi logo batizado como filho dele, sem que ninguém soubesse quem era sua mãe.

DR. LIMA - Desgraçadamente morreu poucos dias depois... Se eu soubesse então!...

JOANA - Mas meu senhor não sabia nada. Fui eu que lhe confessei...

DR. LIMA - Porque já tinha suspeitado...

JOANA - E por isso só. Vm. era capaz de afirmar? Não! Quem lhe contou fui eu, com a condição de não dizer nunca!...

DR. LIMA - Pois bem, Joana! Não direi uma palavra. Continuarás a ser escrava de teu filho. Será para ele a dor mais cruel quando souber...

JOANA - Nunca!... Quem vai lhe dizer?... Além de Vm. e de mim, só Deus sabe este segredo. Enquanto meu senhor estava fora eu vivia descansada...

DR. LIMA - E tinhas razão... Presente, vendo-te ao lado de Jorge, não respondo por mim.

JOANA Meu senhor, Vm. teve sua mãe... Lembre-se que dor a pobre havia de sentir se seu filho tivesse vergonha dela!... Não o faça desgraçado! E por causa de quem?... De mim que morreria por ele.

DR. LIMA - Bem; prometo-lhe que hei de ter coragem! Virei raras vezes aqui. Evitarei o mais que puder... com receio de me trair.

JOANA - É melhor. Até Vm. se habituar.

DR. LIMA - Nunca me habituarei!... Tu não sabes como eu te admiro, Joana; e como dói-me no coração ver esse martírio sublime a que te condenas.

JOANA - Eu vivo tão feliz, meu senhor!

DR. LIMA - Mas que necessidade tinhas de ser escrava ainda? Não podias estar forra?

JOANA - Eu, meu senhor?... Como?

DR. LIMA - Com o dinheiro que tiravas do teu trabalho, e gastavas na educação de teu filho.

JOANA - Nunca pensei nisso, meu senhor!... Demais, forra, podiam-me deitar fora de casa, e eu não estaria mais junto dele. A escrava não se despede.

DR. LIMA - Mas... Estremeço só com esta idéia!

JOANA - Qual, meu senhor?

DR. LIMA - Supõe que... te vendiam.

JOANA - Joana morreria; porém ao menos deixaria a ele aquilo que custasse... sempre era alguma coisa... Para um moço pobre!

DR. LIMA - E eu hei de estar condenado a ouvir Jorge agradecer-me a sua educação que ele deve unicamente a ti; a chamar-me seu segundo pai, ignorando que sua...

JOANA - Mais baixo!... Não se zangue, meu senhor!

DR. LIMA - Sabes que mais! Vou-me embora. Voltarei logo para abraçar Jorge, e não pisarei mais aqui. É uma tortura!

JOANA - Adeus, meu senhor! Não se agaste comigo.

DR. LIMA - Não. Quem sabe se tu não tens razão!

JOANA - Deus dê muita felicidade a meu senhor Dr. Lima.

*(Abre a porta)*

#### **CENA IV**

Os mesmos e JORGE

JOANA - Ah!

DR. LIMA - É ele?

JOANA - Nhonhô não conhece, não!... Sr. Dr. Lima!

DR. LIMA - Jorge!

JORGE - Ah! doutor! Quando chegou?

DR. LIMA - Hoje mesmo. É a minha primeira visita.

JORGE - E devia ser pelo bem que lhe queremos, eu e Joana. Venha sentar-se.

DR. LIMA - Está um homem!

JOANA - Não é, meu senhor doutor?... E um moço bonito! Hi! Faz andar à roda a cahecinha dessas moças todas.

JORGE - Se lhe der ouvidos, doutor, é um não acabar de elogios!... Mas há cinco anos que está ausente!

JOANA - Há de fazer pela Páscoa.

DR. LIMA - É verdade. Deixei-o quase criança... Tinha dezesseis anos. Acabou os seus estudos naturalmente!

JORGE - Ainda não.

JOANA - É o melhor estudante. Não sou eu que digo!... São os mestres dele.

DR. LIMA - Sempre foi... Que profissão escolheu?

JORGE - Segui o seu conselho... Estudo medicina; estou no 5o ano.

DR. LIMA - E de fortuna... Como vamos?

JORGE - O necessário. As minhas lições..

DR. LIMA - Ah! Dá lições? De quê?

JORGE - De música e de francês.

DR. LIMA - Lembro-me que tinha muita disposição para o piano. Cultivou essa arte?

JOANA - Toca que faz gosto!... Vm. há de ouvir.

DR. LIMA - Sem dúvida. E quanto lhe rendem as lições?

JORGE - Uns cem mil-réis por mês.

DR. LIMA - É pouco.

JORGE - Faço também algumas traduções que deixam às vezes um extraordinário. Joana por seu lado ganha...

JOANA - Quase nada, nhonhô! Já estou velha. Não coso mais de noite.

JORGE - Nem eu quero. Foi de passares as noites sobre costura que ias perdendo a vista.

DR. LIMA - Faz bem em tratá-la com amizade, Jorge. É uma boa...

JOANA - Sou uma escrava como as outras.

JORGE - És uma amiga como poucas se encontram.

JOANA - Ora, nhonhô!...

JORGE - Sabe, doutor! Creio que foi Deus que o enviou a esta casa.

DR. LIMA - Por que razão, Jorge?

JORGE - Eu lhe digo... Vem cá, Joana!... Mais perto!... Quero contar-te uma história.

JOANA - Mas... Eu vou dar uma vista d'olhos lá dentro.

JORGE - Espera. *(Toma-lhe a mão)*

JOANA - Que é isso, nhonhô? Já se viu... Que modos?

JORGE - Olhe, doutor! Estou no meio de minha família. Meu segundo pai, minha segunda mãe! Não conheci os outros.

DR. LIMA - Jorge, meu amigo!

JOANA - Para que falar nestas coisas num dia de se estar alegre... Meu senhor doutor chegou... Nhonhô faz anos.

DR. LIMA - É verdade!... É hoje 3 de fevereiro...

JORGE - Escolhi justamente este dia para pagar-te uma dívida. Quem foi testemunha da dedicação, doutor, verá o reconhecimento.

JOANA - Nhonhô, me dê licença!

JORGE - Toma, Joana. Eu escrevi-a esta manhã lembrando-me de minha mãe.

DR. LIMA - Muito bem, Jorge. Deus o inspirou!

JOANA - Mas o quê... Que papel é este, nhonhô?

DR. LIMA - É a tua carta de liberdade, Joana!

JOANA - Não quero! Não preciso!

JORGE - Não é tua carta de liberdade, não, minha boa Joana; porque eu nunca te considerei minha escrava. É apenas um título para que não te envergonhes mais nunca da afeição que me tens.

JOANA - Mas eu não deixarei a meu nhonhô?

JORGE - A menos que tu não o exijas.

JOANA - Eu!... Que lembrança!

DR. LIMA - Não faz idéia do quanto me comove esta cena.

JORGE - As nossas almas se compreendem, doutor. Guarda, Joana, este papel...

JOANA - Por que nhonhô mesmo não guarda?

JORGE - De modo algum. Ele te pertence, manda-o registrar em um tabelião.

DR. LIMA - É prudente.

JORGE - Há muito tempo, doutor, que tencionava realizar este pensamento. Mas tinha tomado algum dinheiro com hipoteca...

DR. LIMA - Com hipoteca.!... Sobre Joana?

JOANA - Que mal fazia?

JORGE - Conheço que fui imprudente, mas a necessidade urgia.

DR. LIMA - Não o censuro, Jorge! O senhor não sabia...

JORGE - O que, doutor?

DR. LIMA - Não sabia... Quanto esses empréstimos são perigosos!...

JORGE - Felizmente já não sou devedor... Nem ao homem que me emprestou... Nem à minha consciência que me ordenava desse a Joana essa pequena prova da estima que lhe tenho. Resta-me ainda uma dívida... Dívida de amizade e gratidão que nunca poderei pagar.

DR. LIMA - A ela!... Por certo que nunca!

JOANA - A meu senhor!... A mim não. (*Batem*)

## **CENA V**

Os mesmos e GOMES

JOANA - Sr. Gomes!

JORGE - Tenha a bondade de entrar.

GOMES - Desculpe se o incomodo, meu vizinho!

JORGE - Ao contrário, dá-me muito prazer... Por que não se senta?

DR. LIMA (*a JOANA*) - Agora podes ficar tranqüila! Terei forças de calar-me.

JOANA - Meu senhor... Não toque nisto... agora.

DR. LIMA - Que tem?... Não nos ouvem.

JOANA - Fale mais baixo!... Pelo amor de Deus!

JORGE (*a GOMES*) - Hoje me pareceu incomodado?

GOMES - Estou bom!

JORGE - Mas ainda o acho pálido.

GOMES - Não é nada!

JORGE - Ainda bem! Quero apresentar-lhe a um amigo que chegou-nos hoje de repente... Devo-lhe mais que a existência, devo-lhe a educação.

GOMES - Como?... Perdão! estava distraído!... Que dizia?

JORGE - Que desejava apresentar-lhe um amigo.

GOMES - Ah! Com muito gosto.

JORGE - Dr. Lima!... O senhor estimará fazer o conhecimento de uma pessoa que todos respeitam pela sua honradez... O Sr. Gomes... Empregado público.

DR. LIMA - Estimo muito!... Um médico pobre, sem clínica, que esteve cinco anos fora do seu país, de pouco presta, mas pode contar...

GOMES - Obrigado, Sr. doutor. (*A JORGE*) Porém eu desejava falar-lhe em particular.

JORGE - Por que não disse?...

DR. LIMA - Neste caso eu me retiro.

GOMES - Não é preciso! Não! Eu voltarei depois.

JORGE - Para que ter esse trabalho?... O doutor pode entrar um momento.

DR. LIMA - Decerto! Vou ver a casa. Anda, Joana. Vem mostrar-me os teus arranjos.

## CENA VI

GOMES e JORGE

GOMES - Não incomode seu amigo. Voltarei depois.

JORGE - Ora, Sr. Gomes, não é incômodo. Estou à sua disposição.

GOMES - É verdade que o negócio de que lhe pretendia falar é urgente... mas...

JORGE - Pois então, não há necessidade de adiá-lo. GOMES - Talvez o senhor estranhe... O passo é impróprio, eu conheço...

JORGE - Fale com franqueza.

GOMES - Não! Temo abusar... Agradeço-lhe a sua atenção... Outra vez conversaremos. Hoje mesmo... Logo mais.

JORGE - O Sr. Gomes tem alguma coisa que o inquieta; creia que se estiver. nas minhas mãos servi-lo...

GOMES - É engano seu!... Não tenho nada.

JORGE - Talvez algum embaraço... Sim! Isto não depende de nós... Pode acontecer a qualquer... De repente precisamos de algum... dinheiro...

GOMES - Sr. Jorge! Não vim pedir-lhe dinheiro emprestado! Não é meu costume.

JORGE - Perdão, Sr. Gomes! Não tive intenção de ofendê-lo. Estimo-o e respeito-o muito...

GOMES - Faço justiça às suas intenções... Mas creia... Se me visse reduzido a essas circunstâncias preferiria morrer de fome a tirar esmolas.

JORGE - A palavra é dura! Recorrer a um amigo não é mendigar.

GOMES - Não; mas pedir quando não se pode e não se espera pagar... é mais que mendigar.... É abusar da confiança; é roubar. Bem vê que não seria capaz.



JORGE - Mas o Sr. Gomes não está nessas circunstâncias.

GOMES - Não devo tomar-lhe o tempo com os meus negócios. O objeto sobre que desejava falar-lhe... é muito diferente.

JORGE - Pois eu o escuto.

GOMES - Não! Preciso refletir ainda.

JORGE - Mas não poderei saber?...

GOMES - É escusado... Permita-me!

JORGE - Como quiser.

GOMES - Passe bem!

## **CENA VII**

JORGE, DR. LIMA e JOANA

DR. LIMA - Já foi o seu amigo?

JORGE - Já, doutor.

DR. LIMA - Examinou-o bem?... Ele tem alguma coisa. Não está no seu estado normal.

JORGE - Assim me pareceu.

DR. LIMA - Aconselhe-lhe que se trate.

JORGE - Hei de procurá-lo daqui a pouco. É nosso vizinho; mora no primeiro andar... Julgo que tem sofrido desarranjos nos seus negócios.

JOANA - Iaiá D. Elisa me disse, nhonhô, que ele sempre foi assim triste.

DR. - Quem é iaiá D. Elisa?

JOANA - É a filha do Sr. Gomes.

DR. LIMA - Bonita?

JOANA Como nhonhô! Parece que nasceram um para o outro.

DR. LIMA - Ah! Temos romance?

JORGE - Qual, doutor!... São idéias de Joana.

DR. LIMA - Havemos de conversar a este respeito. Corri a casa. Está bem acomodado.... Tem o que é preciso para um moço solteiro.

JOANA - Oh! Ainda falta muita coisa! Mas há de vir com o tempo.

DR. LIMA - E graças aos teus cuidados. Mas não te esqueças, Joana! Vai aprontar o quarto do doutor.

JOANA - Sr. doutor fica morando aqui?

JORGE - Então!

DR. LIMA - Já tomei um quarto no Hotel da Europa.

JORGE - Como, doutor?... Não esperava.

DR. LIMA - Desculpe, meu amigo! Tenho os meus hábitos. Já estou velho. Não quero nem incomodá-lo, nem incomodar-me.

JORGE - Ao menos há de jantar conosco...

DR. LIMA - Hoje não é possível.

JORGE - Ora! Não o deixo sair. Lembre-se que dia é hoje.

DR. LIMA - Já me disse. É o dia de seus anos.

JORGE - E o da sua chegada!... Mas pertence também a Joana.

DR. LIMA - É verdade.

JORGE (*a JOANA*) - Vai! Olha que o doutor chega da Europa onde se cozinha perfeitamente. Hás de deitar três talheres.

JOANA - Nhonhô espera mais alguém?

JORGE - Quantos somos nós?

JOANA - Nhonhô!... Logo não vê!... Joana sentar-se na mesa com seu senhor!... Credo!

JORGE - Já te disse, Joana!... Aqui não há nem senhor, nem escrava... Se me tornas a falar assim, ralho contigo.

JOANA - Será a primeira vez.

JORGE - E quem terá a culpa?... Anda! Quem desembarca precisa jantar cedo.

DR. LIMA - Mas, decididamente, Jorge, não posso.

JORGE - Sério, doutor?

DR. LIMA - Se lhe recuso isto, é que tenho motivo forte.

JORGE - Neste caso não insisto. (*Escreve*)

DR. LIMA - Outro dia! Breve... Hoje deitarás apenas dois talheres, Joana; um para Jorge e outro para ti.

JOANA - Não lembre mais isto, meu senhor!

JORGE - Não acha que deve ser assim?

DR. LIMA - Decerto. (*Baixo a JOANA*) Senão, fico.

JOANA - Está bom... Será como Vm. quiser.

DR. LIMA - E no jantar hão de beber duas saúdes.

JORGE - À sua, doutor.

DR. LIMA - À minha sim, mas em primeiro lugar à de sua mãe.

JORGE - E à de Joana.

DR. LIMA - Também!

JORGE - Joana, escuta. Permite, doutor?

DR. LIMA - Pois não!

JORGE - Leve esta carta a D. Elisa.

JOANA - A iaiá?... Dê cá, nhonhô.

JORGE Não!... Melhor é que eu não lhe escreva.

JOANA - Que tem isso agora?

JORGE - Ela pode ofender-se!... Desce e procura saber que tem, seu pai.

JOANA - Sim, nhonhô!... Vou já.

JORGE - Não te demores!

JOANA - Meu senhor doutor ainda fica?

DR. LIMA - Não. Também vou.

JORGE - Espere um momento.

JOANA - Sr. doutor tem que fazer, nhonhô.

JORGE - Vai, Joana.

DR. LIMA - Adeus. Basta de maçada.

## **CENA VIII**

DR. LIMA e JORGE

JORGE - Que pressa é essa, doutor? Sente-se.

DR. LIMA - Teremos muitas ocasiões de conversar.

JORGE - Sem dúvida; mas estou impaciente por saber de sua boca o nome de minha mãe.

DR. LIMA - De... sua mãe?

JORGE - Sim, doutor.

DR. LIMA Também eu o ignoro, Jorge.

JORGE - Mas, doutor, eu fui criado em sua casa. Devo-lhe a educação..

DR. LIMA Pela última vez lhe digo, Jorge... Nada me deve... Nada absolutamente!

JORGE - Ora, doutor!...

DR. LIMA - Dou-lhe minha palavra, e sabe que nunca a dou de balde.

JORGE - Creio, doutor.

DR. LIMA - Pois dou-lhe minha palavra que nunca despendi um real com a sua educação... Quando o quisesse, não podia... Sou pobre!

JORGE - Mas então quem pagava as despesas que eu fazia?

DR. LIMA - Sua mãe.

JORGE - E a ocultam de mim!

DR. LIMA - Não a conheci... Escute, Jorge. Todo o segredo do seu nascimento é este.

JORGE - Fale, doutor.

DR. LIMA - Uma noite fui chamado a toda a pressa para ver meu amigo Soares...

JORGE - Meu pai!

DR. LIMA - Quando cheguei, seu pai já estava moribundo. Apenas me viu, estendeu-me a mão, balbuciando estas palavras: "Meu filho... sua mãe..." E expirou.

JORGE - E nada mais?

DR. LIMA - Nada mais. Trouxe-o para minha casa, onde Joana o criou.

JORGE - Joana; a única herança de meu pai!

DR. LIMA - A única!... É verdade.

JORGE - Também ela ignora!... Mas doutor, não me disse como esses suprimentos se faziam.

DR. LIMA - De uma maneira muito simples. Quando o senhor precisava de roupa, livros ou qualquer objeto, vinham trazê-lo à casa.

JORGE - Quem?

DR. LIMA - Caixeiros... alfaiates...

JORGE - E nunca lhe disseram?

DR. LIMA - Se eles não sabiam?

JORGE - Assim estou condenado a ignorar sempre o nome de minha mãe.

DR. LIMA - Não se ocupe com isto!... Algum dia, quando menos esperar, há de saber. Continue a portar-se como homem de bem, e deixe o mais à Providência.

JORGE - Mas é triste, doutor.

DR. LIMA - Quem sabe?... Quantas vezes esse mistério não é uma felicidade.

JORGE - Não o percebo.

DR. LIMA - Quantas vezes a revelação não perturba as relações de pessoas que se estimam, e não acarreta sobre elas o opróbrio e a desonra...

JORGE - É possível?... Sacrificar-se o filho ao egoísmo.

DR. LIMA - Não acuse, Jorge.

JORGE - Tem razão, doutor.

DR. LIMA - Já se viram pais que se ocultaram para não envergonhar os filhos do seu nascimento.

JORGE - Não diga isto, doutor!... Um filho nunca se pode envergonhar de seu pai!

DR. LIMA - Mas suponha que ele teve a desgraça de sofrer uma condenação... Que tornou-se indigno...

JORGE - Nem assim! Não há motivo que justifique semelhante ingratidão.

DR. LIMA - Nem um?...

JORGE - Nem um, doutor! Se pois é essa a razão... -

DR. LIMA - Que lembrança!... Foi apenas uma suposição... Já lhe disse quanto sabia.

JORGE - Dá-me a sua palavra?

DR. LIMA - Jorge, não se esteja a afligir com estas coisas, que no fim de contas nenhuma influência têm sobre a vida... Adeus. É tarde.

JORGE - Estou convencido agora de que sabe mais do que disse.

DR. LIMA - Engana-se.

JORGE - Por que não me dá a sua palavra?

DR. LIMA - Não vale a pena.

## **CENA IX**

Os mesmos e JOANA

JOANA - Ainda está aqui, meu senhor?

DR. LIMA - Esperava que chegasses.

JORGE - Então, Joana?

JOANA - Já fui, nhonhô.

DR. LIMA - Meu amigo, o senhor tem que conversar com Joana. Deixo-o. Até amanhã.

JORGE - Até amanhã, doutor. Hei de procurá-lo.

DR. LIMA - Já lhe disse onde estou... Hotel...

JORGE - Da Europa.

DR. LIMA - Justo! Mas não sei se ficarei lá. É caro para os pobres.

JOANA - Ora, meu senhor andou viajando.

DR. LIMA - É o que tu pensas!... Gasta-se por lá metade do que é necessário para viver aqui modestamente.

JORGE - Reflita no que lhe disse. Faz mal em ocultar-me.

DR. LIMA - Não pense mais nisso.

## **CENA X**

JORGE e JOANA

JOANA - O que é que o Sr. doutor não quer dizer a nhonhô?

JORGE - Uma coisa que não te interessa.

JOANA - Nhonhô não quer que Joana saiba seus segredos... Não pergunto mais.

JORGE - Não é por isso.

JOANA - Deve ser assim mesmo, nhonhô... Quem é esta pobre mulata para que Vm. lhe conte sua vida!

JORGE - Está bom, Joana! Eu te digo... Perguntei ao doutor quem era minha mãe.

JOANA - Ah! E ele?...

JORGE - Respondeu o mesmo que tu. Mas que soubeste de Elisa?

JOANA - De iaiá D. Elisa...

JORGE - Já não te lembras?

JOANA - Lembro, lembro, nhonhô!... Ela está muito triste; porém não quis dizer porquê.

JORGE - E seu pai?

JOANA - Sr. Gomes saiu. Iaiá perguntou se Vm. estava em casa... Talvez ela queira falar com nhonhô.

JORGE - Vou vê-la.



JOANA - Vá, nhonhô. Como ela há de ficar contente! JORGE - Estás com as tuas idéias.

JOANA - Pois então, nhonhô!... Aonde é que se viu um parzinho mais igual.

JORGE - Achas que sim?

JOANA - E não sou eu só!... Quando nhonhô descer, cerra a porta. Eu vou enxaguar uma roupa lá dentro, pode alguém entrar.

## **CENA XI**

JORGE e ELISA

JORGE - Elisa!

ELISA - Não me leve a mal, Sr. Jorge.

JORGE - O que, Elisa?

ELISA - Este passo que dei... Se soubesse!

JORGE - Conte-me!... Que sucedeu a seu pai?

ELISA - Uma desgraça!... Ele não esteve aqui?

JORGE - Há pouco... bastante perturbado... E não me disse o motivo por que me procurava.

ELISA - Faltou-lhe a coragem... Meu pobre pai!

JORGE - O que foi?... A que vinha ele?

ELISA - Vinha... Vinha pedir-lhe emprestado... Oh! como lhe custou!

JORGE - Mas... por que repeliu o oferecimento que lhe fiz...

ELISA - Teve vergonha de aceitá-lo... E, entretanto, era para salvar a sua vida!...

JORGE - A vida de seu pai! Como, meu Deus!... Elisa! explique-me o que se passa...

ELISA - Estou tão aflita... Nem posso falar... Desculpe, Sr. Jorge!...

JORGE - Descanse um pouco!

ELISA - Não! desço já. Não devo me demorar aqui!

JORGE - Tem receio... Não está em sua casa? Esqueceu-se!

ELISA - Se não tivesse tanta confiança no senhor, subiria aqui?... morreria antes. Veria morrer meu pai! Mas não teria ânimo...

JORGE - Diga-me... O que houve?

ELISA - Meu pai vendeu tudo quanto tinha para pagar as suas dívidas...

JORGE - Sossegue! Não lhe faltará o necessário.

ELISA - Oh! se fosse isto!... Eu posso trabalhar... Mas uma coisa horrível, uma calúnia... Dizem que meu pai falsificou uma letra!

JORGE - Ah!

ELISA - Meu pai, o homem mais honrado...

JORGE - Incapaz de semelhante ação.

ELISA - Teme ser condenado... Diz que não pode resistir à vergonha... Quer matar-se!

JORGE - Que loucura!

ELISA - Mas ele o fará! Olhe!

JORGE - O que é isto, Elisa?

ELISA - Veneno, Sr. Jorge... Veneno que meu pai trazia consigo, porque há muitos dias essa idéia o persegue.

JORGE - Dê-me este vidro. Eu falarei a seu pai.

ELISA - Não lhe fale, não!... Ele se irritaria... sem mudar de tenção. Já supliquei de joelhos!

JORGE - Então confessou-lhe.

ELISA - Tudo... E disse-me que se não tivesse força para lutar contra a desgraça, ainda aí ficaria bastante... para mim!

JORGE - Cale-se, Elisa.

ELISA - "É a única herança de teu pai" - me disse ele chorando.

JORGE - Está louco!...

ELISA -- Não, Sr. Jorge! Ele tem razão! Devemos morrer juntos!

JORGE - Havemos de viver juntos, Elisa. Porque juro que salvarei seu pai. Mas preciso vê-lo.

ELISA - Não lhe diga que lhe contei...

JORGE - Como saberei as circunstâncias do fato que lhe imputam?

ELISA - Ele mesmo nada sabe... senão que um homem O procurou há pouco e ameaçou-o de entregar a letra falsificada à polícia, se lhe não pagasse hoje às cinco horas da tarde!

JORGE - Em quanto monta essa letra?

ELISA - Em 500\$000.

JORGE - E paga ela, seu pai está salvo?

ELISA - Da desonra... e da morte... sim!

JORGE - Não tenho agora essa quantia... Mas prometo arranjar-lá, Elisa.

ELISA - Não, não consinto, Sr. Jorge! Não era isso que lhe vinha pedir...

JORGE - Qualquer estranho o faria para salvar a vida de seu

ELISA - Eu não lhe devia ter dito!... Mas a idéia de ver morrer meu pai!

JORGE - Elisa!... Repila essa idéia!... Confie em Deus!

ELISA - Em Deus e no senhor!... Quem tenho eu mais na terra, além de meu pai?

JORGE - Preciso sair... Daqui a uma hora voltarei! Hei de salvá-lo!

ELISA - Vou com essa esperança!...

## **CENA XII**

JORGE e JOANA

JORGE - Quinhentos mil-réis!...

JOANA - O que é, nhonhô?

JORGE - Deixa-me!...

JOANA - Meu Deus!... Perdão!... Que lhe fiz eu, nhonhô?

JORGE - Nada.

JOANA - Contaram-lhe alguma coisa!... Não acredite!...

JORGE - Em que?

JOANA - Não acredite no que lhe disseram.

JORGE - E tu sabes o que me disseram?

JOANA - Não!... não sei... Mas não é verdade!... Eu lhe juro, nhonhô.

JORGE - Não te entendo, Joana! Perdeste a cabeça?

JOANA - Mas... Que tem nhonhô então?

JORGE - Estou desesperado!

JOANA - Por quê?

JORGE - Preciso de dinheiro... e não sei como hei de obtê-lo. *(Sai)*

JOANA - Ah!

## **ATO TERCEIRO**

Em casa de JORGE. A mesma sala.

CENA PRIMEIRA

JORGE e JOANA

JORGE - O doutor não veio?...

JOANA - Depois que nhonhô saiu?... Não!

JORGE - Já não sei o que faça!

JOANA - Nhonhô não achou o dinheiro de que precisa?

JORGE - Qual!... Fui ao doutor, não estava... Deixei-lhe uma carta. Procurei um homem que me costumava emprestar às vezes... Exige penhor... Que posso eu dar?... Só tenho esta mobília!

JOANA - Mas a casa há de ficar sem trastes?

JORGE - Que remédio, Joana!... Prometeu vir daqui a pouco avaliar... Quanto poderão valer essas cadeiras?... Uma bagatela... cem mil-réis?

JOANA - Valem muito mais!...

JORGE - O meu relógio deu-me apenas cinqüenta!

JOANA - Nhonhô foi empenhar o seu relógio?...

JORGE - Que havia de fazer?

JOANA - Jesus!... Que pena!... Mas Sr. doutor já há de ter recebido a carta... Não deve tardar por aí.

JORGE - É a minha única esperança.

JOANA - Enquanto ele não chega, venha jantar, nhonhô; são mais de três horas.

JORGE - Não quero jantar agora, Joana... Estou fatigado... inquieto... Depois.

JOANA - Almoçou tão pouco!

JORGE - Almocei como de costume. Não tenho disposição.

JOANA - Nhonhô não se agasta se eu lhe perguntar uma coisa?...

JORGE - Podes perguntar.

JOANA - Não é só para saber, não... É que talvez Joana possa remediar... Esse dinheiro de que nhonhô precisa para que é?

JORGE - Se o segredo me pertencesse, eu to diria.

JOANA - Ah! É um segredo... Mas precisa mesmo?...

JORGE - Daria metade da minha vida para obtê-lo.

JOANA - Pois então, nhonhô, fique descansado! Tudo se há de arranjar.

JORGE - Como, Joana?... Por que meio?

## **CENA II**

Os mesmos e DR. LIMA

JORGE - Ah! É o doutor...

JOANA - Ele mesmo!...

DR. LIMA - Apenas recebi a sua carta, meti-me num tálburi e aqui estou. Que temos?

JORGE - Creia, doutor, que só uma circunstância extraordinária me obrigaria a recorrer à sua amizade.

DR. LIMA - Nada de preâmbulos, meu amigo. Eu o conheço. Em que lhe posso servir?

JORGE - Preciso, doutor...

DR. LIMA - De quê? Não se vexe!

JORGE - Talvez repare...

DR. LIMA - Precisa de dinheiro... Não é?

JORGE - É verdade.

DR. LIMA - De quanto?

JORGE - De quinhentos mil-réis... Reconheço que é uma quantia avultada.

DR. LIMA - Até aí chegam as minhas forças. Amanhã lhos trarei.

JORGE - Amanhã?

DR. LIMA - Apenas tire o meu fato da alfândega.

JOANA - Ora, bravo... Está tudo arranjado. Eu bem sabia que meu senhor Dr. Lima era um amigo de mão cheia.

JORGE - Mas eu preciso para hoje às quatro horas sem falta.

DR. LIMA - Eis o que é impossível. Três e dez... A alfândega está fechada... os meus papéis estão na mala... A ninguém conheço... Entretanto vou tentar.

JORGE - Inda mais incômodo!... Com efeito, o senhor deve fazer bem triste idéia de mim!

DR. LIMA - Jorge!... Não me ofenda!

JORGE - Parece que o estava esperando para importuná-lo... Mas quando souber o motivo me desculpará.

DR. LIMA - Não quero que mo declare; sei que é honroso, e isto basta-me.

JORGE - Muito obrigado!

DR. LIMA - Não percamos tempo. Se não estiver aqui às quatro horas, é que nada consegui.

### **CENA III**

JORGE e JOANA

JORGE - Está acabado!... Morrerei também!

JOANA - Nhonhô! Não diga isso!... Há de ter esse dinheiro.

JORGE A última esperança foi-se!

JOANA - Ainda não, nhonhô! Não é de quinhentos mil-réis que precisa?

JORGE - Onde irei eu achá-los?

JOANA - Mas... sua mulata assim mesmo velha, ainda vale mais do que isso.

JORGE - Que queres dizer, Joana?

JOANA - Nhonhô não me deu este papel?... Eu não careço dele!

JORGE - A tua carta!... Estás louca?

JOANA - Ouça, nhonhô...

JORGE - Não quero ouvir nada.

JOANA - Mas nhonhô prometeu dar esse dinheiro.

JORGE - Prometi.

JOANA - Então! Há de faltar à sua palavra... E falar em morrer...

JORGE - Queres que para evitar um mal, cometa um crime?... Que roube a liberdade que te dei?...

JOANA - Nhonhô não rouba nada!... Eu é que não quero... Não pedi!...

JORGE - Que importa?... O que dei não me pertence.

JOANA - Pois eu não aceito! Veja...

JORGE - Que vais fazer?

JOANA - Nhonhô não há de obrigar... Não sou forra!... Não quero ser!... Não quero!... Sou escrava de meu senhor!... E ele não há de padecer necessidades!... Tinha que ver agora uma mulher em casa sem fazer nada, sem prestar para coisa alguma... E meu nhonhô triste e agoniado.

JORGE - Não recebo o teu sacrifício. É escusado. Depois, de que me serviria isto?

JOANA - Mas vem cá, nhonhô... Vm. não disse esta manhã que há muito tempo me queria ferrar?

JORGE - E disse a verdade.



JOANA - Quem duvida?... Mas não forrou porque tinha pedido um dinheiro emprestado com... Não sei como se chama.

JORGE - Com hipoteca?

JOANA - Isso mesmo!... Pois que custa nhonhô pedir outra vez esse dinheiro emprestado?

JORGE - Tu já não és minha escrava.

JOANA - O que sou eu então!... Nhonhô não me quer mais... Não presto para nada... Paciência!

JORGE - Estás forra.

JOANA - Mas eu rasguei o papel.

JORGE - É indiferente. Eu o escrevi.

JOANA - Que tinha que fizesse isto? Amanhã, Sr. Dr. Lima trazia o dinheiro, e estava tudo direito.

JORGE - Vê quem está batendo. Deve ser o Peixoto.

JOANA - Mas então, nhonhô?

JORGE - Abre a porta.

#### **CENA IV**

Os mesmos e ELISA

JOANA - Iaiá D. Elisa!

ELISA - Sr. Jorge. (*JOANA afasta-se*)

JORGE - Nada obtive ainda, Elisa.

ELISA - Meu Deus!... Ele já me perguntou pelo vidro!... Eu lhe respondi... Nem sei o que lhe respondi!... São mais de três horas...

JORGE - Não desespere, Elisa! Ainda temos tempo. Vá fazer-lhe companhia. Não o deixe.

ELISA - Oh! se as minhas lágrimas o salvassem!

JORGE - Em último caso, se nada conseguir, irei ter com ele... Não o deixarei realizar o projeto que medita.

ELISA - Mas ficará desonrado... Acusado de falsificador, será demitido... Cuida que resistirá?

JORGE - Procuremos salvar-lhe a honra... Se não for possível, de duas desgraças a menor... a que ainda pode ser reparada!

ELISA - Conto com o senhor!... Não nos abandone, Sr. Jorge.

JORGE - Vá descansada! Talvez mais cedo do que pensa eu possa levar-lhe uma boa notícia!... Se houver alguma coisa de novo, venha me dizer!.

JOANA - Que tem iaiá que está tão triste?

ELISA - Logo te direi, Joana.

JOANA - Sua mulata de nada serve, mas...

ELISA - Sei quanto és boa! Porém não me podes valer.

JOANA - Quem sabe, iaiá?

## **CENA V**

JORGE e JOANA

JORGE - Joana!... Aceito o sacrifício que me fazes!.

JOANA - Qual sacrifício!... Isso é o que nhonhô devia ter feito logo. Já estava livre de cuidados.

JORGE - Não o aceitaria nunca se não fosse para o fim que é... Para salvar a vida de um homem... de um pai!

JOANA - Do Sr. Gomes?

JORGE - Sim, do pai de Elisa.

JOANA - Por isso é que iaiá está com os olhos vermelhos de chorar!... Pois nhonhô sabia e recusava!...

JORGE - Nem imaginas quanto me custa!... Há muito tempo não tenho uma tão grande satisfação como a que senti hoje dando-te a liberdade, Joana! Nunca o dinheiro ganho pelo trabalho honesto me inspirou tão nobre e tão justo orgulho!... E destruir agora a minha obra!... Ah! Elisa não sabe que fel me fazer tragar as suas lágrimas!

JOANA - Está bom, nhonhô, não esteja triste!... Tudo vai se arranjar... daqui a uma semana, se tanto, que festa não há de haver nesta casa!

JORGE - Se eu já tiver restituído o que hoje confias de mim com tanta generosidade. Antes disso juro que não gastarei senão o que for absolutamente necessário para viver.

JOANA - E por que agora nhonhô há de se privar do que precisar?

JORGE - O devedor que assim não procede, rouba ao seu credor. E se houve dívida sagrada no mundo é esta que vou contrair contigo.

JOANA - Não, vejo nada de maior.

JORGE - Aumentas o sacrifício, diminuindo-lhe o valor.

JOANA - Nhonhô hoje não está bom, não! Tão cheio de partes!...

JORGE - Será o doutor?

## **CENA VI**

Os mesmos e PEIXOTO

PEIXOTO - Com licença!

JORGE - Ah!... Faz obséquio de sentar-se?

PEIXOTO - Tardei um pouco. Tive que fazer.

JOANA - É o homem dos trastes, nhonhô?

JORGE - E o doutor nada!

JOANA - Não achou.

PEIXOTO - Vamos a isso! Falou-me na sua mobília. É esta?

JORGE - Sim, senhor. Tenho também alguns trastes na varanda.

PEIXOTO - Jacarandá... Mais de meio uso.

JOANA - Quase nova, meu senhor...

PEIXOTO - Tem alguns dois anos de serviço.

JOANA - Jesus!... Nem dois meses!

PEIXOTO - Então foi comprada em leilão. Não há que fiar agora. Imaginem trastes velhos por novos... Lixa e verniz... Não custa.

JORGE - Mas quanto dá o senhor?

PEIXOTO - Por isto que aqui está... Último preço oitenta mil-réis. Não vale mais.

JORGE - Oitenta só?

PEIXOTO - Só. E não é pouco.

JOANA - Ora, meu senhor! Mais do que isto custou o sofá.

PEIXOTO - Pode ser. Não dou mais.

JORGE - E pela minha cama?... É de mogno maciço.

PEIXOTO - Vejamos. (*Entra na alcova*)

JOANA - Mas nhonhô há de ficar sem a sua cama? Isso não tem jeito nenhum.

JORGE - Comprarei outra depois.

JOANA - Melhor é fazer o que lhe disse, nhonhô.

JORGE - Deixa ver... Talvez não seja preciso.

PEIXOTO - A cama e a mobília da sala... Fica tudo por cento e vinte mil-réis. Tem mais alguma coisa?

JOANA - Tem, sim, meu senhor!... Tem esta escrava! Quanto acha Vm. que ela vale?

PEIXOTO - Ah! Isto é outro caso!... (A JORGE) Quer renovar a hipoteca sobre ela?

JOANA - Quer... Ele quer... Pois já não disse?...

PEIXOTO - Não ouvi! Então fica sem efeito o negócio dos trastes?

JOANA - Fica, meu senhor!... Não é, nhonhô?

JORGE - Não sei.

PEIXOTO - Em que ficamos?

JOANA - Devem ser quatro horas!

JORGE - Quatro horas!?!... Que decide, senhor?

PEIXOTO - Sobre a mulata?

JORGE - Sim!

PEIXOTO - Dou-lhe sobre ela trezentos mil-réis.

JORGE - Como, senhor?!... Não lhe estava hipotecada por seiscentos mil-réis que acabei de pagar hoje?

PEIXOTO - Foi em outro tempo! Hoje está velha.

JOANA - Eu velha, meu senhor!... Mal tenho trinta e sete anos... Depois não sou qualquer mulatinha como essas preguiçosas que não entendem de outra coisa senão de estar na janela!... Eu sei pentear e vestir uma moça que faz gosto. Melhor do que muita mucama de fama.

PEIXOTO - Não tenho filhas.

JOANA - Mas eu também sei coser, lavar, engomar. Que pensa meu senhor?... Onde me vê, não é por me gabar... Dou conta do arranjo de uma casa... Varro, arrumo tudo, cozinho, ponho a mesa; e ainda me fica tempo para fazer as minhas costuras, remendar os panos de prato, arcar as panelas... Pergunte a nhonhô!

JORGE - Joana, eu te peço!

JOANA - Olhe, meu senhor! Dê quinhentos mil-réis, que não se há de arrepender!... Dê sem susto, porque o mais tarde, o mais tarde, amanhã meu nhonhô vai lhe pagar.

PEIXOTO - Não posso. Tu não estás segura...

JOANA - Eu não preciso, meu senhor!... Prometo a Vm. que não morro!... Não é capaz!... Tenho vida para cem anos. Vm. não conhece esta mulata, não. Seguro... Isto é para a gente de hoje!...

JORGE - Escuta, Joana.

JOANA - Nhonhô espere... Então Vm. não dá os quinhentos mil-réis?

PEIXOTO - Veremos: veremos! Conforme as condições que teu senhor aceitar.

JOANA - Logo vi que Vm. havia de chegar... Porque olhe!... Também por menos, estava bem livre!... - O que é, nhonhô?

JORGE (*a meia voz*) - Deixa-nos a sós Quero tratar com este homem.

JOANA - E que tem que eu esteja aqui, nhonhô?

JORGE - Em tua presença nunca poderei.

JOANA - Pois eu vou. Não se arrependa, nhonhô. D. Iaiá Elisa está esperando... Coitadinha!...

## **CENA VII**

JORGE e PEIXOTO

PEIXOTO - Está disposto a efetuar o negócio?

JORGE - Por quinhentos mil-réis dados imediatamente.

PEIXOTO - Já vejo que nada fazemos.

JORGE - O senhor supõe que estou, como certas pessoas com quem trata, procurando rodeios para tirar-lhe a maior soma possível. Engana-se.

PEIXOTO - Não suponho tal.

JORGE - Tenho urgente necessidade de quinhentos mil-réis, hoje, dentro de meia hora. Desde que não é possível obter esta quantia, o negócio não me convém. E não sei, Sr. Peixoto, se deva agradecer-lhe.

PEIXOTO - Então precisa de quinhentos mil-réis?

JORGE - Justos.

PEIXOTO - Pois não seja esta a dificuldade. Dou-lhe esse dinheiro sobre a escrava.

JORGE - Já?

PEIXOTO - Não o trago aqui, mas vou buscá-lo... num instante... Isto é, eu ainda não examinei a peça... mas podemos terminar isto.

JORGE - Que é preciso fazer?... Ir a um tabelião...

PEIXOTO - Levaria muito tempo. Distribuir a escritura... pagar selo... Nem amanhã se concluiria.

JORGE - Mas eu preciso hoje.

PEIXOTO - Há meio de remediar tudo. Faça um penhor!

JORGE - Para que o senhor a leve?

PEIXOTO - Um simples escrito, e está o negócio arranjado.

JORGE - Isso de maneira alguma! Pensei que era o contrato que já fizemos! Joana hipotecada ao senhor, mas sempre em minha casa!

PEIXOTO - Deste modo nem é possível, nem eu lhe daria os quinhentos mil-réis. Devo lucrar os serviços.

JORGE - Por algumas horas... Pois amanhã...

PEIXOTO - Lá isso não sei... Pode ser por meses.

JORGE - Não tenho ânimo de separá-la de mim, de tirá-la de casa!

PEIXOTO - Pois resolva-se!... Vou ao escritório buscar o dinheiro. Daqui a cinco minutos venho saber a resposta.

JORGE - É escusado... Para que se incomodar?

PEIXOTO - Tenho um negócio para estas bandas. Até já.

### **CENA VIII**

JORGE e JOANA

JOANA - Arranjou-se tudo, nhonhô! Não foi?

JORGE - Não fiz nada; estou na mesma.

JOANA - O homem teimou em não dar os quinhentos mil-réis?

JORGE - Dava: mas com uma condição que não quis... que não devia aceitar.

JOANA - Qual, nhonhô?

JORGE - Não entendes de negócio. Tanto faz dizer-te como não.

JOANA - É verdade que Joana não estudou como os homens que vão à escola! Mas... Nhonhô não faça pouco... Eu sei muita coisa. Pode ser que lembre uma idéia boa.

JORGE - Não fazemos nada, Joana. O melhor é resignar-me.

JOANA - Então nhonhô deixa morrer o pai de iaiá D. Elisa?

JORGE - Ele há de atender-me!... É impossível que um homem razoável persista em fazer semelhante loucura.

JOANA - Mas Vm. prometeu a iaiá... E quando ela vier que lhe há de responder?

JORGE - O quê?... Que esta vida não vale as lágrimas que custa!

JOANA - Nhonhô!... Não se lembre disso!

JORGE - Que hei de fazer, Joana?

JOANA - Se não tivesse deixado o homem sair.

JORGE - Ele ficou de voltar para saber a resposta.



JOANA - Que resposta?

JORGE - Da condição que me propôs... Queria que te desse em penhor.

JOANA - Que eu fosse para a casa dele?

JORGE - Bem vêς que não devia aceitar!

JOANA - Nhonhô precisa do dinheiro... Aceite!... Mas é por hoje só, não é?

JORGE - Unicamente!... Amanhã, apenas o doutor chegasse, iria te buscar.

JOANA - Pois então!... Uma tarde depressa se passa!... Nhonhô não faltará ao que prometeu.

JORGE - Elisa vai agradecer-me o que só deverá a til Assim é este mundo.

JOANA - Eu não faço nada por iaiá D. Elisa... É por meu senhor...

JORGE - O Peixoto está se demorando! Se não voltar!

JOANA - Eu vou chamá-lo.

JORGE - Espera!... Às vezes tenho vontade que ele não venha.

JOANA - Ah! se o Sr. doutor aparece por aí!

JORGE - Não ouves subir?

JOANA - Vou ver.

## **CENA IX**

Os mesmos e PEIXOTO

PEIXOTO - Já sei que resolveu-se?

JORGE - As circunstâncias me forçaram.

PEIXOTO - Ora bem! Fechemos o negócio. Vem cá, mulata.

JOANA - Meu senhor!

PEIXOTO - Deixa lá ver os pés!

JOANA - Meu senhor está desconfiado comigo! Eu não tenho doença!... Se nunca senti me doer a cabeça, até hoje, graças a Deus!

PEIXOTO - Tá, tá, tá, cantigas!... Vamos!... Não te faças de boa!

JOANA - Ninguém ainda me tratou assim, meu senhor!

PEIXOTO - Anda lá!... Mostra os dentes!

JOANA - Todos são!

PEIXOTO - É o que esta gente tem que mete inveja! Se fosse possível trocar!... E não tens marca?

JORGE - Senhor! Acabe com isto!... Não posso mais ver semelhante cena.

PEIXOTO - Quem dá o seu dinheiro, Sr. Jorge, deve saber o que compra... Se não lhe agrada...

JORGE - Está no seu direito; quem lhe contesta?... Mas terminemos com isto de uma vez.

PEIXOTO - Não desejo outra coisa. Então tens as tais marcas, hein?...

JOANA - Fui mucama de minha senhora moça, que me tratava como sua irmã dela. Saí para o poder de nhonhô, que até hoje nunca me disse "Joana, estou zangado contigo!"

PEIXOTO - Tens um bom senhor, já vejo!

JORGE - Perdoa, Joana, o por que te fiz passar!

JOANA - Não foi nada, nhonhô.

PEIXOTO - Muito bem! Aqui está o papel.

JORGE - O senhor enganou-se!... Seiscentos mil-réis?

PEIXOTO - É difícil enganar-me. São mesmo seiscentos mil-réis.

JORGE - Mas eu pedi-lhe quinhentos mil-réis.

PEIXOTO - Justo! É o que há de receber. Os cem são de juros.

JORGE - Por um dia?... Pois amanhã...

PEIXOTO - Não empresto por um dia! Se quiser pagar amanhã, nada tenho com isso.

JORGE - Mas receberá.

PEIXOTO - Certamente!

JORGE - E ganhará em um só dia 20%.

PEIXOTO - São os riscos do negócio... Posso esperar anos sem receber.

JORGE - Nesse caso os serviços.

PEIXOTO - Ainda não sei quais são. Demais, tenho alimentação, vestuário, botica, médico, etc.

JORGE - Enfim!... Já não é tempo de recuar. (*Vai à mesa assinar o papel*)

JOANA - Meu senhor, não cuide que vou lhe fazer despesas. Como um quase nada...

PEIXOTO - Que interesse tens tu no negócio! Parece que estás morrendo por te ver livre de teu senhor.

JOANA - Está ouvindo, nhonhô?

JORGE - Mas, senhor!... Isto é um papel de venda.

JOANA - De venda?!... Nhonhô me vender!

PEIXOTO. - Questão de palavras!... Não vê que tem a condição de retro?

JORGE - O senhor falou-me em penhor... Venda! Nunca teria consentido.

PEIXOTO - É uma e a mesma coisa. No penhor, se o senhor não me pagar, a escrava é minha. Na venda a retro ela volta ao seu poder, logo que me pague.

JORGE - Em todo o caso prefiro o penhor.

PEIXOTO - Meu caro senhor, tenho tido todas as condescendências possíveis; mas V. Sa. não está habituado a tratar certos negócios, de modo que nunca chegaremos a um acordo.

JORGE - Porque o senhor não diz francamente o que exige.

PEIXOTO - Essa é boa! Quer mais franqueza?... É aceitar ou largar! Não obrigado!

JOANA - Mas se nhonhô lhe pagar amanhã, fica meu senhor outra vez?

PEIXOTO - Que dúvida!... Tem um mês para pagar! JOANA - Então, nhonhô... Vem dar no mesmo.

JORGE - Não!... não posso assinar semelhante papel! PEIXOTO - Bem! o dito por não dito!... Outra vez fará o obséquio de não me incomodar. Perdi com o senhor a manhã inteira... sem o menor proveito. (*ELISA aparece*)

## CENA X

Os mesmos e ELISA

JORGE - Ah! (*assina*) Tome, senhor. O dinheiro? (*Corre a Elisa*)

PEIXOTO - Ei-lo. - Oh! Quem é esta moça?

JOANA - É a filha do Sr. Gomes.

PEIXOTO - Hum!... Percebo!

JORGE - Não se importe que a vejam aqui! Se a caluniarem, eu farei calar o infame!

ELISA - Nem sei já o que faço!...

JORGE (*a PEIXOTO*) - O dinheiro?

PEIXOTO - Aqui o tem. Faça o favor de contar.

ELISA - Este homem!...

JORGE - Que tem?

ELISA - É o que ameaçou meu pai!

JORGE - Devia ter adivinhado!

ELISA - Vendo-o entrar, julguei que já vinha... Fiquei fora de mim... Subi! Há que tempo estou ali sem ânimo de entrar.

JORGE - Finalmente seu pai está salvo! Tome, Elisa!...

ELISA - Oh! não, Sr. Jorge!

JORGE - Tem vergonha de aceitá-los da mão de seu marido?...

ELISA - Não era melhor que o senhor mesmo entregasse a meu pai?

JORGÉ - Ele aceitaria mais facilmente de sua filha!

ELISA - Mas eu é que não posso!... Não devo...

JORGE - Espere!... (A PEIXOTO) O senhor tem eu seu poder uma letra do Sr. Gomes?

PEIXOTO - Uma letra de quinhentos mil-réis? Sim, meu senhor!

JORGE - Está paga! Dê-me esta letra!

PEIXOTO - Então era esta a necessidade urgente? (*Dá a letra*) Muito podem uns bonitos olhos!

JORGE - Insolente!... Respeite nesta senhora minha mulher.

PEIXOTO - Perdão! Não sabia.

JORGE - (*a ELISA*) - Agora não deve ter escrúpulos. É um papel sem valor.

ELISA - Sem valor, Jorge!... Vale a honra e a vida de meu pai; vale a nossa felicidade.

JORGE - Vá depressa sossegar seu pai... Ah! Agradeça a Joana, Elisa.

ELISA - Por quê? Ela também se interessou por mim?

JORGE - Depois lhe direi porquê.

JOANA Eu só peço a Deus que faça meu nhonhô e iaiá D. Elisa muito, muito felizes!

*(Durante a cena seguinte vêm-se JORGE e ELISA na porta)*

## **CENA XI**

PEIXOTO e JOANA

PEIXOTO - Não tens alguma roupa?... Ou é só a do corpo?

JOANA - Tenho muita roupa, graças a Deus; é o que não me falta. Nhonhô me dá mais do que eu preciso.

PEIXOTO - Pois então vai arrumar a trouxa. E anda com isso.

JOANA - Por uma noite?... Nhonhô amanhã vai me buscar.

PEIXOTO - Todos eles dizem o mesmo... Amanhã, amanhã... e o tal amanhã dura um ano.

JOANA - Que diz, meu senhor?... Um ano!... Oh! meu nhonhô não é como esses. Vm. há de ver... Ele quer bem à sua mulata.

PEIXOTO - Vamos. Despacha-te. Vai sempre ver a roupa. Não digas que te engano.

JOANA - Não, meu senhor. Se eu ficar lá, o que Deus não há de permitir, não... eu virei buscar os meus trapinhos. Agora!... Se eu os levasse... Era como se não tivesse mais de voltar para o poder de meu nhonhô!... E Joana não poderia!

PEIXOTO - Bem! Eu cá mandarei.

## **CENA XII**

Os mesmos e JORGE

JORGE - Desculpe se os fiz esperar.

PEIXOTO - Não manda mais nada ao seu serviço?

JORGE - Tenho apenas uma súplica a fazer-lhe.

PEIXOTO - Que diremos?

JORGE - Durante o tempo que esta... que Joana vai estar em sua casa.

PEIXOTO - Que é minha escrava, quer o senhor dizer.

JORGE - Peço-lhe que a trate com doçura. Está habituada a viver comigo, mais como uma companheira do que...

PEIXOTO - Escusa pedir-me isto. Sou bom senhor. O caso é saberem levar-me. Anda, mulata! Vamos.

JOANA - Já?!... Me deixe dizer adeus a meu nhonhô.

PEIXOTO - Pois dize lá o teu adeus... E nada de choramingas.

JOANA - Meu nhonhô, adeus! Sua escrava vai-se embora!

JORGE - Joana!

JOANA - Não chore, nhonhô. É por hoje só. Não é?

JORGE - Eu te juro.

JOANA - Oh! Se não fosse, nhonhô me deixava ir?

JORGE - Decerto que não!

JOANA - Mas se o Sr. doutor não vier amanhã?

JORGE - Se ele faltar, meu Deus!

JOANA - Não há de faltar, não. Sr. doutor é homem de palavra...

JORGE - E quando por qualquer acaso sucedesse... Ainda tenho forças para trabalhar.

JOANA - Oh! meu nhonhô! Não é por mim que tenho medo de ficar lá. Deus é testemunha... Mas quem há de tratar de meu nhonhô quando sua Joana não estiver aqui?... Quem há de preparar tudo para que não lhe falte nada? E se nhonhô cair doente?!... Meu Jesus!... Que dor de coração só de pensar nisso!

JORGE - Consola-te, Joana. Algumas horas depressa se passam.

JOANA - É assim mesmo, nhonhô... Mas que saudades que Joana vai ter... Ela que nunca saiu de junto de seu senhor... nem um dia... Que nunca se deitou sem lhe tomar a bênção! Nhonhô também há de ter saudades de sua escrava?...

JORGE - Perguntas, Joana.

JOANA - Oh! Eu sei que nhonhô há de ter!... Mas não fique triste, não.

JORGE - Joana, não me faça perder a coragem... Deste modo não terei ânimo.

JOANA - Está bom, nhonhô. Olhe: Joana não chora mais! Está se rindo. Amanhã ela estará aqui outra vez, servindo seu nhonhô... E iaiá D. Elisa, Sr. Gomes... todos contentes!

PEIXOTO - Se continuamos assim, não saio daqui hoje! É uma choradeira que nunca mais se acaba.

JORGE - Não zombe destas lágrimas, senhor! Joana me criou! Nunca nos separamos. É toda a minha família! Ela e um amigo que tive hoje a felicidade de ver. Amor de mãe que não conheci, amor de irmã que não tive, tudo concentrei nela!

PEIXOTO - Mas é preciso que terminemos com isto.

JORGE - É justo... Joana! Adeus! Até amanhã!

JOANA - Até amanhã!... Sim, meu nhonhô!... Mas se eu lhe pedisse...

JORGE - O quê? Dize...

JOANA - Não... Para quê... Incomodar o nhonhô?

JORGE - Pode... O quê?

JOANA - Nhonhô à tardinha... Quando se recolhesses... Podia passar...

JORGE - Compreendo... Eu irei ver-te, minha boa Joana.

JOANA - Que alegria que Joana terá!

PEIXOTO - Não posso mais. Psiu! Mulata! segue-me!

JORGE - Não lhe fale assim!



PEIXOTO - Ora, essa! É minha escrava. Posso fazer dela o que quiser.

JORGE - Usurário!... Não me obrigue a fazer uma loucura!

JOANA - Nhonhô, não se altere.... Vamos, meu senhor. Estou pronta.

PEIXOTO - Passa! Anda...

JOANA - Nhonhô!... Lembre-se de sua escrava.

JORGE - Meu Deus!

### **ATO QUARTO**

Em casa de JORGE, a mesma sala.

### **CENA PRIMEIRA**

JORGE e ELISA

ELISA - Sr. Jorge!...

JORGE - Ah! bom dia, Elisa!... Seu pai?

ELISA - Está inteiramente calmo. Saiu... Disse-me que daqui a pouco lhe viria agradecer.

JORGE - Ele já sabe?

ELISA - Conte-ihe tudo!... Não devia?

JORGE - Fez bem. Que respondeu ele?

ELISA - Sorriu, Jorge!

JORGE - Aprovou portanto...

ELISA - Parece...

JORGE - Só nos falta para sermos felizes...

ELISA - O quê?... Não me responde?

JORGE - Não posso agora! Depois saberá, Elisa.

ELISA - Deve ser alguma coisa que lhe pesa! Está inquieto!

JORGE - É engano!... Não tenho motivo de inquietação.

ELISA - Quer ocultar de mim, que lhe contei todos os meus pesares?

JORGE - Nada oculto... São recordações... O espírito humano é assim... Inquieta-se, possui-se de um vago temor, quando maior razão tem de alegrar-se.

ELISA - Pois eu o deixo... Já que não posso desvanecer, não quero perturbar essas recordações.

JORGE - É uma queixa injusta. Fique!

ELISA - Oh! Não... Não posso demorar-me... Não devo! Quis unicamente agradecer-lhe... Na presença de meu pai não teria ânimo.

JORGE - Por que, Elisa?

ELISA - Não sei!... Há certas coisas que... Não posso explicar... Mas só ao senhor as diria!

JORGE - Tem razão, Elisa! Se há poder sublime é o da alma.

ELISA - Será talvez por isso... Eu conheço que é impróprio vir aqui! Porém ontem a desgraça me arrastou sem consciência do que fazia! Hoje foi a gratidão que me trouxe.

JORGE - Uma vez por todas, Elisa. Não tem que me agradecer.

ELISA - Oh! Sr. Jorge!

JORGE - Não, Elisa. O que fiz foi por egoísmo. Não defendia a minha felicidade? E se alguém deve ser grato, não sou eu?

ELISA - O que o senhor chama a sua felicidade, não é também a minha? Fui eu que a dei ou que recebi?...

JORGE - Deu-a.

ELISA - Recebi-a com a honra e a vida de meu pai. Bem vê que a gratidão me pertence e a mim só!

JORGE - De modo algum!

ELISA - Não ma roube!... É a minha única riqueza.

JORGE - E o amor, Elisa?

ELISA - Esse não me pertence! É seu!... Bem o sabe! Adeus.

JORGE - Até logo, então?

ELISA - Até logo, sim... Onde está Joana?

JORGE - Joana? Lá dentro... saiu... creio.

ELISA - Ainda hoje não a vi!... Desde ontem à tarde!...

JORGE - Esteve ocupada talvez.

ELISA - Ralhe com ela para não ser ingrata!... É verdade!. O que ficou de me dizer ontem?...

JORGE - Depois, Elisa!

ELISA - Também o senhor hoje vai deixando tudo para depois. Quando se realizarão todas as suas promessas?...

JORGE - No dia em que se realizarem as minhas esperanças.

ELISA - Ah!... Tem bem que esperar!

JORGE - Não há de ser tão má.

## **CENA II**

Os mesmos e JOANA

ELISA - Aqui está ela!

JORGE - Joana!

JOANA - Meu nhonhô!... Como está?... Dormiu bem?... Não teve nenhum incômodo, não?... Ai, que já não podia!... Passar tanto tempo sem ver meu nhonhô! Adeus, iaiá.

ELISA - Estou muito agastada contigo!... Onde é que andaste?

JOANA - Eu! Aí mesmo, iaiá.

ELISA - Mas chegaste de fora... Ainda não tinhas visto Sr. Jorge hoje?

JORGE - Ainda não.

ELISA - O senhor ainda não saiu!...

JOANA - Não vê, iaiá... Sim! eu fui ontem de tarde... Aproveitei, como o tempo estava bom... Fui lavar uma trouxa de roupa numa chácara em Santa Teresa.

ELISA - Por isso é que não te vi mais ontem?

JOANA - Foi, iaiá... Foi por isso mesmo!... Mas nhonhô está triste! não fala com sua mulata.

JORGE - Já te falei, Joana. Estou esperando pelo doutor!

JOANA - Não tarda, nhonhô... Vem sem falta. Não se agonie.

ELISA - E eu não quero que me encontre aqui!

JOANA - Iaiá já vai?... Então quando é o dia!

ELISA - Que dia?... Começas com as tuas graças!

JOANA - Ora, isso é uma coisa tratada. Não é, nhonhô?

JORGE - Só falta o que tu sabes, Joana!

ELISA - O quê?... Não me dizem?

JORGE - É um segredo!

JOANA - Iaiá quer saber?

ELISA - Quero, sim!... É a meu respeito?

JOANA - Escute, iaiá... No ouvido. É o vestido que está se fazendo.

ELISA - Mentirosa!... Cuidas que eu acredito?

JOANA - Se eu é que hei de cosê-lo com estas mãos!

ELISA - Antes disso tens muito que coser.

JOANA - O enxoval! Não é, iaiá?

ELISA - Joana! Por tua causa não hei de vir mais aqui. (*Sai*)

### **CENA III**

JOANA e JORGE

JORGE - Como te tratou aquele homem, Joana? Não imaginas quanto me arrependi... Entretanto se não o fizesse, quem sabe o que aconteceria!

JOANA - Não tenha cuidado, nhonhô! Joana vive em toda a parte... O que tem é que sente um aperto de coração quando não pode ver seu nhonhô!

JÓRGE - Também eu! Toda a noite não pude sossegar... Faltava-me alguma coisa.

JOANA - Deveras!... Nhonhô sentiu que sua Joana se fosse embora!... Como nhonhô é bom! Como quer bem à sua Joana!

JORGE - Pois duvidavas?

JOANA - Então eu não sei que nhonhô me estima!

JORGE - Muito!... E o doutor que não chega!

JOANA - Não pode tardar. Enquanto nhonhô espera, eu vou endireitar isto... Como há de estar tudo numa desordem!

JORGE - Decerto!... não estando tu aqui...

JOANA Por isso eu hoje, logo que acordei, pedi a Nosso Senhor Jesus Cristo, primeiro pela vida e saúde de meu nhonhô, de iaiá D. Elisa, do Sr. Gomes, do Sr. doutor; depois prometi à Nossa Senhora uma camisinha bordada para seu menino Jesus dela, o que está na igreja do Sacramento, se não deixasse dar

nove horas em S. Francisco de Paula sem que eu viesse ver meu nhonhô, tomar a benção a ele e fazer seu serviço para que não sentisse a falta de sua Joana.

JORGE - E sou eu que hei de cumprir a tua promessa.

JOANA - Não é nhonhô que me dá tudo?... Depois, das mãos de nhonhô a Virgem Santa há de receber com mais gosto.

JORGE - Ela a receberá do teu coração, Joana.

JOANA - Mas eu é que hei de bordar a camisinha!

JORGE - Faz-te mal aos olhos o bordar.

JOANA - Para Nossa Senhora... Para seu Menino Jesus dela! Qual!

JORGE - Só consinto com a condição de não trabalhares à noite.

JOANA - Pois sim, nhonhô. Mas eu não disse como Nossa Senhora se lembrou de mim!

JORGE - Como foi?

JOANA - Olhe, nhonhô!... Vê-se mesmo que foi coisa do Céu! E há gente que zomba e não quer acreditar!... Pois eu estava pensando no meu canto, que volta havia de dar para ver nhonhô, quando o homem me chamou e disse: "Se alguém bater fala pela janela e manda esperar. Eu costumo fechar a porta da rua e levar a chave."

JORGE - Deixou-te presa?

JOANA Não, nhonhô! Aí é que está o milagre de Nossa Senhora! Eu fiquei fria quando ele disse aquilo!... De repente chega uma carta! O homem lê, ataranta-se todo, e lá se vai, sem chave, sem nada!

JORGE - E saíste?

JOANA - Fechei tudo direitinho, cerrei a porta da rua e corri até aqui.

JORGE - Não se zangue ele quando voltar!

JOANA - Antes disso eu hei de estar lá... Deixe-me endireitar tudo... Espanar a mobília.

JORGE - Talvez não voltes mais! Chegando o doutor...

JOANA - Quem dera, nhonhô!

JORGE - Não te há de alegrar mais do que a mim.

JOANA - Ora, nhonhô quer se privar de sua mobília tão bonita!... Simples, mas bem feitinha!... Estas cadeiras tão direitinhas... e leves!... Estes aparadores... Parece que se tomou a medida pela casa.

JORGE - Preferia perder tudo isto a ver-te sair de minha casa... E como?

JOANA - O melhor é a gente não se lembrar mais disto! Oh! nhonhô! Que vidro é este que está aqui?

JORGE - Qual, Joana?

JOANA Este, nhonhô. Não vê?

JORGE - Cuidado, Joana. É veneno!

JOANA - Veneno!... Nhonhô!... Que quer fazer?... Mau...

JORGE - Ouve!...

JOANA - Mau, sim!... Nhonhô é um ingrato!... Meu Senhor Deus!... E eu não tive uma pancada no coração que me dissesse!

JORGE - Que estás aí a inventar, Joana? Quem te disse que este veneno era para mim?

JOANA - Ah! não era... Mas como veio parar aqui?

JORGE - Eu te explico. Ninguém mais do que tu deve saber. É a prova da tua generosidade!... O pai de Elisa.

JOANA - Sr. Gomes?

JORGE - Queria matar-se!

JOANA - Por causa daquela letra?

JORGE - Justamente. Elisa tirou-lhe o veneno e me confessou tudo ontem!

JOANA - Que menina! ..... Não me disse nada! Foi dela que nhonhô tomou o vidro?... Mas não devia deixar por aqui.

JORGE - Esqueci-me. Tenho tido tantas preocupações. Dá cá.

JOANA - Eu guardo, nhonhô, para deitar fora.

JORGE - Vê se te descuidas!...

JOANA - Está no seio. Vou atirar ao mar... Pode algum malfazejo...

JORGE - Não o abras!

JOANA - Eu!... Nosso Senhor me defenda.

JORGE - Aí está o doutor!

JOANA - Ah!... Que ia fazendo?

JORGE - Hein?... Que foi?...

JOANA - Naquela aflição de ontem me esqueci!... Nhonhô não diga nada a ele do que se passou!... Olhe lá!

JORGE - Por quê? Não queres que ele te admire?

JOANA - Nhonhô! Fora de graça!... Não diga nada! Por tudo quanto há!

JORGE - Tens razão!...

#### **CENA IV**

Os mesmos e DR. LIMA

DR. LIMA - Então como se arranjou?

JORGE - Achei quem me emprestasse, mas com a condição de pagar hoje sem falta.

DR. LIMA - Muito bem! Eu fiz o que pude. Ontem nada consegui.

JORGE - E hoje?...



DR. LIMA - Adeus, Joana.

JOANA - Meu senhor passou bem?

JORGE - Mas então, doutor?

DR. LIMA - O que lhe disse eu ontem?

JORGE - Que hoje às nove horas, se não pudesse antes.

DR. LIMA - Que horas são?

JORGE - Não sei! Empenhei o meu relógio!...

JOANA - Hã de ser nove, meu senhor.

DR. LIMA - Menos cinco minutos. Eu aqui estou e o dinheiro comigo.

JORGE - Ah!

JOANA - Eu sempre disse! Homem de palavra, como meu senhor!...

DR. LIMA - Espera! que temos uma conta a ajustar...

JOANA - Comigo?... Eu não fiz nada!

DR. LIMA - Já te falo. (*A JORGE*) Aqui tem. Está nesta carteira um conto de réis. Tire o que precisar.

JORGE - Preciso de seiscentos mil-réis. Tenho oitenta, bastam-me quinhentos e vinte.

DR. LIMA - Não se acanhe!... Esses oitenta mil-réis são naturalmente o produto do seu relógio empenhado!... Vá desfazer essa transação. Gaste o que for preciso para pôr em ordem os seus negócios. Depois falaremos.

JORGE - Não lhe sei agradecer, doutor!... Se este dinheiro fosse para matar-me a fome, eu não o receberia com tanta avidez.

DR. LIMA - Agora a nossa conta, Joana. Jorge não te deu ou tem um papel?

JOANA - Meu senhor!...

JORGE - Como soube, doutor?

DR. LIMA - Eu não estava aqui?... Já se esqueceram?...

JORGE - Estava... mas...

DR. LIMA - Quando te deu esse papel, que te disse Jorge?

JOANA - A que vem isto agora, meu senhor?

DR. LIMA - Ainda!... Disse-te: "Joana, nesta casa não há mais nem senhor nem escrava." (A *JORGE*) Não foi isto?

JORGE - Foi, doutor, e repito.

DR. LIMA - Ora bem! Se eu te ouvir daqui em diante alguma destas palavras, meu senhor, sua escrava, saio por aquela porta e não ponho mais os pés aqui!

JOANA - Meu... Sr. doutor!

JORGE - Ralhe! Ralhe com ela, doutor, para ver se emenda-se.

DR. LIMA - Não venho mais cá e escrevo uma carta a Jorge... explicando-lhe o motivo?

JOANA - Ah! Vm. não há de fazer isto! Eu juro o que quiser.

DR. LIMA - Estamos entendidos.

JORGE - Dê-me licença, doutor. Vou sair um instante para saldar essa dívida que me pesa.

DR. LIMA - Sem cerimônia! Vá. Enquanto espero, Joana, prepara alguma coisa, que ainda não almocei.

JORGE - Ouves, Joana?!

JOANA - Já. Num momento!

DR. LIMA - Chá e pão, basta!... Quem toca por aqui?

JOANA - É laiá.

JORGE - É a minha vizinha do primeiro andar.

DR. LIMA - Que não tarda subir ao segundo?

JÓRGE - Talvez, doutor.

## **CENA V**

DR. LIMA e JOANA

DR. LIMA - Dá-me o jornal!... Aquilo que eu te disse é sério, ouviste, Joana?

JOANA - Ouvi, Sr. doutor. Quer que eu jure outra vez?

DR. LIMA - Não é necessário.

JOANA - Ai!... Iaiá D. Elisa vai cantar! Como ela está contente hoje! Coitadinha! É uma pombinha sem fel!... E como canta bem!... Ora, discípula de nhonhô!... Que bonita voz!... Não é, Sr. doutor?

DR. LIMA - Muito; há outra que eu acharia mais bonita.

JOANA - Qual?... Não é capaz.

DR. LIMA - A tua, Joana...

JOANA - Gentes!... Que partes do Sr. doutor.

DR. LIMA - Se ouvisses o resto... É a tua quando me disseres que o almoço está pronto.

JOANA - Santo Deus!... E eu a dar à taramela!... Perdão, Sr. doutor.

DR. LIMA - Perdô-te o julgares que com sessenta anos tinha tenções de namorar-te.

## **CENA VI**

DR. LIMA

*(Cena muda. O doutor lê o jornal, interrompendo as vezes a leitura para ouvir o romance francês - Aiguille - que ELISA canta; afinal adormece. Pouco depois de acabar o romance, entra JORGE).*

## **CENA VII**

DR. LIMA e JORGE

JORGE - Que maçada!

DR. LIMA - Hein!... Que é?... Que temos?

JORGE - Estou contrariado, doutor. Não achei o homem.

DR. LIMA - Não é culpa sua. Ele que o procure.

JORGE - Fiquei de ir levar-lhe o dinheiro, eu mesmo.

DR. LIMA - Voltará depois.

JORGE - Devo pagar-lhe hoje sem falta.

DR. LIMA - O dia apenas começou. Há tempo de sobra.

JORGE - Só o encontrarei de manhã.

DR. LIMA - Ora, se lhe parece!... Faça disso uma questão de honra! Já o procurou; cumpriu o seu dever. Ele que apareça.

JORGE - Aqui?

DR. LIMA - Então!... Onde há de ser?

JORGE - Eu é que devo ir à sua casa.

DR. LIMA - Há de poupar-lhe esse incômodo. Não digo!

## **CENA VIII**

Os mesmos, ELISA e GOMES

GOMES - Não é uma visita, Sr. Jorge, que viemos fazer-lhe, minha filha e eu.

JORGE - Sente-se, D. Elisa... Sr. Gomes, doutor!... GOMES - Não é uma visita, não. É uma romaria, como dizem que outrora faziam aos lugares santos.

JORGE - Ora, Sr. Gomes.

GOMES - O Sr. doutor, a quem peço desculpa de minha distração de ontem...

DR. LIMA - Não tem de quê. Vi que estava indisposto.

GOMES - Estava, como pode estar o homem a quem a honra ordena que morra e sua filha órfã pede que viva.

ELISA - Meu pai!... Esqueça-se!

GOMES - Ao contrário devo lembrar! Devo confessá-lo! Não temos outro meio de reconhecer a dedicação daquele a quem tu deves a vida do teu pai; e eu mais do que a vida.

JORGE - Para que voltar a um passado que nos aflige a todos?

GOMES - Eu não conheço egoísmo mais cruel do que o do benfeitor que recusa o reconhecimento daqueles a quem recorreu. A gratidão, Sr. Jorge, não é só um dever; é também um direito.

DR. LIMA - E um direito sagrado!

JORGE - Porém, doutor, o Sr. Gomes nada me tem a agradecer. Ele o sabe; e vou dar-lhe a prova. Estamos entre amigos, Elisa... seu pai e o meu...

DR. LIMA - Pela afeição unicamente! Nunca lhe fiz serviços...

JORGE - Doutor!... Não há meia hora!

GOMES - Vê, Sr. Jorge! O senhor mesmo me dá razão. JORGE - Não, senhor! Ouça... Eu concebi, há meses, uma esperança de cuja realização depende a ventura de minha vida. Amava... Amo sua filha!

GOMES - Ela me confessou, Sr. Jorge.

JORGE - Confessou-lhe unicamente que eu a amava?

GOMES - E que era...

ELISA - Meu pai!...

GOMES - Não cores, minha filha. O amor puro, como o teu, é a coroa de virgem de uma moça. Elisa também o ama, Sr. Jorge.

JORGE - Que fiz eu pois, Sr. Gomes, senão velar sobre a minha felicidade?... Fui apenas egoísta!... Não tenho razão, doutor?...

DR. LIMA - Todos têm razão; mas é preciso que se entendam. Definamos a situação, como dizem os estadistas quando a querem embrulhar. Jorge pede-lhe a mão de sua filha, Sr. Gomes.

GOMES - Responde, Elisa.

ELISA - Não... Logo... meu pai!

GOMES - É de ti unicamente que ele deve receber a tua mão!

ELISA - Ele já não sabe?

JORGE - É verdade! Só esperamos pelo seu consentimento.

GOMES - Não tenho consentimento a dar... Faça um voto pela felicidade de ambos.

DR. LIMA - Isto é mais claro. Marquemos o dia.

GOMES - O Sr. Jorge dirá.

ELISA - Já!... Que pressa!

JORGE - Elisa é quem deve marcar.

ELISA - Eu não!

DR. LIMA - Pois marco eu. E aposto que vão todos ficar satisfeitos. Que dia é hoje?

JORGE - Terça-feira.

DR. LIMA - Em três dias faz-se um vestido... Sábado!

GOMES - Muito bem.

JORGE - Concordo.

ELISA - Tão cedo!...

DR. LIMA - Quanto à casa, esta tem as acomodações necessárias.

JORGE - Ainda não a viu, Sr. Gomes? Venha. Quero mostrar-lhe o gabinete que lhe destino.

GOMES - A mim!...

JORGE - Desejo que Elisa tenha seu pai junto de si. Entremos. casa de estudante... Não repare.

### **CENA IX**

DR. LIMA e ELISA

DR. LIMA - Há pouco, sem o suspeitar, deu-me grande prazer, minha senhora. Ouvi-a cantar.

ELISA - Ah! Estava aqui?

DR. LIMA - Era um romance francês!...

ELISA - Aprendi-o a cantar sentindo-o. Por isso gosto muito dele.

DR. LIMA - Tem uma linda voz!

ELISA - Qual!... Há muitos dias que não cantava! Hoje tive umas saudades!

DR. LIMA - Da música ou do mestre?...

### **CENA X**

Os mesmos e PEIXOTO

PEIXOTO - Viva, senhor!

DR. LIMA - Tire o chapéu!... Não vê que está diante de uma senhora?

PEIXOTO - Não reparo nestas coisas... A minha escrava?...

DR. LIMA - Que escrava? O senhor sabe a quem fala?

PEIXOTO - A escrava que o tal Sr. Jorge me vendeu!... Fugiu-me esta manhã!... Está acoitada aqui!

ELISA - Joana!

DR. LIMA - Tranqüilize-se, D. Elisa. Joana está forra. Jorge deu-lhe ontem a carta à minha vista!

ELISA - Ela o merecia!

PEIXOTO - Que história está aí o senhor a contar?

DR. LIMA - Digo-lhe a verdade.

PEIXOTO - Pois enganou-se!... Quero já para aqui a minha escrava!... Senão vou à polícia!... É uma velhacada!

DR. LIMA - Lembro-lhe que não está em sua casa! De que escrava fala o senhor!

PEIXOTO - Quantas vezes quer que lhe diga?... Da mulata Joana, que comprei ontem!

ELISA - Ah!

DR. LIMA - O senhor mente!

PEIXOTO - Veremos!... Eu lhe mostrarei para que serve este papel. (*O doutor lê o papel na mão de PEIXOTO. JOANA aparece no fundo*)

## **CENA XI**

Os mesmos, JORGE e GOMES

JORGE - Cale-se.

GOMES - Este miserável aqui!

PEIXOTO - A minha escrava!

DR. LIMA - Desgraçado!...

JORGE - Doutor...



DR. LIMA - Tu vendeste tua mãe! (*JOANA foge*)

JORGE - Minha mãe!... Ah!...

DR. LIMA - Tua mãe, sim!... Digo-o alto! porque te sei bastante nobre para não renegares aquela que te deu o ser. (*Pequena pausa*)

PEIXOTO - Em todo o caso... Eu não perco o meu dinheiro.

DR. LIMA - Quanto se lhe deve?

PEIXOTO - Seiscentos mil-réis! (*JORGE tira o dinheiro*)

DR. LIMA - Dê-me este papel.

JORGE - Não o rasgue, doutor!

DR. LIMA - Para que conservar esse testemunho?

JORGE - Para exprobrar-lhe o que me obrigou a fazer!... Porque foi ela... que tratou com esse homem.

PEIXOTO - Lá isso é a pura verdade.

JORGE - A carta rasgou-a!

DR. LIMA - Amor de mãe!...

JORGE - Ah! Meu pai!... Como deves sofrer neste momento!

DR. LIMA - Ele não teve tempo de declarar... A morte foi repentina.

JORGE - E ter vivido vinte anos com ela, recebendo todos os dias, a todo o instante as efusões desse amor sublime!... E não adivinhar!... Não pressentir!... Perdão, minha mãe!... Onde está ela? (*Sai*)

## **CENA XII**

DR. LIMA, GOMES, ELISA, PEIXOTO e VICENTE

VICENTE (*a PEIXOTO*) - Alto lá, camarada! (*Segura-o pela gola*)

PEIXOTO - Isto são modos!

VICENTE - Bom dia, Sr. doutor e companhia.

DR. LIMA - Adeus.

PEIXOTO - Largue-me, senhor!

VICENTE - Está seguro! Deixe-se de partes.

PEIXOTO - Com que direito me priva de sair?

VICENTE - Já lhe digo. (*Lê*) "Mandado de prisão passado a requerimento do Dr. Promotor!..."

PEIXOTO - Eu preso!... Por quê?

VICENTE - Por causa de certas letras...

PEIXOTO - É falso!

VICENTE - São falsas mesmo as tais letras...

PEIXOTO - Sr. Vicente...

VICENTE - Romão, meu caro senhor, Romão... Tenha a bondade de seguir-me.

GOMES - Deus é justo! (*ELISA entra rapidamente na alcova*)

### **CENA XIII**

DR. LIMA, GOMES e JORGE

JORGE - Viu-a, doutor?... Não a encontrei!... Procurei tudo!

DR. LIMA - Sossegue, Jorge! Deve ter saído... Ela nada sabe ainda! Seja prudente... Não lhe anuncie de repente!... O choque pode ser terrível!

JORGE - Não me sei conter!... Quero abraçá-la!... Minha mãe!... Que prazer supremo que eu sinto em pronunciar este nome!... Parece-me que aprendi-o há pouco!...

GOMES - Sr. Jorge.

JORGE - Ah! Desculpe... Esqueci-me que estava aqui... O que acabo de SABER!...

GOMES - Penaliza-me bastante, creia.

JORGE - Como, Sr. Gomes?

GOMES - Sinto muito, porém. O senhor compreende a minha posição... As considerações sociais...

JORGE - Acabe, senhor!...

GOMES - Esse casamento não é mais possível!

JORGE - Ah!

DR. LIMA - Por que razão, Sr. Gomes?

JORGE - Porque não reneguei minha mãe!

GOMES - Sr. Jorge, eu o estimo... porém...

JORGE - Tem razão, Sr. Gomes!... O senhor me julga indigno de pertencer à sua família porque eu sou filho daquela que se vendeu para salvar essa mesma honra em nome da qual me repele!

GOMES - Que diz, senhor?...

ELISA (*fora*) - Jorge!... Sua mãe!...

JORGE - Elisa!... Aonde?... (*Entra na alcova*)

GOMES - Nas minhas circunstâncias que faria, Sr. doutor?

DR. LIMA - Não há considerações nem prejuízos, senhor, que me obriguem a cometer uma ingratidão.

#### **CENA XIV**

DR. LIMA, GOMES, JORGE e JOANA

JORGE - Doutor, acuda!... Depressa!...

DR. LIMA - O quê?

ELISA - Este vidro!...

GOMES - Envenenada!...

JOANA - Um ataque!...

JORGE - E o mesmo veneno que ela arrancou-lhe dos lábios... Sr. Gomes!

DR. LIMA - Que fizeste, Joana?

JOANA - Nada, meu... Sr. doutor.

JORGE - Salve-a, meu amigo!...

DR. LIMA - Só Deus!... A ciência nada pode!

JORGE - Minha mãe!...

JOANA - Não!... Eu não sou sua mãe, nhonhô... O que ele disse, Sr. doutor, não é verdade... Ele não sabe...

DR. LIMA - Joana!...

JOANA - Não é verdade, não!... Pois já se viu isso?... Eu ser mãe de um moço como nhonhô!... Eu uma escrava!... Não vê, nhonhô, que ele se engana?

JORGE - Me perdoa, minha mãe, não te haver conhecido!

JOANA - Sr. doutor quer dizer que eu fui ama de nhonhô!... Que nhonhô era meu... meu... de leite... só... só de leite!...

JORGE - Chama-me teu filho!... Eu te suplico!...

JOANA - Mas não e... não!... Eu juro...

DR. LIMA - Joana!... Deus nos ouve!

JOANA - Por Deus mesmo... Ele sabe por que digo isto!... Por Deus mesmo... Juro... que... Ah!...

JORGE - Morta!...

ELISA - Minha boa Joana!...

JOANA - Escute, iaiá Elisa... É a última coisa que lhe peço... Iaiá há de fazer meu nhonhô muito feliz!... Me promete?... Queira a ele tanto bem, como Joana queria... Mas, nem iaiá nem ninguém pode... não!...

JORGE - Minha mãe!... Por que foges de teu filho, apenas ele te reconhece?

JOANA - Adeus, meu nhonhô... Lembre-se às vezes de Joana... Sim?... Ela vai rezar no céu por seu nhonhô... Mas antes eu queria pedir..

JORGE - O que, mãe? Pede-me!...

JOANA - Nhonhô não se zanga?

JORGE - Eu sou teu filho!... Dize!... Uma vez ao menos... este nome.

JOANA - Ah!... Não!... Não posso!

JORGE - Fala! Fala!

JOANA - É um atrevimento!... Mas eu queria antes de morrer... beijar sua... sua testa, meu nhonhô!...

JORGE - Mãe!...

JOANA - Ah!... Joana morre feliz!

JORGE - Abandonando seu filho.

JOANA - Nhonhô!... Ele se enganou!... Eu não... Eu não sou tua mãe, não... meu filho! (*Morre*)

JORGE (*de joelhos*) - Minha mãe!...

ELISA - E minha, Jorge!...

GOMES - Ela abençoe tão santa união!...

DR. LIMA - E me perdoe o mal que lhe fiz!

**FIM**

# O CRÉDITO

## COMÉDIA EM CINCO ATOS

### PERSONAGENS

RODRIGO, engenheiro, 27 anos  
MACEDO, agiota, 45 anos  
PACRECO, capitalista, 59 anos  
HIPÓLITO, estudante, 23 anos  
OLIVEIRA, negociante, 26 anos  
BORGES, empregado público, 38 anos  
GUIMARÃES, moço desempregado, 30 anos  
JULIETA, filha de Pacheco, 18 anos  
CRISTINA, filha de Borges, 16 anos  
D. OLIMPLA, mulher de Borges, 32 anos  
D. ANTÔNIA, mulher de Pacheco, 40 anos  
Um Pardinho, escravo de Pacheco  
Um Moleque, escravo de Borges  
Uma Mulher e uma Menina cega

A cena é no Rio de Janeiro e de atualidade.

O primeiro ato, o segundo, o terceiro e o quinto passam-se em casa de Pacheco. O quarto, em casa de Borges.

### ATO PRIMEIRO

Entrada de uma casa em São Clemente. À esquerda, a fachada do edifício, com porta e escada de pedra sobre o pátio. À direita, uma gradil elegante e um belo portão. No fundo, um muro baixo e a chácara. No centro um *alegrete* com um cedro.

São cinco horas da tarde de um dia de setembro.

### CENA PRIMEIRA

JULIETA, CRISTINA, depois uma VELHA e uma MENINA CEGA

*(JULIETA está na janela, quando aparecem no portão CRISTINA e BORGES. BORGES cumprimenta JULIETA e sai).*

JULIETA (*na janela*) - Cristina!

CRISTINA (correndo para a porta) - Julieta!

(*A porta abre-se, JULIETA sai, as duas moças abraçam-se*).

JULIETA - Adeus; ingrata!

CRISTINA - Um mês, é verdade! Tiveste saudades minhas?

JULIETA - Ainda perguntas?...

CRISTINA - E eu, não fazes idéia! Todos os dias pedia a mamãe para voltar. Não sei que encantos acha ela em S. Domingos!

JULIETA - É um belo lugar para tomar ares!

CRISTINA - Qual! Pois ainda acreditas nisto! Os médicos inventaram esse meio de se livrarem dos doentes que não sabem curar. Os melhores ares são os que se respiram perto daqueles que amamos.. Por isso eu aqui era São Clemente, junto de ti, estou sempre alegre e satisfeita.

JULIETA - Minha boa Cristina... Tu me queres então muito bem, tanto como eu te quero?

CRISTINA - Muito! Se tu fosses homem, palavra que me casava contigo. Que bonito maridinho havias de ser! (*Beija-a na lace*)

JULIETA .- Eu tenho um ainda mais bonito para dar-te.

CRISTINA (*sorrindo*) - Quem? Hipólito?... Onde está ele? Saiu?

JULIETA - Sim, foi dar um passeio com o Sr. Rodrigo, não deve tardar...

CRISTINA - Rodrigo!... Não é um moço que chegou há pouco da Europa? Mamãe conhece-o.

JULIETA - É esse mesmo. Seu pai preferiu gastar o pouco que possuía em dar-lhe uma bela educação, e mandou-o estudar na Alemanha.

CRISTINA - Ele é pobre, então?

JULIETA - Pobre de dinheiro, mas rico de inteligência.

CRISTINA - Ora que vale essa riqueza? JULIETA - Mais do que pensas. Não é só o dinheiro que é riqueza, Cristina. A inteligência vale mais do que o ouro.

CRISTINA - Falas dele com um interesse!

JULIETA - Interesse muito natural; é um moço digno de estima, que tem um brilhante futuro.

CRISTINA - Há muito tempo que se dá em tua casa?

JULIETA - Há oito dias.

CRISTINA - E já o conheces tanto?

JULIETA - É amigo íntimo de Hipólito.

CRISTINA - Quem sabe se aí não anda volta de alguma paizãozinha?

JULIETA - Criança! Tu bem sabes que devo amar outra pessoa.

CRISTINA - Sei que vais casar com o Oliveira, mas às vezes sem querer o coração muda!

JULIETA - Está bom! Deixemos esta conversa; tu és muito maligna. Brincas com as coisas mais sérias.

CRISTINA - Sim! Desculpa-te comigo!

*(Uma MULHER VELHA e uma MENINA CEGA que têm saído da casa atravessam para o portão).*

JULIETA (à MENINA) - Adeus! Minha mãe tomou a medida?

A VELHA - Sim, senhora...

JULIETA - Pois quando voltar achará o seu vestido pronto.

CRISTINA - Que é isto? Deste em costureira?... *(Rindo-se)*

JULIETA - É um passatempo... não tenho que fazer...

CRISTINA - Hã de reparar!...



JULIETA - Que importa! Mas com a alegria de te ver esqueci-me de perguntar por D. Olímpia!

CRISTINA - Mamãe? Não tarda... Saímos todos para fazer algumas visitas; porém eu estava ansiosa para ver-te e pedi a papai que me trouxesse até aqui; deixou-me no portão.

JULIETA - Eu vi-o; reparei que não entrasse.

CRISTINA - Já volta com mamãe! E D. Antônia, e o Sr. Pacheco, todos estão bons? Apesar de não terem passado um mês aborrecido a tomar banhos do mar! Ah! quem inventou as barcas. de S. Domingos não tinha juízo!

JULIETA - Pois olha, foi o mesmo que inventou os carros em que tanto gostas de passear!

CRISTINA - Neste caso eu lhe perdôo; e quero conhecê-lo. Dize-me, quem foi esse grande homem?

JULIETA - Não foi um homem, mas o que há de melhor no homem; foi o trabalho.

CRISTINA - Meu Deus! Deste agora em estudar estas coisas? Daqui a pouco és capaz de me falar em política!

JULIETA (*sorrindo*) - Perdoa, Cristina. Foi uma distração. Nós as mulheres não nascemos para esses estudos; mas Deus nos deu a inteligência do coração que compreende tudo que é nobre e grande. Quando ouvimos um bonito pensamento, é como se ouvíssemos uma linda música; fica-nos de memória e às vezes repetimos sem querer.

CRISTINA - Tu ouviste isto!... Foi ele quem disse?

JULIETA - Ele, quem?

CRISTINA - O Sr. Rodrigo.

JULIETA - Cristina!

CRISTINA - Como adivinhei!

JULIETA - A culpa tenho eu de falar-te de coisas que não entendo, em vez de conversarmos de nós, de ti sobretudo. Vamos a saber, durante esse tempo este coraçãozinho mudou? Viu alguma coisa em S. Domingos que o fizesse palpitar?

CRISTINA - Nada! Eu o tinha deixado aqui!

JULIETA - A quem? A Hipólito...

CRISTINA - A ti!

JULIETA - A mim só?

CRISTINA - Só!

JULIETA - Não creio!

CRISTINA - Por quê?

JULIETA - Pois olha; como tu mo deixaste, eu o dei.

CRISTINA - E se eu tornar a tomá-lo?

JULIETA - Então não queres ser minha irmã?

CRISTINA - Sim, sim, maninha Julieta. É assim que te hei de chamar.

JULIETA - Travessa... Mas quando será isto?

CRISTINA - Mais cedo do que tu pensas.

JULIETA - Ah! parou um carro.

CRISTINA (*olhando*) - o Macedo, e teu noivo.

JULIETA - Não digas isto!

CRISTINA - Por quê? Não vai casar contigo?

JULIETA - Não quero que saibam.

## **CENA II**

As mesmas, OLIVEIRA e MACEDO

MACEDO - Muito boa tarde, minhas senhoras.

OLIVEIRA (*a JULIETA*) - Adeus, como passou?... D. Cristina!

CRISTINA (*a MACEDO*) - Mamãe está muito zangada com o senhor.

MACEDO - Por que razão?

CRISTINA - Pois durante um mês não achou um momento para ir vê-la em S. Domingos?

JULIETA - Vem ainda hoje para falar de negócios com o meu pai?

OLIVEIRA - Não; venho de propósito para compensar a minha tarde de ontem, apenas tenho algumas palavras que dizer ao Sr. Pacheco sobre um objeto...

MACEDO - Importante! bastante importante!...

JULIETA - Sempre um negócio importante, grave, que exige uma decisão imediata! Não fazes idéia, Cristina, os homens agora já não têm um momento livre para conversar conosco. O seu tempo está de tal maneira absorvido pelos negócios, que às vezes nem se lembram que existimos.

CRISTINA - Por isso nós fazemos o mesmo com os vestidos e os chapéus; as modas são os nossos negócios.

OLIVEIRA - Justamente!

JULIETA - Mas nós, quando nos ocupamos em escolher o que é elegante e bonito, é para parecermos bem a seus olhos; enquanto que eles só pensam nos seus cálculos e nas suas contas.

OLIVEIRA - Com que fim?

MACEDO - Sim, o fim, eis a questão, os meios nada valem.

CRISTINA - E qual é esse fim?...

JULIETA - Enriquecer!

OLIVEIRA - Enriquecer é verdade; enriquecer para poder um dia deitar aos pés daquela que amamos uma fortuna colossal, para satisfazer todos os seus desejos e caprichos, para dar-lhe enfim a soberania do dinheiro, já que não podemos elevar-lhe um trono.

CRISTINA - Sim senhor, é bonito!

JULIETA - Mas que necessidade tem o homem de fazer esses sacrifícios quando não é pobre e possui bastante para tornar a vida doce e tranqüila?...

OLIVEIRA - Não há necessidade, há um prazer, um orgulho que sentimos em que a mulher da nossa escolha nos deva tudo!

JULIETA - Assim é por nós mesmas que nos esquecem?

OLIVEIRA - Que as esquecemos? Quando a todo o momento, se calculamos uma operação, se planejamos uma empresa considerável, se fazemos uma grande especulação, é sempre com a idéia naquela que nos inspira e anima? Não tem razão!

JULIETA - E não entra nisso um pouco de vaidade e ambição? OLIVEIRA - A vaidade de merecer e a ambição de possuir o objeto de nosso amor.

JULIETA - Não sei; mas parece-me que não é possível existir amor. rio meio de algarismos e cálculos.

MACEDO - E eis onde está todo o seu erro, D. Julieta. O amor não é compatível com as operações mercantis, mas pode ser um elemento delas.

CRISTINA - Bravo! Esta é nova!...

JULIETA - O Sr. Macedo naturalmente alude a esses casamentos que vemos todos os dias, e em que o marido ou a mulher fazem o que chamam um bom negócio, vendendo o seu coração.

*(HIPÓLITO entra pelo portão; CRISTINA dirige-se a ele; OLIVEIRA aperta-lhe a mão enquanto MACEDO fala).*

### **CENA III**

Os mesmos e HIPÓLITO

MACEDO - Perdão, minha senhora, o casamento é o casamento, e o amor é o amor; duas coisas bem distintas, que podem existir e existem, uma sem a outra. A indústria do casamento é muito velha. Serve para arranjar algum caixeiro desempregado, algum advogado sem clientes, algum médico sem clínica, ou...

HIPÓLITO - Ou algum negociante falido. *(Aperta a mão de CRISTINA)*

MACEDO - Oh! Sr. Hipólito! Desculpe, não o tinha visto!

HIPÓLITO - Continue. Expunha naturalmente o plano de alguma empresa gigantesca para a exploração da indústria dos casamentos!

JULIETA - Coisa melhor! Teu amigo?

HIPÓLITO - Ficou na calçada conversando com meu pai. (*Voltando-se*) Então, Sr. Macedo?

MACEDO - Estas senhoras admiraram-se de ouvir-me dizer que o amor ainda se há de tornar um dos mais fortes auxiliares do comércio, e um dos meios de fazer fortuna rapidamente. Mas atenda bem, quando eu falo de amor, refiro-me ao verdadeiro amor, à paixão!

HIPÓLITO - Explique-me isto, por obséquio, até aqui o amor tem entrado em meu orçamento como uma verba de despesa, e bem considerável!

MACEDO - Falta de experiência! Está destinado a tornar-se uma verdadeira fonte de receita.

HIPÓLITO - Vamos à explicação: estou impaciente! O amor moeda corrente! É admirável!

MACEDO - O senhor não ignora que a base do comércio hoje é a confiança: todas as operações repousam unicamente sobre esse princípio.

HIPÓLITO - Confesso que estava enganado, Sr. Macedo. Em tempo de tantos velhacos, julgava que a base do comércio devia ser a desconfiança!

MACEDO - Uma supõe a outra.

HIPÓLITO - Mas isto ainda não me diz como o amor...

MACEDO - De todas as confianças a mais cega, a mais forte, é o amor, o amor que resiste a tudo, ao dever, à honra, e ao próprio dinheiro. No dia em que um homem hábil se propuser a explorar essa confiança ilimitada, poderá dispor de uma massa de capital enorme!

HIPÓLITO - Mas de que maneira?

MACEDO - O segredo é a alma do negócio!

HIPÓLITO - Desculpe, fui indiscreto. Pretende então pôr em prática a sua idéia?

MACEDO (*sorrindo*) - Talvez!

HIPÓLITO - O que lhe peço é que me reserve algumas ações. (*Alto*) Uma empresa para a exploração do amor! (*Ri-se*)

CRISTINA - Ora, Sr. Macedo!... (*Ri-se*)

MACEDO - Riem-se? (*RODRIGO entra*)

JULIETA - Decerto, quem pode tomar a sério semelhante coisa?

MACEDO - É pena que a senhora não entenda de negócios.

JULIETA - Ao contrário, julgo uma felicidade.

MACEDO - Digo que é pena porque então me compreenderia. Toda a dificuldade está em substituir o amor à hipoteca nas operações de endosso e desconto de letras mercantis.

#### **CENA IV**

Os mesmos e RODRIGO

HIPÓLITO - Tu entendes isto, Rodrigo?

RODRIGO - Perfeitamente, meu amigo. O Sr. Macedo quer dizer que em vez de um homem dirigir-se a um usurário, ou a um capitalista e hipotecar-lhe um prédio, usará da influência que tem sobre a sua namorada, filha ou mulher desse usurário e conseguirá sem o menor sacrifício a firma necessária para o desconto do título.

HIPÓLITO - A lembrança é engenhosa.

RODRIGO - Quando se trata de fazer valer todos os bens do homem, não era justo que se esquecesse o coração, o espírito, a elegância, as boas maneiras, e mesmo os bonitos olhos. Até agora a sociedade tinha reservado isso para sua distração, mas o gênio da especulação entende que esses valores reais não devem ficar improdutivos, e trata de levá-los ao mercado; não tarda que eles sejam cotados na praça, como a ação de uma companhia, o ordenado de um empregado público, ou a promessa de um agiota. Então, um moço capaz de se fazer amar pelas senhoras ricas, valerá, em matéria de crédito, o mesmo que

um negociante honesto e um industrial ativo; porque terá uma conta corrente aberta sobre a burra dos maridos, ou dos pais de suas namoradas. Eis qual é a idéia do Sr. Macedo, idéia sublime, digna de um homem empreendedor. (*Voltando-se*) Creio que expliquei o seu pensamento...

MACEDO - Melhor do que eu mesmo. Gostei de ouvi-lo. (*Voltando-se*)

OLIVEIRA (*baixo e rapidamente*) - Que imprudência!

MACEDO (*idem*) - Não percebem!

OLIVEIRA (*idem*) - Embora!

(*Entra D. OLÍMPIA. BORGES fica no portão conversando com PACHECO*).

## CENA V

Os mesmos e D. OLÍMPIA

OLÍMPIA - Como está, Julieta?... E mamãe?

JULIETA - Vou chamá-la.

OLÍMPIA - Não precisa. Ela está boa?... Temos muitas modas novas e bonitas... já sei.

MACEDO (*aproximando-se*) - Divertiu-se em S. Domingos, D. Olímpia? (*Aperta-lhe a mão*)

OLÍMPIA - Não, fugi mesmo dos divertimentos; estava tão fatigada dos bailes e teatros, que precisava restabelecer a minha saúde!...

MACEDO - Fez muito bem. Um mês de repouso é muito necessário a sua saúde... e até mesmo à... economia!

JULIETA - Então não se gasta fora de sua casa?

MACEDO - Gasta-se, mas poupam-se certas coisas; por exemplo, os vestidos novos para os grandes bailes, os camarotes nos dias de gala! Quando uma senhora está na cidade a sua ausência é reparada, mas quando ela toma ares em Petrópolis ou na Serra, sente-se que não apareça nos salões, mas ninguém se lembra que lhe falta uma toailete deslumbrante!

OLÍMPIA (*com desdém*) - Foi talvez por essa razão que eu estive fora da cidade...

MACEDO - Não disse isto!

OLÍMPIA - Mas deu a entender.

MACEDO - Não tive semelhante intenção, D. Olímpia, nem era possível. A senhora sabe que é sempre admirada pela sua graça, pelo seu bom gosto, pela sua elegância; por isso de vez em quando desaparece para se fazer desejada. Eis a razão...

OLÍMPIA - Obrigada, mas aqueles que sentiam a minha falta, podiam ver-me com o pequeno sacrifício de algumas horas.

MACEDO - Se refere-se a mim, é injusta; não era o desejo que me faltava, mas o tempo. O tempo é dinheiro!

OLÍMPIA - Há sempre tempo para ver aqueles que se estima.

MACEDO - É o que a senhora pensa!

OLÍMPIA - Pois agora estou em S. Clemente; lembre-se mais dos amigos. (*Volta-se para JULIETA*) Aquele moço que conversa com o Hipólito não é o Rodrigo?

JULIETA - É.

OLÍMPIA - Não me cumprimentou.

JULIETA - A senhora conhece-o?

OLÍMPIA - Estive com ele em um baile.

(*Entra D. ANTÔNIA que desce da casa; fala com RODRIGO, OLIVEIRA e MACEDO que a cumprimentam*).

## **CENA VI**

Os mesmos e D. ANTÔNIA

JULIETA - Ah! Aí está, minha mãe!

OLÍMPIA (*voltando-se*) - D. Antônia... adeus...



(*Sobem ambas a cena para encontrar-se com D. ANTÔNIA; é o tempo que OLIVEIRA toma o braço de MACEDO e descem*).

OLIVEIRA - Não acha o Pacheco tão frio?

MACEDO - Não; por que diz isto?

OLIVEIRA - Ainda não veio falar conosco, deixou-se ficar no portão!

MACEDO - Ele é seco; porém no fundo é homem de palavra. Demais nós temos a garantia principal.

OLIVEIRA - Qual?

MACEDO - O amor da pequena. Não está seguro?

OLIVEIRA - Não sei; parece-me despeitada quando conversa comigo.

MACEDO - Arrufos de namorados; está queixosa porque ontem não lhe falou. Mostre-se apaixonado, e deixe o mais por minha conta.

OLIVEIRA - Sim; mas Julieta é bonita, espirituosa, e eu tenho medo de apaixonar-me realmente.

MACEDO - Que mal lhe vinha daí; um casamento vantajoso por todos os lados: formosura e dinheiro. Duzentos contos de dote, e o dobro em operações.

OLIVEIRA - É um belo casamento, mas sabem as minhas idéias a este respeito. Quero ser rico e livre, para poder gozar só da minha fortuna; para poder amar as mulheres que desejar e esquecer-las no dia seguinte, sem que ninguém me venha lembrar que sou um marido, isto é, o ente mais escravo que existe sobre a terra. Olhe o Borges; tem um bom emprego, podia viver tranqüilo... mas a mulher sacrifica-o com o seu luxo.

MACEDO - É verdade; o pobre homem está crivado de dívidas, e: não faz senão queixar-se da exigüidade dos ordenados, sem lembrar-se da monstruosidade das despesas.

OLIVEIRA - O senhor deve saber disto, e bem. (*Sorrindo*)

MACEDO - Por quê?

OLIVEIRA - Segundo dizem as más línguas, carrega com uma grande parte dessas despesas.

MACEDO - Não há tal!

OLIVEIRA - Ora! O senhor passa como amante de D. Olímpia!

MACEDO (*rindo*) - É uma calúnia!

D. ANTÔNIA - Hipólito, meu filho, manda vir cadeiras para os senhores se sentarem. Se não preferem entrar...

OLIVEIRA - Estamos tão bem aqui!

D. ANTÔNIA - Como quiserem!

OLÍMPIA - Então, Julieta, ainda não me deu notícias do que houve pela corte nestes dois meses que estive ausente. Muitos bailes, muitos divertimentos.

JULIETA - Como de costume.

D. ANTÔNIA - Não foi a nenhum, apesar dos pedidos do pai que deseja levá-la sempre: preferiu fazer-me companhia.

(*O PARDINHO, escravo de PACHECO, traz cadeiras*)

OLÍMPIA - Deveras?

D. ANTÔNIA - O Sr. Pacheco zanga-se com razão! Vêm da modista as coisas mais lindas e ficam perdidas inutilmente, sem que use delas uma só vez!

OLÍMPIA - Assim não me sabe contar!... Pois vim ansiosa por saber...

JULIETA - Aqui está quem pode dizer-lhe... (*MACEDO e OLIVEIRA vão ao portão*)

CENA VII

JULIETA, RODRIGO, OLÍMPIA e D. ANTÔNIA

OLÍMPIA - Quem?

JULIETA (*chamando*) - Sr. Rodrigo!

RODRIGO - D. Julieta?

JULIETA (*apresentando*) - D. Olímpia, senhora do Sr. Borges. (*Cumprimentam-se*)  
O senhor que foi aos últimos bailes, diga-nos se estiveram muito brilhantes.

OLÍMPIA - Quais foram as toaletes mais ricas?

RODRIGO - As mais ricas que eu vi, minha senhora, eram as que traziam as mulheres mais feias.

D. ANTÔNIA - É sempre assim.

RODRIGO - Em uma senhora elegante a graça e a beleza excitam tanto a nossa admiração que às vezes nem reparamos a cor e a fazenda que trajam: ninguém deixa de contemplar as maravilhas que Deus criou, para examinar os trabalhos de agulha e tesoura com que as modistas caricaturam a natureza.

JULIETA - Ah! Se elas ouvissem! São aquelas que não têm que mostrar ou que não estimam bastante a sua pessoa, as que arrastam pelo salão a cauda de seu vestido, desvanecidas e orgulhosas pelos olhares que as acompanham, não para vê-las, mas para avaliarem os seus brilhantes, e orçarem o preço da toalete, como se faz em uma tabuleta de ourives, ou no balcão de uma loja. Dessas, algumas são ricas, e estou convencida que não sabem quantos dias de misérias se poderiam aliviar com o custo de três horas de prazer. Outras, porém, não se lembram que nesse pano de veludo ou de seda rojam pelo tapete a humilhação de um pai ou de um marido, que sacrificou a sua honra, para satisfazer esse capricho, consumindo na vaidade de uma noite, o ordenado de um mês e o sustento de sua família. (*D. OLÍMPIA esconde lágrimas a furto*)

D. ANTÔNIA - Tem muita razão. (*RODRIGO afasta-se*)

JULIETA - Que é, D. Olímpia?

OLÍMPIA - Nada; uma dor de cabeça!

JULIETA - Talvez o vento lhe faça mal.

OLÍMPIA - Não; isto passa.

D. ANTÔNIA - Venha para dentro.

CRISTINA (*correndo para JULIETA*) - Tu sabes, Hipólito está zangado comigo!

JULIETA - Por quê?

CRISTINA - Porque demorei-me em S. Domingos, como se a culpa fosse minha!

JULIETA - Não sabe que tua mãe não queria voltar.

CRISTINA - Já lhe disse tudo, começou a zombar. (*HIPÓLITO chega*)

JULIETA (*dirigindo-se a HIPÓLITO*) - Tu estás zangado com Cristina?

HIPÓLITO - Não.

JULIETA - Mas ela queixa-se.

CRISTINA - Nega? Não me disse...

HIPÓLITO - Disse-lhe que tendo ido passar dois meses em São Domingos, eu fiquei avulso e por conseguinte tratei de fazer a corte a outra moça; porque isto é sabido, um estudante de medicina não pode estar sem duas coisas: um cavalo e uma namorada.

CRISTINA - Um cavalo e uma namorada. Tu ouves, Julieta?

HIPÓLITO - Perdão, queria dizer uma namorada e um cavalo. São idéias correlativas.

JULIETA - Está brincando!

CRISTINA - E verdade o que ele diz: outra que merece mais... (*HIPÓLITO afasta-se*)

JULIETA - Não creias. Espera! Hipólito, vem cá!

HIPÓLITO - Que queres?

JULIETA - Aperta a mão de Cristina.

HIPÓLITO - Tu fazes gosto nisto?

JULIETA - Muito.

HIPÓLITO - Bem; é por tua causa. (*Estende a mão*)

CRISTINA (*apertando*) - Eu não devia aceitar; depois do que me disse.

HIPÓLITO - É como quiser. Eu aceito a paz, porém não a ofereço: a guerra é o meu elemento.

JULIETA - Está bom; não vão ficar mal outra vez.

### **CENA VIII**

Os mesmos e GUIMARÃES

PACHECO (*no portão*) - Hipólito!

HIPÓLITO - Meu pai? (*Volta-se*)

PACHECO - Está aqui um senhor que te procura!

JULIETA - Vai recebê-lo!

GUIMARÃES (*entrando*) - Hipólito, meu amigo! (*Cumprimenta as senhoras*)

HIPÓLITO - Boa tarde, Sr. Guimarães!

GUIMARÃES - Passando por aqui, não pude deixar de entrar para ter o prazer de ver-te, e mesmo porque desejava que me apresentasses à tua família.

HIPÓLITO - Agradeço-lhe muito.

GUIMARÃES - Que bela casa tem teu pai! Uma chácara excelente! Que dias agradáveis se devem passar debaixo destas árvores! Hei de vir um domingo jantar contigo.

HIPÓLITO - É uma honra que o senhor me faz!

GUIMARÃES - O senhor?... Já te disse, meu amigo, que a amizade não conhece os tratamentos inventados pela sociedade.

HIPÓLITO - É justamente por isso que reservo a familiaridade para meus amigos íntimos.

GUIMARÃES - Onde está tua mãe? Desejo muito conhecê-la. (*Tomando-lhe o braço*) Vem apresentar-me. (*Caminham até D. ANTÔNIA*)

CRISTINA - Conheces?

JULIETA - Não; nunca o vi.

CRISTINA - É amigo de Hipólito.

JULIETA - Mas Hipólito parece não gostar dele.

CRISTINA - É verdade: tratou-o com tanta frieza! (*HIPÓLITO volta. GUIMARÃES conversa com D. ANTÔNIA*)

JULIETA - Quem é?

HIPÓLITO - A minha sombra! É um sujeito que assentou ser meu amigo à força, encontro-o em toda a parte; se janto em um hotel, vem sentar-se à minha mesa; se passeio, agarra-se ao meu braço; se vou ao teatro, daí a pouco vejo-o a meu lado; só aqui estava livre dele. Entra-me agora pela porta a dentro, toma-me o braço, e apresenta-se ele mesmo à minha mãe sob o pretexto da amizade sincera que me tributa.

JULIETA - Ele simpatizou contigo.

HIPÓLITO - Não é uma razão para impor-me a sua amizade!

JULIETA - Devemos ter sempre alguma condescendência para aqueles que procuram a nossa amizade.

GUIMARÃES (*a HIPÓLITO*) - Tua mãe é uma bela senhora! Maneiras tão agradáveis!

## **CENA IX**

Os mesmos, PACHECO, BORGES, MACEDO e OLIVEIRA

(*BORGES, PACHECO, OLIVEIRA e MACEDO adiantam-se como continuando uma conversa. CRISTINA, JULIETA e HIPÓLITO estão junto do sofá de pedra. D. ANTÔNIA e D. OLÍMPIA, do lado oposto, sentadas*).

MACEDO - Não se pode negar, com efeito, que esta cidade cresce todos os dias consideravelmente.

PACHECO - Nada mais natural; é da essência das coisas nascer, crescer e morrer.

HIPÓLITO - Felizmente ainda estamos na conjugação do segundo verbo.

MACEDO - O que porém não é natural, Pacheco, é esse desenvolvimento espantoso que se opera, e que é devido unicamente a uma coisa que se tem querido combater - a especulação.

OLIVEIRA - É verdade!

PACHECO - Não creio que seja essa a causa. A especulação, isto é, a ambição de ganhar dinheiro, sem atender aos meios, existiu em todos os tempos, a diferença é que outrora ia-se à casa de jogo, e agora vai-se à Praça.

BORGES - Esteve hoje na Câmara, Sr. Macedo?

MACEDO - Não tive tempo, os meus negócios...

BORGES - Disseram-me que talvez fosse apresentado um projeto de aumento do ordenado dos empregados públicos. O crédito não é outra coisa senão a goma-elástica do dinheiro, é o

MACEDO (*para OLIVEIRA*) - Ei-lo com a mania!

OLIVEIRA - Não se tratou de semelhante coisa, Sr. Borges!

BORGES - Ah! esteve lá? De que se tratou então?

OLIVEIRA - Questão de crédito... Toda a sessão... Falou o...

PACHECO (*interrompendo*) - Outra coisa que eu não entendo. Atualmente não se fala senão em crédito, senadores, deputados, negociantes... Até as senhoras mesmo já discutem! Entretanto, eu tenho cinquenta e nove anos, feitos o mês passado; conheci o côvado e a vara ainda menino, na Rua da Alfândega, então Rua dos Ferradores, e confesso sinceramente que não sei o que quer dizer esta história de crédito.

CRISTINA - Como, Sr. Pacheco! Não é possível!

PACHECO - É o que eu digo; até as meninas já estão com a mania!

CRISTINA - Mas se é uma coisa tão fácil!

OLIVEIRA - Não é tanto assim, D. Cristina.

CRISTINA - Ora! O crédito é o meio da gente comprar dois vestidos pelo preço de um. Não é, papai?

BORGES - Acho melhor que não fales do que não entendes.

MACEDO (*a OLIVEIRA*) - O negócio complica-se.

PACHECO - Mas diga-me: como se faz esse milagre?

CRISTINA - Desta maneira. (*Chegando-se*) Suponha que o senhor compra hoje um vestido em casa do Wallerstein; ele manda-lhe a conta daqui a seis meses, o senhor paga; mas compra outro no dia seguinte.

PACHECO - Que só pago daí a seis meses.

CRISTINA - Decerto!

OLÍMPIA - Cristina!

PACHECO - E se por acaso liquida-se a loja?

MACEDO - É um pequeno contratempo!

OLIVEIRA - Recorre-se a outros meios.

PACHECO - Percebo!...

HIPÓLITO - Qual meu pai; isto é o crédito das senhoras em relação aos vestidos; crédito que, entre parênteses, está muito depreciado depois da invenção dos balões. O verdadeiro crédito...

PACHECO - Melhor! Agora temos um estudante de medicina metendo-se em negócios.

HIPÓLITO - E que pensa V.M.cê? A medicina tem a sua relação com a economia política. Não há nada mais semelhante do que uma receita e uma letra de câmbio. Uma receita é uma letra de câmbio que o médico saca contra o doente, uma letra de câmbio é uma receita que o negociante pede a um capitalista para curar certa moléstia que se chama quebra!

PACHECO - Não há dúvida, estás um grande economista!

HIPÓLITO - Quanto ao crédito é uma invenção que seguiu de perto a descoberta do caucho, e isto por uma razão muito simples: meio de fazer com que uma nota de cinco mil-réis valha dez!

CRISTINA - É o mesmo que eu disse.



BORGES - Minha filha!...

MACEDO - Teu filho está brincando, meu amigo, o crédito é uma das mais belas descobertas da indústria moderna.

PACHECO - Não compreendo semelhante coisa! Nunca pedi em prestado o dinheiro de alguém, sem ter a certeza de poder pagar- lhe! Porque a minha probidade não me permite arriscar a fortuna alheia!

RODRIGO - Tem razão, Sr. Pacheco. Esses meios de obter a fortuna de outrem para sacrificá-la em empresas loucas, não se chama crédito, tem outro nome: é um jogo, um abuso de confiança que a moral condena e que todo o homem honesto reprova!

PACHECO - Bem...

RODRIGO - A missão do crédito é outra: é nivelar os homens pelo trabalho e dar à atividade os meios de criar e produzir. Outrora, para adquirir-se uma fortuna, era preciso consumir toda a existência em privações, juntar-se real a real. A riqueza era o privilégio de poucos; uma herança que o filho recebia de seu pai. A inteligência estava então condenada à pobreza, ganhava apenas o mesquinho salário de seu serviço material, ou vendia-se aos ricos que a exploravam em seu proveito. Um dia, porém, um homem de dinheiro compreendeu que o trabalho e a probidade eram melhor garantia do que a fortuna que o acaso pode destruir em um momento. Esse homem chamou os amigos pobres, mas honestos e empreendedores, e confiou-lhes os seus capitais para que eles realizassem as suas idéias. O crédito estava criado. Outros seguiram o exemplo; associaram-se e formaram um banco. Essa pequena instituição, escondida no fundo da loja de um judeu desenvolveu-se, dominou as grandes praças comerciais, e hoje circula o globo. Eis o que é o crédito, meus senhores; uma palavra o define: é a regeneração do dinheiro. O orgulho dos ricos tinha inventado a soberania da riqueza, soberania bastarda e ridícula, o crédito destronizou essa soberania: do ouro que era senhor, fez um escravo, e mandou-lhe que servisse à inteligência, a verdadeira rainha do mundo!

JULIETA (*a HIPÓLITO*) - Como ele fala bem! Que bonitas idéias!

PACHECO - Ainda não cedo. Havemos de discutir esta questão com mais vagar. (*Tomando o braço de RODRIGO*) Vamos para a sala. (*Saem os dois. Todos os acompanham, à exceção de D. OLÍMPIA*)

**CENA X**

OLÍMPIA, BORGES e D. ANTÔNIA, na janela

OLÍMPIA (*chamando*) - Borges!... Escuta.

BORGES (*chegando-se*) - Que queres?

OLÍMPIA - Não te esqueças de convidar este moço para o nosso jantar.

BORGES - Mas, Olímpia, já te disse...

OLÍMPIA - Não admito razões. Bem vêes que não é possível deixarmos de dar um jantar aos nossos amigos para participar-lhes que chegamos, e que continuamos a receber um dia por semana.

BORGES - Bem sabes o nosso estado...

OLÍMPIA - O que sei é que por causa das suas economias, passei um mês em S. Domingos.

BORGES - Mas lembra-te que antes tínhamos gasto extraordinariamente. Não temos com que pagar as nossas dívidas. As contas...

*(OLÍMPIA entra na casa; BORGES fica só, depois acompanha-a lentamente. Cai o pano)*

## **ATO SEGUNDO**

Mesma decoração com a diferença que é noite; a lua aparece no fundo sobre o arvoredado, as janelas e a porta da casa estão iluminadas interiormente.

## **CENA PRIMEIRA**

MACEDO e OLIVEIRA

*(Ao levantar o pano OLIVEIRA sai da casa e encontra-se com MACEDO que passeia fumando).*

MACEDO - Então, falou ao Pacheco?

OLIVEIRA - Falei; porém nada obtive.

MACEDO - Não cedeu?

OLIVEIRA - Qual!

MACEDO - É teimoso.

OLIVEIRA - É uma pedra.

MACEDO - Que razões deu ele?

OLIVEIRA - As mesmas de ontem. Disse-me que no momento em que me casar com Julieta, entrega-me o dote que lhe destina, duzentos contos de réis, porém antes nem um vintém.

MACEDO - Devia explicar-lhe que não pede dinheiro e sim a sua firma no endosso das letras.

OLIVEIRA - Expliquei-lhe tudo, mostrei-lhe que sendo o prazo das letras a três meses, e devendo eu casar-me muito antes, se eu não as pagasse no vencimento, ele poderia descontá-las do dote de sua filha.

MACEDO - E que respondeu?

OLIVEIRA - Que o futuro pertence a Deus, e que ninguém sabe do dia de amanhã.

MACEDO - Terá desconfiado?

OLIVEIRA - De quê? Da minha intenção de não casar-me?

MACEDO - Sim.

OLIVEIRA - Não; a princípio tive a mesma idéia; porém desvaneceu-se logo.

MACEDO - Por quê?

OLIVEIRA - Porque acabou declarando-me que o negócio estava nas minhas mãos: que, se eu quisesse podia casar-me amanhã, e amanhã mesmo receberia o que ele tem de me dar.

MACEDO - Pois então case-se!

OLIVEIRA - Com duzentos contos! Uma ninharia...

MACEDO - Mas lembre-se que amanhã sem falta precisamos de setenta.

OLIVEIRA - Lembro-me!

MACEDO - E não sei onde os iremos buscar; nossas firmas já estão muito carregadas.

OLIVEIRA - Uma emissão de ações! O seguro tem subido.

MACEDO - É verdade; porém já temos mais de seis mil na Praça.

OLIVEIRA - E não é possível demorar-se por alguns dias essa operação? Sábado talvez o Pacheco se tenha resolvido, vou recorrer a Julieta.

MACEDO - É um bom meio, que já devia ter empregado. Quanto à demora, é impossível; a todo o momento pode divulgar-se o segredo do dividendo e perdemos a transação.

OLIVEIRA - Mas está bem certo que ela nos dará lucro?... Por que já são duas...

*(BORGES sai de casa e vem aproximando-se)*

MACEDO - Esta é segura. O dividendo há de ser de doze mil-réis, coisa que ninguém espera; compramos amanhã, dinheiro à vista, dez mil dividendos a sete mil-réis, três dias depois recebemos os setenta contos, e mais trinta e cinco de lucro. Não pode haver especulação mais... *(Volta-se)*

OLIVEIRA (*baixo*) - É o Borges.

## **CENA II**

Os mesmos e BORGES

BORGES - Conversavam em particular? Vim talvez interrompê-los?

MACEDO - Não; falávamos de coisas indiferentes.

OLIVEIRA - Saímos para tomar um pouco de fresco.

BORGES - Desejava dar-lhe uma palavra, Sr. Macedo.

MACEDO - Imediatamente?

BORGES - Sim.

MACEDO - Às suas ordens.

BORGES - O senhor permite?

OLIVEIRA - Oh! Sem dúvida. (*BORGES passa ao lado do portão*)

MACEDO (*baixo a OLIVEIRA*) - Um cheque!

OLIVEIRA (*sorrindo*) - De D. Olímpia?

MACEDO - Já lhe disse que são calúnias.

OLIVEIRA (*rindo*) - Acredito.

MACEDO - Espere, temos que falar ainda.

OLIVEIRA - Bem. (*Afasta-se para o fundo. MACEDO dirige-se ao portão, BORGES vem a ele*)

### **CENA III**

MACEDO E BORGES

BORGES - Meu amigo, tenho tantas vezes abusado de sua bondade que me acanho...

MACEDO - Não tem razão: sabe que estou sempre disposto a servir às pessoas a quem estimo.

BORGES - Vejo-me obrigado ainda a recorrer ao senhor para livrar-me de um grande embaraço. Preciso de algum dinheiro.

MACEDO - A ocasião agora é má, estou no desembolso de grandes quantias. Certas negociações.

BORGES - Asseguro-lhe que é a última vez que o incomodo. Tenho esperança de poder breve pagar-lhe o que já lhe devo; só não poderei pagar-lhe a amizade e os obséquios imensos que nos têm sido feitos. Mas o meu reconhecimento...

MACEDO - Conta, então, com algum auxílio?

BORGES - Em segredo, eu lhe digo: o senhor é amigo, e posso confiar-me. O casamento de Cristina com o filho do Pacheco é coisa quase decidida; eles se amam, o pai e a mãe sabem e vêem até com prazer. Talvez que um destes dias seja pedida...

MACEDO - Ah! Tinha já uma inclinaçõzita; mas não julgava as coisas tão adiantadas. Dou-lhe o parabém. É uma fortuna!

BORGES - Já vê que, realizado esse casamento, minha filha rica não deixará de pagar as dívidas que seu pai contraiu para á sua educação!...

MACEDO - Decerto, e até mesmo nem precisa fazer sacrifício, basta que o rapaz entregue os seus capitais a um homem hábil que saiba fazê-los girar para, em pouco tempo tirar lucros enormes.

BORGES - É justamente a minha idéia: Hipólito é um moço inteligente, e si ele unir-se a um homem como o senhor, fará uma bela carreira.

MACEDO - Obrigado, meu amigo. Amanha irei vê-lo e farei o possível para cumprir as suas ordens.

BORGES - Fico-lhe infinitamente agradecido. MACEDO - Não tem de quê.  
(*BORGES entra*)

#### **CENA IV**

MACEDO e OLIVEIRA

OLIVEIRA - Pagou?

MACEDO - Não, aceitei a um dia de vista. OLIVEIRA - Sem desconto?

MACEDO - Integralmente, e lancei o primeiro fio de uma grande operação.

OLIVEIRA - Sobre aquela Praça, duvido! Parece-me que está em crise monetária.

MACEDO - Que pensa? É o melhor tempo para a especulação.

OLIVEIRA - Pode ser, mas tenho as minhas dúvidas.

MACEDO - Mas sobre o nosso negócio... Não esqueça de pedir a Julieta.

OLIVEIRA - Agora mesmo.

MACEDO - Do meu lado, eu tocarei o Pacheco.

OLIVEIRA - Vai falar-lhe? Peça-lhe que venha...

MACEDO - Nessa não caio; no momento em que lhe disser que desejo falar-lhe, encolhe-se como uma ostra dentro da casca. Há de ser de repente.

OLIVEIRA - É inútil: não consegue nada.

MACEDO - Quem sabe. *(Vão conversando para a porta. Saem HIPÓLITO e RODRIGO; este pede fogo a MACEDO e acende o charuto)*

## CENA V

HIPÓLITO e RODRIGO

HIPÓLITO - Sinceramente, não te compreendo.

RODRIGO - Por quê?

HIPÓLITO - Duvidas de tudo.

RODRIGO - Ao contrário. *(MACEDO e OLIVEIRA entram na casa)*

HIPÓLITO - Ainda hoje não te disse uma palavra que a tua resposta não fosse "talvez."

RODRIGO - E chamas a isto duvidar?

HIPÓLITO - Decerto.

RODRIGO - E se eu afirmasse?

HIPÓLITO - Como?

RODRIGO - Se eu afirmasse que te enganas?

HIPÓLITO - Ah!... *(Depois de uma pausa)* Então Cristina não me ama?

RODRIGO *(sorrindo)* - Talvez!

HIPÓLITO - Queres brincar! *(Senta-se)*

RODRIGO (*tira a carteira*) - Toma um charuto. Que bela noite! Vamos passear.

HIPÓLITO - Não quero!

RODRIGO - Preferes ficar aqui. Não gostas de banhar-te na claridade da lua, e sentir os seus raios te envolverem como uma onda de luz?

HIPÓLITO (*erguendo-se*) - Não penses que me iludes com os teus devaneios! Sabes alguma coisa e não queres dizer-me.

RODRIGO - Não sei nada. (*Afasta-se*)

HIPÓLITO - Rodrigo, há um momento abri-me contigo, confiei-te as minhas afeições, as minhas esperanças e fiz-te quase da família. Depois disto tenho o direito de exigir de ti igual confiança.

RODRIGO - É exato. Mas sabes se eu sou teu amigo?

HIPÓLITO - Como?

RODRIGO - Sabes distinguir atualmente a amizade, o amor, o sentimento enfim, de um outro objeto que tem a mesma aparência?

HIPÓLITO - Que objeto?

RODRIGO - O crédito.

HIPÓLITO - Não te entendo! (*Uma pausa*)

RODRIGO - Todas as grandes idéias, Hipólito, têm a sua aberração, é a conseqüência da fraqueza humana. A liberdade produziu a licença, a religião o fanatismo, o poder a tirania, o dinheiro a usura. O crédito não podia escapar a essa lei fatal; ligando-se à ambição, produziu também o seu aborto. Novo Proteu, esse filho bastardo toma todas as formas, imita todos os sentimentos. Nós o encontramos a cada passo, nos salões, no interior das casas, nas relações mais íntimas; às vezes sob a figura de uma menina, às vezes disfarçado em moço elegante ou em um homem respeitável.

HIPÓLITO - Para quê? Com que fim?

RODRIGO - O seu fim é a monetização do sentimento. Não ouviste o que dizia há pouco o Macedo sobre o amor? Tomaste por gracejo?



HIPÓLITO - Certamente, ele está sempre a brincar.

RODRIGO - Pois é uma verdade. A ciência que nestes últimos tempos tem feito grandes progressos, empreendeu, e conseguiu mobilizar todos os valores; um prédio, uma terra toma a forma de uma letra e corre como moeda. É um grande resultado para a indústria. A especulação porém que é mais inventiva do que a ciência, entendeu que do mesmo modo que se fazia de uma casa um bilhete de banco, podia se fazer do sentimento um capital.

HIPÓLITO - Como?

RODRIGO - Ah! Desejas conhecer esse novo sistema econômico? É muito curioso! Entra em uma sala e observa. Ali vêes um homem gasto que faz a corte a uma moça; a dois passos, uma menina que, vencendo o pudor, requesta claramente o filho de um negociante rico, uma senhora que dizem ser a amante de um velho, um rapaz que persegue outro com a sua amizade. Acreditas que é o sentimento que se manifesta?

HIPÓLITO - Ao menos parece.

RODRIGO - Pois é o crédito social que funciona. O sentimento aí é apenas o meio de manter relações que são habilmente exploradas. O homem gasto que vai casar com uma moça rica, tem a esperança de um dote e saca sobre essa esperança como sobre um depósito. A menina que muitas vezes por ordem de sua mãe dá à sociedade o espetáculo de um namoro ridículo com um moço rico, faz supor um casamento que deve ser para seus pais uma caução de dívidas já contraídas. A mulher casada que afeta uma ligação com um velho desprezível, diz ao público que a sociedade conjugal tem um sócio capitalista ou um marido suplementar solidariamente responsável pelos encargos da firma. O moço que se liga ao filho de um negociante e não o deixa; que toma-lhe o braço na rua, e senta-se junto dele no teatro ou no hotel, afetando uma grande intimidade em todos os lugares públicos, trata de mostrar aos credores já desconfiados que ele tem um fundo de reserva que responde pela emissão de suas letras. Para essa espécie de gente, Hipólito, os homens não são homens, são penhores; os sentimentos são hipotecas tácitas.

HIPÓLITO - Então não acreditas que exista amor verdadeiro?

RODRIGO - Tanto existe que o procuram imitar porque o grande triunfo que tem a virtude sobre o vício em todos os tempos é esse; que a virtude se mostra a rosto descoberto, enquanto o vício toma a máscara de sua inimiga para aparecer; uma é sempre a verdade; o outro só pode viver como uma mentira.

HIPÓLITO - Não importa! É sempre uma coisa bem triste a sociedade do Rio de Janeiro.

RODRIGO - Não é a sociedade do Rio de Janeiro, é a lia dessa sociedade. Nunca viste um copo d'água aos raios do microscópio solar? No meio daquela onda límpida e cristalina, nada uma infinidade de vermes que se esforçam por subir à flor, e que se depositam no fundo apenas a água fica em repouso. Esses vermes existem na escala ínfima da população e ao menor movimento, procuram vir à superfície; vistos a olho nu são gotas d'água pura; vistos ao microscópio são vermes. Eles formam em todas as grandes cidades essa parte da população que procura resolver o problema de viver sem trabalho.

HIPÓLITO - De viver à custa dos outros!

RODRIGO - Outrora, esses vermes sociais empregavam a piedade; mendigos de casaca e luvas, iam chorar em todos os lugares onde as lágrimas podiam cristalizar em moeda. Da piedade passaram à educação; cada um fez-se um ponto de admiração que se via constantemente perfilado diante de um homem rico, na sua casa, na sua mesa, na sua intimidade. Finalmente inventou-se o crédito; a sociedade invisível aproveitou-o. Cada verme constituiu-se um agiota de sala, e joga com a alta e a baixa dos sentimentos.

HIPÓLITO - E tolera-se semelhante gente? Por que os homens de bem não os expõem e não os cobrem com o seu desprezo?

RODRIGO (*sorrindo*) - Por uma singularidade bem natural, Hipólito. Os homens de bem e de talento ordinariamente têm um certo ciúme uns dos outros; repelem-se, mas temem-se; aspiram à superioridade e por isso não querem um rival. Os tratantes, ao contrário, têm uma certa maçonaria; conhecem-se, ligam-se, atraem-se e auxiliam-se mutuamente para combaterem o inimigo comum - a sociedade. Quando, pois, um homem honesto acha-se no meio deles só e isolado, o que pode fazer?

HIPÓLITO - Tirar-lhes a máscara.

RODRIGO - Para quê? Para rirem-se dele? Quem o acreditaria? Aqueles que o consideram seus amigos? Demais, lembra-te que há em toda a criatura que se perde, um resto de bem que é abafado pelos maus instintos, mas que um dia pode desenvolver-se e regenerar o espírito. Quantos homens não se corrigem pela amizade, pelo amor, pela estima de uma pessoa honesta, e que pela vergonha do escândalo se irritariam contra a sociedade, e do vício desceriam ao crime? O que um homem honesto deve fazer é aproveitar os impulsos generosos, estender a mão a essas almas decaídas que encontra em seu caminho e ajudá-las a erguer-se, ou pelo exemplo, ou pelo conselho.

HIPÓLITO - E se esse homem vê um amigo que vai ser vítima de uma dessas especulações, não deve falar-lhe francamente? Não deve dizer-lhe: a mulher que te diz amar, calcula com o teu coração?

*(Ouve-se tocar piano dentro de casa).*

RODRIGO - Deve falar francamente quando tiver as provas; e antes disso tudo quanto pode fazer um amigo por seu amigo, sem mentir à consciência, é mostrar-lhe o mundo como ele é, e dizer-lhe: - Olha e vê!

HIPÓLITO - Debalde procuras encobrir! Compreendo tudo; sei de quem pretendes falar.

RODRIGO - Não te falei de indivíduos, falei-te da sociedade.

HIPÓLITO - Respeito a tua delicadeza e te agradeço. Tu me abriste os olhos. Cristina faz do meu amor um objeto de especulação.

RODRIGO - Por que pensas assim? Ela é muito moça para fazer semelhante cálculo. É uma criança, que serve de instrumento a outras ambições. Quando compreender o sentimento, talvez te ame por ti exclusivamente.

HIPÓLITO - Não, um coração que se perverte a este ponto, não pode amar. Pois olha, Rodrigo, era uma afeição séria, apesar desta minha jovialidade ordinária; no meio das extravagâncias, dos prazeres rápidos e passageiros, essa menina representava para mim a imagem do amor puro. Quando às vezes me sentia gasto e fatigado, a sua lembrança me fazia entrever uma outra vida melhor...

## **CENA VI**

Os mesmos e CUSTINA

CRISTINA *(na porta)* - Hipólito!

RODRIGO *(baixo, a HIPÓLITO)* - Não a ofendas!

CRISTINA *(chegando-se)* - Venha valsar comigo.

HIPÓLITO *(friamente)* - Obrigado!

CRISTINA *(baixo)* - Está zangado outra vez?

HIPÓLITO (*secamente*) - Não, senhora.

CRISTINA - Que quer dizer isto?

HIPÓLITO - Quer dizer, D. Cristina, que o amor é uma coisa muito séria para os estudantes e para as meninas que não o compreendem. Eu tenho os meus romances, a senhora as suas bonecas para nos divertirmos; não precisamos, portanto, arremedar os namorados.

CRISTINA - Está gracejando?

HIPÓLITO - Adeus!

CRISTINA - Ah! (*Senta-se. HIPÓLITO afasta-se pelo fundo*)

## **CENA VII**

RODRIGO e CRISTINA

RODRIGO (*aproximando-se*) - Ele ama-a.

CRISTINA - E zomba de mim?

RODRIGO - De quem é a culpa?

CRISTINA - Não sei! Minha, não! Ele bem sabe os meus sentimentos!

RODRIGO - Não os acredita.

CRISTINA - Não percebo!...

RODRIGO (*rindo-se*) - E eu não sei explicar-lhe.

CRISTINA - Por quê?

RODRIGO - Porque há coisas que sentem-se e não se dizem.

CRISTINA - Mas que posso eu fazer para que ele não duvide de mim?

RODRIGO (*depois de uma pausa*) - Quer que lhe fale como Hipólito lhe falaria?

CRISTINA - Eu lhe peço.

RODRIGO - É difícil! Mas enfim!... Não sei em que livro li que Deus, querendo proteger a mulher contra as seduções deste mundo, viu-se em sérios embarços; não podia dar-lhe a bondade infinita porque fazia dela um anjo; não podia dar-lhe a força e a razão porque fazia dela um homem. Então teve uma lembrança feliz; bafejou a mulher com o seu hálito divino. Está sorrindo da minha poesia? Não importa! A poesia é às vezes o único meio de dizer certas coisas.

CRISTINA - Ao contrário, ouvindo-o com prazer.

RODRIGO - Não sabe para que Deus lembrou-se de bafejar a mulher?

CRISTINA - Confesso que não.

RODRIGO - Foi para que o homem não pudesse tocá-la com um gesto, um olhar, uma palavra, sem tocar nesse sopro celeste, e sem revelar tudo que há de divino em sua alma. É essa espécie de sensitiva moral, que traz o rubor às faces, que cerra as pálpebras e prende a palavra nos lábios, O que os homens chamam pudor.

CRISTINA Ah!

RODRIGO - Ora, se uma menina de quinze anos dissesse a um homem que o ama, sem que os seus olhos límpidos se turvem, sem que seu rosto core, é preciso que este homem esteja cego para não ver...

CRISTINA - O quê?

RODRIGO - Que essa menina não compreende o que diz, e repete palavras que ouviu, e nesse caso Hipólito tem razão, brinca-se o amor com as bonecas. (*Mudando de tom*) Que belo luar está fazendo, D. Cristina...

CRISTINA - Porém...

RODRIGO (*interrompendo-a*) - O Rio de Janeiro tem o privilégio destas bonitas noites. A senhora não faz idéia! Viaja-se toda a Europa... Creio que Hipólito me chama... (*Vai sair, chega JULIETA; todas as outras personagens, à exceção de HIPÓLITO vão saindo de casa*).

## CENA VIII

Os mesmos, JULIETA, depois OLÍMPIA e GUIMARÃES

JULIETA - Muito bem! Fugiram da sala para virem conversar com as estrelas. Por que não me chamaste, Cristina?

CRISTINA - Estavas falando com o Oliveira...

JULIETA (*interrompendo-a*) - Que tinha isso? Tu és muito egoísta. (A RODRIGO) E o senhor também.

RODRIGO - Ao contrário, D. Julieta; distrair os pensamentos que pertencem a outro é que seria além de egoísmo um crime.

JULIETA - Crime que não se pune.

RODRIGO - Sim, mas que também não se perdoa!

JULIETA - Quantas vezes!... Que dizes, Cristina?

CRISTINA - Não sei!...

JULIETA - Estás tão séria!

OLÍMPIA (*chegando*) - Sr. Rodrigo! Alguns amigos jantam em nossa casa na quinta-feira próxima, e desejamos ter o prazer de sua companhia; meu marido há de convidá-lo pessoalmente, mas eu quis ser a primeira a fazer-lhe este pedido.

GUIMARÃES - Não se pode resistir a um convite tão amável.

RODRIGO (*com ironia*) - Sobretudo quando não se está habituado! (A D. OLÍMPIA) Mas é impossível, minha senhora!

OLÍMPIA - Por quê? Faça um pequeno sacrifício.

RODRIGO - Estou fora da cidade na quinta-feira.

OLÍMPIA - Podemos transferir.

RODRIGO - Por minha causa?

OLÍMPIA - Não; pela minha. Entra nisso um pouco de vaidade e de capricho: desejo tê-lo em minha casa. Não me desculpa?

GUIMARÃES - A isto não se responde, D. Olímpia.

OLÍMPIA (*a RODRIGO*) - Então?

RODRIGO - Até quinta-feira, minha senhora.

OLÍMPIA - Obrigada, não falte. (*A CRISTINA*) Cristina, vamos. Já disseste adeus a Hipólito?

RODRIGO (*a JULIETA*) - Boa noite. (*Aperta a mão*)

OLÍMPIA (*à mesma*) - Diga a seu mano que eu conto com ele.

RODRIGO (*a CRISTINA*) - D. Cristina!...

CRISTINA - Não me aperta a mão?

RODRIGO - Com prazer. (*Afasta-se; JULIETA acompanha-o com os olhos*)

GUIMARÃES (*a OLÍMPIA*) - V. Ex.a então mora aqui mesmo em S. Clemente?

OLÍMPIA - Sim, senhor.

GUIMARÃES - É um lindo arrabalde. Venho muitas vezes para estes lados por causa do Hipólito. Somos muito amigos...

OLÍMPIA - Ah! não sabia!...

GUIMARÃES - Amigos íntimos; jantamos juntos todos os dias no Hotel da Europa, somos inseparáveis!

OLÍMPIA - Pois, então, não quero ser a causa de um desprazer entre dois amigos; na quinta-feira, em minha casa...

GUIMARÃES - Oh! minha senhora!

OLÍMPIA - Já tinha dito a meu marido... GUIMARÃES - O Sr. Borges? Uma bela pessoa. (*Vão-se afastando*) Há pouco estivemos conversando. (*HIPÓLITO aparece*)

## **CENA IX**

Os mesmos e HIPÓLITO

JULIETA (*a CRISTINA*) - Estiveste tanto tempo aqui! Que te dizia ele?

CRISTINA - Quem? Hipólito...

JULIETA - Não.

CRISTINA - O Sr. Rodrigo?

JULIETA - Sim.

CRISTINA - Conversava a teu respeito.

JULIETA - Mentirosa!...

CRISTINA - Oh! de ti ele não diria o que me disse.

JULIETA - O quê?

CRISTINA - Nada! (*Enxuga os olhos*)

JULIETA - Ofendeu-te?

CRISTINA - Não.

JULIETA - Mas então?

CRISTINA - Deixa-me!

JULIETA - Cristina!

CRISTINA - Adeus! Onde está mamãe?

JULIETA - Vem cá!... (*A HIPÓLITO*) Tu lhe fizeste alguma coisa?

HIPÓLITO - Não, mas peço-te que não converses mais com ela a meu respeito.

JULIETA - Por quê?

HIPÓLITO - Amanhã te direi.

JULIETA - Onde vais?

HIPÓLITO - Passear; acompanho Rodrigo até Botafogo!

JULIETA (*sorrindo*) - Olhe, não roube os pensamentos que pertencem a outra!



RODRIGO - Quando se partilham não é possível. (*Sobem a cena, enquanto PACHECO e MACEDO descem. RODRIGO aperta a mão de JULIETA e dirige-se ao portão com HIPÓLITO*)

## CENA X

PACHECO e MACEDO

MACEDO - Ora, esqueceu-me de dizer-te uma coisa. O Oliveira...

PACHECO (*voltando-se*) - Sr. Rodrigo! E a nossa questão de crédito?

RODRIGO (*do portão*) - Tem a palavra o Sr. Macedo.

PACHECO - Olhe que não cedi dos meus princípios.

MACEDO - Com o tempo há de ceder.

PACHECO - Pois não! Mas ias dizendo...

MACEDO - Que o Oliveira está em vésperas de fazer uma fortuna colossal, mas é bom que o ajudes. Ele talvez tenha acanhamento de dirigir-se a ti, por isso deves oferecer-lhe...

PACHECO - Já que falas nisto, vou dizer-te o que há. Lembras-te que quando este moço entrou em minha casa e se falou neste casamento, não me opus; tu me deste as melhores informações a seu respeito; Julieta queria, e eu sempre entendi que a escolha do marido pertence à mulher que deve viver com ele, e sofrê-lo. Destinei um dote de duzentas apólices para cada um dos meus filhos, e por isso não preciso sacrificar a sua felicidade ao dinheiro. Entendeu, porém, meu futuro genro que eu devia endossar-lhe letras, falou-me nisso ontem, e hoje trouxe-me sete de dez contos cada uma!

MACEDO - E endossaste naturalmente.

PACHECO - Não, nem pretendo.

MACEDO - Por quê? Não te acho razão. Não é dinheiro que tens de dar, é simplesmente a tua firma.

PACHECO - Pior! A minha firma não anda por aí em todas as mãos. Enquanto tiver um real de meu não quero que ninguém possa dizer que lhe devo.

MACEDO - Mas não é dever. Atente bem, é garantir.

PACHECO - Todo o homem que garante uma dívida constitui-se principal pagador e deve ter o dinheiro pronto.

MACEDO - Então pensas que o Oliveira, um moço rico...

PACHECO - Quando ponho o meu nome em uma letra, tomo o seu valor em dinheiro, fecho-o na burra e digo comigo: este não me pertence mais.

MACEDO - Em todo o caso, visto que ele tem de receber o dote... que destinas...

PACHECO - Quando minha filha casar-se, seu marido disporá do que é seu como lhe aprouver!... Antes disso não devo tocar nesse depósito sagrado!...

## **CENA XI**

Os mesmos, BORGES, OLIVEIRA, ANTÔNIA, JULIETA, OLÍMPIA e CRISTINA

BORGES - Boa noite, Sr. Pacheco.

PACHECO - Boa noite. (*Fala com as senhoras*)

MACEDO (*a OLIVEIRA*) - Nada.

OLIVEIRA - Não te disse?

BORGES - Meus senhores!

OLÍMPIA - Adeus, D. Antônia.

D. ANTÔNIA - Passe bem. Agora estamos outra vez vizinhas.

OLÍMPIA - É verdade!

JULIETA (*a CRISTINA*) - Então decididamente não me dizes?

CRISTINA - Não posso.

JULIETA - Pois fico mal contigo.

CRISTINA - Paciência!

MACEDO (*a OLIVEIRA*) - Ainda fica?

OLIVEIRA - Não, vamos.

MACEDO - Até amanhã, Pacheco.

PACHECO - Até amanhã.

MACEDO - D. Antônia! (*Vai ao portão*)

OLIVEIRA - Não se esqueça de falar a seu pai.

JULIETA - Não, eu prometi-lhe e bem que me custe...

OLIVEIRA - Em que lhe custa, Julieta?

JULIETA - Eu sei!...

OLIVEIRA - Boa noite! (*sai*)

PACHECO - Venham fechar o portão. (*Dirige-se à casa*)

D. ANTÔNIA - Hipólito ainda não entrou.

PACHECO - Anda de passeio a esta hora! Por isso é que acorda-se ao meio-dia.  
(*Entra*)

## **CENA XII**

D. ANTÔNIA e JULIETA

D. ANTÔNIA - Tu não vens, Julieta?

JULIETA - Escute, minha mãe.

D. ANTÔNIA (*chegando-se*) - O que é?

JULIETA - Quero falar-lhe.

D. ANTÔNIA - Sobre?

JULIETA - Sobre esse casamento.

D. ANTÔNIA - Ah! Houve alguma coisa?

JULIETA - Não; mas tenho um pressentimento... parece-me que não hei de ser feliz!

D. ANTÔNIA - Por que, minha filha? Tu não amas esse moço?

JULIETA - Não sei!... Creio que não!

D. ANTÔNIA - Mas houve um tempo em que o amaste. Foi por tua vontade...

JULIETA - Não me queixo, minha mãe. Consenti!...

D. ANTÔNIA - Então?

JULIETA - Naquela ocasião, confesso, senti um prazer quando ele pediu a minha mão, essa idéia de fazer a felicidade de um homem que me oferecia sua vida, me seduziu! mas não sei!... Parece-me que me enganei... que tomei por amor o que era apenas um desejo de menina. Olhe, minha mãe, quando interrogo meu coração, revolto-me contra mim mesma! Por que aquilo que antes me causava alegria, agora me repugna?

D. ANTÔNIA - Sei o que é; uma moça que teve a tua educação, nunca pensa nisto sem um certo receio.

JULIETA - Como se engana, minha mãe! O que eu sinto é uma desilusão, conheço que esse casamento seria o sacrifício de minha vida inteira.

D. ANTÔNIA - Escuta, Julieta; nós as mulheres vivemos de sacrifícios; devemos dar a felicidade e não procurá-la para nós. Deus assim o quis; é menos doce, porém é mais nobre e mais generoso. O Oliveira te ama... tu aceitaste o seu amor...

JULIETA - Ele não me ama!

D. ANTÔNIA - Como? Não disseste há pouco...

JULIETA - A princípio, cuidei; foi outro engano; ele só pensa na sua fortuna. Vem aqui para tratar dos seus negócios. Ainda hoje... Sabe o que me pediu?

D. ANTÔNIA - O que foi?

JULIETA - Pediu-me para obter de meu pai que assinasse umas letras! Eis para que me quer! Não é triste?

D. ANTÔNIA - Por quê? Teve acanhamento de falar a teu pai, dirigiu-se a ti. É ao contrário uma prova de confiança.

JULIETA - Mas não de amor.

D. ANTÔNIA - O amor desculpa tudo, Julieta. Eu também fui moça como tu e amei; nós somos ordinariamente muito exigentes; queremos que o homem a quem amamos seja um herói, a nossa imaginação os engrandece tanto que depois quando o vemos de perto, na intimidade, o achamos pequeno.

JULIETA - Nunca pensei assim; mas esperava amar um homem que eu admirasse pela sua inteligência... *(Entra HIPÓLITO e passa no fundo)*

### **CENA XIII**

As mesmas e HIPÓLITO

HIPÓLITO - Ainda estão conversando?

D. ANTÔNIA - Ficamos te esperando. *(Sobe)* Manda fechar o portão.

HIPÓLITO *(beija a mão de D. ANTÔNIA)* - Sim, senhora. Boa noite, Julieta.

D. ANTÔNIA *(a JULIETA)* - Tranqüiliza o teu espírito, e acredita-me: a inteligência admira-se, mas a admiração não é o amor, e só se deve amar neste mundo o coração; porque é ele que faz o homem bom ou mau! Vem, é tarde. *(Retiram-se. Passa um preto que vai fechar o portão. Cai o pano)*

### **ATO TERCEIRO**

Saleta em casa de PACHECO; no fundo vê-se a sala de jantar e a mesa posta com um talher.

### **CENA PRIMEIRA**

JULIETA e HIPOLITO

*(JULIETA faz croché, sentada num sofá).*

HIPÓLITO (*entrando para o fundo*) - Deita o almoço! (*Desce*)

JULIETA - Com efeito, Hipólito! São mais de onze horas...

HIPÓLITO (*vendo o relógio*) - É verdade! Já levei ponto (*senta-se numa cadeira de balanço*) Decididamente é uma fortuna para a humanidade que meu pai seja rico.

JULIETA - Por quê?

HIPÓLITO - Porque senão apenas me formasse metia-me a curar e era pior do que uma epidemia. Via-me na dura colisão de morrer de fome ou de matar os desgraçados que me caíssem nas mãos.

JULIETA - Não digas isto nem brincando.

HIPÓLITO - Não te assustes, Julieta! Meu pai teve bastante juízo para ganhar uma porção de contos de réis e portanto os pobres dos hospitais estão livres de mim.

JULIETA - Mas se não pretendes exercer a tua profissão, para que estudas?

HIPÓLITO - Então pensas que a profissão do médico é só curar?

JULIETA - Qual é a outra?

HIPÓLITO - As outras deves dizer. Um médico hoje é um doutor, e um doutor serve para tudo. Há médicos políticos, médicos financeiros, médicos administradores e médicos honorários; é a esta última classe que hei de ter a honra de pertencer.

JULIETA - E que faz ela?

HIPÓLITO - O seguinte: passear na Rua do Ouvidor, fumar o seu charuto no Desmarais, freqüentar os bailes e os teatros, namorar as viúvas, ajudar por ano uma operação, fazer visitas para dar consumo aos cartões com o competente d-r, e meter de vez em quando na conversa uma palavra técnica para chamar a atenção. Que dizes? Não é uma bela ocupação?

JULIETA - Mas tu não a deves escolher.

HIPÓLITO - Por que razão?

JULIETA - Um homem que só se ocupa consigo não é um ente inútil para os outros? Se o pobre deve trabalhar para ganhar com que sustentar-se, o rico deve usar da inteligência que Deus lhe deu, não para ele, mas para a sociedade.

HIPÓLITO - Aposto que foi Rodrigo quem te ensinou isto?

JULIETA (*confusa*) - Não sei.

HIPÓLITO - Foi, não negues. Ele pensa assim, porém eu entendo que o único trabalho de um homem rico é distribuir a fortuna que Deus lhe deu. Uns fazem essa distribuição em esmolas, outros em jantares. No fim, o efeito é o mesmo.

JULIETA - Pois olha, eu sou mulher e tenho mais direito do que tu a essa vida ociosa e estéril. Entretanto, furto todos os dias algumas horas às minhas distrações para dedicá-las a uma ocupação qualquer; coso, bordo, não por divertimento, mas por uma obrigação que me imponho a mim mesma.

HIPÓLITO - E que lucras com isso? O trabalho faz-te melhor do que és?

JULIETA - O trabalho é uma boa lição que Deus nos dá; sinto-o por mim. Durante estas horas de uma aplicação séria, lembro-me de que somos todas criaturas destinadas a servir umas às outras; e perco esse pequeno orgulho da riqueza.

HIPÓLITO - Desde quando começou isto?

JULIETA - Desde que compreendi que os ricos deviam ser os primeiros a honrar o trabalho porque é a ele que devem a fortuna. Se meu pai não tivesse trabalhado, não seria pobre?

HIPÓLITO - Antes fosse, ao menos podia ser amado por mim e não pela minha herança.

JULIETA - Ah! Ainda estás com esta idéia? Pensas que Cristina...

HIPÓLITO - Estou convencido; o que ela quer é casar com o filho de meu pai.

JULIETA - Não acredito...

## **CENA II**

Os mesmos e D. ANTÔNIA

D. ANTÔNIA (*entrando*) - Hipólito, teu amigo está aí.

HIPÓLITO - Rodrigo?

D. ANTÔNIA - Não queres recebê-lo aqui?

HIPÓLITO - Sim, senhora. (*Caminhando para a porta*) Entra! (*Desaparece um momento*)

D. ANTÔNIA (*a JULIETA*) - D. Olímpia deixou-te lembranças.

JULIETA - Esteve cá?

D. ANTÔNIA - Não; passou há pouco para a cidade e falou-me mesmo do carro.

JULIETA - Não quis entrar?

D. ANTÔNIA - Na volta.

JULIETA - E Cristina?

D. ANTÔNIA - Ia com ela.

JULIETA - Não perguntou por mim?

D. ANTÔNIA - Não; e tenho reparado que... (*HIPÓLITO e RODRIGO entram, D. ANTÔNIA sai*)

### **CENA III**

JULIETA, RODRIGO e HIPÓLITO

RODRIGO - Adeus, D. Julieta. (*Aperta a mão*)

JULIETA - Sr. Rodrigo!

HIPÓLITO - Sabes! Tens uma apologista das tuas idéias.

JULIETA - Cala-te, Hipólito!

RODRIGO - Das minhas idéias?

HIPÓLITO - Sobre o trabalho. Agora mesmo acabou de dar-me uma lição.



JULIETA (*a RODRIGO*) - Não acredite!

HIPÓLITO - Se tu a ouvisses falar!... Não sei como ela entende.

RODRIGO - Não sabes a razão? As senhoras compreendem por inspiração o que nós, os homens, só compreendemos pela reflexão e pelo estudo. Por isso, na minha opinião a mulher é hoje o verdadeiro apóstolo da civilização.

HIPÓLITO - Se entendes por civilização os bailes e as modas, concordo; é um apóstolo de leque e crinolina!

RODRIGO - Estás gracejando!... Pois digo-te seriamente que para elevar o Brasil à altura do progresso moral e material da Europa, bastava-me a mulher.

HIPÓLITO - E que farias tu desse anjo-demônio, como lhe chamam os poetas?

RODRIGO - Nada, deixava que cumprisse o seu destino; somente lhe faria compreender as idéias que ela devia inocular no coração do povo. A nossa população precisa de instrução, eu instruiria a mulher.

HIPÓLITO - É um problema difícil.

RODRIGO - Eu resolveria com quatro palavras.

JULIETA - Como?

RODRIGO - De uma maneira muito simples: faria uma lei.

JULIETA - Uma lei?...

RODRIGO - Sim. Decretaria o seguinte: "Nenhuma mulher poderá casar-se sem saber ler e escrever."

JULIETA (*sorrindo*) - Ah!

HIPÓLITO - E com isso julgas que conseguirias?

RODRIGO - Sem dúvida.

HIPÓLITO - Mas lembra-te que nem todas as mulheres se casam; a raça das tias aumenta consideravelmente.

RODRIGO - Nem todas as mulheres se casam, é verdade, mas todas desejam casar.

HIPÓLITO - Que tem isso?

RODRIGO - É quanto bastava para que no fim de um ano não houvesse no Brasil uma mulher que não soubesse conjugar o verbo casar em todos os tempos; aquelas mesmas que tivessem escapado a' lei, por prevenção e na possibilidade de ficarem viúvas, haviam de voltar ao a-bê-cê.

HIPÓLITO (*rindo*) - Neste caso eu fazia-me professor de primeiras letras.

RODRIGO - Desde que a mulher do pobre levasse para a comunhão do matrimônio, além do coração, um espírito cultivado, a civilização desceria às últimas classes; o seio da família seria uma escola moral e instrutiva, na qual o homem receberia desde o berço até o serão do trabalho, com o leite materno, e com as afeições domésticas, as lições de sua mãe ou de sua esposa. (*A HIPÓLITO*) Mas isto são idéias... Passaste ontem por minha casa?

HIPÓLITO - E não te encontrando deixei-te um bilhete.

RODRIGO - Recebi. Precisas de mim?

HIPÓLITO - Queria ter o prazer de ver-te. Por que não apareces? Há muitos dias.

JULIETA - Uma semana.

RODRIGO (*sorrindo*) - Pensas, então, que as minhas teorias são como as receitas de médico? Dou o exemplo; trabalho.

HIPÓLITO - Contudo; não é uma razão para abandonares os amigos. Temos muito que conversar.

JULIETA - Não vais almoçar?

HIPÓLITO - É verdade. Queres jantar enquanto eu almoço?

RODRIGO - Obrigado.

HIPÓLITO - Pois então conversa com Julieta que eu vou fazer a dissecação de um frango e a ingestão de uma xícara de café com leite. Bem vêes que não estou tão atrasado na medicina como supões. (*Senta-se na mesa para almoçar e é visível durante a cena seguinte*)

## CENA IV

(RODRIGO e JULIETA)

RODRIGO - Que gênio feliz! (*Senta-se*)

JULIETA - Sim; mas aquela alegria agora é um pouco fingida. Anda triste.

RODRIGO - Por que motivo?

JULIETA - Ele lhe contará.

RODRIGO - É um segredo então?

JULIETA - É; mas o senhor já o sabe.

RODRIGO - Não me recordo.

JULIETA - Cristina...

RODRIGO - Que tem?

JULIETA - Mudou!

RODRIGO - Ah!

JULIETA - Não é a mesma; não fala mais a Hipólito; apenas o cumprimenta. Deixou até de vir à nossa casa! outrora, estávamos sempre juntas; queríamos-nos como duas irmãs, e eu esperava que havíamos de ser um dia. Mas... isto talvez não lhe interessa?

RODRIGO - Ao contrário, interessa-me muito.

JULIETA - Deveras?

RODRIGO - Não sou desses que para afetar gravidade, tratam as questões de sentimento com desdém. Não há nada mais sério para o homem do que sejam suas afeições, que têm sempre uma tão grande influência sobre a sua vida.

JULIETA - É verdade! Delas depende a felicidade e quantas vezes não lhes sacrificamos a nossa existência...

RODRIGO - Hipólito não está neste caso. Cristina é ainda uma menina um pouco travessa, mas tem bastante espírito para que o homem a quem amar possa fazer dela uma senhora distinta!

JULIETA - Porém se ela não o ama?... Não lhe disse que mudou completamente? E sabe desde quando?

RODRIGO - Não.

JULIETA (*confusa*) - Desde quinta-feira! O senhor não conversou com ela nessa noite?

RODRIGO - Trocamos algumas palavras; falamos do luar, de banalidades.

JULIETA -- Somente?

RODRIGO - Creio que só.

JULIETA - Pois eu julguei que essa mudança fosse proveniente do que o senhor lhe disse.

RODRIGO - Qual. Que influência podiam ter as minhas palavras sobre os seus sentimentos?

JULIETA - A mesma que tem a inteligência sobre o coração.

RODRIGO (*sorrindo*) - Não acredite. O amor de Cristina passou naturalmente como passam essas primeiras folhas das árvores antes da florescência.

JULIETA - E é possível isto? É possível deixar de amar uma pessoa que uma vez se amou?

RODRIGO - Não sei, D. Julieta.

JULIETA - Pergunto-lhe... porque deve ser bem triste sentir-se uma afeição com que vivemos algum tempo fugir a pouco e pouco, e deixar a alma deserta e só. Creio que há de ser como se víssemos destacar-se de nossa vida os mais belos dias da mocidade.

RODRIGO - Por isso devemos conservar as nossas afeições.

JULIETA - E quando a vontade nada pode contra esse impulso, quando sem que se queira se vão perdendo uma a uma as ilusões, quando parece... que outra afeição toma o lugar da primeira? Que fazer?

RODRIGO - Sofrer o seu destino.

JULIETA - E mudar... e...

RODRIGO - Quer que lhe diga uma coisa, D. Julieta? Se eu tivesse a infelicidade de amar a uma mulher, cuja afeição pertencesse a outro homem e ela me fizesse essa pergunta, sabe o que lhe responderia?

JULIETA - O quê?

RODRIGO - Responderia que uma mulher deve guardar sempre com o seu primeiro amor a virgindade de sua alma; porque um dia se amar a outro homem desejará dar-lhe toda a sua vida e não lhe poderá dar o seu passado.

JULIETA - Ah!

RODRIGO - Que tem?

JULIETA - Nada. (*Perturbada*) Quebrei um fio. Mas se o homem a quem ela tivesse amado fosse... indigno dela, não o poderia, não o deveria desprezar?

RODRIGO - Não; é essa sua mais bela missão, regenerar pelo amor aquele que escolheu para seu companheiro na vida.

JULIETA - Assim se essa mulher o amasse, o senhor não aceitaria esse segundo amor?

RODRIGO - Se ela viesse a amar-me, se depois de ter resistido ao impulso do coração, me estendesse a mão?

JULIETA - Sim!...

RODRIGO - Eu lhe diria: só há neste mundo um meio de esquecer o passado, é confiá-lo a um amigo.

JULIETA - Um amigo?

(*Aparece PACHECO*)

## **CENA V**

Os mesmos, PACHECO e HIPÓLITO

PACHECO (*entrando*) - Oh!... Sr. Rodrigo. RODRIGO - Como passou? Não foi hoje à cidade?

PACHECO - Não; deixei-me ficar para acabar a minha correspondência do pacote que sai amanhã. Aqui trabalho com mais descanso do que no escritório; estou livre dos importunos.

HIPÓLITO - Bom dia, meu pai.

PACHECO - Acabaste de almoçar agora? Não te envergonhas?

HIPÓLITO - De quê? De almoçar?

PACHECO - De almoçar ao meio-dia.

HIPÓLITO - Isto é um objeto de convenção: os homens não sei por que concordaram em levantar-se ao romper do dia e almoçar às oito horas, do mesmo modo que podiam concordar em deitar-se às três horas e acordar para jantar. Ora, eu, que não dei procuração a ninguém para fazer semelhante convenção...

RODRIGO - Reivindicas o teu direito.

HIPÓLITO - E almoço à hora que me apraz.

PACHECO - Não atendes que é uma lei natural...

HIPÓLITO - Sei o que V.M.cê quer dizer. É o tal argumento dos passarinhos que acordam com o tiro de peça...

PACHECO - De todos os animais da criação.

HIPÓLITO - Por isso mesmo: é mais uma distinção que tem o homem do animal o acordar à hora que lhe faz conta.

RODRIGO - Já vê o Sr. Pacheco que há argumentos para tudo.

PACHECO - Qual argumento! É o argumento dos preguiçosos.

HIPÓLITO - Não há mais preguiça depois que se inventou o progresso. A humanidade caminha sempre, dizem os filósofos; portanto, eu que tenho a honra de pertencer à humanidade, ou acordado, ou dormindo, devo progredir.

PACHECO (*a RODRIGO*) - Se ele começa com as suas teorias, estamos perdidos. (*Senta-se*) Como vai o seu projeto de estabelecimento?

RODRIGO - Perfeitamente.

*(HIPÓLITO senta-se perto de JULIETA e, de vez em quando trocam palavras em voz baixa)*

PACHECO - Estimo muito! Seu pai, que eu conheci quando ainda éramos ambos caixeiros, podia ter-lhe deixado uma fortuna considerável; talvez maior do que a minha.

RODRIGO - Não lamento essa perda; com a educação que me deu, meu pai deixou-me a melhor herança, e a maior riqueza deste mundo.

PACHECO - Entretanto, podia estar hoje com uma fortuna independente.

RODRIGO - A independência da fortuna não é a que eu mais admiro; prefiro a do caráter.

PACHECO - E tem razão! Mas não seria preciso recorrer aos outros...

RODRIGO - Está enganado, Sr. Pacheco; não recorri a ninguém. Dirigi-me a alguns negociantes e capitalistas, apresentei-lhes a minha idéia para a construção de um caminho de ferro. Aceitaram; formamos uma sociedade; eles deram o seu capital em dinheiro, eu dei o meu em inteligência e trabalho. Parece-me que se neste contrato há superioridade, não é decerto da parte daqueles que forneceram a moeda metálica, fabricada pelos homens, mas sim da parte daquele que contribuiu com a moeda universal criada por Deus.

PACHECO - Ah! Voltamos à tal questão do crédito?

RODRIGO - Decerto, porque ela é atualmente a questão da vida e do progresso.

PACHECO - Pode ser; mas ainda não estou convencido.

RODRIGO - Acredito.

PACHECO - Se o senhor me provasse...

RODRIGO - A luz não se prova, Sr. Pacheco, vê-se.

HIPÓLITO - Apoiado! *(Entra D. ANTÔNIA)*

## **CENA VI**

Os mesmos e D. ANTÔNIA

D. ANTÔNIA (*a JULIETA*) - Julieta, está aí aquela menina cega para quem coseste o vestido. Não queres dar-lho?

JULIETA - Sim, minha mãe!

HIPÓLITO - Ah! É nisto que trabalhas?

JULIETA (*levando o dedo à boca*) - Psiu! Ninguém lhe perguntou!

RODRIGO (*a HIPÓLITO*) - Foste indiscreto! A caridade é uma flor que vive na sombra e desmaia ao sol: não se vê, sente-se! Não é assim, D. Julieta?

JULIETA (*confusa*) - Eu já volto! (*Sai*)

D. ANTÔNIA - Tens dinheiro na carteira, Pacheco?

PACHECO - Não; mas vou buscar. Quanto queres?

D. ANTÔNIA - Dei mil-réis para dar a uma menina cega, filha de uma pobre mulher...

PACHECO - Dá-lhe vinte se ela merece.

D. ANTÔNIA - Basta ter perdido a vista. Pode haver maior desgraça?...

PACHECO - Decerto. (*D. ANTÔNIA vai sair. PACHECO sai*)

HIPÓLITO - Então eu não dou nada? (*Mete a mão no bolso*)

D. ANTÔNIA - Não precisa, Hipólito.

HIPÓLITO - Mas eu quero, minha mãe; se fosse um hábil cirurgião far-lhe-ia a operação. Mas...

D. ANTÔNIA (*sorrindo*) - Ainda és estudante.

HIPÓLITO - E estudante vadio; portanto dou-lhe o preço da minha cadeira no Teatro Lírico. Hoje não ouvirei a Charton. (*Dá uma moeda de prata de dois mil-réis. Entra JULIETA*)

D. ANTÔNIA - Mas para quê?...



HIPÓLITO - Dê, minha mãe. (*D. ANTÔNIA sai*)

RODRIGO - Só eu é que não tomo parte nesta boa ação...

JULIETA - Mais do que todos!

HIPÓLITO - É verdade! (*PACHECO atravessa ao fundo para ir ter com D. ANTÔNIA*)

RODRIGO - Corno assim?

JULIETA (*sorrindo*) - "A caridade é uma flor que vive na sombra"...

HIPÓLITO (*ri-se*) - Muito bem, Julieta. (*Para RODRIGO*) E eu não quero ser indiscreto.

RODRIGO (*sorrindo*) - É justo!... (*Entra PACHECO*)

PACHECO - Ora tornemos à nossa conversa, Sr. Rodrigo.

RODRIGO - Sobre?...

PACHECO - Sobre a grande questão.

RODRIGO - É inútil... Falemos doutras coisas... Há pouco passou-se aqui um fato bem pequeno; deu-se uma esmola; deu-se tão delicada e tão generosa como se podia desejar. Não foi só dinheiro, foi o sentimento que ele exprimia, e o que é mais que tudo, foi o trabalho de mãos mimosas...

JULIETA (*confusa*) - Não fale nisto!

RODRIGO (*sorrindo*) - Deixe; não direi quem é... foi o trabalho de mãos que descalçam a luva para coser a roupa do pobre. Não é possível que a caridade tenha mais graça, mais delicadeza, mais escrúpulo mesmo. Pois bem, no fim de contas, tudo isto não passou de uma esmola.

PACHECO - Então?...

RODRIGO - A esmola é uma generosidade para quem a dá, às vezes é simples vaidade. Para quem a recebe é sempre uma humilhação.

D. ANTÔNIA - Por quê?

RODRIGO - Porque Deus deu as mãos ao homem para trabalhar e não para pedir; porque a vida de toda a criatura deve ser uma luta e não uma súplica.

JULIETA - Mas aqueles que nada têm?

RODRIGO - Os que nada têm, têm ainda a coragem, a força e os braços.

D ANTÔNIA - E se isto lhes falta? Se estão doentes?

RODRIGO - Não me refiro à criatura que a desgraça coloca nessa situação extrema de sentir a fome; então não é a alma que fala, é o corpo que solta o grito supremo da conservação; é a matéria que sucumbe. A estes devemos socorrer como se socorre um naufrágio ou um incêndio; mas não atirar-lhes a esmola como se fossem cães.

PACHECO - Oh!

RODRIGO - A verdadeira caridade, Sr. Pacheco, é a que evita a miséria e não a que a alivia.

JULIETA - Ah!

D. ANTÔNIA - Tu compreendes?

JULIETA (*confusa*) - Creio que sim.

RODRIGO - Então que dizes, Pacheco?

PACHECO - Na verdade!...

RODRIGO - Compare agora a sua esmola com o crédito. Há pouco o senhor gastou vinte mil-réis para sustentar essa menina durante uma semana; eu com o simples empréstimo de onze dei a uma criatura uma profissão honesta.

PACHECO - Bem! Neste ponto acho-lhe razão...

RODRIGO - Em todos, Sr. Pacheco. Se da última classe da sociedade subir à mais alta, verá a mesma coisa. Há uma espécie de miséria que não se enxerga porque esconde-se sob aparências enganadoras; mas que se adivinha, pelo traço que deixam as lágrimas, pela palidez das vigílias. É a miséria coberta de seda e de gala; que sorri nos lábios e chora no coração. Foi criada pelos prejuízos da sociedade que exige que o homem pareça o que não é. Sabe o que há de extingui-la um dia? É o crédito. (*Ergue-se*)

PACHECO - De que maneira? Explique-se! (*Entra MACEDO*)

RODRIGO - Ah! O senhor começa a interessar-se! Pois o melhor meio de estudar estas coisas, é pela experiência.

PACHECO - Não há dúvida.

RODRIGO - Se quer, eu lhe darei ocasião de obter a prova material.

PACHECO - Estimarei muito.

RODRIGO - Prometo-lhe; talvez esteja mais perto do que pensa.

(*Sai. HIPÓLITO ergue-se e acompanha-o*).

## CENA VII

Os mesmos e MACEDO

(*MACEDO tem entrado e cumprimentado a todos os que estão presentes*).

MACEDO (*a D. ANTÔNIA*) - Venho da Lagoa, fui encomendar duas camélias para amanhã.

D. ANTÔNIA - Há algum baile?

MACEDO - Não, o jantar de D. OLÍMPIA. Ela gosta da tal flor, talvez unicamente pela razão de custar caro.

PACHECO - Por aqui a esta hora é milagre!

MACEDO - Estava mesmo explicando a D. Antônia... Passando, não quis deixar de entrar.

(*D. ANTÔNIA deixa os dois sós. JULIETA sai um momento; RODRIGO passeia no fundo com HIPÓLITO e saem*).

PACHECO - Pois hoje deixei-me ficar. Que há pela cidade? (*RODRIGO e HIPÓLITO saem*).

MACEDO - Nada. O Oliveira tem aparecido?

PACHECO - Todas as tardes.

MACEDO - Não o vejo há dias; mas tive ontem boas notícias dele. Aquelas letras que lhe endossaste no valor de setenta contos, serviram para uma operação magnífica. O capital já está salvo; e os lucros excedem a cinquenta por cento. Fizeste bem em ajudá-lo, seguiste o meu conselho.

PACHECO - Estás enganado. Ninguém me tira de que fiz uma asneira; mas Julieta e minha mulher quiseram.

MACEDO - Não te hás de arrepender. O rapaz vai numa carreira brilhante.

### CENA VIII

PACHECO, MACEDO, OLIVEIRA e D. ANTÔNIA

OLIVEIRA - Como passaram?

D. ANTÔNIA - Sr. Oliveira!

PACHECO (*voltando-se*) - Oh! Hoje é o dia das surpresas!

MACEDO - É verdade! Agora mesmo queixava-me do senhor.

OLIVEIRA - Por quê?

MACEDO - Não aparece mais...

OLIVEIRA (*sorrindo*) - Tenho tido muito o que fazer!

MACEDO - Já soube! A fortuna o protege em tudo.

D. ANTÔNIA - Ela sabe o que faz!

MACEDO - Decerto.

D. ANTÔNIA - Julieta estava aqui... Vou chamá-la. (*Sai*)

OLIVEIRA (*a PACHECO*) - Tenho que falar-lhe em particular, Sr. Pacheco.

PACHECO - Vamos então para o meu gabinete. (*Baixo a MACEDO*) Teremos mais letras a endossar.

PACHECO (*saindo*) - Venha!

MACEDO - E eu não posso demorar-me; adeus.

PACHECO - Até amanhã. *(Sai)*

MACEDO *(a OLIVEIRA)* - Pode falar: já lhe dei o mel pelos beijos.

OLIVEIRA - Sempre tenho algum receio.

MACEDO - Qual! Peça-lhe que marque o dia o mais breve possível; este sábado ou o outro... Pelo resto eu respondo. Todos já sabem que o senhor casa. D. Olímpia tem-se incumbido de divulgar; mas é preciso que saibam oficialmente. Então o Pacheco que se torça...

OLIVEIRA - Enfim; vamos a ver o que se arranja... *(Sai)*

## **CENA IX**

MACEDO, D. ANTÔNIA, JULIETA, OLÍMPIA e CRISTINA

*(MACEDO toma o chapéu e vai sair).*

D. ANTÔNIA - O Oliveira?

MACEDO - Está no gabinete com o Pacheco.

D. ANTÔNIA - E o senhor já vai?

MACEDO - Se me dá licença.

D. ANTÔNIA - Jante conosco.

MACEDO - Não posso. *(Vai saindo)*

JULIETA *(a D. ANTÔNIA)* - Aí está D. Olímpia.

D. ANTÔNIA *(voltando-se)* - Entre, entre!

OLÍMPIA - Estou morta de fadiga; corri aquela Rua do Ouvidor cinco ou seis vezes! *(Senta-se)* Espere, Sr. Macedo. *(MACEDO senta-se)*

JULIETA - Não falas comigo, Cristina?

CRISTINA - Já não te beijei?

OLÍMPIA - Comprei as coisas mais lindas que é possível, D. Antônia! Um vestido o que há de mais moderno e de melhor gosto! Flores de Constantino!...

D. ANTÔNIA - Então preparou-se para os bailes?

OLÍMPIA - Não; comprei por comprar. É sempre assim; quando vou à Rua do Ouvidor, gasto duzentos ou trezentos mil-réis sem necessidade; mas que se há de fazer do dinheiro? Borges zanga-se; eu rio-me.

MACEDO - Não lhe custa a ganhar! (*Ri-se*)

JULIETA - Sabe, D. Olímpia; estou muito queixosa da senhora.

OLÍMPIA - Que lhe fiz eu?

JULIETA - Não deixa Cristina vir ver-me como costumava.

OLÍMPIA - Ao contrário... Ela é que tem sempre um motivo para não vir... Eu já desconfiei de algum arrufo..

CRISTINA - Tenho estado doente; não lhe disse, mamãe?

OLÍMPIA - Sim... Mas, D. Julieta, ia me esquecendo... Dê cá um abraço...

JULIETA - Por quê?

OLÍMPIA - Ande lá! Hoje na cidade não me falavam de outra coisa; e todos achavam que não podia haver melhor escolha.

JULIETA - Mas de quê?

OLÍMPIA - Não queira esconder; já todo mundo sabe.

JULIETA - Menos eu.

OLÍMPIA - Quando é o dia?

D. ANTÔNIA - Ainda não está marcado.

MACEDO - Por ora ainda é segredo!

JULIETA (*perturbada*) - Não gosto que me falem nisto, D. Olímpia; sempre cuidei que as amigas guardassem melhor o que se lhes diz em confiança.

CRISTINA - Não me acuses, Julieta. Mamãe que diga se ouviu de mim. Sou uma criança; mas sei guardar um segredo.

OLÍMPIA - Foi agora na cidade que me disseram.

JULIETA (*a CRISTINA*) - Perdoa!

CRISTINA - Foste injusta.

JULIETA - Confesso.

(*Entram RODRIGO e HIPÓLITO. RODRIGO vendo D. OLÍMPIA, quer sair*).

## **CENA X**

Os mesmos. RODRIGO e HIPÓLITO

OLÍMPIA - Ah! Sr. Rodrigo, venha cá; quero ralar com o senhor.

RODRIGO - Por que razão, D. Olímpia?

OLÍMPIA - Não apareceu ontem à noite; eu esperei.

RODRIGO - Não me foi possível...

OLÍMPIA - Diga que se aborreceu! Passar todas as noites na mesma casa.

RODRIGO - Para mim é muito agradável. (*D. OLÍMPIA fala-lhe ao ouvido*)

JULIETA (*perturbada, a CRISTINA*) - Ele tem ido todas estas noites à tua casa?

CRISTINA - Vai conversar com papai. De que te admiras?

RODRIGO (*chegando-se a CRISTINA*) - Está mal comigo? Não me quer falar?

CRISTINA (*estendendo-lhe a mão*) - Eu é que devia fazer-lhe essa pergunta! Já lhe falei hoje.

RODRIGO - Quando?

CRISTINA - Quando ia para a cidade, encontrei-o, disse-lhe adeus; mas o senhor não viu; estava distraído.

JULIETA - O Sr. Rodrigo anda sempre distraído. Há pouco disse-nos que tinha estado tão ocupado esta semana que não pode fazer uma só visita.

RODRIGO - É exato, D. Julieta, foi uma distração. (*Voltando-se*) Hipólito!...

CRISTINA (*perturba-se*) - Adeus!... Mamãe, vamos!...

OLÍMPIA (*erguendo-se*) - Sim; quem me acompanha até a casa?

HIPÓLITO (*a RODRIGO*) - Que me queres?

RODRIGO (*afastando-se com ele*) - Nada; desejava ver o efeito que produzia o teu nome!

OLÍMPIA (*a RODRIGO*) - Até logo! Hoje não tem desculpa. E você, Hipólito, apareça!

CRISTINA (*beijando JULIETA*) - Quer-me bem; e não sejas tão desconfiada.

JULIETA - Não; de quê?

CRISTINA - O que parece nem sempre é.

OLÍMPIA - Até amanhã, D. Antônia! Venha, Sr. Macedo.

MACEDO (*secamente*) - Volto para a cidade. Desculpe...

OLÍMPIA - Ora, dê-me o braço!. . . D. Julieta, não fique sentida comigo por causa do que... (*Vão saindo à exceção de RODRIGO e HIPÓLITO*)

## **CENA XI**

RODRIGO e HIPÓLITO

HIPÓLITO - Está dito. Ela faz tanto caso de mim, como eu da medicina.

RODRIGO - E tem muita razão.

HIPÓLITO Obrigado! É o que faltava.



RODRIGO - Ora, Hipólito, falemos francamente. Que qualidade tens tu para merecer o amor de uma mulher? Daqui a dois meses estarás formado, terás um título de doutor; isto é, mais cinco letras no nome!

HIPÓLITO - Bravo! cada vez a melhor! Na tua opinião não presto para nada.

RODRIGO - Tens sempre algum préstimo; mas é para teu alfaiate; e para aqueles que te fumam os charutos, passeiam no teu cavalo, e jantam à tua custa.

HIPÓLITO - E também para uma menina que deseja casar.

RODRIGO - Queres dizer que és rico? Mas a riqueza é o último dos títulos, e só se invoca em falta de outros. Quando se diz de um homem que - "É rico" - sabes o que isto exprime? Que tem dinheiro, mas só dinheiro. Supõe que eu me enganasse a respeito de Cristina; que ela seja uma menina de sentimento; há de escolher um moço distinto e digno dela.

HIPÓLITO - Qual! Não passa de uma namorada.

RODRIGO - És incompreensível. Uma menina te ama, tu dizes que é pelo teu dinheiro; ela deixa de amar-te, dizes que é namorada.

HIPÓLITO - Não foste tu mesmo que me fizeste ver?

RODRIGO - Mas lembra-te que ela também pode ver hoje que o moço com quem brincava quando menina, não passa de um estudante vadio, que um dia será um homem rico, e nada mais. (*Entra JULIETA*)

## **CENA XII**

JULIETA, PACHECO, OLIVEIRA, HIPÓLITO e RODRIGO

HIPÓLITO (*a JULIETA*) - Viste?

JULIETA - Vi tudo!

PACHECO (*entrando com OLIVEIRA*) - Aqui está ela, pode falar-lhe.

OLIVEIRA - D. Julieta!

(*OLIVEIRA e JULIETA descem. PACHECO fala com RODRIGO. HIPÓLITO senta-se no fundo*).

JULIETA (*perturbada*) - Minha mãe me disse que o senhor me procurava!

OLIVEIRA - É verdade.

JULIETA - Para quê?

OLIVEIRA - Para pedir-lhe a felicidade.

JULIETA (*ainda mais perturbada*) - Que quer dizer, senhor?

OLIVEIRA - Cuidei que tivesse força para esperar, mas vejo que é impossível, o amor é mais forte do que a ambição, Julieta; e hoje só espero que marque o dia.

JULIETA - Que dia?

OLIVEIRA - Do nosso casamento.

JULIETA (*assustada olhando RODRIGO*) Falemos mais baixo!

OLIVEIRA - Por quê? Isto já não é um segredo.

JULIETA - Muitos não sabem... e eu não quero que saibam.

OLIVEIRA - Por alguns dias apenas, sábado...

JULIETA - Este?

OLIVEIRA (*sorrindo*) - Não, da outra semana.

JULIETA - Mas eu...

OLIVEIRA - Seu pai concordou e só falta o seu consentimento (*pausa*) Quer consultar com ele? (*Volta-se*)

JULIETA - Não! Não!

OLIVEIRA - Sr. Pacheco!

JULIETA - Não é preciso!

OLIVEIRA - Então consente?

JULIETA (*com esforço*) - Sim!

*(PACHECO aproxima-se de OLIVEIRA; JULIETA afasta-se; RODRIGO chega-se a HIPÓLITO).*

PACHECO - Que temos?

OLIVEIRA - Está tudo combinado.

PACHECO - Bem!

OLIVEIRA - Onde está D. Antônia? *(dirige-se para a sala de jantar. PACHECO o acompanha; aí encontram D. ANTÔNIA; ao mesmo tempo RODRIGO dirige-se a JULIETA).*

RODRIGO - Adeus, seja feliz.

JULIETA *(admirada e confusa)* - O senhor sabe?

RODRIGO *(sorrindo)* - Há tanto tempo! *(Aperta-lhe a mão e vai sair)*

JULIETA - Por isso... *(senta-se abatida)*

RODRIGO - Adeus, Hipólito!

HIPÓLITO - Adeus. *(Dirige-se a JULIETA, olha-a um momento)* Somos bem irmãos, não é verdade?

JULIETA - Oh! Sim... *(Cai o pano)*

## **ATO QUARTO**

Sala em casa de BORGES; portas envidraçadas; no fundo, o jardim; do lado esquerdo, o interior; ao lado direito janelas de peitoril com bambinelas. São seis horas da tarde.

## **CENA PRIMEIRA**

PACHECO, BORGES, OLIVEIRA, MACEDO, GUIMARÃES, HIPÓLITO, OLÍMPIA, JULIETA, CRISTINA e D. ANTÔNIA

*(Todos saem da sala de jantar pelas duas portas, e espalham-se pela cena; uns acendem charutos; outros chegam às janelas, ou passeiam no fundo).*

GUIMARÃES (*a D. OLÍMPIA*) - V.Ex.a pode ter um orgulho: que no Rio de Janeiro ninguém sabe melhor fazer as honras de sua casa.

OLÍMPIA - Ora, Sr. Guimarães...

GUIMARÃES - Um jantar magnífico, servido com toda a delicadeza; uma sociedade encantadora...

OLÍMPIA - Faltaram algumas pessoas... (*Voltando-se*) Hipólito!

HIPÓLITO - D. Olímpia. (*Chega-se*)

OLÍMPIA - Seu amigo me enganou. Nunca esperei!

HIPÓLITO - Rodrigo?

OLÍMPIA - Sim.

HIPÓLITO - Admira-me com efeito!

JULIETA - Talvez receasse encontrar pessoas de quem não gosta.

CRISTINA - Ele disse-me ontem à noite que não podia assistir ao jantar; mas prometeu passar a tarde conosco.

JULIETA - Ah!... Não pode tardar então! (*Com ironia*)

OLÍMPIA - Manda trazer café e sorvetes, Cristina.

CRISTINA - Sim, mamãe. (*Sai*)

BORGES - Aqui têm charutos, meus senhores.

PACHECO - Isto é para os moços.

GUIMARÃES (*a JULIETA*) - Minha senhora, ainda não felicitei a V.Ex.a. Sou amigo íntimo de seu irmão e dou-me muito com o Oliveira. É uma bela pessoa...

JULIETA (*secamente*) - Obrigada. (*Volta-lhe as costas*)

OLÍMPIA (*a BORGES*) - Borges, leva os senhores para o jardim, é mais agradável. Já mandei servir o café. D. Antônia, D. Julieta, vão... (*Vai saindo*)

D. ANTÔNIA - E a senhora?

OLÍMPIA - Logo; tenho algumas ordens a dar.

## **CENA II**

MACEDO e OLÍMPIA

MACEDO - Brilhou, D. Olímpia. Deu-nos um jantar soberbo! (*Sorrindo*) Deve ter gasto um dinheiro louco!

OLÍMPIA - Nem me fale nisto!

MACEDO - Mas não há prazeres completos!...

OLÍMPIA - Por quê?

MACEDO - Faltou sempre uma pessoa.

OLÍMPIA - Que importa? Não faltou o senhor..

MACEDO - Obrigado; não mereço tanto; isto é para aqueles a quem se fala ao ouvido, e com quem se passeia no jardim nas noites de luar.

OLÍMPIA - Não entendo! (*Entra na sala de jantar*)

MACEDO - Ou não quer entender.

## **CENA III**

BORGES e MACEDO

BORGES - O quê?

MACEDO - Falávamos do Rodrigo.

BORGES - A que propósito?

MACEDO - Acho que não faz bem em recebê-lo.

BORGES - Por que motivo?

MACEDO - Por muitos; mas o principal é aquele projeto...

BORGES - Qual?

MACEDO - O casamento de Cristina.

BORGES - Ah!...

MACEDO - Notei hoje muita frieza da parte de Hipólito, e a causa é o tal Sr. Rodrigo.

BORGES - Como?

MACEDO - Não reparou ainda na intimidade que existe entre ele e sua filha?

BORGES - Tem razão; vou falar a Olímpia.

MACEDO - Não envolva nisto o meu nome! Aviso-lhe por causa dos nossos interesses comuns. *(Sai)*

#### **CENA IV**

BORGES e OLÍMPIA

BORGES *(chega-se à porta da sala de jantar e chama)* - Olímpia!

OLÍMPIA - Que queres?

BORGES - Quero prevenir-te de uma coisa.

OLÍMPIA - Depois.

BORGES - Não; é preciso que saibas já.

OLÍMPIA - O que é?

BORGES - O Rodrigo faz a corte a Cristina e...

OLÍMPIA - É falso!... Quem te disse?

BORGES - Em segredo: foi o Macedo.

OLÍMPIA *(sorrindo)* - Não creias.

BORGES - Contudo acho bom que o afastes pouco a pouco. Cristina pode vir a gostar dele e o nosso projeto fica destruído.

OLÍMPIA - Não faço isto.

BORGES - Mas, Olímpia, que te custa?

OLÍMPIA - Não sei; nem quero saber. Não posso tratar mal uma pessoa que vem à minha casa...

BORGES - E se Cristina o amar?

OLÍMPIA - Minha filha?... Não é possível!...

BORGES - É muito! E tu sabes que este casamento é toda a nossa esperança.  
(*Entra RODRIGO*)

OLÍMPIA - Está bom, deixa-me.

## **CENA V**

RODRIGO e OLÍMPIA

OLÍMPIA - A esta hora?

RODRIGO - Apesar de todo o meu desejo...

OLÍMPIA - Não tem desculpa.

RODRIGO - Então sujeito-me à repreensão; eu a mereço.

OLÍMPIA (*estende-lhe a mão*) - Prefiro perdoar.

RODRIGO - É a melhor vingança...

OLÍMPIA - É o melhor prazer daqueles que sofreram. Todo o jantar estive aborrecida; não sei o que me faltava.

RODRIGO (*rindo*) - Faltava-lhe um convidado.

OLÍMPIA - Só?...

RODRIGO - É sempre um desgosto perdermos uma testemunha da amabilidade com que costumamos tratar os nossos hóspedes.

OLÍMPIA - E maior desgosto ver que rejeitam uma prova de estima que desejamos dar.

RODRIGO - Como está D. Cristina?

OLÍMPIA - Boa, não a vi no jardim?

RODRIGO - Não, apenas encontrei o Sr. Macedo.

OLÍMPIA - Ainda estão passeando.

RODRIGO - Vamos ter com eles?

OLÍMPIA - Tem tanta pressa assim? Por que não ficamos aqui?

RODRIGO - Como quiser.

OLÍMPIA - Se é um sacrifício, não exijo.

RODRIGO - Não; e quando fosse, fá-lo-ia com prazer.

OLÍMPIA - Duvido.

RODRIGO - Não tem razão.

OLÍMPIA - Se eu merecesse um sacrifício de sua parte, não teria vindo jantar comigo?

RODRIGO (*sorrindo*) - Não fale mais nisso, já perdoou.

OLÍMPIA - Perdoei, mas não esqueci. Ao menos diga-me o motivo.

RODRIGO - Para quê?

OLÍMPIA - Quero saber.

RODRIGO - Que interesse tem nisto?

OLÍMPIA - Pergunta?

RODRIGO - Decerto; porque ignoro. (*Pausa*)



OLÍMPIA - Então não me diz?

RODRIGO - O quê?

OLÍMPIA - O motivo por que não veio? Diga-me que não foi por minha causa!... Sim?...

RODRIGO (*depois de olhá-la um momento*) - Pois foi justamente por sua causa.

OLÍMPIA - Eu adivinhava!

RODRIGO - Não vim ao seu jantar porque me repugna sentar-me a uma mesa onde se serve aos convidados em pratos de porcelana a reputação de uma família; porque quando o champagne fumegasse nos copos, julgaria que meus lábios tocando-o para beber à sua saúde, bebiam em vez de vinho as lágrimas que ele há de custar.

OLÍMPIA - Sr. Rodrigo!

RODRIGO - Sei que estas coisas não se dizem; mas a senhora deu-me o direito de falar. Passava o meu caminho tranqüilamente, sem me importar com o que via, deixando o mundo como ele é. Desde porém que me provocam, que me querem fazer representar um papel nesta comédia, é justo que eu diga: - "Não, minha senhora; não posso aceitar o papel que me destina."

OLÍMPIA - Não sei o que pretende dizer.

RODRIGO - Cuida que eu não vejo o que se passa aqui? O que era este jantar senão um jogo, no qual cada um dos convidados formava um parceiro? Um jogava ao casamento; alguns à amizade, outros ao amor; eu devia jogar ao ciúme. Era preciso excitar a paixão decadente de um velho namorado; irritar-lhe a vaidade; então deu-se um sorriso ao primeiro que se encontrou, e prometeu-se-lhe as migalhas desse amor já dividido entre um amante e um marido.

OLÍMPIA - Para que ofender-me assim? Não é mais natural pensar que em vez de calcular, o coração dessa mulher seja arrastado por um sentimento irresistível? E se ela não sabe reprimir a sua paixão, não se lhe deve perdoar porque é fraca?

RODRIGO - Então esse amor é real?

OLÍMPIA - Se não fosse, ouviria as palavras que acaba de dizer-me?

RODRIGO - Pois bem!... Dê-me outra prova!

OLÍMPIA - Qual? Fale!

RODRIGO - Tenho receio...

OLÍMPIA - De quê? Pensa que lha recusarei?

RODRIGO - Tenho receio de ofendê-la.

OLÍMPIA (*sorrindo*) - O coração desculpa tudo.

RODRIGO - Pois bem! (*Tomando-lhe a mão*) Não me queira mal pelo que lhe vou dizer. Suponha que é um irmão que lhe fala.

OLÍMPIA - Para quê? A realidade não vale a suposição?... É o senhor quem fala.

RODRIGO - Não me quer por irmão?

OLÍMPIA - Se não o amasse...

RODRIGO - E devo eu aceitar esse amor?

OLÍMPIA - Por quê?

RODRIGO - A mulher que ama realmente um homem, não o obriga a corar por sua causa, não o associa a certos atos que podem lançar uma dúvida sobre seu caráter. Não quero que alguém julgue que a afeição que recebo, é um roubo feito àquele que diz ter direito a ela; não quero que se pense que é por mim que uma senhora mantém um luxo superior a suas posses e sacrifica seu marido com despesas loucas.

OLÍMPIA - Ah!...

RODRIGO - Bem vê que este amor só pode ser aceito por aqueles que especulam com ele. Pelo Sr. Macedo, por exemplo.

OLÍMPIA - Por piedade!... Não me fale desse homem!

RODRIGO - Ele passa por seu amante.

OLÍMPIA - Nunca o foi!

RODRIGO - Entretanto a senhora sabe o que se diz, e parece querer confirmá-lo pelas maneiras com que o trata. Quanto a ele, tem também interesse em passar pelo que não é; porque uma mulher pobre que ostenta um luxo imenso, dá uma idéia favorável da riqueza do seu amante.

OLÍMPIA - Meu Deus!... Que vergonha!...

RODRIGO - Para ele a senhora não é senão um anúncio, ou um artigo de jornal, espécie de gazetilha que elogia a sua generosidade e atesta a sua fortuna. Custa-lhe isto naturalmente o presente de alguma flor, e um pequeno empréstimo feito de vez em quando a seu marido. O resto pagam os credores iludidos. *(Quando RODRIGO fala em flor, OLÍMPIA arranca a camélia que tem nos cabelos, e esmaga-a com os dedos, deixando-a cair)*

OLÍMPIA - Oh! Tem razão! Eu mereço o seu desprezo!

RODRIGO - Não desprezo a mulher que cometeu uma falta na sua vida, lastimo-a; e se ela quer apoiar-se ao meu braço para reerguer-se, não sou daqueles que lhe voltam as costas, e a deixam só e ao desamparo.

OLÍMPIA - Assim, se eu rejeitasse o passado, se esquecesse o que fui, podia esperar?

RODRIGO - O quê?

OLÍMPIA - Ser amada um dia?...

RODRIGO - Não sei. Eu lhe pedi uma prova: quer dar-ma?

OLÍMPIA - Sim!

RODRIGO - Quer tornar-se o que uma mulher deve ser: uma providência para sua família, um anjo da guarda que Deus deu ao homem? Faz-me este sacrifício?

OLÍMPIA - Juro pela memória de minha mãe, que o farei.

RODRIGO - Bem. Agora que tenho a sua promessa, diga-me: este sacrifício que faz de bom grado ao amor, por que não o fará a seu marido e a sua filha? Não vê que essa aparência de riqueza é uma confissão tácita da vergonha de seu esposo; porque o público sabe que o ordenado de um empregado não chega para tanto, e por conseguinte pensa, e com razão, que este dinheiro vem de uma origem imoral? Não vê que todos esses amores de salão que a senhora aceita por divertimento recaem sobre sua filha e mancham sua inocência?

OLÍMPIA - Por eles também! Eu farei tudo para apagar a lembrança dessas loucuras. Mas, eu lhe peço, não me abandone! Sinto que as suas palavras me darão forças. E se eu tivesse ao menos uma esperança que me salvasse nos momentos de dúvida!...

RODRIGO - É impossível!

OLÍMPIA - Por quê?

RODRIGO - Porque amo a outra mulher.

OLÍMPIA - A quem?

RODRIGO - É uma pergunta a que não se responde.

OLÍMPIA - Perdão! Fui indiscreta! Mas é que há pouco me disseram...

RODRIGO - O quê?

OLÍMPIA - Que o senhor amava a...

RODRIGO - Diga!

OLÍMPIA - Não! Não é possível que seja ela...

RODRIGO - Ela quem?

OLÍMPIA - Cristina!

RODRIGO (*admirado*) - Disseram-lhe que eu amava Cristina?

OLÍMPIA - Sim, mas é falso, não é? Responda! Eu lhe suplico!

RODRIGO (*friamente*) - É verdade!

OLÍMPIA - Minha filha! (*Deixa-se cair sobre um sofá e enxuga as lágrimas*)

RODRIGO - Eis a primeira punição da mãe que esqueceu o seu dever! (*Entra MACEDO*)

## CENA VI

Os mesmos e MACEDO

MACEDO - Oh! Sr. Rodrigo! (*Cumprimentam-se*)

OLÍMPIA (*enxugando as lágrimas, à parte*) - Ah!

MACEDO - Que tem, D.. Olímpia?

OLÍMPIA - Nada!

MACEDO - Parece que acabou de chorar!

OLÍMPIA - Por uma coisa àtoa...

MACEDO (*com ironia*) - A conversa do Sr. Rodrigo foi assim tão triste?

RODRIGO - É verdade, Sr. Macedo; não falamos de dinheiro nem de especulações.

MACEDO - Falaram de amor naturalmente... RODRIGO - Quando assim fosse... Os nossos cabelos brancos não teriam direito de rir-se das nossas palavras. (*Afasta-se*)

MACEDO (*apanhando a camélia*) - A senhora deixou cair a sua flor, D. Olímpia?

OLÍMPIA - Não tinha reparado.

RODRIGO - Caiu decerto com o peso.

MACEDO - O senhor está brincando! O peso de uma flor!

RODRIGO - Por que não? Uma camélia pesa o que custa; e há algumas que custam tanto! (*Dirige-se para a porta*)

MACEDO - Não quer deitá-la outra vez?

OLÍMPIA (*recebendo a flor*) - Sim; esta flor agora é uma recordação para mim!

MACEDO - Obrigado!

OLÍMPIA (*a RODRIGO, suplicante*) - Espere!... (*RODRIGO volta*) Sr. Macedo, meu marido deseja falar-lhe.

MACEDO - Como? Se agora mesmo estive com ele!

OLÍMPIA - É que talvez esquecesse o que lhe pedi; mas vou lembrar-lhe.

MACEDO - De que se trata? Não posso saber já? Economizaremos o tempo.

OLÍMPIA - Eu lhe digo. Hoje, Borges falando a seu respeito, contou-me os obséquios que o senhor lhe tem feito, emprestando-lhe algum dinheiro por várias vezes...

MACEDO - Ora, uma ninharia!

OLÍMPIA - Não importa! É sempre um incomodo e eu não desejo incomodar ninguém; muito menos a uma pessoa a quem devemos já muitos favores, e que nos trata com tanta amizade.

MACEDO - Deixemos isto, D. Olímpia. Quando estivermos sós...

OLÍMPIA - Por quê? O Sr. Rodrigo pode ouvir-nos; não me envergonho de confessar os obséquios que recebo...

MACEDO - Não vale a pena falar disso agora. Eu me entenderei com o Borges.

OLÍMPIA - Sim, é mesmo o que eu desejo. Pedi a meu marido para que combinasse com o senhor a maneira de pagarmos estas dívidas que me contrariam; amanhã...

MACEDO - Mas não tem pressa, D. Olímpia.

OLÍMPIA - Eu é que tenho pressa de poder recebê-lo em minha casa como um amigo e não como um credor.

MACEDO - A senhora vexa-me realmente com isto.

OLÍMPIA (*dirigindo-se a RODRIGO que está do lado oposto, a meia voz*) - Está satisfeito?

RODRIGO - Sim; mas como pode pagar essas dívidas? (*Entra OLIVEIRA*)

OLÍMPIA - Tenho as minhas jóias. (*Afasta-se*)

MACEDO - Porém, D. OLÍMPIA, não posso consentir!

OLÍMPIA - É escusado, Sr. Macedo: as senhoras têm caprichos que se devem respeitar. (A RODRIGO) Dê-me o seu braço, Sr. Rodrigo; vamos ver Cristina. (Saem)

## CENA VII

OLIVEIRA e MACEDO

OLIVEIRA - Que história é esta?

MACEDO - Um fenômeno mercantil! Um devedor que quer pagar à força!

OLIVEIRA - Ah! Ah! Ah! (Rindo-se) Mas então dissolveu-se a firma social e procede-se à liquidação!

MACEDO - Pois não! Manha de corretor que quer fazer subir as suas ações! Mas perde o seu tempo. (Senta-se)

OLIVEIRA - Por falar em ações: sabe que de ontem para cá tenho refletido?

MACEDO - Fez mal. Atualmente não se reflete, calcula-se.

OLIVEIRA - Quero dizer que pensei...

MACEDO - Pior! O pensamento é um inimigo do progresso e da felicidade humana. Se um homem pensasse antes de entrar num vapor, lembrava-se da caldeira e não embarcava, se pensasse nos desastres dos caminhos de ferro, não viajaria senão a pé; se pensasse nos prejuízos, não comprometia seus capitais em transações. Todo homem que pensa é estúpido; porque não há estupidez maior do que ser pobre, podendo ficar rico em um momento.

OLIVEIRA - Concordo; não se deve hesitar no momento de empreender; mas não é possível deixar de refletir sobre os seus atos; e então nesses momentos vem uma dúvida... Se aquilo que praticamos é bom...

MACEDO - Ora! Já lhe expliquei antes de ontem o nosso plano; e o senhor entusiasmou-se. Vendemos vinte mil ações a três meses de prazo, por trinta mil-réis; inundamos a praça. Elas baixam necessariamente; compramos a cinco mil-réis. Ganhamos quinhentos contos de pancada.

OLIVEIRA - O cálculo dos dividendos também era magnífico; porém lá se foram as letras do Pacheco no valor de setenta contos; e não sei como as havemos de pagar.

MACEDO - Não se inquiete; antes disso teremos recursos. O seu casamento está espalhado e em vésperas de fazer-se; o Pacheco considera-o já como marido de sua filha e não consentirá que o genro sofra uma vergonha.

OLIVEIRA - Seu genro, sim! Mas quererá ele que sua filha case com um homem quase falido?

MACEDO - Que remédio? Antes isso do que fazer a desgraça de Julieta!

OLIVEIRA - Contudo não sei o que me parece isto! Iludir esta menina; enganar esse velho! A nossa honra, Sr. Macedo.

MACEDO A honra do negociante é pagar com pontualidade! Não conheço outra.

OLIVEIRA - Sim; mas essas especulações não são uma espécie de jogo?

MACEDO - E o que é a vida senão um jogo? que fazemos nós neste mundo? Levamos todo o tempo a baralhar as cartas e a jogar com a fortuna; às vezes ganhamos a parada e ficamos ricos; outras perdemos e fazemos bancarrota. O casamento é um jogo em que o homem aposta a sua liberdade contra um dote; o amor é um jogo em que o homem aposta seu tempo contra algumas horas de prazer. Quanto à honra é um verdadeiro *lansquenet*; há parceiros que pagam toda a noite, à espera do chorrilho.

OLIVEIRA - Nem todos consideram assim; e para alguns o que fazemos e...

MACEDO - O quê?

OLIVEIRA - Uma imoralidade.

MACEDO - Imoralidade!...[*immoralidade*] Palavra muito grande que nada exprime. Tire-lhe duas letras e muda-lhe o sentido.

OLIVEIRA - Que tem isso?

MACEDO - Então, pensa que um homem que calcula as mais vastas operações, importa-se com duas letras? Se ao menos fossem duas cifras!...

OLIVEIRA - O senhor não quer tomar ao sério as minhas palavras? Pois confesso-lhe uma coisa. Ontem, quando vi Julieta hesitar em marcar o dia do nosso casamento, conheci que a amava. Pensei que era unicamente esse sonho de ser rico que me atraía; mas não! Gosto dessa menina! E tenho medo de perder a sua afeição, praticando uma ação má.



MACEDO - Tem um bom meio de não praticar ações más.

OLIVEIRA - Qual?

MACEDO - Venda as más e compre boas.

OLIVEIRA - Ah! quer divertir-se?...

MACEDO - Ora, que lhe hei de responder? Há seis meses que nos associamos; durante este tempo, o senhor que apenas tinha de seu uma boa porção de dívidas, gastou como um barão. Para as dançarinas de teatro, e as belezas da noite, realizou o ideal do amor sob a forma de uma pulseira de brilhantes. As moças solteiras o querem para marido, e as casadas para amigo dos maridos. Dá jantares; oferece camarotes da segunda ordem; faz presentes; tem carros; cavalos do Cabo; todos lhe querem vender, e ninguém lhe pede dinheiro. Não está contente; julga que por perdermos cento e tantos contos vamos pela água abaixo? Pois bem; o dito por não dito!

OLIVEIRA - Não, Sr. Macedo; não me arrependo do que fiz. Queira desculpar se o ofendi; mas bem vê que às vezes sem querer se pensa de um modo diferente...

MACEDO - O senhor ainda está muito moço. Quando conhecer o mundo, verá que todos nós não somos senão algarismos, e por conseguinte devemos tratar de ir somando e multiplicando os outros, antes que eles nos façam o mesmo. *(Entra JULIETA apressadamente e senta-se no sofá)* Por exemplo! *(Ri-se. Entra CRISTINA)*

## **CENA VIII**

Os mesmos, JULIETA e CRISTINA

OLIVEIRA - Sr. Macedo...

CRISTINA *(a JULIETA)* - Que tens, Julieta?

JULIETA - Nada! Deixa-me!

OLIVEIRA *(a JULIETA)* - Está incomodada?

JULIETA *(secamente)* - Não, senhor!

OLIVEIRA - Pensei; fugiu do jardim..

JULIETA - Gosto de estar só.

MACEDO (*a CRISTINA*) - É significativo!.. (*Sai*)

OLIVEIRA - Não quero então contrariá-la. (*Sai*)

## **CENA IX**

CRISTINA e JULIETA

CRISTINA - Por que nos deixaste?

JULIETA - Porque... não quis ver...

CRISTINA - Ver o quê?

JULIETA - Não sei.

CRISTINA - Não me queres contar...

JULIETA - E tu me contaste o que te pedi outro dia?

CRISTINA - Mas que interesse tinhas nisso?

JULIETA - O que foi?

CRISTINA - Não me lembro já.

JULIETA - Pois eu sei tudo!

CRISTINA - Ele te contou? (*com vivacidade*)

JULIETA - Eu adivinhei.

CRISTINA - É impossível!

JULIETA - Não procures ocultar, Cristina! Eu tenho olhos... Tu gostas dele..

CRISTINA - Eu! Eu gosto do Sr. Rodrigo!

JULIETA - Sim; e ele gosta de ti.

CRISTINA - Que idéia! Dou-te minha palavra...

JULIETA - Não creio.

CRISTINA - Eu minto, Julieta!

JULIETA - Não dizes o que sentes.

CRISTINA - Mas não sou fingida.

JULIETA - Só te acredito com uma condição.

CRISTINA - Qual?

JULIETA - Conta o que ele te disse naquela noite em minha casa a primeira vez que conversou contigo.

CRISTINA - Não disse nada.

JULIETA - Contas ou não?

CRISTINA - Não posso!...

JULIETA - Adeus!... (*Volta-se e dá com RODRIGO*) Ah!... (*Chega-se de novo a CRISTINA*) Ele te procura.

CRISTINA (*baixo*) - E por que não a ti?

JULIETA - Por quê?... Tu sabes! (*sai rapidamente*)

## **CENA X**

RODRIGO e CRISTINA

RODRIGO - Sabe, D. Cristina, vou deixar de vir a sua casa.

CRISTINA - Que motivo tem para isso?

RODRIGO - Hipólito pensa que eu sou a causa de sua mudança.

CRISTINA - E pensa a verdade.

RODRIGO - Mas ele não pensa a razão, julga que a senhora gosta de mim.

CRISTINA - Ele também?

RODRIGO - Ah! Alguém já lhe disse o mesmo.

CRISTINA - Há um momento.

RODRIGO - Julieta!... Ela estima o irmão, deve dizê-lo.

CRISTINA - É por outra razão ainda.

RODRIGO - Hipólito me acusa. Ele ignora que as nossas conversas são sempre a seu respeito; que falamos dele.

CRISTINA - E deve ignorar; o senhor deu-me a sua palavra!

RODRIGO - Tenho-a cumprido. Mas agora prefiro retirar-me, essas suspeitas injustas me incomodam.

CRISTINA - E fazem sofrer os outros.

RODRIGO - A Hipólito...

CRISTINA - E a ela, também, a Julieta...

RODRIGO - Sim, por causa dele.

CRISTINA - Por causa do senhor.

RODRIGO - Não a compreendo. (*Entram D. OLÍMPIA e D. ANTÔNIA*)

CRISTINA - Tem razão. A nossa amizade não deve perturbar o sossego daqueles que amam. (*Entra JULIETA*)

## **CENA XI**

Os mesmos, D. ANTÔNIA, OLÍMPIA, HIPÓLITO, PACHECO e JULIETA

(*OLÍMPIA entra com D. ANTÔNIA, deixa-as na sala e vai à varanda de jantar. CRISTINA sobe a encontrar-se com D. ANTÔNIA, JULIETA senta-se. HIPÓLITO entra e desce para falar com RODRIGO. PACHECO aparece depois e desce à cena*).

OLÍMPIA (*a D. ANTÔNIA*) - Espere um momento, D. Antônia. (*Entra na sala de jantar*)

CRISTINA (*a D. ANTÔNIA*) - Já quer ir? Tão cedo!

D. ANTÔNIA - Julieta não está bem, e D. Olímpia também parece-me incomodada. (*Entra HIPÓLITO*)

CRISTINA - Mamãe?... Não me disse nada!...

D. ANTÔNIA - Talvez seja fadiga simplesmente.

HIPÓLITO (*a RODRIGO*) - Conta-me a tua nova conquista!

RODRIGO - Deves saber melhor do que eu.

HIPÓLITO - Não queiras fazer-te de inocente! Já me disseram...

RODRIGO - O quê?

HIPÓLITO - D. Olímpia está loucamente apaixonada por ti, no jantar todos notaram o efeito da tua ausência; e agora o Macedo acabou de comentar o negócio. Ela chorou! Parece que temos um amor tragicômico!

RODRIGO - Não zombes nunca da afeição de uma mulher, Hipólito: tudo que vem do coração é sempre bom.

HIPÓLITO - Por exemplo, o amor de uma mulher casada! (*Entra PACHECO*)

RODRIGO - Sim: porque o amor é a razão da mulher.

HIPÓLITO - Não te entendo.

RODRIGO - Algum dia entenderás. (*Passando à direita*) Sr. Pacheco!

PACHECO - Ainda hoje não tivemos tempo de conversar.

RODRIGO - É verdade; mas sempre podemos trocar uma palavra. Ainda deseja a ocasião que lhe prometi?

PACHECO - Decerto; estou à espera.

RODRIGO - Pois não é mais preciso esperar: já achamos.

PACHECO - Muito bem!

RODRIGO - Está aqui mesmo.

PACHECO - Oh! admira-me...

RODRIGO - O Borges acha-se endividado; o seu ordenado está hipotecado em casas de desconto que lhe tomam um juro de 36% ao ano.

PACHECO - Apre! É de esfolar!

RODRIGO - Se o senhor o libertasse desse ônus mediante um prêmio razoável, podia dentro em pouco tempo ser reembolsado do seu dinheiro, recebendo metade do ordenado.

PACHECO - Mas por que endividou-se ele desta maneira?

RODRIGO - Porque o senhor e outros entendem que não devem emprestar o seu dinheiro senão aos ricos que não têm necessidade dele. Borges foi obrigado a dirigir-se a um usurário, descontou o ordenado de um mês; dado o primeiro passo, os outros não custam. Hoje, estou certo que ele deve mais de prêmios do que de principal.

PACHECO - Bem; não vejo no que o senhor me propõe senão uma objeção.

RODRIGO - Qual?

PACHECO - Se o Borges morrer antes de pagar?

RODRIGO - E se o senhor morrer antes de emprestar?

PACHECO - Deixarei a meus filhos.

RODRIGO - Que de bom grado dariam essa parcela de sua fortuna para honrar o nome de seu pai com uma bela ação.

PACHECO - Tem razão, Sr. Rodrigo.

RODRIGO - Em todo o caso, Sr. Pacheco, eu garanto a dívida.

PACHECO - Não é preciso; conte comigo. (*Entram BORGES e MACEDO*)

RODRIGO - Lembre-se, porém, que um amigo não empresta dinheiro unicamente; dá a sua experiência e os seus conselhos. (*Entram OLIVEIRA e GUIMARÃES*)

PACHECO - Percebo.

## CENA XII

Os mesmos, MACEDO, OLIVEIRA, BORGES, GUIMARÃES

(*D. OLÍMPIA volta-se e senta-se no sofá; BORGES e MACEDO vão-se aproximando; OLIVEIRA e GUIMARÃES vêm sentar-se; OLIVEIRA conversa com JULIETA*)

D. ANTÔNIA - Vamos, Pacheco.

PACHECO - Quando quiseres.

OLÍMPIA - Ora, Sr. Pacheco, há pouco na mesa estavam todos curiosos por saber o motivo deste jantar.

PACHECO - É verdade.

GUIMARÃES - Eu ainda sustento que é um aniversário.

HIPÓLITO - Eu creio que foi uma demonstração especial dada a alguém. Que diz, Sr. Macedo?

MACEDO - Para mim, foi um projeto.

GUIMARÃES - Como?

MACEDO - Quero dizer uma ocasião.

D. ANTÔNIA - Tem razão, Sr. Macedo; não é preciso um motivo para dar um jantar; D. Olímpia quis reunir os seus amigos...

OLÍMPIA - Mas houve realmente um motivo, D. Antônia; não foi, é verdade, nem um dos que esses senhores pensam.

GUIMARÃES - Qual foi então?

OLÍMPIA - Uma despedida.

D. ANTÔNIA - Que quer dizer?

OLÍMPIA - Vou deixar S. Clemente; volto para S. Domingos, e depois creio que tomarei uma casa no Engenho Velho!

BORGES - Não me tinhas dito nada!

CRISTINA - Nem a mim!

OLÍMPIA - É que não te lembras.

OLIVEIRA - Ao menos há de assistir ao meu casamento! Julieta lho pede!

D. ANTÔNIA - Mas por que nos deixa assim?

OLÍMPIA - Sinto-me doente; quero viver tranqüila.

D. ANTÔNIA - Que mais tranqüilidade do que se tem aqui... longe da cidade?

OLÍMPIA - Há ainda outra razão.

HIPÓLITO - Qual?

RODRIGO (*baixo a OLÍMPIA*) - Quer afastar-me de Cristina?

OLÍMPIA (*baixo a RODRIGO*) - Quando assim fosse não me perdoava? Mas enganou-se! Custa a dizer...

MACEDO - Essa outra razão, D. Olímpia?

OLÍMPIA - Ah! O senhor deseja saber?

MACEDO - Se não é indiscrição.

OLÍMPIA - Não. O bairro de S. Clemente é muito aristocrático, e não serve para mim que sou pobre; quem mora aqui precisa gastar muito!

MACEDO (*admirado*) - Assim é por economia que se muda?

OLÍMPIA - Sim, senhor; meu marido é apenas um empregado.

D. ANTÔNIA - Mas, D. Olímpia, cada um vive como pode.



PACHECO - E demais a carestia é geral, não se pode viver hoje no Rio de Janeiro: tudo está por um preço...

GUIMARÃES - Também por isso faz-se fortuna com uma rapidez espantosa.

OLIVEIRA - Quando se tem habilidade e não se quer vegetar num emprego mesquinho!

GUIMARÃES - Justamente. Conheço moços que há pouco tempo eram mais pobres do que eu; e que hoje estão ricos e numa bela posição.

RODRIGO (*erguendo-se*) - E o senhor não sabe como se faz a maior parte dessas fortunas?

GUIMARÃES - Negociando.

RODRIGO - Não; é doutra maneira. Muitos dos nossos moços são atacados aos vinte e cinco anos pela febre do dinheiro, que se tem tornado endêmica no Rio de Janeiro. Alguns escapam da moléstia; outros, porém, querem ser ricos à força, e sem trabalho. Enquanto ela não chega o aspirante a moço rico vai à casa do seu alfaiate e veste-se à última moda. O alfaiate é o ente mais perigoso da sociedade.

HIPÓLITO - Não sabia. Por quê?

RODRIGO - Porque com a sua tesoura e um pedaço de pano, nivela todos os indivíduos, e faz que o homem de bem se confunda com o especulador. Vestido no grande tom, o moço rico (de esperanças) toma um par de luvas, alguns charutos de Havana, uma bengalinha e vai ao cabeleireiro. Tudo isto custa dinheiro, mas quem é que desconfia de um moço elegantemente vestido que diz com um certo ar de milionário: - "Assente na minha conta"? - Penteadado, frisado, passa na cocheira, aluga um carro, e vai jantar no hotel. Em que hotel janta, Sr. Guimarães?

GUIMARÃES - É a mim que pergunta?

RODRIGO (*sorrindo*) - Naturalmente para saber o hotel mais freqüentado. Porém, não importa. Qualquer serve... Os pobres como eu, vendo-o entrar, perguntam - "Quem é"? - "Um moço rico!" responde o criado pensando na gorjeta. Daí a pouco o sujeito levanta-se, acende o charuto e deixa cair dos lábios a palavra mágica: "Assente na conta..."

PACHECO - E o dono do hotel o que faz?

RODRIGO - O dono do hotel fica satisfeitíssimo, porque adquire um freguês constante; os outros aspirantes à riqueza que se acham ali, na esperança de um dia jantarem à custa do homem, fazem dele os maiores elogios. Não os tens ouvido algumas vezes, Hipólito?

HIPÓLITO - E tenho-os pago também!

RODRIGO - Isto dura um certo tempo. Por fim um pai de família que deseja casar a filha, ouve falar do moço rico, recebe-o em casa apresentado por um amigo. As moças que se parecem com as mariposas iludem-se com o brilho; faz-se o casamento no meio de satisfação geral; e o que era uma mentira, torna-se uma realidade. O sujeito está rico, o pai feliz, a família contente. Apenas às vezes sucede um pequeno incidente em que ninguém repara.

CRISTINA - Qual?

RODRIGO (*sorrindo*) - A mariposa queima as asas!

JULIETA - Ah!

RODRIGO - Eis como se faz fortuna rapidamente, Sr. Guimarães, sem trabalho, nem privações; alguns não passam dessa riqueza de contas e acabam por viver à custa dos amigos. Aqueles, porém, que têm habilidade e não querem vegetar no trabalho, conseguem o seu fim, não é verdade, Sr. Macedo? Não conhece alguns moços que enriqueceram desta maneira e devem sua fortuna à tesoura de seu alfaiate?... (*Vai tomar o chapéu*)

MACEDO - Nunca indago de ninguém a razão por que tem fortuna, Sr. Rodrigo; a riqueza é uma coisa que se prova por si mesma

RODRIGO - E às vezes pelo dinheiro dos outros. (*Cumprimenta*) Meus senhores... (*Aperta a mão a D. OLÍMPIA*)

OLÍMPIA - Vá nos ver algumas vezes em S. Domingos, sim?

RODRIGO - Eu lhe prometo.

OLÍMPIA - Obrigada. (*RODRIGO sai*)

PACHECO -- Sr. Borges.

BORGES - Que deseja?

PACHECO - Se não lhe é incômodo, vamos passeando até a casa; temos que lhe falar.

BORGES - Com muito gosto; deixe-me tomar o chapéu. (*Os homens vão descendo a cena e grupam-se no fundo; CRISTINA e JULIETA chegam-se uma para a outra; D. ANTÔNIA aproxima-se de OLÍMPIA*)

D. ANTÔNIA - É sério? Sempre nos deixa?....

OLÍMPIA - Pois duvidava?

D. ANTÔNIA - Julguei que estava brincando. Não vá sem dizer-me adeus.

OLÍMPIA - Não sei se terei tempo. Desejo ir amanhã.

D. ANTÔNIA - Amanhã? Que pressa é essa? Uma mudança repentina!...

OLÍMPIA - A casa em S. Domingos está preparada; não me causa o menor desarranjo.

D. ANTÔNIA - Demore-se alguns dias.

OLÍMPIA - Não posso.

D. ANTÔNIA - Ao menos quando passar lembre-se de se despedir de mim.

OLÍMPIA - Sim; entrarei um momento... (*Vão saindo*)

JULIETA (*de repente*) - Tu vais me deixar, Cristina?

CRISTINA - Que remédio?

JULIETA - Oh! Tu não sentes!

CRISTINA - E tu?

D. ANTÔNIA (*na porta*) - Vem, Julieta!

JULIETA - Sim, mãe! (*A CRISTINA*) Adeus!

CRISTINA - Adeus!

JULIETA (*sai e volta*) - Não; não posso... Apesar de tudo! Não é tua culpa!... Deixa-me abraçar-te! (*Abraçam-se*)

CRISTINA - Julieta! Se eu pudesse dizer-te!

JULIETA - Não quero! (*HIPÓLITO tem-se chegado*)

HIPÓLITO - As amigas costumam a separar-se!

CRISTINA - As amigas só?... (*Afasta-se*)

HIPÓLITO (*dá dois passos para ela, depois volta a JULIETA*) Aperta-lhe a mão por mim! (*Afasta-se*)

D. ANTÔNIA - Vamos, minha filha!

JULIETA - Adeus! (*CRISTINA corre a ela; tomando-lhe o rosto nas mãos, JULIETA beija-a na frente*) Por mim! (*Beija-a outra vez*) Por... ele!...

CRISTINA - Ah!... (*Beija-a na face*)

(*JULIETA sai correndo. CRISTINA a acompanha. OLÍMPIA cumprimenta na porta e desce. Vê-se na porta as pessoas que se despedem. BORGES vem do interior de chapéu na cabeça e sai fazendo um gesto a OLÍMPIA.*)

BORGES - Até já.

### **CENA XIII**

OLÍMPIA e CRISTINA

(*OLÍMPIA senta-se no sofá. CRISTINA entra do jardim, chega à janela, faz um gesto de adeus a JULIETA, e chega-se à mãe.*)

CRISTINA - Sente alguma coisa, mamãe?

OLÍMPIA (*sobressaltada*) - Não é nada, não te inquietes. Isto passa.

CRISTINA - Vá se deitar.

OLÍMPIA Sim; já vou.

CRISTINA - Boa noite! (*Beija-lhe a mão*)

OLÍMPIA - Escuta! Tu me queres bem, Cristina?

CRISTINA - Que pergunta, mamãe!

OLÍMPIA - Tu te admiras. *(Com fogo)* É preciso que tu ames muito a tua mãe, para que ela tenha a coragem de fazer o sacrifício...

CRISTINA - Que sacrifício?

OLÍMPIA - Eu disse sacrifício... sim... sim... Vamos deixar de ir a divertimentos porque somos pobres. E tu hás de sentir... Vais te separar de tua amiga, de Julieta...

CRISTINA - Eu sinto, porém mamãe quer...

OLÍMPIA Ele quer! *(Com expressão)*

CRISTINA - Ele quem?

OLÍMPIA *(confusa)* - Ele... ele... O dever, minha filha!... Boa noite! *(Beija-a)*

CRISTINA - Se tiver alguma coisa me mande chamar, sim?

OLÍMPIA - Vai descansada. Sinto-me melhor! Até amanhã.

*(CRISTINA sai. OLÍMPIA segue-a com os olhos e ergue as mãos como fazendo uma prece).*

## **ATO QUINTO**

Sala de visitas na casa de PACHECO em S. Clemente. É meio-dia.

### **CENA PRIMEIRA**

HIPÓLITO e JULIETA

*(O pardinho abre a porta da entrada à direita; HIPÓLITO aparece).*

HIPÓLITO - Toma; dá este dinheiro ao cocheiro e traz os livros que estão no tálburi. *(O pardinho sai)*

JULIETA *(entrando)* - Chegaste da cidade?

HIPÓLITO - Agora mesmo.

JULIETA - Tiveste notícias de S. Domingos?

HIPÓLITO - Não; não encontrei o Borges.

JULIETA - Ele veio cá ontem falar com meu pai. Eu escrevi a Cristina.

HIPÓLITO - E ela te respondeu?

JULIETA - Ainda não. Pedi-lhe que viesse passar um dia comigo: há mais de dois meses que não nos vemos. (*Senta-se*)

HIPÓLITO - Depois de nos vermos todos os dias... (*O pardinho entra com um maço de livros*) Deita lá no quarto.

JULIETA - Quanto livro!

HIPÓLITO - Não é nem metade dos que comprei.

JULIETA - E pretendes lê-los todos?

HIPÓLITO (*com gravidade*) - Quero estudar, Julieta. (*Senta-se*)

JULIETA (*sorrindo*) - Agora, depois de formado.

HIPÓLITO - Sim; não sei nada de medicina, perdi o meu tempo, mas hei de aproveitá-lo melhor. Rodrigo tem razão; o homem que não se distingue senão pelo dinheiro é um animal bem ridículo. Vou trabalhar para que um dia se esqueçam que o pai é rico e se lembrem que o filho é um médico.

JULIETA - Fazes muito bem, Hipólito!

HIPÓLITO - Então talvez consiga criar um nome para oferecer a Cristina. Se ela aceitar, serei feliz; senão, fico celibatário, vou morar contigo, e passarei a minha vida a estudar e a ensinar teus filhos que me chamarão titio e me pedirão de vez em quando dinheiro para comprar balas!

JULIETA - Tens visto o Rodrigo?

HIPÓLITO - Ainda ontem.

JULIETA - Ele não é teu amigo.

HIPÓLITO - Por quê?

JULIETA - Nunca vem te ver!

HIPÓLITO - É verdade! Não sabes o motivo?

JULIETA - Não; tu sabes?

HIPÓLITO - Desconfio...

JULIETA - Qual é?

HIPÓLITO - Ele tem medo de ti.

JULIETA - De mim! (*Ergue-se*)

HIPÓLITO (*sorrindo*) - Tem medo de apaixonar-se por ti.

JULIETA (*confusa*) - Que lembrança!

HIPÓLITO - O caso é que ele nos estima a todos, e especialmente a ti; interessa-se pela tua felicidade, e entretanto foge de nossa casa.

JULIETA - Interessa-se pela minha felicidade!

HIPÓLITO - Sim; ainda ontem perguntou-me se já tinhas casado, se estavas satisfeita. .

JULIETA - E tu que lhe respondeste?...

HIPÓLITO - Que o teu casamento é pior do que um projeto de reforma; que antes de entrar em discussão é adiado. Nem sei mesmo quando se deve fazer. Já decidiram?

JULIETA (*triste*) - Este sábado...

HIPÓLITO - Daqui a quatro dias?

JULIETA - Sim; mas creio que ainda não será.

HIPÓLITO - Por quê? O Oliveira terá alguma nova razão para demorar?

JULIETA - Não sei! O coração me diz... Mas tu pensas então que Rodrigo não vem à nossa casa...?

HIPÓLITO - Porque te respeita; sabe que tu estás para casar, e não quer ofender-te mostrando gostar de ti... Não te lembras que a última vez que aqui esteve foi quando o Oliveira fixou o dia?

JULIETA - Porém é impossível o que tu dizes! Já te esqueceste que Cristina o ama, e ele...

HIPÓLITO - Não repitas isto, Julieta, eu te peço! Fazes que duvide de um amigo! E é triste! (*Ergue-se*)

JULIETA - Desculpa! Não és tu só que sofres!

HIPÓLITO - Bem sei! Mas cada vez que falas nisto, sem querer, me causas um desgosto... Não está em mim! (*Vai sair*)

JULIETA - Vem cá, ouve!

(*HIPÓLITO sai; JULIETA vai até a porta do fundo seguindo-o, volta e sai à esquerda*).

## **CENA II**

PACHECO e RODRIGO

(*A cena fica um momento deserta; ouve-se bater palmas. O pardinho abre a porta*).

RODRIGO - O senhor Pacheco. (*O pardinho sai à primeira porta à esquerda; RODRIGO deita o chapéu numa cadeira e senta-se*)

PACHECO (*aparecendo*) - Estimo muito a sua visita. Andava mesmo com desejo de falar-lhe; mas o senhor já não aparece...

RODRIGO - Encontramo-nos quase sempre na Praça.

PACHECO - De passagem... E há dias nem isto; porque não fui à cidade; ando adoentado.

RODRIGO - Assim me disseram no seu escritório onde o procurei esta manhã; não o encontrando resolvi-me chegar até aqui.

PACHECO - Vejamos; de que se trata?



RODRIGO - Ontem venceu-se o primeiro pagamento do Borges; e há de estar lembrado que eu garanti a dívida.

PACHECO - Mas eu não aceitei a sua palavra, meu amigo; não era necessária.

RODRIGO - Contudo não quero que sofra um prejuízo por minha causa. Se o Borges não cumpriu a sua promessa, eu cumprirei o meu dever.

PACHECO - Fique descansado por esse lado. Ontem mesmo o Borges levou ao escritório metade do seu ordenado; por sinal que o Guimarães, o seu recomendado, que não sabia desse negócio particular, veio ter comigo para lhe explicar como devia fazer entrada desse dinheiro em caixa.

RODRIGO - Estimo muito; por ele, pelo senhor e por mim. Estou tranqüilo a respeito do passo que lhe fiz dar.

PACHECO - E do qual não me arrependo. O Borges achava-se realmente numa posição tristíssima. Dívidas de duzentos mil-réis já estavam em um conto e mais por causa dos juros capitalizados.

RODRIGO - Agora, graças ao benefício que lhe fez, poderá pagá-las dentro de pouco tempo. Quanto ao Guimarães, como vai ele?

PACHECO - Bem; tem habilidade e gosta do trabalho. Às vezes ainda se lembra da vida antiga; mas passa-lhe logo.

RODRIGO - É natural; não se perdem de repente hábitos adquiridos durante alguns anos. Esse moço tinha uma vida inteiramente ociosa; vivia pelos hotéis e pelas lojas a palestrar e a endividar-se; já é uma grande vitória tê-lo acostumado ao trabalho.

PACHECO - Decerto; e creio que há de vir a ser um homem de bem.

RODRIGO - E um homem útil ao seu país. Mas o senhor também deseja falar-me?...

PACHECO - É verdade. Queria consultá-lo sobre uma negociação. O senhor neste objeto de crédito é entendido.

RODRIGO - Ah! É uma negociação de crédito?

PACHECO - Admira-se?

RODRIGO - Não; um homem como o senhor não podia deixar mais cedo ou mais tarde de reconhecer as vantagens dessa instituição.

PACHECO - Com efeito reconheço, e a prova é que vou pô-la em prática. Venha: quero explicar-lhe o meu plano. Entre. (*Dirige-se à porta do gabinete*)

(*PACHECO entra no gabinete; RODRIGO vai acompanhá-lo, quando JULIETA aparece no fundo; cumprimentam-se; RODRIGO entra*)

### CENA III

JULIETA e D. ANTÔNIA

D. ANTÔNIA (*entrando*) - Um bilhete de Cristina. JULIETA (*erguendo-se*) - Quem trouxe?

D. ANTÔNIA - O preto que veio da cidade; deixaram no escritório.

JULIETA (*acabando de ler*) - Ah! Ela vem hoje passar o dia conosco.

D. ANTÔNIA - Que milagre!

JULIETA - É meio-dia; não pode tardar.

D. ANTÔNIA - Quem sabe se virão?

JULIETA - Ela diz que vem na barca das dez horas e meia. Veja! (*Dá a carta a D. ANTÔNIA*) Depois que foram para S. Domingos, não têm saído; estão sempre em casa...

D. ANTÔNIA - Quem diria! D. Olímpia que antes não perdia bailes, nem teatros; que só queria divertir-se; morar agora fora da corte! Não posso compreender!

JULIETA - Esta vida também aborrece, minha mãe; mais vale viver tranqüila no seu canto.

D. ANTÔNIA - Eu não a censuro; ao contrário, acho que fez muito bem. Devia gastar muito para sustentar aquele luxo. (*Ouve-se rumor de um carro*)

JULIETA (*correndo à janela*) - Um carro!... Não! É um ônibus. (*Olha um momento*) Serão elas?

D. ANTÔNIA - Não é possível! D. Olímpia que zombava de quem andava de ônibus!

JULIETA (correndo à porta) - São elas mesmas! (*JULIETA abre a porta; entram CRISTINA e OLÍMPIA. As duas meninas abraçam-se; as duas senhoras apertam as mãos. BORGES entra com uma pequena caixa*).

#### **CENA IV**

As mesmas, CRISTINA, OLÍMPIA e BORGES

JULIETA (*abraçando CRISTINA*) - Cuidei que não me querias mais ver.

OLÍMPIA - Ainda não se esqueceram de mim?

BORGES - D. Antônia, como está?

D. ANTÔNIA - Boa, obrigada. (*A OLÍMPIA*) Bem vontade tive de ir vê-la; mas Pacheco tem andado doente; e depois é tão longe...

OLÍMPIA - Não era preciso tomar este incômodo, D. Antônia. Não é isto que prova a amizade; já lhe devemos tanto...

D. ANTÔNIA - A mim nada. Mas diga-me uma coisa: como é que se muda assim de repente? Ninguém dirá que a senhora é a D. Olímpia de outrora!

OLÍMPIA - Que quer, D. Antônia? É sempre tempo de corrigir uma falta. Eu não sabia que era pobre!

D. ANTÔNIA - Ah! Desculpe! Não julgava que era esse o motivo; senão... não era capaz...

OLÍMPIA - Não lhe confessei quando fui para S. Domingos?

D. ANTÔNIA - Julguei que era um pretexto...

BORGES - Mas seu marido não lhe disse ainda...

D. ANTÔNIA - Não me disse nada.

OLÍMPIA - O Sr. Pacheco foi delicado.

D. ANTÔNIA - Mas em quê?

OLÍMPIA - Eu lhe contarei tudo.

D. ANTÔNIA - Venham cá para dentro.

JULIETA - Nós já vamos, minha mãe.

D. ANTÔNIA (*a BORGES*) - Pacheco está aí no gabinete (*aponta para a primeira porta à esquerda*) Se quer vá ter com ele, Sr. Borges. (*Sai com OLÍMPIA*)

BORGES - Sim, minha senhora. (*A CRISTINA*) Cristina, a caixa está aqui sobre esta cadeira.

CRISTINA - Já vi, papai. (*BORGES entra no gabinete*)

## CENA V

JULIETA e CRISTINA

JULIETA - O que é que trazes aí?

CRISTINA - A minha costura e a de mamãe.

JULIETA - Pois, até num dia que vens passar comigo queres trabalhar? Tu que não coses nunca?

CRISTINA - Quando estava aqui em S. Clemente; mas agora em S. Domingos é o nosso entretenimento. Que pensas? Não pagamos mais modistas, nós mesmas, eu e mamãe, é que cortamos e fazemos os nossos vestidos. E ainda me resta tempo para...

JULIETA - Para quê? Para te divertires?

CRISTINA - Para trabalhar!

JULIETA - Que dizes, Cristina?

CRISTINA - Não tenho vergonha de te confessar. Meu pai tinha-se endividado por nossa causa; minha mãe me disse que era preciso que nós o ajudássemos a pagar aquilo que tinha gasto conosco. Desde então não perdemos mais o nosso tempo. Mamãe sobretudo... Não reparaste como está simples? Seu vestido de casa...

JULIETA - Não; bem sabes que eu não reparo nestas coisas.

CRISTINA - Porque és boa, Julieta; e não gostas de humilhar a pobreza de ninguém.

JULIETA - Se dizes isto por minha mãe...

CRISTINA - Não; tua mãe ignorava. Era apenas admiração. Mas as outras que nos conheceram quando iam a nossa casa... Ora! Não importa. Tu és a mesma, não é assim?

JULIETA (*com expressão*) - Sempre a mesma!

CRISTINA (*vai a JULIETA que fica pensativa*) - Com que ar dizes isto! Ainda estás mal comigo?

JULIETA - Por quê? Nunca estive mal contigo.

CRISTINA - Nem quando te ocultei o que o Rodrigo me disse?

JULIETA - Tinhas razão para isso.

CRISTINA - E muita; mas depois arrependi-me!

JULIETA - Depois que me deixaste?

CRISTINA - Sim; porque lembrei-me que tu ficavas sofrendo por minha causa.

JULIETA - Sofrendo!... Não.

CRISTINA - Sofrendo, sim, Julieta; porque tu gostas dele. Eu percebi no primeiro dia.

JULIETA - Cristina! Eu te peço!...

CRISTINA - Queres esconder-me ainda? Então não és minha amiga?

JULIETA - Não sou tua amiga!... Eu que não desejo nem mesmo que tu penses que posso ser tua rival!...

CRISTINA - Ah! Ainda estás com esta idéia?... Não me conheces, Julieta!... Meu coração não muda.

JULIETA - Como queres que te acredite? Por que ia ele todos os dias à tua casa; por que passava as noites a conversar contigo? Faz-se isto pelos indiferentes?

CRISTINA - Faz-se por aqueles que nos compreendem, e que nos falam dos objetos que estimamos. É tão doce uma confiança!...

JULIETA - Ah! Conversavas com ele a respeito...

CRISTINA - Tu me prometes não contar a ninguém?

JULIETA - Prometo!

CRISTINA - Pois eu te juro, Julieta! Nessas conversas não falávamos senão de ti...

JULIETA - De mim?

CRISTINA (*levando o dedo à boca*) - Psiu!... Quando ele falava era só de ti! Quando chegava a minha vez... Sabes de quem era. (*RODRIGO aparece na porta do gabinete e pára*)

JULIETA (*sem vê-lo*) - Tu não me enganas, Cristina?

CRISTINA (*abraçando-a*) - Não, Julieta; não. O Rodrigo te ama.

JULIETA (*vendo RODRIGO*) - Ah!

## CENA VI

As mesmas e RODRIGO

CRISTINA (*admirada*) - Estava aqui?... (*Erguendo-se*) Pois bem, responde: não é verdade?

RODRIGO - Não sei; mas fez mal em dizê-lo.

JULIETA (*timidamente*) - Por quê?

CRISTINA - É orgulho; há homens que querem ser superiores às paixões.

RODRIGO - Para dominá-las e não ofender as pessoas que respeitamos. Tinha eu direito de perturbar o sossego de uma moça que fez uma escolha; e que espera a felicidade da união que seus pais desejam e que ela aceitou?

JULIETA (*a CRISTINA*) - Como ele se engana! Cuida que eu espero a felicidade desse casamento!

RODRIGO - Consente nele livre e espontaneamente.

CRISTINA - Que importa?... Nós somos fracas.

RODRIGO - A mulher só é fraca quando não tem um sentimento bastante forte que a proteja.

JULIETA - Ou quando a dúvida lhe faz perder a coragem. (*A CRISTINA*) Tu não sabes por que não tenho forças para desfazer este casamento, Cristina?... tu não sabes?... É porque me disseram um dia que nós devemos guardar com o nosso primeiro amor, a virgindade de nossa alma! E eu, que supus ser amor esse primeiro desejo de menina de preocupar o pensamento de um homem, quando o senti no coração, quando amei, conheci que tinha sacrificado a minha felicidade. Não podia dar a minha primeira afeição; a outra ele não aceitaria, embora essa fosse a verdadeira, embora essa fosse, eu te juro, Cristina, o meu único, o meu primeiro amor! (*Esconde o rosto no seio de CRISTINA*)

RODRIGO - Desculpe-me, D. Julieta. Eu não podia saber o que se passava em sua alma, e repito, não tinha o direito de interrogá-la. Se adivinhasse a luta silenciosa de uma dúvida que eu próprio havia lançado em seu espírito, não deixaria que o acaso e uma indiscrição de Cristina revelassem o que eu ocultava de mim mesmo; porém não acreditava, e temia roubar-lhe uma felicidade que talvez não pudesse dar-lhe.

CRISTINA - E agora?

RODRIGO (*tomando a mão de JULIETA*) - Acredito!

CRISTINA - Esperem! Esperem! (*Corre ao piano*)

JULIETA - Que vais fazer?

CRISTINA - Tocar o dueto de Julieta e Romeu.

JULIETA - Travessa! Sempre brincando!

RODRIGO - E sempre boa! (*CRISTINA toca. Entra OLÍMPIA*)

## **CENA VII**

Os mesmos e OLÍMPIA

OLÍMPIA (*a RODRIGO*) - Não sabia que estava aqui!

RODRIGO (*apertando-lhe a mão*) - Quando veio de S. Domingos?

OLÍMPIA - Cheguei há pouco. Cristina estava com saudades de Julieta, e tanto me pediu que me obrigou a sair do meu retiro.

CRISTINA (*ao piano*) - E ele deve agradecer-lhe, mamãe.

OLÍMPIA - Por quê?

CRISTINA - Pergunte a Julieta.

JULIETA - Cristina!... (*Chega-se para o piano*)

CRISTINA - O caso é, mamãe, que depois que cheguei já fiz duas pessoas felizes.

JULIETA - Pois eu hei de vingar-me do mesmo modo. (*OLÍMPIA tira a costura da caixa e senta-se no sofá*)

CRISTINA (*séria*) - Lembra-te do que me prometeste.

RODRIGO - E lembre-se também que eu estou desobrigado de minha palavra.

CRISTINA - É verdade! Eu fui a culpada: mas seja meu amigo, e não use de represália.

RODRIGO - Não; um sacrifício de dois meses para um coração do dezessete anos, é bastante!

JULIETA - Um sacrifício?...

RODRIGO - Ela me entende. (*Vai sentar-se junto de OLÍMPIA. CRISTINA e JULIETA conversam no piano; às vezes folheando as músicas; outras, roçando os dedos pelo teclado, ligeiramente, de modo que não abafa o diálogo*)

OLÍMPIA (*com vivacidade*) - Não é Cristina que o senhor ama?

RODRIGO - Não, D. Olímpia.

OLÍMPIA - Mas não me disse?...



RODRIGO - Perdoe-me; fui talvez mais severo do que devia. A sua desconfiança inspirou-me essa idéia. Quis fazer-lhe sentir pelo coração que uma esposa não deve esquecer os seus deveres, porque seu amante pode um dia vingar seu marido. Quis mostrar-lhe que tormento é o da mãe que vê em sua filha uma rival feliz; e uma rival que ela não pode odiar. Confesso que fui severo demais.

OLÍMPIA - Não faz idéia do que sofri! Às vezes era preciso um esforço para não lançar-me aos pés de minha filha e pedir-lhe perdão de joelhos!...

RODRIGO - Com efeito, era tempo de acabar com esse martírio.

OLÍMPIA - Para começar novo.

RODRIGO - Por quê?

OLÍMPIA - Não ama a outra... a Julieta?

RODRIGO - É verdade, amo-a desde o primeiro dia que a vi. Achei nela o que eu procurava neste mundo; uma alma pura onde eu pudesse repousar a inteligência nos momentos de desânimo, um coração onde visse refletirem-se sorrindo os meus pensamentos. Calei este amor por muito tempo; falou hoje pela primeira vez.

OLÍMPIA (*com uma tristeza profunda*) - E é feliz?

RODRIGO - Sou; confesso.

OLÍMPIA - É o que eu desejo.

RODRIGO - Sou feliz, e quero que aqueles que estimo também o sejam.

OLÍMPIA - E é possível?

RODRIGO - A felicidade não é prazer; é a tranqüilidade da consciência, e as afeições calmas e doces que sentimos em torno de nós. Há de ser feliz, D. Olímpia.

OLÍMPIA - Da felicidade dos outros.

RODRIGO - E que mais bela felicidade? Sentir o orgulho de ter feito a ventura de sua filha, de ter salvado a honra de seu marido, de merecer a estima de seus amigos. Diga-me: essa lembrança não a consola?

OLÍMPIA - Às vezes; mas não é o que me deu forças para transformar a minha vida da maneira por que o fiz. Não sabe em que ocupo os meus dias?

RODRIGO - Não tenho visto quando a vou visitar em S. Domingos? Não vejo agora mesmo em que parece não querer desperdiçar nem um momento que conversa com um amigo?

OLÍMPIA (*largando a costura*) - Não repare; é o hábito. Há dias pensei que enquanto meu marido trabalhava para pagar as suas dívidas, eu não devia ficar ociosa. É tão fácil achar costuras!... E não julgo que seja feio uma senhora trabalhar para ganhar a decência de sua família. Que diz?... (*PACHECO e BORGES aparecem na porta do gabinete conversando baixo*)

RODRIGO - Fez muito bem; eu não me animava a pedir-lhe tanto porque conheço o prejuízo da nossa sociedade, mas já que teve a coragem de arrostá-lo, continue! Seus amigos a aprovarão; eu admiro-a. (*Entra D. ANTÔNIA*)

OLÍMPIA - Por uma coisa tão insignificante?

## **CENA VIII**

Os mesmos, PACHECO, BORGES e D. ANTÔNIA

RODRIGO - Não é tão insignificante como pensa! (*Erguendo-se*) Que diz, Sr. Pacheco?

PACHECO - A que respeito?

RODRIGO - O senhor não admira uma senhora que estando habituada a viver na melhor sociedade, que tendo seu marido empregado público, não se envergonha de trabalhar para sustentar sua família, e pagar as dívidas que pesam sobre o nome que ela aceitou?

PACHECO - Decerto! E essa senhora merece para mim tanto respeito e tanta consideração como as primeiras da sociedade.

RODRIGO - Ela tem a única nobreza que eu reconheço: a nobreza da virtude e do trabalho.

D. ANTÔNIA - Entretanto, há muita gente que não pensa assim, e julga que uma senhora que trabalha desmerece...

RODRIGO - É verdade. No Brasil há esse prejuízo e por isso a primeira impressão que sofre o estrangeiro observando os nossos costumes, é essa ociosidade completa em que vive a mulher. Nem uma sociedade da Europa apresenta este fenômeno porque ali a civilização já fez compreender que a mulher não é nem uma senhora, nem uma escrava, nem um traste; que o seu mais belo título é o de companheira do homem; companheira no trabalho, na honra, no amor, na vida enfim. No Brasil, ao contrário...

PACHECO - Sim; cá em nossa terra a mulher tem o privilégio da preguiça; mas isto não se entende com a Sra. D. Antônia.

RODRIGO - No Brasil há um princípio falso, todos querem parecer iguais na fortuna, o que é absurdo. A mulher de um empregado público, que apenas ganha cem mil-réis de ordenado, a filha de um homem, que nada possui, vive da mesma maneira, tem os mesmos hábitos que a senhora de alta classe; porque passa os dias na janela, ou a ler romances; vai ao baile que frequenta a marquesa e a mulher do ministro; quer camarote no teatro lírico e vestido de alto preço. É nessa confusão que está o mal. Quem é rico, divirta-se, quem é pobre, trabalhe. Que quer dizer quando se entra em uma das nossas casas, mesmo de mesquinha aparência, ver-se três ou quatro moças que não fazem senão pentear-se, vestir-se, cantar modinhas, e falar em casamento; e isto quando o pai se mata para ganhar um mesquinho ordenado?

JULIETA - Estamos livres que digam isto de nós, Cristina.

RODRIGO Sim, porque a senhora que é rica e não precisa, D. Julieta, dá o exemplo, trabalhando para os pobres; e Cristina compreende que uma filha deve a seu pai a vida que recebeu dele, que suas mãos depois de terem trabalhado não são nem menos belas, nem menos delicadas!

OLÍMPIA - Obrigada, meu amigo. Se ainda me restasse alguma dúvida, as suas palavras me dariam o orgulho de uma lembrança tão simples.

BORGES - És tu, Olímpia!... de quem ele falava?... E não me disseste nada!

RODRIGO - O marido é sempre o último a quem se dizem estas coisas. (*Vai sentar-se no sofá*)

(*Entra GUIMARÃES apressadamente, com uma pena atrás da orelha, vestido como um guarda-livros nas horas de trabalho*).

## CENA IX

Os mesmos e GUIMARÃES

(GUIMARÃES faz um cumprimento geral)

PACHECO - O que é isto? Temos alguma novidade, Sr. Guimarães?

GUIMARÃES - E muito grande. Vim a toda pressa participar a V.S.a, tal qual estava no escritório, por isso desculpe...

PACHECO (*caminhando para o sofá à direita*) - Vê-se logo que o senhor nem tempo teve de fechar a carteira; ainda está com a pena na orelha.

GUIMARÃES - É verdade! (*Confuso tira a pena e guarda no bolso*)

PACHECO - Mas vamos! O que houve?

GUIMARÃES - Agora mesmo apareceu-me lá um cobrador de uma casa inglesa, do Plowes & C., que desejava falar com V.S.a.

PACHECO - Sobre quê?

GUIMARÃES - O gerente da casa, sabendo que o Sr. Oliveira deve brevemente pertencer à família de V.S.a, por consideração mandou apresentar duas letras vencidas, no valor de trinta contos, que vai mandar protestar.

PACHECO - Duas letras vencidas? Do Oliveira?

GUIMARÃES - Sim, senhor. Parece que ele se acha em más circunstâncias: talvez hoje mesmo se declare a quebra!

PACHECO - Não é possível!

GUIMARÃES - Em todo caso vim avisar a V.S.a, porque deve se lembrar que endossou (*tirando a carteira do bolso*) em 10 de outubro sete letras de dez contos cada uma; e sem dúvida teremos de pagá-las.

PACHECO Mas ele tem fortuna! O Macedo afirmou... GUIMARÃES - Nunca a teve; tinha crédito, mas não soube aproveitá-lo.

PACHECO - É preciso que eu saiba como é isto! Terá me iludido?... Vou já à cidade! Mas espere... Quero escrever ao Oliveira para que vá ter comigo ao escritório. (*Entra no gabinete*)

## CENA X

D. ANTÔNIA, OLÍMPIA, RODRIGO, GUIMARÃES, JULIETA e CRISTINA

JULIETA - Então, minha mãe! Os meus pressentimentos!

D. ANTÔNIA - Não julgues sem conhecer! Tu sabes as causas?

JULIETA - Não; mas adivinho: queria ser rico sem se importar dos meios.

GUIMARÃES (*a RODRIGO*) - Não o tinha visto, Sr. Rodrigo!

RODRIGO - Como vai no seu emprego?

GUIMARÃES - Muito bem! É ao senhor que o devo, e a única maneira que tenho de agradecer-lhe, é fazendo que não se arrependa da recomendação que me deu.

RODRIGO - Está enganado; devo a si unicamente. A minha carta foi apenas uma ocasião: todo o homem que deseja seriamente ocupar-se, acha um emprego.

GUIMARÃES - E o Oliveira? Ouviu...

RODRIGO - Sabia há dias.

JULIETA - E não me disse?

RODRIGO - E devia dizê-lo? Eu?...

JULIETA - Não; não devia.

*(MACEDO entra com uma fruta na mão, cumprimenta D. ANTÔNIA alegremente e OLÍMPIA com desdém).*

## CENA XI

Os mesmos e MACEDO

MACEDO - Então, já sabem?... O Oliveira...

D. ANTÔNIA - O Sr. Guimarães agora mesmo acabou de dizer-nos; mas é certo?

MACEDO - Posso afiançar-lhe; está falido. Eu suspeitei que ele não ia bem, desde que começou a afastar-se de mim, e a ocultar-me os seus negócios.

D. ANTÔNIA - Pobre moço! E não há remédio?...

MACEDO - Quer agora valer-se de mim e do Pacheco; não sei o que seu marido pretende fazer: foi isso o que me trouxe cá.

D. ANTÔNIA - Vá falar-lhe; está escrevendo.

MACEDO - Sim. (*Chega-se a JULIETA*) Aqui tem uma manga que lhe trouxe, D. Julieta.

HIPÓLITO - Rodrigo!

JULIETA - Obrigada.

RODRIGO - Comprou esta fruta ou deram-lha, Sr. Macedo?

MACEDO - Comprei, meu senhor; e paguei; é o meu costume. (*Dirige-se ao gabinete*)

RODRIGO (a JULIETA) - Alguém chora então o dinheiro que ela custou.

MACEDO - O senhor está sempre gracejando! (*Entra no gabinete; JULIETA deita a fruta sobre um aparador*)

## CENA XII

Os mesmos e HIPÓLITO

(*HIPÓLITO entra enquanto se trocam as últimas palavras, cumprimenta CRISTINA e OLÍMPIA e dirige-se a RODRIGO*)

HIPÓLITO - Rodrigo!

RODRIGO - Adeus, Hipólito!

JULIETA (a HIPÓLITO) - Ah! sinto que não estivesses aqui há pouco para ouvir o que ele dizia.

HIPÓLITO - A que respeito?

JULIETA - A respeito de Cristina.

RODRIGO - Para ele basta uma palavra.

HIPÓLITO - Então dize-a.

CRISTINA (*suplicante e do lugar onde está*) - Julieta, eu te pedi!...

JULIETA - Não sou eu.

RODRIGO (*sorrindo a CRISTINA*) - É a nossa vingança.

JULIETA - É verdade.

HIPÓLITO (*a RODRIGO*) - Fala!

CRISTINA (*aproximando-se suplicante de JULIETA*) - Olha, mamãe! (*Entra OLIVEIRA pálido e fora de si*)

### **CENA XIII**

Os mesmos, OLIVEIRA, PACHECO e MACEDO

D. ANTÔNIA - Que é isto, Sr. Oliveira?

OLIVEIRA - Uma desgraça, D. Antônia!

PACHECO (*aparecendo no gabinete com uma carta na mão*) - Não é uma desgraça, Sr. Oliveira, é a desonra!...

OLIVEIRA - Sr. Pacheco!

PACHECO - Quem abusa da boa fé e da estima de um homem, não tem o direito de ofender-se quando ele o acusa. O senhor comprometeu uma parte da minha fortuna, e o que mais é, abusou da confiança...

D. ANTÔNIA - Meu marido!

OLIVEIRA - Pode dizer tudo! É justo!

PACHECO - Iludiu os seus credores inculcando uma fortuna que não tinha!

MACEDO - Se tivesse seguido os meus conselhos!...

OLIVEIRA - Os seus conselhos, Sr. Macedo?

MACEDO - Mais ainda há um meio de restabelecer a sua fortuna.

OLIVEIRA - Qual?

MACEDO - O crédito.

PACHECO - O crédito?... O crédito?... Eis os seus efeitos!... (*Aponta para OLIVEIRA*)

RODRIGO - Sim, Sr. Pacheco, eis os seus efeitos! Eis os efeitos do abuso que se faz de uma idéia que não se compreende, de um elemento que não se conhece. Também a pólvora, o vapor, o gás e a eletricidade, todos esses elementos que produzem resultados maravilhosos, desde que não são dominados pela inteligência, e pela razão, revoltam-se contra o homem e o fulminam. São os ignorantes e os loucos que não sabem usar do poder que Deus colocou em suas mãos, os que brincam com ele e acabam por ser vítimas.

MACEDO - Como o Sr. Oliveira.

RODRIGO (*com ironia*) - E outros. (*A PACHECO*) Não condene, pois, uma idéia que já aceitou, Sr. Pacheco, e se quer ver os verdadeiros efeitos do crédito não precisa ir muito longe. Aqui tem um homem que lhe deve a sua honra, que o senhor salvou; aqui tem uma esposa e mãe que lhe deve a felicidade de sua família, e uma filha que o respeita e o ama como uma providência de sua casa. Todos lhe agradecem sem corar, porque o senhor não lhes deu uma esmola; mas prestou-lhes um serviço. Eu mesmo que lhe falo, cheguei pobre ao meu país, sem outro bem além da minha profissão, sem outro recurso além do meu trabalho; hoje, se não tenho uma grande fortuna, não invejo a de ninguém.

MACEDO - E eu não sou um exemplo vivo? Pacheco sabe que comecei sem um real.

OLIVEIRA - O senhor?... Oh! é muito!... Sr. Pacheco, eu mereço o que o senhor acaba de dizer, procedi mal, cometi um ato desonroso, mas fui arrastado!

MACEDO - É sempre a desculpa.

OLIVEIRA - Este homem, o Sr. Macedo, foi quem me seduziu! Fez-me sonhar lucros fabulosos, envolveu-me em especulações que eu mesmo não compreendia! A princípio a ambição da riqueza me cegou; mas depois pareceu-me que seguia um mau caminho...



MACEDO - Ora, meu caro; não se trata agora disso: o que nos convém saber é o que decide seu sogro.

PACHECO - Seu sogro!... Essa palavra me faz lembrar que antes de tudo está a reputação de minha filha. Que diriam aqueles que vivem de assassinar a honra alheia?...

MACEDO - Sobretudo quando este casamento já está espalhado por toda a parte; e muitos até o julgam já realizado.

PACHECO E bem triste receber no seio de sua família um homem que perdeu a nossa estima; não é verdade, Sr. Rodrigo? Aconselhe-me; diga-me como amigo o que devo fazer.

RODRIGO - É uma questão delicada, Sr. Pacheco; e que só pode ser resolvida por aquela que faz o sacrifício. Se ela tem bastante afeição ao homem que decaiu, e bastante força para querer salvá-lo, eu, seu pai, lhe diria: "Cumpra o teu destino, minha filha!"

JULIETA - Diz bem, Sr. Rodrigo; é a mim que cabe decidir; trata-se de minha felicidade! (A OLIVEIRA) Se o dote que o senhor ambicionava me pertencesse, eu o daria de bom grado para salvar o nome que podia ter sido o meu. Quanto à minha mão, eu a conservo livre para apertar a mão de um homem de honra, que eu respeito, e estimo... (Estende a mão a RODRIGO)

HIPÓLITO (*a meia voz*) - E que tu amas!

JULIETA (*corando*) - Hipólito!...

RODRIGO - Julieta!...

PACHECO - Muito bem, minha filha.

OLÍMPIA - Ah!...

CRISTINA - O que tem, mamãe?

OLÍMPIA - Nada, Cristina!

(Quando JULIETA acaba de falar, MACEDO senta-se no sofá, tira uma carteira de couro da Rússia, lápis e papel e começa a fazer uma conta; o diálogo continua vivo e sem ser interrompido)

D. ANTÔNIA (*a OLIVEIRA*) - Não soube conservar a afeição que lhe tinham.

OLIVEIRA - Tornei-me indigno dela, D. Antônia.

CRISTINA (*a OLÍMPIA*) - Como ela é feliz!

JULIETA - E tu também o serás, não é verdade, Hipólito?

RODRIGO - Ela te ama.

HIPÓLITO - E me foge?

JULIETA - Não compreendes a razão?

RODRIGO - Não vêes que foi Julieta que estendeu a mão?

HIPÓLITO - Oh! Compreendo! Cristina!

CRISTINA (*confusa*) - Era o meu segredo!

HIPÓLITO - Será o nosso.

MACEDO - Quatro... vezes cinco... vinte... (*fazendo a conta*)

BORGES - Que faz ele?

GUIMARÃES - Pensa naturalmente que está na Praça.

HIPÓLITO (*chamando*) - Sr. Borges!... (*chegando-se*) Eu amo sua filha!

OLÍMPIA (*chegando-se*) - E ela o ama, Hipólito; mas não deve aceitar sua mão senão quando seu pai tiver pago a dívida do Sr. Pacheco.

BORGES - Achas bom assim?

HIPÓLITO - Mas, D. Olímpia...

OLÍMPIA - Que lhe custa esperar?

MACEDO (*a OLIVEIRA*) - Então decididamente o seu casamento está desfeito?

OLIVEIRA - Sim, senhor; eu mesmo seria o primeiro a desfazê-lo se não devesse sujeitar-me àquilo que o Sr. Pacheco e sua filha resolvessem.

MACEDO - Neste caso aqui tem a minha conta.

OLIVEIRA - A sua conta?...

MACEDO - Previno-lhe também, Sr. Pacheco, que as letras sacadas pelo Sr. Oliveira, e endossadas por V.S.a, no valor de setenta contos, estão em meu poder.

OLIVEIRA - Como é possível?

MACEDO (*sorrindo*) - Descontei-as na Praça, no mesmo dia em que o senhor as negociou; tinham uma boa firma.

OLIVEIRA - E essa conta?

MACEDO (*sorrindo*) - Ah!... Vinte contos quatrocentos e trinta e dois mil e quinhentos; resto daqueles dividendos... É um dinheiro perdido, mas enfim, dos males o menor.

OLIVEIRA - Esses dividendos!... Não foi o senhor que me fez vendê-los por conta da nossa sociedade?

MACEDO - Da nossa sociedade!... O código não reconhece sociedade sem título e registro no Tribunal.

OLIVEIRA - E a sua palavra?

PACHECO (*a MACEDO*) - Que quer dizer isto?

MACEDO - Ignoro.

RODRIGO - Quer dizer que o Sr. Macedo jogava com o Sr. Oliveira na Praça do Comércio, uma partida de écarté, vendo as cartas do parceiro.

PACHECO - Não entendo!

RODRIGO - O Sr. Macedo sabia que o dividendo de um banco era de dez mil-réis, suponhamos; fazia seu parceiro vendê-los a doze, e os comprava ele mesmo por intermédio de um agente.

MACEDO - Se um não perdesse para o outro ganhar, Sr. Rodrigo, não haveria negócio.

PACHECO (*alto*) - Sr. Guimarães!

GUIMARÃES - Pronto!

PACHECO - Corra ao escritório, e diga ao caixa que hoje mesmo vá resgatar as minhas letras; não quero a minha firma nas mãos desse homem. É um prejuízo de setenta contos. (*GUIMARÃES sai*)

OLIVEIRA - Que eu pagarei, Sr. Pacheco, apesar de estar pobre e miserável.

RODRIGO - Quando se tem a mocidade, a inteligência e a saúde, não se é pobre; Sr. Oliveira. Trabalhe!

PACHECO - Sim, trabalhe; nós lhe acharemos um emprego. (*Sai OLIVEIRA*)

PACHECO (*a MACEDO*) - Quanto ao senhor, não o conheço. Um homem que pratica semelhante imoralidade não deve entrar em minha casa.

MACEDO - Como quiser!... Nunca estudei moral, Sr. Pacheco, e por isso não entendo essas distinções filosóficas. Sou um homem prático, um homem de negócios; trato da minha vida sem me ocupar com a dos outros. Podem dizer que sou agiota, especulador, que vivo de jogar na Praça. Pouco me importa! Estou convencido que só há na sociedade dois poderes reais: a lei e o dinheiro. Respeito uma, e ganho o outro. Tudo que dá a riqueza é bom; tudo que a lei pune, para mim é justo e honesto. Eis os meus princípios. Estou os cumprimentando, meus senhores!

RODRIGO A lei não pune, é verdade, essa especulação imoral; mas não sabe a razão?

MACEDO - Saberei.

RODRIGO É porque a lei despreza o agiota; e deixa que a sua punição lhe seja dada pelo próprio dinheiro que o desmoralizou. O seu castigo é o suplício de Tântalo dessa riqueza mal adquirida. Com o ouro ele compra tudo, menos aquilo que mais deseja, aquilo que ambiciona; que inveja do pobre; e que todos os seus milhões não lhe poderão dar...

MACEDO - O quê?

RODRIGO - A honra e a estima dos homens de bem.

MACEDO (*cumprimentando*) - Poesia!... Meus senhores!... (*Sai*)

PACHECO (*sentando-se*) É incorrigível!

RODRIGO (*idem*) - Assim deve ser para servir de exemplo.

*(Logo que MACEDO sai, as pessoas que se acham presentes começam a sentar-se. CRISTINA e JULIETA ao piano, HIPÓLITO junto de RODRIGO, D. ANTÔNIA junto de OLÍMPIA. CRISTINA, às vezes, tira uns prelúdios).*

JULIETA - D. Olímpia, a senhora deixa Cristina passar estes oito dias comigo?

OLÍMPIA - Se ela quiser!

HIPÓLITO (*a BORGES*) - O que está lendo, Sr. Borges?

BORGES - Uma correspondência sobre o aumento dos ordenados.

HIPÓLITO - Veja nos anúncios se há alguma casa a alugar por aqui perto.

BORGES Para o senhor?...

HIPÓLITO - Para mim e minha mulher!

D. ANTÔNIA - Não vais mais à cidade, Pacheco?

PACHECO - Não, já é tarde!

**FIM**

# O DEMÔNIO FAMILIAR

## PERSONAGENS

CARLOTINHA

HENRIQUETA

EDUARDO

PEDRO

JORGE

ALFREDO

AZEVEDO

D. MARIA

VASCONCELOS

## ATO PRIMEIRO

Em casa de EDUARDO. Gabinete de estudo.

## CENA PRIMEIRA

CARLOTINHA, HENRIQUETA

CARLOTINHA - Mano, mano! (*Voltando-se para a porta*) Não te disse? Saiu!  
(*Acenando*) Vem, psiu, vem!

HENRIQUETA - Não, ele pode zangar-se quando souber.

CARLOTINHA - Quem vai contar-lhe? Demais, que tem isso? Os homens não dizem que as moças são curiosas?

HENRIQUETA - Mas, Carlotinha, não é bonito uma moça entrar no quarto de um moço solteiro.

CARLOTINHA - Sozinha, sim; mas com a irmã não faz mal.

HENRIQUETA - Sempre faz.

CARLOTINHA - Ora! Estavas morrendo de vontade.

HENRIQUETA - Eu não; tu é que me chamaste.

CARLOTINHA - Porque me fazias tantas perguntinhas, que logo percebi o que havia aqui dentro. (*No coração*)

HENRIQUETA - Carlotinha!...

CARLOTINHA - Está bom, não te zangues.

HENRIQUETA - Não; mas tens lembranças!

CARLOTINHA - Que parecem esquecimentos, não é? Esquecia-me que não gostas que adivinhem os teus segredos.

HENRIQUETA - Não os tenho.

CARLOTINHA - Anda lá!... Oh! meu Deus! Que desordem! Aquele moleque não arranja o quarto do senhor; depois mano vem e fica maçado.

HENRIQUETA - Vamos nós arranjar-lo?

CARLOTINHA - Está dito; ele nunca teve criadas desta ordem.

HENRIQUETA (*a meia voz*) - Porque não quis!

CARLOTINHA - Que dizes?... Cá está uma gravata.

HENRIQUETA - Um par de luvas.

CARLOTINHA - As botinas em cima da cadeira.

HENRIQUETA - Os livros no chão.

CARLOTINHA - Ah! Agora pode-se ver!

HENRIQUETA - Não abrimos a janela?

CARLOTINHA - É verdade. (*Abre*)

HENRIQUETA - Daqui vê-se a minha casa; olha!

CARLOTINHA - Pois agora é que sabes? Nunca viste mano Eduardo nesta janela?

HENRIQUETA - Não; nunca.

CARLOTINHA - Fala a verdade, Henriqueta!

HENRIQUETA - Já te disse que não: se vi, não me lembra. Há tanto tempo que esta janela não se abre!

CARLOTINHA - Bravo! Depois não digas que são lembranças minhas.

HENRIQUETA - O que? O que disse eu?

CARLOTINHA - Nada; traíste o teu segredo, minha amiguinha. Se tu sabes que esta janela não se abre, é porque todos os dias olhas para ela.

HENRIQUETA - Pois não...

CARLOTINHA - Para que procuras esconder uma coisa que teus olhos estão dizendo? Tu choras!... Por quê? É pelo que eu disse? Perdoa, não falo mais em semelhante coisa.

HENRIQUETA - Sim; eu te peço, Carlotinha. Se soubesses o que eu sofro...

CARLOTINHA - Como! Meu irmão é tão indigno de ti, Henriqueta, que te ofendes com um simples gracejo a seu respeito?

HENRIQUETA - Eu é que não sou digna dele; não mereço, nem mesmo por tua causa, uma palavra de amizade!

CARLOTINHA - Que dizes! Mano Eduardo te trata mal?

HENRIQUETA - Mal, não; mas com indiferença, com uma frieza!... Às vezes nem me olha.

CARLOTINHA - Mas antes, quando nos visitavas mais a miúdo, e passavas dia conosco, ele brincava tanto contigo!

HENRIQUETA - Sim; porém, um dia, tu não reparaste, talvez; eu me lembro... ainda me dói! Um dia vim passar a tarde contigo, e durante todo o tempo que estive aqui ele não me deu uma palavra.

CARLOTINHA - Distração! Não foi de propósito.

HENRIQUETA - Oh! foi! Desde então essa janela nunca mais se abriu. Agora posso dizer-te tudo... Eu o via do meu quarto a todas as horas do dia; de manhã, apenas acordava, já ele estava; antes de jantar, quando ele chegava, eu o esperava; e à tarde, ao escurecer.



CARLOTINHA - E nunca me disseste nada!

HENRIQUETA - Tinha vergonha. Hoje mesmo se não adivinhasses, se eu não me traísse.

CARLOTINHA - Deixa estar que hei de perguntar-lhe a razão disto.

HENRIQUETA - Eu te suplico! Não lhe digas nada. Para quê? Sofri dois meses, sofri como tu não fazes idéia. Uns versos sobretudo que ele me mandou fizeram-me chorar uma noite inteira.

CARLOTINHA - Mas por isso mesmo! Não quero que ele te faça chorar. Hei de obrigá-lo a ser para ti o mesmo que era.

HENRIQUETA - Agora... É impossível!

CARLOTINHA - Por quê?

HENRIQUETA - Não tenho coragem de dizer; e, entretanto, vim hoje só para dar-te parte e para... despedir-me desta casa.

CARLOTINHA - Vais fazer alguma viagem?

HENRIQUETA - Não, mas vou... (*Ouve-se subir a escada*)

CARLOTINHA - É ele! É mano!

HENRIQUETA - Ah! Meu Deus!

CARLOTINHA - Depressa! Corre!...

## **CENA II**

EDUARDO, CARLOTINHA

EDUARDO - Pedro!... Moleque!... O brejeiro anda passeando, naturalmente! Pedro!

CARLOTINHA (*entrando*) - O que quer, mano? Pedro saiu.

EDUARDO - Onde foi?

CARLOTINHA - Não sei.

EDUARDO - Por que o deixaste sair?

CARLOTINHA - Ora! Há quem possa com aquele seu moleque? É um azougue; nem à mamãe tem respeito.

EDUARDO - Realmente é insuportável; já não o posso aturar.

### **CENA III**

Os mesmos, PEDRO

PEDRO - Senhor chamou?

EDUARDO - Onde andava?

PEDRO - Fui ali na loja da esquina.

EDUARDO - Fazer o quê? Quem lhe mandou lá?

CARLOTINHA - Foi vadiar; é só o que ele faz.

PEDRO - Não, Nhanhã; fui comprar soldadinho de chumbo.

EDUARDO - Ah! O senhor ainda brinca com soldados de chumbo... Corra, vá chamar-me um tílburí na praça; já, de um pulo.

PEDRO - Sim, senhor.

### **CENA IV**

EDUARDO, CARLOTINHA

CARLOTINHA - Onde vai, mano?

EDUARDO - Vou ao Catete ver um doente; volto já.

CARLOTINHA - Eu queria falar-lhe.

EDUARDO - Quando voltar, menina.

CARLOTINHA - E por que não agora?

EDUARDO - Tenho pressa, não posso esperar. Queres ir hoje ao Teatro Lírico?

CARLOTINHA - Não, não estou disposta.

EDUARDO - Pois representa-se uma ópera bonita. (*Enche a carteira de charutos*) Canta a Charton. Há muito tempo que não vamos ao teatro.

CARLOTINHA - É verdade; mas quem nos acompanha é você, e seus trabalhos, sua vida ocupada... Depois, mano, noto que anda triste.

EDUARDO - Triste? Não, é meu gênio; sou naturalmente. seco; gosto pouco de divertimentos.

CARLOTINHA - Mas houve um tempo em que não era assim; brincávamos, passávamos as noites a tocar piano e a conversar; você, Henriqueta e eu. Lembra-se?

EDUARDO - Se me lembro!... Estava formando há pouco, não tinha clínica. Hoje falta-me o tempo para as distrações.

## **CENA V**

Os mesmos, PEDRO

PEDRO - Está aí o tílburí, sim, senhor; carro novo, cavalinho bom.

EDUARDO - Agora veja se se larga outra vez. Quero tudo isto arrumado, no seu lugar; não me toque nos meus livros; escove esta roupa. Respeite-me os charutos. Quem abriu aquela janela?

CARLOTINHA - Fui eu, mano. Fiz mal?

EDUARDO - Não gosto que esteja aberta, o vento leva-me os papéis. (*A PEDRO*) Fecha!

CARLOTINHA - Você outrora gostava de passar as tardes ali, fumando ou lendo.

EDUARDO - Até logo, Carlotinha. Moleque, não saia.

CARLOTINHA - Ouça, mano!... Não quer ver Henriqueta?

EDUARDO - Ah!... Há muito tempo não te visitava!

CARLOTINHA - Por isso mesmo, venha falar-lhe.

EDUARDO - Não; já me demorei mais do que pretendia.

CARLOTINHA - Escute!

## **CENA VI**

PEDRO, CARLOTINHA

PEDRO - Sr. moço Eduardo pensa que a gente tem perna de pau e não precisa andar!

CARLOTINHA - Fecha aquela porta!

PEDRO - Então, nhanhã, V.Mce. não recebe aquele bilhete, não?

CARLOTINHA - Moleque! Tu estás muito atrevido!...

PEDRO - Pois olhe, nhanhã; o moço é bonito, petimetre mesmo da moda!... Mais do que o Sr. moço Eduardo. Xi!... Nem tem comparação!

CARLOTINHA - Não o conheço!

PEDRO - Pois ele conhece nhanhã; passa aqui todo o dia. Chapéu branco de castor, deste de aba revirada; chapéu fino; custa caro! Sobrecasaca assim meio recortada, que tem um nome francês; calça justinha na perna; bota do Dias; bengalinha desse bicho, que se chama unicorne. Se nhanhã chegar na janela depois do almoço há de ver ele passar, só gingando: Tchá, tchá, tchá... Hum!... Moço bonito mesmo!

CARLOTINHA - Melhor para ele; não faltará a quem namore.

PEDRO - Não falta, não; mas ele só gosta de nhanhã. Quando passa, nhanhã não vê; mas eu, cá de baixo, estou só espreitando. Vai olhando para trás, de pescocinho torto! Porém nhanhã não faz caso dele!

CARLOTINHA - É um desfrutável! Está sempre a torcer o bigode!

PEDRO - É da moda, nhanhã! Aquele bigodinho, assim enroscado, onde nhanhã vê, é um anzol; anda só pescando coração de moça.

CARLOTINHA - Moleque, se tu me falares mais em semelhante coisa, conto a teu senhor. Olha lá!

PEDRO - Está bom, nhanhã; não precisa se zangar. Eu digo ao moço que nhanhã não gosta dele, que ele tem uma cara de frasquinho de cheiro...

CARLOTINHA - Dize o que tu quiseses, contanto que não me contes mais histórias.

PEDRO - Mas agora como há de ser!... Ele me deu dez mil-réis.

CARLOTINHA - Para quê?

PEDRO - Para entregar bilhete a nhanhã. (*Tira o bilhete*) Bilhetinho cheiroso; papel todo bordado!

CARLOTINHA - Ah! se mano soubesse!

PEDRO - Ele é amigo de Sr. moço Eduardo.

CARLOTINHA - Nunca vem aqui!

PEDRO - Oh! se vem; ainda ontem; por sinal que me perguntou se já tinha entregado.

CARLOTINHA - E tu que respondeste?

PEDRO - Que nhanhã não queria receber.

CARLOTINHA - E por que não restituíste a carta?

PEDRO - Porque a carta veio com os dez mil-réis... e eu gastei o dinheiro, nhanhã.

CARLOTINHA - Ah! Pedro, sabes em que te meteste?

PEDRO - Mas que tem que nhanhã receba! É um moço mesmo na ordem!

CARLOTINHA - Não!... não devo! (*Chega-se á estante e escolhe um livro*)

PEDRO - Nhanhã não há de ser freira!... (*Mete a carta no bolso sem que ela o perceba*) Entregue está ela!

CARLOTINHA - Que dizes?

PEDRO - Nada, nhanhã! Que V.Mce. é uma moça muito bonita e Pedro um moleque muito sabido!

CARLOTINHA - É melhor que arrumes o quarto de teu senhor, vadio!  
(*CARLOTINHA senta-se e lê*)

PEDRO - Isto é um instante! Mas nhanhã precisa casar! Com um moço rico como Sr. Alfredo, que ponha nhanhã mesmo no tom, fazendo figuração. Nhanhã há de ter uma casa grande, grande, com jardim na frente, moleque de gesso no telhado; quatro carros na cocheira; duas parelhas, e Pedro cocheiro de nhanhã.

CARLOTINHA - Mas tu não és meu, és de mano Eduardo.

PEDRO - Não faz mal; nhanhã fica rica, compra Pedro; manda fazer para ele sobrecasaca preta à inglesa: bota de canhão até aqui (*marca o joelho*); chapéu de castor; tope de sinhá, tope azul no ombro. E Pedro só, trás, zaz, zaz! E moleque da rua dizendo "Eh! cocheiro de sinhá D. Carlotinha!"

CARLOTINHA - Cuida no que tens que fazer, Pedro. Teu senhor não tarda.

PEDRO - É já; não custa! Meio-dia, nhanhã vai passear na Rua do Ouvidor, no braço do marido. Chapeuzinho aqui na nuca, peitinho estufado, tundá arrastando só! Assim, moça bonita! Quebrando debaixo da seda, e a saia fazendo xô, xô, xô! Moço, rapaz deputado, tudo na casa do Desmarais de luneta no olho: "Oh! Que paixão!..." O outro já: "V.Ex.a passa bem?" E aquele homem que escreve no jornal tomando nota para meter nhanhã no folhetim.

CARLOTINHA - Oh! meu Deus! Que moleque falador! Não te calarás? (*Lê*)

PEDRO - Quando é de tarde, carro na porta; parelha de cavalos brancos, fogosos; Pedro na boléia, direitinho, chapéu de lado, só tenteando as rédeas. Nhanhã entra; vestido toma o carro todo, corpinho reclinado embalçando: "Botafogo!" Pedro puxou as rédeas; chicote estalou; tá, tá, tá; cavalo, toc, toc, toc; carro trrr!... Gente toda na janela perguntando: "Quem é? Quem é?" - "D. Carlotinha..." Bonito carro! Cocheiro bom!... E Pedro só deitando poeira nos olhos de boleiro de aluguel.

CARLÔTINHA - Ora, mano não vem! Disse que voltava já!

PEDRO - De noite, baile de estrondo, como baile do Sr. Barão de Meriti; linha de carro na porta, até no fim da rua, e torce na outra; ministro, deputado, senador, homem do paço, só de farda bordada, com pão-de-rala no peito. Moça como formiga! Mas nhanhã pisa tudo; brilhante reluzindo na testa como faísca, leque

abanando, vestido cheio de renda. Tudo caído só, com o olho de jacaré assim. E  
nhanhã sem fazer caso.

CARLOTINHA (*rindo*) - Onde é que tu aprendeste todas essas histórias,  
moleque? Estás adiantado!

PEDRO - Pedro sabe tudo!... Daí a pouco, música vom, vom, vom, tra-ra-lá, tra-  
ra-lá-ta; vem ministro, toma nhanhã para dançar contradança; e nhanhã só  
requebrando o corpo! (*Arremeda a contradança*)

CARLOTINHA - Ora, senhor! Já se viu que capetinha!

## CENA VII

Os mesmos, JORGE

JORGE - Mana Carlotinha, Henriqueta está lhe chamando para dizer-lhe adeus.

PEDRO - Sinhá Henriqueta está aí?

CARLOTINHA - Ela já vai?

JORGE - Já está deitando o chapéu.

CARLOTINHA - É tão cedo ainda!

PEDRO - Duas horas já deu há muito tempo em S. Francisco de Paula.

CARLOTINHA (*à janela*) - Mano não voltará para jantar?...

PEDRO - Não tarda aí, nhanhã!

JORGE (*na mesa*) - Olha! que pintura bonita, Pedro!

PEDRO - Comece, comece a remexer! Depois fica todo derretido. Foi moleque!...

CARLOTINHA - Quando Eduardo voltar, vai me chamar, ouviste, Pedro?... Jorge,  
venha!

JORGE - Já vou, Carlotinha!

CARLOTINHA - Não toque nos papéis de Eduardo; ele não gosta.

## CENA VIII

PEDRO, JORGE

PEDRO (*querendo tomar o livro*) - Ande, ande, nhonhô; vá lá para dentro! Deixe o livro.

JORGE - Se tu és capaz, vem tomar!

PEDRO - Ora! É só querer!

JORGE - Pois eu to mostrei!

PEDRO - Está arrumado! Pedro, moleque capoeira, mesmo da malta, conta lá com menino de colégio! Caia! É só neste jeito; pé no queixo, testa na barriga.

JORGE - Espera; vou dizer a mamãe que tu estás te engraçando comigo!

PEDRO - É só o que sabe fazer; enredo da gente! Nhonhô não vê que é de brincadeira. Olhe este livro; tem pintura também; mulher bonita mesmo! (*Abre o livro*)

JORGE - Deixa ver! Bravo!... Que belo! (*Tirando um papel*) Que é isto?

PEDRO - Um verso!... Oh! Pedro vai levar à viúva!

JORGE - Que viúva?

PEDRO - Essa que mora aqui adiante!

JORGE - Para quê?

PEDRO - Nhonhô não sabe? Ela tem paixão forte por Sr. moço Eduardo; quando vê ele passar, coração faz tuco, tuco, tuco! Quer casar com doutor.

JORGE - E mano vai casar com ela?

PEDRO - Pois então! Mas não vá agora contar a todo o mundo.

JORGE - E ele gosta daquela mulher tão feia? Antes fosse com D. Henriqueta.

PEDRO - Menino não entende disto! Sinhá Henriqueta é moça bonita mas é pobre! A viúva é rica, duzentos contos! Sr. moço casa com ela e fica capitalista,



com dinheiro grosso! Compra carro e faz Pedro cocheiro!... Leia o verso, nhonhô.

JORGE - Deixa-me; não estou para isto!

PEDRO - Ah! Se Pedro soubesse ler (*sentando-se*) fazia como doutor, sentado na poltrona, com o livro na mão e puxando só a fumacinha do havana. Por falar em havana. .. (*Ergue-se, vai à mesa e mete a mão na caixa dos charutos*) Com efeito! Sr. moço Eduardo está fumando muito! Uma caixa aberta ontem; neste jeito acaba-me os charutos.

JORGE - Ah! tu estás tirando os charutos de mano!

PEDRO - Cale a boca, nhonhô Jorge! É para fumar quando nós formos passear lá na Glória, de tarde.

JORGE - Amanhã?

PEDRO - Sim.

JORGE - Eu vou pedir a mamãe.

PEDRO - Espere, deite sobredito neste verso, roxo, não; viúva não gosta desta cor; verde, cor de esperança!

JORGE - Toma!

PEDRO - Pronto!... Agora Pedro chega lá, deita na banquinha de costura, volta as costas fazendo que não vê! Ela, fogo! (*Finge que beija*) Lê. E guarda no seio, tal qual como se o Sr. moço mandasse. O pior é se vai perguntar, como outro dia, por que Sr. moço não vai visitar ela; eu respondi que era para não dar que falar; mas viúva não quer saber de nada; está morrendo por tomar banho na igreja para deixar vestido preto!

JORGE - Então tu levas versos a ela sem mano mandar?

PEDRO - Pedro sabe o que faz! Agora veja se vai contar!

JORGE - Eu não!! Que me importa isto!

## **CENA IX**

PEDRO, ALFREDO

ALFREDO - O Dr. Eduardo não está?

PEDRO - Não, senhor; saiu, Sr. Alfredo!

ALFREDO - Então, já entregaste?

PEDRO - Hoje mesmo!

ALFREDO - A resposta?

PEDRO - Logo; é preciso dar tempo. V.Mce. cuida que moça escreve a vapor! Pois não; primeiro passa um dia inteiro a ler a carta, depois outro dia a olhar assim para o ar com a mão no queixo, depois tem dor de cabeça para dormir acordada; por fim vai escrever e rasga um caderno de papel.

ALFREDO - Parece-me que tu me estás enganando; não entregaste a carta a D. Carlotinha, e para te desculpar me contas estas histórias.

PEDRO - Não sou capaz de enganar a meu senhor.

ALFREDO - Pois bem; o que disse ela quando recebeu?

PEDRO - Perguntou quem era V.Mce.

ALFREDO - E tu, que respondeste?

PEDRO - Ora, já se sabe: moço rico bem parecido.

ALFREDO - Quem te disse que eu era rico? Não quero passar pelo que não sou.

PEDRO - Não tem nada; riqueza faz crescer amor.

ALFREDO - Também sabes isto?... Mas depois, que fez ela da carta?

PEDRO - Deitou no bolso. Fui eu que deitei; mas é o mesmo.

ALFREDO - Como? Foste tu que deitaste...

PEDRO - No bolso do vestido! Ela estava com vergonha. Sr. Alfredo não sabe moça como é, não?

ALFREDO - Bem; olha que espero a resposta!

PEDRO - Dê tempo ao tempo, que tudo se arranja.

## **CENA X**

Os mesmos, CARLOTINHA

CARLOTINHA (*fora*) - Pedro!

PEDRO (*puxando ALFREDO para a porta*) - É nhanhã!

ALFREDO - Não faz mal!

PEDRO - Este negócio assim não está bom, não!

ALFREDO - Por quê?

CARLOTINHA - Moleque, tu tiveste o atrevimento... (*Vendo ALFREDO*) Ah!

ALFREDO - Perdão, minha senhora; procurava o Dr. Eduardo.

CARLOTINHA - Ele saiu... Eu vou chamar mamãe...

ALFREDO - Não precisa, minha senhora, eu me retiro já; mas antes desejava ter a honra de...

PEDRO (*baixo, puxando-lhe pela manga*) - Não assuste a moça! Senão está tudo perdido.

ALFREDO - E não hei de fazer a declaração do meu amor?

PEDRO - Qual declaração! Já não se usa!

ALFREDO - Então julgas que não devo falar-lhe?

PEDRO - Nem uma palavra. Mostre-se arrufado, que é para ela responder. Moça é como carrapato, quanto mais a gente machuca, mais ela se agarra.

ALFREDO - Ah! Ela não quer responder-me! (*Cumprimenta friamente*)

CARLOTINHA - Não espera por mano?

ALFREDO - Obrigado; não desejo incomodá-la.

CARLOTINHA - A mim!

## CENA XI

CARLOTINHA, PEDRO

CARLOTINHA - Nem sequer me olhou! E diz que gosta de mim! A primeira vez que me fala...

PEDRO - O moço está queimado, hi!...

CARLOTINHA - Ora, que me importa? O que te disse ele?

PEDRO - Perguntou por que Nhanhã não queria responder à carta dele.

CARLOTINHA - Ah! É sobre isto mesmo... Tu sabes o que vim fazer, Pedro?

PEDRO (*rindo-se*) - Veio ver Sr. Alfredo!

CARLOTINHA - Eu adivinhava que ele estava aqui?... Vim te chamar porque mamãe quer te perguntar donde saiu esta carta que deitaste no meu bolso.

PEDRO - Nhanhã foi dizer?... Pois não!... Esta Pedro não engole.

CARLOTINHA - Chego na sala; vou meter a mão no bolso, encontro um papel; abro-o; é uma carta de namoro! Não sei como mamãe não percebeu!...

PEDRO - Ah! Nhanhã abriu!... Então leu. CARLOTINHA - Não li! É mentira

PEDRO (*com um muxoxo*) - Mosca anda voando; tocou no mel, caiu dentro do prato. Nhanhã leu!

CARLOTINHA - E que tinha que lesse?

PEDRO - Se leu, deve responder!

CARLOTINHA - Faz-te de engraçado! (*Dando a carta*) Toma; não quero!

PEDRO - Nhanhã faz isto a um moço delicado!

CARLOTINHA - Saiu; e nem sequer me olhou.

PEDRO - Não sabe por quê? Porque Nhanhã não quis responder à carta dele.

CARLOTINHA - E o que hei de eu responder?

PEDRO - Um palavreado, como nhanhã diz quando está no baile.

CARLOTINHA - Mas ele escreveu em verso.

PEDRO - Ah, é verso! E V.Mce. não sabe fazer verso?

CARLOTINHA - Eu não; nunca aprendi.

PEDRO - É muito fácil, eu ensino a nhanhã; vejo Sr. moço Eduardo fazer. Quando é esta coisa que se chama prosa, escreve-se O papel todo; quando é verso, é só no meio, aquelas carreirinhas. (*Vai à mesa*) Olhe! olhe, nhanhã!

CARLOTINHA - Sabes que mais? A resposta que eu tenho de dar é esta: dize-lhe que, se deseja casar comigo, fale a mano.

PEDRO - Ora, tudo está em receber a primeira; depois é carta para lá e carta para cá; a gente anda como correio de ministro.

CARLOTINHA - Eu te mostrarei.

## CENA XII

PEDRO, EDUARDO e AZEVEDO

EDUARDO - Onde vai?

PEDRO - Ia abrir a porta a meu senhor!

EDUARDO (*para a escada*) - Entra, Azevedo! Eis aqui o meu aposento de rapaz solteiro; uma sala e uma alcova. É pequeno, porém basta-me!

AZEVEDO - É um excelente *appartement*! Magnífico para um garçon... Este é o teu *valet* de chambre?

EDUARDO - É verdade; um vadio de conta!

PEDRO (*a AZEVEDO, em meia voz*) - Hô... Senhor está descompondo Pedro na língua francesa.

EDUARDO - Deste lado é o interior da casa; aqui tenho janelas para um pequeno jardim e uma bela vista. Vivo completamente independente da família. Tenho esta entrada separada. Por isso podes vir conversar quando quiseres, sem a menor cerimônia; estaremos em perfeita liberdade escolástica.

AZEVEDO - Obrigado, hei de aparecer. Ah! tens as tuas paisagens *signées Lacroix*? Mas não são legítimas; vi-as em *Paris chez Goupil*; fazem uma diferença enorme.

EDUARDO - Não há dúvida; mas não as comprei pelo nome, achei-as bonitas. Queres fumar?

AZEVEDO - Aceito. Esqueci o meu *porte-cigarres*. São excelentes os teus charutos. Onde os compras? *No Desmarais*?

EDUARDO - Onde os encontro melhores. (*PEDRO acende uma vela*)

PEDRO (*baixo*) - Rapaz muito desfrutável, Sr. moço! Parece cabeleireiro da Rua do Ouvidor!

EDUARDO - Cala-te!

AZEVEDO (*acende o charuto*) - Obrigado!... Eis o que se chama em Paris - *parfumer la causerie*!

### **CENA XIII**

EDUARDO, AZEVEDO

EDUARDO - Com que então, vais te casar? Ora quem diria que aquele Azevedo, que eu conheci tão volúvel, tão apologista do celibato...

AZEVEDO - E ainda sou, meu amigo; dou-te de conselho que não te cases. O celibato é o verdadeiro estado!... Lembra-te que Cristo foi garçon!

EDUARDO - Sim; mas as tuas teorias não se conformam com esse exemplo de sublime castidade!

AZEVEDO - Considera, meu caro, a diferença que vai da divindade ao homem.

EDUARDO - Mas enfim, sempre te resolveste a casar?

AZEVEDO - Certas razões!

EDUARDO - Uma paixão?

AZEVEDO - Qual! Sabes que sou incapaz de amar o quer que seja. Algum tempo quis convencer-me que o meu eu amava a minha bête, que era egoísta, mas desenganei-me. Faço tão pouco caso de mim, como do resto da raça humana.

EDUARDO - Assim, não amas a tua noiva?

AZEVEDO - Não, decerto.

EDUARDO - É rica, talvez; casas por conveniências?

AZEVEDO - Ora, meu amigo, um moço de trinta anos, que tem, como eu, uma fortuna independente, não precisa tentar a *chasse au mariage*. Com trezentos contos pode-se viver.

EDUARDO E viver brilhantemente; porém não compreendo então o motivo...

AZEVEDO - Eu te digo! Estou completamente blasé, estou gasto para essa vida de *flaneur* dos salões; Paris me saciou. *Mabille* e *Château des Fleurs* embriagaram-me tantas vezes de prazer que me deixaram insensível. O amor hoje é para mim um copo de *Cliqcot* que espuma no cálice, mas já não me tolda o espírito!

EDUARDO - E esperaste chegar a este estado para te casares?

AZEVEDO - Justamente. Tiro disso duas conveniências: a primeira é que um marido como eu está preparado para desempenhar perfeitamente o seu grave papel de carregador do mantelete, do leque ou do binóculo, e de apresentador dos apaixonados de sua mulher.

EDUARDO - Com efeito! Admiro o sangue frio com que descreves a perspectiva do teu casamento.

AZEVEDO - *Chacun son tour*, Eduardo, nada mais justo. A segunda conveniência, e a principal, é que, rico, independente, com alguma inteligência, quanto basta para desperdiçar em uma conversa banal, resolvi entrar na carreira pública.

EDUARDO - Seriamente?

AZEVEDO - Já dei os primeiros passos; pretendo a diplomacia ou a administração.

EDUARDO - E para isso precisa casar?

AZEVEDO - Decerto!... Uma mulher é indispensável, e uma mulher bonita!... É o meio pelo qual um homem se distingue no *grand monde*!... Um círculo de adoradores cerca imediatamente a senhora elegante, espirituosa, que fez a sua aparição nos salões de uma maneira deslumbrante! Os elogios, a admiração, a consideração social acompanharão na sua ascensão esse astro luminoso, cuja cauda é uma crinolina, e cujo brilho vem da casa do Valais ou da *Berat*, à custa de alguns contos de réis! Ora, como no matrimônio existe a comunhão de corpo e de bens, os apaixonados da mulher tornam-se amigos do marido, e vice-versa; o triunfo que tem a beleza de uma, lança um reflexo sobre a posição do outro. E assim consegue-se tudo!

EDUARDO - Tu gracejas, Azevedo; não é possível que um homem aceite dignamente esse papel. A mulher não é, nem deve ser, um objeto de ostentação que se traga como um alfinete de brilhante ou uma jóia qualquer para chamar a atenção!

AZEVEDO - Bravo! Fizeste a mais justa das comparações, meu amigo! Disseste com muito espírito; a mulher é uma jóia, um traste de luxo... E nada mais!

EDUARDO - Ora, não acredito que fales seriamente!

AZEVEDO - Podes não acreditar, mas isso não impede que a realidade seja essa. Estás ainda muito poeta, meu Eduardo! Vai a Paris e volta! Eu fui criança no espírito e voltei com a razão de um velho de oitenta anos!

EDUARDO - Mas com o coração pervertido!... Ouve, Azevedo. Estou convencido que há um grande erro na maneira de viver atualmente. A sociedade, isto é, a vida exterior, tem-se desenvolvido tanto que ameaça destruir a família, isto é, a vida íntima. A mulher, o marido, os filhos, os irmãos, atiram-se nesse turbilhão dos prazeres, passam dos bailes aos teatros, dos jantares às partidas; e quando, nas horas de repouso, se reúnem no interior de suas casas, são como estrangeiros que se encontram um momento sob a tolda do mesmo navio para se separarem logo. Não há ali a doce efusão dos sentimentos, nem o bem-estar do homem que respira numa atmosfera pura e suave. O serão da família desapareceu; são apenas alguns parentes que se juntam por hábito, e que trazem para a vida doméstica, um, o tédio dos prazeres, o outro, as recordações da noite antecedente, o outro, o aborrecimento das vigílias!

AZEVEDO - E que conclusões desta tirada filosófico-sentimental?

EDUARDO - Concluo que é por isso que se encontram hoje tantos moços gastos como tu; tantas moças para quem a felicidade consiste em uma quadrilha;



tantos maridos que correm atrás de uma sombra chamada consideração; e tantos pais iludidos que se arruínam para satisfazer o capricho de suas filhas julgando que é esse o meio de dar-lhes a ventura!

AZEVEDO - Realmente estás excêntrico. Onde é que aprendeste estas teorias?

EDUARDO - Na experiência. Também fui atraído, também fui levado pela imaginação que me dourava esses prazeres efêmeros, e conheci que só havia neles de real uma coisa.

AZEVEDO - O quê?

EDUARDO - Uma lição; uma boa e útil lição. Ensinaram-me a estimar aquilo que eu antes não sabia apreciar; fizeram-me voltar ao seio da família, à vida íntima!

AZEVEDO - Hás de mudar. (*Toma o chapéu e as luvas*)

EDUARDO - Não creio!... Já te vais?

AZEVEDO - Tenho que fazer. Algumas maçadas de homem que se despede de sua vida de *garçon*. Janto hoje com minha noiva; amanhã parto para minha fazenda, onde me demorarei alguns dias, e na volta terei o prazer de te anunciar, com todas as formalidades de estilo, em *carton porcelaine sob o competente enveloppe satinée et dorée sur tranche*, o meu casamento com a Sra. D. Henriqueta de Vasconcelos.

EDUARDO - Henriqueta!... Ah! É com ela que te casas?

AZEVEDO - Sim. De que te admiras?

EDUARDO - Julguei que escolhesses melhor! É tão pobre!

AZEVEDO - Mas é bonita e tem muito espírito. Há de fazer furor quando a *Gudin* ajeitá-la à parisiense.

EDUARDO - Dizem que é muito modesta.

AZEVEDO - Toda a mulher é vaidosa, Eduardo; a modéstia mesmo é uma espécie de vaidade inventada pela pobreza para seu uso exclusivo.

EDUARDO - Assim, estás decidido?

AZEVEDO - Mais que decidido! Estou noivo já. Adeus, aparece; andas muito raro.

#### **CENA XIV**

EDUARDO, PEDRO

PEDRO - O jantar está na mesa.

EDUARDO - Não me maces! Vai-te embora.

PEDRO - Sr. não vem, então?

EDUARDO - Chega aqui. Tu sabias que D. Henriqueta estava para casar?

PEDRO - Sabia, sim, senhor; rapariga dela me contou.

EDUARDO - E por que não vieste dizer-me?

PEDRO - Porque V.Mce. me deu ordem que não falasse mais no nome dela.

EDUARDO - É verdade.

#### **CENA XV**

Os mesmos, CARLOTINHA

CARLOTINHA - Demorou-se muito, mano. Eu lhe esperei!... Agora vamos jantar.

EDUARDO - Não; não tenho vontade, deixa-me.

PEDRO - Sr. moço está triste porque sinhá Henriqueta vai casar!

EDUARDO - Moleque!

CARLOTINHA - Você sabia? Era dela mesmo que eu queria falar-lhe.

EDUARDO - Sabia; o seu noivo acaba de sair daqui.

CARLOTINHA - Um Azevedo, não é?

EDUARDO - Sim, um homem que, além de não amá-la, estima-a tanto como as suas botas envernizadas e os seus cavalos do Cabo!

CARLOTINHA - Mas você não sabe a razão desse casamento?

EDUARDO - Sei, Carlotinha. Um amor pobre possui tesouros de sentimentos, mas não é moeda com que se comprem veludos e sedas!

CARLOTINHA - Oh! mano, não seja injusto! Ela me contou tudo!

EDUARDO - Desejava saber o que te disse.

CARLOTINHA - Logo depois de jantar, no jardim. Venha, mamãe está nos esperando.

## **ATO II**

Em casa de EDUARDO. Jardim.

CENA PRIMEIRA

EDUARDO, CARLOTINHA, D. MARIA

EDUARDO - Lembras-te do que me prometeste?

CARLOTINHA - Falar-lhe de Henriqueta?... Lembro-me.

EDUARDO - Que te disse ela?

CARLOTINHA - Muita coisa! Mamãe não nos ouvirá?

EDUARDO - Não; podes falar. Estou impaciente!

CARLOTINHA - Aí vem ela!

D. MARIA - Ora, Carlotinha, tu com as tuas flores tens tomado de tal maneira os canteiros que já não posso plantar uma hortaliça.

CARLOTINHA - Porém, mamãe... É tão bonito a gente ter uma flor, uma rosa para oferecer a uma amiga que nos vem visitar!

D. MARIA - É verdade, minha filha; mas não te lembras que também gostas de dar-lhes uma fruta delicada... Assim os meus morangos estão morrendo, porque as tuas violetas não deixam...

CARLOTINHA - É a flor da minha paixão! As violetas! Que perfume!

D. MARIA - E os meus morangos, que sabor! Não tenho mais um pé de alface ou de chicória...

EDUARDO - Não se agonie, minha mãe, eu mandarei fazer uma pequena divisão no quintal. Deste lado Carlotinha terá o seu jardim; do outro V.Mce. mandará preparar a sua horta.

D. MARIA - Estimo muito, meu filho! É por vocês que eu tomo este trabalho.

EDUARDO - E nós não o sabemos? Todo o nosso amor não paga esses pequenos cuidados, essas atenções delicadas de uma mãe que só vive para seus filhos.

D. MARIA - O único amor que não pede recompensa, Eduardo, é o amor de mãe; mas se eu a. desejasse, que melhor podia ter do que o orgulho de ver-te em uma bonita posição, admirado pelos teus amigos e estimado mesmo pelos que não te conhecem?

CARLOTINHA - Não o deite a perder, mamãe; depois fica todo cheio de si!

EDUARDO - Por ter uma irmã como tu, não é?

CARLOTINHA - Não se trata de mim.

D. MARIA - Vocês ficam? A tarde está bastante fresca!

EDUARDO - Já vamos, minha mãe.

## **CENA II**

EDUARDO, CARLOTINHA

CARLOTINHA - Ora, enfim! Podemos conversar, mano!

EDUARDO - Sim! Estou ansioso por saber o que ela te disse! Com que fim veio ver-te! Naturalmente foi para dar-me mais uma prova de indiferença, participando-te o seu casamento!

CARLOTINHA - Foi para vê-lo uma última vez! Ah! você não se lembra, então, do que se passou! Fala de indiferença? É ela que se queixa da sua frieza, do seu desdém!

EDUARDO - Ela queixa-se... E de mim!... Estava zombando?

CARLOTINHA - Zomba-se com as lágrimas nos olhos e com a voz cortada pelos soluços?

EDUARDO - Que dizes? Ela chorava!...

CARLOTINHA - Sobre o meu seio; e eu não sabia como a consolasse.

EDUARDO - Não compreendo!

CARLOTINHA - Por quê?

EDUARDO - Eu te direi depois. Conta-me o que ela te disse.

CARLOTINHA - Foi tanta coisa!... Sim; disse-me que todos os dias lhe via da casa dela, de manhã e à tarde, na janela do seu quarto.

EDUARDO - É verdade.

CARLOTINHA - Mas que uma tarde, vindo aqui, mano não lhe deu uma palavra.

EDUARDO - E a razão disto não declarou? CARLOTINHA - Ela ignora!

EDUARDO - Como!

CARLOTINHA - Procurou recordar-se das suas menores ações para ver se poderia ter dado causa à sua mudança; e não achou nada que devesse servir nem mesmo de pretexto.

EDUARDO - Com efeito! o fingimento chega a esse ponto!!

CARLOTINHA - É injusto, mano; aquele amor não se finge. Quando ela me recitou os versos que você lhe mandou...

EDUARDO - Eu... versos?

CARLOTINHA - Sim; uns versos em que a chamava de namoradeira, em que a ridicularizava.

EDUARDO - Mas não há tal, nunca lhe mandei versos!

CARLOTINHA - Ela os recebeu de Pedro; eu os vi, escritos por sua letra.

EDUARDO - Não é possível!

CARLOTINHA - Há nisto algum engano. Deixe-me acabar, depois verá.

EDUARDO - Eu te escuto.

CARLOTINHA - Os seus versos...

EDUARDO - Meus, não.

CARLOTINHA - Pois bem, os versos causaram-lhe uma dor mortal; conheceu que o mano escarnecia dela, e desde então passava as noites a chorar, e o dia a olhar entre as cortinas para ao menos ter o consolo de avistá-lo de longe e de relance. Mas você conservava fechada a única janela na qual ela podia vê-lo.

EDUARDO - Não sabes por quê? Um dia mandou-me dizer por Pedro que a minha curiosidade a incomodava. Desde então privei-me do prazer de olhá-la...

CARLOTINHA - É inexplicável!... Mas como lhe dizia, passaram-se dois meses; ela perdeu a esperança; seu pai tratou de casá-la. Desde que não podia lhe pertencer, pouco lhe importava o homem a quem a destinavam. Consentiu em tudo, mas antes de dar a sua promessa definitiva, quis vê-lo pela última vez.

EDUARDO - Para quê?

CARLOTINHA - Para quê?... O noivo foi hoje jantar em sua casa; aí às três horas devia decidir-se tudo... Pois bem, antes de dizer sim, ela veio e jurou-me, por sua mãe, que se encontrasse mano em casa, se mano a olhasse docemente, sem aquele olhar severo de outrora...

EDUARDO - Que faria?

CARLOTINHA - Não se casaria e viveria com essa única esperança de que um dia mano compreenderia o seu amor!

EDUARDO - Assim, como não me encontrou...

CARLOTINHA - Como você não quis vê-la...

EDUARDO - Eu não quis?... É verdade!

CARLOTINHA - Quando o chamei, ela nos esperava toda trêmula.

EDUARDO - Podia eu saber? Podia conceber semelhante cousa à vista do que se passou! (*Refletindo*) Não; não acredito.

CARLOTINHA - O quê?

EDUARDO - Que Pedro tenha maquinado semelhante coisa.

CARLOTINHA - E eu acredito.

EDUARDO - Vou saber disto! Porém, diga-me! Depois?

CARLOTINHA - Você saiu. Eu esperei muito tempo no seu quarto para ver se voltava. Tardou tanto, que por fim vi-me obrigada a desenganá-la.

EDUARDO - Então, ela voltou...

CARLOTINHA - Com o coração partido...

EDUARDO - E foi dar esse consentimento, que seu pai esperava. A esta hora é noiva de um homem que faz dela um objeto de especulação. (*Passeia*)

### **CENA III**

Os mesmos, PEDRO

PEDRO - Sinhá velha está chamando nhanhã Carlotinha lá na sala.

CARLOTINHA - Para quê?

PEDRO - Para ver moleque de realejo que está passando. (*A meia voz*) Mentira só!

CARLOTINHA - O quê?

PEDRO - Boneco de realejo que está dançando!

CARLOTINHA - Ora, não estou para isso.

PEDRO - Umm!... menina está reinando. Nhanhã não vai?

CARLOTINHA - Que te importa? Chega aqui, quero saber uma cousa.

PEDRO - Que é, nhanhã?

CARLOTINHA - Mano, vamos perguntar-lhe?

EDUARDO - Deixa estar, eu pergunto! (*Afasta-se com ela*) Escuta, queria pedir-te um favor.

CARLOTINHA - Fale, mano; precisa pedir?

EDUARDO - Desejo falar à Henriqueta. Podes fazer com que ela venha passar a noite contigo?

CARLOTINHA - Vou escrever-lhe! Estou quase certa de que ela vem!

EDUARDO - Obrigado!

CENA IV

EDUARDO, PEDRO

EDUARDO - Vem cá!

PEDRO - Senhor!

EDUARDO - Responde-me a verdade.

PEDRO - Pedro não mente nunca.

EDUARDO - Que versos são uns que entregaste a D. Henriqueta, de minha parte?

PEDRO - Foram versos que senhor escreveu...

EDUARDO - Que eu escrevi?

PEDRO - Sim, senhor.

EDUARDO - A Henriqueta?

PEDRO - Não, senhor.

EDUARDO - A quem, então?

PEDRO - À viúva.

EDUARDO - Que viúva?



PEDRO - Essa que mora aqui adiante; mulher rica, do grande tom.

EDUARDO (*rindo*) - Ah! lembro-me! E tu levaste esses versos à Henriqueta?

PEDRO - Levei, sim, senhor.

EDUARDO - Com que fim, Pedro?

PEDRO - Sr. não se zanga, Pedro diz por que fez isso.

EDUARDO - Fala logo de uma vez. Que remédio tenho eu senão rir-me do que me sucede?

PEDRO - Sinhá Henriqueta é pobre; pai anda muito por baixo; senhor casando com ela não arranja nada! Moça gasta muito; todo

o dia vestido novo, camarote no teatro para ver aquela mulher que morre cantando, carro de aluguel na porta, vai passear na Rua do Ouvidor, quer comprar tudo que vê.

EDUARDO - Ora, não sabia que tinha um moralista desta força em casa!

PEDRO - Depois modista, costureira, homem da loja, cabeleireiro, cambista, cocheiro, ourives, tudo mandando a conta e senhor vexado: "Diz que não estou em casa", como faz aquele homem que mora defronte!

EDUARDO - Então foi para que eu não casasse pobre que fizeste tudo isto? Que inventaste o recado que me deste em nome de Henriqueta?...

PEDRO - Pedro tinha arranjado casamento bom; viúva rica, duzentos contos, quatro carros, duas parelhas, sala com tapete. Mas senhor estava enfeitado por sinhá Henriqueta e não queria saber de nada. Precisava trocar; Pedro trocou.

EDUARDO - O que é que trocaste?

PEDRO - Verso feio da viúva para sinhá Henriqueta; verso bonito de sinhá Henriqueta foi para a viúva.

EDUARDO - De maneira que estou com um casamento arranjado com uma correspondência amorosa e poética; e tudo isto graças à tua habilidade?

PEDRO - Negócio está pronto, sim senhor; é só querer. Pedro de vez em quando leva uma flor ou um verso que senhor deixa em cima da mesa. Já perguntou por que V.Mce. não vai visitar ela!

EDUARDO (*rindo-se*) - Eis um corretor de casamentos, que seria um achado precioso para certos indivíduos do meu conhecimento!

Vou tratar de vender-te a algum deles para que possas aproveitar o teu gênio industrioso.

PEDRO - Oh! Não! Pedro quer servir a meu senhor! V.Mce. perdoa; foi para ver senhor rico!

EDUARDO - E que lucras tu com isto! Sou tão pobre que te falte aquilo de que precisas? Não te trato mais como um amigo do que como um escravo?

PEDRO - Oh! Trata muito bem, mas Pedro queria que senhor tivesse muito dinheiro e comprasse carro bem bonito para.

EDUARDO - Para... Dize!

PEDRO - Para Pedro ser cocheiro de senhor!

EDUARDO - Então a razão única de tudo isto é o desejo que tens de ser cocheiro?

PEDRO - Sim, senhor!

EDUARDO (*rindo-se*) - Muito bem! Assim, pouco te importava que eu ficasse mal com uma pessoa que estimava; que me casasse com uma velha ridícula, contanto que governasses dois cavalos em um carro! Tens razão!... E eu ainda devo dar-me por muito feliz, que fosse esse o motivo que te obrigasse a trair a minha confiança.

## **CENA V**

PEDRO, CARLOTINHA

CARLOTINHA - Já escrevi! Ah! Mano não está!... Pedro!...

PEDRO - Nhanhã!

CARLOTINHA - Que fazes tu aí?

PEDRO - Oh! Pedro não está bom hoje, não; senhor está zangado.

CARLOTINHA - Por quê? Por causa de Henriqueta?

PEDRO - Sim. Pedro fez história de negro, enganou senhor. Mas hoje mesmo tudo fica direito.

CARLOTINHA - Que vais tu fazer? Melhor é que estejas sossegado.

PEDRO - Oh! Pedro sabe como há de arranjar este negócio. Nanhã não se lembra, no teatro lírico, uma peça que se representa e que tem homem chamado Sr. Fígaro, que canta assim:

Tra-la-la-la-la-la-la-la-tra!!

*Sono un barbiere di qualità!*

*Fare la barba per carità!...*

CARLOTINHA (*rindo-se*) - Ah! O Barbeiro de Sevilha!

PEDRO - É isso mesmo. Esse barbeiro, Sr. Fígaro, homem fino mesmo, faz tanta coisa que arranja casamento de sinhá Rosinha com nhonhô Lindório. E velho doutor fica chupando no dedo, com aquele frade D. Basílio!

CARLOTINHA - Que queres tu dizer com isto?

PEDRO - Pedro tem manha muita, mais que Sr. Fígaro! Há de arranjar casamento de Sr. moço Eduardo com sinhá Henriqueta. Nanhã não sabe aquela ária que canta sujeito que fala grosso? (*Cantando*) "*La calunnia!*..."

CARLOTINHA - Deixa-te de prosas!

PEDRO - Prosa, não; é verso! Verso italiano que se canta!

CARLOTINHA (*rindo*) - Tu também sabes italiano?

PEDRO - Ora! Quando Sr. moço era estudante e mandava levar ramo de flor à dançarina do teatro, aquela que tem perna de engonço, Pedro falava mesmo como patrício dela: *Un fiore, signorina!*

CARLOTINHA - Ah! Mano mandava flores a dançarinas... (*A meia voz*) E diz que amava a Henriqueta!

PEDRO - Ora, moço pode gostar de três moças ao mesmo tempo. Esse bicho que se chama amor, está nos olhos, nos ouvidos e no coração: moço gosta de mulher bonita só para ver, de mulher de teatro só para ouvir cantar e de mulher de casamento para pensar nela todo o dia!

CARLOTINHA - Não sejas tolo! A gente só deve gostar de uma pessoa! Aposto que o tal Sr. Alfredo é desses!

PEDRO - Qual! Sr. Alfredo é só de nhanhã; mas é preciso responder a ele.

CARLOTINHA - Já não te disse a resposta? Por que não deste?

PEDRO - Homem não gosta dessa resposta de boca, diz que é mentira. Gosta de papelinho para guardar na carteira, lembrando-se do anjinho que escreveu.

CARLOTINHA - Escrever, nunca; não tenho ânimo!...

PEDRO - Pois, olhe, nhanhã tira duas violetas; põe uma nos cabelos, manda outra a ele! Isto de flor!... Hum!... Faz cócegas no coração.

CARLOTINHA - Deste modo... sim... eu podia...

PEDRO - Então vá buscar a flor já! Pedro leva!

CARLOTINHA - Não, não quero!

PEDRO - Eu vou ver!

CARLOTINHA - Não é preciso! Eu tenho!...

PEDRO - Ah! Nhanhã já tem!

CARLOTINHA - Estão aqui. (*No seio*)

PEDRO - Melhor! Dê cá, nhanhã.

CARLOTINHA - Mas olha!... Não!

PEDRO (*tomando*) - Hi!... Sr. Alfredo vai comer esta violeta de beijo só, quando souber que esteve no seio de nhanhã!

CARLOTINHA - Dá-me! Não quero!

## CENA VI

CARLOTINHA, EDUARDO

CARLOTINHA - Meu Deus! Ah! Mano!

EDUARDO - Já soube tudo, uma malignidade de Pedro. É a consequência de abrigarmos em nosso seio esses reptis venenosos, que quando menos esperamos nos mordem no coração! Mas, enfim, ainda se pode reparar. Escreveste a Henriqueta?

CARLOTINHA - Sim; a resposta não deve tardar!

EDUARDO - Tu és um anjo, Carlotinha!

CARLOTINHA - Como se engana, mano!

EDUARDO - Que queres dizer?

CARLOTINHA - Nada! Eu devia lhe contar! Mas...

EDUARDO - Tens alguma coisa a dizer-me? Por que não falas?

CARLOTINHA - Tenho medo!

EDUARDO - De teu irmão! Não tens razão!

CARLOTINHA - Mesmo por ser meu irmão, não gostará...

EDUARDO - Mais um motivo. Um irmão, Carlotinha, é para sua irmã menos do que uma mãe, porém mais do que um pai; tem menos ternura do que uma, e inspira menos respeito do que o outro. Quando Deus o colocou na família a par dessas almas puras e inocentes como a tua, deu-lhe uma missão bem delicada; ordenou-lhe que moderasse para sua irmã a excessiva austeridade de seu pai e a ternura muitas vezes exagerada de sua mãe; ele é homem e moço, conhece o mundo, porém também compreende o coração de uma menina, que é sempre um mito para os velhos já esquecidos de sua mocidade. Portanto, a quem melhor podes contar um segredo do que a mim?

CARLOTINHA - É verdade, suas palavras me decidem. Você é meu irmão, e o chefe da nossa família, desde que perdemos nosso pai. Devo dizer-lhe tudo; tem o direito de repreender-me!

EDUARDO - Cometeste alguma falta?

CARLOTINHA - Creio que sim. Uma falta bem grave!

EDUARDO - Minha irmã... Acaso terás esquecido!...

CARLOTINHA - Oh! Se toma esse ar severo, não terei ânimo de dizer-lhe!

EDUARDO (*com esforço*) - Estou calmo, mana, não vês? Fala!

CARLOTINHA - Sim ! Sim! É que me custa a dizer!... Não faz idéia!

EDUARDO - Vamos! Coragem!

CARLOTINHA - Conhece um moço, que às vezes lhe vem procurar... chama-se Alfredo!...

EDUARDO - Que tem!...

CARLOTINHA - Pois esse moço... ama-me, e...

EDUARDO - E que fizeste?

CARLOTINHA (*atirando-se ao peito de EDUARDO*) - Mandei-lhe uma flor!... Mas uma só!

EDUARDO - Ah! Assim é esta a falta que cometeste? A primeira e a única!

CARLOTINHA - Não!... Devo dizer-lhe tudo! Li esta carta. Tome, ela queima-me o seio.

EDUARDO (*lendo*) - Quem te entregou?

CARLOTINHA - Pedro deitou no meu bolso sem que o percebesse.

EDUARDO - Oh! Eu adivinhava! E respondeste?

CARLOTINHA - Pois a violeta foi a resposta! Não queria dar. Mas lembrei-me que assim como Henriqueta lhe amava, também eu podiaamá-lo!...

EDUARDO - Tens razão, minha irmã. Cometeste uma falta, mas te arrependeste a tempo. Não te envergonhes disto; és moça e inexperiente, a culpa foi minha, e minha só.

CARLOTINHA - Sua, mano! Como?

EDUARDO - Eu te digo: acabas de dar-me uma prova do teu discernimento; o que vou dizer-te será uma lição. Os moços, ainda os mais tímidos como eu, minha irmã, sentem quando entram na vida uma necessidade de gozar desses amores que duram alguns dias e que passam deixando o desgosto n'alma! Eu fui fascinado pela mesma miragem; depois quis esquecer Henriqueta e procurei nos olhares e nos sorrisos das mulheres um bálsamo para o que eu sofria. Ilusão! O amor vivia, e nas minhas extravagâncias o que eu esquecia é que tinha uma irmã inocente confiada à minha guarda. Imprudente eu abrigava no seio de minha família, no meu lar doméstico, a testemunha e o mensageiro de minhas loucuras: alimentava o verme que podia crestar a flor de tua alma. Sim, minha irmã! Tu cometeste uma falta; eu cometi um crime!

CARLOTINHA - Não se acuse, mano; é severo demais para uma coisa que ordinariamente fazem os moços na sua idade!

EDUARDO - Porque não refletem!... Se eles conhecessem o fel que encobrem essas rosas do prazer deixá-las-iam murchar, sem sentir-lhes o perfume! Há certos objetos tão sagrados que não se devem manchar nem mesmo com a sombra de um mau exemplo! A reputação de uma moça é um deles. O homem que tem uma família está obrigado a respeitar em todas as mulheres a inocência de sua irmã, a honra de sua esposa e a virtude de sua mãe. Ninguém deve dar direito a que suas ações justifiquem uma suspeita ou uma calúnia.

CARLOTINHA - Está bom, não vá agora ficar triste e pensativo por isso. Já lhe disse tudo, já lhe dei a carta; prometo-lhe não pensar mais nele. Duvida de mim?

EDUARDO - Não. Agradeço a tua confiança e acredita que saberei usar dela. Já volto.

CARLOTINHA - Que vai fazer?

EDUARDO - Escrever uma carta; ou antes, responder à que recebeste.

CARLOTINHA - Como, Eduardo!

EDUARDO - Logo saberás.

CARLOTINHA - Mas não se zangue com ele; sim?

EDUARDO - Tranqüiliza-te; ele te interessa, é um título para que eu o respeite.

## CENA VII

CARLOTINHA, HENRIQUETA

HENRIQUETA (*fora*) - Carlotinha!...

CARLOTINHA - Henriqueta! - Ah! Eu te esperava!

HENRIQUETA - E tinhas razão... Mas antes de tudo... É verdade?... O que me escreveste?

CARLOTINHA - Sim; ele te ama e te amou sempre! Um engano, uma fatalidade...

HENRIQUETA - Bem cruel!... Eu perdoaria de bom grado à sorte todas as minhas lágrimas, mas não lhe perdôo o fazer-me mulher de outro!

CARLOTINHA - Então, está decidido!

HENRIQUETA - Eu não te disse! Sou sua noiva! Meu pai deu-lhe a sua palavra. Ele me acompanha já com direito de senhor. Por sua causa estive quase não vindo...

CARLOTINHA - Como assim? Ele recusaria...

HENRIQUETA - Não; mas meu pai convidou-o para acompanhar-nos, e eu lembrei-me que Eduardo sofreria tanto vendo-me junto desse homem, que um momento fiquei indecisa!

CARLOTINHA - Por quê? Ele sabe que tu não o amas.

HENRIQUETA - Não importa.

CARLOTINHA - Mas enfim vieste. Fizeste bem!

HENRIQUETA - Não sei se fiz bem. Fui arrastada! Creio que aos pés do altar, se ele me chamasse, eu ainda me voltaria para dizer-lhe, enquanto sou livre, que o amo e que só amarei a ele!

## CENA VIII

Os mesmos, VASCONCELOS, D. MARIA, AZEVEDO



VASCONCELOS - Onde está o nosso Doutor? Não há mais quem o veja.

CARLOTINHA - Subiu ao seu quarto, já volta. VASCONCELOS - Oh! D. Carlotinha! Como está?!... Apresento-lhe meu genro. O Sr. Azevedo. (A AZEVEDO) É a mais íntima amiga de Henriqueta.

AZEVEDO - E eu o mais íntimo amigo de seu irmão! Há, portanto, dois motivos bastante fortes para o meu respeito e consideração.

CARLOTINHA - Muito obrigada! (A HENRIQUETA) Vai-te sentar; estás toda trêmula!

HENRIQUETA (*baixo*) - E ele, por que não vem?

CARLOTINHA - Não tarda! (*Afastam-se*)

VASCONCELOS (*a D. MARIA*) - Parece-me um excelente moço, e estou certo que há de fazer a felicidade de minha filha.

D. MARIA - É o que desejo; tenho muita amizade à sua menina e estimo que seu marido reúna todas as qualidades.

VASCONCELOS - Para mim, se quer que lhe diga a verdade, só lhe noto um pequeno defeito.

D. MARIA - Qual? É jogador?

VASCONCELOS - Não; o jogo já não é um defeito, segundo dizem; tornou-se um divertimento de bom-tom. O que noto em meu genro, e que desejo corrigir-lhe, é o mau costume de falar metade em francês e metade em português, de modo que ninguém o pode entender!

D. MARIA - Ah! Não observei ainda!

VASCONCELOS - É uma mania que eles trazem de Paris e que os torna sofrivelmente ridículos. Mas não se querem convencer!

AZEVEDO - Tem um belo jardim, minha senhora, um verdadeiro *bosquet*. Oh! *c'est charmant!* Não perdôo, porém, a meu amigo Eduardo não ter aproveitado para fazer um *kiosque*. Ficaria magnífico!

VASCONCELOS - Então, entendeu?

D. MARIA - Não, absolutamente nada!

VASCONCELOS - O mesmo me sucede! Tanto que às vezes ainda duvido que realmente ele me tenha pedido a mão de Henriqueta!

D. MARIA - Ora! É demais! (*Sobem*)

AZEVEDO (*a CARLOTINHA*) - Aqui passa V. Ex.a naturalmente as tardes, conversando com as suas flores, em doce e suave *réverie*!

CARLOTINHA - Não tenho o costume de sonhar acordada; isso é bom para as naturezas poéticas.

AZEVEDO - *Les hommes sont poètes; les femmes sont la poésie*, disse um distinto escritor. Oh! Eis a flor clássica da beleza.

CARLOTINHA - A camélia?

AZEVEDO - Sim, a camélia é hoje, em Paris, mais do que uma simples flor; é uma condecoração que a moda, verdadeira soberana, dá à mulher elegante.

CARLOTINHA - Parece-me que uma senhora não precisa de outro distintivo além de suas maneiras e de sua graça natural. Que dizes, Henriqueta?

HENRIQUETA - Tens razão, Carlotinha; não é o enfeite que faz a mulher; é a mulher que faz o enfeite, que lhe dá a expressão e o reflexo de sua beleza.

AZEVEDO - Teorias!... *Fumées d'esprit*... (*A CARLOTINHA*) Mas, minha senhora, disse há pouco que se podia fazer deste jardim um paraíso!

CARLOTINHA - Como? Diga-me; quero executar perfeitamente o seu plano.

AZEVEDO - Com muito gosto. Vou traçar-lhe em miniatura o jardim de minha casa; de nossa casa, D. Henriqueta.

CARLOTINHA (*a HENRIQUETA*) - Deixo-te só! (*Dá o braço a AZEVEDO*)

AZEVEDO - Aqui *un jet d'eau*. À noite é de um efeito maravilhoso! Além de que espalha uma frescura! (*Afastam-se*)

## CENA IX

Os mesmos, HENRIQUETA, EDUARDO, VASCONCELOS. D. MARIA

EDUARDO - D. Henriqueta!

HENRIQUETA - Ah!... Sr. Eduardo!

VASCONCELOS - Como está? Eu não passo bem das minhas enxaquecas!

D. MARIA - É do tempo!

VASCONCELOS - Qual, D. Maria! Moléstia de velho! Onde está ele? (A EDUARDO) Quero apresentar-lhe meu futuro genro.

EDUARDO - Conheço-o; é um dos meus camaradas de colégio!

VASCONCELOS - Ah! Estimo muito. (A D. MARIA) Eu cá não tenho camaradas de colégio; mas tenho os de fogo! Na guerra da Independência...

AZEVEDO (*voltando*) - Acabo de dar um passeio pelos Campos Elíseos!

CARLOTINHA - Na imaginação... É lisonjeiro para mim!

EDUARDO - Boa tarde, Azevedo!

HENRIQUETA (a CARLOTINHA) - Ah! Nunca esperei!

CARLOTINHA - O quê?

HENRIQUETA - Tu me iludiste!

AZEVEDO - Participo-te, meu caro, que tens uma irmã encantadora. Estou realmente fascinado. A sua conversa é uma *gerbe* de graça; uma *fusée* de ditos espirituosos!

EDUARDO - Admira! Pois nunca foi a Paris, nem está habituada a conversar com os moços elegantes!.

AZEVEDO - É realmente *étonnant*!

VASCONCELOS - Ora, meu genro, se o Sr. continua a falar desta maneira, obrigue-me a trazer no bolso daqui em diante um dicionário de Fonseca.

AZEVEDO - Os estrangeiros têm razão! Estamos ainda muito atrasados no Brasil!

D. MARIA - Entremos, é quase noite!

### ATO III

Em casa de EDUARDO. Sala interior.

CENA PRIMEIRA

EDUARDO, HENRIQUETA, CARLOTINHA, AZEVEDO, VASCONCELOS,

D. MARIA, PEDRO, JORGE

*(Toma-se chá. Na mesa do centro, CARLOTINHA e AZEVEDO; à direita, VASCONCELOS e D. MARIA; à esquerda, HENRIQUETA; EDUARDO passeia, JORGE numa banquinha à esquerda. PEDRO serve).*

CARLOTINHA - Ora, Sr. Azevedo! Pois o senhor esteve em Paris e não aprendeu a fazer chá?...

AZEVEDO - Paris, minha senhora, não sabe tomar chá, é o privilégio de Londres.

D. MARIA (*a PEDRO*) - Serve ao Sr. Vasconcelos.

PEDRO (*baixo, a JORGE*) - Eh! Nhonhô! Hoje não fica pão no prato, velho jarreta limpa a bandeja.

VASCONCELOS - Excelentes fatias! É uma coisa que em sua casa sabem preparar!

CARLOTINHA - Mano Eduardo, venha tomar chá.

EDUARDO - Não; depois.

PEDRO (*baixo, a CARLOTINHA*) - Nhanhã está enfeitando o moço!

CARLOTINHA - Henriqueta, não dizes nada! Estás tão calada!

HENRIQUETA - Tu me deixaste sozinha.

CARLOTINHA - Tens razão!... Ora, mano, deixe-se de passear e venha conversar com a gente.

AZEVEDO - É verdade. Em que pensas, Eduardo? Na homeopatia ou nalguma beleza *inconnue*?

EDUARDO - Penso na teoria do casamento que me expuseste esta manhã; estou convertido às tuas idéias.

AZEVEDO - Ah!... D. Carlotinha, não quer que a sirva?

CARLOTINHA (*ergue-se; a EDUARDO*) - Vai-te sentar junto de Henriqueta.

EDUARDO (*baixo*) - Não; se me sento junto dela esqueço tudo. Tu me lembraste há pouco que sou o chefe de uma família.

CARLOTINHA - Não lhe entendo.

EDUARDO - Daqui a pouco entenderás.

D. MARIA - Tens alguma coisa, meu filho?

EDUARDO - Não, minha mãe; espero alguém que tarda.

CARLOTINHA (*a HENRIQUETA*) - Não te zangues!... (*Beija-a na face*)

HENRIQUETA - Não; já estou habituada.

PEDRO (*servindo HENRIQUETA*) - Sr. moço Eduardo gosta muito de sinhá Henriqueta.

HENRIQUETA - Agora é que me dizes isto!

PEDRO - Ele há de casar com sinhá!

AZEVEDO - D. Maria, sabe? Sua filha está zombando desapidadamente de mim.

CARLOTINHA - Não creia, mamãe.

D. MARIA - Decerto; não é possível, Sr. Azevedo.

VASCONCELOS (*a PEDRO*) - Deixa ver isto!

PEDRO (*baixo*) - Sr. Vasconcelos come como impingem!

VASCONCELOS - Hein!... (*D. MARIA senta-se*)

PEDRO - Este pão está muito gostoso!

JORGE - Vem cá, Pedro!

PEDRO (*baixo*) - Guarda, nhonhô! Sinhá velha está só com olho revirado para ver se Pedro mete biscoito no bolso.

CARLOTINHA - Ora, Sr. Azevedo, não gosto de cumprimentos. Todo esse tempo, Henriqueta, o teu noivo não fez outra coisa senão dirigir-me finezas. Previno-te para que não acredites nelas!

HENRIQUETA - Estás tão alegre hoje, Carlotinha.

CARLOTINHA (*baixo*) - Isto quer dizer que estás triste! Tens razão! Fui egoísta. Mas ele te ama.

HENRIQUETA - Tu o dizes!

AZEVEDO (*a EDUARDO*) - Realmente não pensava encontrar no Rio de Janeiro uma moça tão distinta como tua irmã. É uma verdadeira parisiense.

CARLOTINHA - Vamos para a sala! Venha Sr. Azevedo. Mano...

## **CENA II**

VASCONCELOS, PEDRO, D. MARIA, JORGE

VASCONCELOS - É preciso também pensar em casar a Carlotinha, D. Maria; já é tempo!

D. MARIA - Sim, está uma moça, mas, Sr. Vasconcelos, não me preocupo com isto. Há certas mães que desejam ver-se logo livres de suas filhas, e que só tratam de casá-las; eu sou o contrário.

VASCONCELOS - Tem razão; também eu se não estivesse viúvo!... Mas isso de um homem não ter a sua dona de casa, é terrível! Anda tudo às avessas.

D. MARIA - Por isso não; Henriqueta é uma boa menina! Bem educada!...

VASCONCELOS - Sim; é uma moça do tom; porém não serve para aquilo que se chama uma dona de casa! Estas meninas de hoje aprendem muita coisa: francês, italiano, desenho e música, mas não sabem fazer um bom doce de ovos, um biscoito gostoso! Isto era bom para o nosso tempo, D. Maria!

D. MARIA - Eram outros tempos, Sr. Vasconcelos; os usos deviam ser diferentes. Hoje as moças são educadas para a sala; antigamente eram para o interior da casa!

VASCONCELOS - Que é o verdadeiro elemento. Confesso que hoje, que vou ficar só, se ainda encontrasse uma daquelas senhoras do meu tempo, mesmo viúva!...

D. MARIA - Vamos ouvir as meninas tocarem piano!... Cá deve estar mais fresco!

*(Durante as cenas seguintes ouve-se, por momentos, o piano).*

### **CENA III**

PEDRO, JORGE

PEDRO - Hô!... Táboa mesmo na bochecha! Sinhá velha não brinca! Ora, senhor. Homem daquela idade, que não serve para mais nada, querendo casar. Para ter mulher que lhe tome pontos nas meias!

JORGE - Vou me divertir com ele.

PEDRO - Não; sinhá briga. Vá sentar-se lá junto de nhanhã Carlotinha, e ouça o que Sr. Azevedo está dizendo a ela.

JORGE - Para quê?

PEDRO - Para contar a Pedro depois.

JORGE - Eu, não.

PEDRO - Pois Pedro não leva nhonhô para passear na Rua do Ouvidor.

JORGE - Ora, eu já vi!

PEDRO - Mas agora é que está bonita! Tem homem de pau vestido de casaca, com barba no queixo, em pé na porta da loja, e moça rodando como corrupio na vidraça de cabeleireiro.

JORGE - Está bom! Eu vou!

### **CENA IV**

PEDRO, VASCONCELOS, JORGE

VASCONCELOS - Não deixaria por aqui a minha caixa e o meu lenço?

PEDRO (*a JORGE*) - Um dia é capaz também de deixar o nariz!... Vintém é que não esquece nunca! Está grudado dentro do bolso!

JORGE - Lá no sofá, Sr. Vasconcelos!

VASCONCELOS - Ah! Cá está! Acabou-se-me o rapé! Chega aqui, Pedro!

PEDRO (*a JORGE*) - Já vem maçada! (*Alto*) Sr. quer alguma coisa?

VASCONCELOS - Vai num pulo ali em casa, pede a Josefa que me encha esta caixa de rapé, e traze depressa.

PEDRO - Sim, senhor; Pedro vai correndo.

VASCONCELOS - Olha, não te esqueças de dizer-lhe que eu sei a altura em que deixei o pote. Às vezes gosta de tomar a sua pitada à minha custa.

PEDRO - Mas, Sr. Vasconcelos...

VASCONCELOS - O que é? (*JORGE sai*)

PEDRO - Nhonhô dá uns cobres para comprar... uma jaqueta.

VASCONCELOS - Ora que luxo!... Uma jaqueta com este calor?

PEDÚO - É para passear num domingo, dia de procissão!

VASCONCELOS - Pede a teu senhor!

PEDRO - Qual!... Ele não dá!

VASCONCELOS - Bom costume este! Vocês fazem pagar caro o chá que se toma nestas casas! Mas eu não concorro para semelhante abuso!

PEDRO - Ora! dez tostões; moedinha de prata! Chá no hotel custa mais caro!

VASCONCELOS - Sim; vai buscar o rapé e na volta falaremos. (*Batem palmas*)



## CENA V

EDUARDO, ALFREDO

ALFREDO - Boa noite. Ah! Dr. Eduardo...

EDUARDO - Sente-se, Sr. Alfredo; preciso falar-lhe.

ALFREDO - Peço-lhe desculpa de me ter demorado; mas quando levaram o seu bilhete não estava em casa; há pouco é que recebi e imediatamente.

EDUARDO - Obrigado; o que vou dizer-lhe é para mim de grande interesse, e por isso espero que me ouça com atenção.

ALFREDO - Estou às suas ordens.

EDUARDO - Sr. Alfredo, minha irmã me pediu que lhe entregasse esta carta.

ALFREDO - A minha!...

EDUARDO - Sim. Quanto à resposta, é a mim que compete dá-la. É o direito de um irmão, não o contestará, decerto.

ALFREDO - Pode fazer o que entender. (*Ergue-se*)

EDUARDO - Queira sentar-se, senhor, creio que falo a um homem de honra, que não deve envergonhar-se dos seus atos.

ALFREDO - Eu o escuto!

EDUARDO - Não pense que vou dirigir-lhe exprobrações. Todo o homem tem o direito de amar uma mulher; o amor é um sentimento natural e espontâneo, por isso não estranho, ao contrário, estimo, que minha irmã inspirasse uma afeição a uma pessoa cujo caráter aprecio.

ALFREDO - Então não sei para que essa espécie de interrogatório!...

EDUARDO - Interrogatório? Ainda não lhe fiz uma só pergunta, e nem preciso fazer. Tenho unicamente um obséquio a pedir-lhe; e depois nos separaremos amigos ou simples conhecidos.

ALFREDO - Pode falar, Dr. Eduardo. Começo a compreendê-lo; e sinto ter a princípio interpretado mal as suas palavras.

EDUARDO - Ainda bem! Eu sabia que nos havíamos de entender; posso ser franco. Um homem que ama realmente uma moça, Sr. Alfredo, não deve expô-la ao ridículo e aos motejos dos indiferentes; não deve deixar que a sua afeição seja um tema para a malignidade dos vizinhos e dos curiosos.

ALFREDO - uma acusação imerecida. Não dei ainda motivos...

EDUARDO - Estou convencido disso, e é justamente para que não os dê e não siga o exemplo de tantos outros, que tomei a liberdade de escrever-lhe convidando-o a vir aqui esta noite. Quero apresentá-lo à minha família.

ALFREDO - Como? Apesar do que sabe? E do que se passou?

EDUARDO - Mesmo pelo que sei e pelo que se passou. Tenho a este respeito certas idéias, não sou desses homens que entendem que a reputação de uma mulher deve ir até o ponto de não ser amada. Mas é no seio de sua família, ao lado de seu irmão, sob o olhar protetor de sua mãe, que uma moça deve receber o amor puro e casto daquele que ela tiver escolhido.

ALFREDO - Assim, me permite...

EDUARDO - Não permito aquilo que é um direito de todos. Somente lhe lembrarei uma coisa, e para isso não é necessário invocar a amizade. Qualquer alma, ainda a mais indiferente, compreenderá o alcance do que vou dizer.

ALFREDO - Não sei o que quer lembrar-me, doutor; se é, porém, o respeito que me deve merecer sua irmã, é escusado.

EDUARDO - Não; não é isso, nesse ponto confio no seu caráter, e confio sobretudo em minha irmã. O que lhe peço é que, antes de aceitar o oferecimento que lhe fiz, reflita. Se a sua afeição é um capricho passageiro, não há necessidade de vir buscar, no seio da família, a flor modesta que se oculta na sombra e que perfuma com a sua pureza a velhice de uma mãe, e os íntimos gozos da vida doméstica. O senhor é um moço distinto; pode ser recebido em todos os salões. Aí achará os protestos de um amor rapidamente esquecido; aí no delírio da valsa, e no abandono do baile, pode embriagar-se de prazer. E quando um dia sentir-se saciado, suas palavras não terão deixado num coração virgem o germe de uma paixão, que aumentará com o desprezo e o indiferentismo.

ALFREDO - A minha afeição, Dr. Eduardo, é seria e não se parece com esses amores de um dia!

EDUARDO - Bem; é o que desejava ouvir-lhe. (*Vai à porta da sala, e faz um aceno*)

## CENA VI

Os mesmos, CARLOTINHA

EDUARDO - Vem, mana; quero apresentar-te um dos meus amigos.

ALFREDO - Agradeço!... (*a EDUARDO, e a meia voz*)

CARLOTINHA - Mano!... Que quer dizer isto?

EDUARDO - Uma coisa muito simples! Desejo que vejas de perto o homem que te interessa; conhecerás se ele é digno de ti.

CARLOTINHA (*com arrufo*) - Não quero!... Não gosto dele!

EDUARDO - Dir-lhe-ás isto mesmo. Em todo o caso é um amigo de teu irmão! (*a ALFREDO*) Previno-lhe, Sr. Alfredo, que não usamos cerimônias!

ALFREDO Obrigado; quando se está entre amigos a intimidade é a mais respeitosa e a mais bela das etiquetas.

EDUARDO - Muito bem dito! (*PEDRO atravessa a cena, entra na sala com a caixa de rapé, volta, e vem aparecer na porta do lado oposto*)

D. MARIA - Henriqueta te chama, Carlotinha!

CARLOTINHA - Sim, mamãe! (*Sai*)

EDUARDO (*a ALFREDO*) - É minha mãe! (*A D. MARIA*) Um dos meus amigos, o Sr. Alfredo, que vem pela primeira vez a nossa casa e que, espero, continuará a freqüentá-la.

ALFREDO - Terei nisto o maior prazer. Eu estimava já, sem conhecê-la, a sua família.

D. MARIA - Pois venha sempre que queira. Os amigos de Eduardo são aqui recebidos como filhos da casa!

ALFREDO - Não mereço tanto, e a sua bondade, minha senhora, honra-me em extremo.

EDUARDO - Vamos, estão aqui na sala algumas pessoas de nossa amizade, a quem desejo apresentá-lo.

ALFREDO - Com muito gosto.

D. MARIA - Eu já volto!

## **CENA VII**

PEDRO, CARLOTINHA

CARLOTINHA - Pedro, traz copos d'água na sala.

PEDRO - Ho! Nhanhã!... Rato está dentro do queijo!

CARLOTINHA - Não te entendo!

PEDRO - Sr. Alfredo já sentado junto do piano, só alisando o bigodinho!

CARLOTINHA - Que tem isso?

PEDRO - Eh!... Casamento está fervendo! Pedro vai mandar lavar camisa de prega para o dia do banquete.

CARLOTINHA - Não andes dizendo estas coisas!

PEDRO - Ora não faz mal! E Sr. Azevedo? Nhanhã viu! Está caído também, só arrastando a asa!

CARLOTINHA - Pedro!

## **CENA VIII**

D. MARIA, EDUARDO

D. MARIA - Onde vais?

EDUARDO - Vinha mesmo em sua procura, minha mãe.

D. MARIA - Precisas falar-me?

EDUARDO - Quero dizer-lhe uma coisa que lhe interessa. Este moço, Alfredo...

D. MARIA - O teu amigo... que me apresentaste?

EDUARDO - Ama Carlotinha!

D. MARIA - Ah! E ela sabe?

EDUARDO - Sabe e talvez já o ame!

D. MARIA - Não é possível! Tua irmã!...

EDUARDO - Sim, minha mãe; ela o ama, sem compreender ainda o sentimento que começa a revelar-se.

D. MARIA - E esse moço abriu-se contigo e pediu-te a mão de tua irmã?

EDUARDO - Não, minha mãe; eu disse-lhe que sabia a afeição que tinha a Carlotinha, e por isso queria apresentá-lo à minha família.

D. MARIA - E exigiste dele a promessa de casar-se com ela?

EDUARDO - Não; não exigi promessa alguma.

D. MARIA - Foi ele então que a fez espontaneamente?

EDUARDO - Não podia fazer, porque não tratamos de semelhante coisa.

D. MARIA - Mas, meu filho, não te entendo. Tu chamas para o interior da família um homem que faz a corte à tua irmã e nem sequer procuras saber as suas intenções!

EDUARDO - As intenções de um homem, ainda o mais honrado, minha mãe, pertencem ao futuro, que faz delas uma realidade ou uma mentira. Para que obrigar um moço honesto a mentir e faltar à sua palavra?...

D. MARIA - Assim, tu julgas que é inútil pedir ou receber uma promessa?

EDUARDO - Completamente inútil, quando a promessa não constitui uma verdadeira obrigação social e um direito legítimo.

D. MARIA - Não te percebo!

EDUARDO - É preciso conhecer o coração humano, minha mãe, para saber quanto as pequeninas circunstâncias influem sobre os grandes sentimentos. O amor, sobretudo, recebe a impressão de qualquer acidente, ainda o mais imperceptível. O coração que ama de longe, que concentra o seu amor por não poder exprimi-lo, que vive separado pela distância, irrita-se com os obstáculos, e procura vencê-los para aproximar-se. Nessa luta da paixão cega todos os meios são bons: o afeto puro muitas vezes degenera em desejo insensato e recorre a esses ardis de que um homem calmo se envergonharia; corrompe os nossos escravos, introduz a imoralidade no seio das famílias, devassa o interior da nossa casa, que deve ser sagrada como um templo, porque realmente é o templo da felicidade doméstica.

D. MARIA - Nisto tens razão, meu filho! É essa a causa de tantas desgraças que se dão na nossa sociedade e com pessoas bem respeitáveis; mas qual o meio de evitá-las?

EDUARDO - O meio?... É simples; é aquele que acabo de empregar e que V.Mce. estranhou. Tire ao amor os obstáculos que o irritam, a distância que o fascina, a contrariedade que o cega, e ele se tornará calmo e puro como a essência de que dimana. Não há necessidade de recorrer a meios ocultos, quando se pode ver e falar livremente; no meio de uma sala, no seio da intimidade, troca-se uma palavra de afeto, um sorriso, uma doce confiança; mas, acredite-me, minha mãe, não se fazem as promessas e concessões perigosas que só arranca o sentimento da impossibilidade.

D. MARIA - Mas supõe que esse homem, que parece ter na sociedade uma posição honesta, não é digno de tua irmã, e que, portanto, com este meio, proteges uma união desigual?

EDUARDO - Não tenho esse receio. Ninguém conhece melhor o homem que a ama, do que a própria mulher amada; mas para isso é preciso que o veja de perto, sem o falso brilho, sem as cores enganadoras que a imaginação empresta aos objetos desconhecidos e misteriosos. Numa carta apaixonada, numa entrevista alta noite, um desses nossos elegantes do Rio de Janeiro pode parecer-se com um herói de romance aos olhos de uma menina inexperiente; numa sala, conversando, são, quando muito, moços espirituosos ou frívolos. Não há heróis de casaca e luneta, minha mãe; nem cenas de drama sobre o eterno tema do calor que está fazendo.

D. MARIA (*rindo*) - Pensa bem, Eduardo!

EDUARDO - Continue a educar o espírito da sua filha como tem feito até agora; e fique certa que, se Alfredo tivesse uma alma pequena e um mau caráter,

Carlotinha descobriria primeiro, com a segunda vista do amor, do que a senhora com toda a sua solicitude e eu com toda a minha experiência.

D. MARIA - Desculpa, Eduardo. Sou mulher, sou mãe, sei adorar meus filhos, viver para eles, mas não conheço o mundo como tu. Assustei-me vendo que um perigo ameaçava tua irmã; tuas palavras, porém, tranquilizaram-me completamente.

## CENA IX

Os mesmos, CARLOTINHA, AZEVEDO

AZEVEDO - Pode-se fumar nesta sala?

EDUARDO - Por que não? Vou mandar-lhe dar charutos.

CARLOTINHA (*baixo*) - Por que nos deixou, mano? Henriqueta está tão triste!

EDUARDO - Tratava da tua felicidade.

D. MARIA - Acha a nossa casa muito insípida, não é verdade, Sr. Azevedo?

AZEVEDO - Ao contrário, minha senhora, muito agradável; aqui pode-se estar perfeitamente à *son aise*.

EDUARDO (*a PEDRO, na porta*) - Traz charutos.

## CENA X

AZEVEDO, EDUARDO

AZEVEDO - Realmente, Henriqueta perde vista em uma sala; não tem aquele espírito que brilha, aquela graça que seduz, aquela altivez misturada de uma certa *nonchalance*, que distingue a mulher elegante.

EDUARDO (*rindo-se*) - Como! Já estás arrependido?

AZEVEDO - Não; não digo isto! É apenas uma comparação que acabo de fazer. Tua irmã Carlotinha é o contrário.

EDUARDO - Sabes a razão disto?

AZEVEDO - Não...

EDUARDO - É porque já vêes Henriqueta com olhos de marido!

AZEVEDO - Talvez...

## **CENA XI**

AZEVEDO, PEDRO

PEDRO - Charutos, Sr. Azevedo; havanas de primeira qualidade, da casa de Wallerstein!

AZEVEDO - Pelo que vejo já os experimentaste!

PEDRO - Pedro não fuma, não senhor; isto é bom para moço rico, que passeia de tarde, vendo as moças.

AZEVEDO - Então é preciso fumar para ver as moças?

PEDRO - Oh! Moça não gosta de rapaz que toma rapé, não, como esse velho Sr. Vasconcelos, que anda sempre pingando. Velho porco mesmo!...

AZEVEDO - Mas tem uma filha bonita!

PEDRO - Sinhá Henriqueta! Noiva de senhor!...

AZEVEDO - Tu já sabes?...

PEDRO - Ora, já está tudo cheio. Na Rua do Ouvidor não se fala de outra coisa.

AZEVEDO - Ah! Quem espalharia? Apenas participei a alguns amigos...

PEDRO - O velho foi logo dizer a todo o mundo. V.Mce. não sabe por quê?

AZEVEDO - Não; por quê?

PEDRO - Porque... Esse velho deve àquela gente toda da Rua do Ouvidor; filha dele gasta muito, credor não quer mais ouvir história e vai embrulhar o homem em papel selado. Então, para acomodar lojista, foi logo contar que estava para casar a filha com sujeito rico, que há de cair com os cobres!

AZEVEDO - Isso é verdade, moleque?



PEDRO - Caixeiro da loja me contou!

AZEVEDO - Mas é infame... Um tal procedimento!... Especular com a minha boa fé!

PEDRO - Sr. Azevedo, não faz idéia. Esse velho, hi!... Tem feito coisas...

AZEVEDO - Vem cá; diz-me o que sabes, e dou-te u a molhadura.

PEDRO - Pedro diz, sim senhor; mesmo que V.Mce. não dê nada. É um homem que ninguém pode aturar... Fala mal de todo o mundo. Caloteiro como ele só. Rapé que toma é de meia cara. Na venda ninguém lhe dá nem um vintém de manteiga. Quando passa na rua, caixeiro, moleque, tudo zomba dele.

AZEVEDO - Um sogro dessa qualidade!... É uma vergonha! Vejo-me obrigado a ir viver na Europa!...

PEDRO - Pedro já vem!... (*Vai à porta e volta*) Filha dele, sinhá Henriqueta... Mas Sr. Azevedo vai casar com ela!...

AZEVEDO - Que tem isso? Gosto de conhecer as pessoas com quem tenho de viver.

PEDRO - Pois então, Pedro fala; mas não diga a ninguém.

AZEVEDO - Podes ficar descansado!

PEDRO - Sr. Azevedo acha ela bonita?

AZEVEDO - Acho; por isso é que me caso.

PEDRO - Moça muda muito vista na sala!

AZEVEDO - Que queres dizer?

PEDRO - Modista faz milagre!

AZEVEDO - Então ela não é bem feita de corpo?

PEDRO - Corpo?... Não tem! Aquilo tudo que senhor vê é pano só! Vestido vem acolchoado da casa da Bragaldi; algodão aqui, algodão aqui, algodão aqui! Cinturinha faz suar rapariga dela; uma apertada de lá, outra apertada de cá...

AZEVEDO - Não acredito! Estás aí a pregar-me mentiras.

PEDRO - Mentira! Pedro viu com estes olhos. Um dia de baile ela foi tomar respiração, cordão quebrou; e rapariga, bum: lá estirada. Moça ficou desmaiada no sofá; preta deitando água-de-colônia na testa para voltar a si.

AZEVEDO - E tu viste isto?

PEDRO - Vi, sim senhor; Pedro tinha ido levar *bouquet* que nhanhã Carlotinha mandava. Mas depois viu outra coisa... Um!...

AZEVEDO - Que foi? dize; não me ocultes nada.

PEDRO - Água-de-colônia caiu no rosto e desmanchou reboque branco!...

AZEVEDO - Que diabo de história é esta! Reboque branco?

PEDRO - Ora, senhor não sabe; este pó que mulher deita na cara com pincel. Sinhá Henriqueta tem rosto pintadinho, como ovo de peru; para não aparecer, caia com pó de arroz e essa mistura que cabeleireiro vende.

AZEVEDO - Que mulher, meu Deus! Como um homem vive iludido neste mundo! Aquela candura...

PEDRO - Moça bonita é nhanhã Carlotinha! Essa sim! Não tem cá panos, nem pós! Pezinho de menina; cinturinha bem feitinha; não carece apertar! Sapatinho dela parece brinquedo de boneca. Cabelo muito; não precisa de crescente. Não é como a outra!

AZEVEDO - Então, D. Henriqueta tem o pé grande?

PEDRO (*fazendo o gesto*) - Isto só! Palmo e meio!. .. Às vezes nhanhã Carlotinha e as amigas zombam deveras! Mas não pergunte a ela, não'? Sinhá velha fica maçada.

AZEVEDO - Não; não me importo com isto; mas vem cá; dize-me, nhanhã Carlotinha não gosta de moço nenhum?

PEDRO - Qual! Zomba deles todos. Esse rapaz, Sr. Alfredo, anda se engraçando, mas perde seu tempo. Homem sério assim, como Sr. Azevedo, é que agrada a ela.

AZEVEDO - Então pensas que...

PEDRO - Pedro não pensa nada! Viu só quando se tomava chá, risozinho faceiro... segredinho baixo...

AZEVEDO (*desvanecido*) - Não quer dizer nada!... Moças!

## CENA XII

Os mesmos e ALFREDO

ALFREDO (*na porta da sala, a EDUARDO*) - Não se incomode. Boa noite!...

PEDRO (*baixo*) - Então, Sr. Alfredo!...

ALFREDO - Deixa-me.

PEDRO (*baixo*) - Está todo emproado!... Como não precisa mais...

AZEVEDO (*dando fogo a ALFREDO*) - Pedro, amanhã vai à minha casa; tenho uns livros para mandar a Eduardo.

PEDRO - Sim, senhor. A que horas?

AZEVEDO - Depois do almoço.

## CENA XIII

ALFREDO, AZEVEDO

ALFREDO - É raro encontrá-lo agora, Sr. Azevedo. Já não aparece nos bailes, nos teatros.

AZEVEDO - Estou-me habituando à existência monótona da família.

ALFREDO - Monótona?

AZEVEDO - Sim. Um piano que toca, duas ou três moças que falam de modas; alguns velhos que dissertam sobre a carestia dos gêneros alimentícios e a diminuição do peso do pão, eis um verdadeiro tableau de família no Rio de Janeiro. Se fosse pintor faria um primeiro *prix au Conservatoire des Arts*.

ALFREDO - E havia de ser um belo quadro, estou certo; mais belo sem dúvida do que uma cena de salão.

AZEVEDO - Ora, meu caro, no salão tudo é vida; enquanto que aqui, se não fosse essa menina que realmente é espirituosa, D. Carlotinha, que faríamos, senão dormir e abrir a boca?

ALFREDO - É verdade; aqui dorme-se, porém sonha-se com a felicidade; no salão vive-se, mas a vida é uma bem triste realidade. Ao invés de um piano há uma rabeca, as moças não falam de modas, mas falam de bailes; os velhos não dissertam sobre a carestia, mas ocupam-se com a política. Que diz deste quadro, Sr. Azevedo, não acha que também vale a pena de ser desenhado por um hábil artista, para a nossa "Academia de Belas-Artes?"

AZEVEDO - A nossa "Academia de Belas-Artes?" Pois temos isto aqui no Rio?

ALFREDO - Ignorava?

AZEVEDO - Uma caricatura, naturalmente... Não há arte em nosso país.

ALFREDO - A arte existe, Sr. Azevedo, o que não existe é o amor dela.

AZEVEDO - Sim, faltam os artistas.

ALFREDO - Faltam os homens que os compreendam; e sobram aqueles que só acreditam e estimam o que vem do estrangeiro.

AZEVEDO (*com desdém*) Já foi a Paris, Sr. Alfredo?

ALFREDO - Não, senhor; desejo, e ao mesmo tempo receio ir.

AZEVEDO - Por que razão?

ALFREDO - Porque tenho medo de, na volta, desprezar o meu país, ao invés de amar nele o que há de bom e procurar corrigir o que é mau.

AZEVEDO - Pois aconselho-lhe que vá quanto antes! Vamos ver estas senhoras!

ALFREDO - Passe bem.

#### **CENA XIV**

Os mesmos, CARLOTINHA, HENRIQUETA

CARLOTINHA (*a HENRIQUETA*) - Já tão cedo? Que horas são, Sr. Azevedo?

ALFREDO - Nove e meia.

AZEVEDO - Quase dez. Como passa rapidamente o tempo aqui! (*Entra na sala*)

CARLOTINHA - Então! Demora-te mais algum tempo. Sim?

HENRIQUETA (*baixo*) - Para quê?... Ele nem me fala!

ALFREDO - Minhas senhoras! Boa noite, D. Carlotinha.

CARLOTINHA - Adeus, Sr. Alfredo. Mamãe já lhe disse que a nossa casa está sempre aberta para receber os amigos.

ALFREDO Se eu não temesse abusar...

CARLOTINHA (*estendendo-lhe a mão*) - Até amanhã!

ALFREDO - Boa noite! (*Sai*)

## **CENA XV**

CARLOTINHA, HENRIQUETA

CARLOTINHA - Olha, Henriqueta! Tu não tens razão! Eduardo te ama, ele já me disse. Se hoje não tem falado contigo, é porque teu pai... teu noivo... não sei a razão! Mas deixa-te dessas desconfianças.

HENRIQUETA - Entretanto, depois de dois meses, ele devia achar um momento para ao menos dizer-me uma palavra que me desse esperança; porque, Carlotinha, se esse casamento era uma desgraça para mim, agora, que tu dizes que ele me ama, tornou-se um martírio! Não sei o que faça... Quero confessar a meu pai!... E tenho medo!... Já deu sua palavra!...

CARLOTINHA - A tua felicidade vale mais do que todas as palavras do mundo.

HENRIQUETA - Tu não sabes!...

CARLOTINHA - Ah! Aqui está Eduardo!

## **CENA XVI**

As mesmas, EDUARDO.

EDUARDO - Enfim, posso falar-lhe, D. Henriqueta?

CARLOTINHA - Ela já te acusava!

EDUARDO - A mim!

HENRIQUETA - Eu não; disse apenas...

CARLOTINHA - Disse apenas que tu ainda não tinhas achado um momento para dar-lhe uma palavra... de amor!

HENRIQUETA - De amizade! Foi o que eu disse.

EDUARDO - E tem razão; mas quando souber o motivo me desculpará.

HENRIQUETA - Ainda outro motivo!

EDUARDO - Sim; desta vez não é um engano, é um dever.

HENRIQUETA - Ah! uma promessa, talvez...

CARLOTINHA - Que lembrança!...

EDUARDO - Disse um dever; um dever bem grave, mas que tem um rostinho muito risonho; olhe. (*Amimando a face de CARLOTINHA*)

HENRIQUETA - Carlotinha?

CARLOTINHA - Ah! Quer-se desculpar comigo! Pois vou-me embora!

HENRIQUETA (*sorrindo*) - Vem cá!

EDUARDO - Deixe; ficaremos sós.

## **CENA XVII**

EDUARDO, HENRIQUETA

EDUARDO - Henriqueta, me perdoa?

HENRIQUETÂ - Perdoar-lhe!... Eu é que devia ter adivinhado!

EDUARDO - E eu não devia ter compreendido que entre duas almas que se estimam não é preciso um intermediário? O amor que passa pelos estranhos perde a sua pureza... Carlotinha já lhe disse o que aconteceu?...

HENRIQUETA - Sim; ela me contou tudo, mas pareceu-me que me tinha enganado. Duvidei...

EDUARDO - Como?... Duvidou de mim!...

HENRIQUETA - Durante toda esta noite, não é a primeira vez que nos falamos e, entretanto, devíamos ter tanto que dizer-nos... Um tão longo silêncio...

EDUARDO - Não lhe dei já a razão?... Antes do meu amor, a felicidade de minha irmã. É um pequeno segredo que ela lhe contará, se já não lhe contou. Precisava tranquilizar o meu espírito, porque não desejo misturar uma inquietação, um mau pensamento, às primeiras expansões do nosso amor!

HENRIQUETA - Ah! Carlotinha também ama! Ainda não me confiou seu segredo!... Ela ao menos tem um irmão que lê em sua alma; há de ser feliz!...

EDUARDO - E nós, não o seremos?

HENRIQUETA - Quem sabe!

EDUARDO - Este casamento é impossível!

HENRIQUETA - Por quê?

EDUARDO - Porque vou confessar tudo a seu pai, e ele não sacrificará sua filha a uma palavra dada.

HENRIQUETA - E se recusar?

EDUARDO - Então respeitaremos sua vontade.

HENRIQUETA - Sim, ele é pai, mas...

EDUARDO - Mas o amor é soberano; não é isso, Henriqueta?

HENRIQUETA - E não se... vende!

EDUARDO - Que dizes? Compreendo!

HENRIQUETA - Não, Eduardo, não compreenda, não procure compreender! Foi uma idéia louca que me passou pelo espírito; não sei nada!... Uma filha pode acusar seu pai?

EDUARDO - Não; mas pode confiar a um amigo uma queixa de outro amigo.

HENRIQUETA - Pois bem, eu lhe digo. Meu pai deve a esse homem, e julgou que não podia recusar-lhe a minha mão, apesar das minhas instâncias. Lutei um mês inteiro, Eduardo, mas lutei só; e uma mulher é sempre fraca, sobretudo quando se exige dela um sacrifício!

EDUARDO - Tem razão; se lutássemos juntos, talvez...

HENRIQUETA - Oh! Então eu defenderia a nossa felicidade; mas lutar para conservar apenas uma triste esperança!

### **CENA XVIII**

Os mesmos, VASCONCELOS, AZEVEDO, D. MARIA

VASCONCELOS - Vamos, menina! É tarde.

HENRIQUETA - Sim, meu pai. (*A meia voz*) Adeus, Eduardo! Até!...

EDUARDO - Até sempre, Henriqueta!

HENRIQUETA - Carlotinha, meu chapéu?

CARLOTINHA - Toma! Estás mais contentezinha?

HENRIQUETA - Maliciosa!... (*Sobem*)

AZEVEDO - Meu sogro, dispensa-me acompanhá-lo? Um homem não deve andar agarrado à sua *fiancée*. É *mauvais genre*.

HENRIQUETA - Não se incomode. D. Maria, boa noite! Doutor... (*Sobem*)

EDUARDO - Uma palavra, Azevedo.

AZEVEDO - Às tuas ordena.

EDUARDO - Quanto te deve o Sr. Vasconcelos?



AZEVEDO - Uma bagatela! Dez contos de réis!

EDUARDO - Ah!

AZEVEDO - Por que perguntas?

EDUARDO - Porque desejava saber quanto custa uma mulher em primeira mão.

AZEVEDO (*rindo*) - *Vraiment!*

#### **ATO IV**

Em casa de EDUARDO. Sala de visitas.

CENA PRIMEIRA

EDUARDO, HENRIQUETA, CARLOTINHA, PEDRO

(*CARLOTINHA na janela; PEDRO sacudindo os tapetes*).

CARLOTINHA (*baixo, a PEDRO*) - Não passará ainda hoje?

PEDRO - Não sei, nhanhã.

CARLOTINHA - Está doente?... Zangado comigo?... Por quê?

PEDRO - Não se importe mais com ele! Há tanto moço bonito! Sr. Azevedo...  
(*PEDRO vai colocar o tapete e sai*)

#### **CENA II**

EDUARDO, HENRIQUETA, CARLOTINHA

EDUARDO - Quando eu lhe digo que espere, Henriqueta, é porque estou convencido de que há um meio de desfazer esse casamento sem a menor humilhação para seu pai.

HENRIQUETA - E esse meio qual é?

EDUARDO - Não lhe posso dizer; é meu segredo.

HENRIQUETA - Ah! Tem segredos para mim?

EDUARDO - É injusta fazendo-me essa exprobração, Henriqueta. Se não lhe falo francamente, é porque não desejo que partilhe, ainda mesmo em pensamento, os desgostos, as contrariedades que eu há um mês tenho sofrido para conseguir esse meio de que lhe falei.

HENRIQUETA - Mas, Eduardo, uma parte dessas contrariedades me pertence, e por dois títulos; porque se trata de mim, e porque nos... estimamos!

EDUARDO - Porque nos amamos: é verdade! Mas nessa partilha igual que fazem duas almas da sua dor e do seu prazer, há a diferença das forças. À mulher cabe a parte do consolo, ou da ternura; ao homem, a parte da coragem e do trabalho.

HENRIQUETA - Então eu não tenho o direito de fazer também alguma coisa para a nossa felicidade?

EDUARDO - Não disse isto! Faz muito!

HENRIQUETA - Como? Se toma para si tudo e não me quer deixar nem mesmo a metade dos cuidados?

EDUARDO - E quem me dá força para prosseguir e a fé para trabalhar? Não são esses momentos que todos os dias passamos juntos aqui ou em sua casa?

HENRIQUETA - Assim, não me quer dizer qual é essa esperança?

EDUARDO - Não desejo afligi-la com idéias mesquinhas. Os homens inventaram certas coisas, como os algarismos, o dinheiro e o cálculo, que não devem preocupar o espírito das senhoras.

HENRIQUETA - Porque somos nós tão fracas de inteligência?...

EDUARDO - Não é por isso; é porque tiram-lhes o perfume e a poesia.

HENRIQUETA - Isso é muito bonito, mas não me diz o que desejo saber.

EDUARDO - O quê?

HENRIQUETA - O meio por que há de fazer o meu casamento.

EDUARDO - Ainda insiste; pois bem, hoje mesmo lhe direi.

HENRIQUETA - Sim?

EDUARDO - Talvez daqui a uma hora.

CARLOTINHA - Mano, aí entrou uma pessoa, que julgo procurar por você.

EDUARDO - Há de ser naturalmente o negociante que espero.

### **CENA III**

Os mesmos, PEDRO

PEDRO - Está aí o homem que escreveu aquela carta; quer falar ao senhor.

EDUARDO - Manda-o entrar para o meu gabinete.

PEDRO (*baixo, a CARLOTINHA*) - Nhanhã Carlotinha está triste!... Hi!...

EDUARDO - Até logo, Henriqueta. HENRIQUETA - Já! Que vai fazer?

EDUARDO - Concluir um pequeno negócio; ao mesmo tempo realizar um pensamento que me foi inspirado pelo nosso amor.

HENRIQUETA - Como?

EDUARDO - Quero solenizar a nossa felicidade, Henriqueta, exercendo um dos mais belos direitos que tem o homem na nossa sociedade.

HENRIQUETA - Qual?

ÊDUARDO - O direito de dar a liberdade!

HENRIQUETA - Não entendo.

EDUARDO - Dir-lhe-ei tudo logo.

HENRIQUETA - Volte, Sim?

EDUARDO - Demorar-me-ei apenas o tempo de assinar um papel e escrever algumas linhas.

### **CENA IV**

HENRIQUETA, CARLOTINHA

HENRIQUETA - Sabes, Carlotinha, tenho uma queixa de ti.

CARLOTINHA - De mim? Que te fiz eu, má?

HENRIQUETA - Há um mês espero que tu me contes uma coisa, e ainda não me disseste uma palavra.

CARLOTINHA - De quê? Não sei.

HENRIQUETA - Do teu segredo; não te confiei o meu?

CARLOTINHA - Ah! Quem te disse?

HENRIQUETA - Eduardo.

CARLOTINHA - Não acredites, ele estava gracejando.

HENRIQUETA - Não, tu amas, Carlotinha, e nunca me falas dos teus sonhos, de tuas esperanças. Não sou eu mais tua amiga?

CARLOTINHA - Pois duvidas?

HENRIQUETA - Se fosses, não me ocultarias o que sentes.

CARLOTINHA - Não te zangues; eu te contarei tudo, mas custa tanto falar dessas coisas!

HENRIQUETA - Com aqueles que nos compreendem é um prazer bem doce.

CARLOTINHA - Olha, o meu segredo... Porém não sei como hei de começar isto!

HENRIQUETA - Começa pelo nome. Como ele se chama?

CARLOTINHA (*confusa*) - Alfredo.

HENRIQUETA - Este moço que teu mano nos apresentou?

CARLOTINHA - Sim. Todas as manhãs, faça bom ou mau tempo, passa por aqui ao meio-dia; quase nem olha para esta janela, donde eu o espero escondida entre as cortinas, ninguém nos vê, mas nós nos vemos.

HENRIQUETA - Depois?

CARLOTINHA - À noite vem visitar-nos, como tu sabes; todo o tempo conversa com mamãe, ou com mano enquanto tu e eu brincamos no piano. À hora do chá sentamo-nos juntos; ele diz que me viu de manhã, eu respondo que estava distraída e não o vi. Às vezes...

HENRIQUETA - Acaba, não tenhas vergonha. Eu também amo.

CARLOTINHA - Pois sim. Às vezes nossas mãos se encontram sem querer; ele fica pálido, e eu corro toda trêmula para junto de ti. Daí a pouco são dez horas, todos se retiram: então chego à janela e sigo-o com os olhos, até que desaparece no fim da rua.

HENRIQUETA - E é este todo o teu segredo?

CARLOTINHA - Todo.

HENRIQUETA - Parece-se com o meu: ver-se de longe, trocar um olhar, amar em silêncio. Há só uma diferença.

CARLOTINHA - Qual?

HENRIQUETA - Tu és feliz, porque és livre, enquanto eu...

CARLOTINHA - Tu és correspondida, Henriqueta; Mano Eduardo te ama!

HENRIQUETA - E Alfredo, não te ama?

CARLOTINHA - Não sei, tenho medo; há quatro dias que não o vejo. Levo a contar as horas.

HENRIQUETA - Donde procede esta mudança? Fizeste-lhe alguma coisa?

CARLOTINHA - Eu?... Se procuro adivinhar os seus pensamentos!

HENRIQUETA - Entretanto, deve haver um motivo...

CARLOTINHA - Tenho querido me recordar, e só acho este. No domingo veio passar a manhã aqui; eu o deixei um momento para te escrever e voltei logo. Quando chamei Pedro para levar-te a carta; ele levantou-se de repente, despediu-se de mamãe, cumprimentou-me friamente, e desde então não o tenho visto. Ficou zangado comigo por ter saído um momento de junto dele.

HENRIQUETA - Não faças caso, isso passa. Hoje mesmo ele virá arrependido pedir-te perdão. Mas, a propósito da carta que me escreveste domingo, eu trouxe-a mesmo para brigar contigo, travessa! (*Tira a carta*)

CARLOTINHA - Por quê? Pela sobrescrita?

HENRIQUETA - Essa é uma das razões. Para que escreveste "Madame Azevedo?" Não sabes que essa idéia me mortifica?

CARLOTINHA - Desculpa, foi um gracejo.

HENRIQUETA - Além disso, não tinhas outra pessoa por quem mandar a carta, senão ele?

CARLOTINHA - Ele quem? O Azevedo?

HENRIQUETA - Sim; foi ele que me entregou.

CARLOTINHA - Mas não é possível; eu a mandei por Pedro; e recomendei-lhe que não a mostrasse a ninguém, mesmo por causa da sobrescrita!...

HENRIQUETA - Não compreendo, então, como foi parar nas mãos desse homem. Tive um desgosto... e um medo!... Tu falavas de Eduardo!

CARLOTINHA - Espera, vou perguntar a Pedro que quer dizer isto! (*Na porta*) Pedro!...

HENRIQUETA - Deixa, não vale a pena. CARLOTINHA - Não, é muito mal feito.

## **CENA V**

Os mesmos e PEDRO

PEDRO - Nhanhã chamou?

CARLOTINHA - Quero saber como é que a carta que eu lhe dei para Henriqueta foi parar em mão do Sr. Azevedo.

PEDRO - Ele me encontrou na rua, e tomou para entregar.

CARLOTINHA - Não te disse que não queria que ninguém visse a sobrescrita?

PEDRO - Ele é noivo de sinhá Henriqueta: não faz mal.

HENRIQUETA - Está bom; não pensemos mais nisto.

CARLOTINHA - Não quero que outra vez suceda o mesmo. (A PEDRO)  
Entendeste?

PEDRO - Sim, Nhanhã. Pedro sabe o que faz! (*Batem palmas*)

CARLOTINHA - Que quer dizer?

## CENA VI

HENRIQUETA, CARLOTINHA, AZEVEDO, PEDRO, no fundo

HENRIQUETA, - Há de ser ele.

CARLOTINHA - Alfredo! Ah! Se fosse...

HENRIQUETA Queres apostar?

CARLOTINHA - Ora, é o Azevedo. Eu logo vi!

AZEVEDO - Como passou, D. Carlotinha? D. Henriqueta?

CARLOTINHA - O senhor parece que adivinha, Sr. Azevedo?

AZEVEDO - Por quê?! Por encontrá-la hoje tão bela? Está realmente *éblouissante!*

CARLOTINHA - Faça-se de esquerdo! A minha beleza serve de pretexto para elogiar a de Henriqueta!

AZEVEDO - A senhora quer dizer o contrário... CARLOTINHA - Quer dizer que o senhor adivinhou quem estava aqui hoje.

AZEVEDO - Quem?... Não vejo ninguém. CARLOTINHA - Nem a sua noiva? Era esta palavra que o senhor queria ouvir!

AZEVEDO - Sim, era esta palavra que eu desejava ouvir dos seus lábios.

CARLOTINHA (*baixo, a HENRIQUETA*) - Que fátuo! (*Alto*) Vem, Henriqueta; vamos chamar mamãe para falar ao Sr. Azevedo.

AZEVEDO - Então, deixa-me só?

HENRIQUETA - Oh! Um homem como o senhor pode ficar só? Paris inteiro lhe fará companhia!

CARLOTINHA - Suponha que está no *Boulevard* dos Italianos.

AZEVEDO - Não. Mas conversarei com esta flor; ela me dirá em perfumes, o que os lábios que a bafejaram recusaram dizer em palavras.

CARLOTINHA - Como está poético! Aquilo é contigo, Henriqueta.

HENRIQUETA - Comigo, não! É com quem lhe mandou a violeta! Vamos! Pois, Sr. Azevedo, nós o deixamos no seu colóquio amoroso.

## CENA VII

AZEVEDO, PEDRO

AZEVEDO - Foge-me!...

PEDRO - Como vai paixão por nhanhã Carlotinha, Sr. Azevedo? Flor já está na dança!

AZEVEDO - Queria mesmo te falar a este respeito! Não entendo tua senhora. Tu dizes que ela gosta de mim *et pourtant...*

PEDRO - *Parlez-vous français, monsieur?*

AZEVEDO - Ela faz que não me compreende! Trata-me com indiferença.

PEDRO - Pudera não! O senhor vai se casar.

AZEVEDO - Ah! Tu pensas que é esta a razão!

PEDRO - Nhanhã mesmo me disse! Moça solteira não pode receber corte de homem que é noivo de outra mulher! É feio, e faz cócega dentro de coração; cócega que se chama ciúme!

AZEVEDO - Então é o meu casamento que impede!... E nem me lembrava de semelhante coisa! Com efeito, Henriqueta é sua amiga; ela julga talvez que a amo.



PEDRO - Mas isto não quer dizer nada. Ela gosta de V.Mce., gosta muito! Ontem, quando mandou essa violeta que o senhor tem na casaca, beijou primeiro.

AZEVEDO - E foi ela mesmo quem se lembrou de mandar-me?

PEDRO - Ela mesma, sem que eu pedisse nada!

AZEVEDO - Bem; eu sei o que me resta a fazer.

PEDRO - Já vai? Não espera por sinhá velha?

AZEVEDO - Não, eu já volto. E, preciso tomar uma resolução: *il le faut!*

PEDRO - Monsieur está pensando!

AZEVEDO - Diz a D. Carlotinha... Não, não lhe digas nada! Eu quero ser o primeiro a anunciar-lhe.

### **CENA VIII**

PEDRO, JORGE

PEDRO - Oh! Já voltou do colégio? Agora mesmo deu meio-dia.

JORGE - Tive licença para sair mais cedo.

PEDRO - Nhonhô já sabe novidade?

JORGE - Que novidade?

PEDRO - Novidade grande! Sr. moço Eduardo vai casar com nhanhã Henriqueta!

JORGE - Ah!... E o noivo dela?

PEDRO - Sr. Azevedo? Casa com nhanhã Carlotinha.

JORGE - Mana?... E Sr. Alfredo?

PEDRO - Fica logrado. Para rematar a festa, velho Vasconcelos casa com sinhá velha.

JORGE - É mentira!

PEDRO - Há de ver!

JORGE - Então tudo se casa?

PEDRO - Tudo, tudo. Nhonhô também carece ver uma meninazinha bonita... Mas V.Mce. ainda não sabe namorar!...

JORGE - Eu não!

PEDRO - Pois precisa aprender, que já está franguinho. Pedro ensina.

JORGE - E tu sabes?

PEDRO (*rindo-se*) - Ora!... Nhonhô pede dinheiro a mamãe e compra luneta.

JORGE - Para quê?

PEDRO - Sem isto não se namora. Quando nhonhô tiver luneta, prende no canto do olho, e deita para a moça. Ela começa logo a se remexer e a ficar cor de pimentinha malagueta. Então rapaz fino volta as costas, assim como quem não faz caso; e moça só espiando ele. Dai a pouco, fogo, luneta segunda vez; ela volta a cara para o outro lado, mas está vendo tudo! Nhonhô deixa passar um momento, fogo, luneta terceira vez; ai moça não resiste mais, cai por força, com o olho requebrado só, namoro está ferrado. Rapaz torce o bigodinho... Mas V. Mce. não tem bigode!...

JORGE - Olha! Não tarda nascer!

PEDRO - Qual! Está liso como um frasco!

JORGE (*ouvindo entrar*) - Quem é?

PEDRO - Velho tabaquista!

JORGE - Que vai casar com mamãe.

PEDRO - Psiu! Não diga nada, não!

## **CENA IX**

PEDRO, VASCONCELOS, JORGE

VASCONCELOS - Onde está esta gente! Henriqueta fica para jantar?

PEDRO - Sim, senhor; Nhanhã Carlotinha não quer deixar ela ir.

JORGE (*saindo*) - Eu vou chamá-la!

VASCONCELOS - Não precisa. (*A PEDRO*) Dize-lhe que à tarde virei buscá-la.

PEDRO - V.Mce. vai para casa?

VASCONCELOS - Não; por que perguntas?

PEDRO - Porque Sr. Azevedo saiu daqui agora mesmo para ir falar a V.Mce.

VASCONCELOS - Sobre quê? Alguma coisa de novo?

PEDRO - Negócio importante. Pedro não sabe; mas ele parecia zangado.

VASCONCELOS - Ora, que me importam as suas zangas.

PEDRO - Senhor não deve mesmo se importar; esse Sr. Azevedo tem uma língua... Sabe o que ele disse?

VASCONCELOS - Não quero saber.

PEDRO - Disse a Sr. moço Eduardo, a casa estava cheia de gente, disse que Sr. Vasconcelos é um... nome muito ruim!

VASCONCELOS - Um que, moleque?

PEDRO - Um pinga!

VASCONCELOS - Hein!... Não é possível!

PEDRO - Ora! Aquele moço não tem respeito a senhor velho. (*Faz uma careta*)

VASCONCELOS - Pois hei de ensinar-lhe a ter.

PEDRO - Precisa mesmo, para não andar enchendo a boca de que comprou filha de senhor com seu dinheiro dele.

VASCONCELOS - Comprou minha filha! Ah, miserável! (*Batem palmas*)

PEDRO - Pode entrar.

## **CENA X**

Os mesmos e ALFREDO

PEDRO (*a ALFREDO*) - V.Mce. espere, vou chamar Sr. moço Eduardo.

ALFREDO - Sim, diga-lhe que desejo falar-lhe com instância.

VASCONCELOS (*a PEDRO*) - Há muito tempo que ele saiu?

PEDRO - Sr. Azevedo?... Agora mesmo.

VASCONCELOS - Vou à sua procura. Preciso de uma explicação.

## **CENA XI**

PEDRO, ALFREDO

PEDRO - O velho vai deitando azeite às canadas! Noivo da filha virou de rumo e agora só quer casar com nhanhã Carlotinha.

ALFREDO - Oh! Ele pode desejar todas as mulheres, é rico!

PEDRO - Não sei também; essas moças... têm cabecinha de vento; um dia gostam de um, outro dia gostam de outro. Nhanhã, que esperava todo o dia para ver Sr. Alfredo passar, nem se lembra mais; escreveu aquela carta a Sr. Azevedo!

ALFREDO - Se não fosse essa carta, eu ainda duvidava!...

PEDRO - V.Mce. bem viu, no domingo, ela me dar à sua vista, e eu entregar na rua a ele, a Sr. Azevedo.

ALFREDO - Sim; e foi preciso ver seu nome escrito!... Quem diria que tanta inocência e tanta timidez eram o disfarce de uma alma perversa! Meu Deus! Onde se encontrará nestes tempos a inocência, se no seio de uma família honesta ela murcha e não vingará!

PEDRO - Ora, Sr. Alfredo, tem tanta moça bonita! Pode escolher!

ALFREDO - Vai prevenir a Eduardo!

## CENA XII

Os mesmos, CARLOTINHA, HENRIQUETA

CARLOTINHA - Ah! Ele está aí!...

HENRIQUETA - Não te disse? Já volto.

CARLOTINHA - Queres deixar-me só com ele! Não, eu te peço.

PEDRO (*a ALFREDO*) - Nhanhã! Como ela está alegre!

ALFREDO - É por ele! (*Cumprimenta*)

CARLOTINHA (*a HENRIQUETA*) - Nem me fala! Que ar sério!

HENRIQUETA - É, talvez, por minha causa.

CARLOTINHA - Não, fica.

PEDRO (*a CARLOTINHA*) - Agora é que nhanhã deve ensiná-lo; e não fazer caso dele! (*Sai*)

CARLOTINHA (*a HENRIQUETA*) - Nem me olha!

HENRIQUETA - Com efeito, ele tem alguma coisa que o mortifica.

CARLOTINHA - Se eu lhe falasse!...

HENRIQUETA - É verdade, dize-lhe uma palavra.

CARLOTINHA - Oh! Não tenho ânimo!

HENRIQUETA (*a CARLOTINHA*) - Espera, com ele eu sou mais animosa do que tu. Vou falar-lhe.

CARLOTINHA - Mas não lhe digas nada a meu respeito.

HENRIQUETA - Não. Então, Sr. Alfredo, tem ido estas noites ao teatro?

ALFREDO - É verdade, minha senhora, para distrair-me.

CARLOTINHA (*a HENRIQUETA*) - Distrair-se... De pensar em mim!

HENRIQUETA - O teatro é mais divertido do que as nossas noites, aqui em casa de Carlotinha ou na minha. Não é verdade?

ALFREDO - Não, minha senhora, mas no teatro se está no meio de indiferentes, e, portanto, não há receio de que se incomode com a sua presença àquelas pessoas que se estima.

CARLOTINHA (*a HENRIQUETA*) - Com que ar diz ele isto! Tu compreendes?

HENRIQUETA - Mas, Sr. Alfredo, me parece que isto não se refere a nós, que nunca demos demonstrações...

ALFREDO - A senhora, não, D. Henriqueta.

CARLOTINHA - É a mim, então... (*Silêncio de ALFREDO*)

HENRIQUETA - Mas explique-se, Sr. Alfredo; eu creio que há nisto algum equívoco.

ALFREDO - Há certas coisas que se sentem, D. Henriqueta, mas que não se dizem. Quando nos habituamos a venerar um objeto por muito tempo podemos odiá-lo um dia, porém o respeitamos sempre!

CARLOTINHA - Mas ninguém tem direito de condenar sem ouvir aqueles a quem acusa.

HENRIQUETA - Decerto; muitas vezes uma palavra mal interpretada...

EDUARDO - Tem certeza disso?

ALFREDO - Tenho convicção profunda.

EDUARDO - Pode ser uma convicção falsa.

ALFREDO - Não me obrigue a apresentar-lhe as provas.

EDUARDO - São essas provas que eu peço! Tenho direito a elas...

ALFREDO - Por quê? Não ofendem o caráter de D. Carlotinha.

EDUARDO - Mas revelam seus sentimentos, que eu devo conhecer como seu irmão.

## CENA XIV

Os mesmos, CARLOTINHA, HENRIQUETA

CARLOTINHA - E que eu exijo que se patenteiem, porque não me envergonham, Eduardo!

EDUARDO - Tu nos ouvias, Carlotinha!

CARLOTINHA - Sim, mano. Tratava-se de mim; fiz mal?

EDUARDO - Não, minha irmã, eu mesmo te chamaria se não quisesse poupar-te um pequeno desgosto. Mas já que aqui estás, fica. Alfredo parece que tem algumas queixas de nós; julgarás se ele é injusto.

HENRIQUETA (*à meia voz, a EDUARDO*) - Ele está iludido! Carlotinha o ama!

EDUARDO - Eu sabia! (*Continuam a conversar*)

CARLOTINHA - O Sr. Alfredo diz que tem provas de que amo outro homem... Reclamo essas provas.

ALFREDO - Não é possível, D. Carlotinha! Na minha boca seriam uma exprobração ridícula e ofensiva. Guardo-as comigo e respeito os sentimentos que não soube inspirar.

CARLOTINHA - O senhor não mas quer dar?... Pois bem, serei eu que provarei o contrário!... Eis a prova... (*Estendendo-lhe a mão*)

ALFREDO - Ah!... (*Tomando a mão*) Mas essa mão não pode ser minha!

CARLOTINHA - Por quê?

ALFREDO - Porque escreveu a outro e lhe pertence!

CARLOTINHA - Meu Deus! Mano, Henriqueta!...

EDUARDO - Que tens?

CARLOTINHA - Ele diz que eu amo a outro, que lhe escrevi!... Quando a ele...

ALFREDO - Não devia dizê-lo; mas foi o amor ofendido, e não a razão, que falou.

EDUARDO - Sei que é incapaz de tornar-se eco de uma calúnia; para dizer o que acabo de ouvir é preciso que tenha certeza do que afirma. A quem escreveu minha irmã, Alfredo?

ALFREDO - Perdão!... Não devo!

EDUARDO - Exijo!...

ALFREDO - Ao Sr. Azevedo!

HENRIQUETA - E impossível!

CARLOTINHA - Ele acredita!

EDUARDO - O senhor viu essa carta?

ALFREDO - Vi essa carta sair da mão que a escreveu e ser entregue àquele a quem era destinada! (*Rumor de passos*)

EDUARDO - Silêncio senhor!

## **CENA XV**

Os mesmos, AZEVEDO

AZEVEDO (*a EDUARDO*) - *Cher ami!* (*A meia voz*) Acabo de ter uma cena bastante animada, *échauffante* mesmo!

EDUARDO - Por que motivo?

AZEVEDO - Eu lhe digo. (*Afastam-se*) Rompi o meu casamento com Henriqueta; e acabo de participá-lo ao Sr. Vasconcelos.

EDUARDO - Ah!... E que razão teve para proceder assim?

AZEVEDO - Muitas; seria longo enumerá-las. Aquele velho é um miserável e sua filha uma namoradeira!...

EDUARDO - Sr. Azevedo, esquece que fala de amigos de nossa casa.

AZEVEDO - Perdão, mas não podia deixar que esses dois especuladores abusassem por mais tempo da minha boa fé.



EDUARDO - Se continua desta maneira, sou obrigado a pedir-lhe que se cale.

AZVEDO - Bom; não me leve a mal este desabafo. O fato é que o casamento está completamente desfeito, e que eu posso dizer como Francisco I: - *Tout est perdu, hors l'honneur.*

EDUARDO - E a dívida de dez contos?

AZEVEDO - Ele a pagará; não lhe deixarei um momento de sossego! Permita que cumprimente sua irmã.

ALFREDO - Não devo ficar, Eduardo, sinto que não terei é sangue frio necessário para dominar-me.

EDUARDO - Espere, meu amigo.

CARLOTINHA - Sim, eu lhe peço, fique.

ALFREDO - Para quê? Para ser testemunha...

CARLOTINHA - Para ser testemunha de minha inocência!

HENRIQUETA - Que vais fazer?

CARLOTINHA - Apelar para a consciência de um homem que eu julgo honesto.

EDUARDO - Minha irmã! Deixa-me esse penoso dever! Tu és uma moça...

CARLOTINHA - Não, Eduardo, para ele eu sou criminosa. É justo que me defenda.

AZEVEDO - Estou completamente *embêté!*

CARLOTINHA - Sr. Azevedo, peço-lhe que declare se algum dia recebeu uma carta minha!

AZEVEDO - *Comment!*... Uma carta sua!... Nunca!...

ALFREDO (*a meia voz*) - O senhor mente!

CARLOTINHA (*a HENRIQUETA*) - Ainda duvida!

AZEVEDO (*a EDUARDO*) - Não estou na casa de um amigo?

EDUARDO - Sim; e o insulto é feito a mim!

ALFREDO - Perdão, Eduardo! Não sei o que faço, o meu espírito se perde!

AZEVEDO - Falta-lhe o *savoir vivre*!

CARLOTINHA - Assim o senhor dá sua palavra de honra! Não recebeu essa carta?...

AZEVEDO - Se eu a tivesse recebido, há muito teria vindo apresentar-lhe o pedido respeitoso de um amor profundo; e não esperaria por esse momento.

CARLOTINHA O senhor ama-me então?

AZEVEDO - É verdade!

CARLOTINHA - Pois eu... eu o desprezo!

AZEVEDO - Ah!

EDUARDO - Minha irmã!...

AZEVEDO - O desprezo é o direito das senhoras e dos soberanos.

HENRIQUETA - Mas, então, eu sou livre? A minha promessa...

AZEVEDO - Já foi restituída a seu pai!

HENRIQUETA - Obrigada, meu Deus!

## **CENA XVI**

Os mesmos, D. MARIA

D. MARIA - Que se passa aqui, senhores?

EDUARDO - Ah! Minha mãe! A nossa casa está sendo o teatro de uma cena bem triste!

D. MARIA - Mas por quê? Aconteceu alguma coisa? Carlotinha, que tens?

CARLOTINHA - Nada, mamãe.

D. MARIA - Todos tão frios, tão reservados!... Que quer dizer isto, Eduardo?

## **CENA XVII**

Os mesmos, VASCONCELOS, PEDRO

PEDRO - Barulho grande, Sr. Vasconcelos!

VÁSCONCELOS - Deixe-me! Estou furioso!

HENRIQUETA - Meu pai, é verdade?

D. MARIA - O senhor está tão perturbado!

VASCONCELOS - Se a senhora soubesse o que acabo de ouvir! Os maiores insultos!

AZEVEDO - Verdades bem duras, mas não insultos, senhor! Não é meu costume.

VASCONCELOS - Ah! O senhor está aqui?

EDUARDO - Sr. Vasconcelos!...

VASCONCELOS - Oh! Não faz. idéia do que este homem disse de mim. E se fosse só de mim! Caluniou, injuriou atrozmente a minha filha!...

EDUARDO - Como, Sr. Azevedo?

AZEVEDO - Pergunte-lhe o que ouvi dele!

PEDRO (*a ALFREDO*) - Intriga está fervendo só! Hoje sim! Acaba-se tudo!

VASCONCELOS - E o que me dói, ainda mais, D. Maria, é que todas essas injúrias de que o senhor se fez eco, saem de sua casa!

PEDRO (*a CARLOTINHA*) - Mentira!

EDUARDO - De nossa casa, Sr. Vasconcelos?

HENRIQUETA'- Eu não creio, meu amigo.

VASCONCELOS - Tu não crês, porque não as ouviste, minha filha; senão havias de ver que só amigos fingidos pediam servir-se da intimidade para, à sombra dela, urdirem semelhantes calúnias!

D. MARIA - Nunca pensei, meu Deus, passar por semelhante vergonha!...

EDUARDO - E eu, minha mãe, eu que sou responsável por todos esses escândalos!

AZEVEDO - *C'est ennuyeux, ça!*

VASCONCELOS - Vamos, minha filha, deixemos para sempre esta casa onde nunca devíamos ter entrado!

HENRIQUETA - Eduardo!...

EDUARDO - Adeus, Henriqueta!

HENRIQUETA - Carlotinha!...

CARLOTINHA - Ama-me! Tu ao menos não Me farás chorar!

ALFREDO - Sou eu que a faço chorar, D. Carlotinha?

VASCONCELOS - Vem, vem, Henriqueta! Não estamos bem neste lugar!

ALFREDO - É verdade, sofre-se muito aqui.

AZEVEDO - Com efeito, *li fait chaud*.

EDUARDO - A honra e a felicidade! Tudo perdido!

D. MARIA (*chorando*) - E tua mãe, meu filho!

PEDRO - E Pedro, senhor!

VASCONCELOS - Oh! Está quem podia confirmar o que eu disse.

AZEVEDO - Justamente!

EDUARDO - Ah!... Escutem-me, senhores; depois me julgarão.. É a nossa sociedade brasileira a causa única de tudo quanto se acaba de passar.

ALFREDO - Como?

VASCONCELOS - Que quer dizer?

AZEVEDO - Tem razão, começo a entender!

EDUARDO - Os antigos acreditavam que toda a casa era habitada por um demônio familiar, do qual dependia o sossego e a tranqüilidade das pessoas que nela viviam. Nós, os brasileiros, realizamos infelizmente esta crença; temos no nosso lar doméstico esse demônio familiar. Quantas vezes não partilha conosco as carícias de nossas mães, os folguedos de nossos irmãos e uma parte das atenções da família! Mas vem um dia, como hoje, em que ele na sua ignorância ou na sua malícia, perturba a paz doméstica; e faz do amor, da amizade, da reputação, de todos esses objetos santos, um jogo de criança. Este demônio familiar de nossas casas, que todos conhecemos, ei-lo.

AZEVEDO - É uma grande verdade.

VASCONCELOS - Tem toda a razão; a ele é que ouvi!

ALFREDO - Sim, não há dúvida.

CARLOTINHA - Eu adivinhava!...

D. MARIA - Como? Foste tu?

PEDRO - Pedro confessa, sim senhora.

D. MARIA - Mas para quê?...

PEDRO - Para desmanchar o casamento de Sr. Azevedo.

AZEVEDO - Que tal!

VASCONCELOS - E para isso inventaste tudo o que me disseste?

PEDRO - E o que disse a Sr. Azevedo. Nanhá Carlotinha nunca se importou com ele.

AZEVEDO - Assim, a flor?...

PEDRO - Mentira tudo.

ALFREDO E a carta?

PEDRO - Nhanhá mandava a sinhá Henriqueta.

HENRIQUETA - Então é esta!

ALFREDO - Mas a sobrescrita?

HENRIQUETA - Uma brincadeira!

ALFREDO - Perdão, D. Carlotinha!

CARLOTINHA - Não! O que eu sofri!...

EDUARDO - Por que, minha irmã? Todos devemos perdoar-nos mutuamente; todos somos culpados por havermos acreditado ou consentido no fato primeiro, que é a causa de tudo isto. O único inocente é aquele que não tem imputação, e que fez apenas uma travessura de criança, levado pelo instinto da amizade. Eu o corrijo, fazendo do autômato um homem; restituo-o à sociedade, porém expulso-o do seio de minha família e fecho-lhe para sempre a porta de minha casa. (*A PEDRO*) Toma: é a tua carta de liberdade, ela será a tua punição de hoje em diante, porque as tuas faltas recairão unicamente sobre ti; porque a moral e a lei te pedirão uma conta severa de tuas ações. Livre, sentirás a necessidade do trabalho honesto e apreciarás os nobres sentimentos que hoje não compreendes. (*PEDRO beija-lhe a mão*)

D. MARIA - Muito bem, meu filho! Adivinhaste o meu pensamento!

AZEVEDO - Mas agora, por simples curiosidade, diz-me, *gamin*, que interesse tinhas em desfazer o meu casamento?

PEDRO - Sr. moço Eduardo gosta de sinhá Henriqueta!

AZEVEDO - Ah!... bah!...

EDUARDO - Sim, meu amigo. Eu amo Henriqueta e para mim esse casamento seria uma desgraça; para o senhor era uma pequena questão de gosto e para seu pai um compromisso de honra. Hoje mesmo pretendia solver essa obrigação. Aqui está uma ordem sobre o Souto; o Sr. Vasconcelos nada lhe deve.

VASCONCELOS - Como? Fico então seu devedor?

EDUARDO - Essa dívida é o dote de sua filha.

HENRIQUETA - Oh! Que nobre coração!

EDUARDO - Quem mo deu?

HENRIQUETA - Sou eu que sinto orgulho em lhe pertencer, Eduardo.

D. MARIA - Mas, meu filho, dispões assim da tua pequena fortuna. O que te resta?

EDUARDO - Minha mãe, uma esposa e uma irmã. A pobreza, o trabalho e a felicidade.

ALFREDO - Esqueceu um irmão, Eduardo.

EDUARDO - Tem razão!

AZEVEDO - E um amigo *quand môme*!

EDUARDO - Obrigado!

VASCONCELOS - A vista disto, D. Maria, vou tratar de pôr a Josefa nos cobres!

AZEVEDO - Decididamente volto a Paris, meus senhores!

PEDRO - Pedro vai ser cocheiro em casa de Major!

EDUARDO - E agora, meus amigos, façamos votos para que o demônio familiar das nossas casas desapareça um dia, deixando o nosso lar doméstico protegido por Deus e por esses anjos tutelares que, sob as formas de mães, de esposas e de irmãs, velarão sobre a felicidade de nossos filhos!...

**FIM**

# O QUE É O CASAMENTO?

COMÉDIA EM QUATRO ATOS

(1861)

## PERSONAGENS

AUGUSTO MIRANDA, 36 anos

HENRIQUE, 21 anos, sobrinho de MIRANDA

SALES, 25 anos

SIQUEIRA, 50 anos, sogro de MIRANDA

ALVES, 33 anos, negociante

JOAQUIM, 45 anos, preto escravo

ISABEL, 23 anos, mulher de MIRANDA

CLARINHA, 17 anos, prima de ISABEL

RITA, 38 anos, parda escrava

IAIÁ, 3 anos

A cena é no Rio de Janeiro e Petrópolis, de 1859 a 1860.

## ATO PRIMEIRO

Em casa de MIRANDA - Sala de visitas.

## CENA PRIMEIRA

MIRANDA e ALVES

*(ALVES entrega o cartão a JOAQUIM e espera)*

MIRANDA - Lendo o teu nome, duvidei que estivéssemos em outubro.

ALVES - Como passas? Por quê?...

MIRANDA - Não é só pelo Natal que temos o prazer de ver de ano em ano o teu cartão de visitas?... Quanto à tua pessoa, essa apenas de passagem em alguma reunião.

ALVES - Tens razão! Mas acredita que sou o mesmo.

MIRANDA - Devias dar-me ocasiões de verificá-lo. Dois velhos amigos como nós sentem de tempos a tempos necessidade de conversar.



ALVES - Que queres?... A fortuna teve inveja de nos ver tão unidos, e separou-nos. Estás brilhando na política.

MIRANDA - E tu enriquecendo no comércio.

ALVES - Estás casado.

MIRANDA - Por que não fazes o mesmo? É tempo.

ALVES - Confesso-te que já me sinto gasto para esta vida de celibatário. Às vezes nem sei o que fazer de minha liberdade. Mas quando me lembro do casamento, só a idéia me assusta.

MIRANDA - Pouco a pouco te irás habituando a ela, e um belo dia, quando menos pensares, estarás casado.

ALVES - Duvido. Fazer a felicidade de duas criaturas de gênios, de ocupações, de idades diversas é um problema social que na minha opinião ainda não foi resolvido, e não me sinto com forças de o tentar.

MIRANDA - São idéias que todos temos quando profanos. O casamento, Alves, é o que foi entre nós há algum tempo a maçonaria, de que se contavam horrores, e que no fundo não passava de uma sociedade inocente, que oferecia boa palestra, boas ceias. Há dois prejuízos muito vulgares: uns supõem que o casamento é a perpetuidade do amor, a troca sem fim de carícias e protestos; e assustam-se com razão diante da perspectiva de uma ternura de todos os dias e de todas as horas.

ALVES (*rindo*) - Na verdade é desanimadora; sobretudo nesta época de vapor e eletricidade.

MIRANDA - Justo!... O outro prejuízo é daqueles que supõem o casamento uma guerra doméstica, uma luta constante de caracteres antipáticos, de hábitos, e de idéias. Esses, como os outros mas por motivo diferente, tremem pela sua tranqüilidade, Entretanto a realidade está entre os dois extremos. O casamento não é nem a poética transfusão de duas almas em uma só carne, a perpetuidade do amor, o arrulho eterno de dois corações; nem também a guerra doméstica, a luta em família. É a paz, firmada sobre a estima e o respeito mútuo; é o repouso das paixões, e a força que nasce da união.

ALVES - Concordo. Mas que dificuldade para conservar essa paz matrimonial... Não é preciso que o homem sacrifique a sua individualidade e se dedique todo à família?

MIRANDA - Como te iludes! É quando o homem goza da plena tranqüilidade do seu espírito; quando lhe sobra todo o tempo para as ocupações sérias da vida... julgo por mim.

ALVES - E o tempo para amar a sua mulher e fazer a sua felicidade?

MIRANDA - Não me compreendeste então, Alves. O amor conjugal é calmo e sério; vive pela confiança recíproca, e alimenta-se mais de recordações do que de desejos. Um exemplo: nós já não somos os companheiros inseparáveis de estudos e de prazeres que fomos outrora; apenas nos encontramos de longe em longe, e trocamos rapidamente uma palavra, ou um aperto de mão. Entretanto isto basta: nenhuma dúvida da amizade do outro. Ambos temos a certeza de que possuímos um amigo dedicado; e essa certeza é um gozo superior a qualquer demonstração frívola e banal. Pois bem: perfuma essa amizade com a graça e a ternura inseparável da mulher, e terás a imagem perfeita de um casamento feliz. Vou te fazer uma confidência... (*Entra ISABEL*) É minha mulher... já a conheces...

ALVES - Conheço-a; mas ainda não tive o prazer de falar-lhe.

## **CENA II**

Os mesmos e ISABEL

MIRANDA - Bela!... Apresento-te um ingrato, sim, porque nos desdenha. É o Alves, meu mais íntimo amigo, a quem devo tudo... sabes?

ISABEL - Ah! foi o senhor que salvou Henrique!

ALVES - Apenas ajudei-o a salvar-se.

MIRANDA - Lançando-te ao mar com risco de tua vida. Chamas a isto ajudar?

ALVES - Perdão! Augusto estava me convertendo ao casamento, minha senhora.  
ISABEL - É lisonjeiro para mim.

MIRANDA - Queres saber o que mais o horrorizava, Bela? Era a idéia de ficar hipotecado corpo e alma à sua mulher.

ALVES - Não; não é isso que me assusta, mas o receio de não poder ou não saber fazê-la feliz.

MIRANDA - Não te hás de casar com uma mulher que não tenha inclinação por ti e que não te estime. Portanto que receio é este?

ISABEL - Decerto, Sr. Alves. Não nos suponha tão difíceis. Fazer a felicidade de uma mulher é cousa que custa tão pouco, àqueles que o desejam!

ALVES - Enfim, tratarei de seguir o teu conselho, Augusto.

MIRANDA - Já nos deixas?... Nem por serem tão raras as tuas visitas?...

ALVES - Esta é de despedida. Por isso desculpa.

MIRANDA - Como assim?...

ALVES - Vou a S. Paulo e de lá a Minas. (*Entra CLARINHA*)

MIRANDA - D. Clarinha, prima de minha mulher. O Sr. Alves, meu amigo. (*Cumprimentos*)

ALVES - Talvez possa te ser útil nesta viagem. Tenho amigos que não duvidarão interessar-se pela tua candidatura.

MIRANDA - Quando partes?

ALVES - Nestes dois dias.

MIRANDA - Bem; havemos de nos ver ainda. Eu te procurarei. Pretendes demorar-te até o tempo das eleições? (*CLARINHA e ISABEL conversam*)

ALVES - Talvez seja obrigado a ficar por lá um ano.

MIRANDA - Que resolução tão repentina foi esta?

ALVES - Eu te digo. Os meus negócios não andam bem; tenho-me visto em sérios embarços. Se não conseguir até o fim do ano próximo realizar o nosso ativo, não sei o que sucederá. Por isso resolvi deixar a casa sob a direção de meu sócio; e ir eu mesmo fazer essas cobranças.

MIRANDA - Sinto que estejas em dificuldades. Lembra-te que nessas ocasiões é que servem os amigos. O meu casamento trouxe-me alguma fortuna. Far-me-ás obséquio dispondo dela.

ALVES - Obrigado, Augusto, obrigado. Não será necessário; tenho fé nos meus devedores. Até amanhã. Minhas senhoras!

ISABEL - Boa viagem, senhor Alves! Dizem que as paulistas são bonitas; é natural que o convertam.

ALVES - Não creia. minha senhora! Quem resistiu às fluminenses, é um herege que já não tem salvação.

### **CENA III**

ISABEL e CLARINHA

*(ISABEL sentada, CLARINHA em pé)*

CLARINHA - Verás que ele ainda não vem esta noite. ISABEL - Quem?

CLARINHA - Onde estás com a cabeça, Bela? de quem falávamos nós?

ISABEL - Ah! De Henrique?

CLARINHA - Dele mesmo.

ISABEL - E dizias que ele não virá esta noite?

CLARINHA - É o mais certo. Com o pretexto da chuva... Tu não quiseste mandá-lo chamar para que nos acompanhasse ao teatro... Era o único meio de fazê-lo passar a noite conosco.

ISABEL - Sabes que eu não gosto de sair sem Augusto!

CLARINHA - Se formos a esperar por ele, não sairemos nunca! Então agora que lhe meteram na cabeça ser deputado! O verdadeiro é ires te habituando. Quem nos acompanhava quando estivemos em Petrópolis, não era Henrique?

ISABEL - Sim... mas hoje não estava com disposição de sair, Clarinha.

CLARINHA - Quem te obrigava a sair? Ele vinha... Dava-se uma desculpa...

ISABEL - Ele virá independente disso.

CLARINHA - O que perdes?

ISABEL - O quê?... Perco o teu vestido de noiva.

CLARINHA - Deveras, minha senhora?... Também quer zombar de mim?  
(*Beijando-a*) Ah! Se a dificuldade estivesse no vestido!

ISABEL - Não há dificuldade alguma.

CLARINHA - Ah! para ti é como se estivesse feito.

ISABEL - E há de fazer-se, Clarinha, eu te prometo.

CLARINHA - Ora! Se ele não quiser, menos eu.

ISABEL - Ele quer; não te tenho dito tantas vezes!

CLARINHA - Tu, muitas; mas Henrique nem uma só.

ISABEL - Se foges dele!

CLARINHA - Então eu é que lhe hei de fazer a corte?

ISABEL - Fazer, não; mas aceitar, Clarinha.

CLARINHA - Ora, Bela, o tal sonso do senhor Henrique bem sabe que uma moça quando se esquiva é para ser perseguida.

ISABEL - Nem sempre. (*JOAQUIM traz luzes*)

CLARINHA - Eu falo das moças; não falo das senhoras casadas. (*Olhando a pêndula*) Mais de oito horas!

ISABEL - Não é tarde.

CLARINHA - Querem ver que foi ao teatro?

ISABEL - Estás impaciente.

CLARINHA - Não sabes a razão?... É que hoje isso se decide.

ISABEL - Com toda essa pressa!

CLARINHA - Pois hei de estar gastando à toa o meu coração? Que contas darei depois a meu marido? Eu só pretendo querer bem uma vez... Mas essa há de valer por todas.

ISABEL - Se não encontrares a indiferença e o abandono!...

CLARINHA - Asseguro-te que não hei de sofrê-lo por muito tempo.

ISABEL - Será ele?

CLARINHA - Ah! (*Afastando-se*)

ISABEL - Que é isso? Em que ficou a resolução de há pouco?

CLARINHA (*Gesto de silêncio*) - Queres que ele suspeite que o estava esperando? (*Folheia as músicas no piano*)

#### **CENA IV**

As mesmas e HENRIQUE

HENRIQUE - Boa noite, Clarinha!

CLARINHA - Ah! que susto que eu tive! Não o vi entrar. (*Aperta-lhe a mão*)

HENRIQUE - Bela!

ISABEL - Adeus, Henrique! (*CLARINHA na janela*)

HENRIQUE (*Meia voz*) - Incomodo?

ISABEL - Clarinha!

CLARINHA - O que é?

ISABEL - Vem conversar!

CLARINHA - Quem me quer, me procura, minha senhora.

ISABEL (*a HENRIQUE*) - Sabe com quem é aquilo.

HENRIQUE - Clarinha gosta dos girassóis. (*A ISABEL, baixo*) Desejo falar-lhe.

CLARINHA - Tenho esse mau gosto.

HENRIQUE - Pois eu prefiro as saudades. (*Olha ISABEL*)

ISABEL (*meia voz*) - Não!

CLARINHA - Já sabia disso.

HENRIQUE (*a meia voz*) - Pela última vez!...

ISABEL (*idem*) - Lembre-se do seu tio!

HENRIQUE (*idem*) - Espere-me nesta sala!

ISABEL (*idem*) - Que loucura é esta?

CLARINHA - Se é de mim, podem falar alto.

HENRIQUE - Estávamos tão longe daqui!

CLARINHA - No mundo da lua talvez.

HENRIQUE - Tem razão, Clarinha. Eu sou um louco. (*Ergue-se*)

ISABEL - Henrique!

CLARINHA - Zangou-se por um gracejo!

ISABEL - Está hoje triste; vê se o consolas.

CLARINHA - É cousa para que não tenho jeito, Bela.

ISABEL - E dizes que o amas! (*Afasta-se*)

CLARINHA (*a HENRIQUE*) - Ainda está mal comigo?

HENRIQUE - Por quê?

CLARINHA - Pelo que lhe disse.

HENRIQUE - Nem já me lembro o que foi.

CLARINHA - Muito obrigada!... Não esperava tanto da sua amabilidade. (*Afasta-se*)

ISABEL (*a CLARINHA*) - Vamos jogar!

CLARINHA - Joga com o Sr. Henrique!

HENRIQUE - É verdade! Façamos alguma coisa para passar o tempo.

CLARINHA - Ele passa tão devagar nesta casa!

HENRIQUE (*a ISABEL*) - Não quer jogar?

ISABEL - Clarinha está arrufada. Não tem graça (*Vai ao piano*)

HENRIQUE - Toque um pouco.

ISABEL - Já esqueci o que sabia.

HENRIQUE - Que desculpa, Bela!

ISABEL - Não ouve? Iaiá está chorando. (*Sai*)

## **CENA V**

CLARINHA e HENRIQUE

CLARINHA - Chamou-me?

HENRIQUE - Não.

CLARINHA - Parecia-me ter ouvido o meu nome...

HENRIQUE - Foi engano seu.

CLARINHA - Logo vi que não era possível.

HENRIQUE - Que eu a chamasse?

CLARINHA - Sim! Está para ser a primeira vez.

HENRIQUE - Podia ser hoje.

CLARINHA - Como ontem.

HENRIQUE - Se eu tivesse alguma coisa de agradável a dizer-lhe!

CLARINHA - E não tem, Henrique? (*Entra ISABEL*)

HENRIQUE - A minha conversa aborrece de ordinário.



CLARINHA - A mim?

HENRIQUE - A todos. Não ouve laiá que está chorando?

CLARINHA - Está mas é brincando.

HENRIQUE - Ora! está chorando: vá acalentá-la, Clarinha.

CLARINHA - Não precisa procurar pretextos para afastar-me, meu senhor! Faça-lhe a vontade.

## CENA VI

Os mesmos, ISABEL e MIRANDA

ISABEL - Henrique, eu lhe suplico!

MIRANDA - Até logo... Como estás, Henrique?

HENRIQUE - Boa noite, meu tio!

MIRANDA - Que tens?

HENRIQUE - Nada.

MIRANDA - Desejo falar-te amanhã. (*Vai sair*)

ISABEL - Augusto! (*Dirige-se a ele*) Queria pedir-lhe uma cousa.

MIRANDA - Dize!

ISABEL - Tens muita necessidade de sair hoje?

MIRANDA - Muita.

ISABEL - Podias passar a noite conosco.

MIRANDA - É impossível, Bela! As eleições estão próximas, e hoje deve decidir-se a minha candidatura.

ISABEL - Todo o teu tempo agora é tomado pela política. MIRANDA - Ainda assim tens a melhor parte dele. Não sabes quem me faz tão ambicioso?

ISABEL - Pois bem; toma chá conosco esta noite; e eu te prometo nunca mais queixar-me.

MIRANDA - De todo não posso, Bela; acredita-me. Clarinha e Henrique te farão companhia.

ISABEL - Sim! Mas eu fico só!

MIRANDA - Pouco me demoro.

## CENA VII

Os mesmos e SALES

SALES - D. Isabel!... Doutor Miranda!

MIRANDA - Como passou, Sr. Sales?

CLARINHA (*a MIRANDA*) - Vai passear na forma do costume?

MIRANDA - Não dá licença?

CLARINHA - Se eu fosse Bela, decerto que não.

ISABEL - Ele precisa sair.

CLARINHA - Não se acabam mais essas malditas eleições?

MIRANDA - Oh! não pense que me esqueço daquela nossa conversa. Amanhã...

CLARINHA - O que tem?

MIRANDA - Pretendo falar a Henrique.

CLARINHA - A respeito?...

MIRANDA - Como está esquecida! Até logo, (*a meia voz*) minha linda sobrinha!  
(*Vai sair*)

CLARINHA - Engraçado!... olhe! Faça-se deputado depressa para que Bela fique descansada; e quando for Ministro, lembre-se que tenho um favor a pedir-lhe.

MIRANDA - Loterias para teatro lírico?

SALES - Realmente é uma necessidade!

CLARINHA - Não, senhor; é um hábito da Rosa aqui para o senhor Sales.

MIRANDA (*rindo-se*) - Ah! (*Sai*)

SALES - Agradeço muito, minha senhora!

CLARINHA - Se há de ter o trabalho de comprar todos os dias uma flor para deitar na gola do casaco...

SALES - Esta flor vale mais para mim do que uma fita.

CLARINHA - E de longe faz o mesmo efeito!

SALES - Nunca reparei nisso, D. Clarinha!

CLARINHA - Acredito! O senhor não se vê senão no espelho! É muito justo.  
(*Entra SIQUEIRA*)

SALES - Confesso que não entendo.

CLARINHA - É pena! O senhor Siqueira que lhe explique.

SIQUEIRA - O quê, D. Clarinha?

CLARINHA - O Sr. Sales não compreende como a gente se pode ver sem ir ao espelho.

SIQUEIRA - Ah! Facilmente, Sr. Sales! Nos olhos dos outros...

CLARINHA - Aprendeu?... Estimo muito!

## **CENA VIII**

ISABEL, CLARINHA, HENRIQUE, SALES e SIQUEIRA

SIQUEIRA (*a ISABEL*) - Miranda saiu?

ISABEL - Neste momento.

SIQUEIRA - Já não pára em casa.

ISABEL - Tem muito que fazer agora!

SIQUEIRA - Sei; a maldita política. O pior vício que há em nossa terra

.

ISABEL - Os homens como Augusto, meu pai, precisam de uma vida agitada.

SIQUEIRA - É verdade. As honras e as altas posições seduzem, mas fazem esquecer um tanto os amigos e até a família.

ISABEL - Que quer? Ele tem necessidade de uma ocupação séria. (*JOAQUIM coloca diante de ISABEL uma banca volante e a bandeja de chá*)

SIQUEIRA - E a educação dos filhos, e a felicidade doméstica?

ISABEL, (*Fazendo o chá*) - Que tem?

SIQUEIRA - Não são ocupações sérias e dignas mesmo de uma grande inteligência?

ISABEL - Ah! Mas não bastam para o homem de talento. Estar sempre junto da mulher, vivendo para a sua família... Isso seria ridículo até.

SIQUEIRA - Não digas isso!

ISABEL (*com ironia*) - Nós as mulheres, sim, é a nossa obrigação!... Enquanto solteiros é justo que façam sacrifícios por nós, mas depois! Não sabemos que nos amam? Não se casaram conosco? Algumas queixam-se porque ficam isoladas e tristes; mas a culpa é delas. Para que inventaram os bailes, senão para nos divertirem enquanto eles tratam dos seus negócios? Clarinha vem tomar chá.

CLARINHA - Obrigada! Não quero (*Vai ao piano*)

SIQUEIRA - Tens razão, Bela! não no que dizes mas no que sentes. Atualmente uma moça deixa a família, separa-se dos pais, com o homem a quem ama para ter um companheiro de sua vida; e o que ela encontra no casamento é a solidão e a viuvez de todas as afeições.

ISABEL - Estava gracejando, meu pai. Não tenho razão de queixa. Meu marido cerca-me de tantas atenções. (*Pausa*)

SIQUEIRA - Que é da minha afilhada? Não me esqueci dela. (*Tira balas do bolso*)

ISABEL - Está lá dentro. Joaquim, dize a Rita que traga laiá. (*JOAQUIM vai à porta. Tomam chá*)

CLARINHA - Sr. Sales!

SALES - Minha senhora!

CLARINHA - O senhor não canta?

SALES - Não, D. Clarinha.

CLARINHA - Mas eu creio que já o ouvi na Campesina.

SALES - Nem sou sócio.

CLARINHA - Então seria alguém que se parece com o senhor.

ISABEL - Canta com Henrique.

HENRIQUE - Estou rouco.

CLARINHA - Não faz mal. É o seu estado natural.

HENRIQUE - Excelente razão. Serve para hoje e para outra vez.

CLARINHA - Oh! Guarde na carteira, que eu terei o cuidado de não convidá-lo mais.

ISABEL - Estão sempre brincando.

SIQUEIRA - Já me parecem casados.

JOAQUIM - laiá está dormindo, sim senhora.

SIQUEIRA - Deixe-a dormir.

CLARINHA (*a SALES*) - Deveras o Sr. não canta?

SALES - Não tenho voz, D. Clarinha.

CLARINHA - Pois ensaiemos o dueto conversando. Aí vai o acompanhamento.  
(*Pausa*)

SIQUEIRA (*a HENRIQUE*) - Está jogando a paciência? É jogo de velho.

HENRIQUE - Ao contrário. Os velhos já não esperam; e por isso não precisam de paciência.

SIQUEIRA - Oh! se precisam! Sobretudo neste tempo de cosméticos e chinós, em que já não se tolera o desleixo daquele que parece velho.

CLARINHA - Então, Sr. Sales, não diz nada?

SALES - Estou ouvindo.

CLARINHA - O Sr. dava um bom deputado. Por que não se apresenta agora?

SALES - A senhora tem lembranças!

CLARINHA - Seriamente! Não dizem que todas as opiniões e todas as classes devem ser representadas no parlamento? Pois a moda ainda não tem o seu órgão; pelo menos uma vez que fui á Câmara não vi lá nenhum figurino. Quanto ao Senado, não se fala; são quarentões. Ora, se o senhor se apresentasse, era sem contestação candidato pela Província da Rua do Ouvidor.

SALES - Está brincando, D. Clarinha? Pois olhe; não me faltam elementos. Se o governo quiser!

CLARINHA - Ora se quiser! Assim achasse ele uma dúzia como o Sr.

SIQUEIRA (*a HENRIQUE que baralha as cartas*) - E negam que este mundo não anda às avessas! Quando eu tinha sua idade, deixava o baralho às velhas que se ferravam na bisca, e nós os rapazes armávamos um joguinho de prendas, ainda que não fosse senão para ter o prazer de abraçar uma moça bonita como Clarinha, e pôr o tal senhor Sales de lampião de esquina.

HENRIQUE - Ele representa melhor de candeeiro de sala. Não vê como está tão lustroso!

SALES - Estava admirando o seu vestido. É realmente de muito bom gosto.

CLARINHA - Sinto não poder lhe agradecer... Foi um presente.

SALES - Não importa. A senhora é que lhe dá realce.

CLARINHA - Desta vez, sim senhor, obrigada. Mas agora reparo. Está com umas luvas muito lindas.

SALES - Quer zombar de mim.

CLARINHA - Não sou capaz. Deveras são muito elegantes.

SALES - Talvez a senhora não acredite! Atualmente não se encontra um par destas luvas em todo o Rio de Janeiro. Pode correr toda a Rua do Ouvidor.

CLARINHA - São tão raras assim?

SALES - É uma cor muito distinta. Não acha?

ISABEL - Que conversa tão animada!

SALES - D. Clarinha não quer cantar.

CLARINHA - O Senhor Sales estava contando-me a história de suas luvas *gris-perle*. (*Deixa o piano*)

ISABEL - Ah! devia ser interessante.

SALES - D. Clarinha tem muito espírito.

CLARINHA - Parece-lhe?... Estou quase duvidando. (*HENRIQUE ergue-se e consulta o relógio*)

SIQUEIRA - Que horas tem?

HENRIQUE - Quase dez.

SIQUEIRA - Boa noite!

ISABEL - Ainda é cedo, meu pai!

SIQUEIRA - Vou amanhã para Petrópolis...

ISABEL - Tão depressa! Eu tenho muitas queixas suas. Agora quando vem à cidade, apenas passa conosco um ou dois dias. Já não nos quer bem!

SIQUEIRA - Estou velho... Custa-me a passar muito tempo fora de casa.

## **CENA IX**

HENRIQUE, SALES, ISABEL e CLARINHA

HENRIQUE - Ainda fica, Sr. Sales?

SALES - Não, senhor. Vamos juntos.

ISABEL - É muito cedo. Para serem amáveis, deviam ficar fazendo-nos companhia até que Augusto voltasse.

HENRIQUE - Não posso. São mais de dez horas.

CLARINHA - Tão tarde. Deve estar caindo de sono!

SALES - Na sua presença?... Não é possível, D. Clarinha.

CLARINHA - Isto quer dizer que a minha presença produz o mesmo efeito que o chá verde! Ataca os nervos. Obrigada pela fineza, Sr. Sales.

SALES - Perdão! Eu não tive intenção de dizer semelhante cousa.

HENRIQUE - Bela!

ISABEL - Adeus!

HENRIQUE (*baixo*) - Até logo!

ISABEL (*alto*) - Até amanhã!

HENRIQUE (*baixo*) - Eu voltarei, Bela! Para vê-la uma última vez!

ISABEL - Não! Não volte! Eu lhe suplico.

SALES - D. Isabel!

ISABEL - Passe bem, Sr. Sales.

HENRIQUE - Adeus, Clarinha!

CLARINHA - Adeus! Pode voltar amanhã, que já não terá o desgosto de encontrar-me aqui.

HENRIQUE - Nem amanhã, nem depois, Clarinha. Talvez nunca mais. Quem sabe o que pode suceder? Adeus!

SALES - Minhas senhoras!



## CENA X

ISABEL e CLARINHA

CLARINHA - Tu me emprestas o teu carro?

ISABEL - Onde queres ir? Está às tuas ordens.

CLARINHA - Vou para o Andaraí.

ISABEL - Que quer dizer isto?

CLARINHA - Há oito dias não vejo minha tia. Demais tu já deves estar aborrecida de mim.

ISABEL - Henrique te disse alguma coisa?

CLARINHA - Pois não viste?

ISABEL - O que? que te disse ele?

CLARINHA - Não disse nada! É o seu costume.

ISABEL - Mas escuta...

CLARINHA - Faça-me um especial favor, minha prima. Não falemos mais disto.

ISABEL - Estás agastada e não tens razão.

CLARINHA - Nenhuma. Eu já sabia.

ISABEL - Não tens razão, não, Clarinha. Se Henrique te trata com indiferença, a culpa é tua.

CLARINHA - Cada vez a melhor.

ISABEL - Que necessidade tinhas de chamar o Sales para junto de ti, e conversar com ele daquele modo?

CLARINHA - Havia de estar muda?

ISABEL - Anda lá! Querias te vingar de Henrique. Não sabes quanto isso é perigoso.

CLARINHA (*rindo-se*) - Com o Sales? (*Toma o lenço no piano e acha uma rosa*)

ISABEL - Com qualquer. Dessas conversas inocentes nasce muitas vezes uma inclinação.

CLARINHA - Não calunies o pobre moço. Coitado! Ficou tão atrapalhado que deixou cair a rosa da casaca. (*Atira a rosa ao chão*)

ISABEL - Talvez Henrique se ressentisse de ver a intimidade com que o tratavas.

CLARINHA - Não faz mal. Já não me inquieto com isso.

ISABEL - Falas sério?

CLARINHA (*beijando-a*) - Está tudo acabado, Bela. Vou dormir tranqüila.

ISABEL - Olha para mim, Clarinha!

CLARINHA - Deixa-me!

ISABEL - Estás chorando!

CLARINHA - Eu, não!... até amanhã. (*Foge*)

ISABEL - Vem cá! Ouve!

## **CENA XI**

ISABEL e JOAQUIM

(*ISABEL toca o tímpano e entra no seu toucador*)

ISABEL (*de dentro*) - Joaquim!

JOAQUIM - Minha senhora!

ISABEL - Vai fechar a porta; teu senhor volta mais tarde.

JOAQUIM - Eu posso esperar por ele.

ISABEL - Não! Fecha a porta. Quero deitar-me.

JOAQUIM - Minha senhora está doente?

ISABEL - Estou me sentindo constipada. Se Henrique vier... Talvez ele volte para falar com teu senhor... Se ele vier, tu lhe dirás que já estão todos recolhidos. Ouviste?

JOAQUIM - Sim, senhora. *(Fecha as janelas e apaga as luzes. ISABEL sai de roupão de dormir, trazendo uma luz)*

ISABEL - Toma o dinheiro para as compras. Vê se nos dão amanhã melhor jantar. Teu senhor hoje passou mal.

JOAQUIM - Eu reparei, sim senhora!

ISABEL - Está bem. Vai!

JOAQUIM - Deus dê boa noite à minha senhora.

ISABEL - Obrigada! *(Pausa)*

## **CENA XII**

ISABEL e HENRIQUE

*(ISABEL vai recolher; HENRIQUE aparece)*

HENRIQUE - Perdão, Bela!

ISABEL - Fuja desta casa, Henrique!

HENRIQUE - O que receia?

ISABEL - Oh! não é por mim, é por ele, é pelo senhor que eu receio... que eu temo. O amor de uma mulher encontra-se a cada momento; a afeição de um amigo como ele, de um pai, só Deus a pode dar.

HENRIQUE - Onde vai? ouça-me por compaixão.

ISABEL - Vou mandar abrir as portas e trazer luzes.

HENRIQUE - Bela, a mulher de meu tio, devia saber que é para mim sagrada.

ISABEL - Não parece.

HENRIQUE - Não tenho fugido da sua presença? Há quantos dias não vinha aqui?

ISABEL - Não devia vir a esta hora.

HENRIQUE - É tão grande ofensa vê-la pela última vez!

ISABEL - Não o compreendo.

HENRIQUE - Amanhã...

ISABEL - Acabe!

HENRIQUE - Amanhã parto para Montevidéu. Deixo a paz e a felicidade nesta casa, na qual nunca mais devo entrar.

ISABEL - E Clarinha?

HENRIQUE - Que tenho eu com ela? Que me esqueça.

ISABEL - Mas ela o ama!

HENRIQUE - Ela!...

ISABEL (*severa*) - Henrique!

HENRIQUE - Ah! Eu sinto que sou um miserável. Não vê? A vergonha me queima as faces.

ISABEL - Ame Clarinha! Aceite esse primeiro amor de um coração puro. Ela lhe dará a felicidade.

HENRIQUE - Pede-me um impossível. Não lhe basta deixar de ver-me e para sempre, Bela!

ISABEL - Mas esse projeto é uma loucura.

HENRIQUE - Que importa, se é a sua tranquilidade.

ISABEL - Comprada com a desgraça do seu tio. A afeição que Augusto lhe tem, só eu a conheço. É uma ternura de mãe, disfarçada pela severidade de um pai. Como sofrerá essa ausência?

HENRIQUE - Se ele pudesse suspeitar o que se passa em mim, seria o primeiro a exigir que partisse. Há muito o devia ter feito.

ISABEL - Reflita, Henrique!

HENRIQUE - Não posso arrancar minh'alma aos pedaços e atirá-la para longe de mim. É preciso que eu a arraste comigo, Bela: e a desterre deste lugar onde cada um dos seus pensamentos é uma infâmia. Não devia ter vindo... Mas partir sem dizer-lhe uma palavra, sem dizer-lhe adeus... o último adeus..

ISABEL - Ainda nos veremos um dia!

HENRIQUE - Nunca!

ISABEL (*comovida*) - Não me roube essa esperança, Henrique!

HENRIQUE (*terno*) - Bela!

ISABEL (*recobrando-se*) - Adeus! (*Estende-lhe a mão com frieza e esforço*)

HENRIQUE - Tem razão! Adeus, minha irmã.

ISABEL (*ouvindo bater à porta da rua*) - Meu marido! Eis o que eu temia, Henrique!

HENRIQUE (*quer sair*) - Não posso vê-lo!

ISABEL (*com império*) - Fique!

HENRIQUE - Não sei fingir, Bela!

ISABEL - Mas esse mistério pode condenar-me, Henrique!

HENRIQUE - A ti, a mais pura e a mais santa das mulheres!... Impossível. (*Abre uma janela*) Ninguém me verá. A noite está escura e o jardim deserto.

ISABEL - Mas é uma imprudência...

HENRIQUE (*na janela, já oculto pelas cortinas*) - Lembre-se alguma vez do mísero que enlouqueceu porque teve a desgraça de amá-la mais do que a um pai...

ISABEL - Adeus! E esqueça-me...

*(MIRANDA entra e ouve as últimas palavras de ISABEL que enxuga uma lágrima e voltando-se acha-se em frente do marido que se tendo precipitado, a arreda violentamente e corre à janela).*

### **CENA XIII**

ISABEL e MIRANDA

*(MIRANDA corre à janela e já não vê o vulto; luta, perplexidade entre o ímpeto de lançar-se pela janela e dirigir-se à mulher).*

MIRANDA *(rindo convulso)* - Que importa! É um homem qualquer... o instrumento da desonra! O pretexto do crime!

ISABEL *(espanto)* - Ah! *(Pausa)*

MIRANDA *(toma a luz e esclarece o rosto de ISABEL)* - Ainda cora!

ISABEL - De indignação, senhor!

MIRANDA - Nem uma palavra!

ISABEL - Oh!. não me defendo... Se eu fosse criminosa, já estava morta de vergonha a seus pés.

MIRANDA - Quem era esse homem?

ISABEL - Oh! Não! Nunca!

MIRANDA - Quem era esse homem, senhora? *(Pausa)* É escusado o silêncio.

ISABEL - Que diz, senhor?

MIRANDA *(mostrando a rosa, que apanha aos pés de ISABEL)* - Por quem, meu Deus!... Por um Sales!... *(Cobre o rosto com as mãos e soluça. ISABEL olha-o com desespero)*

ISABEL - Eu sou inocente, Augusto!

MIRANDA - Vi tudo, senhora!... Vi... Não cuide que a espiei. Oh não! minha confiança era cega. Mas disseram-me que se tinha recolhido incomodada, e eu abafei os meus passos para não perturbar o seu sossego! *(Ri-se)* Imbecil!

*(MIRANDA fecha as portas, vai ao gabinete; traz um par de pistolas. ISABEL, enquanto ele sai, ajoelha)*

ISABEL - Dá-me coragem... meu Deus!

MIRANDA - Ele vai julgar-nos. *(Carrega as pistolas)*

ISABEL - É um crime inútil, senhor. Sei respeitar a sua e a minha honra.

MIRANDA - Inútil é a vida que me deixou depois de calcar aos pés a minha felicidade. *(Aponta)*

ISABEL - Oh! *(Grito de pavor. IAIÁ bate na porta, chamando: papai)*

MIRANDA - Minha filha! Ah! é preciso viver para ela... e para o mundo! Quanto a vos... morremos um para o outro.

## **ATO SEGUNDO**

Em casa de MIRANDA - Varanda interior.

## **CENA PRIMEIRA**

RITA e JOAQUIM

*(JOAQUIM deita jornais e cartas sobre a mesa. RITA sai da janela)*

RITA - O carro já está pronto, Joaquim?

JOAQUIM - Quem mandou aprontar?

RITA - Ninguém. Iaiá não passeia todos os dias?

JOAQUIM - Passeia com você.

RITA - Pois então?

JOAQUIM - Ninguém deu ordem.

RITA - Se a gente for esperar por isso, não se faz nada. Você vê quando é para deitar o jantar; pergunta-se ao Senhor, ele diz: "Se a Senhora mandar". Vai-se perguntar à Senhora, ela diz: "Se o Senhor mandar". E assim é tudo.

JOAQUIM - Que tem você com isso?

RITA - É que se a gente não fizer as cousas, ninguém manda fazer.

JOAQUIM - Branco lá se entende. Vá vivendo sua vida, Rita, que Senhor é muito bom.

RITA - Quem não sabe disto? Minha Senhora, essa é mesmo uma santa. Olhe, Joaquim! Tenho uma pena de ver como ela se amofina. E é por causa de seu Senhor!

JOAQUIM - Cale a sua boca, Rita. Não se meta onde não é chamada.

RITA - Mas, diga uma cousa! Antes de Nanhã Clarinha casar, não andava tudo tão direito?

JOAQUIM - Tal e qual, como agora.

RITA - Que história! Esta casa era uma alegria!... Sinhá brincava que parecia uma mocinha: Nanhã estava sempre rindo e cantando; e Senhor moço Henrique esse nem se fala. Depois daquela doença grande de meu Senhor é que tudo mudou.

JOAQUIM - Aí vem Senhora; bico!

## **CENA II**

Os mesmos, ISABEL e IAIÁ

ISABEL (*trazendo IAIÁ pela mão*) - Senhor já saiu?... JOAQUIM - Não Senhora. Está no gabinete falando com um caixeiro do Sr. Souto.

ISABEL - Agora laiá vai passear, sim?... Passear no carro com Rita!

RITA - Venha, laiá!

ISABEL - Olhe, Rita está chamando. Não dá um beijo na sua Mamãe, não?... beija. Ah!... Agora vá dar um em Papai para laiá ficar bonita. (*RITA toma a menina*)

RITA - Diga - Mamãe adeus!... Diga... Ora laiá é feia.



ISABEL - Tem cuidado com o vento! Ela não está boa.

RITA - Eu abaixo sempre as vidraças do carro.

JOAQUIM - O tempo está muito bom, sim Senhora.

RITA - Vamos tomar a benção a Papai?

ISABEL - Adeus!... (A RITA) não te demores muito.

### **CENA III**

ISABEL e JOAQUIM

JOAQUIM - Esta carta é para minha Senhora.

ISABEL - Entrega a teu Senhor.

JOAQUIM - Mas ele não gosta.

ISABEL - Reuna com as outras.

JOAQUIM - Minha Senhora quer ler os jornais?

ISABEL - Depois, se ficarem aí.

JOAQUIM - Mando pôr o almoço?

ISABEL - Teu Senhor já pediu?

JOAQUIM - Ainda não, Senhora.

ISABEL - Escuta! ele anda doente?

JOAQUIM - Não, Senhora.

ISABEL - Ontem estava tão pálido...

JOAQUIM - Meu Senhor trabalha muito.

ISABEL - Passa as noites a escrever! E isso faz-lhe tanto mal!

JOAQUIM - Esta noite ele dormiu cedo!

ISABEL - Cedo! Às três horas ainda estava trabalhando.

JOAQUIM - E minha Senhora viu?

ISABEL - Não lhe digas isto. Acordei por acaso; pareceu-me ouvir gemer... Vim escutar naquela porta...

JOAQUIM - Quem sabe se não foi minha Senhora que passou ali a noite chorando.

ISABEL - Chorando por quê?... Não tenho motivos de chorar. Vivo tão satisfeita! Tu não vês?...

JOAQUIM - Minha Senhora me perdoa. Eu não disse.

ISABEL - Sabes o que me aflige? É que falte alguma cousa a teu Senhor. Ele nunca se queixa! Mas deves ver o que ele deseja, para se fazer imediatamente. A roupa está pronta: vou dar-te daqui a pouco. Por que não trazes a outra?

JOAQUIM - A outra?...

ISABEL - Sim; para mandar lavar.

JOAQUIM - A outra... já foi, sim, Senhora.

ISABEL - Joaquim!... Que ordem te dei eu?

JOAQUIM - Que minha Senhora mesma é que queria tomar conta da roupa de meu Senhor.

ISABEL - E não fizeste caso?...

JOAQUIM - Meu Senhor a semana passada me disse: - "Joaquim, não quero que tua Senhora tenha motivo de afligir-se. Ela não deve se amofinar com tantas cousas. Manda lavar minha roupa fora".

ISABEL - E tu mandaste?

JOAQUIM - Que havia de fazer, minha Senhora?

ISABEL - Tens razão. (*Enxuga a furto uma lágrima*)

## CENA IV

Os mesmos e MIRANDA

*(JOAQUIM afasta-se vendo o Senhor. MIRANDA cumprimenta friamente ISABEL: senta-se e lê as cartas).*

MIRANDA - Joaquim! Esta carta é de tua Senhora.

JOAQUIM - Veio com as outras. *(Entrega a ISABEL)*

ISABEL *(a meia voz)* - Espera!... *(Alto, lendo)* É uma carta de Nanhã D. Clarinha!... Ah! Ela vem hoje de Petrópolis.

JOAQUIM - Então não pode tardar.

ISABEL - Talvez venha almoçar aqui. *(Deita a carta aberta sobre o aparador)*

MIRANDA *(a JOAQUIM)* - Esse bilhete de camarote... a tua Senhora. O cartão do Clube... É hoje!... Hás de preparar o carro!

JOAQUIM - Mando aprontar o carro do Senhor moço Henrique?

MIRANDA - Já pediste licença a tua Senhora? Faze o que ela mandar. *(ISABEL acena a JOAQUIM que sim)*

## CENA V

ISABEL e MIRANDA

MIRANDA - Senhora!... Nesta carteira encontrará toda a sua legítima.

ISABEL - Não entendo! Que significa isto?

MIRANDA - Quando nos... Quando seu pai ma entregou, ela estava em apólices e prédios. Foi necessário vender tudo, vender pelo seu justo preço. Por isso esperei quase um ano!... Só agora acabo de recebê-la. Deus sabe quantos amargores me custou cada dia que demorei esta restituição.

ISABEL - Senhor! Esta riqueza lhe pertence e à nossa filha! Eu não a quero, não a aceito.

MIRANDA - É verdade que uma lei me daria o direito à metade dela, se ainda fosse seu marido. Não o sou!... Esta riqueza é sua, unicamente sua. Pode dispor dela como entender: está em vales ao portador. Para minha filha e para mim basta o meu trabalho.

ISABEL - Mas, Senhor! Quer isto dizer... que me despede?

MIRANDA - Não lhe merecia semelhante suposição! Isto quer dizer que não é minha intenção condená-la a sofrer-me. Nesta casa sabe que é Senhora; todos lhe obedecem. Como Senhora viverá nela enquanto for de sua vontade; como Senhora a deixará quando lhe aprouver.

ISABEL - Senhora, é verdade!... E antes me queria escrava, do que sofrer o luxo desse generoso desprezo que me cerca de tantos cuidados... E eu não o mereço, não, Senhor!

MIRANDA - Não falemos do passado. *(Apontando para a carteira)* Acabo de resgatá-lo.

ISABEL - Oh! Não há razão que me faça consentir neste sacrifício.

MIRANDA - Há uma, Senhora, que a fará consentir: e é que eu não recebo esmolas de estranhos.

ISABEL - De estranhos!

MIRANDA - Se não aceita seu dote, neste caso sou eu que me vejo obrigado a deixar esta casa.

ISABEL - Dê-me, Senhor! Não tivesse eu uma filha, sei o que faria desse papel.

## **CENA VI**

Os mesmos e SALES

SALES - Desculpe-me se usei da antiga liberdade!

MIRANDA - Oh! É o Senhor Sales, minha mulher! *(A SALES)* Esta casa é sua. *(Apertando a mão)*

SALES - Obrigado. Vossa Excelência tem passado bem? D. Isabel! *(Cumprimenta)*

MIRANDA - É uma surpresa agradável a sua visita.

SALES - Há quase um ano que não tinha o prazer de vê-lo.

MIRANDA - Quase um ano! Oh! lembro-me perfeitamente (A ISABEL) Falamos tantas vezes do Senhor; não é verdade?

ISABEL - Ah!...

SALES - Está incomodada, D. Isabel?

MIRANDA - Sofre agora dos nervos. Não é nada.

SALES - Deve passar algum tempo em Petrópolis com seu cunhado. D. Clarinha está tão corada!

MIRANDA - Esteve com eles?

SALES - Vejo-os todos os dias. Logo que cheguei da Europa, aconselharam-me que fosse passar lá o verão.

MIRANDA - Ah! Foi à Europa! Não sabia.

SALES - Pois eu despedi-me! É verdade que não tive a honra de encontrar a Vossa Excelência.

MIRANDA (*sorrindo*) - Mas encontrou a Senhora.

SALES - Também não. Disseram-me que Vossa Excelência estava gravemente doente, e que a Senhora não recebia. Deixei um cartão. Não lho entregaram?

MIRANDA - É natural.

SALES - Depois soube que tinham ido para a fazenda.

MIRANDA - Estivemos algum tempo, logo depois do casamento de Henrique.

SALES - Que se fez tão de repente!

MIRANDA - Como todos os casamentos!... Pois agora está de volta, Senhor Sales, espero que continue a honrar esta casa.

SALES - Com muito gosto.

MIRANDA - Minha... mulher aprecia infinitamente a sua amável companhia. E eu... sabe quanto o estimo... meu amigo... (*Aperto de mão*)

SALES - Tanta bondade!

MIRANDA - Ia sair... Dá-me licença. (*ISABEL ergue-se*)

SALES - Pois não! Sem cerimônia.

MIRANDA - Fique conversando com minha mulher... Ela estimará muito saber notícias... de Petrópolis. Use nesta casa de toda a franqueza.

ISABEL - O almoço...

MIRANDA - Ah! não esperem por mim. (*Sai*)

## **CENA VII**

SALES, ISABEL, CLARINHA e HENRIQUE

SALES - Sua filhinha está muito crescida, D. Isabel?

ISABEL - Oh! como sofro, meu Deus! Sinto-me realmente doente.

SALES - Deve tratar-se.

ISABEL (*a sair*) - Desculpe-me; mas eu não posso!...

SALES - Desejo que se restabeleça. (*Corteja*)

CLARINHA - Abraça-me outra vez. Que saudades, ingrata!

ISABEL - E tu?

CLARINHA - Queixa-te de Henrique.

HENRIQUE - Adeus, Bela. Não creia.

ISABEL - São desculpas.

HENRIQUE - Augusto?

ISABEL - Saiu.

CLARINHA - Eu te contarei tudo. Temos muito que conversar; como está meu tio?... E laiá?...

ISABEL - Todos bons. (*Afastam-se*)

SALES - Voltou ontem muito tarde?

HENRIQUE - Era noite já.

SALES - Foi feliz?

HENRIQUE - Oh! uma batida cheia!... Os cães levantaram uma anta, a maior que tenho visto! Os outros atalharam no rumo em que vinha a caça: mas eu fiquei junto de um córrego. "E aqui a espera!" Nisto vejo relampear entre folhas. Mal tive tempo de faiscar. Um tiro soberbo!

SALES - É a sua paixão!

HENRIQUE - É quando vivo. Quem não é caçador, não pode compreender as emoções de uma espera.

SALES - Mas D. Clarinha anda sempre assustada.

HENRIQUE - Mulheres!...

CLARINHA - Já está por aqui?

SALES - Vim ontem mesmo.

CLARINHA - E retira-se com a nossa chegada!

SALES - Ia sair, quando entravam. D. Isabel está incomodada.

CLARINHA - Ah! que tens?

ISABEL - Não sei, sinto-me melhor.

SALES - A Senhora também deve estar fatigada da viagem. Voltarei à noite.

CLARINHA - Até logo. Já notaste, Bela, o Senhor Sales, depois que foi à Europa, perdeu o hábito da rosa!...

SALES - A minha rosa abandonou-me, D. Clarinha.

HENRIQUE - Onde deitariam a nossa mala?

ISABEL - Está no seu quarto. Quer entrar?

## **CENA VIII**

ISABEL e CLARINHA

CLARINHA - Agora é que reparo. Estás realmente pálida.

ISABEL - Não faças caso! Ando muito nervosa.

CLARINHA - Será algum irmãozinho de lá?

ISABEL - Coitadinha! Este prazer nunca há de ela sentir.

CLARINHA - Sério?... Mas vamos a saber. Que vida é a tua?

ISABEL - Sempre a mesma.

CLARINHA - Não é o que me disseram em Petrópolis.

ISABEL - O que te disseram?

CLARINHA - Que já não saís, não passeias, e estás sempre metida em casa. Depois que me casei, nunca mais foste ao teatro.

ISABEL - Não tenho tempo agora! Preciso cuidar de minha casa, vivo para minha filha...

CLARINHA - Ora não vejam esta mãe de família com 23 anos e com este rostinho de menina... Está me parecendo uma cousa.

ISABEL - Podes acreditar...

CLARINHA - Está me parecendo que o Senhor meu tio depois que se viu deputado, comendador e não sei que mais, já não se lembra que tem uma mulherzinha tão bonita, e deixa-a ficar em casa enquanto ele anda por aí todo repimpado na sua farda.

ISABEL - Como és injusta! Não há divertimento no Rio de Janeiro em que ele se esqueça de mim. Quando fores à sala verás... Os vasos estão cheios de cartões de bailes, concertos e teatros. Olha! (*mostra os cartões*) ficam aí porque já não tenho gosto.



CLARINHA - Ou porque não tens com quem ir?

ISABEL - Como no tempo em que estavas aqui!

CLARINHA - Parecia de propósito. Não havia noite de baile, em que não se tratasse de eleições.

ISABEL - Agora não e assim... Antes fosse!

CLARINHA - Por que razão?

ISABEL - Não sai noite alguma, sem primeiro saber se eu quero ir a alguma parte.

CLARINHA - Bravo! Assim é que eu entendo. Está tomando jeito.

ISABEL - Mas isso aflige-me. Deixa de distrair-se por minha causa.

CLARINHA - Não faz mal. Um marido bem procedido não se diverte quando sua mulher fica em casa. Nem sei donde te vieram semelhantes idéias.

ISABEL - Tu amas teu marido, Clarinha?

CLARINHA - Que pergunta!

ISABEL - Então deves compreender que ele tem necessidade de alguma coisa que preocupe o seu espírito. Um homem não vive só pelo coração como nós.

CLARINHA - O que eu compreendo é que eles têm de obrigação de nos fazer felizes.

## **CENA IX**

As mesmas e HENRIQUE

ISABEL - Está ouvindo?

HENRIQUE - É comigo?

CLARINHA - Chegou muito a propósito, meu Senhor.

HENRIQUE - Cousa rara nos maridos.

CLARINHA - Participo-lhe que estes oito dias passo com Bela.

HENRIQUE - Não eram três?

CLARINHA - Mudei de opinião.

ISABEL - Fizeste muito bem.

HENRIQUE - Neste caso virei buscá-la na segunda-feira.

CLARINHA - Que tem a fazer lá? Deixe que os pássaros e as pacas descansem este tempo.

HENRIQUE - E que fico eu fazendo aqui?

CLARINHA - Fazendo-me companhia.

HENRIQUE - Ora! Há oito meses não faço outra cousa.

CLARINHA - Era bom que tomasse algumas lições com seu irmão, e visse como um marido deve tratar sua mulher.

HENRIQUE - Ah! É por isso que deseja que eu fique?

CLARINHA - Não se lhe pode ocultar cousa alguma.

HENRIQUE - Pois eu faço-lhe a vontade, mas com uma condição.

CLARINHA - Conforme for ela.

HENRIQUE - Há de pedir a Bela, que lhe ensine como a mulher deve amar seu marido, desculpar-lhe todas as faltas...

ISABEL - Eu dispenso o meu elogio, Henrique.

CLARINHA - Acrescente: porque ele lhe faz todas as vontades.

HENRIQUE - Oh! ela merece tudo.

CLARINHA - Muito obrigada. Eu não mereço nada.

ISABEL - Deixem-se disso.

HENRIQUE - Então está decidido. Ficamos oito dias.

ISABEL - Nem os deixo ir antes.

CLARINHA - E quando for levo-te comigo: já vou te avisando!

ISABEL - Se Augusto quiser.

HENRIQUE - Até já.

CLARINHA - Onde vai?

HENRIQUE - Vou dar um passeio, enquanto meu tio não chega.

## **CENA X**

ISABEL e CLARINHA

CLARINHA - Viste?

ISABEL - Vi, Clarinha! Vi que Henrique não é feliz. E não foi isto o que me prometeste.

CLARINHA - Que posso eu fazer, Bela? Fomos felizes nos primeiros meses. Tu sabes como ele me amava, quando nos casamos.

ISABEL - Sei e não fazes idéia do alívio que eu sentia durante a moléstia de Augusto vendo nascer esse amor.

CLARINHA - Não pensavas decerto que havia de acabar tão cedo? Henrique já não me ama, Bela.

ISABEL - Porque não queres.

CLARINHA - Sou eu que não quero?

ISABEL - Uma mulher bonita e inteligente como tu, Clarinha, que não teve a desgraça de perder a estima de seu marido, só o não obriga a amá-la, quando não quer.

CLARINHA - Gosto de te ouvir falar!... Henrique não pára em casa: anda sempre em caçadas, ou passeios. Volta fatigado e aborrecido; tudo lhe enjoa; tudo o contraria.

ISABEL - E tu em vez de agradá-lo, e satisfazer-lhe todos os caprichos, ficas arrufada, não é?

CLARINHA - Quem pode suportar isto, Bela?

ISABEL - Foi por esta razão, que eu te perguntei se amavas teu marido.

CLARINHA - Quem o sabe melhor do que tu?

ISABEL - Não me compreendeste. Não te perguntei se amavas Henrique; porém, se amavas teu marido. Parece-te uma extravagância, não é assim?

CLARINHA - Deveras não te entendo.

ISABEL - Como amamos nós o homem que escolhemos e com quem nos casamos? Como moças que não conhecem o mundo, e apenas sabem da vida os sonhos doirados. É um bonito romance que fazemos, todo cheio de emoções, de sorrisos, e de flores. Foi assim que eu amei Augusto e que tu amaste Henrique.

CLARINHA - E ainda não mudei.

ISABEL - Estás bem certa disso?... O casamento mata esse primeiro amor que dura alguns meses, o primeiro ano quando muito. Desaparece a ilusão: o marido não é mais um herói de um bonito romance, torna-se um homem como qualquer outro, e às vezes mais ridículo, porque o vemos de perto. Então sente-se n'alma um vácuo imenso que é preciso encher.

CLARINHA - Porém tu me justificas.

ISABEL - Ouve. Nesse momento é preciso toda a coragem senão o tédio e a monotonia de uma vida já sem esperanças nos invade. A imaginação procura no mundo o que não acha na família! E sabes o que se encontra?... Pelo menos o martírio de uma vida inteira.

CLARINHA - E tu sentiste isso, Bela?

ISABEL - Eu?... Oh! não o digas a ninguém! Senti os desenganos das minhas mais doces esperanças, senti morto o meu primeiro amor, e tive medo que uma afeição estranha se insinuasse em meu coração. Via fugir a pouco e pouco esse amor de que tinha vivido tanto tempo e ao qual dedicara toda a minha existência. Achava-me tão só no mundo, longe da família que eu tinha deixado, e mais longe da nova família que eu ainda não sabia compreender. Era um

deserto, em que minha alma vagava sem abrigo. Oh! nunca sofras, tu, Clarinha, o que eu sofri!... Mas Deus salvou-me. Amei meu marido.

CLARINHA - Como?

ISABEL - Amando minha filha. Refugiei-me nessa afeição. Aí encontrei de novo o homem que eu tinha amado: associei-me a essa vida que outrora me parecia tão seca e tão egoísta: acompanhei-o de longe, e vi quanta generosidade e quanta delicadeza encobre a sua reserva. A minha solidão foi-se povoando: o governo da casa, os cuidados domésticos, o desejo de tornar doce e cômoda a existência daquele que se dedicava à felicidade da família, deram-me as emoções mais agradáveis e mais puras que tenho sentido. Queres que te confie uma cousa? O meu maior prazer é ler os discursos de Augusto. Não te rias!

CLARINHA (*rindo*) - Hás de entendê-los perfeitamente!

ISABEL - Não os entendo, não! Mas no modo de dizer, na maneira digna por que ele ataca um adversário, no generoso entusiasmo com que defende uma idéia, na firmeza e sinceridade de sua palavra, aprendo a conhecer a nobreza de seu caráter; e descubro muitas vezes uma qualidade que ainda não se me tinha revelado. Olha, Clarinha: é um erro nosso, muito comum. Admiramos os estranhos pela consideração de que eles gozam na sociedade; e entretanto uma mulher, em vez de acompanhar o marido em seus trabalhos, em suas empresas, em suas glórias, quer achá-lo tal qual ela o sonhou, na obscuridade e no repouso da vida doméstica!

CLARINHA - Assim tu tens hoje por teu marido uma verdadeira paixão.

ISABEL - Mais do que paixão; porque é também estima, respeito e admiração.

CLARINHA - E teu marido te paga com o mesmo amor?

ISABEL - Ele?... Não sei, Clarinha... Nunca lhe perguntei...

CLARINHA - Ah! não sabes!... Sentes tudo isto, dizes que uma mulher bonita e inteligente basta querer para ser amada por seu marido, e não sabes se teu marido te ama?... Pois minha rica prima, a tua história é muito bonita, mas não me agrada!

ISABEL - Asseguro-te que sou mais feliz do que mereço.

CLARINHA - Ora, pois não está se vendo nos teus olhos! Se a felicidade doméstica - não e assim que se chama? - tem esse sorriso triste, e esse rosto pálido, podes ficar certa que não a deixo entrar na minha casa. Não! Prefiro mil vezes as espingardas, os cães de caça e os aborrecimentos de Henrique.

ISABEL - Escuta!

CLARINHA - Vamos ver se Augusto já veio. (*Pausa*) Então não vens?

ISABEL - Não!... Inda não chegou!

CLARINHA - Não importa! Quero correr a casa! Há tanto tempo!... Eu também tenho aqui as minhas recordações! Vou te mostrar o lugar onde Henrique confessou a primeira vez que me amava... quando os médicos declararam que Augusto estava salvo! Vem!

ISABEL - Não! Não posso agora... Não gosto de entrar lá.

CLARINHA - Por que motivo?

ISABEL - Ele pode suspeitar que desejo conhecer os seus segredos!...

CLARINHA - Meu Deus! Quanto mistério para se amar seu marido. Deste modo Henrique pode ficar descansado.

## **CENA XI**

As mesmas e MIRANDA

MIRANDA (*entrando*) - Adivinhei que já estava aqui.

CLARINHA - Oh! Excelentíssimo!

MIRANDA - Sempre bonita e sempre alegre!

CLARINHA - É o que me vale!... Se eu não trouxesse a alegria comigo, morria de tristeza naquele desterro de Petrópolis.

MIRANDA - Como está Henrique?

CLARINHA - Bom; já anda passeando. Mas que é isto, meu tio? Cabelos brancos?...

MIRANDA - Estou velho, Clarinha.

CLARINHA - Com trinta anos!... E de repente!... Quando aqui estava, não tinha nenhum!

MIRANDA - Tinha e muitos.

CLARINHA - Não, Senhor. Nunca vi.

MIRANDA - Porque os pintava! Era uma fraqueza minha... Ainda fazia a corte a... Bel... a sua prima. Não queria parecer velho.

CLARINHA - Mas, agora está homem sério: já não se ocupa com essas ninharias. Só trata de ser ministro!

ISABEL (*a meia voz a CLARINHA*) - E há de ser!

MIRANDA - Não tenho semelhantes aspirações! A política faz-me as vezes de um vício. Dá-me as emoções que os outros encontram no jogo, ou na embriaguez. Atordoá-me: nada mais!...

CLARINHA - Não lhe gabo o gosto.

MIRANDA - Este mundo, Clarinha, é um precipício que todos devemos atravessar pelo estreito passo da vida. O imprudente pára no meio e olha o fundo, vacila e cai. É preciso fechar os olhos e correr, para não sentir a vertigem.  
CLARINHA - Mas essa teoria é só para os homens.

MIRANDA (*sorrindo*) - Não a aconselho a ninguém.

CLARINHA - O que é verdade é que a política tem-no feito velho, magro, feio, e até distraído.

MIRANDA - Sei que tenho todos os defeitos, mas ainda não tinha reparado nesse último.

CLARINHA - Pois não, sempre que vinha da rua apertava a mão de Bela.

MIRANDA - Não apertei agora! Ah! foi realmente uma distração. Outra vez não cairei nesta falta.

CLARINHA - Ainda está em tempo.

MIRANDA - Minha mulher...

CLARINHA - Minha mulher?... Diga a Senhora. É mais aristocrático!

MIRANDA - Be...la dispensa. (*Afasta-se*)

CLARINHA - Mas eu não dispenso.

ISABEL (*gesto implicante*) - Deixa-te disso.

CLARINHA - Se é uma cousa que eu achava tão bonito! E tinha pedido a Henrique que tomasse com o Senhor umas lições de bom marido!... Mas estou vendo que o mestre desaprendeu!...

MIRANDA - Não diga isto. (*Vai a ISABEL*) Está satisfeita? (*Estende a mão e toca apenas a de ISABEL*)

CLARINHA - Deveras, meu Senhor!... Era assim que apertava a mão de Bela? Tenha a bondade! (*MIRANDA recua vivamente*)

ISABEL - Clarinha!

CLARINHA - Ora! Não vejam que sacrifício beijar uma testa tão bonita?

MIRANDA - Já estamos velhos: essas ternuras são ridículas.

CLARINHA - Diga o que quiser. Há aqui alguma cousa que eu hei de descobrir.

MIRANDA - Que lembrança... Por uma ninharia?... Faço-lhe a vontade. (*Acena que beija*)

ISABEL (*a meia voz*) - Perdão!... Eu não tenho culpa!

CLARINHA - Assim é que se acabam com esses arrufos... Agora, Bela, dá-me de almoçar que estou caindo de fome. Henrique que almoce onde estiver!

ISABEL - Não queres mudar o vestido?... Teu quarto está pronto! (*Vai saindo, entra HENRIQUE da rua*)

CLARINHA - Vamos. (*A MIRANDA*) Vossa Excelência permite. (*Chegando-se a meia voz*) Não me queira mal. Sei que os homens nunca devem ceder; mas, não posso vê-lo agastado com Bela! E por quê? Por alguma zanguinha! Alguma teima que nada vale...

MIRANDA - Justamente!... Ela teima em não dar uma ordem, com receio de contrariar-me; e o que me contraria é que esperem por mim. Tudo quanto ela mandar acho bem feito!



CLARINHA - Delicadeza da parte de Bela... Não repare nisso... Ela lhe quer muito bem!

MIRANDA - Muito! Eu tenho provas!

ISABEL (*na porta*) - Não vens, Clarinha?

CLARINHA - Aqui me tens! (*A HENRIQUE*) Oh! depressa voltou!

## CENA XII

MIRANDA e HENRIQUE (*abraçam-se*)

MIRANDA - Com estás?

HENRIQUE - De saúde, bem.

MIRANDA - E do resto?

HENRIQUE - Vive-se.

MIRANDA - Falas de um modo! Acaso não és feliz?

HENRIQUE - Feliz?... Não sei.

MIRANDA - Não o és decerto. A felicidade sente-se, e com tal exuberância, que derrama-se em torno por quanto nos cerca.

HENRIQUE - Segue-se que ainda não me chegou; mas também asseguro-lhe, meu tio, que não tenho o mau gosto de considerar-me desgraçado.

MIRANDA - Na tua idade, casado com uma bonita moça, tão prendada pela natureza, como pela fina educação que recebeu; possuidor de uma abastança que te poupa a humilhação do serviço mercenário; sem entorpecer os nobres estímulos do trabalho; amado pelos teus, estimado por todos, que te falta para ser feliz, Henrique?

HENRIQUE (*a rir*) - Nada, meu tio! Eu sou, e o confesso para minha confusão, o filho pródigo da fortuna. Essa deidade caprichosa, guiada pela mão do melhor dos homens, de um pai extremoso (*aperta a mão de MIRANDA*) encheu-me de benefícios; e o ingrato, apesar de todos os carinhos da sorte, ainda deseja.

MIRANDA - Mas em suma, que desejo é esse? Não poderemos satisfazê-lo?

HENRIQUE - É o meu sonho. No meio dessa ventura, que lhe devo, meu tio, sinto às vezes um grande vácuo dentro d'alma: e esse vácuo vem enchê-lo o tédio e o desânimo... Lembro-me que sou um ente inútil, que as horas e os dias monótonos gastos em consumir a existência, podia eu dar-lhes um emprego útil, na ciência, nas letras, em qualquer outra ocupação. Minha distração é a caça; não podia ser a política?

MIRANDA (*a rir*) - Que é ainda uma espécie de caça, a de alteneria. (*Sério*) Meu querido Henrique, caíste na mesma ilusão que infelizmente nos arrasta a todos nós, os filhos pródigos da fortuna, como disseste há pouco.

HENRIQUE - Qual?

MIRANDA - Na mocidade, a vida abre-se diante de nós como um jardim; entramos por essa mansão risonha com a alma cheia de desejos e esperanças. Uns, famintos de riqueza, divisam o pomo de ouro, e arrojam-se por entre abrolhos e fraguados para alcançá-lo. Outros, sedentos de glória, deslumbram-se com os esplendores dessa rosa mágica riçada de espinhos, que desabrocha nos cimos inacessíveis dos rochedos, à borda dos abismos.

HENRIQUE - Meu tio é um desses!

MIRANDA (*com expressão*) - Fui!... Outros finalmente caminham dia e noite, extenuados de fadiga, rompendo a espessura, para descobrirem o fruto da ciência. Entretanto, lá está logo à entrada do jardim, rasteira e oculta, a flor modesta, a violeta celeste que Deus plantou na terra para derramar sobre a alma o bálsamo divino. Alguns a olham de longe, desdenhosamente; muitos aproximam-se um instante atraídos pelo suave perfume; mas todos passam além; nenhum põe aí o termo dessa jornada que se chama a vida; nenhum faz dessa flor agreste o seu primeiro cuidado e o seu melhor tesouro.

HENRIQUE - Quanto a mim, não tem razão, meu tio!

MIRANDA - Ouve! Quando chega o inverno, que os expulsa do jardim encantado, lá voltam os viajantes alquebrados, com a alma seca e árida como um deserto; um mordeu o pomo de ouro, e viu que estava cheio de cinza; outro quando pensava colher a rosa, ela transformou-se em chama que o abrasou e desfez-se em fumo; o terceiro, mal tocava no fruto da ciência, este se desfazia em pó. Todos ao passarem pela moita rasteira, buscaram com os olhos a florzinha; e já não a acham; murchou.

HENRIQUE - Não há de murchar para mim, como não murchou para o Senhor.

MIRANDA - Oh! para mim, não, decerto! Essa flor, já compreendeste, Henrique, é a felicidade conjugal; que embalsama com sua divina fragrância o seio da família, que adorna de festões e grinaldas o lar doméstico, e cobre de uma eterna primavera a nossa existência. Hás de ter visto, em tuas excursões pelas matas de Petrópolis, esses troncos decepados e carcomidos, verdadeiros anciãos da floresta; rebentam-lhe os renovos pelas raízes, e a folhagem brilhante do jovem arvoredado os veste de galas. É assim o velho que sonha cultivar a felicidade conjugal; os filhos e as famílias que lhe crescem em torno o cobrem de sorrisos e carinhos.

HENRIQUE - E cuida meu tio que eu não tenho as mesmas idéias?

MIRANDA - Tu, Henrique, és daqueles que se aproximam da flor, aspiram-lhe um momento o perfume, mas passam, deixando-a agreste como nasceu. Não confessaste que, ao lado de tua mulher, sentes um vácuo n'alma; e tão grande que passas dias longe de casa, pelos matos a caçar? Queres ocupá-lo com a política! Isto é, queres encher o coração de cascalho.

HENRIQUE - Não vivemos unicamente para a família; o espírito carece de uma ocupação.

MIRANDA - Decerto; devemo-nos todos à pátria e à humanidade. Mas, acrediteme, a primeira ocupação e a mais séria do homem é a sua felicidade doméstica. Não há neste mundo mais sagrado sacerdócio do que seja o do pai de família; ele assemelha-se ao Criador, não somente quando reproduz a sua criatura, mas quando desses anjos (*entra RITA com IAÍÁ*) que Deus lhe envia, ele prepara as futuras mães e os futuros cidadãos. É só depois de cumprida esta santa missão, que temos o direito de dar a outros misteres as sobras da nossa alma.

HENRIQUE - Não haverá exageração nesse modo tão exclusivo de considerar a família, sobretudo no século em que vivemos, meu tio?

MIRANDA (*confuso*) - É possível. Fui daqueles que se deixaram arrastar pela vertigem; felizmente esbarrei a tempo; mas, por isso mesmo talvez influa em mim o perigo que ameaçou a minha felicidade.

HENRIQUE - Mas hoje nada a perturba?

MIRANDA - Nada.

HENRIQUE - Quanto isso me alegra! E eu disse que não sabia se eu era feliz. Posso não sê-lo, vendo-o cercado de todas as venturas, e coberto das glórias conquistadas na política?

MIRANDA - Quando te brotarem essas vergôntes, Henrique, (*mostra IAIÁ que tem nos braços*) então me hás de compreender; terás uma alma nova saída da refusão da alma velha; é a alma do pai.

HENRIQUE - Como está bonita, laiá! Então já não conhece o primo Henrique?

### CENA XIII

Os mesmos, RITA, IAIÁ e JOAQUIM

JOAQUIM - O almoço está pronto.

MIRANDA (*para HENRIQUE*) - Vai almoçar, é tarde. Não te há de faltar apetite.

HENRIQUE - E meu tio, não vem?

MIRANDA - Já tomei alguma cousa.

HENRIQUE - Até já. (*Sai*)

MIRANDA (*senta-se com a menina no colo*) - Então, minha filha, passeou muito? Estava bonito o passeio? Por que não convidou Mamãe? Olhe! sempre que laiá for passear, há de convidar Mamãe, sim?

RITA - Sinhá não quer sair nunca, por mais que eu lhe diga...

MIRANDA - Agora como Clarinha está aqui...

RITA - Ah! Nhanhã D. Clarinha chegou?

MIRANDA - Pode ser que ela a acompanhe. Se precisar de alguma cousa... Talvez os vestidos já não estejam bons.

RITA - Estão novinhos em folha no guarda-roupa.

MIRANDA - Naturalmente porque não são do gosto dela. Também tu não lhe perguntas o que ela deseja.

RITA - Sinhá acha tudo bom! Tudo lhe agrada mas não quer que se compre... Aquelas jóias, meu Senhor não sabe ainda, estão por abrir.

MIRANDA - Não teve a curiosidade de vê-las?

RITA - Viu, sim, Senhor, e achou muito bonitas. Mas de que serve?... Ninguém vê Sinhá com elas. Estão guardadas. Diz que hão de ser para laiá quando ficar moça. *(Pausa. MIRANDA brinca com a menina)*

MIRANDA - Quem sabe se ela não está aborrecida do Rio de Janeiro. Talvez deseje fazer uma viagem, ir à Europa; e não me diz por acanhamento.

RITA - Qual, meu Senhor.

MIRANDA - Nunca a ouviste falar nisto?

RITA - Nunca, não, Senhor!

MIRANDA - Mas é preciso que faças com que tua Senhora se divirta um pouco. Ela anda muito triste e muito abatida: não tem distração!

RITA - Nem uma mesmo. Ela não quer sair: também aqui ninguém vem, senão quando meu Senhor...

MIRANDA - Basta! Não te perguntei por isso. *(Amimando a menina que tira o chapéu)* Não desmanche os seus cachos! Quem foi que penteou laiá? Foi Rita? Não. Foi Mamãe? Foi! E quem vestiu?... Também foi Mamãe? *(A RITA)* Outra coisa! Por que deixas que tua Senhora se mate a coser a roupa de laiá? Não tem vindo constantemente roupa feita da casa da Cretin?

RITA - Sinhá não quer! Diz que isso é o seu divertimento!...

MIRANDA - O que é, minha filha? *(Entra ISABEL sem ser vista)* Quer Rita?... Não.

RITA - É o brinquedo!

MIRANDA - Ah! laiá trouxe o seu brinquedo!... Quer que dê corda?... Muito bonito!... Quem deu a laiá?... Quem?... Senhor... diga... diga no ouvido do Papai!...

RITA - Foi aquele moço que encontramos na rua... Não se lembra... que beijou laiá... Senhor Sales.

MIRANDA - Senhor Sales... Ah! Foi ele!... *(Afastando a menina)*

#### **CENA XIV**

MIRANDA e ISABEL

MIRANDA (*voltando-se, vê ISABEL*) - Senhora! Eu lhe suplico! Uma dúvida horrível!

ISABEL - Oh! Por piedade!

MIRANDA - Esta menina...

ISABEL - Cale-se!... não vê que me está matando?

MIRANDA - É... É minha?...

ISABEL - Eu sou pura, Senhor! Juro!

MIRANDA (*respira*) - Ah!... (*Angustiado*) Mas que vale o juramento de quem esqueceu o mais santo!...

### **ATO TERCEIRO**

Na casa de HENRIQUE, em Petrópolis.

### **CENA PRIMEIRA**

ISABEL, CLARINHA, SIQUEIRA e SALES

(*SALES entra quando os outros têm chegado do passeio. Formam-se dois grupos separados CLARINHA e SALES - ISABEL e SIQUEIRA*).

SALES - Como andam depressa!... Desde Vila Teresa que os sigo sem poder alcançar. Minha Senhora. (*Cumprimenta ISABEL*)

CLARINHA - Ora! Por que tomou tanto incômodo!

SALES - Permite que lhe ofereça estas flores?

CLARINHA - O meu médico não permite, não, Senhor: fazem-me dor de cabeça!

SALES - À vista disso condeno-as à prisão. (*Esconde no peito*)

CLARINHA - Era melhor que lhes desse a liberdade!

ISABEL - O passeio fatigou-me.

SIQUEIRA - Então já viste o lucro que se tira da política?

ISABEL - Fala comigo, meu pai?

SIQUEIRA - Não leste o jornal de ontem?

ISABEL - Não, já veio?

SIQUEIRA - Estava sobre a mesa. Traz uma correspondência bem forte contra Augusto. Entre outras cousas, diz que ele esbanjou a sua fortuna e de tua filha, e foi obrigado a vender quanto tinha para pagar dívidas de jogo.

ISABEL - Mas, é uma calúnia, meu pai.

SIQUEIRA - Quem o sabe melhor do que eu, Bela, que conheço Augusto, como a mim mesmo? É um homem de bem, na extensão da palavra!

ISABEL - Como lhe há de ter doído, meu Deus! Ver-se insultado assim, e por quê?

SIQUEIRA - Ele já deve estar habituado! São as flores da carreira política.

ISABEL - Não! Só eu sei o que ele terá sofrido.

SIQUEIRA - O melhor é não dar valor a isso! Não vale a pena chorar por tão pouco. Estou arrependido de ter falado nisso.

ISABEL - Por quê? Eu lhe agradeço. Podia não ler o jornal e escapar-me.

SIQUEIRA - Não perdias nada.

ISABEL - É justo que tenha a minha parte nesse desgosto. Não sou eu a causa dele?

SIQUEIRA - A causa?... E de que modo?...

ISABEL - Foi para satisfazer um desejo meu; talvez um capricho, que meu marido vendeu os nossos bens. Se não me fizesse a vontade não o caluniariam agora.

SIQUEIRA - Achariam outro pretexto. Não faltam!

CLARINHA - Meu tio!... O Senhor nunca teve ciúmes de sua mulher?

SIQUEIRA - Como, Clarinha? Não ouvi.

CLARINHA - Pergunto se o Senhor nunca teve ciúmes de sua mulher.

SIQUEIRA - Ah! Estou viúvo há tanto tempo!... A falar verdade, não me lembro.

CLARINHA - Ora! não quer responder.

SALES - O Sr. Siqueira já não entende desta matéria.

SIQUEIRA - Confesso que nunca fiz profissão dela.

CLARINHA - Pois querendo, pode tomar lições com o Senhor Sales.

SALES - Comigo! Ainda estou solteiro!

CLARINHA - Felizmente para sua futura mulher.

SALES - Explique-me a razão, D. Clarinha.

CLARINHA - Não quero ofender a sua modéstia. *(A SIQUEIRA)* Decididamente não responde?... Meu tio tem na consciência algum pecado...

SIQUEIRA - O de ter querido bem a minha mulher.

CLARINHA - Não se pode querer bem, sem ter ciúmes.

SIQUEIRA - Conforme! Quando se está a merecer, é natural; mas depois que se tem a certeza de uma estima recíproca, me parece até uma ofensa.

SALES - Não concordo!

CLARINHA - Nós já sabíamos a sua opinião, Senhor Sales, antes do Senhor dizê-la. E tu; Isabel, pensas como meu tio?

ISABEL - Perdoa, Clarinha! Estou tão aflita agora.

CLARINHA - Que foi! O que sucedeu? *(Correndo a ela)*

ISABEL - Recebi uma notícia bem desagradável.

CLARINHA - De quem? De Augusto? E não me dizias! *(SALES aproveita o momento em que CLARINHA se afasta para deitar no chapéu dela o ramo de flores)*



SIQUEIRA - Não é nada! Uma calúnia anônima contra Augusto.

CLARINHA - Não dê importância a isto! É tudo inveja!...

SALES - Em minha opinião o código só devia admitir o anônimo nas correspondências amorosas...

SIQUEIRA - Essas estão fora da lei. (A ISABEL) Augusto virá hoje?

ISABEL - Estou esperando por ele.

SIQUEIRA - Então não pode tardar.

## **CENA II**

ISABEL, CLARINHA e SALES

CLARINHA - Está bom! Não quero que meu tio te ache triste!

ISABEL - Augusto!... E este homem aqui!

CLARINHA - Não te importes com ele.

ISABEL - Tu sabes que eu não posso suportá-lo.

CLARINHA - Mas, que te fez ele, que não tens querido dizer-me!

ISABEL - Nada... uma repugnância invencível... Uma dessas antipatias que não se explicam... Não posso vê-lo.

CLARINHA - Espera. (Alto) Senhor Sales!

SALES - Estava admirando esta cabana! É muito poética!

CLARINHA - Pois deixe a cabana tranqüila, e faça-me o favor de ir até a Rua do Imperador.

SALES - Com muito gosto. Fazer o quê?

CLARINHA - Fazer-me a vontade.

SALES - A Senhora está gracejando.

CLARINHA - Ora! Por gracejo, não o obrigava a ir tão longe. É muito sério.

SALES - Então não percebo.

CLARINHA - Porque não lhe faz conta. Tenha a bondade de ir até lá e contar quantas janelas tem o Hotel de Bragança. Foi uma aposta que fiz com Henrique e quero ganhar.

SALES - O seu desejo é ordem para mim.

CLARINHA - Por saber disto é que tomei a liberdade.

SALES Quantas janelas a Senhora disse que tinha?

CLARINHA - Não me lembro.

SALES - Então é inútil!

CLARINHA - Não há meio de lhe fazer compreender as cousas. Henrique é teimoso, Sr. Sales, mas acredita no que lhe digo.

SALES - Perdão! Vou imediatamente: hoje mesmo venho lhe trazer a resposta!

CLARINHA - Enfim... O Senhor é muito amável... Mas é escusado vir hoje... Vamos sair.

SALES - Então... será amanhã. (*Com intenção*) Uma e outra cousa.

### **CENA III**

ISABEL e CLARINHA

CLARINHA - Estás sossegada?

ISABEL - Tu me prometeste que eu nunca o encontraria aqui; e sem isso não vinha a Petrópolis.

CLARINHA - Henrique e teu marido é que são os culpados. Não há dia em que o não convidem.

ISABEL - Se o tratasses secamente!

CLARINHA - Trato-o como tens visto. Às vezes me aborrece; outras confesso que, na insipidez em que vivo, me serve de divertimento! É tão ingênuo!

ISABEL - Zombas dele, bem sei! Mas tu não vês que esse moço não te compreende, e supõe que o distingues? Não vês que ele só vem aqui por tua causa?

CLARINHA - Reparaste nisto?

ISABEL Não é de agora: quando solteira já ele te fazia a corte.

CLARINHA - Com uma rosa no peito: agora traz-me ramos de violetas. Vai em progresso.

ISABEL - Mas, Clarinha, bastava esse motivo para não consentires que ele freqüentasse a tua casa.

CLARINHA - Quem governa aqui? Não sou eu? Henrique tem olhos como tu.

ISABEL - Talvez ainda não tenha percebido.

CLARINHA - Tu percebeste?

ISABEL - Eu sou mulher, Clarinha!

CLARINHA - Qual, Bela. Não é essa a razão. É porque ele me estima.

ISABEL - Porque confia em ti.

CLARINHA - Confiança que se parece tanto com indiferença, não me agrada. Preferia que ele me julgasse uma cabecinha de vento!...

ISABEL - Ah! que não avalias o que agora desprezas.

CLARINHA - Pode ser!... Mas dize!... Que grande merecimento tem uma virtude da minha idade, que não acham muito feia, quando o marido entende que ela é inabalável?

ISABEL - Essa virtude tem o gozo imenso de inspirar a fé e a serenidade n'alma daquele que escolhemos para companheiro de nossa existência. Tem a satisfação íntima que lhe dá a consciência de sua força para resistir a qualquer desvario. O amor que produz o ciúme e as contrariedades, Clarinha, é uma excitação, que passa deixando a fadiga, o tédio e às vezes a dúvida: o amor que

vive da confiança é uma afeição calma e doce. Há ocasiões em que parece fugir; mas volta sempre pela atração irresistível das recordações puras.

CLARINHA - Já me disseste tudo isto; mas o que eu sei é que se as perdizes viessem sem cerimônia passear neste jardim, Henrique não teria as tais emoções de caçador!... Pois eu valho menos do que uma perdiz, Bela!

ISABEL - Não estás hoje com o teu bom humor. O que tens?

CLARINHA - O que eu tenho?... Tenho um marido que não se importa comigo. Tenho dezoito anos que não voltarão: e tenho a fraqueza de querer bem a quem não me quer. Achas que é pouco?

ISABEL - Está bom! Tudo isto passa com um abraço de Henrique. Não é Joaquim? Lá... (*Aponta*)

CLARINHA - Parece. (*Afasta-se*) Estás vendo! O Senhor Sales não fez a gracinha de deixar o seu ramo de flores no meu chapéu!

ISABEL (*sem voltar-se*) - É a consequência de teus gracejos! Quando te digo que ele não compreende...

CLARINHA - Não é de admirar! Outros que deviam... (*Vai atirar o buquê, cai um bilhete que lê rapidamente e esconde*) Que é isto? (*Pausa*)

ISABEL - O que dizias?

CLARINHA (*comovida*) - Nada; não falei contigo.

ISABEL (*chegando-se*) - É preciso acabar com este brinquedo! Aquele moço pode te comprometer!

CLARINHA - Oh! Fique descansada! Vai acabar.

#### **CENA IV**

As mesmas e JOAQUIM

ISABEL - Teu Senhor não veio?

JOAQUIM - Veio, sim, Senhora. Ficou na estação.

ISABEL - Ele está bom? Passou bem na cidade? Não achou a casa muito desarranjada, não?

JOAQUIM - Sempre faltava minha Senhora lá; mas ele não sentiu nem um incômodo, não, Senhora. (*Apresenta uma cestinha*)

ISABEL - O que é isto?

JOAQUIM - São umas frutas que meu Senhor mandou trazer.

ISABEL - Para laiá?

JOAQUIM - Para minha Senhora.

ISABEL - Ah! Ele não se esqueceu de mim!

JOAQUIM - E é isto só?... Quando minha Senhora voltar para a cidade há de ver!... A casa nem se parece!... A sala de minha Senhora está que faz gosto!

ISABEL - Antes não lhe tocassem!... Vivi feliz ali por tanto tempo.

CLARINHA (*a JOAQUIM*) - Quem te perguntou por isso? (*A ISABEL*) Era uma surpresa que Augusto queria te fazer. Agora já não é segredo! Foste tu mesma que escolheste os trastes, a cor do papel, as cortinas, tudo, até as perfumarias!

ISABEL - Estás sonhando, Clarinha; nunca falei de semelhante cousa.

CLARINHA - Deveras! Não te lembras do meu projeto?... E dos conselhos que me deste para arranjar a minha casa?... Pois era da tua, que se tratava!

ISABEL - Que maldade!

CLARINHA (*a JOAQUIM*) - Já está tudo pronto?

JOAQUIM - Está quase. Hoje foi o armador deitar os retratos.

ISABEL - Quais retratos?

JOAQUIM - O da minha Senhora, o de laiá, o de Nhanhã e o de Senhor moço Henrique.

ISABEL - E o dele?

JOAQUIM - O de meu Senhor?... Esse não vi, não, Senhora.

CLARINHA - Quer que tu o peças!... Faceirice desses meus Senhores: gostam de se fazer desejados!

ISABEL (*a JOAQUIM*) - Dize a Rita que traga laiá.

CLARINHA - Joaquim, ouve! Logo que escurecer hás de rondar pela parte de fora desta grade para que ninguém se aproxime. Estão-me roubando as flores.

JOAQUIM - Deixe estar, Nhanhã. Eu descobrirei quem é.

## **CENA V**

ISABEL e CLARINHA

CLARINHA - Ficas esperando por mano?

ISABEL - E tu por que não esperas também por Henrique?

CLARINHA - Não merece destas finezas! Não se deixou ficar ontem, por lá?... Que venha quando quiser!

ISABEL - Fez mal; porém vinga-te com generosidade. Se o receberes com meiguice, se te mostrares alegre, e carinhosa, ele terá remorsos, e outra vez não passará assim dois dias fora de casa, sem necessidade.

CLARINHA - Não passará dous não! Passará oito! Nada. Este sistema não me serve.

ISABEL - Experimenta-o.

CLARINHA - Há outro melhor!

ISABEL - E não se pode saber?

CLARINHA - Não, Senhora! Também tenho os meus segredos!

ISABEL - Guarda-os: não sou curiosa senão da tua felicidade.

CLARINHA - Não te demores, este jardim é muito úmido. E tu ainda não estás boa...

ISABEL - Quem fechou isto?... (*Na porta da cabana*)

CLARINHA - Fui eu! Que vais fazer aí?

ISABEL - Meu chapéu!...

CLARINHA - Ah! Não vi. Toma. (*Fecha de novo e guarda a chave*)

## **CENA VI**

ISABEL e MIRANDA

MIRANDA (*cortejando de longe*) - Boa tarde, está melhor?

ISABEL - Melhor, muito obrigada. O Senhor passou bem?

MIRANDA - Passo sempre bem na cidade.

ISABEL - Decerto. Está mais tranqüilo: não é obrigado a constranger-se a todo momento. Mas foi o Senhor quem exigiu que eu viesse a Petrópolis!

MIRANDA - Perdão! Não exigi. Clarinha convidou-a.

ISABEL - Se eu não percebesse o seu desejo teria vindo?

MIRANDA - Este passeio deve fazer bem à sua saúde: é uma distração. Em companhia da sua prima, ao menos a Senhora não está tão só e tão triste.

ISABEL - A minha tristeza é natural; é gênio. Ninguém já repara nela. Mas o Senhor... Joaquim me disse... Tem feito tantas despesas em preparar a casa.

MIRANDA - Ah! Mandei fazer alguns consertos... Desculpe-me se não a preveni. Pensei que a casa como estava podia trazer-lhe lembranças desagradáveis...

ISABEL - Guardava as mais doces recordações de minha vida! Não importa!... Nela viverei sempre feliz! O que sinto é que tome tanto incômodo por minha causa.

MIRANDA - Não, Senhora. A nossa posição exige uma certa decência, mesmo com sacrifício.

ISABEL - E por que não consente que sua filha tenha uma parte nesses sacrifícios?... A glória de seu nome, os seus serviços, a estima pública que o

cerca, não deve pertencer a ela algum dia? Por que não usa de sua fortuna?... Ela é rica!

MIRANDA - Minha filha é pobre... Quanto a essa fortuna, acredite-me, não a coloque nunca entre nós ambos... Se a felicidade de uma menina, e a sua honra, Senhora, só pudessem ser compradas por tal preço... Não teria a força.

ISABEL - E tem a força de se ver caluniado, de ver pesar sobre a sua probidade uma suspeita infame! Quando podia destruí-la com uma palavra!

MIRANDA - Injúrias anônimas! Quem está livre delas?... Ah! Se fossem esses os espinhos de minha vida! Cuida que ainda resta sensibilidade para esses pequenos dissabores nas almas devastadas pelas grandes dores!

ISABEL - Se eu pudesse restituir-lhe a felicidade a custo de minha vida inteira... Mas tenho medo de morrer deixando-lhe essa idéia... É o que ainda me tem conservado neste mundo. Nunca, até hoje, o Senhor me quis ouvir uma palavra...

MIRANDA - Para quê?... É melhor não revolver esta cinza... seria mais uma humilhação para ambos, para o iludido, e para o que iludisse.

ISABEL - Senhor!... Sinto que pouco tenho a viver!... O que eu lhe digo agora, direi com meu último suspiro, quando Deus já não deixa mentir!... Sou inocente!...

MIRANDA - E eu não o sei?...

ISABEL - Ah!...

MIRANDA - A todo o momento o repito a mim mesmo... Estou ouvindo sempre, sempre, dentro de minha alma, essa palavra que já me disse uma vez... E quero crer... quero enganar-me a mim mesmo! Mas... não posso!

ISABEL - Há em tudo isto um mistério que me condena!... Mas acredite! uma mulher criminosa, por mais vil que fosse, não vivia assim atada à sua vergonha, e esmagada por esse desprezo tão cruel, que a procura colocar a cada passo em face de um homem ridículo, que supõe seu amante! Oh! essa coragem só a dá consciência pura.

MIRANDA - Tenho-a feito sofrer muito! Por que não me deixou a mim só esse martírio!...

ISABEL - Não cumpro o meu dever?



MIRANDA - Dever!... A Senhora não tem deveres para comigo!

## CENA VII

Os mesmos e ALVES

ALVES - Permissão para um viajante!

MIRANDA - Oh! Alves!... Quando chegaste?

ALVES - Esta manhã. (A *ISABEL*) Minha Senhora! Soube agora que estavas aqui!

MIRANDA - Foste feliz na tua viagem? Gozaste sempre saúde?

ALVES - Por esse lado não tenho razão de queixa. Passa-se perfeitamente em Minas: mas os negócios não correm bem.

MIRANDA - Creio que agora correm mal por toda a parte.

ALVES - É verdade!... Mas, por lá não fazes uma idéia... Vai para um ano, hás de te lembrar, que ando nas minhas cobranças, e de oitenta contos de réis não cheguei a arrecadar vinte!

MIRANDA - Não desanimes por isso! Continua a trabalhar, e espera por melhores tempos.

ALVES - Sim; porém os meus credores, a quem passei letras ao prazo de um ano, não esperam mais! Meu sócio já me escreveu, participando-me isso, e eu não sei o que fazer... Acho-me como vês numa situação bem crítica.

MIRANDA - Realmente para um homem do teu carácter a posição é terrível. Faltar aos seus compromissos.

ALVES - Ver declarar-se a falência da sua casa, e apesar de sua boa fé, fica sujeito a suspeitas injustas! Isso tem-me feito sucumbir! O prejuízo enfim, vá feito. Tenho forças para suportar a pobreza.

MIRANDA - Oh! A pobreza não assusta aos homens honestos. Dá-lhes estímulo ao contrário. Mas, dize-me que posso eu fazer em teu favor?

ALVES - Obrigado por esta palavra! Não esqueci o oferecimento sincero que me fizeste na ocasião de minha partida; mas, se não o lembrasses, não teria ânimo.

MIRANDA - Sim, eu te disse que podias recorrer a mim, no caso de qualquer embaraço...

ALVES - É o que eu faço e com bastante acanhamento. Nestes negócios vexo-me mais em dirigir-me a um amigo, do que a um estranho, a quem obrigo a minha firma, e não o meu reconhecimento.

MIRANDA - Não devias ter acanhamento comigo. A minha fortuna estava toda à tua disposição...

ALVES - És um verdadeiro amigo.

MIRANDA - Atende! Não mereço os teus elogios. O que eu te oferecia há um ano não o posso agora.

ALVES - Perdeste a fortuna?

MIRANDA - Não a tenho.

ALVES - Mas tuas propriedades, tuas apólices.

MIRANDA - Vendi-as todas.

ALVES - E o produto?

MIRANDA - Não sei!...

ALVES - Roubaram-te?...

MIRANDA - Não.

ALVES - Mas como se consome assim mais de cem contos de réis em um ano!...

MIRANDA - A vida é cara na atualidade... A política faz descuidar os negócios... Mil cousas que fora longo dizer!

ALVES - Ah! Desculpa-me! Vejo que te incomodo!

MIRANDA - Não! O que sinto é não poder servir-te.

ALVES - Por isso não deixaremos de ser amigos... Nada valho e agora menos; mas sou sempre o mesmo: na fortuna como na adversidade. Ao menos a franqueza acharás sempre em mim.

MIRANDA - Agradeço-te. Se alguma vez recorresse aos meus amigos, não lhes faria a injúria de duvidar de sua palavra; nem exigiria deles os motivos de seu procedimento. Há reservas que se respeitam.

ALVES - Acabemos com isso, Miranda. Perca-se tudo embora; mas o que eu não quero perder é a tua amizade.

ISABEL - Senhor Alves.

ALVES - Perdão, minha Senhora.

ISABEL - Atenda-me um instante. Eu lhe explico!

ALVES - Não é necessário.

ISABEL -- Não posso deixar que o Senhor conserve uma queixa de seu amigo e por minha causa... Foi um erro meu; as mulheres são às vezes tão imprudentes...

MIRANDA - Não se trata disso agora.

ISABEL - Tive a fraqueza de falar na riqueza de meu pai, uma vez que meu marido não quis satisfazer um capricho meu, uma extravagância... Ele perdoou-me; mas jurou que não tocaria nessa fortuna... Compreende agora... um escrúpulo... uma susceptibilidade... Dele pois, ou de mim, aceite, Senhor Alves.

ALVES - Não devia duvidar de ti!... (A ISABEL) Eu admiro e agradeço, minha Senhora. Mas não posso aceitar sem o consentimento de Miranda. (*Entra HENRIQUE*)

MIRANDA - Ela pode dispor livremente do que lhe pertence, Alves.

ISABEL - Ouve? Não deve recusar.

ALVES - Mas, D. Isabel, eu tenho escrúpulos... Luto com embaraços; posso ser infeliz, e causar-lhe graves prejuízos.

ISABEL - Que importa!... Então deverei tudo a meu marido. É um orgulho de mulher, Senhor Alves.

ALVES - Pois bem, se for absolutamente necessário, aceitarei. Vou amanhã à Corte! verei o estado dos meus negócios e me resolverei.

## CENA VIII

Os mesmos e HENRIQUE

HENRIQUE - Oh! Estás de volta enfim.

ALVES - É verdade! E venho achar-te casado e feliz. O que são protestos de homem solteiro! (A *MIRANDA*) Na véspera de minha partida disse-me que nunca se casaria; e isso com um tom que me Convenceu.

MIRANDA - E um mês depois estava casado!

HENRIQUE - Todos fazemos o mesmo. Quando se protesta é porque já o negócio está decidido.

ALVES - Fizeste bem; o casamento é uma necessidade. HENRIQUE - Aos trinta anos: antes é um luxo. (*Vão se afastando*)

ALVES - Estarás arrependido?

HENRIQUE - Não! Minha mulher vive satisfeita de seu lado, eu gozo de toda a liberdade... Nem um aborrece ao outro. Compreendemos o casamento, não achas?

ALVES - Teu tio me parece que o compreende de outra maneira!

HENRIQUE - Temos gênios tão diferentes! Já sei que ficas conosco alguns dias.

ALVES - Não posso nem passar a noite aqui; tenho que pôr em ordem as contas de minhas cobranças para amanhã seguir. (*Afastam-se*)

MIRANDA (*a ISABEL*) - Obrigado, Senhora. (*Aperta a mão*)

ISABEL - Me agradece, meu Deus!... Mas eu sinto não possuir outra fortuna para ter a felicidade de perdê-la, Senhor!

## CENA IX

ISABEL e CLARINHA

(*No fundo do portão vê-se HENRIQUE, AUGUSTO e ALVES*).

CLARINHA - Bela!... Não viste Henrique?

ISABEL - Está aí conversando com o Senhor Alves.

CLARINHA - Não sei quem é?

ISABEL - Um amigo de Augusto. Vamos ter com ele?

CLARINHA - É o que faltava!... Chegou depois de dois dias e ainda nem me procurou!...

ISABEL - Chegou agora mesmo!... Olha! ali vem ele.

CLARINHA - Deixa-me só! Se estiveres aqui, ele nada me dirá!

ISABEL - Tens razão. *(A meia voz a HENRIQUE)* Clarinha está zangada: abraça-a.

HENRIQUE - Adeus, Clarinha!

CLARINHA - Ah! Já não o esperava!

HENRIQUE - Também era demais. Duas noites pode-se passar fora de casa, porém três... Era um escândalo!

CLARINHA - Ora! que tinha isso! Podia se divertir! Não reparo nestas cousas.

HENRIQUE - Então não está zangada comigo?

CLARINHA - Zangada por quê? Não nos casamos para aborreceremo-nos todos os 365 dias do ano... Divertiu-se muito?

HENRIQUE - Nem por isso!... Perdi o meu tempo e o melhor perdigueiro.

CLARINHA - Que desgraça!... Pois nós brincamos e passeamos muito. Mano ficou na cidade; porém o Senhor Sales fez-nos sempre companhia. Esteve muito amável.

HENRIQUE - Faço idéia! Quantas vezes falou da viagem à Europa?

CLARINHA - Uma vez só! Não sabes! Confessou-me que tinha feito essa viagem por causa de um desgosto que sofrera. Um casamento... Não sei o quê!...

HENRIQUE - Estou muito fatigado para ouvir agora as histórias de Sales, Clarinha. Manda-me preparar alguma coisa para jantar... Venho morto de fome e de sono.

CLARINHA - Pode dormir estes dois dias... Amanhã temos um passeio ajustado para a Cascatinha; a casa fica bem sossegada. Ah! Guarda-me esta chave! Não perca!

HENRIQUE - Que passeio é esse tão fora de propósito?

CLARINHA - Já convidei Bela, o tio Siqueira, e o Senhor Sales. Cuidei que não viesse hoje.

HENRIQUE Se eu soubesse disso decerto que não vinha cá.

CLARINHA - Foi pena!... Quando quiser, chame Augusto e venha jantar. *(Sai correndo, e deixa o lenço com o bilhete de SALES, que HENRIQUE apanha)*

## **CENA X**

MIRANDA, HENRIQUE, ISABEL e IAIÁ

*(ALVES despede-se no fundo e sai. MIRANDA dirige-se a HENRIQUE, enquanto ISABEL recebe de RITA a menina e senta-se com ela à porta).*

ISABEL *(a RITA)* - Podes ir. *(A IAIÁ)* Vamos ver papai!... Minha filha há de dizer que teve muitas saudades de Papai! Diga sim! Para Mamãe lhe querer bem!...

MIRANDA *(Vendo o papel que HENRIQUE lhe apresenta)* - Que papel é este?

HENRIQUE - Leia! *(ISABEL atende)*

MIRANDA - Está tão escuro já!... *(Lendo)* "Se me ama.. espere-me ao escurecer... na..."

HENRIQUE - Na cabana do jardim!... Ah!... *(Aponta)*

MIRANDA - Mas que é isto?

HENRIQUE - Uma carta de amor! Não vê?

MIRANDA - Onde a achaste?

HENRIQUE - Neste lugar: ela deixou-a cair quando saiu!

MIRANDA - Ela quem?

HENRIQUE - Não adivinha?... Minha mulher!

MIRANDA - É impossível, Henrique!

HENRIQUE - O seu lenço, veja.

MIRANDA - Conheces esta letra?

HENRIQUE - Perfeitamente! É do Sales. (*ISABEL corre para a casa*)

## **CENA XI**

HENRIQUE e MIRANDA

MIRANDA - Do Sales?...

HENRIQUE - É verdade!... Um ente desprezível!

MIRANDA - Esta carta será realmente para tua mulher, Henrique... Quem sabe!

HENRIQUE - Eu vi-a cair. Ela a tinha no seio.

MIRANDA - Que fatalidade, meu Deus!

HENRIQUE - Se ouvisses o que me dizia há pouco, não duvidarias. Traía-se sem querer... O nome desse homem lhe vinha constantemente aos lábios! A infame!... Cuspia-me na face a desonra!... Mas enganou-se! (*Deita dois quartos de bala nos canos da espingarda*)

MIRANDA - Que vais fazer?

HENRIQUE - O miserável não tarda!... Se ele vier... Se o esperar... Tenho dois tiros e a minha honra salva!

MIRANDA - A honra não se discute!... Mas, Henrique, tens a certeza de que tua mulher seja criminosa?

HENRIQUE - E estas provas?

MIRANDA - Não bastam.

HENRIQUE - E se ela vier?

MIRANDA - Ainda assim! Pode não ser criminosa; pode cometer apenas uma falta, uma falta bem grave não nego! Porém a tua consciência está calma e tranqüila neste momento?... Não te acusa ela de teres deixado entregue às suas próprias forças sem apoio e sem proteção a virtude de uma menina inexperiente?... Responde! Se cumpriste o teu dever, cruzo os braços e calo-me.  
HENRIQUE - Não há razão que justifique semelhante falta, meu tio!

MIRANDA - Decerto nada a justifica. Mas qual é a razão que justifica o marido que trai seus deveres?

HENRIQUE - Há uma grande diferença...

MIRANDA - Sei o que pretendes dizer! Não é dessa fidelidade material do homem, que eu falo. O nosso grande dever é o de proteger e fazer a felicidade da mulher que nos sacrificou tudo, que é a mãe de nossos filhos, e a companheira inseparável da nossa existência. Como procedemos nós depois que passam os primeiros gozos de um amor partilhado? Voltamos às ocupações habituais. No nosso orgulho de homens, entendemos que a inteligência da mulher não pode acompanhar-nos nessa porção mais importante de nossa vida, e só deve ocupar-se dos arranjos domésticos, das modas e dos bailes. Deixamos no isolamento esses entes fracos a quem arrancamos da casa de seus pais, às festas da família, à ternura materna, às afeições dos seus!... Gastos pelos amores fáceis nem um se lembra que a alma, ainda virgem, de sua mulher, tem necessidade de viver!... Esquecemos enfim o tesouro que nos foi confiado, e cujo valor só sentimos nos momentos de sua perda!

HENRIQUE - Nunca deixei de amar Clarinha... Tinha toda a confiança nela, e supunha que era feliz...

MIRANDA - Caíste no erro de todos os maridos. Não associaste completamente tua mulher à tua vida, não a interessaste nos teus projetos e sonhos do futuro... Não há nada que a mulher não compreenda pelo coração; nas cousas as mais áridas, elas acham o encanto que dá o amor e a imaginação. Tu gostas da caça, por exemplo. Se Clarinha partilhasse contigo, mesmo de longe, as tuas emoções e os teus prazeres, não se julgaria abandonada quando a deixas por este passatempo. O seu espírito te acompanharia.

HENRIQUE - É noite!... Eu lhe peço... Retire-se!

MIRANDA - Quando estiveres mais calmo.

HENRIQUE - Agora, perdoe-me, não o atendo.

MIRANDA - É agora que me deves ouvir!



HENRIQUE - Deixe-me só!...

MIRANDA - Não!... Não posso deixar-te nesse estado.

HENRIQUE - Pois bem, fique! Mas não me contenha... Há ocasiões em que o homem não se domina.

MIRANDA - Uma última vez, Henrique...

HENRIQUE - É de balde... A minha resolução está tomada! (*HENRIQUE arma a espingarda. AUGUSTO medita*)

MIRANDA (*lento*) - Vou te revelar o segredo de um amigo. Também ele amava sua mulher, também ele cometera o mesmo erro. Recolhendo-se alta noite, entrou na sala no momento em que um homem que ele não pode conhecer se despedia de sua mulher e saltava pela janela.

HENRIQUE - Que fez ele?...

MIRANDA (*idem*) - Chorou a sua felicidade perdida. Agarrou uma arma como agora fizeste... Uma menina... sua filha, balbuciou seu nome, e salvou-os a ambos!... Salvou-os da morte, mas que vida, Henrique! A sociedade, a reputação impôs a estas duas criaturas um suplício horrível! Viveram no mesmo teto, odiando-se ou desprezando-se. (*Anima-se*) Desprezando-se? Não!... Porque o marido amava a mulher culpada! E como nunca a amara... Amor odioso, paixão vergonhosa, que o rebaixava aos seus próprios olhos, Que tortura, Henrique!

HENRIQUE - Não sucederia isto, se tivesse seguido o seu primeiro impulso!

MIRANDA - E quando ele visse essa mulher que julgou criminosa dar o exemplo da virtude a mais austera! Quando visse o heroísmo e a dignidade com que essa alma nobre suportou todas as afrontas; não estremecia lembrando-se que podia ter assassinado a inocente? Oh! Quantas vezes depois de a haver insultado vilmente, não estive quase lançando-me a seus pés, e pedindo-lhe perdão!...

HENRIQUE - Que diz? O Senhor?

MIRANDA - Eu?... Disse eu?... Falava-te como esse amigo me falou... Ele duvidava!... Que provas tinha? Sua mulher guardava o silêncio, é verdade! Mas, não havia nisso algum mistério?... Demais também sentia-se culpado! Aquela primeira falta foi irreparável? Quem sabe se ela não é pura ainda e se não

houve precipitação em cavar o abismo que nos... que os separa!... E agora... Henrique, julgas que seja impossível? (*ISABEL aparece do lado da cabana*)

HENRIQUE - Silêncio!... Não ouve? Ali por entre as árvores... O seu vestido!... Não é?

MIRANDA - Espera! Cuidas que apesar de tudo esse homem de quem te falei tinha o direito de matar sua mulher?... Onde vais?

HENRIQUE - Não me siga, meu tio! Se me preza não se coloque entre mim e a minha honra.

MIRANDA - Não consentirei nunca, Henrique! (*HENRIQUE foge entre as árvores. MIRANDA corre a ISABEL*)

## **CENA XII**

ISABEL e MIRANDA. (*depois CLARINHA*)

ISABEL (*dirige-se à cabana em voz baixa*) - Clarinha!... (*Na porta da cabana*) Clarinha!...

MIRANDA (*á meia voz*) - Não se perca!... Seu marido, Clarinha.... (*Ouve-se um tiro. ISABEL cai nos braços de MIRANDA que a tem arrebatado*)

ISABEL - Ah!...

MIRANDA - Minha mulher!...

ISABEL - Ouvi a carta... Era preciso salvar..

MIRANDA - A quem?... A seu amante?...

ISABEL - Por que não me deixou morrer! (*CLARINHA aparece*)

CLARINHA - Que foi isto? Ouvi um tiro!

MIRANDA - Nada! Henrique descarregou a espingarda e... e... ela assustou-se.

## **ATO QUARTO**

Em casa de SIQUEIRA em Petrópolis. Sala interior.

## CENA PRIMEIRA

SIQUEIRA, RITA e IAIÁ

*(Iaiá brinca no jardim acompanhada de RITA. SIQUEIRA aparece como quem vai a passeio)*

RITA - A bênção?

SIQUEIRA - Não me dirás o que há de novo nesta casa, desde ontem à noite?

RITA - Nada, não, Senhor. *(A IAIÁ)* Tome a bênção a vovô.

SIQUEIRA - Ora! Há aqui alguma coisa necessariamente. Clarinha e Henrique fogem um do outro. Bela não aparece; e Augusto, esse não diz palavra.

RITA - Nhanhã D. Clarinha está zangada com Senhor moço Henrique, porque ele ficou muito tempo caçando!

SIQUEIRA - Arrufos de namorados! Bem, disso já sabia eu. E os outros?

RITA - Meu Senhor?... Esse já veio maçado ontem da cidade.

SIQUEIRA - E tua Senhora?

RITA - Vosmecê não sabe que Sinhá não anda boa? Esta noite passou muito mal; não dormiu.

SIQUEIRA - E foi ela só? Creio que ainda ninguém dormiu nesta casa. Toda a noite ouvi Augusto passear nesta sala. Clarinha às duas horas ainda estava no piano fazendo um concerto com os cães que ladravam desesperadamente; Henrique, esse deu-lhe a vontade de passear de madrugada com a chuva. Parece que estava morrendo de calor. Já voltaria?

RITA - Ainda não vi ele hoje, não Senhor.

SIQUEIRA - Talvez tenha armado outra caçada. É muito capaz, só para fazer pirraça à mulher.

## CENA II

ISABEL e SIQUEIRA

*(RITA e IAIÁ no jardim; às vezes aparecem)*

ISABEL - Bom dia, meu pai.

SIQUEIRA - Passou mal a noite; já sei.

ISABEL - Perdi o sono, não sei porquê.

SIQUEIRA - Também eu. Com o rebuliço que havia nesta casa, não é de admirar. Que tem Augusto? Acho-o triste.

ISABEL - Uma contrariedade... os seus negócios. Ele contou-me ontem quando chegou. Talvez seja obrigado a voltar amanhã.

SIQUEIRA - Amanhã, domingo?

ISABEL - Quis ir hoje; mas creio que Joaquim já não achou bilhete.

SIQUEIRA - Para isso não valia a pena ter vindo. - Quer dar um passeio? A manhã está tão bonita!

ISABEL - Não posso, não, meu pai.

SIQUEIRA - Vamos até a Vila Teresa; em caminho tomas um copo de leite; há de fazer-te bem. Não me desacredites os ares de Petrópolis. Andas tão pálida, e eu quero que voltes corada para a corte. Rita, vai ver o chapéu de tua Senhora.

ISABEL *(a RITA)* - Deixa estar. *(A SIQUEIRA)* Desculpe-me, não tenho disposição. Depois, quando o sol abrir. *(Toma IAIÁ)*

SIQUEIRA - Fica muito tarde; mas eu posso esperar.

ISABEL - Não, Senhor, vá, meu pai. Se me dispuser, eu irei com Clarinha. *(RITA afasta-se)*

### **CENA III**

ISABEL, IAIÁ e MIRANDA

ISABEL - Minha filha!... Onde esteve?... Já viu Papai?... Ele beijou Iaiá hoje?... Beijou: onde? aqui! *(Beija com efusão a face da menina)* Iaiá vai ficar sem sua Mamãe... Vai... Ela não pode viver muito tempo não!... Já lhe faltam as forças. *(Pausa)* Quando Mamãe morrer, Iaiá chora?... Não?... Inocente. *(Entra*

MIRANDA) Não sabes, não saberás nunca, o que tua mãe sofreu neste mundo, minha filha! Por que Deus consentiu que me salvasses a vida, naquela noite fatal?...

MIRANDA - Por que, Senhora? Eu respondo por ela.

ISABEL - Não o tinha visto; desculpe-me, Senhor.

MIRANDA - Deus, salvando-nos a vida naquela noite, queria que aqueles que já não podiam viver um para o outro, vivessem ao menos para esta menina inocente; que a mãe respeitasse a pureza de sua filha, já que a mulher não tinha respeitado o nome de seu marido. Mas assim não aconteceu.

ISABEL - É preciso, meu Deus, que eu tenha descido muito para que o meu juramento, as minhas lágrimas, os meus protestos, tudo, até o meu suplício não possa destruir uma simples suspeita. (*Deixa IAÍÁ*)

MIRANDA - O que eu vi há um ano, o que tornei a ver ontem é uma simples suspeita, Senhora?

ISABEL - Viu aquele homem?... Não, não é possível. Viu uma flor que ele deixara cair por acaso, quando ali estávamos todos; uma flor que Clarinha atirara ao chão gracejando. Ah! eu não podia pressentir que espinhos tinha aquela rosa para minha alma. É a prova que me condena; e eu não posso dizer contra ela, uma palavra, sem mentir!

MIRANDA - Mas, ali, naquela noite, estava um homem. Vi-o, desta vez não é uma suspeita; vi-o saltar da janela; não ouvi as palavras que lhe disse; creio, porém, que lhe apertou a mão, e a Senhora tinha lágrimas nos olhos. Aquele homem não era o fátuo desprezível..

ISABEL - Pelo que há...

MIRANDA - O fátuo que apesar de a haver esquecido, a Senhora quis ontem salvar com risco de sua vida?...

ISABEL Pelo que há de mais sagrado para mim neste mundo, por sua honra, e por minha filha, Senhor... Aquele homem não era o Sales.

MIRANDA - Quem era ele então?... Quem?... (*Pausa*) Não responde!... É a terceira vez que lhe pergunto, que lhe peço... E sempre a mesma mudez. O nome desse homem, Senhora?

ISABEL - Não exija isto de mim. Esse nome, nunca, nunca o ouvirá de minha boca. Prefiro morrer julgando-me o Senhor culpada, a defender-me por tal preço.

MIRANDA - E quer que a acredite?... Meu espírito não pode compreender semelhante enigma. A Senhora é inocente: o que eu vi foi apenas ilusão, uma aparência, um fato sem significação. Que motivo pode haver para ocultar o nome desse homem? Para que esse mistério? (*Pausa*) Não mo diz? Fale! Convença-me, Senhora!... Não desejo, não peço outra coisa; arranque-me esta suspeita! Eu lhe suplico! Por piedade!... Invente um pretexto, engane-me se for preciso! Talvez eu possa iludir-me! (*Pausa*) Bem sei que tenho razão quando quero, e não posso crer. Sua alma é nobre, revolta-se contra a falsidade: não pode, nem mesmo sabe mentir!

ISABEL - E por que não me julga assim, quando lhe juro por minha alma que nunca traí meus deveres? É justo isso? Diga, Senhor!

MIRANDA - Mas por que razão se obstina em guardar silêncio?... Teme acaso que eu assassine esse homem? Que perpetre um crime?... Já o teria feito há muito!... nesse miserável que eu suspeito?... Outro motivo... Qual pode ser?... Não posso atinar! Encerra porventura esse nome algum segredo terrível para mim?

ISABEL - Oh! não procure adivinhar!...

MIRANDA - Explique-se, Senhora. Eu lhe imploro! Uma palavra ao menos, uma só... Não por mim. A tranqüilidade de uma família vale bem esse sacrifício.

ISABEL - Quer saber?... Quer saber, Senhor, a razão por que não lhe revelo esse nome?... É porque tenho medo... Sim, tenho medo! Em face do outro... daquele que o Senhor viu, não poderia sofrer o seu desprezo, como teria forças para o suportar diante desse... desse que o Senhor supõe e não é não, eu o juro!... O suplício seria mais cruel ainda! Sinto que não resistiria, não, meu Deus!... É esta a razão. Está vendo; não há segredo, nem mistério algum... Fraqueza minha...

MIRANDA - Então?... Esse outro... Verdadeiro, cujo nome oculta... Esse... a Senhora ama-o?

ISABEL - Eu?...

MIRANDA - Não acaba de confessá-lo?

ISABEL - Eu, Senhor! Tenho eu mais o direito de amar alguém? Meu amor não seria um insulto para o único homem que mo poderia inspirar?... Amo minha

filha, é verdade! Única afeição para que a mulher, a mais vil, nunca se torna indigna.

MIRANDA - Basta, Senhora; sei o que resta fazer.

ISABEL - O que lhe peço, Senhor, é que ao menos de hoje em diante perca essa idéia cruel que o tortura e que me esmaga. Não suponha que o engano, não! Para que, meu Deus?... Acredita que fui culpada uma vez; um instante; não me posso defender; é a minha desgraça! Teria razão para acusar-me se fosse verdade, mas para desprezar-me assim, não!... Pode-se ter caído numa falta, e conservar-se ainda um resto de pudor... Ao menos um pouco de orgulho para não mentir.

MIRANDA - É preciso que isto tenha um termo. (*Entra CLARINHA*) Depois lhe comunicarei a minha resolução.

#### **CENA IV**

Os mesmos e CLARINHA

CLARINHA - Já sei que os incomodei esta noite! (*Beija ISABEL*) Não tinha sono, e estava tão nervosa. (*Aperta a mão de MIRANDA*)

MIRANDA - Bom dia.

CLARINHA (*a ISABEL*) - Tu sabes que o piano é que sofreu com os meus nervos. Lembras-te do teu? Quebrei esta noite não sei quantas cordas... É um prazer que sinto; aquele estalo faz-me o efeito de um choque elétrico!... Mas vejo que era preciso que eu aparecesse por aqui. Sua Excelência está carrancudo, como um ministro demitido; e tu nem me ouves! Estás descorada, que metes medo!

ISABEL - Não passei bem.

CLARINHA - Com aquele susto, tu que já não andas boa! (*A MIRANDA*) Meu tio, faça-me o favor de ralhar com o Senhor seu sobrinho para ver se ele toma algum jeito de homem sério. Eu já cansei.

MIRANDA - Acho-a muito alegre esta manhã.

CLARINHA - E não se engana. Estou saltando de contente; acordei cantando, faça idéia! E também vou já prevenindo-o; não consinto que ninguém hoje esteja triste nesta casa. A sua respeitável personagem pode ir já começando a desenrugar a testa.

MIRANDA - Suponho que não há motivo para tanta alegria; ao contrário, parece-me que Henrique tem alguma cousa que o aflige profundamente.

CLARINHA - Deveras, meu tio já reparou? E eu ainda nem dei por isso. Mas deixá-lo; são venetas; passam depressa; não lhe dê cuidado. (A ISABEL) Vai fazer o teu *toilette*; quero que fiques ainda mais bonita, para ver se teu marido torna-se amável. (A MIRANDA) Não me agradece?

MIRANDA - Desculpe-me; tenho que escrever. (*Vai a mesa*)

CLARINHA - Ninguém o impede; mas olhe que a política não me entra daquela porta para dentro. Já não é pouco que a mania de caçar se tenha feito dona da casa, para ainda em cima receber hóspedes tão desenxabidos como a tal Senhora, que traz a cabeça dos Senhores todos a juro.

MIRANDA - E é só a política o mau hóspede que a frequenta?

CLARINHA - Qual é o outro? Diga!

MIRANDA - Foi apenas uma pergunta. Nada sei, nada devo saber.

CLARINHA - Pois eu sei, meu Senhor, e não faço mistério. É o pouco caso dos maridos, por suas mulheres. Mas, não há de durar muito, eu lhe prometo.

MIRANDA - Não há de durar, não; diz bem.

CLARINHA - Explique-se. (*MIRANDA prepara-se para escrever; arrepende-se e sai no começo da cena seguinte*)

## **CENA V**

CLARINHA e ISABEL

CLARINHA (*corre a ISABEL e dá-lhe dois beijos na face*) - Não sabes por que estou contente, tão contente, não? Pois não adivinhas?... Henrique está desesperado de ciúmes!

ISABEL - E tem razão, Clarinha.

CLARINHA - Que é isso? Ele te contou?... Está furioso, não é verdade? Passou a noite a fumar e a arrancar os cabelos, e eu morrendo com vontade de rir-me às gargalhadas! Mas depois tive uma pena!... Saiu com toda aquela chuva, e de madrugada: agora é que voltou.



ISABEL - Mas que fizeste tu, Clarinha?... Não te entendo!

CLARINHA - Pois ele não te contou!... O bilhete daquele bobo do Sales, que eu deixei cair de propósito...

ISABEL - De propósito?...

CLARINHA - Sim!... Para fazer cócegas a Henrique; e mostrar ao Senhor meu marido a quanto fica sujeita sua mulherzinha, que ele abandona para andar se divertindo.

ISABEL - Então tudo isto foi um gracejo da tua parte?

CLARINHA - Oh! Bela! Esta não esperava! Fizeste semelhante idéia de mim!

ISABEL - Perdoa-me, Clarinha. Perdoa-me! mas, se tu soubesses...

CLARINHA - O quê?... Dize-me... O que sucedeu?

ISABEL - O bilhete...

CLARINHA - Sim.

ISABEL - Henrique acreditou que você o perdera por acaso!

CLARINHA - O ingrato! (*Rindo*) Mas era justamente o que eu queria.

ISABEL - Conheço a letra...

CLARINHA - Isso sabia eu.

ISABEL - Mostrou-o a Augusto...

CLARINHA - Ah! Por isso meu tio há pouco estava tão sério.

ISABEL - Deixa-me acabar. Ouvei o nome desse homem que nunca deveria ter entrado em nossa casa: não pensei, não refleti... Lembrei-me da tua perturbação!...

CLARINHA - Receava que adivinhasses o meu projeto. Não consentirias nele.

ISABEL - Tinha-te visto guardar a chave da cabana... Esse cuidado, a conversa com o Sales, tantas circunstâncias... Já te pedi perdão, mas tive medo de ti.

CLARINHA - É engraçado! Quando eu te explicar!...

ISABEL - Não me preveni... Corri a casa, procurei tudo e não te encontrando...

CLARINHA - Estava passeando com meu tio para dar tempo a Henrique de ter ciúmes. Se o visse naquele momento não me poderia conter; ria-me por força.

ISABEL - Quanta circunstância! Vês... Não te achando, pensei: "Já escureceu! Estará ela na cabana?" Corro como uma louca. Augusto também ia salvar-te; viu-me, julgou que eras tu... E foi então...

CLARINHA -. Foi então que tiveste aquele susto. Mas... Bela, aquele tiro foi realmente a espingarda que disparou por acaso?

ISABEL - Tu acreditas, Clarinha?

CLARINHA - Ias morrendo, meu Deus; e eu era a causa!

ISABEL - Augusto salvou-me, a morte não me quer. Está passado, não te agonies por isso, nem mesmo dêes a entender que o sabes. Se te revelei este horrível segredo, foi para que toda a tua vida te lembres da noite de ontem, e das conseqüências que podia ter esse gracejo.

CLARINHA - E podia eu supor, Bela, que Henrique tivesse por mim essa paixão furiosa! Lembrar-se de matar-me como um passarinho!... Já se viu que extravagância! Só um marido caçador tem destas idéias! E por quê? Por uma brincadeira.

ISABEL - Com a tua virtude e a honra de teu marido não brinques nunca. São cousas tão santas e tão delicadas... Um sopro pode destruir para sempre a tua felicidade! (*HENRIQUE entra*)

CLARINHA - Fiz mal, confesso; mas, ele não foi um monstro de ingratidão em acreditar logo e sem dificuldade, que eu lhe era infiel?... Oh! verás como me hei de vingar. (*Sem voltar-se*) É ele? Deixa-o vir.

ISABEL - Fala-lhe e conta-lhe tudo.

## **CENA VI**

As mesmas e HENRIQUE

CLARINHA - Deixa-me gozar primeiro deste prazer. É tão bom a gente sentir-se amada e com paixão... Queres que te diga! Eu o acho tão bonito assim! Agora só pensa em mim; só se ocupa comigo.

ISABEL - Eu te compreendo: deve ser realmente um gozo imenso depois da indiferença e do abandono. Mas, ele já sofreu muito.

CLARINHA - Não faz mal; que sofra mais um instante! Eu não tenho sofrido dias inteiros? É moléstia que não mata, o ciúme. Demais eu tenho o remédio infalível.

ISABEL - Não abuses, Clarinha. Sabes o que é uma desconfiança que se agarra ao espírito e o rói sem cessar? Tranqüiliza-o hoje.

CLARINHA - É bom que ele sinta o que custa o desprezo.

ISABEL - Se não lhe disseres já, eu falo.

CLARINHA - Tu nada sabes! No momento em que disseres uma palavra, fico muda.

ISABEL - Ao menos não o deixes sair daqui sem confessar-lhe.

CLARINHA - Isso te prometo. (A HENRIQUE) Melhor cara nos traga o dia de amanhã. Já acabou de descarregar as suas espingardas, meu Senhor?

HENRIQUE - Preciso falar-lhe.

CLARINHA - Estou às suas ordens. Uma conversa íntima com meu marido!... É honra que há muito tempo não recebo.

HENRIQUE - Desejo falar à Senhora só. (BELA ergue-se) CLARINHA (a ISABEL) - Espera. (A HENRIQUE) Bela sabe todos os meus segredos, os passados, os presentes e também os futuros. Ela me conhece! Portanto o Senhor pode falar com toda a liberdade. (Baixo a ISABEL) Estou com uma vontade de rir-me.

ISABEL (*idem*) - Tem pena dele!

HENRIQUE - Não há segredo para Bela, no que vou dizer-lhe; mas, talvez a Senhora se acanhe de responder-me diante dela. Queria poupar-lhe o vexame de corar em presença da virtude.

CLARINHA - Neste caso, fica, Bela. Toma papel e tinta; bem vês que é um interrogatório em regra.

HENRIQUE - A ocasião não é própria para gracejos, Senhora!

ISABEL - Mas, não está vendo, Henrique, que tudo foi um gracejo?

HENRIQUE - Nas almas puras como a sua, Bela, custa a entrar uma suspeita; mas eu tenho provas. (A CLARINHA) E a Senhora devia saber que as suas zombarias neste momento são mal cabidas.

CLARINHA - Oh! Reconheço que a situação é grave... gravíssima! (Ri-se) Perdão! não é culpa minha! Posso conservar-me séria, vendo-o com esses ares de João Caetano no Otelo?...

HENRIQUE - Que significa isto, Senhora?...

ISABEL - Isto significa que quando eu voltar, as pazes estarão feitas.

## CENA VII

HENRIQUE e CLARINHA

CLARINHA - Estou à espera, meu Senhor.

HENRIQUE - Se isto é uma comédia, acho-a de mau gosto.

CLARINHA - Não se trata de comédia: estou na presença de meu juiz, se não me engano isto se chama um processo.

HENRIQUE - Acabemos de uma vez. Este papel...

CLARINHA - Estou vendo: é um bilhete do Senhor Sales.

HENRIQUE - Que esteve tão amável estes dois dias...

CLARINHA - Como se lembra do que lhe disse!... E fiz-lhe a injustiça de supor que a minha conversação o aborrecia!

HENRIQUE - A Senhora sabe a quem escreveu esse... homem?

CLARINHA - Se não é muita fatuidade de minha parte, creio que foi a esta sua criada.

HENRIQUE - Ainda o confessa?...

CLARINHA - Suponho que o Senhor deseja saber a verdade; se quer que o engane é escusado perguntar.

HENRIQUE - Como veio este papel parar às suas mãos?

CLARINHA - Achei-o ontem dentro do meu chapéu num ramo de flores. Não está mal escrito, não?

HENRIQUE - Senhora!... Não me faça perder a calma de que tanto preciso nesta ocasião. Não brinque com a desgraça de uma família inteira!... Sabe de que excessos é capaz um homem de brio para vingar a sua honra ultrajada?...

CLARINHA - Já esperava por isso. É o discurso de rigor! Sei de que é capaz, meu Senhor; sei que me quis matar ontem...

HENRIQUE - Quem lho disse?

CLARINHA - Talvez ainda lhe venham tentações de o fazer. Mas pensa que tenho medo de seus tiros e de seus furores?... Não! Do que eu tenho medo... E o Senhor não o merece!... Do que eu tenho medo é de que se esqueça de mim e deixe de querer-me bem.

HENRIQUE - Eu lhe suplico! Seja franca; diga-me toda a verdade, Clarinha.

CLARINHA - Muito bem! Eis uma palavra que muda as posições: já não está aqui o juiz; é meu marido! Agora, sim Senhor, tenha a bondade de ouvir-me. Eu podia punir como toda a Senhora honesta deve fazer, a insolência daquele homem, sem que o Senhor o soubesse; mas quis que aprendesse à sua custa. O Sales não teria a audácia de escrever-me se visse que meu marido me amava e que eu vivia feliz.

HENRIQUE - Eu não te amo, Clarinha?... Podes duvidar?

CLARINHA - Há quanto tempo não mo dizias?... É uma palavra que nunca se repete demais à sua mulher...

HENRIQUE - E para isso era preciso me fazeres sofrer tanto? Ainda tremo!

CLARINHA - Oh! Já me arrependi! Confesso que foi uma imprudência. Que desgraça não ia acontecendo; a desgraça de minha vida inteira! Se Bela morresse!...

HENRIQUE - E tu, Clarinha!

CLARINHA - Eu?... Pouco se perdia; o Senhor depressa se consolaria.

HENRIQUE - Ingrata!

CLARINHA Quem me chama! Quem acreditou que eu o enganava, e me quis matar!

HENRIQUE - Não me lembres mais essa loucura, eu te peço.

CLARINHA - Por que razão?... Se não a tivesse feito, creio que não te quereria tanto, como te quero agora.

HENRIQUE - Mas, era um crime, Clarinha.

CLARINHA - Um crime por muito amor! Que mulher não o perdoa!

## CENA VIII

Os mesmos e JOAQUIM

JOAQUIM - Está aí o Sr. Sales.

HENRIQUE - Ah!... tão cedo.

JOAQUIM - Ele disse que Nhandã D. Clarinha pediu para passar hoje por aqui.

CLARINHA - É verdade.

HENRIQUE (*a meia voz*) - A farsa é divertida; mas não estou disposto a representar nela o jocoso papel que me destina. Ouviu, Senhora?

CLARINHA (*a meia voz*) - Ouvi, Senhor, e já lhe respondo. (*Alto*) Joaquim, vai buscar o ramo de violetas que achaste no jardim. (*Baixo a HENRIQUE*) Não quer que lhe traga também a espingarda?... É prudente; talvez esteja carregada! (*JOAQUIM tem saído*)

HENRIQUE - Basta de zombarias.

CLARINHA - Perdão; o gracejo terminou; agora sou eu que lhe falo seriamente. Se a minha palavra não lhe basta e é preciso que eu desça a explicações, vou satisfazê-lo já. Porém acredite!... É a sua honra unicamente que eu justificarei; a minha não existe desde o momento que duvidou dela.

HENRIQUE - Não duvido, Clarinha, mas quando tudo parece combinar-se de propósito para me iludir, o que posso eu fazer?

CLARINHA - Usar do seu direito; exigir que me justifique.

HENRIQUE - Não supunha que te amava tanto! A menor cousa me faz tremer agora pela minha felicidade.

CLARINHA - Finalmente!... Pois agora sou eu que tas quero dar; tu as mereces. Que fizeste da chave que te dei ontem a guardar? Era a chave da cabana.

HENRIQUE - Má! Não me podias ter dito logo! (*Entra JOAQUIM*) CLARINHA (*faz gesto a JOAQUIM para deitar o ramo num vaso dos consolos*) - Outra prova.

HENRIQUE - Não preciso de mais, não precisava nenhuma.

CLARINHA (*a JOAQUIM*) - Esqueci-me de te perguntar. Rondaste ontem ao escurecer pela grade do jardim? Viste quem me roubava as flores?

JOAQUIM - Não vi ninguém, não Senhora. (*HENRIQUE aperta a mão de CLARINHA*)

CLARINHA - Está bem; manda o Senhor Sales entrar para aqui mesmo. (*JOAQUIM sai*)

HENRIQUE - Não! Eu vou encontrá-lo.

CLARINHA - Ainda! (*Introduz o bilhete do SALES no ramo*)

HENRIQUE - Não desconfio de ti, Clarinha! Quero punir este miserável.

CLARINHA - Isto é apenas uma questão de amor-próprio para mim. Deixe-me o prazer de corrigir essa criança.

HENRIQUE - Não me poderei conter.

CLARINHA - Quer fazer ao Sales a honra de suspeitá-lo? Reflita. Seria uma injúria à sua mulher! Nem dê a perceber que sabe cousa alguma. Promete-me.

HENRIQUE - Tu o queres!

## CENA IX

HENRIQUE, CLARINHA e SALES

SALES (*a HENRIQUE*) - Ah! Não sabia que já tinha voltado! Como lhe foi de caçada?

HENRIQUE - Viva, Senhor.

SALES - D. Clarinha! (*Estende a mão*)

CLARINHA (*disfarçando, recusa a mão*) - Não repare, Senhor Sales. Henrique está maçado porque eu lhe acabei de provar que lhe queria mais bem a ele, do que ele a mim. O Senhor tem sido testemunha; quando ele não está em casa fico tão aborrecida que não dou fé de cousa alguma.

SALES - É verdade, tenho observado isso.

HENRIQUE - Também eu de agora em diante pretendo observar, Senhor Sales.

CLARINHA - E a minha aposta? Quantas janelas tem o hotel?

SALES - Contei quinze, se não me engano, D. Clarinha.

CLARINHA - Bravo!... (*A HENRIQUE*) Perdeu, meu Senhor! Não se lembra? (*A SALES*) Foi uma aposta muito interessante. Se eu ganhasse, Henrique ficava obrigado a viver um ano inteiro unicamente para mim, não receberíamos visitas; não sairíamos senão juntos.

SALES - E quando ele sair para negócios?

CLARINHA - Oh! Fique descansado, Senhor Sales! Durante este ano ele não tem negócios. (*A HENRIQUE*) Está disposto a cumprir?

HENRIQUE - Como! Ainda que eu não perdesse. Era minha intenção.

CLARINHA - Que fineza que lhe devo, Senhor Sales!

SALES - Nem por isso, minha Senhora.

CLARINHA - O Senhor não faz idéia! Vou passar o ano mais feliz da minha vida! Viver só para meu marido... Quando Henrique quiser trabalhar, irei cuidar dos arranjos da minha casa, do jardim. Ah! por falar em jardim... O Senhor esqueceu ontem um ramo de flores.

SALES - Um ramo de flores?... Não, Senhora; não me recordo!...



CLARINHA (*toca a campainha*) - Joaquim o achou esta manha no jardim. (*Entra um escravo*) Chama Joaquim. (*A SALES*) A pessoa a quem o Senhor o destinava não lhe há de perdoar semelhante esquecimento.

SALES - Não o destinava a ninguém. Deram-me e não tinha nem um apreço para mim.

CLARINHA (*a JOAQUIM*) - Entrega o ramo do Senhor Sales.

SALES - Não precisa. (*JOAQUIM entrega*)

CLARINHA - Inda pode aproveitá-lo. É bom guardar! (*JOAQUIM sai*) O Senhor não sabe que desgraça ia causando esse ramo inocente.

HENRIQUE (*a meia voz*) - Clarinha!

CLARINHA - O Senhor Sales é de segredo. (*A SALES*) Eu lhe conto. Henrique chegou da caça e estava no jardim conversando, quando não sei como tropeçou no seu ramo. A espingarda embarçou-se no bolso do paletó e disparou!

SALES - Estava carregada?

HENRIQUE - E com um quarto de bala, Senhor Sales.

CLARINHA - É verdade! Foi um estrondo. A bala atravessou de banda a banda a cabana... Aquela, o Senhor sabe, que há no jardim. Se estivesse dentro alguma pessoa, morria decerto.

HENRIQUE - Quando o Senhor sair examine por fora que há de ver o rombo.

SALES - Acredito, não é necessário.

CLARINHA - Foi uma felicidade ter eu fechado a cabana logo que o Senhor saiu, e dado a chave a Henrique, senão podia alguém entrar e acontecer uma desgraça.

SALES - Que perigo!... A Senhora me dá licença?

CLARINHA - Pois não!... Mas agora é que reparo; o Senhor está hoje tão pálido, Senhor Sales.

SALES - Não é nada, minha Senhora. É o meu natural.

CLARINHA - Não; o Senhor anda doente. Aconselho-lhe que faça outra viagem à Europa.

SALES - Agradeço muito o conselho, D. Clarinha.

CLARINHA - E desta vez, demore-se uns cinco anos pelo menos. Com a saúde não se brinca.

SALES - Passe muito bem, minha Senhora. Senhor Henrique.

HENRIQUE - Então até a volta da Europa.

SALES - Se for eu virei despedir-me.

CLARINHA - Mas ele já não pode receber visitas, Senhor Sales; perdeu a aposta.

HENRIQUE (*rindo*) - Que tirania!

## **CENA X**

Os mesmos e MIRANDA

HENRIQUE - E era disto que querias que eu tivesse ciúmes?

CLARINHA - Então!... Se fosses a esperar por um que te valesse, nunca terias.  
(*Entra MIRANDA*)

HENRIQUE (*a AUGUSTO*) - Está vendo como se zomba de um marido!

CLARINHA - Aqui o Senhor, também acreditou! Estou-lhe muito obrigada!

HENRIQUE - Divertiu-se à nossa custa! Vingou-se dos dois dias que passei fora de casa.

MIRANDA - Assim estás completamente dissuadido? Esse bilhete não era para Clarinha?

HENRIQUE - Esse bilhete foi uma insolência daquele tolo, e a Senhora sem dó, nem compaixão, aproveitou-se dele para zombar de mim!... Diga-lhe o que eu sofri.

CLARINHA - Chamou-me de pérfida, cruel, perjura e indigna!... Acusou-me de ter traído o seu amor, de não ter respeitado a sua honra... Não foi?...

MIRANDA - Ainda bem que não passou de um gracejo. Compraste, com algumas horas de inquietação, o que muitos não conseguem com anos de experiência e sofrimento... Visto como todo o teu futuro podia ter sido devorado por um momento de alucinação!... Vela sobre a tua felicidade, Henrique. Ela vale bem a pena.

CLARINHA - Mas, por isso não precisa ficar triste! Ralhe comigo que fui a causa de tudo; porém tenha dó de Bela.

HENRIQUE - Realmente, acho-o abatido, meu tio!

MIRANDA - Trabalhei muito esta noite; sinto-me fatigado.

HENRIQUE - Talvez a emoção que ontem sentiu.

CLARINHA - Vamos dar um passeio pelo jardim. O ar da manhã lhe fará bem.

MIRANDA - Não; preciso estar só. (*Toca a campainha*)

HENRIQUE (*a meia voz*) - Diga-me, meu tio, diga-me com franqueza... Nada o aflige, neste momento?

MIRANDA - Não faças caso disto. É fadiga apenas.

CLARINHA (*a HENRIQUE*) - Vamos ver Bela; também não a acho boa hoje! Aquele susto...

HENRIQUE (*baixo*) - E pensas que fosse somente o susto...

CLARINHA - Sabes de alguma cousa?

HENRIQUE - Não, não sei nada.

## **CENA XI**

MIRANDA e JOAQUIM

MIRANDA - Compraste os bilhetes para amanhã?

JOAQUIM - Sim, Senhor. (*Entrega*)

MIRANDA - Bem: vai arrumar tudo o que me pertence na mala. Hás de levá-la daqui a pouco à Estação.

JOAQUIM - Meu Senhor não volta mais a Petrópolis?

MIRANDA - Não sei... Preciso do que é meu na cidade... Talvez volte; porém mais tarde.

JOAQUIM - Minha Senhora viu os bilhetes, e disse que não queria ficar aqui.

MIRANDA - Tua Senhora precisa ficar por causa de sua saúde; os médicos aconselham. Não quero que em casa saibam de minha resolução.

JOAQUIM - Sim, meu Senhor.

MIRANDA - Dize a tua Senhora que eu desejo falar-lhe. Dize-lhe baixo que D. Clarinha não ouça. (*MIRANDA fecha uma porta lateral da Esq., escreve o sobrescrito e vai lacrar quando ISABEL aparece*)

## CENA XII

MIRANDA e ISABEL

ISABEL - Mandou-me chamar, Senhor?

MIRANDA - Disse-lhe há pouco que mais tarde lhe comunicaria minha resolução... Já a tomei: é necessário que nos separemos, Senhora.

ISABEL - Para que, Senhor?... Essa separação não tardará muito. Eu lhe prometo que breve, mais breve do que pensa, ficará livre de mim.

MIRANDA - Já confessei que a tenho feito sofrer muito. Perdoe-me esta vez que é a última que lhe falo!... Com a tranquilidade e o sossego que trará a nossa separação, há de restabelecer-se. O que a estava matando era esse suplício de todas as horas, esse martírio causado pela presença constante de uma pessoa odiada.

ISABEL - Causado pelo receio de ofendê-la e só com a minha presença!... Foi um martírio, foi; mas também era a única alegria que Deus me permitia neste mundo, acompanhá-lo, servi-lo e estimá-lo, apesar de seu desprezo. Eu lhe suplico, Senhor! Deixe-me esse martírio até o último sopro de vida. Quero morrer a seu lado, não para amargurá-lo; a agonia será curta; mas, para que possa dizer-lhe a minha última palavra.

MIRANDA - Não se aflija, Senhora. Esta separação lhe pesa porque receia talvez pela sua reputação. Ela não sofrerá, eu lhe juro.

ISABEL - Que vale a minha reputação desde que a perdi para o Senhor?... Eu já não vivo neste mundo; que me importa o que se passa nele?

MIRANDA - Uma Senhora precisa sempre de sua reputação; quando não seja para si ou para o seu marido, será para sua família, para sua filha. Fique descansada, porém eu preciso fazer uma viagem à Europa; a Senhora não pode naturalmente acompanhar-me por causa de sua filha; fica em sua casa, ou na fazenda com seu pai...

ISABEL - Quando parte, Senhor?

MIRANDA - No próximo paquete.

ISABEL - Depois de amanhã?

MIRANDA - Desejava, mas já não é possível. Será no seguinte.

ISABEL - Daqui a um mês!... Antes disso terei eu partido, e para mais longe!... É inútil a sua viagem.

MIRANDA - Deixe estas idéias tristes! Prometo-lhe que não voltarei!... Um dia chega-lhe a notícia de que está livre, viúva; pode ainda ser tão feliz! Neste momento, só lhe peço que me perdoe e me acredite. Aceitando a sua mão, pensei que poderia fazer-lhe a sua felicidade!...

### **CENA XIII**

Os mesmos e SIQUEIRA

SIQUEIRA - Que é isto? Continua a cena de ontem? De que estás chorando, Bela?

MIRANDA - As Senhoras choram por qualquer motivo. Comuniquei-lhe o meu projeto de ir à Europa...

SIQUEIRA - Ah! Mas é cousa nova!

MIRANDA - Resolvi agora na cidade. A minha saúde, a minha carreira mesmo, exigem esta viagem.

SIQUEIRA - Acho-a fora de propósito. É mau tempo, deve deixar para maio.

MIRANDA - E a Câmara?... Por esse tempo pretendo estar de volta. Quero aproveitar o intervalo da sessão: será uma viagem precipitada, e muito incômoda para Bela.

SIQUEIRA (*a ISABEL*) - Então já está chorando de saudades?... É uma ausência de sete meses apenas.

ISABEL - De sete meses!... E que fosse, para quem nunca se separou, mais do que alguns dias!...

MIRANDA - Convém habituarmo-nos; ninguém sabe quando chega o momento da separação eterna.

SIQUEIRA - Deixemos isso; a viagem não é agora.

ISABEL - É no próximo vapor.

SIQUEIRA - Havemos de ver.

MIRANDÂ - Em todo caso é cedo para afligir-se, não é verdade, meu sogro?

SIQUEIRA - Decerto. (*A ISABEL*) Não te agonies; no fim das contas isso não passa de projeto.

MIRANDA (*saindo*) - Já volto.

ISABEL - Peça-lhe que não faça esta viagem; mas como cousa sua!... Augusto lhe quer bem: há de atendê-lo.

SIQUEIRA - Eu te prometo falar com ele. Fique descansada.

ISABEL - Mas não lhe fale hoje, não; depois outro qualquer dia. Oh! Eu sinto que essa viagem me mataria.

HENRIQUE (*entrando*) - Senhor Siqueira, preciso falar a Bela. Me dê licença.

SIQUEIRA - Outro!... Veja se também a faz chorar como seu tio.

#### **CENA XIV**

ISABEL e HENRIQUE

HENRIQUE - Chorava?... E foi ele que a fez chorar? Já sei o que isto quer dizer.

ISABEL - É um capricho meu, uma sem-razão.

HENRIQUE - Há um ano é esta a primeira vez que nos achamos sós, Bela. O amor de Clarinha curou a minha loucura; e contudo evitei sempre essas ocasiões pelo respeito que lhe tenho. Hoje, porém, é necessário que lhe fale.

ISABEL - Estou agora tão agoniada.

HENRIQUE - Por isso mesmo!... Que adivinho o motivo. (*Grave*) Bela, o que se passou naquela noite... Na noite em que eu cometi a imprudência...

ISABEL - Nada, Henrique, nada.

HENRIQUE - Responda-me a verdade.

ISABEL - Já lhe disse. Que idéia é essa?

HENRIQUE - Dá-me sua palavra de que nada se passou com seu marido? (*Pausa*) Não pode dá-la. Eu suspeito, eu sei tudo, Bela!

ISABEL - É impossível! Quem lho diria?

HENRIQUE - Então o segredo existe? Bem vê que não o pode ocultar.

ISABEL - Cale-se, Henrique! Podem ouvir-nos! Senti empurrarem aquela porta!

HENRIQUE - Foi engano seu; está fechada. Ontem, Bela, quando me supus traído por Clarinha, tinha uma arma na mão e meu primeiro movimento foi um crime! Meu tio quis chamar-me à razão e eu não o atendi. Enfim, impelido por uma recordação funesta, contou-me ele uma história; a história de um amigo que como eu se julgava desonrado, e como eu ia matar sua mulher, quando o grito de sua filha...

ISABEL - Que tem esta história comigo, Henrique?

HENRIQUE - Ele falava de si, Bela!

ISABEL - Como!... Pode supor?...

HENRIQUE - Duas vezes traiu-se; a palavra saiu-lhe sem querer. Disfarçou!... Mas ontem eu apenas o ouvia; a minha alma estava absorvida numa só idéia.

Depois, esta noite, tudo o que ele me disse me voltou ao espírito, lembrei-me de sua emoção quando me falava... Inda há pouco as palavras lhe ouvi!... Não me resta a menor dúvida.

ISABEL - De que, Henrique?

HENRIQUE - Seu marido entrando naquela noite viu-me saltar pela janela. Não me conheceu e tomou-me por outro. Ambos iam morrer. Iaí os salvou; mas desde então vivem como estranhos, vítimas de meu erro, condenados a um suplício horrível! Aquela febre repentina que nos fez temer por sua vida e que me privou de partir para Montevidéu foi consequência dessa emoção violenta! Diga-me! Não é essa a verdade?

ISABEL - Não o compreendo, Henrique. Já observou a mínima desinteligência entre mim e meu marido? (*MIRANDA bate na porta envidraçada, ouve-se a voz de IAÍÁ*) É iaíá. (*Quer abrir, HENRIQUE a retém*)

HENRIQUE - Oh! Quantas circunstâncias que passaram desapercibidas, e das quais agora me recordo! Porém é escusado negar! Se não me refere o que se passou, Bela, juro-lhe que vou ter imediatamente com meu tio e confesso-lhe tudo. Dir-lhe-ei a verdade; que eu fui um louco; que tive a infâmia de conceber uma paixão insensata, à qual sua mulher repeliu sempre com indignação! Dir-lhe-ei que naquela noite, resolvido a abandonar tudo, e ir morrer longe daqui para me punir do meu crime, e não ofender, nem por pensamento sua honra e sua felicidade... Que naquela noite tive a audácia de voltar a sua casa e de surpreendê-la para dizer-lhe o último adeus!... Confessarei tudo... Ele não me perdoará, estou certo! Mas, conhecerá a alma nobre de que teve a desgraça de suspeitar!

ISABEL - Pois bem. Já que não lhe posso arrancar essa convicção, é necessário que saiba o segredo que eu contava levar comigo. E tudo verdade, Henrique; Augusto me julga culpada. Viu-o naquela noite e tomou-o por outro homem.

HENRIQUE - Quem?... Não me ocultes!

ISABEL - O Sales!

HENRIQUE - Ah! por isso ele ontem duvidou! E não lhe bastava uma palavra, Bela, para destruir uma suspeita?

ISABEL - Essa palavra era o seu nome.

HENRIQUE - Assim, por causa da afeição que ele me tinha, e de que eu era indigno, não lhe importou sacrificar a sua felicidade, a de sua filha e de seu marido!... Sim! Porque meu tio quer-lhe mais, mil vezes mais do que a mim.



ISABEL - Ele me despreza... E tem razão!

HENRIQUE - Ele a ama, com paixão, como nunca a amou. Confessou-me ontem!

ISABEL - Será possível, meu Deus! Oh! Não me engane, Henrique!

HENRIQUE - Bela, é necessário que meu tio saiba tudo.

ISABEL - Nem uma palavra! Foi uma fatalidade que passou sobre mim; já não há remédio neste mundo.

HENRIQUE - Então, porque eu cometi uma imprudência fugindo pela vergonha de me achar em face de meu tio, sua mulher, um anjo de virtude, há de sofrer semelhante tortura?... E eu a causa dessa desgraça, cuida que consentirei nela? Nunca!

ISABEL - Se conhecesse como eu o caráter de seu tio!... Quantas vezes não estive a ponto de cair aos pés de Augusto e confessar-lhe tudo!... Porque, deixe dizer-lhe, Henrique, depois que meu marido me despreza, é que eu senti toda, a força do amor que eu lhe tinha. Esse mesmo desprezo com que ele me esmagava vinha cheio de tanta nobreza, de tanta paixão, que o revelavam a meus olhos bem diferente daquele que eu via através da indiferença e do abandono. Nunca amei meu marido com tanto respeito e admiração, como nesse ano que se acaba de passar!... É verdade!... E quando ele estava possuído da idéia de que eu amava outro homem... Meu Deus! Não teria coragem de resistir, se não me lembrasse...

HENRIQUE - De quê?... Da amizade que ele me tem?

ISABEL - Augusto, como todos os homens de grande inteligência e de caráter enérgico, é inflexível em suas convicções. O coração pode querer o contrário; a razão não cede. Ele duvida de mim; se eu pronunciasse o seu nome e revelasse enfim todo o segredo, pensa que ele acreditaria na minha inocência?...

HENRIQUE - Por que não, desde que eu mesmo me acusasse?

ISABEL - Não se iluda! Ele perderia a sua afeição e seria mais desgraçado ainda; porque se julgaria desonrado pelo homem a quem amou sempre, e ainda ama como um filho. Essa desconfiança seria horrível; e eu duvido que sua alma pudesse resistir a esse golpe. Oh! meu silêncio mata-me, é verdade, mas a mim somente; e eu devo morrer!

HENRIQUE - Desonrada por mim! Não profira esta palavra!... Por mim que se tivesse outrora a infâmia de conceber uma esperança, me teria punido desse

crime! Por mim que seria o primeiro a odiá-la, Bela, se a sua justa severidade não me repelisse!

ISABEL - Podemos nós, Henrique, dar provas disso?... Provas que convençam Augusto e afastem de seu espírito toda a suspeita?

HENRIQUE - Que maior prova do que a minha felicidade de hoje? Quem foi que, para nos salvar de uma paixão criminosa, me fez amar Clarinha? Quem nos inspirou a ambos com uma bondade angélica esse amor puro?... Entre todos que a amam e veneram, só ele, só aquele nobre coração não reconhecerá o anjo que Deus lhe deu por mulher? (*CLARINHA abre a porta da direita com estrépito*)

## CENA XV

Os mesmos, CLARINHA e SIQUEIRA

CLARINHA - Bela, que dê o Miranda?

ISABEL - Não sei, por quê?

CLARINHA - O Senhor Siqueira me disse que ele ia amanhã para a cidade; e que Joaquim já levou a mala para a Estação!

ISABEL - Mas há pouco Augusto saiu daqui.

SIQUEIRA - Esteve na varanda conversando conosco; e deixou-nos para vir buscar uma carta que esquecera.

ISABEL - E verdade, quando cheguei vi-o escrevendo.

HENRIQUE (*correndo à mesa, acha uma carta lacrada*) - Uma carta para mim? Que quer dizer isto? (*Batem na porta da esquerda que MIRANDA tem fechado*)

SIQUEIRA - Abre!...

HENRIQUE (*lendo*) - "Henrique... Há muito tempo... resolvi esta viagem... (ISABEL lê igualmente) para não..."

CLARINHA (*simultâneo com a leitura*) - Que viagem?

SIQUEIRA - Uma viagem à Europa. (*Batem de novo*)

HENRIQUE - "Para não agoniar Bela, tenho ocultado esse projeto; direi que pretendo partir no seguinte pacote... mas quando leres esta terás recebido... as minhas despedidas..." (*Esta leitura é rápida*)

ISABEL - Meu Deus!... Não o verei mais? (*SIQUEIRA ouvindo bater terceira vez, dirige-se à porta*)

CLARINHA - Não é possível!

HENRIQUE - Clarinha tem razão: tranqüilize-se, Bela. (*SIQUEIRA tem aberto a porta de vidraça à esquerda, MIRANDA aparece*)

SIQUEIRA - Ora aqui está o Miranda!...

## **CENA XVI**

Os mesmos e MIRANDA

ISABEL (*vendo MIRANDA*) - Ah!..

MIRANDA (*comovido, HENRIQUE tem o papel na mão*) - Esta carta só te devia ser entregue amanhã. Vinha buscá-la e achei a porta fechada. (*Apertando-lhe a mão*) Tudo ouvi, Henrique!

CLARINHA - Tudo o quê?

MIRANDA (*cingindo com o braço a cintura de ISABEL, a meia voz*) - Bela!... Me perdoarás tu algum dia? (*ISABEL reclina a cabeça sobre o peito de MIRANDA e quase desmaia; MIRANDA beija-a na fronte*)

CLARINHA - Bravo! (*A HENRIQUE*) Não tens inveja? Abraça-me, eu dou licença!

HENRIQUE - Com muito prazer; em paga da alegria que fizeste entrar hoje nesta casa!

MIRANDA (*apresentando IAIÁ pela mão*) - Nossa filha, Bela. (*Conhece que está desmaiando*)

SIQUEIRA - Uma vertigem!...

HENRIQUE - Já passou.

MIRANDA (*aflito*) - Bela!

ISABEL - Ah!...

CLARINHA - Que tens?

ISABEL - Não sei... A felicidade!...

**FIM**

# VERSO E REVERSO

## COMÉDIA EM DOIS ATOS

Representada pela primeira vez no Teatro do Ginásio, do Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1857

A \*\*\*

*Uma noite vi-a no Ginásio; representava-se uma comédia um pouco livre.*

*Veio-me o desejo de fazê-la sorrir sem obrigá-la a corar. Conservei algum tempo essa impressão fugitiva; um dia ela correu aos bicos da pena, e cristalizou-se.*

*Escrevi a minha primeira comédia, O Rio de Janeiro Verso e Reverso; logo depois O Demônio Familiar, e ultimamente O Crédito que deve representar-se breve.*

*Se algum dia pois eu for um autor dramático deverei unicamente àquela boa inspiração; a glória e os aplausos que o público, de generoso, quiser dar a essas pobres produções de minha inteligência, lhe pertencem.*

*A flor não se abriria se o raio de sol não a aquecesse e animasse.*

J. DE ALENCAR]

### PERSONAGENS

#### ATO PRIMEIRO

ERNESTO, [estudante de São Paulo]

TEIXEIRA, [capitalista tio de Ernesto]

AUGUSTO, [zangão da praça]

CUSTÓDIO, [empregado aposentado]

PEREIRA, poeta conhecido de]

HENRIQUE, [moço elegante]

FILIPE, [cambista de loterias]

JÚLIA, [filha de Teixeira]

BRAGA, [caixeiro de loja]

D. LUÍSA, [viúva de idade]

D. MARIANA, [parenta de Teixeira]

Um caixeiro de loja; um menino que vende fósforos; uma menina de realejo.

## NOTA

A cena é na cidade do Rio de Janeiro e contemporânea.

O primeiro quadro passa-se em uma loja da Rua do Ouvidor nos fins de novembro. O segundo na casa de Teixeira nas Laranjeiras, (em princípio de março).

Urna loja da Rua do Ouvidor, (montada com luxo e no gosto francês).

## CENA PRIMEIRA

ERNESTO, BRAGA, depois UM MENINO que vende fósforos.

ERNESTO (*entrando de um salto*) - Apre! É insuportável! Não se pode viver em semelhante cidade; está um homem sujeito a ser empurrado por todos esses meus senhores, e esmagado a cada momento por quanto carro, carroça, carreta ou carrinho anda nestas ruas. Com efeito é uma família... Desde o ônibus, o Noé dos veículos, até o coupé aristocrático e o tílburri plebeu!

BRAGA (*dobrando as fazendas*) - É porque o senhor ainda não está habituado.

O MENINO (*entrando e dirigindo-se a ERNESTO*) - Fósforos! Fósforos! Inalteráveis e superiores! ... (A BRAGA) Fósforos Sr. Braga.

ERNESTO - Deixe-me, menino!

O MENINO - Excelentes fósforos de cera a vintém!

ERNESTO (*a BRAGA*) - Oh! que maçada! Deixe-me! (*O MENINO sai*) Esta gente toma-me naturalmente por algum acendedor de lampiões; entendem que eu vim ao Rio de Janeiro unicamente para comprar fósforos. Já não me admira que haja aqui tantos incêndios. (*Senta-se junto do balcão; uma pausa*) Como as coisas mudam vistas de perto! Quando estava em São Paulo o meu sonho dourado era ver o Rio de Janeiro, esse paraíso terrestre, essa maravilha de luxo, de riqueza e de elegância! Depois de três anos de esperanças consigo enfim realizar o meu desejo: dão-se as férias, embarco, chego e sofro uma das mais tristes decepções da minha vida. Há oito dias apenas que estou na corte e já tenho saudades de São Paulo. (*Ergue-se*)

BRAGA - O Sr. não escolhe alguma coisa? Presentes para festas, o que há de mais delicado; perfumarias...

ERNESTO (*voltando-lhe as costas*) - Obrigado!

## CENA II

Os mesmos, FILIPE

FILIPE (*Entrando, a ERNESTO*) - Vinte contos, meu caro senhor! Anda amanhã a roda!... Vinte contos!

ERNESTO - Agradeço; não estou disposto.

BRAGA - Oh! Sr. Filipe!

FILIPE - Quer um bilhete, um meio ou um quarto? Vigésimos... Também temos.

ERNESTO (*passeando*) - Nada; não quero nada.

FILIPE - Bom número este; premiado três vezes! Mas se prefere este...

ERNESTO - Já lhe disse que não preciso dos seus bilhetes.

FILIPE - Pois enjeita? A sorte grande? Olhe não se arrependa!

ERNESTO - A sorte grande que eu desejo é ver-me livre de sua pessoa!

FILIPE (*baixo a BRAGA*) - Malcriado!

BRAGA (*baixo a FILIPE*) - É um provinciano! (*FILIPE sai*)

ERNESTO - Enfim! Estou livre deste! Que terra!... É uma perseguição constante. (*Passeia*)

## CENA III

ERNESTO, BRAGA, AUGUSTO

AUGUSTO (*entrando*) - Oh! (*examinando ERNESTO*) Será algum acionista?.. Vejamos! Tratemos de entabular relações! ERNESTO (*tira o relógio*) - Já duas horas! Uma manhã inteiramente perdida.

AUGUSTO (*cumprimentando*) - O Sr. faz-me o obséquio de dizer que horas são?

ERNESTO - Como?

AUGUSTO - Que horas tem no seu relógio?

ERNESTO - Ah! desculpe; está parado. (*Baixo a BRAGA*) É o que faltava!... servir de torre de igreja aqui ao Sr.

AUGUSTO (*a BRAGA*) - Decididamente é acionista! Que diz? Tem-me ares de lavrador; são pelo menos vinte ações. Justamente as que me faltam para completar as cem que vendi. A dez mil-réis de prêmio... (*Corre atrás de um homem que passa no fundo da loja*)

Olá sio!... Aquelas trinta não quer vender?... Dou-lhe sete!...

ERNESTO (*a BRAGA*) - Que extravagante! Vê-se cada figura neste Rio de Janeiro! (*Senta-se e tira um charuto*) Ora deixe-me experimentar um dos tais fósforos de cera. (*Acende o charuto*)

BRAGA - Aí vem o homem outra vez. (*Ri-se*)

AUGUSTO (*voltando*) - O Sr. faz-me obséquio do seu fogo?

ERNESTO (*a BRAGA*) - Ainda! Isto não tem jeito.

AUGUSTO (*tomando o charuto*) - Com licença! Creio que não me enganei; o Sr. é um dos contemplados; trinta pelo menos...

ERNESTO (*a BRAGA*) - Estou quase oferecendo-lhe uma caixa de fósforos.

AUGUSTO (*dando o charuto*) - Obrigado! Volto para a Praça que está hoje animada.

ERNESTO - Estimo muito.

AUGUSTO - Se quer vender as suas ações, não perca a ocasião.

ERNESTO - Vender as minhas ações?

AUGUSTO - Sim, Sr.; acredite no que lhe digo; não valem mais do que cinco mil-réis e já são bem pagas.

ERNESTO - O Sr. quer brincar naturalmente!



AUGUSTO - Não brinco em negócio. Para encurtar razões dou-lhe seis mil-réis. Quer? Aqui estão. Quantas tem?

ERNESTO (*a BRAGA*) - Deste gênero ainda não tinha encontrado! É pior do que os tais cambistas de loterias. (*Passeia*)

AUGUSTO - Então que decide? ERNESTO - Nada, Sr.

AUGUSTO - Acha pouco? Tenho mais baratas; porém para concluir dou-lhe seis e quinhentos... Sete pagando a corretagem.

ERNESTO (*contrariado*) - Pelo que, Sr.?... Disse-lhe que desejava vender alguma coisa para que o Sr. esteja a maçar-me há meia hora, oferecendo-me preços?

AUGUSTO - Não me disse; mas eu adivinhei. Nós cá, homens habilitados ao negócio, não precisamos que nos digam as coisas. Apenas o vi, descobri logo que era acionista...

ERNESTO - O quê? Acionista?.

AUGUSTO - Sim; que tinha sido contemplado na distribuição das ações da Estrada de Ferro, na qualidade de lavrador naturalmente; por isso ofereço-lhe os meus serviços.

ERNESTO - E o que é o Sr.?

AUGUSTO - Corretor de fundos e mercadorias; incumbo-me de todas as transações de crédito e câmbio, como saques, descontos.

ERNESTO - Pois, meu Sr., sinto dizer-lhe que nem sou acionista, nem fui contemplado em distribuição de coisa alguma.

AUGUSTO - Deveras?

ERNESTO - Dou-lhe minha palavra.

AUGUSTO - Basta; às suas ordens. (*A BRAGA*) Levei um logro! uma transação magnífica! Também não sei onde estava com a cabeça! Devia ver logo que este sujeitinho não tem a cara respeitável de um acionista! (*Vai sair pelo fundo*)

ERNESTO (*a BRAGA*) - Que diabo de profissão é a que exerce este buscapé vestido de paletó?

BRAGA - Creio que é um corretor.

ERNESTO - Fico-o conhecendo.

*(AUGUSTO saindo, encontra CUSTÓDIO que entra)*

#### **CENA IV**

Os mesmos, CUSTÓDIO

CUSTÓDIO *(cumprimentando AUGUSTO)* - Passou bem, Sr. Augusto? Que há de novo?...

AUGUSTO *(rápido)* - Câmbio 27 ½; juros 9 e 10%; cotação oficial. Ações - vendas animadas; Estradas de Ferro, dez, bastante procuradas. Tem Estrada de Ferro?...

CUSTÓDIO - Dizem que o ministério não está seguro?...

AUGUSTO *(rápido)* - Seguro monstro - estacionário. Banco do Brasil - 102; Hipotecário 205 - mercado regular, poucas vendas. Mangaratiba - frouxo; Paquetes e Gás - oscilam; Rua do Cano - baixa completa, desconto.

CUSTÓDIO - Então não diz nada a respeito da política?

AUGUSTO - Digo que tome o meu conselho; Estrada de Ferro, Estrada de Ferro, e largue o mais. Adeus; vou concluir uma operação importante. *(Sai)*

ERNESTO *(a BRAGA)* - Eis como se diverte um homem aqui na corte, olhando para o tempo e sofrendo as maçadas de todos estes importunos! Oh! Os Srs. folhetinistas com os seus contos de mil e uma noites são os culpados do que me acontece! Quem os lê e quem vê a realidade!

*(CUSTÓDIO dá um passeio pela loja e dirige-se a ERNESTO; BRAGA vai ao fundo).*

#### **CENA V**

ERNESTO, CUSTÓDIO

CUSTÓDIO - Muito bom dia? *(Apertam as mãos)*

ERNESTO - Viva, senhor! *(A BRAGA)* Eis um sujeito que me conhece, mas que naturalmente nunca me viu.

CUSTÓDIO - Que há de novo?

ERNESTO - E esta? O senhor não leu os jornais?

CUSTÓDIO - Passei apenas os olhos... (*Senta-se*)

ERNESTO - Pois eu nem isto. (*A BRAGA*) Pensa este senhor que sou algum almanaque de notícias? Achou-me com cara de boletim?

CUSTÓDIO - Que calor que está fazendo. Creio que teremos mudança de tempo. O senhor não acha?

ERNESTO - Vou ver, depois lhe direi.

(*Vai sair, encontra-se com HENRIQUE que entra*)

## **CENA VI**

Os mesmos, HENRIQUE

HENRIQUE - Ernesto! Oh! Quando chegaste?

ERNESTO - Adeus; como vais, Henrique?

HENRIQUE - Perfeitamente, e tu? Alegro-me muito em ver-te por aqui.

ERNESTO - Não esperava ter o prazer de te encontrar.

HENRIQUE - Desembarcaste hoje mesmo?

ERNESTO - Não; há oito dias.

HENRIQUE - Como deixaste São Paulo?

ERNESTO - No mesmo estado.

HENRIQUE - É verdade; aproveito a ocasião para pedir-te um pequeno obséquio.

ERNESTO - Estou às tuas ordens.

HENRIQUE - Chegaste há pouco, e naturalmente deves ter curiosidade de ver os nossos teatros; aceita este bilhete, é do benefício de um hábil artista.

ERNESTO (*com ironia*) - Ora, meu amigo, és tu que me fazes o obséquo: obrigadíssimo.

HENRIQUE - Onde estás morando?

ERNESTO - No Hotel de Botafogo.

HENRIQUE - Sei; adeus. Havemos de nos ver.

ERNESTO - Sim; quando quiseres.

HENRIQUE (*saindo, passa por CUSTÓDIO*) - Tem passado bem, Sr. Custódio?

CUSTÓDIO (*levanta-se*) - Bem, obrigado. Que há de novo?

HENRIQUE - Quer ficar com um bilhete do benefício de...

CUSTÓDIO - Nada. Há vinte anos não frequento os espetáculos; no meu tempo...

HENRIQUE (*rindo-se*) - Frequêntava o teatrinho de bonecos! (*Sai*)

CUSTÓDIO - Criançola!

## **CENA VII**

ERNESTO, CUSTÓDIO

ERNESTO (*mostrando o cartão*) - Mais uma bucha!

CUSTÓDIO - Pois caiu?

ERNESTO - Está me parecendo que esta gente não faz outra coisa desde o princípio até o fim do ano senão beneficiar se mutuamente; mas beneficiar-se desta maneira! Proudhomme que definiu a propriedade um roubo legitimado pela lei se viesse ao Rio de Janeiro, não podia deixar de definir o benefício um estelionato legitimado pela sociedade. A pretexto de teatro e de baile um amigo abusa da nossa confiança e nos toma cinco ou dez mil-réis contra a nossa vontade.

CUSTÓDIO - Pensa muito bem! O governo é o culpado...

ERNESTO - Dos benefícios?

CUSTÓDIO - De tudo!

(*Entram HENRIQUE e PEREIRA*).

## CENA VIII

Os mesmos, HENRIQUE, PEREIRA

HENRIQUE - Meu amigo, desculpa; não pude deixar de voltar para ter o prazer de apresentar-te o Sr. Pereira, um dos nossos poetas mais distintos.

PEREIRA - É bondade de meu amigo!

CUSTÓDIO (*a meia voz*) - Que firma!

ERNESTO - Ah! O Sr. é poeta! Estimo muito conhecê-lo: tenho uma grande simpatia pelos poetas, embora na minha vida nunca conseguisse fazer um verso.

PEREIRA - Isto não quer dizer nada; Chateaubriand é um grande poeta e escreveu em prosa.

HENRIQUE - Meu amigo, nós não queremos tomar-te o tempo. O Sr. Pereira vai publicar um volume de suas primeiras poesias e espera que tu, que és amante da literatura, protejas essa publicação.

ERNESTO - Tu pedes, Henrique, não posso recusar.

PEREIRA - Submeto à consideração de V.Sa. o programa da assinatura. Um belo volume in-8o francês, de cem páginas, 5\$000 no ato da entrega. Não exijo adiantado.

ERNESTO - Mas não há necessidade de demorar uma coisa que pode ficar concluída. (*Tira a carteira*)

PEREIRA - V.Sa. ordena...

HENRIQUE - Tomas duas assinatura ou três?

ERNESTO - Uma basta, Henrique; sabes que a minha fortuna não está a par do meu gosto pela literatura.

PEREIRA - É sempre assim; os grandes talentos são ricos de inteligência, mas pobres desse vil objeto a que se chama dinheiro. (*Recebe a nota*) Muito obrigado, Sr....

ERNESTO - Não tem de quê.

(*Entra D. LUÍSA*).

## **CENA IX**

Os mesmos, D. LUÍSA

D. LUÍSA - Perdão, meus Srs.; tenham a bondade de ler este papel.

HENRIQUE (*finje não ouvir*) - Até logo, Ernesto.

PEREIRA (*a ERNESTO*) - Tive muito prazer em conhecer a V.Sa..

D. LUÍSA - Uma pobre viúva! Meu marido...

PEREIRA - Se puder servir-lhe para alguma coisa...

ERNESTO - Igualmente!

HENRIQUE (*a PEREIRA*) - Vamos; tenho pressa.

D. LUÍSA - Então, Srs! Qualquer coisa...

PEREIRA - Às suas ordens. (*Sai*)

D. LUÍSA - Não lê?

HENRIQUE - Adeus, adeus. (*Sai*)

## **CENA X**

ERNESTO, CUSTÓDIO, D. LUÍSA

ERNESTO (*a CUSTÓDIO*) - Que papel será esse que aquela Sra. pede com tanta instância para ler? Talvez alguma notícia importante?

CUSTÓDIO (*levantando-se*) - Com sua licença.

D. LUÍSA (*a CUSTÓDIO, apresentando o papel*) - O Sr. faz obséquio?...

CUSTÓDIO (*saindo*) - Esqueci os óculos em casa. (*Sai*)

## CENA XI

ERNESTO, D. LUÍSA, depois BRAGA

D. LUÍSA - V.Sa. ao menos me fará a caridade!

ERNESTO - Deixe ver. (*Abre o papel*) Ah! uma subscrição! Por isso é que os tais amigos se puseram todos ao fresco, fazendo-se desentendidos; um tinha pressa, o outro esqueceu os óculos. (*Fecha*) Desculpe, minha Sra.; não posso dar nada; tenho feito muitas despesas.

D. LUÍSA - Pouco mesmo que seja; tudo serve. É para fazer o enterro do meu pobre marido que expirou esta noite e deixou-me ao desamparo com oito filhinhos...

ERNESTO - Pobre mulher! Para esta não há um benefício! Mas diga-me, seu marido nada possuía? A Sra. não tem parentes?

D. LUÍSA - Nem um; não tenho ninguém de quem me valer. Acredite, Sr., que para chegar a este estado de recorrer à piedade dos que não me conhecem, foi preciso ver meus pobres filhinhos nus, e chorando de fome, os coitadinhos.

BRAGA (*dentro do balcão*) - Temos choradeira!

ERNESTO - Corta o coração, não acha? Torne, minha Sra.; sinto não poder dar mais; porém não sou rico. (*Dá uma nota*)

D. LUÍSA (*Examinando a nota*) - Cinco mil-réis!... (*Olha ERNESTO com ar de zombaria e sai*)

ERNESTO - E esta! Nem sequer um obrigado; julga que não lhe fiz favor?

BRAGA - Ora o Sr. ainda deixa-se lograr por esta gente?

ERNESTO - E o Sr. não viu? Por que não me avisou?

BRAGA - Não gosto de me intrometer nos negócios dos outros.

ERNESTO - Boa moral!... Oh! mas esta não aturo.

*(Vai sair correndo e encontra-se com TEIXEIRA, JÚLIA e D. MARIANA que entram).*

## CENA XII

ERNESTO, TEIXEIRA, JÚLIA, D. MARIANA, BRAGA

ERNESTO - Ah!...

JÚLIA - Ernesto!

TEIXEIRA - Bom dia, sobrinho.

ERNESTO - Adeus, meu tio. D. Mariana... Como está, prima?

JÚLIA - Boa, obrigada.

ERNESTO - Anda passeando?

JÚLIA - Não; vim fazer algumas compras.

TEIXEIRA - Júlia, enquanto ficas vendo as fazendas com D. Mariana, vou à Praça e já volto.

JÚLIA - Sim, papai; mas não se demore.

TEIXEIRA - um instante! *(Sai)*

BRAGA *(fora do balcão)* - O que deseja V.Ex.a?

JÚLIA - Alguns cortes de *musselina e barege*.

BRAGA - Temos lindíssimos, do melhor gosto, chegados no pacote, da última moda; hão de agradar a V. Ex.a; é fazenda superior.

JÚLIA - Pois deite-os lá dentro que já vou escolher.

BRAGA - Sim, Sra.; V.Ex.a há de ficar satisfeita. *(Sobe a cena com D. MARIANA)*

ERNESTO - Como, prima! A Sra. já tem excelência?



JÚLIA (*sorrindo*) - Aqui na corte todo o mundo tem, Ernesto. Não custa dinheiro.

ERNESTO - Entendo! Entendo! Mais esta singularidade para as minhas notas.

BRAGA (*dentro do balcão à D. MARIANA*) - Sim, minha Sra.; tenha a bondade de esperar um momento; já venho mostrar-lhe fazenda que há de agradar-lhe.

(JÚLIA *senta-se*).

### CENA XIII

ERNESTO, JÚLIA, D. MARIANA, depois BRAGA

JÚLIA - Diga-me, Ernesto, como tem achado o Rio de Janeiro?

ERNESTO - Quer que lhe confesse a verdade, Júlia?

JÚLIA - Decerto, primo; não há necessidade de encobrir. Já sei que não gostou?

ERNESTO - Ah! Se fosse só isso! (*D. MARIANA desce*)

JÚLIA - O que é mais então?

ERNESTO - Sinto declarar; mas o seu Rio de Janeiro é um verdadeiro inferno!

D. MARIANA - Com efeito, Sr. Ernesto!

JÚLIA - Não diga isto, primo.

ERNESTO - Digo e repito; um verdadeiro inferno.

JÚLIA - Mas por quê?

ERNESTO - Eu lhe conto. Logo que cheguei, não vi, como já lhe disse, no aspecto geral da cidade, nada que me impressionasse. Muita casa, muita gente, muita lama; eis o que há de notável. Porém isto não é nada; de perto é mil vezes pior.

JÚLIA - E depois? Quando passeou?

ERNESTO - Quando passei? Por ventura passeia-se no Rio de Janeiro? O que chama a senhora passear? É andar um homem saltando na lama, como um passarinho, atropelado por uma infinidade de carros, e acotovelado por todo o

mundo? É não ter um momento de sossego, e estar obrigado a resguardar os pés de uma carroça, o chapéu de um guarda-chuva, a camisa dos respingos de lama, e o ombro dos empurrões? Se é isto que a senhora chama passear, então sim, admite que se passeie no Rio de Janeiro; mas é preciso confessar que não são muito agradáveis esses passeios.

JÚLIA - Já vejo que o primo não gosta da sociedade; é mais amigo da solidão.

D. MARIANA (*no balcão vendo fazendas*) - Pois em um moço admira.

ERNESTO - Perdão, Júlia; gosto da sociedade; com ser estudante de São Paulo, não desejo passar por um roceiro. Mas quero estar na sociedade à minha vontade e não à vontade dos outros; quero divertir-me, olhar, observar; e não ser obrigado a responder a um sujeito que me pede fogo, a outro que me pergunta o que há de novo, e a outro que deseja saber quantas horas são.

JÚLIA - E a Rua do Ouvidor? Que me diz? Não achou bonita? À noite sobretudo?

ERNESTO - Oh! não me fale na tal Rua do Ouvidor! Se o Rio de Janeiro é o inferno, a Rua do Ouvidor é o purgatório de um pobre estudante de São Paulo que vem passar as férias na corte.

JÚLIA - Não o compreendo, primo; e inteiramente o contrario do que me dizem todos.

D. MARIANA (*sempre no balcão*) - Decerto; não há quem não fique encantado!

ERNESTO - Pode ser, D. Mariana, não contesto; os gostos são diferentes, mas eu lhe digo os encantos que achei na Rua do Ouvidor. Apenas dei o primeiro passo, saltou-me um sujeito gritando a goelas despregadas "Fósforos! Fósforos inalteráveis e superiores! A vintém!" Para me ver livre do tal menino tive que trocar uma nota e comprar um embrulho de caixas de fósforos.

JÚLIA (*rindo*) - Mas para que comprou?

D. MARIANA - Não tinha necessidade...

ERNESTO - Queriam que andasse com aquele pajem de nova espécie a aturdir-me os ouvidos?... Porém não fica nisto; apenas vejo-me livre de um, eis-me com outro: "Vigésimos, quartos, bilhetes, meios e inteiros! Sorte grande!" Lá se foram dez mil-réis.

JÚLIA - Ainda? Foi também para se ver livre?

ERNESTO - E porque estavam muitas pessoas que olhavam para mim, e não queria que me tornassem por um pobretão.

JÚLIA - Que idéia! Todos eles estão acostumados a isso, e não fazem caso.

ERNESTO - Ainda não acabei. Daí a pouco um benefício do ator tal, uma subscrição para isto, um cartão de baile das sociedades de beneficência de todas as nações do mundo. Enfim encontro um amigo que não me via há três anos, e o primeiro cumprimento que me dirigiu foi empurrar-me este bilhete e ainda em cima um volume de poesias que já paguei, mas que ainda não está impresso.

JÚLIA (*sorrindo*) - Abusam de sua boa-fé, meu primo. É natural; ainda não conhece os nossos costumes; mas no meio de tudo isso, não vejo razão para desgostar-se tanto do Rio de Janeiro.

ERNESTO - Pois eu vejo. Que quer dizer sair um homem de casa para divertir-se, e voltar com as algibeiras cheias (*tirando*) de caixas de fósforos, de programas de espetáculos, de bilhetes de todas as qualidades, e de todas as cores, menos do tesouro; e além de tudo com a carteira vazia? Não, a Sra. pode achar muito boa a sua terra, mas eu não estou disposto a aturá-la por mais tempo.

JÚLIA - Que diz, primo?

ERNESTO - Vou-me embora; amanhã sai o vapor Josefina e eu aproveito.

JÚLIA - Deveras, Ernesto? Não é possível!

D. MARIANA - Não vê que está brincando?

ERNESTO - Palavra de honra! Tenho pressa de dizer adeus a esta terra dos fósforos, das loterias, e dos benefícios. . . Oh! dos benefícios sobretudo!...

JÚLIA - Escute, meu primo. Admito que essas primeiras impressões influam no seu espírito; que o Rio de Janeiro tenha realmente estes inconvenientes; mas vá passar um dia conosco nas Laranjeiras, e eu lhe mostrarei que em compensação há muitas belezas, muitos divertimentos que só na corte se podem gozar.

ERNESTO - Quais são eles? Os passeios dos arrabaldes? - Um banho de poeira e de suor. Os bailes? - Um suplício para os calos e um divertimento só para as modistas e os confeitores. O teatro lírico? - Uma excelente coleção de medalhas digna do museu. As moças?... Neste ponto bem vê que não posso ser franco, prima.

JÚLIA - Fale; não me importa. Tenho até curiosidade em saber o que pensa das moças do Rio. Fale!

ERNESTO - Pois bem; já que manda, dir-lhe-ei que isto de moça é espécie desconhecida aqui na corte.

JÚLIA - Como? Não sei o que quer dizer.

ERNESTO - Quero dizer que não há moças no Rio de Janeiro.

JÚLIA - E eu o que sou?

ERNESTO - Pior é esta! Não falo dos presentes.

JÚLIA - Bem; mas explique-se.

ERNESTO - No Rio de Janeiro, prima, há balões, crinolinas, chapéus à pastora, bonecas cheias de arames, tudo o que a Sra. quiser; porém, moças, não; não posso admitir. Ignoro que haja no mundo uma degeneração da raça humana que tenha a cabeça mais larga do que os ombros; que carregue uma concha enorme como certos caramujos; que apresente enfim a forma de um cinco.

JÚLIA - De um cinco? Que esquisitice é esta?

ERNESTO - É a verdade. Olhe uma moça de perfil, e verá um cinco perfeito. O corpo é a haste fina, o balão é a volta, e o chapéu arrebitado é o corte. *(Apontando para o espelho fronteiro)* Olhe!

Lá está um.

JÚLIA *(voltando-se)* - Aonde?

ERNESTO *(rindo-se)* - Ah! Perdão, prima, era a Sra.

JÚLIA - Obrigada pelo cumprimento! *(Senta-se)*

ERNESTO - Ficou zangada comigo, Júlia?

JÚLIA - Não; zangada, por quê?

ERNESTO - Cuidei. *(Uma pausa)*

JÚLIA - À vista disto o primo não viu no Rio de Janeiro nada que lhe agradasse?

ERNESTO - Nada absolutamente, não; vi alguma coisa, mas...

JÚLIA - Mas. . . Acabe!

ERNESTO - O que me agrada é justamente o que não me persegue, o que me foge mesmo.

JÚLIA - Diga o que é?

ERNESTO - Não posso... Não devo...

JÚLIA - Ora quer fazer mistério.

ERNESTO - Pois bem; vai por sua conta; depois não se zangue.

D. Mariana, faça que não ouve. São seus olhos, Júlia!

D. MARIANA - Hein!...

JÚLIA (*corando*) - Ah! Ernesto! Quer zombar de mim?

ERNESTO - Olhe que eu não sou cá do Rio de Janeiro.

JÚLIA - Não importa; mas é estudante.

ERNESTO - Boa maneira de lembrar-me a minha humilde posição.

JÚLIA - Primo, não interprete mal as minhas palavras.

ERNESTO - Oh! Não pense que desconfio, não! Sei que um estudante é um animal que não tem classificação social; pode ser tudo, mas ainda não é nada. É uma letra de câmbio que deve ser descontada pelo futuro, grande capitalista de sonhos e de esperanças. Ora as moças têm medo do futuro, que para elas quer dizer o cabelo branco, a ruga, o carmim, o pó de arroz, *et caetera*.

JÚLIA - Isto são as moças vaidosas que só vivem de frivolidades, e eu creio, meu primo, que o Sr. não deve fazer esta idéia de mim; ao contrário...

BRAGA (*adianta-se entre os dois*) - Minha Sra., os cortes de vestidos estão às ordens de V.Ex.a.

ERNESTO (*consigo*) - Maldito caixeiro!

JÚLIA - Já vou.

ERNESTO - Adeus, Júlia, lembranças a meu tio, D. Mariana...

JÚLIA - Venha cá, Ernesto, espere por papai.

ERNESTO - Não posso; adeus. (*Sai*)

#### **CENA XIV**

JÚLIA, D. MARIANA

JÚLIA - Não sei por que me interessa esse caráter original. Tenho-lhe amizade já, e apenas o vi há oito dias, e com esta a segunda vez.

D. MARIANA - Ouviu o que ele disse?... Seus olhos...

JÚLIA - Qual, D. Mariana, não creia. Cumprimentos de moço... Parte amanhã!...

D. MARIANA - Isto diz ele.

JÚLIA - Ora, deixe-me escolher os vestidos. Vamos!...

(*Entram no interior da loja*)

#### **CENA XV**

FILIPE, D. LUÍSA

D. LUÍSA - O Sr. tenha a bondade de ler este papel.

FILIPE - Vejamos. (*Lê*) A Sra. é viúva então?

D. LUÍSA - É verdade; perdi meu marido; estou na maior desgraça; nove filhinhos dos quais o maior não tem cinco anos.

FILIPE - Nesse caso nasceram de três meses como os cordeiros. Nove filhos em cinco anos!

D. LUÍSA - São gêmeos, Sr.

FILIPE - Ah! tem razão! Foi uma ninhadinha de pintos.

D. LUÍSA - O Sr. está zombando de mim? Se não fosse a dor de ver os pobrezinhos nus, chorando de fome, coitadinhos, não me animaria a recorrer à esmola das pessoas caridosas.

FILIPPE - Fique certa que elas não deixarão de ampará-la nessa desgraça.

D. LUÍSA - E o Sr.... pouco mesmo...

FILIPPE - Eu, minha Sra., não posso ser insensível ao seu infortúnio; a Sra. está justamente no caso de ser feliz. Não há desgraça que sempre dure. Só a sorte grande a pode salvar.

D. LUÍSA - Que diz, senhor?

FILIPPE (*tirando os bilhetes*) - Um meio, um quarto, um vigésimo! Não perca esta ocasião; não rejeite a fortuna que a procura.

D. LUÍSA - Ora, senhor! Não se ria da desgraça do próximo.

FILIPPE - Eu rir-me da desgraça dos outros! Eu que vivo dela!

D. LUÍSA - Estou quase aproveitando os cinco mil-réis de há pouco.

FILIPPE - Vamos, resolva-se.

D. LUÍSA - Está bom! Sempre compro um quarto.

FILIPPE - Antes um meio.

D. LUÍSA - Não quero; há de ser um quarto.

FILIPPE - Aqui tem. (*A meia voz*) E pede esmolas!...

(*Entra uma menina de realejo que pede a gorjeta com um pandeiro*).

D. LUÍSA - Sai-te, vadia! A polícia não olha para estas coisas.

FILIPPE - É verdade; não sei para que servem as autoridades.

D. LUÍSA - Deixam as pessoas honestas serem perseguidas por esta súcia de mendigos...

FILIPPE - Que não têm profissão.

(Saem à direita; JÚLIA, D. MARIANA e BRAGÁ entram do interior da loja).

#### **CENA XVI**

JÚLIA, D. MARIANA, BRAGA

(BRAGA traz uma caixa de corte de vestido)

D. MARIANA - São muito bonitos os vestidos; você soube-os escolher, Júlia.

BRAGA - A senhora tem muito bom gosto.

JÚLIA - Mande deixar isto no meu carro.

BRAGA - Vou eu mesmo. (Sai pelo fundo)

#### **CENA XVII**

ERNESTO, JÚLIA, D. MARIANA

ERNESTO (*entrando à direita todo enlameado*) - Bonito!... Estou fresco.

D. MARIANA (*rindo*) - Ah! ah! ah!

JÚLIA - O que é isto, Ernesto?

ERNESTO - O que vê, prima. A sua Rua do Ouvidor pôs-me neste estado miserável! Uma maldita carroça! Estúpidos que não olham para quem passa!

JÚLIA (*sorrindo*) - Foi uma vingança, primo; o senhor acabava de dizer mal do Rio de Janeiro.

ERNESTO - E não tinha razão? Uma cidade de lama! Felizmente já mandei tomar a minha passagem. (*Entra Teixeira*)

JÚLIA - Como! Sempre vai amanhã?

ERNESTO - Que dúvida! E até por segurança embarco hoje mesmo.

#### **CENA XVIII**



Os mesmos, TEIXEIRA

TEIXEIRA - Que é isto! Falas em embarcar. Para onde vais?

ERNESTO - Volto para São Paulo, meu tio.

JÚLIA - Veio-lhe agora esta idéia! Diz que não gosta da corte, que é uma terra insuportável...

D. MARIANA - Um inferno!

TEIXEIRA - Caprichos de rapaz! Não há cidade como o Rio de Janeiro. É verdade que já não é o que foi. Bom tempo, o tempo das trovoadas. Que diz, D. Mariana?

D. MARIANA - Tem razão, Sr. Teixeira.

ERNESTO - Faço idéia! Se sem as tais trovoadas estou neste estado!

TEIXEIRA - Não sabes o que dizes. As trovoadas é que nos preservam da febre amarela, do cólera e de todas essas moléstias que nos perseguem agora.

ERNESTO - Não quero contrariá-lo, meu tio; a sua corte é bela, é magnífica, com ou sem trovoadas. Mas eu por causa das dúvidas vou admirá-la de longe.

JÚLIA - Já tomou passagem, papai; vai amanhã.

TEIXEIRA (*a ERNESTO*) - Pois não! Julgas que consinto nessa loucura! Em falta de meu irmão, teu pai, eu faço as suas vezes. Proíbo-te expressamente...

ERNESTO - Meu tio, é impossível, moralmente impossível...

TEIXEIRA - Tá, tá, tá! Não me entendo com os teus palavrões de Academia. Eu cá sou homem do pão, pão, queijo, queijo: disse que não irás e está dito.

JÚLIA - Muito bem, papai. (*A ERNESTO*) Não tem remédio senão ficar.

D. MARIANA - E não se há de arrepender.

ERNESTO Meu tio, previno-lhe que se me obriga a ficar nesta terra, suicido-me.

JÚLIA - Ah! Ernesto!

D. MARIANA - Que rapaz cabeçudo!

TEIXEIRA - Fumaças! Não façam caso.

ERNESTO - Ou me suicido, ou mato o primeiro maçante que vier importunar-me.

TEIXEIRA - Lá isto é negócio entre ti e a polícia. *(Tira o relógio)* Quase três horas! Vamos D. Mariana, Júlia. . . Ande, Sr. recalcitrante, há de jantar hoje conosco.

JÚLIA *(a ERNESTO)* - Bravo! Estou contente, vou vingar-me.

ERNESTO *(Enquanto os outros se dirigem à porta)* - Três meses nesta terra! Meus três meses de férias do quinto ano, que eu contava fossem três dias de prazer! Vão ser três séculos de aborrecimento.

JÚLIA *(da porta)* - Ernesto, venha.

ERNESTO - Lá vou, prima! *(Vai sair e encontra CUSTÓDIO que entra)*

## **CENA XIX**

ERNESTO, CUSTÓDIO

CUSTÓDIO *(cumprimentando)* - Como tem passado? Que há de novo?

ERNESTO *(ao ouvido)* - Que não estou disposto a aturá-lo. *(Sai)*

*(CUSTÓDIO fica pasmo no meio da cena; cai o pano).*

## **ATO SEGUNDO**

Uma sala elegante em casa de Teixeira, nas Laranjeiras,

*(Abrindo sobre um jardim).*

## **CENA PRIMEIRA**

JÚLIA, D. MARIANA

*(D. MARIANA lê os jornais junto à mesa).*

JÚLIA (*entrando*) - Ernesto ainda não acordou?

D. MARIANA - Creio que não.

JÚLIA - Que preguiçoso! Nem por ser o último dia que tem de passar conosco. Às onze horas deve embarcar. (*Olhando a pêndula*) Ah! meu Deus já são nove! Vou acordá-lo!... Sim; ele disse-me ontem que era um dos seus maiores prazeres acordar ao som do meu piano, quando eu estudava minha lição.

D. MARIANA - Não tem mau gosto.

JÚLIA - Obrigada!... Mas qual é a música de que ele é mais apaixonado? Ah! a ária da Sonâmbula! (*Abre o piano e toca*)

## CENA II

Os mesmos, ERNESTO

ERNESTO (*aparecendo à direita*) - Sinto não ser poeta, minha prima, para responder dignamente a um tão amável bom dia. Como passou, D. Mariana?

D. MARIANA - Bem; e o Sr.?

JÚLIA (*levantando-se*) - Ah! já estava acordado! (*Apertam as mãos*)

ERNESTO - Há muito tempo; aproveitei a manhã para fazer uma porção de despedidas que me faltavam. Não se lembra que hoje é sábado?

JÚLIA (*entristecendo*) - É verdade; daqui a pouco...

ERNESTO - Quis ficar livre para gozar dessas duas últimas horas que devemos passar juntos. Fui a Botafogo, a S. Clemente, e ainda voltei à cidade.

JÚLIA - Tudo esta manhã?

ERNESTO - Sim; admira-se? Oh! no Rio de Janeiro pode-se fazer isto. Com essa infinidade de carros sempre às ordens!..

JÚLIA (*sorrindo*) - E que atropelam a gente que anda nas ruas.

ERNESTO - Aqueles que andam a pé; mas os que vão dentro, vão depressa e comodamente.

D. MARIANA (*erguendo-se*) - Estimo muito ouvir isto do Sr. (JÚLIA faz à D. MARIANA *signal de silêncio*)

ERNESTO - Por que, D. Mariana?

JÚLIA (*a ERNESTO*) - Até logo; agora não tem mais despedidas a fazer.

ERNESTO - Por isso mesmo não deve deixar-me.

JÚLIA - Vou dar algumas ordens; volto já. Uma dona de casa tem obrigações a cumprir, sobretudo quando deve fazer as últimas honras a um hóspede que vai deixá-la. Não me demoro.

ERNESTO - Olhe lá!...

JÚLIA (*sorrindo*) - Um minuto! (*Sai*)

### CENA III

ERNESTO, D. MARIANA

ERNESTO - Que graça e elegância ela tem nos seus menores movimentos; e ao mesmo tempo que simplicidade!... Oh! não há como as moças do Rio de Janeiro para fazerem de um nada, de uma palavra, de um gesto, um encanto poderoso! Seu espírito anima tudo; onde elas se acham tudo brinca, tudo sorri, porque a sua alma se comunica a todos os objetos que as cercam.

D. MARIANA - Que entusiasmo!

ERNESTO - E não é justo, D. Mariana?

D. MARIANA - Certamente! (*Uma pausa*)

ERNESTO - Como passaram rápidos estes três meses! Pareceram-me um sonho!

D. MARIANA - Sim?

ERNESTO - Oh! tenho-os impressos na memória hora por hora, instante por instante. De manhã os sons prazenteiros do piano de Júlia acordavam-me no fim de um sono tranqüilo. Daí a um instante uma xícara de excelente chocolate confortava-me o estômago, condição essencial para a poesia.

D. MARIANA - Ah! Não sabia...

ERNESTO - Pois fique sabendo, D. Mariana. Esses poetas que se alimentam de folhas de rosas, têm a imaginação pobre e raquítica. Pouco depois dava um passeio com Júlia pelo jardim, apanhávamos juntos flores para os vasos, eu escolhia a mais linda para os seus cabelos, e assim passávamos o tempo até a hora do almoço, em que meu tio ia para a cidade tratar dos seus negócios na Praça... Bela instituição esta da Praça do Comércio! Foi criada expressamente para que os pais e maridos deixassem as suas filhas e mulheres livres, sob pretexto de tratar dos negócios. A princípio aborreceu-me...

D. MARIANA - E agora?

ERNESTO - Agora compreendo as suas imensas vantagens.

D. MARIANA - Ora, Sr. Ernesto, já vê que as velhas do Rio de Janeiro têm sempre algum préstimo.

ERNESTO - Que quer dizer, D. Mariana?

D. MARIANA - Quero dizer que uma parenta velha que acompanha uma prima bonita serve não só para fazer-lhe companhia, como para receber as confidências de um primo apaixonado.

ERNESTO (*rindo*) - Ora!... Não tem razão!

D. MARIANA - Não se ria; é sério! (*Sobe*) Aí vem um moço que eu não conheço.

ERNESTO (*olhando*) - Ah! Henrique!

D. MARIANA - seu amigo? Deixo-lhe com ele. (*Sai*)

#### **CENA IV**

ERNESTO, HENRIQUE

HENRIQUE (*entrando*) - Aqui me tens às tuas ordens. Como passas?

ERNESTO - Bem, meu amigo; peço-te desculpa do incômodo que te dei.

HENRIQUE (*com volubilidade*) - Qual incômodo! Recebi o teu bilhete, dizias que precisavas de mim; fiz o que farias. Vejamos; de que se trata?

ERNESTO - Desejava pedir-te um obséquo; mas tenho acanhamento; temo abusar da tua amizade.

HENRIQUE - Escuta, Ernesto. Nós aqui no Rio de Janeiro costumamos ser francos; quando um amigo precisa de outro, pede; se ele pode, satisfaz; se não, diz abertamente: e nem por isso deixam de estimar-se da mesma maneira.

ERNESTO - Tu me animas; vou dizer-te tudo.

HENRIQUE - É o meio de nos entendermos. (*Sentam-se*)

ERNESTO - Sabes que ainda sou estudante, e por conseguinte não tenho grande abundância de dinheiro; vindo passar aqui as férias, julguei que a mesada que o meu pai me dava chegasse para as minhas despesas. Mas na corte são tantos os prazeres e divertimentos, que quanto se tenha, gasta-se; e gasta-se mesmo mais do que se tem. Foi o que me sucedeu.

HENRIQUE - Fizeste algumas dívidas? Não é isso?

ERNESTO - Justamente: procedi mal. Mas que queres? Encontrei no Rio de Janeiro uma coisa que eu não conhecia senão de nome - o crédito; hoje que experimentei os seus efeitos não posso deixar de confessar que é uma instituição maravilhosa.

HENRIQUE - Vale mais do que dinheiro!

ERNESTO - Decerto; é a ele que devo ter comprado o que precisava, sem mesmo passar pelo incômodo de pagar. Mas agora vou retirar-me para São Paulo, e não desejava que viessem incomodar meu tio, além de que seria desairoso para mim partir sem ter saldado essas contas.

HENRIQUE - Tens razão; um homem honesto pode demorar por necessidade o pagamento de uma dívida; mas não deve fugir de seu credor.

ERNESTO - Quis a princípio falar a meu tio, mas tive vergonha de tocar nisso; resolvi-me recorrer a ti.

HENRIQUE - Em quanto importam essas dívidas?

ERNESTO - Não chegam a cem mil-réis.

HENRIQUE - Ora! uma bagatela. (*Abre a carteira*) Aqui tens.

ERNESTO - Obrigado, Henrique, não fazes idéia do serviço que me prestas! Vou passar-te um recibo ou um vale...

HENRIQUE - Que lembrança, Ernesto! Não sou negociante; tiro-te de um pequeno embaraço; quando puderes me pagarás. Não há necessidade de papel e tinta em negócios de amizade.

ERNESTO - A tua confiança ainda mais me penhora. Entretanto mesmo para tranquilidade minha desejava...

HENRIQUE - Não falemos mais nisso. Quando embarcas?

ERNESTO - Hoje; daqui a duas horas.

HENRIQUE - Pois se não nos virmos mais, conta que aqui tens um amigo.

ERNESTO - Eu te escreverei.

HENRIQUE - Se é por simples atenção, não tomes esse incômodo; escreve-me quando precisares de qualquer coisa.

ERNESTO - Ora, graças a ti, estou livre de uma grande inquietação!... Mas quero confessar-te uma injustiça que cometi para contigo, e de que me acuso.

HENRIQUE - Como assim?

ERNESTO - Quando vi os moços aqui da corte, com seu ar de pouco caso, julguei que não passavam de espíritos levianos! Hoje reconheço que sob essa aparência frívola, há merecimento real e muita nobreza de caráter. Tu és um exemplo. A princípio, desculpa, mas tomei-te por um sujeito que especulava sobre a amizade para a emissão de bilhetes de benefício e de poesias inéditas!

HENRIQUE (*rindo-se*) - E mais é que às vezes assim é necessário! Não podemos recusar certos pedidos!.

## **CENA V**

Os mesmos, CUSTÓDIO

CUSTÓDIO (*na porta*) - Muito bons dias tenham todos nesta casa.

ERNESTO (*a HENRIQUE*) - Oh! Aí vem o nosso compadre como seu eterno que há de novo. (*A CUSTÓDIO*) Bom dia, Sr. Custódio, como vai?

CUSTÓDIO (*desce*) - Bem, obrigado! Vai-se arrastando a vida enquanto Deus é servido. (*Aperta-lhe a mão*) Que há de novo?

ERNESTO (*rindo*) - Tudo é velho; ali estão os jornais, mas não trazem coisas de importância.

CUSTÓDIO - Conforme o costume. (*Voltando a HENRIQUE*) Tem passado bem? Que há...

HENRIQUE - Nada, Sr. Custódio, nada absolutamente.

(*CUSTÓDIO vai sentar-se à mesa e lê os jornais*).

ERNESTO (*a HENRIQUE*) - Nas províncias não se encontra essa casta de bípedes implumes, que vivem absorvidos com a política, esperando antes de morrer ver realizada uma espécie de governo que sonharam e que se parece com a república de Platão!... Eis o verdadeiro tipo da raça desses fósseis da Independência e do Sete de Abril. Cinquenta anos de idade, empregado aposentado, bengala, caixa de rapé e gravata branca. Não tem outra ocupação mais do que ler os jornais, perguntar o que há de novo e queixar-se da imoralidade da época.

HENRIQUE (*rindo*) - Serviam outrora para parceiro de gamão nas boticas.

CUSTÓDIO (*lendo*) - Oh! Cá temos um artiguinho da oposição!... Começa! Já era tempo! Com este ministério não sei onde iremos parar.

ERNESTO (*a HENRIQUE*) - Agora ei-lo ferrado com o tal artigo! Bom homem! Quando eu queria conversar com Júlia, nós o chamávamos sempre. Assim éramos três, e ao mesmo tempo estávamos sós; porque, agarrando-se a um jornal, não ouve, fica cego. Podia apertar a mão de minha prima que ele não percebia!

HENRIQUE - Esta habilidade não sabia que eles tinham.

ERNESTO - Pois recomendo-te!

HENRIQUE - Fica ao meu cuidado. Adeus; dá cá um abraço; até a volta.

ERNESTO (*abraça*) - Adeus, Henrique; lembra-te dos amigos, (*Quer segui-lo*)

HENRIQUE - Não te incomodes. (*Sai*)



## CENA VI

ERNESTO, CUSTÓDIO, TEIXEIRA, JÚLIA

CUSTÓDIO (*erguendo-se com o jornal na mão*) - Isto é desaforo!... Como é que um governo se anima a praticar semelhantes coisas na capital do império?

(*TEIXEIRA e JÚLIA têm entrado enquanto fala CUSTÓDIO*).

TEIXEIRA - Que é isto, compadre! Por que está tão zangado? (A ERNESTO) Ernesto, como passaste a noite?

ERNESTO - Bem, meu tio.

CUSTÓDIO (*mostrando o jornal*) - Pois não leu? Criou-se uma nova repartição! Um bom modo de arranjar os afilhados! No meu tempo havia menos empregados e trabalhava-se mais. O Real Erário tinha dezessete, e fazia-se o serviço perfeitamente!

(*JÚLIA senta-se na conversadeira*).

TEIXEIRA - Que quer, compadre? É o progresso.

CUSTÓDIO - O progresso da imoralidade.

(*TEIXEIRA toma um jornal sobre a mesa; CUSTÓDIO continua a ler; ERNESTO aproxima-se de JÚLIA*).

ERNESTO - Um minuto!... Foi um minuto com privilégio de hora!

JÚLIA (*sorrindo*) - Acha que me demorei muito?

ERNESTO - Inda pergunta! E agora aí está meu tio, não teremos um momento de liberdade!

JÚLIA - Sente-se! Podemos conversar.

ERNESTO (*sentando-se*) - Preferia que conversássemos sem testemunhas!

JÚLIA - Tenha paciência, não é culpa minha.

ERNESTO - É de quem é, Júlia? Se não se demorasse! (*Entra AUGUSTO*)

## CENA VII

Os mesmos, AUGUSTO

AUGUSTO (*entrando*) - Com licença!

TEIXEIRA - Oh! Sr. Augusto!

AUGUSTO (*a JÚLIA*) - Minha senhora! (*a ERNESTO e CUSTÓDIO*) Meus Srs.! (*A TEIXEIRA*) Como passou de ontem, Sr. Teixeira? Peço desculpa da hora imprópria... (*ERNESTO levanta-se e passa ao outro lado*)

TEIXEIRA - Não tem de que. Estou sempre às suas ordens.

AUGUSTO - Como me disse que talvez não fosse hoje à cidade...

TEIXEIRA - Sim; por causa de meu sobrinho que embarca às onze horas.

AUGUSTO - Assentei de passar por aqui, para saber o que decide sobre aquelas cem ações. Talvez hoje tenham subido, mas em todo o caso, não é bom fiar. Se quer o meu conselho - Estrada de Ferro - Estrada de Ferro - e largue o mais. Rua do Cano, nem de graça! Seguros estão em completa oscilação.

TEIXEIRA - O Sr. pode demorar-se cinco minutos?

AUGUSTO - Como? Mais que o Sr. queira; apesar de que são quase dez horas, e às onze devo fechar uma transação importante. Mas temos tempo...

TEIXEIRA - Pois então faça favor; passemos ao meu gabinete; quero incumbir-lhe de uns dois negócios que podem ser lucrativos.

AUGUSTO - Vamos a isso! (*cumprimentando*) Minha Sra.! Meus Srs.! (*A TEIXEIRA, dirigindo-se ao gabinete*) É sobre estradas de ferro? (*Saem, ERNESTO aproxima-se de JÚLIA*)

## CENA VIII

ERNESTO, CUSTÓDIO, JÚLIA

CUSTÓDIO - Estrada de ferro! Outra mania! No meu tempo viajava-se perfeitamente daqui para Minas, e as estradas eram de terra. Agora querem de ferro! Naturalmente para estragar os cascos dos animais.

ERNESTO - Tem razão, Sr. Custódio, tem toda a razão!

JÚLIA (*a meia voz*) - Vá, vá excitá-lo, depois não se queixe, quando armar uma das suas questões intermináveis.

ERNESTO - É verdade! Mas fiquei tão contente, quando meu tio saiu, que não me lembrei que estávamos sós. (*Senta-se*) Diga-me uma coisa, prima; que profissão tem este Sr. Augusto?

JÚLIA - É um zangão!

ERNESTO - Estou na mesma. Que emprego é esse?

JÚLIA (*sorrindo*) - Eu lhe explico. Quando passeávamos pelo jardim, não se lembra que às vezes parávamos diante dos cortiços de vidro que meu pai mandou preparar, e escondidos entre as folhas levávamos horas e horas a ver as abelhas fabricarem os seus favos?

ERNESTO - Lembro-me; e por sinal que uma tarde uma abelha fez para mim um favo de mel mais doce do que o seu mel de flores. Tomou a sua face por uma rosa, quis mordê-la; a Sra. fugiu com o rosto, mas eu que nunca volto a cara ao perigo, não fugi... com os lábios.

JÚLIA (*confusa*) - Está bom, primo! Ninguém perguntou-lhe por esta história! Se quer que lhe acabe de contar, cale a boca.

ERNESTO - Estou mudo como um governista. Vamos ao zangão!

JÚLIA - Enquanto estávamos embebidos a olhar aquele trabalho delicado, víamos um besouro parecido com uma abelha, que entrava disfarçado no cortiço; e em vez de trabalhar, chupava o mel já fabricado. Não via?

ERNESTO - O que eu me recordo ter visto perfeitamente eram dois olhozinhos travessos...

JÚLIA (*batendo o pé*) - Via sim; eu lhe mostrei muitas vezes.

ERNESTO - Está bom! Já, que deseja, confesso que via; via com seus olhos!

JÚLIA - Pois suponha que a Praça do Comércio é uma colmeia: e que o dinheiro é um favo de mel. Este sujeito que saiu daqui é o besouro disfarçado, o zangão. Os corretores arranjam as transações, dispõem os negócios; vem o zangão e atravessa os lucros.

ERNESTO - Compreendo agora o que é o zangão; é uma excelente profissão para quem não tem nada que fazer, e demais bastante útil para a sociedade.

JÚLIA - Útil em quê?

ERNESTO - Oh! Se não fosse ele, ficaríamos sós? Se não fosse ele, meu tio estaria ainda aqui, querendo por força provar-me que a desgraça dos fluminenses provém de não haver mais trovoadas! Querendo convencer-me que as maravilhas do Rio de Janeiro são a laranja seleta, o badejete, a farinha de Suruí e a água da Carioca! Sim! É uma profissão muito útil! Aconselharei a todos os meus amigos que desejarem seguir o comércio, se façam zangãos da praça!...

JÚLIA - Então é nisso que está a grande utilidade...

ERNESTO - Mas seriamente, prima; essa profissão fácil e lucrativa é uma carreira aberta à mocidade, que pretenda seguir a vida comercial.

CUSTÓDIO - Vou até a cidade! Já passaria o ônibus das dez?

JÚLIA - Não sei, Sr. Custódio; mas o senhor não almoça conosco?

CUSTÓDIO (*erguendo-se*) - Almoçar a esta hora! Obrigado!. Sr. Ernesto, boa viagem!

ERNESTO (*apertando-lhe a mão*) - Adeus, Sr. Custódio.

CUSTÓDIO - Dê-nos notícias suas. Sem mais. . . D. Júlia! (*Sai*)

## CENA IX

ERNESTO, JÚLIA

(*ERNESTO vem sentar-se na conversadeira junto da JÚLIA; ambos estão confusos*).

JÚLIA (*erguendo a cabeça*) - Então, meu primo, ainda não me disse se leva saudades do Rio de Janeiro?

ERNESTO - É preciso que lhe diga, Júlia!

JÚLIA - Naturalmente não sente deixar a corte; não achou aqui atrativos que o prendessem; viu uma grande cidade, é verdade; muita gente, muita casa, muita lama.

ERNESTO - Sim, mas no meio desse vasto montão de edifícios, encontra-se aqui e ali um oásis magnífico, onde a vida é um sonho, um idílio; onde nada falta para a comodidade da existência e o gozo do espírito; onde apenas se forma um desejo, ele é logo satisfeito. Vi alguns desses paraísos terrestres, minha prima, e vivi três meses em um deles, aqui nas Laranjeiras, nesta casa...

JÚLIA - Não exagere, não é tanto assim; há algumas casas bonitas, com efeito, mas a cidade em si é insuportável; não se pode andar pelas ruas sem ver-se incomodado a cada momento pelas carroças, pelos empurrões dos que passam.

ERNESTO - Que tem isso? Essa mesma confusão tira a monotonia do passeio. Demais, quando se anda pela Rua do Ouvidor, como andamos tantas vezes, todos esses contratempos são prazeres. O susto de um carro faz com que a moça que nos dá o braço se recline sobre nós; um sujeito que impede a passagem dá um pretexto para que se pare e se torne o passeio mais longo.

JÚLIA - Ao menos não negará uma coisa; e é que temos uma verdadeira praga aqui no Rio de Janeiro.

ERNESTO - Qual, prima?... Não sei.

JÚLIA - Os benefícios.

ERNESTO - Não diga isso, Júlia. Que coisa mais bela, do que as pessoas que vivem na abundância protegerem divertindo-se aqueles que necessitam e são pobres! O prazer eleva-se à nobreza da virtude; o dinheiro que o rico desperdiça para satisfazer os seus caprichos, transforma-se em oferta generosa, mas nobremente disfarçada, que anima o talento do artista e alivia o sofrimento do enfermo; a caridade evangélica torna-se uma instituição social. Não; não tem razão, prima! Esses benefícios, que a Sra. censura, formam um dos mais belos títulos do Rio de Janeiro, o título de cidade generosa e hospitaleira.

JÚLIA - Não sei por que, meu primo, o Sr. vê tudo, agora, de bons olhos. Por mim, confesso-lhe que, apesar de ser filha daqui, não acho na corte nada que me agrade. O meu sonho é viver no campo; a corte não tem seduções que me prendam.

ERNESTO Ora, Júlia, pois realmente não há no Rio de Janeiro nada que lhe agrade?

JÚLIA - Nada absolutamente. Os passeios nos arrabaldes são um banho de poeira; os bailes, uma estufa; os teatros, uma sensaboril.

ERNESTO - Como se diz isto, meu Deus! Pode haver coisa mais linda do que um passeio ao Corcovado, donde se vê toda esta cidade, que merece bem o nome que lhe deram de princesa do vale? Pode haver nada de mais encantador do que um baile no Clube? Que noites divertidas não se passa no Teatro Lírico, e mesmo no Ginásio, onde fomos tantas vezes?

JÚLIA - Fui por comprazer, e não por gostar. Acho tudo isto tão insípido! Mesmo as moças do Rio de Janeiro...

ERNESTO - Que têm?

JÚLIA - Não são moças. São umas bonecas de papelão, uma armação de arames.

ERNESTO - Mas é a moda, Júlia. Que remédio têm elas senão usar? Hão de fazer-se esquisitas? Demais, prima, quer que lhe diga uma coisa? Essas saias balões, cheias de vento, têm uma grande virtude.

JÚLIA - Qual é?

ERNESTO - Fazer com que um homem acredite mais na realidade e não se deixe levar tanto pelas aparências.

JÚLIA - Não o entendo; é charada.

ERNESTO - Ora! Está tão claro! Quando se dá a um pobre um vintém de esmola, ele recebe e agradece; mas, se lhe derem uma moeda que pareça ouro, desconfiará. Pois o mesmo me sucede com a moda. Quando vejo uma crinolina, digo com os meus botões - "é mulher ou pode ser". Quando vejo um balão, não tem dúvida. - "é saia, e saia unicamente!"

JÚLIA (*rindo*) - Pelo que vejo, não há nada no Rio de Janeiro, ainda mesmo o que é ruim, que não tenha um encanto, uma utilidade para o senhor, meu primo? Na sua opinião é uma terra excelente.

ERNESTO - Diga um paraíso, um céu na terra! (*JÚLIA dá uma gargalhada*) De que ri-se, Júlia?

JÚLIA (*rindo-se*) - Muito bem! Eis onde eu queria chegar. Há três meses, no primeiro dia em que veio morar conosco, tivemos uma conversa perfeitamente igual a esta; com a diferença que então os papéis estavam trocados; o senhor achava que o Rio de Janeiro era um inferno.

ERNESTO - Não me fale desse tempo! Não me lembro dele! Estava cego!

JÚLIA - Bem; o que eu desejava era vingar a minha terra. Estou satisfeita: esqueço tudo o que houve entre nós.

ERNESTO - Como! Que diz, Júlia? Não, é impossível! Esses três meses que se passaram, esses três meses de felicidade, foi apenas uma vingança de sua parte?

JÚLIA - Apenas.

ERNESTO (*despeitado*) - Oh! Obrigado, prima.

JÚLIA - Não tem de que, meu primo; jogamos as mesmas armas; o senhor ganhou a primeira partida, eu tomei a minha desforra.

ERNESTO - Eu ganhei a primeira partida! De que maneira? Acreditando na senhora.

JÚLIA - Fazendo que eu chegasse a aborrecer o meu belo Rio de Janeiro, tão cheio de encantos; que achasse feio tudo quanto me agradava; que desprezasse os meus teatros, as minhas modas, os meus enfeites, tudo para.

ERNESTO - Para... Diga, diga, Júlia!

JÚLIA - Tudo para satisfazer um capricho do senhor; tudo por sua causa! (*Foge*)

ERNESTO - Ah! perdão... A vingança foi doce ainda; mas agora vou sofrer uma mais cruel. Oito meses de saudade e ausência!

JÚLIA - Para quem tem uma memória tão fraca. .. Adeus! (*Vai sair*) Adeus!

ERNESTO - Ainda uma acusação.

JÚLIA - E se fosse um receio! (*Sai de repente*)

ERNESTO (*seguindo-a*) - Júlia! Escute, prima! (*Sai*)

## CENA X

AUGUSTO, D. LUÍSA

AUGUSTO (*na porta, a TEIXEIRA*) - Sim, senhor; pode contar que hoje mesmo fica o negócio concluído! Vou hoje à praça. Quinze e quinhentos, o último. (*Dirige-se à porta e encontra-se com D. LUÍSA que entra*)

D. LUÍSA - O senhor faz obséquo de ver este papel?

AUGUSTO - Ações?... De que companhia? Estrada de ferro? Quantas? A como? Hoje baixaram. (*Abre o papel*)

D. LUÍSA - Qualquer coisa me serve! Pouco mesmo! Oito filhinhos...

AUGUSTO - Uma subscrição!... (*Entregando*) Não tem cotação na praça.

D. LUÍSA - Uma pobre viúva...

AUGUSTO - É firma que não se desconta. Com licença!

D. LUÍSA - Para fazer o enterro de meu marido! A empresa funerária...

AUGUSTO - Não tenho ações desta empresa; creio mesmo que ainda não foi aprovada. Naturalmente alguma especulação... Passe bem! (*Sai*)

## **CENA XI**

D. LUÍSA, TEIXEIRA

TEIXEIRA (*atravessando a sala*) - Hoje não nos querem dar almoço.

D. LUÍSA - Sr. Teixeira!

TEIXEIRA (*voltando-se*) - Viva, senhora.

D. LUÍSA - Vinha ver se me podia dar alguma coisa!

TEIXEIRA - Já? Pois acabou-se o dinheiro que lhe dei?

D. LUÍSA - O pecurrucho faz muita despesa! É verdade que o Sr. não tem obrigação de carregar com elas! Mas seu amigo, o pai da criança não se importa.

TEIXEIRA - Quem lhe diz que não se importa? Tem família, deve respeitar as leis da sociedade; demais, sabe que eu tomei isto a mim.



D. LUÍSA - Sim, Senhor.

TEIXEIRA - Espere; vou dar-lhe dinheiro.

## CENA XII

ERNESTO, D. LUÍSA

ERNESTO (*entra sem ver D. LUÍSA*) - Oito meses sem vê-la!

D. LUÍSA (*adianta-se*) - V.Sa. ainda não leu este papel.

ERNESTO (*voltando-se*) - Já vi a senhora... Sim e por sinal que... Pode guardar o seu papel; sei o que ele contém; uma história de oito filhinhos.

D. LUÍSA - Nus os pobrezinhos, sem ter o que comer.

ERNESTO - Não me logra segunda vez.

D. LUÍSA - Mas V.Sa. talvez precise de uma pessoa...

ERNESTO - Onde mora a senhora?

D. LUÍSA - Rua da Guarda Velha, n.º 175; se o senhor deseja alguma comissão, algum recado... estou pronta.

ERNESTO - Diga-me; se eu lhe mandasse de São Paulo por todos os vapores uma carta para entregar a uma moça, dentro de uma sua, a senhora entregava?

D. LUÍSA - Ora, na carreira; contanto que a carta de dentro viesse com o porte pago.

ERNESTO - Há de vir; um bilhete de 5\$000.

D. LUÍSA - Serve; pode mandar.

ERNESTO - Pois então está dito; deixe-me tomar a sua morada.

D. LUÍSA - Não precisa; leve esse papel.

ERNESTO - E a senhora fica sem ele?

D. LUÍSA - Tenho outro. (*Tira do bolso rindo*) Essa história de viúva já está muito velha, agora sou mulher de um entrevado

ERNESTO - Que mulher impagável! Isto só se encontra aqui no Rio de Janeiro. Oh! agora! Posso escrever-lhe a Júlia.

(*Entra JÚLIA*).

### CENA XIII

Os mesmos, JÚLIA, depois TEIXEIRA

ERNESTO (*a JÚLIA*) - Sabe? Estou alegre.

JÚLIA - Por quê?

ERNESTO - Achei uma maneira de escrever-lhe de São Paulo sem que meu tio saiba.

JÚLIA - Oh! não, meu primo! Não posso receber!...

ERNESTO - Mas então quer que passemos oito meses sem ao menos trocar uma palavra.

JÚLIA - Se houvesse outro meio...

ERNESTO - Que melhor do que uma carta inocente?...

JÚLIA - Sem consentimento de meu pai?... Não!

ERNESTO - Então eu falo a meu tio logo de uma vez, e está acabado. Quer?

JÚLIA Não sei. Faça o que entender.

ERNESTO - Espere! Mas não sei como hei de dizer-lhe isto. (*Entra TEIXEIRA e dá dinheiro a LUÍSA*)

TEIXEIRA - Aqui tem, creio que isto é suficiente para um mês; portanto não me apareça antes.

D. LUÍSA - Sim, senhor, obrigada. (*A JÚLIA*) Minha senhora! (*Baixo, a ERNESTO, cumprimentando*) O dito, dito.

ERNESTO - Sim. (*Sai LUÍSA*)

#### CENA XIV

TEIXEIRA, ERNESTO, IÚLIA

JÚLIA - Não sei, papai, por que ainda dá dinheiro a esta velha. É uma vadia!

TEIXEIRA - Uma pobre mulher! Para que Deus deu aos abastados senão para desperdiçar como os que não têm?

ERNESTO - Se o Sr. compromete-se a fazer aceitar esta teoria, meu tio, declaro que me inscrevo no número dos pobretões.

TEIXEIRA - Já mandaste deitar o almoço, Júlia?

JÚLIA - Já dei ordem, papai.

TEIXEIRA - Ernesto precisa almoçar quanto antes, pois não lhe resta muito tempo para embarcar.

JÚLIA - Não é às onze horas?

TEIXEIRA - Sim, e já são dez. (*Sobe*)

ERNESTO (*baixo, a JÚLIA*) - Não a deixo senão no último momento; hei de aproveitar um minuto.

JÚLIA (*baixo, a ERNESTO*) - Um minuto nessas ocasiões vale uma hora.

TEIXEIRA (*descendo*) - Agora, Ernesto, tão cedo não te veremos por cá!

ERNESTO - Daqui a oito meses estou de volta, meu tio.

TEIXEIRA - Pois não! Teu pai, na última carta que me escreveu, disse que estava arrependido depois que consentira em que viesses ao Rio, e que pelo gosto dele não voltarás tão cedo. Queixa-se porque tens gasto muito!

JÚLIA - Ah!

ERNESTO - Meu pai disse isto?

TEIXEIRA - Posso mostrar-te a carta.

ERNESTO - Paciência. Ele está no seu direito.

TEIXEIRA - Agora é tratares de te formar, e ganhar uma posição; poderás fazer o que te aprouver. (*Sobe*) Nada de almoço.

JÚLIA (*baixo*) - Quando nos veremos!

ERNESTO - Quem sabe! Talvez meu pai...

ERNESTO (*com ironia*) - É muito para esperar, não é, prima?

JÚLIA (*sentida*) - Não, Ernesto; mas é muito para sofrer!

## CENA XV

Os mesmos, FELIPE

FILIFE (*entra na carreira e faz um grande barulho*) - Alvissaras! Alvissaras! Número 1221! Sorte grande! Premiado! Alvissaras! Número 1221!

TEIXEIRA - Que louco é este?

ERNESTO - Está danado!

FILIFE - Enganado, não! Número 1221! Sorte grande!

TEIXEIRA - O que quer o Sr.?

FILIFE - As minhas alvissaras!

TEIXEIRA - Mas pelo quê? Explique-se.

FILIFE - Pelo bilhete que vendi ao Sr. (*aponta para ERNESTO*) e que saiu premiado.

ERNESTO - A mim? É engano.

FILIFE - Engano! Não é possível! Ontem, na Rua do Ouvidor, em casa do Wallerstein; por sinal que o Sr. estava comprando uns corais, justamente aqueles! (*Aponta para o colo de JULIA, a qual volta-se confusa*)

ERNESTO - Tem razão, nem me lembrava; deve estar na carteira. Ei-lo! Número mil duzentos..

FILIFE - E vinte e um! Não tem que ver!, é o mesmo. Não me engano nunca!

ERNESTO - Assim, este papel... eu tirei?...

FILIFE - A sorte grande... É meio bilhete! Pertencem-lhe nove contos e duzentos!

ERNESTO - Nove contos! Sou rico! Tenho dinheiro para vir ao Rio de Janeiro, ainda que meu pai não consinta.

TEIXEIRA - Agora vai gastá-los em extravagâncias!

ERNESTO - Pois não! Servirão para me estabelecer aqui; montar minha casa. Quero uma linda casinha como esta, um retiro encantador, onde a vida seja um sonho eterno! (*A JÚLIA, baixo*) Onde recordaremos os nossos três meses de felicidade!

TEIXEIRA - Vamos; despacha este homem.

ERNESTO - Tome, meu tio; tome o bilhete e arranje isto como entender. V.Mcê. me guardará o dinheiro.

(*TEIXEIRA e FILIFE saem; TEIXEIRA examina o bilhete*).

JÚLIA (*a ERNESTO*) - Como a felicidade vem quando menos se espera! Há pouco tão tristes!

ERNESTO - É verdade! E se soubesse como isto me caiu do céu! Nem me passava pela idéia semelhante coisa, quando este homem começou a importunar-me de tal maneira, que tomei-lhe o bilhete para ver-me livre da maçada. É só a ele que devo a fortuna.

JÚLIA (*sorrindo*) - Eis então mais uma vantagem do Rio de Janeiro.

ERNESTO (*sorrindo*) - Tem razão!

TEIXEIRA (*a FILIFE, dando-lhe dinheiro*) - Tome; como alvíssaras, basta.

FILIFE - Obrigado! (*Desce a cena, a ERNESTO*) Então, um meio, um inteiro, um quarto? Enquanto venta, molha-se a vela.

ERNESTO - Agradeço; não sou ambicioso. Quero deixar a sorte grande também para os outros.

FILIPPE - E a senhora? E a Sra. e o Sr.?... Um meio?... Tenho justamente o número premiado.

TEIXEIRA - Nada, nada; já compramos!

FILIPPE - As suas ordens. (*Sai*)

## CENA XVI

TEIXEIRA, ERNESTO, JÚLIA

TEIXEIRA - Ora, enfim, vamos almoçar.

ERNESTO - Espere, meu tio, tenho urna palavra a dar-lhe.

TEIXEIRA - Pois então já; uma palavra custa pouco a dizer.

ERNESTO (*baixo, a JÚLIA*) - Sim! Porém, a mim custa mais do que um discurso!

JÚLIA (*baixo a ERNESTO*) - Que vai fazer? Ao menos deixe-me retirar.

ERNESTO (*baixo, a JÚLIA*) - Para quê?

JÚLIA (*baixo, a ERNESTO*) - Morro de vergonha.

TEIXEIRA - Então? a tal palavra? Estão combinados? Tu sabes o que é, Júlia?

JÚLIA (*vexada*) - Eu, papai!... Não, Sr.

TEIXEIRA - Ora, tu sabes! Ficaste corada.

JÚLIA - Foi porque Ernesto riu-se.

TEIXEIRA (*a ERNESTO*) - Falas ou não?

ERNESTO - Tenho a palavra aqui atravessada na garganta! Lá vai!

TEIXEIRA - Ainda bem! O que é?

ERNESTO - Escute, meu tio. Eéééé...

TEIXEIRA - É...

ERNESTO - Queêêêê....

TEIXEIRA - Já vejo que é preciso ajudar-te! É que...

ERNESTO - Euuu... (*JÚLIA faz sinal que não*) Quero...

TEIXEIRA - Ah! Queres brincar? Pois não estou para te aturar. (*Sobe*)

## CENA XVII

Os mesmos, D. MARIANA, depois PEREIRA

D. MARIANA (*entrando*) - Então, por quem se espera? São quase dez horas.

TEIXEIRA - Vamos, D. Mariana.

ERNESTO (*a JÚLIA, baixo*) - Está tudo perdido.

PEREIRA - Permitam o ingresso. O Sr. Teixeira?

TEIXEIRA - Um seu criado. O que pretende o Sr.?

PEREIRA - Tomei a liberdade de oferecer a V.EX.a esta minha produção poética por ocasião do fausto motivo que enche hoje esta casa de júbilo.

TEIXEIRA - Não tenho excelência; nem o compreendo. Queira explicar-se.

PEREIRA - Com muito gosto. A minha veia poética inspirou-me este epitalâmio que ofereço ao doce himeneu, às núpcias venturosas, ao feliz consórcio da senhora sua filha com o senhor seu sobrinho. (*Espanto geral*)

JÚLIA (*escondendo o rosto*) - Ah!...

ERNESTO - Bravo!

D. MARIANA - Calúnias, Sr. Teixeira!

TEIXEIRA - O consórcio de minha filha com meu sobrinho!... O senhor está louco!

PEREIRA (*a TEIXEIRA*) - É verdade que alguns espíritos mesquinhos chamam os poetas de loucos, porque não os compreendem; mas V.Ex.a não está neste número.

TEIXEIRA - Entretanto, o senhor vem com um despropósito! Onde ouviu falar de casamento de minha filha?

PEREIRA - Há muito tempo sabia que o senhor seu sobrinho e a senhora sua filha se amam ternamente...

TEIXEIRA (*olhando JÚLIA e ERNESTO, cabisbaixos*) - Se amam ternamente!... (*A PEREIRA*) E que tem isto? Quando mesmo fosse verdade, é natural; são moços, são primos...

PEREIRA - Por isso, sendo hoje um sábado, e não tendo V.Ex.a ido à Praça, conjecturei que as bodas, a feliz união dos dois corações...

TEIXEIRA conjecturou mal; e para outra vez seja mais discreto em não intrometer-se nos negócios de família.

PEREIRA - E a poesia? V.Ex.a não a recebe?

TEIXEIRA - Leve a quem a encomendou; ele que lhe pague! (*Voltando-lhe as costas*)

ERNESTO (*baixo, a PEREIRA*) - É justo que seja eu que aproveitei. O senhor não sabe o serviço que me prestou. (*Dando-lhe um bilhete*) Tome e safe-se quanto antes.

PEREIRA - Entendo!

ERNESTO (*a JÚLIA e D. MARIANA*) - Sublime raça que é esta dos poetas! Sem o tal Sr. Pereira ainda estava engasgado com a palavra, e ele achou uma porção de sinônimos: consórcio, feliz união, bodas, núpcias, himeneu e não sei que mais...

PEREIRA (*a TEIXEIRA*) - Peço a V.Ex.a queira desculpar.

TEIXEIRA - Está bom, Sr., não falemos mais nisto.

PEREIRA - Passar bem. (*Sai*)

## CENA XVIII



TEIXEIRA, ERNESTO, JÚLIA, MARIANA, depois CUSTÓDIO

TEIXEIRA acompanha PEREIRA que sai pelo fundo].

JÚLIA (*a D. MARIANA*) - Não tenho ânimo de olhar para meu pai!

D. MARIANA - Ele não foi moço? Não amou? (*TEIXEIRA desce*)

ERNESTO - Aí vem o temporal desfeito.

TEIXEIRA - Com que então ama-se nesta casa; a gente de fora sabe; e eu sou o último a quem se diz...

ERNESTO - Perdão, meu tio, não tive ânimo de confessar-lhe.

TEIXEIRA - E tu, Júlia, que dizes a isto?

D. MARIANA (*a JÚLIA, baixo*) - Fale! Não tenha medo!

JÚLIA - Papai!...

TEIXEIRA - Percebo... Queres casar com teu primo, não é? Pois está feito!

JÚLIA - Ah!

D. MARIANA - Muito bem!

TEIXEIRA (*a ERNESTO*) - Com uma condição, porém; não admito epitalâmios, nem versos de qualidade alguma.

ERNESTO - Sim, meu tio; tudo quanto o Sr. quiser! Hoje mesmo podia ser... É sábado...

TEIXEIRA - Alto lá, Sr. estudante! Vá se formar primeiro e volte.

(*D. MARIANA sobe e encontra-se com CUSTÓDIO*).

ERNESTO -- Oito meses!...

D. MARIANA (*a CUSTÓDIO*) - Voltou?

CUSTÓDIO - Perdi o ônibus! O recebedor roeu-me a corda!

ERNESTO (*a JÚLIA*) - Esperar tanto tempo!

JÚLIA - Mas assim é doce esperar.

ERNESTO - Oito meses longe do Rio de Janeiro! Que martírio, meu Deus!

TEIXEIRA (*levantando-se*) - Vamos! O café já deve estar frio. (*Sobe e vê CUSTÓDIO*) Oh! compadre!

CUSTÓDIO Perdi o ônibus. Que há de novo?

TEIXEIRA - Que vamos almoçar.

**FIM**